UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00095751 4

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/religiesdalusita03vasc

630
51

RELIGIÕES DA LUSITANIA

VOLUME III

RELIGIÕES

DA

LUSITANIA

NA

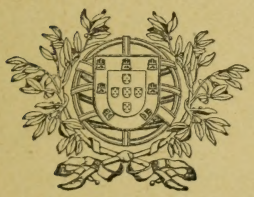
PARTE QUE PRINCIPALMENTE SE REFERE A PORTUGAL

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português

VOLUME III



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1913

LIBRARY
MAY 14 1979
UNIVERSITY OF TORONTO

BL
980
P8L35
V.3

Á MEMORIA

DE

MEU SAUDOSO PRIMO

MANOEL NICOLAU OSORIO PEREIRA NEGRÃO

Fallecido na sua Quinta de Mosteirò em 20 de Setembro de 1898

LIBRARY
JAN 16
UNIVERSITY OF TORONTO

PROLOGO

Iniciada em 1892, e no prelo desde então, só hoje termina esta obra, que me gastou dos melhores annos da minha vida. E comtudo, se eu houvesse de a refazer, transforma-la-hia completamente! É que tem a seguinte singela historia: começou por ser um artigo pequeno para um periodico litterario, artigo que não chegou a publicar-se; depois esteve para formar uma dissertação ou memoria destinada a um congresso [1]; por fim, como o assunto augmentava cada vez mais, passou de opusculo a volume, e successivamente a 2.º e 3.º [2].

Quem notar que para desenvolver thema tão restricto, — qual o das crenças de um povo mo-

---

[2] Vid. o vol I, prologo, p. VII.

[3] O vol. III publicou-se aos fasciculos: 1.º fasciculo (pp. 1–192) em principios de 1909; 2.º fasciculo (pp. 193-368) em fins de 1911; 3.º fasciculo (o resto da obra) agora.

desto, os Lusitanos, e de mais a mais apenas na parte que especialmente toca a Portugal—, se escreveram tres volumes grossos, ha-de perguntar: quantos volumes se esperariam com relação á Grecia e Roma, nações de brilhante e lata vida? De facto Preller expôs em dois a *Griechische Mythologie,* e Wissowa condensou em um unico a *Religion und Kultus der Römer,* onde disse tudo o que se precisava saber. Aconteceu assim, porque, ao passo que as instituições ou *antiquitates* dos dois povos classicos estão estudadas em todos os sentidos e por legiões de investigadores, de modo que quem quiser de novo versá-las dispõe de immensa litteratura, criticamente ordenada, e quasi só necessita de escolher, resumir, aperfeiçoar: eu para a minha obra, com quanto muitos e bons escritos de outros aproveitasse, póde dizer-se que inaugurei o assunto, porque ninguem se occupára ainda d'elle com desenvolvimento tal no seu conjunto, que a mim me bastasse compendiar.

Para a coordenação do 1.º volume utilizei, por exemplo, magnificos livros de Prehistoria portuguesa, tanto nacionaes como estrangeiros; para o 2.º e 3.º consultei o que pude de Epigraphia, Numismatica, Geographia, Historia, Mythologia, Ethnologia, e servi-me habitualmente de boas ou das melhores edições dos auctores antigos que me convinha citar; mas quanto material não se pu-

blica, que jazia inedito ou ignoto, — artefactos prehistoricos, inscripções romanas, esculturas, objectos cultuaes? O ter de discutir cousas já conhecidas, porém incompletas ou não aclaradas de todo, como o que na Parte I respeita ao cap. I e a várias secções do cap. III; o que na Parte II respeita a muitas divindades, especialmente a *Endovellico* e *Atégina,* e ao culto das agoas e dos mortos; o que na Parte III constitue a historia da romanização da Lusitania e o estudo da necrolatria, o do santuario de Panoias e o da epoca dos Barbaros: — tudo isso me tomou muito espaço, e tambem muito tempo.

Já depois de adiantada a obra organizei o Museu Ethnologico, criado em 1893 pelo benemerito Ministro o Sr. Dr. Bernardino Machado, principiei a publicação do *Archeologo Português,* que vae agora em dezasete volumes, e com o fim de melhor me desempenhar do meu cargo de director do Museu emprehendi muitas excursões e excavações archeologicas no país, e muitas visitas a museus de fóra, e segui em Paris cursos escolares de Archeologia e de Philologia: taes factos, como era natural, reflectiram-se na obra, e igualmente a alargaram e demoraram.

Ninguem no que fica ponderado descubra jactancias: só pretendo justificar-me da extensão que ao trabalho dei, e das delongas em o concluir.

Apesar de tantos esforços empregados para executar completamente o plano primitivo, confesso que muitos defeitos conheço na execução, e declaro que de boa mente me sujeito á critica litteraria, com tanto que ella se exerça com justiça, e pese as circunstancias em que escrevi, colligindo eu proprio e carreando a maior parte dos meus materiaes, e numa terra que não abunda de bibliothecas nem de museus, e onde até ha insensatos que zombam dos trabalhos de erudição, como se sem estes se pudesse com sinceridade ensaiar qualquer estudo de Historia, e como se o presente não proviesse do passado!

Para terminar, cumpre-me deixar consignados aqui sinceros agradecimentos: por um lado a S. Ex.ª o Sr. Ministro das Obras Publicas, D. João de Alarcão Velasques Sarmento Osorio, que por despacho de 29 de Agosto de 1905 auctorizou a publicação official d'este volume, e aos Srs. Conselh.os Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, Director Geral interino das Obras Publicas e Minas, João da Costa Couraça, Chefe da 1.ª Repartição da Direcção Geral, e Cesar Augusto de Mello e Castro, Chefe da 9.ª Repartição da Contabilidade, que com pareceres favoraveis facilitaram o despacho; por outro

lado, e mais uma vez, a todos os funccionarios da Imprensa Nacional que de qualquer maneira superintenderam ou trabalharam na composição typographica, revisão das provas, gravura, impressão e brochura, os quaes sempre puseram a melhor vontade em me obsequiar.

Campolide, 7 de Julho de 1912.

INDICE METHODICO

Dedicatoria v
Prologo vii

PARTE II

Tempos protohistoricos

SECÇÃO I

Divindades, crenças e cultos (conclusão)

XVIII. Culto dos mortos:
Palavras prévias 3
A) Campas insculpturadas de Beja 4
B) Sepulturas do Sul com inscripções turdetanicas 5
C) Necropole de Alcacer do Sal (sec. IV–III?) 13
D) Funeraes de Viriato (sec. II a. C.) 14
E) Figuras de pedra que representam quadrupedes 15
F) Estatuas sepulcraes de guerreiros 43
G) Outros monumentos funerarios 62

SECÇÃO II

Diversos actos religiosos e fórmas cultuaes

I. Sacrificios, sacerdotes, agouros (e sonhos) 62
II. Estatuetas de fórma humana 66
III. Divindades sem idolos nos Callaicos 69
IV. Emblemas gravados em pedras 71
V. Recintos sagrados ou santuarios 81
VI. Factos varios 81
Considerações geraes sobre as religiões protohistoricas 84

PARTE III

Tempos historicos

Preliminares:

A) **Elementos de investigação** 100

B) **Romanização da Lusitania:**

a) Elencho historico-chronologico da conquista romana (com um resumo synthetico) 100

b) Synopse da civilização lusitano-romana 164

RELIGIÕES LUSITANO-ROMANAS

SECÇÃO I

Divindades indigenas romanizadas

Palavras prévias 194

1. «Endovellicus» 195
2. Deusas Mães 196
3. «Macarius» 196
4. «Lares Ceceaeci» e «Dii Ceceaigi» 199
5. Um novo «Genius» 199
6. «Civitas Baniensium» 200
7. Uma divindade dos Grovios 201
8. Nabia ou Navia 202
9. «Arentia» ou «Arentius» 207
10. «Revelanganitaecus» 209
11. Dois monumentos do Museu de Guimarães 214
12. «Aernus» 217
13. «Juppiter Andero» 218
14. «Suttunius» 218
15. Deuses com dois nomes 219

SECÇÃO II

Divindades de procedencia romana

Palavras prévias 220

I. **Divindades romanas propriamente ditas e greco-romanas:**

a) Divindade do ceu:

1. Juppiter 221
2. Juno 233
3. Apollo (e as Musas) 234

4. Diana 235
5. «Sol et Luna», «Lux» 239
b) Divindades da terra e da vegetação:
Palavras prévias 240
1. A Terra (*Tellus*). 241
2. Cyclo bacchico 242
c) Divindade das agoas:
Palavras prévias 248
1. Neptuno (e Salacia) 248
2. Tritão e Nereida 252
3. Rios divinizados 254
4. Deuses e deusas das fontes 255
d) Divindades da saude:
Palavras prévias 262
1. Esculapio 262
2. «Salus» 264
3. «Asclepius» e «Hygia» 264
e) Divindades da guerra:
1. Marte. 266
2. Victoria. 268
f) Minerva 272
g) Mercurio 272
h) Venus e Cupido:
1. Venus 280
2. Cupido 283
i) Vulcano 287
j) Hercules 287
k) Pandemonismo:
Palavras prévias 289
1. Lares 291
2. «Genius» 294
3. «Splendidissima civitas» 299
4. Tutela 299
l) Divindades conjuntas 300
m) Divindades que representam ideias abstractas:
Palavras prévias 301
1. «Iuventus» 301
2. «Pietas» 302
3. Concordia 303
4. «Pax» 304
5. Fortuna 305
6. Evento 310
7. «Successa» 311
8. As Fadas 312

II. Dea Roma e divindades imperiaes:
Palavras prévias 313
1. Culto prestado pela *provincia Lusitania* 315
2. Pelo *conventus Bracaraugustanus* 317
3. Pelas cidades 318
4. Sacerdotes e sacerdotisas 322
5. Augustaes 323
6. Inscripções varias 326
7. Os epithetos *augustus* e *augusta* 326

III. Divindades de origem asiatica e africana:
Palavras prévias 327
1. Cybele 328
2. Mithras 334
3. Isis e Serapis 341
4. «Signum pantheum» 352
5. Celeste 356
6. Inscripção polythea de Vizella 358
7. Outras divindades solares:
Palavras prévias 364
a) O Sol e a Lua 364
b) «Deus invictus» e «Sol invictus» 365
c) «Deus maximus» 366

SECÇÃO III

Necolatria, ou culto dos mortos

Palavras prévias 369
1. Incineração e inhumação: Typos de sepulturas — Sarcophagos — Mausoleus — Estelas geminadas — Sepulturas avulsas, e cemiterios; columbarios 369
2. Destino das almas: A outra vida — *Dii Manes* — Offerendas funebres — Dinheiro de Charonte — *Iura sepulcrorum* — Epigraphia mortuaria — Fórmas dos tumulos do Sul de Portugal — Trasladações e cenotaphios — O adeus ultimo 392
3. Insculpturas symbolicas: Lapides sepulcraes com figuras (meia-lua, estrellas, suástica flamejante, rosaceas, portas) — Sua origem e significação provaveis — Figuras vegetaes e animaes — Heroização dos mortos — Simples imagens humanas — Insculpturas várias 406
4. Outros cuidados com os mortos: Segurança da derradeira morada — Associações funerarias 459

SECÇÃO IV

Varia quaedam sacra

1. **Sanctuarios:**
a) Templo de Evora 461
b) Templo de Mérida 464
c) Recinto sagrado de Panoias 465
d) Friso esculpturado de Frende 474
e) Diversos sanctuarios 477
f) *Aedicula* algarvia 478

2. **Sacerdotes e confrarias** 480

3. **Actos e cerimonias:**
a) Sacrificios e seus aprestos 482
b) *Fulgur condere* 486
c) Juramento dos Aricienses 488
d) Fundação de uma colonia 491

4. **Arte e religião:**
Palavras prévias 492
a) Mosaicos 492
b) Atlante canephoro 495
c) Cabeças bifrontes 497
d) Placa de marmore 499
e) Ornatos corporaes 501

5. **Aras incertas, mutiladas e anepigraphas:**
Palavras prévias 502
a) Aras incertas 503
b) Aras mutiladas 509
c) Aras anepigraphas 510

6. **Estelas do Monte da Saia** 510

7. **Estatueta de «Balsa»** 512

8. **Figuras de animaes:**
a) Touros de Beja 514
b) Insignia militar 519
c) Factos varios 519

9. **Esphinge** 521

10. **Amuletos:**
Palavras prévias 524
1. *Bulla* 524
2. *Fascinum* 526
3. *Lunula* 529

4. Dente de javali 530
5. Moedas-amuletos 530

Reflexões geraes acêrca das religiões da epoca lusitano-romana; introducção do christianismo na Lusitania; priscillianismo 532

RELIGIÕES DA EPOCA DOS BARBAROS

Palavras prévias 545
Fontes historicas 545
Invasões dos Barbaros 550

I. Periodo suevico:
Historia e civilização 553
Crenças religiosas 557
Embaraços postos ao catholicismo 560
Rito sepulcral do sec. VI 561
Residuos gentilicos (com annotações):
a) na *Chronica* de Hydacio 563
b) nas actas dos concilios de Braga 565
c) num livro de S. Martinho de Dume 566
d) nos *Canones* de S. Martinho 573

II. Periodo visigotico:
Historia e civilização 575
Arianismo e catholicismo 580
Concilios da Lusitania no sec. VII 580
Bispados e sociedades christãs 581
Cemiterios christãos 582
Emblemas religiosos e magicos 583

APPENDICE

Vestigios actuaes do paganismo 591

Additamento:
Ao vol. I 609
Ao vol. II 610
Ao vol. III 613
Mosaico com cruz e suastica 624
Sarcophago com estrigiles 625

Indice alphabetico do vol. III 627
Corrigenda & addenda 635

PARTE II

TEMPOS PROTOHISTORICOS

(CONCLUSÃO)

RELIGIÕES PROTOHISTORICAS

SECÇÃO I

Divindades, crenças e cultos

(Conclusão)

XVIII. Culto dos mortos

No vol. I d'esta obra, pp. 198–349 e 408–422, fallei da importancia que teve nos tempos neolithicos e nos primeiros tempos dos metaes a necrolatria, a qual vimos materialmente manifestada em sepulcros de muitas especies.

Com os progressos da civilização não afrouxaram os sentimentos dos homens para com a memoria dos mortos. Esta continuou a ser cuidadosamente respeitada [1].

São os seguintes os vestigios que vou estudar da necrolatria entre os Lusitanos nos tempos protohistoricos: campas insculpturadas do districto de Beja; sepulturas do Sul de Portugal providas de inscripções turdetanicas; necropole de Alcacer do Sal; funeraes de Viriato; figuras de pedra dos typos da *Porca de Murça* e dos *Berrões* trasmontanos; estatuas sepulcraes de guerreiros, provenientes do Norte de Portugal; factos varios.

Sigo a ordem que se me afigura ser, pouco mais ou menos, a chronologica. Sómente se ha de entender que al-

---

[1] Quando se trata da necrolatria na antiguidade, deve ter-se na mente que o respeito para com os mortos se funda muitas vezes, não em ideias de carinho e saudade, mas no medo que se tinha de vingança exercida por elles nos vivos, se se lhes não prestasse culto. Cf. esta obra, vol. I, p. 202.

guns dos vestigios indicados podem ter sido contemporaneos entre si, como, por exemplo, os que mencionei em quinto e sexto logar.

A) Campas insculpturadas do districto de Beja.

A fim de pôr em relação os tempos prehistoricos com os tempos manifestamente protohistoricos, de accordo com o que deixei dito no vol. II, p. 1, começarei esta secção citando as curiosas tampas sepulcraes do districto de Beja, que estão descritas e figuradas no vol. XI d-*O Archeologo Português*.

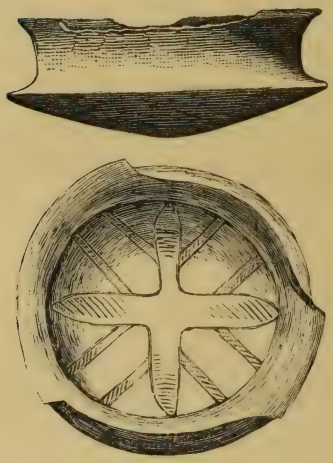


Fig. 1.ª—Vaso de barro do Museu de Beja

Estas tampas, que estão insculpturadas, cobriam sepulturas formadas de lages. Uma das sepulturas continha um esqueleto; outras continham fragmentos de ossos; noutra informaram-me que havia, não ossos, mas cinzas (não dou porém grande valor a esta informação). Em algumas appareceram com as ossadas vasos de barro caracteristicos da epoca do bronze, como se vê do espécime representado na fig. 1.ª

As insculpturas representam armas de bronze. Como todas essas insculpturas se figuram no vol. XI d-*O Archeologo,* remetto para lá o leitor, e reproduzo aqui apenas as duas mais interessantes: vid. figs. 2.ª e 3.ª Pelo menos uma das espadas é igual a espadas de bronze encontradas no Sul de Portugal,—typo que já se encontra em Mycenas. O machado, com os seus ornatos, é analogo a machados do Norte da Europa (Inglaterra e Dinamarca).

As sepulturas pertenciam pois a guerreiros. Talvez não

erremos, collocando-as na aurora dos tempos protohistoricos.

B) Sepulturas do Sul de Portugal providas de inscripções turdetanicas.

Tanto no Alemtejo como no Algarve se tem encontrado inscripções feitas de caracteres ibericos, ou melhor, turdetanicos [1]. Ha noticia d'ellas desde o seculo XVIII, ministradas sobretudo por Fr. Manoel do Cenaculo [2]. Vid. a seu respeito:

Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal, de Emilio Cartailhac, Paris 1886, p. 262 sqq.;

Antiguidades monumentaes do Algarve, de Estacio da Veiga, vol. IV, p. 275 sqq.;

Monumenta linguae Ibericae, de Emilio Hübner, Berlim 1893, p. 191 sqq.;

O Archeologo Português, vol. III, p. 185, e vol. V, p. 40 (artigos meus).

Fig. 2.ª — Tampa sepulcral (no Museu de Beja)

1. Citarei em primeiro logar as inscripções descobertas por Cenaculo.

Fallando da *Senhora da Colla*, castro que fica no campo de Ourique e proximo da *junção de duas ribeiras*, diz

[1] Vid. o vol. II d'esta obra, p. 94.

[2] Fr. Manoel do Cenaculo foi, como é sabido, bispo de Beja, e depois arcebispo de Evora. Entre os seus papeis manuscritos, guardados hoje na Bibliotheca Eborense, ha muitos que tratam de archeologia. Cf. *O Arch. Port.*, IV, 283 sqq.

este autor nos *Cuidados Litterarios,* Lisboa 1791, p. 385: «na margem de huma das ribeiras estão por longo espaço »estendidas as sepulturas», i. é, as sepulturas em que os habitantes do castro enterravam os seus mortos. Mais adeante, na mesma pagina, accrescenta:

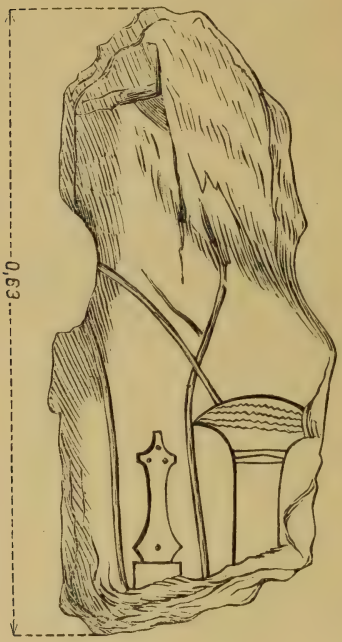


Fig. 3.ª — Tampa sepulcral (no Museu Ethnologico)

«Nestes sitios havemos »achado lapides sepulcraes »de caracteres fenicios ou »turdetanicos, e com ellas »estoques longos sem gume, »e feitos de aço e cobre bem »calcinado, com punho pouco »engrossado e virote chato, »pequeno, e que fórma hu»ma especie de orelhas que »não póde não ser da mais »remota antiguidade».

Estacio da Veiga, que por um lado estava preoccupado com a originalidade e antiguidade das inscripções ibericas, e por outro não tinha lido o proprio texto de Cenaculo, que só conhecia por um extracto publicado pelo Sr. Gabriel Pereira nas *Notas de Archeologia* [1], pp. 8–13, confundiu todas estas noticias, e affirmou nas *Antig. mon. do Algarve,* IV, 196–205, que Cenaculo tinha achado na Colla sepulturas providas de letreiros ibericos, e com estoques de bronze dentro d'ellas, quando o que do texto de Cenaculo me parece inferir-se é apenas: 1) que na Colla havia sepulturas; 2) que por aquelles sitios, i. é, no campo de Ourique, elle encontrára *estoques* e lapides com inscripções ibericas. Mais nada. Cenaculo não diz expressa-

[1] Evora 1879 (folheto).

mente nem que os *estoques* e as lapides tivessem sido achados juntos, nem que se relacionassem com as sepulturas da Colla [1].

Cenaculo deixou cópias das inscripções em papeis hoje existentes na Bibliotheca de Evora; vid. essas copias nos citados trabalhos de Hübner e Cartailhac. A sete das inscripções appõe a nota de que ellas provém de Ourique ou da freguesia; duas dá-as como do termo ou freguesia de Almodovar. Isto confirma o que a cima inferi, quero dizer, que as inscripções não são das sepulturas da Colla.

Infelizmente, parece que os preciosos monumentos descobertos por Cenaculo se perderam. No Museu Municipal de Beja existe uma lapide com uma inscripção iberica, lapide que consta que provém da antiga collecção archeologica organizada por Cenaculo quando bispo da diocese pacense [2]; como a inscripção não concorda com nenhuma das publicadas, julgo-a inedita, e aqui a copio do proprio original:

Lê-se, como as outras inscripções do Sul de Portugal, da direita para a esquerda. Entre as letras 4.ª e 5.ª ha um espaço falhado. A letra 6.ª deve restituir-se assim: A, ficando pois igual á letra 4.ª

---

[1] Em verdade Cenaculo é pouco preciso na sua linguagem, pois, ao passo que no logar citado escreve, como vimos, «*nestes sitios* havemos achado lapides, etc.», dando a entender por a expressão *nestes sitios*, posta no plural, espaço vago e indeterminado, logo adeante nota: «Quando o tempo permitta d'este ocio, se farão curiosas explorações *neste sitio*», onde *neste sitio* se refere innegavelmente á Colla. — Se elle quisesse dizer que os *estoques* estavam nas sepulturas, era porém natural que escrevesse *dentro d'ellas*, e não *com ellas*, como escreveu.

[2] Grande parte d'esta collecção archeologica está hoje no Museu Eborense. Cenaculo transportou-a para Evora quando foi nomeado arcebispo.

O valor phonetico d'esta inscripção será: *viïa..ïan.* — A pedra tem outros traços que foram feitos modernamente; alguns d'elles imitam os caracteres originaes, outros são de fantasia. Esses traços tem menor profundidade que os verdadeiros caracteres. Ha ainda pessoas em Beja, com quem fallei, que se lembram de quando taes traços foram feitos. As letras reaes são só sete.

2. Depois de ter citado as inscripções do Alemtejo, passarei a citar algumas do Algarve. Começarei pelo concelho de Loulé.

Em 1897 appareceu na fazenda das Lagôas, freguesia de Salir, d'aquelle concelho, uma sepultura rectangular, feita de pedras postas de cutello, a qual tinha a pino em um dos topos, certamente á cabeceira, uma lapide que foi quebrada, mas de que resta parte, que eu vi em poder do Rev. Prior de Salir. Nesta parte da pedra está um fragmento de inscripção sepulcral (fig. 4.ª), já por mim publicado n-*O Arch. Port.*, v, 40.

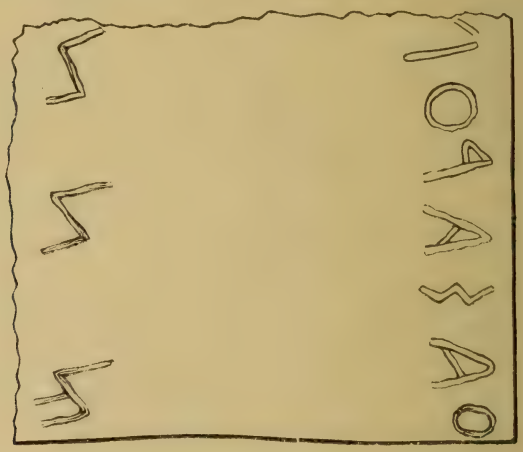


Fig. 4.ª — Inscripção iberica de Salir (Algarve)

A inscripção lê-se nesta direcção:

e as letras são:

1. 𐊁𐊉𐊐𐊀𐊖𐊀𐊍
2. 𐊐𐊐𐊐

o que, posto nas nossas letras, diz *oasaron... nni* [1].

É provavel que a sepultura pertencesse a uma necropole; infelizmente não pude colher mais informações a tal respeito.

3. Dirijamo-nos agora para Oeste, para uma localidade onde appareceram bastantes monumentos d'esta especie: para a freguesia de Bensafrim, no concelho de Lagos.

Nessa freguesia, no sitio da Fonte Velha, exploraram successivamente Estacio da Veiga e o Dr. Santos Rocha uma importante necropole da idade do ferro, cujas sepulturas, com os lados e as tampas feitos de pedras (umas de grés, outras de calcareo), apresentavam differentes fórmas: rectangular, trapezoidal, triangular, semi-circular, — e continham restos de esqueletos, contas de vidro, etc. Com excepção do lado de uma, que era em parte formado com alvenaria sêca, os lados das restantes constavam de lages postas de cutello. Facto muito notavel, — e vou já insistir nelle —, em algumas das lages que constituiam as tampas ou os lados das sepulturas havia inscripções ibericas, e essas lages achavam-se dispostas de modo que as inscripções ficavam voltadas para o interior das sepulturas. A julgar da posição dos ossos, os cadaveres tinham sido inhumados de cocoras. — Vid. sobre isto: Estacio da Veiga, *Antig. mon. do Algarve,* IV, 251 sqq.; e Santos Rocha na *Revista de sc. nat. e soc.,* IV, 251 sqq.

A necropole estava um tanto profunda, pois no terreno superior a ella encontraram os citados archeologos sepulturas da epoca romana, de rito de incineração, as quaes formavam outra necropole, que elles tambem exploraram, cada um por sua vez.

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, V, 41.

Fallando da necropole mais antiga, em cujas sepulturas havia, como vimos, inscripções, diz Estacio da Veiga: «Aquellas inscripções faziam .. parte integrante e funda»mental da construcção da necropole: portanto pertencem »á mesma idade» [1]. O Sr. Santos Rocha, que teve a boa sorte de encontrar tambem uma inscripção iberica em uma tampa (virada para dentro, de maneira que, quando a tampa foi levantada, «os caracteres da inscripção appa»receram reproduzidos em relevo no entulho sobre que »assentavam» [2]), parece ser da mesma opinião pois diz que a necropole deve pertencer «ao periodo da influencia phe»nicia ou lybi-phenicia, i. é, ao periodo que immediata»mente precedeu o da influencia romana, como indicam as »contas de vidro e a inscripção em caracteres ibericos» [3].

Ora eu tenho por evidente que as lages com as inscripções ibericas ou turdetanicas não pertencem originariamente ás sepulturas de que se trata (embora possam ser da mesma civilização, o que não nego, nem affirmo), mas pertencem a outras sepulturas mais antigas, e que foram apenas aproveitadas para a construcção d'aquellas. Isto combina com o facto de, á superficie do solo e no entulho das sepulturas, terem apparecido, como diz o Sr. Santos Rocha, vestigios archeologicos de epoca anterior á dos que se encontraram nas sepulturas estudadas por elle, por exemplo, objectos neolithicos [4]. Tambem o mesmo illustre archeologo descobriu á tona do terreno fragmentos ceramicos com feição arabica [5]. D'estes achados e do descobrimento da necropole romana resulta manifestamente que todo aquelle terreno foi occupado por povos de variadas civilizações, e portanto muito revolvido. Que admira, pois, que os homens que construiram as sepulturas de que me

---

1 *Antig. mon. do Algarve*, IV, 285.
2 In *Rev. das sc. nat. e soc.*, IV, 137.
3 *Loc. cit.*, p. 140.
4 *Loc. cit.*, p. 134.
5 *Loc. cit.*, p. 134.

estou especialmente occupando, se servissem de lages que ahi acharam, pertencentes a sepulturas anteriores? É muito frequente o facto de para certas construcções se utilizarem materiaes de construcções de outras epocas [1].

Admittida a hypothese de as lapides epigraphicas *fazerem parte integrante e fundamental da construcção da necropole*, como se havia de explicar que as inscripções estivessem voltadas para dentro, e por isso occultas aos olhos dos observadores? Não são as inscripções sepulcraes destinadas a serem lidas? Só se se suppõe (hypothese que porém ninguem enunciou) que as de Bensafrim não passavam de meras fórmulas magicas, destinadas a proteger os mortos; em tal caso não haveria dúvida em que estivessem escondidas. Mas isso não se poderia provar.

As lapides em que se acham os letreiros constituem estelas, como se vê da fig. 5.ª, onde reproduzo uma que está no Museu da Figueira, e que eu publiquei n-*O Arch. Port.*, III, 185—e póde ver-se outro exemplo nos *Monum. ling. Iberic.*, de Hübner, p. 200. Em ambos os casos se observa, em um dos topos da lapide, no que fica para baixo, quando se lêem as inscripções, um espaço vazio, que julgo nos nossos espécimes destinado a cravar-se no solo, ficando sobresaliente o resto, para ser visto, exactamente como hoje succede muitas vezes nos cemiterios; na parte supe-

---

[1] Quasi sería inutil juntar exemplos. No Museu de Narbonna vi eu muitas lapides sepulcraes romanas extrahidas dos muros da cidade. As muralhas de Lugo contém, ainda hoje, bastantes inscripções romanas. Uma das igrejas byzantinas de Athenas tem nas suas paredes tantas esculpturas antigas, que ella é, por assim dizer, como que um museu archeologico. No Museu Ethnologico Português ha uma lapide romana provinda da muralha do castello de S. Jorge. O Museu de Faro contém tambem algumas que provém das muralhas da cidade. No Alemtejo explorei uma sepultura romana, em cujas paredes havia duas tabulas epigraphicas que tinham sido de outras sepulturas anteriores. Já na antiguidade dissera Cornelio Nepote, na *Vida de Temistocles*, cap. VI, que as muralhas de Athenas tinham sido feitas de *sacellis sepulcrisque*.

rior, porém, que ficava voltada para o ar, quando a estela estivesse na sua posição natural, não se observa, porque

Fig. 5.ª — Estela com inscripção iberica do Museu da Figueira

não era lá preciso, espaço vazio nenhum. A lapide de Salir, de que a cima falei, e que estava ainda, como disse, em

posição vertical quando appareceu a sepultura, confirma plenamente esta explicação.

C) Necropole de Alcacer do Sal (sec. IV–III a. C.?)

Em Maio de 1874 [1] descobriram-se num olival, ao pé da villa de Alcacer do Sal, em sitio sobranceiro ao rio Sado, numerosos objectos de variada procedencia, — romanos e gregos, pelo menos.

Infelizmente a extracção dos objectos foi feita sem methodo nenhum, e nada se póde hoje saber da successão em que estavam os estratos do terreno onde os objectos appareceram.

Da epoca romana havia moedas do imperador Claudio (sec. I da era christã), lucernas e unguentarios [2]. Da epoca grega havia vasos de barro dos sec. IV–III a. C. [3], e uma curiosa collecção de espadas, punhaes e lanças de ferro, que Cartailhac [4] e Estacio [5] suppõem da 1.ª idade do ferro, mas que talvez sejam da 2.ª idade [6]. Tambem appareceram figuras de bronze representadas nuas e com os braços erguidos, as quaes estão no Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa e no Museu Municipal de Alcacer; no Museu Archeologico de Madrid vi uma analoga, que supponho ida de Portugal para lá [7].

De estarem dobradas algumas das laminas das referidas

---

[1] Possidonio da Silva, in *Boletim dos Archeologos do Carmo*, 1874–1876, p. 91.

[2] Possidonio da Silva, *loc. cit.*, p. 92.

[3] Estão no Museu das Janellas Verdes (Lisboa), no Ethnologico (Belem) e no Municipal de Alcacer.

[4] *Les âges préhistoriques*, p. 261.

[5] *Antig. mon. do Algarve*, IV, 266–270.

[6] Estão no Museu de Artilharia (Lisboa), no Ethnologico (Belem), no de Evora e no de Alcacer.

[7] Podem ver-se espécimes d'ellas em P. Paris, *L'art et l'industrie*, II, 158 e 163, que os reproduz de Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, figs. 430, 431 e 432. Cf. tambem *O Arch. Port.*, I, 79.

armas, o que indica rito funerario (usado na epoca de La Tène) [1], e de Possidonio da Silva affirmar que entre os vasos gregos (elle diz *etruscos*) se contavam quatro urnas com cinzas [2], é natural inferir que no local existiu uma necropole pre-romana [3], a qual, a julgar da data da loiça grega, não sería, como vimos, anterior aos sec. IV–III a. C.

D) Funeraes de Viriato (sec. II a. C.).

Appiano, escritor grego do sec. II da era christã, depois de contar o assassinio de Viriato, caudilho lusitano que combateu contra os Romanos desde 147–146 a. C. até 139, descreve assim os funeraes que a sua gente lhe fez:

«Ora pois, tendo-o vestido magnificamente, queimaram-no »em uma altissima pyra, e sacrificaram-lhe muitas victi»mas; e tanto os soldados de infantaria, como os de ca»vallaria, correndo á roda, armados e em pelotões, diri»giam-lhe louvores, á maneira dos barbaros; e até que a »pyra se extinguiu, todos estiveram em volta d'ella. Aca»bada que foi a cerimonia funebre, celebraram-se comba»tes, corpo a corpo, sobre o sepulcro. Tal saudade Viriato »deixou de si!» [4].

---

[1] Tanto nas citadas obras de Cartailhac e Estacio da Veiga, como n-*O Arch. Port.*, I, 79, se podem ver figurados alguns espécimes das armas.

[2] Cit. *Boletim*, p. 91. — Elle tambem falla de *mascaras funebres*, mas d'estas não me cumpre occupar-me, porque o prestimoso archeologo equivocou-se.

[3] Estacio, *ob. cit.*, IV, 268, diz que não póde saber-se se os objectos «appareceram em ruinas de antigas habitações ou em sepulturas». Eu já visitei o local, e não vi lá, nem me disseram que lá tivessem apparecido, restos de casas.

[4] *Historia Romana*, na secção que trata da Iberia, cap. 72 na ed. de Mendelssohn, Leipzig 1879, e cap. 75 na de F. Didot, Paris 1840. O texto tem Οὐριάθους. Sobre as várias orthographias gregas e latinas d'esta palavra, vid. o que escrevi n-*O Arch. Port.*, II, 23, n. 3. Já Diodoro Siculo (que é anterior a Appiano) falla dos mesmos funeraes: XXXIII, 22.

Posto que estes factos se passassem no sec. II antes da era christã, epoca em que os Romanos já haviam entrado na Peninsula Iberica, e que portanto está mais particularmente relacionada com a parte III da presente obra, citei-os aqui, porque se referem a costumes dos indigenas [1].

Nelles temos de distinguir os seguintes elementos: 1) cremação do cadaver, depois de muito bem adereçado; 2) sacrificio de victimas; 3) elogio funebre proclamado pelos soldados; 4) deposição das cinzas num sepulcro; 5) combate de gladiadores sobre elle (*munus gladiatorum*) [2]. As palavras de Appiano quanto á cremação do cadaver de Viriato estão de accordo com os resultados obtidos pela Archeologia, pois que na 2.ª idade do ferro, ou de *La Tène*, a cremação estava em voga. As outras cerimonias tem tambem conhecidamente parallelos em diversos povos.

F) Figuras de pedra que representam quadrupedes.

Existem no Norte de Portugal varios monumentos de pedra representativos de quadrupedes, os quaes tem já sido em parte descritos ou figurados differentes vezes, mas ainda não foram estudados no seu conjunto. Esses

---

[1] Cf. o que disse no vol. II, p. 99.

[2] Silio Italico, *Punica*, XVI, 546–548, fallando de um duello realizado no anno de 206 a. C. entre Corbis e Orsua, principes celtibericos, diz que, havendo-se matado um ao outro, foram depois queimados em uma pyra (*iunctus rogus*), mas que, como eram irmãos, a chamma impia se fendeu em duas (*impius ignis dissiluit*), e que nem as cinzas quiseram repousar juntas (*cineresque simul iacuisse negarunt*). — Esta narrativa será, em parte, mera fantasia de Silio, pois que Valerio Maximo, *Facta et dicta memorab.*, IX, 11 (*Extern.* 1), e Tito Livio, *Ab Urb. cond.*, XXVIII, 21, autores anteriores ao poeta, citando o combate de Corbis com Orsua, dizem que foi um dos combatentes que matou o outro, e não se referem á cerimonia funebre. Todavia resta saber se Silio, na menção da anecdota da pyra, se regulou pelos costumes dos Romanos, que no seu tempo, sec. I da e. c., faziam com mais frequencia a cremação dos cadaveres do que a inhumação, ou pelos dos Iberos, de cujo viver elle por vezes apresenta interessantes e fieis pinturas.

monumentos provém de tempos pre-romanos e relacionam-se muito provavelmente com o culto dos mortos; é por isso que tem logar neste capitulo. Vou aqui fallar por meudo d'aquelles que conheço [1].

Seguidamente tratarei de monumentos congeneres achados em Hespanha. Por fim justificarei a attribuição que a cima lhes dei.

1. Porca de Murça.

Na *Corografia Portuguesa,* escrita, ou pelo menos começada a escrever, nos fins do sec. XVII, diz seu autor o P.e Carvalho da Costa, ao tratar da villa de Murça de Panoias (Trás-os-Montes):

«Está nesta Villa, defronte da praça della, em pedra grande, »a forma de um usso [2], cuja significação (dizem seus moradores) »he de ser tam antiga a Casa dos Donatarios desta Villa, antes que »os Mouros tivessem o vencimento da batalha que ganhárão a El »Rey D. Rodrigo nos campos de Guadalete no anno de 714: & »como os que escapárão della se retirárão a Galliza, Asturias & »montanhas de Burgos, se fizerão os Mouros em oito mezes se»nhores de toda Espanha; passados muitos annos os progenito»res desta Casa tornárão a ganhar esta Villa & as duas que mais »tem nesta Comarca (que dizem seus antepassados tinham) aos »Mouros, & segundo a tradição no tempo del-Rey Dom Affonso o »Primeiro de Castella, no anno de 757, & achando a terra povoada »de ussos, que destruião as colmeas, fizerão delles montarias, & os »matárão, em cujo reconhecimento os moradores, além dos foros »de pão, vinho & dinheiro atrás referidos, lhe pagão os tres arra»teis de cera em satisfação do beneficio recebido: depois levanta»vão gente paga á sua custa para as guerras, & se lhes fazia seu »assento ao pé deste usso, com que ganhárão nove Castellos, que »tem este termo, povoados & sustentados pelos Mouros naquelle »tempo» [3]. — As lendas relatadas pelo P.e Carvalho contém ele-

---

[1] Já alludi a elles, de modo rapido, no vol. II, p. 294, da presente obra.

[2] [Palavra archaica que significa «urso». Tambem d'antes se dizia *osso* no mesmo sentido].

[3] Vol. I, Lisboa 1706, p. 464. — Affirmei eu que a obra foi escrita, ou pelo menos começada, nos fins do sec. XVII, porque o primeiro do-

mentos literarios, porque na tradição oral não se encontram nomes de personagens historicamente definidos, nem datas exactas, como aqui; todavia vê-se que a imaginação da gente da localidade tinha trabalhado bastante para explicar o estranho quadrupede de pedra que se via em Murça. Em toda a parte, dentro e fóra do país, o povo dá explicações mais ou menos fantasticas dos monumentos notaveis e incomprehensiveis[1].

Lenda analoga se conta nas *Memorias Parochiaes* do sec. XVIII[2]. O respectivo trecho copiá-lo-hei adeante, quando tratar da *berrôa* da Torre de Dona Chama. Aqui basta referir que o A. da respectiva Memoria, em logar de *ussos*, i. é, «ursos», faz figurar na lenda uma ursa, e que diz infundadamente que o nome de *Murça* provém de *ursa*[3].

J. A. de Almeida, no *Diccionario abreviado da chorographia*

---

cumento das licenças do Santo Officio para a impressão da obra é de 21 de Janeiro de 1701. O t. II, embora impresso em 1708, tambem já estava escrito em Agosto de 1701, como consta de um dos documentos das licenças publicados no t. I. Só o t. III é que foi impresso annos depois, em 1712 (o processo das licenças começou a correr em Abril de 1709).

[1] Assim, ha na igreja de Paderne (Alto-Minho) duas figuras tumulares de pedra, uma de guerreiro, outra de ecclesiastico, que a gente da localidade interpreta como sendo de *D. Paterno* e de *D. Paterna;* cf. tambem P.e Carvalho da Costa, *Corografia Portugueza*, t. I (1706), p. 292. — Tres cabeças de pedra que constituem a parte superior do pelourinho da Lousã, diz o povo que symbolizam os tres monarchas da dynastia philippina, de ominosa memoria; vid. *A Nossa Patria* (jornal), n.º 5, de 1 de Março de 1905. — Dois leões de pedra que sustentavam um sarcophago que está em Castro de Avellãs entram tambem numa lenda, segundo a qual elles representam os leões a que um conde que alli esteve sepultado lançou a mãe; vid. *O Arch. Port.*, III, 183. — Uma estatua de mulher guerreira armada de lança, que está sobre o arco da Porta Nova em Braga, diz o povo que é a figura da cidade de Braga a fiar numa roca. Esta estatua, segundo me informa o Sr. Dr. José Machado, estava primitivamente sobre os arcos (actual *Arcada*) do sitio onde se edificou a igreja da Senhora da Lapa. — Com relação a paises estrangeiros, cf. os factos citados nesta obra, vol. I, pp. 355-356.

[2] Vid. *O Arch. Port.*, VIII, 215.

[3] O Sr. David Lopes suppõe que a palavra é de origem arabica: *Toponymie arabe de Portugal*, Paris 1902, p. 14.

de Portugal, t. I, 1866, allude de passagem á mesma lenda: «[a villa] tem um urso em frente da praça, em memoria dos mui»tos que matárão em 757» [1].

Pinho Leal (1875) é mais minucioso, e apresenta uma variante do que traz o P.e Carvalho: «No meio da praça da villa, e em »frente da Camara, se vê um mono de pedra, que tanto póde ser »um porco, como um urso, hippopotamo ou elefante. É a *porca de* »*Murça*. Segundo a lenda, era no sec. VIII esta povoação e o seu »termo assolados por grande quantidade de ursos e javalis. Os se»nhores da villa, secundados pelo povo, tantas montarias fizeram, »que ou extinguiram tão damninhas feras, ou as escorraçaram para »muito longe. Mas, entre esta multidão de quadrupedes, havia »uma porca (outros dizem uma ursa) que se tinha tornado o terror »dos povos, pela sua monstruosa corpulencia, pela sua ferocidade, »e por ser tão matreira, que nunca podia ter sido morta pelos ca»çadores. Em 757 o senhor de Murça, cavalleiro de grandes for»ças e não menor coragem, decidiu matar a porca, e taes manhas »empregou, que o conseguiu; libertando a terra de tão incommodo »hospede. Em memoria d'esta façanha se construiu o tal monu»mento, alcunhado *a porca de Murça*, e os habitantes da terra se »comprometteram, por si e seus successores, a darem ao senhor, »em reconhecimento de tão grande beneficio, para elle e seus her»deiros, até ao fim do mundo, cada fogo tres arrateis de cera an»nualmente, sendo pago este fôro mesmo junto da porca» [2]. — Em logar de *ursa*, vemos agora figurar uma *porca*, e foi com esse nome, isto é, *porca de Murça*, que o monumento se tornou conhecido em todo o país. Ha muitas lendas analogas, em que um heroe mata um monstro: umas já na antiguidade, por exemplo a de Bellerophonte e a Chimera [3], a de Hercules e a Hydra de Lerna [4], outras na idade media, como a de Cûchulainn, que combate com um mons-

[1] *Ob. cit.*, p. 325.

[2] *Portugal Antigo e Moderno*, V, 591. — De eu citar Pinho Leal não se segue que approve a orientação adoptada por elle no seu Diccionario; mas este livro, a par de numerosas faltas de critica, etymologias fantasticas, e grande desordem, contém muita cousa aproveitavel.

[3] Cf. *Dict. des antiquités grecques et romaines*, de Daremberg & Saglio, s. v. «Bellerophon» e «Chimaera».

[4] Cf. *Lexikon der griegischen und römischen Mythologie*, de Roscher, s. v. «Hydra».

tro marinho (Irlanda)[1], e da de um duque de Zaehringen, que matou um urso ao pé de Berna[2].

Tanto o *Occidente* como o *Branco e Negro* publicaram gravuras do mostrengo de Murça[3]. No *Occidente* reproduz-se o que diz Pinho Leal, quanto á lenda. Vid. tambam *O Arch. Port.*, I, 236.

As tradições annexas á porca de Murça não param aqui. Numa carta que Martins Sarmento me escreveu em 1880 lê-se o que se segue: «Ha dias me contaram uma [cousa] curiosa a respeito da »*Porca de Murça*. O animal mostra ainda restos de uma pintura »vermelha. Ah! bom! conta a tradição que em certos casos »crimes a mudança da côr da Porca dava signal da innocencia ou »da criminalidade do reu. De que tempos deve provir esta tradi»ção, e que figura importantissima não fez a bicha nos seus bons »tempos!»[4]

A respeito da pintura da porca vem a proposito dizer que os partidos politicos da terra costumavam pintá-la, ora de vermelho ora de azul, conforme estavam no poder os Progressistas ou os Regeneradores[5]. D'aqui resultaria acaso o proloquio vulgar: «honrado como a porca de Murça», — visto que ella mudava de côr com tanta facilidade.

A *porca de Murça* é de granito (trabalho muito rude), feita de uma só pedra, como se vê da fig. 6.ª, tirada de

---

[1] Cf. *Zeitschrift für celtische Philologie*, IV, 459 (artigo de D'Arbois de Jubainville).

[2] «A en croire les chroniqueurs du moyen âge, le duc de Zaeh»ringen, Berthold V, vicaire de l'Empereur, aurait, en 1191 après »J.-C., fait creuser un fossé pour protéger le village établi auprès »de son château de Nydeck; la ville ainsi délimitée aurait reçu le »nom de Berne, du nom signifiant ours en allemand (*Baer*) et en »souvenir d'un plantigrade gigantesque que le duc Berthold avait »tué près de là». Salomon Reinach, *Cultes, mythes et religions*, I, 55. — Aos ursos alimentados pela cidade de Berna me referi nesta obra, vol. II, p. 215, nota.

[3] *O Occidente*, vol. XXX, p. 272 (1896); *Branco e Negro*, n.º 32, de 8 de Novembro do mesmo anno.

[4] Vid. *O Arch. Port.*, VI, 32.

[5] Vid. *As Novidades* (jornal lisbonense) de 15 de Novembro de 1893.

uma photographia. Tem de comprimento $1^{m},86$; de altura $1^{m},10$; de circumferencia abdominal $2^{m},80$ [1].

É a arte na sua infancia.

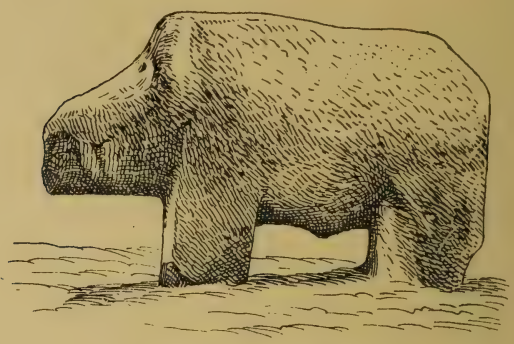


Fig. 6.ª — Porca de Murça

2. «Berrôa» da Torre de Dona Chama.

Torre de Dona Chama, outr'ora villa, é hoje simples aldeia, e fica no concelho de Mirandella [2]. No largo do Pelourinho está uma figura granitica no gosto da de Murça. O A. das *Memorias Parochiaes* (sec. XVIII) chama-lhe *ursa*, e accrescenta que «se »diz que andando »huma vrssa nas ter-»ras dos senhores de Murça, que fazia muito dano, o senhor »da terra mandára juntar os moradores d'ella e a matára

Fig. 7.ª — Berrôa de D. Chama

[1] Vid. *O Arch. Port.*, I, 236 (art. do Sr. J. de Castro Lopo).

[2] Ao nome anda ligada uma lenda que póde ver-se num artigo do Sr. Joaquim de Castro Lopo, publicado n-*O Arch. Port.*, I, 235–236. *Chama*, como nome de mulher, era corrente na idade-media: vid. Viterbo, *Elucidario*, s. v.

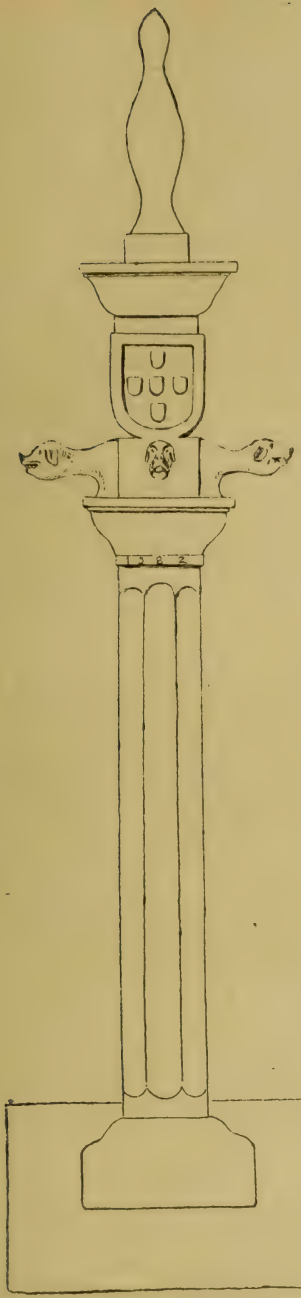


Fig. 5.ª-A — Pelourinho da Torre de D. Chama (Vid. p. 22, nota 5)

»e a mandára pôr.. na sua praça» [1]. É a mesma lenda que encontrámos a cima, com relação a Murça.

Na fig. 7.ª se vê uma gravura da pedra, extrahida d-*O Arch. Port.*, I, 237. O mostrengo tem popularmente o nome de *berrôa*, feminino de *berrão*, «nome que o povo tras-»montano dá ao porco que não é castrado, e especialmente »a um que é propriedade da freguesia, e serve para a fecun-»dação» [2]. A palavra popular *berrão* corresponde á littera-»ria *barrão*, i. é, «verrasco» [3].

A *berrôa* é de uma só pedra, como a sua congenere de Murça. Segundo as informações que me mandou o Sr. Braga Condé, de Mirandella, são estas as dimensões do monumento: comprimento $1^{m},60$; altura (dos pés ao dorso) $0^{m},92$; altura (adeante) $0^{m},90$; espessura da pedra $0^{m},36$. O Sr. Castro Lopo [4] diz que a circumferencia abdominal é de $1^{m},90$ [5].

3. Porca do pelourinho de Bragança.

A cidade de Bragança tem tambem a honra de abrigar dentro dos seus muros um monumento de pedra pertencente á familia d'aquelles que estou estudando. Como em Torre de D. Chama, o quadrupede está aqui igualmente

---

[1] N-*O Arch. Port.*, VIII, 215 (art. do Sr. Pedro de Azevedo).

[2] Informação do Sr. Braga Condé, de Mirandella.

[3] O etymo está em *verranu-, deriv. do lat. verres «porco».— Cf. *Rev. Lusitana*, II, 116.

[4] *Arch. Port.*, I, 237.

[5] Vem a proposito notar que «ao lado do animal, á distancia de »$1^{m},30$, está erecta uma coluna,—*cruzeiro*, como os da terra lhe cha-»mam—, de fuste hexaedrico, cujo capitel é arrematado por uma »pedra quadrangular (quadrado perfeito), a meio de cujos lados se »vê em alto relevo uma cabeça que finge ser de porco pequeno ou »leitão. Sobre esta pedra assentam as armas reaes, encimadas ainda »por uma pyramide, medindo tudo desde a base da coluna a altura »de $5^{m},26$». (Informação do Sr. Braga Condé). Provavelmente as figuras da coluna (pelourinho) relacionam-se com a lenda do *berrão*, embora sejam muito mais modernas que elle. Na gravura de p. 21 junta-se um desenho do monumento, o qual tambem me foi mandado pelo Sr. Braga Condé.

em relação com um pelourinho; só, ao passo que em Torre de D. Chama o pelourinho fica por detrás da *berrôa*, em Bragança, como se vê da fig. 8.ª, está encravado no dorso do proprio animal. Em Bragança o monumento tem o nome de *porca*, propriamente *porca da villa*, porque a parte da cidade onde elle está chama-se «villa».

Segundo me diz, em carta, o Sr. Albino Pereira Lopo, as dimensões do mostrengo são as seguintes: comprimento maximo, 2m,05; altura maxima, 0m,67; grossura ou espessura, 0m,50. Ao longo do dorso o animal tem tres cô-

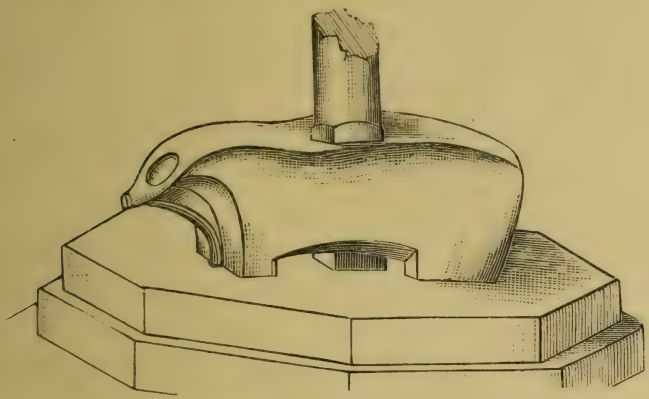


Fig. 8.ª — Porca do pelourinho de Bragança

vinhas, de 0m,10 a 0m,23 de diametro, e 0m,10 de altura; no sitio em que passa a coluna do pelourinho ha um vestigio de outra cova. No flanco direito ha outra cova, bem como no meio da testa. Estas covas, que a gravura junta não deixa ver, talvez não sejam accidentaes, pois se encontram, como direi adeante, em analogos monumentos de Hespanha.

Já varias vezes tem sido publicados desenhos da *porca da villa*: n-*O Occidente*, I (1878), 100; no *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 1898–1899, p. 172 (artigo do Sr. A. Pereira Lopo, reproduzido no livro que tem o titulo de *Bragança e Bemquerença*, onde corresponde á p. 21–22); n-*A Nossa Patria*, n.º 3, de 1 de Fevereiro de 1905. A

figura que apresento foi feita por um desenho que me deu o fallecido engenheiro Rego de Lima[1].

Tendo eu perguntado ao Sr. Pereira Lopo, — por elle ser, por assim dizer, o chronista de Bragança, pois que esta cidade lhe deve a interessante monographia ha pouco citada, e o valioso museu municipal —, se á *porca da villa* andam ligadas quaesquer lendas, elle respondeu-me negativamente.

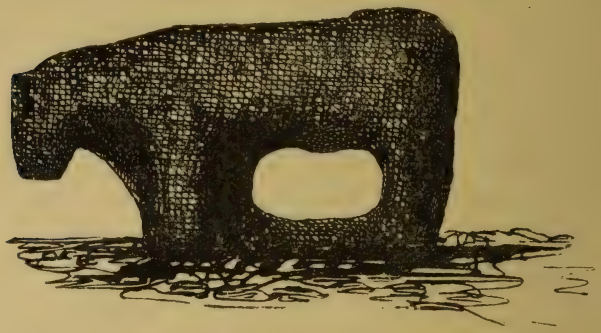


Fig. 9.ª — Berrão de Parada de Infanções

4. **«Berrão do adro» de Parada de Infanções.**

No adro da igreja de Parada de Infanções, concelho de Bragança, vê-se mais um monumento de pedra, semelhante aos que ficam descritos. É tambem inteiriço. Dimensões: maior comprimento, $1^{m},63$; maior altura, traseira, $0^{m},95$; altura sobre as espaduas $0^{m},86$; espessura no ventre $0^{m},46$. A indicação das alturas não é rigorosa, pois o monumento está em parte enterrado. O trabalho, como nos demais, é extremamente rude: apenas tem adeante indicados os olhos, mas nem boca, nem ventas. No dorso ha algumas *còvinhas*, dispostas irregularmente; talvez não sejam intencionaes.

---

[1] Parece-me interessante notar que, assim como em Torre de D. Chama o pelourinho é encimado por figuras de animaes, tambem o de Bragança o é, o que póde ver-se dos desenhos publicados pelos periodicos que cito no texto. Em Murça a porca fica perto do pelourinho; mas este não tem nenhum ornamento zoomorphico.

A fig. 9.ª, feita por um esbôço que um amigo me mandou, dá mais ou menos ideia do monumento; não me foi possivel obter desenho exacto, nem photographia.

Segundo uma lenda que ouvi na localidade em 1884, havia outr'ora naquelles sitios um porco e uma porca, de que se pagavam grandes tributos não sei a quem; por causa d'isso metteram a porca na parede da igreja e deixaram o porco cá fóra. O nome popular do interessante monumento é *berrão do adro* [1]. Esta lenda está em connexão com as que a cima citei, referidas á *porca de Murça* e á *berrôa* da Torre de D. Chama [2].

Vê-se assim a necessidade de, ao estudar taes monumentos, os comparar uns com os outros, pois aquillo que á primeira vista parecia especial a este ou áquelle, o estudo comparativo prova que é commum a muitos.

5. Berrões das Cabanas de Moncorvo.

Até aqui tenho fallado de quadrupedes encontrados avulsamente. Agora vou fallar de um grupo d'elles que existia num olival, chamado por isso *Olival dos borrões* [3], a uns 50 metros de distancia das Cabanas, e cêrca de 1

---

[1] Cf. *Rev. Lusitana*, I, 189, e *O Arch. Port.*, I, 236.

[2] A circumstancia do *tributo* na de Parada faz particularmente pensar na lenda de Theseu que, á frente dos mancebos e donzellas que Athenas enviava ao Minotauro, mata o monstro,—lenda representada nos romances cavalleirescos da idade-media pela de Tristão, o qual «défie et tue le Morhout d'Irlande, qui était venu réclamer de la Cornouailles un tribut de jeunes garçons et de jeunes filles» (G. Paris, «Tristan et Iseut», nos *Poèmes et Légendes du Moyen-Age*, Paris s. d., p. 113; na mesma obra, p. 117, nota, dão-se muitas indicações bibliographicas sobre o assunto). Com estas lendas se relaciona a do *tributo das cem donzellas*, muito propagado no Norte da Peninsula, e que deu origem entre nós á conhecida *Canção do Figueiral* (cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, «Portugiesische Litteratur», no *Grundriss der roman. Philologie*, II, 165).

[3] Aqui diz-se *borrões*. Noutras localidades diz-se, como temos visto, *berrões*.

kilometro do «castello» de Cabeça Boa, no concelho de Moncorvo.

Foi o Rev. José Augusto Tavares, hoje Abbade de Carviçaes, quem, em enthusiastico artigo, deu primeiro noticia d'elles em publico: vid. *O Arch. Port.*, I (1895), 127. Não se limitam porém a esse os serviços que a tal respeito o benemerito e intelligente Abbade prestou á sciencia, porque em 1897, após grande trabalho seu, conseguiu obter gratuitamente para o Museu Ethnologico Português, onde já estão, todos os *berrões* do Olival, em numero de sete, melhores ou peores, não contando fragmentos de outros. Poucas vezes o Museu tem recebido, assim de uma vez, dadiva tão avultada e valiosa! Apesar da sua rudeza, estes monumentos tem muita importancia, já pela sua significação, já por constituirem rarissimos testemunhos da arte nacional dos tempos protohistoricos. Comprehende-se, pois, com que gratidão e sympathia eu memoro aqui o acto generoso do Rev. Abbade Tavares [1].

Sendo desnecessario descrever e figurar aqui todos os berrões das Cabanas, escolherei porém dois, que vão copiados nas figs. 10.ª e 11.ª

O quadrupede da fig. 10.ª é inteiriço com a base, como o de Parada e outros, embora a photographia não deixe ver isso, porque, quando foi tirada (*in loco*), o monumento estava em parte enterrado. O focinho acha-se partido, e bem assim as orelhas, de que só restam vestigios. O lombo é muito saliente. Este monumento representa uma femea, ou *berrôa*, como se vê de uma teta, que está bem manifesta, e da vulva, apesar de esmurrada. O artista esboçou as pernas traseiras, mas não as desligou da pedra; as deanteiras não se distinguem entre si, e constituem um todo. — Altura maxima, desde o dorso até o chão

[1] Ao mesmo illustre Sr. deve o Museu Ethnologico a posse de muitos outros objectos, como n-*O Archeologo Português* se tem dito, e continuará a dizer.

Fig. 10.ª — Berrão das Cabanas de Moncorvo (hoje no Museu Ethnologico)

0^{m},99; comprimento total do corpo 0^{m},89; circumferencia abdominal 1^{m},30.

O quadrupede da fig. 11.ª é do mesmo typo do da figura antecedente, mas falta-lhe parte da base e a parte posterior, que, para qualquer destino que ignoro, foi serrada por um pedreiro selvagem e ignorante. A cabeça é muito saliente; as orelhas distinctas; um dos olhos bem manifesto, o outro só pouco, por causa de uns riscos que mão

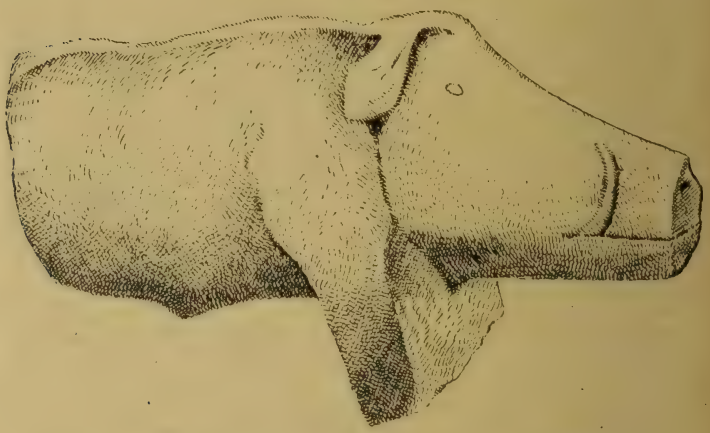


Fig. 11.ª — Berrão das Cabanas de Moncorvo (hoje no Museu Ethnologico)

iconoclastica ahi fez; dois dentes («presas») saidos dos cantos da bocá; a venta direita conservada, a esquerda quebrada. — Altura maxima 0^{m},65; comprimento total 1^{m},38; circumferencia abdominal 1^{m},61.

Os dois quadrupedes aqui desenhados são os melhores; alem d'isso ha quatro mutilados, e um, que é um esbôço por acabar.

Todos os sete *berrões* são de granito.

Faltam-me elementos para dizer se d'esta quantidade de *berrões*, encontrados juntos em um sitio, se ha de concluir que era aqui uma officina, como parece deduzir-se de ser um d'elles, como disse, mero esbôço, ou se era aqui um local sagrado. Em Hespanha tambem alguns monumentos d'esta especie se tem encontrado em grupos.

6. **Berrôazinha da Açoreira.**

O monumento de que vou fallar distingue-se de todos os precedentes pela sua pequenez. Appareceu na Açoreira, concelho de Moncorvo. Pertence ao Museu Ethnologico, tambem por gracioso offerecimento do Rev. Abbade José Augùsto Tavares, cultor desvelado das nossas antiguidades, e protector benevolo e incansavel do referido Museu, que muitas preciosidades lhe deve.

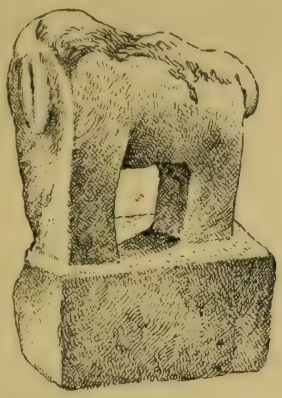


Fig. 12.ª — Berrôazinha da Açoreira (hoje no Museu Ethnologico)

Copio o monumento na fig. 12.ª É de pedra inteiriça com a base, como os seus congeneres, e representa uma femea ou *berrôa,* o que se conhece da vulva, que está muito distincta. O dorso e a cabeça estão muito esmurrados. As pernas, tanto as deanteiras como as traseiras, são indivisas, e aquellas mais curtas; d'isto resulta ficar obliquo o dorso, que desce de trás para deante. — Altura posterior de todo o monumento: 0^{m},40; anterior 0^{m},35; comprimento da base 0^{m},32; da figura 0^{m},30; circumferencia abdominal 0^{m},44.

7. **Outros «berrões» trasmontanos.**

Sei que existem pelo menos mais tres *berrões* em Trás-os-Montes, mas muito informes. Se, antes de se imprimir este volume, eu puder obter noticias circumstanciadas a este respeito, accrescentá-las-hei em additamento final.

8. **Porcos de Sabroso.**

No castro ou *oppidum* lusitano de Sabroso (Baixo-Minho) encontrou Martins Sarmento dois restos de estatuas de pedra representativas de porcos. Diz elle: «De uma resta apenas o focinho; da outra, muito mais grosseira,

escapou toda a cabeça, que tem na parte posterior uma saliencia quadrada, mostrando evidentemente ter encaixado um corpo. Do corpo nunca ninguem deu noticias.. A cabeça foi encontrada á superficie do solo.. A calcular pelas dimensões da cabeça, a estatua de Sabroso devia regular por 6 ou 7 palmos de comprido» [1].

Fig. 13.ª — Focinho de um porco de Sabroso (hoje no Museu de Guimarães)

Nas figs. 13.ª e 14.ª dou a representação d'estes restos.

Martins Sarmento compara os monumentos de Sabroso com o porco do pelourinho de Bragança e com os monumentos congeneres encontrados em Hespanha, e conhecidos geralmente pelos nomes de *toros* de Guisando e *idolo*

Fig. 14.ª — Cabeça de outro porco de Sabroso (hoje no Museu de Guimarães)

[1] In *A Renascença* (periodico), p. 122.

de Miquelái[1]. Cartailhac escreve tambem: «Peut-être faut-il rapprocher ces pièces des *toros* et *marrãos* d'Avila et de Ségovie»[2]. Effectivamente a comparação é natural; mas, como as esculpturas de Sabroso estão incompletas, ficaremos sempre na duvida se esta cabeça e focinho fizeram realmente parte, ou não, de estatuas inteiras, que fossem analogas ás de Trás-os-Montes; o dizer Sarmento que a cabeça tem na parte posterior uma saliencia que serviria para encaixar num corpo, mostra, pelo menos, que a technica dos mostrengos minhotos differia da dos mostrengos trasmontanos.

*

Com excepção dos dois restos esculpturados de Sabroso, todos os outros monumentos de que fallei pertencem exclusivamente a Trás-os-Montes. Se nos dirigirmos agora para a Hespanha, encontraremos lá tambem quadrupedes de pedra comparaveis aos nossos, e sem duvida filiados na mesma ordem de ideias que os de cá.

Impossivel me seria mencionar neste logar o muito que se tem escrito a respeito d'elles. Em nota indico os trabalhos de que tenho conhecimento directo[3].

---

[1] *Loc. cit.*

[2] *Les âges préhist. de l'Espagne et du Portugal*, p. 282.

[3] Trabalhos publicados por Hespanhoes: *Academia*, I (1887), 109; *Boletín de la R. Acad. de la Hist.*, I, 9 e 222; II, 150; XL (1902), 302; XLII (1903), 235; *El arte en España*, IV, 144; D. Joaquin Costa, *Poesia Popular*, I, 322, n. 4, e *Estudios ibéricos*, 1894, p. XXXIV; Murguia, *Galicia*, p. 1177; *Memor. de la R. Acad. de la Hist.*, I (1796), 348; *Semanario Pintoresco*, 1853, p. 309; *Revista de Archivos*, I, 243; D. Vicente Paredes, *Los Framontanos celtibéricos*, 1888, p. 164 (com uma estampa avulsa em que se representam varios *toros* e *cerdos*); idem, na *Rev. de Extremadura*, IV (1902), 354 sqq.; idem no *Bull. Hispan.*, VI (1904), 173; D. Aureliano Fernandes Guerra, discurso de contestación a Eduardo Saavedra (*Discursos leidos ante la R. Acad. de la Hist.*, Madrid 1862).

Trabalhos publicados por estrangeiros: *O Panorama*, XI (1854), 181; *L'Univers*, s. v. «Espagne», I, 88; E. Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*,

O Sr. D. Vicente Paredes y Guillén, bem conhecido por seu affecto aos estudos archeologicos, juntou ao seu livro *Hist. de los Framontanos ibéricos,* Placencia 1888, um curioso mappa do qual consta que tem apparecido quadrupedes de pedra em numerosos pontos do centro de Hespanha, numa área limitada por Toro, Zamora, Ciudad Rodrigo, Segura, Torralva, Talavera la Vieja, Alcoba, Malpartida de Plasencia, Molar, Segovia e Coca; cita ainda mais dois em pontos bastante afastados (Linares e Segorve), pelo que não sei se haverá confusão com outros monumentos, se elles seriam levados de longe para ahi. Afastados dos do centro são tambem os de Durango, Mañaria e Pirure, nas Vascongadas [1]. D. Aureliano Fernandez Guerra já em 1862, no discurso a que me refiro na nota 3 de p. 31, havia colligido noticias de numerosos monumentos d'esta especie em Hespanha; de então para cá tem-se descoberto outros [2].

Tanto em Portugal como em Hespanha se hesita não raro na classificação d'elles. A respeito de Portugal, com

---

II, 734, 947, 2919, 3051, 3052; idem, *Mon. ling. Ibericae,* p. CXVI; idem, *L'arqueología en España [y Portugal],* 1888, pp. 254 e 256, onde dá tambem noticias bibliographicas; idem na *Zs. für allgemeine Erdkunde,* XIV (1863), p. 341; idem, na *Rev. de Archivos, Bibl. y Museos,* 1897, p. 243; idem, na *Rev. critica de hist. y literat. esp.,* vol. I (1895), p. 1; Pierre Paris, na *Revue des études anciennes,* IV, 55; idem, no *Bullet. Hispanique,* IV, 5; idem, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Esp. primitive [et du Portugal primitif],* I, 56; *La Ilustración hisp.-americana,* 1892, n.º 25.

Na Bibliotheca da Academia da Historia, em Madrid, compulsei em 1897 um ms. de D. José Cornide Saavedra (sec. XVIII), intitulado *Noticias para una disertación sobre los toros de Guisando* (com estampas); marcação bibliothecal: est. 18, gr. 3.ª, n.º 38.

[1] Dá o Sr. Paredes quadrupedes de pedra tambem como existentes em Beja e Evora. O mesmo faz Hübner na *Zs. für allgem. Erdk.* citada na nota antecedente. Mas em Evora não me consta que haja ou houvesse monumentos d'esta natureza. Em Beja existem apenas cabeças de touros, as quaes são de arte mais moderna, e certamente monumentos de outra especie.

[2] Cf. Pierre Paris, *L'art et l'industrie,* I, 57 e nota.

quanto muitos sejam sem duvida javardos, já a cima vimos o que os antigos pensavam dos de Murça e Torre de D. Chama, aos quaes davam o nome de *ursos*, embora o povo lhes chame hoje respectivamente *porca* e *berrão*. A respeito das esculpturas de Hespanha, escreve o Sr. D. Vicente Paredes: «El arte en ellas es rudimentario, excepto en algunas como en la del Jabalí de Cardeñoza,.. que caracteriza bastante al animal, y en el de Segura (Cáceres), que figura bastante bien un toro, revelando algún conocimiento ó sentimiento del arte; pero la mayoría son figuras, tan toscamente labradas, que han dado lugar á muchas dudas, creyendo algunos ver en ellas elefantes, como sucede con la figura existente en Talavera de la Reina, la qual no es otra cosa que la de un toro sin cabeza, cuya venilla ó colgante de la piel del cuello, parece una trompa» [1]. D'aqui o terem em Hespanha esses monumentos os nomes de *toros, marraños, cerdos, osos*... Assim como em Portugal se tornou celebre a *porca de Murça,* tambem em Hespanha o *idolo de Miqueldi*[2]. Aos *berrões* trasmontanos correspondem de algum modo, na nomenclatura popular, os *toros* de Guisando.

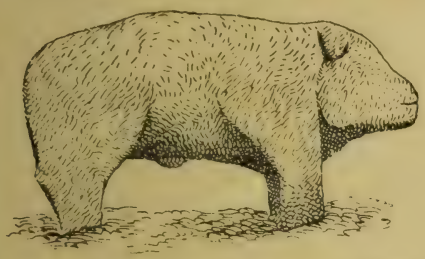


Fig. 15.ª — Quadrupede do Museu de Madrid

Conheço *de visu* alguns dos quadrupedes hespanhoes: os que estão no Museu Nacional de Madrid, e o que está no claustro de Santo Estevão de Salamanca. A titulo de espécime, represento na fig. 15.ª um dos do Museu Nacional

[1] Na *Revista de Extremadura*, 1902, p. 354 sqq.

[2] Vid. D. Vicente Paredes, na *Rev. de Extremadura*, loc. cit. na nota antecedente; e Pierre Paris, *L'idole de Miqueldi, à Durango*, extr. do *Bull. Hispanique*, IV, n.º 1 (1902).

de Madrid[1], e na fig. 16.ª o de Salamanca[2]. Os quadrupedes ou javalis do Museu de Madrid são em numero de tres, e procedem de Segovia (um) e de Avila (dois)[3]; ao longo da linha que corresponde á espinha dorsal ha uma serie de còvinhas, ao que já alludi supra, p. 23[4]. O qua-

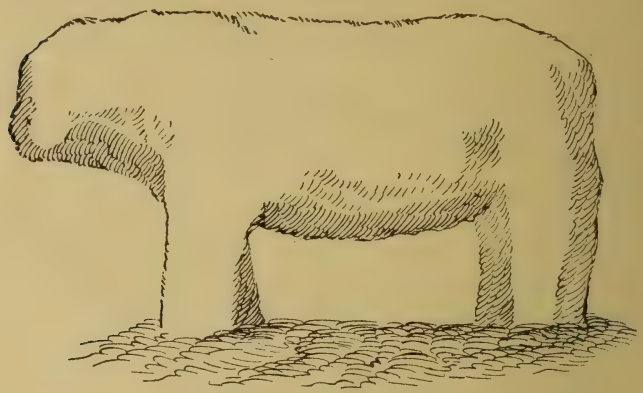


Fig. 16.ª — *Perro* de Salamanca

drupede de Salamanca (que vi em 1897) tem o nome vulgar de *perro;* antigamente estava á entrada da ponte romana[5]. Como se vê da figura, falta-lhe a cabeça e parte do pescoço. Comprimento do mostrengo, no estado actual,

---

[1] Segundo uma photographia que me foi enviada pelo Sr. D. Ramón Menendez Pidal, Professor da Universidade de Madrid.

[2] Segundo um desenho que me foi enviado pelo Sr. D. Miguel de Unamúno, Professor da Universidade de Salamanca.

[3] Cf. *Boletín de la Acad. de la Hist.*, XL, 362.

[4] No *Boletín de la Acad. de la Hist.*, XL, 360 sqq., vem um artigo de Rivett-Carnac em que este interpreta como sinaes de escritura as referidas còvinhas, suppondo que ellas não foram gravadas sobre as figuras dos quadrupedes, mas que já existiam nas pedras de que elles se fabricaram. Tudo isto são problemas muito difficeis de resolver.

[5] Na *Vida del Lazarillo de Tormes,* tratado 1.º, por D. Diego Hurtado de Mendoza (1503–1575), lê-se: «Salimos de Salamanca, y »llegando á la puente, está á la entrada della un animal de piedra, »que casi tiene forma de toro, etc.». (Informação do Sr. Unamúno). Tambem ha uma allusão a elle no *Fuero* de Salamanca, p. 33.

$2^{m},04$ *plus minus;* altura $1^{m},153$ *plus minus*. Ao longo do dorso ha varias côvinhas, a maior das quaes tem de diametro $0^{m},14$, e de fundura $0^{m},09$. Nos mostrengos de Madrid observei algumas côvinhas semelhantes. Já a cima notei tambem côvinhas na *porca* de Bragança. Não desagradará aos leitores que na fig. 17.ª lhes offereça o desenho

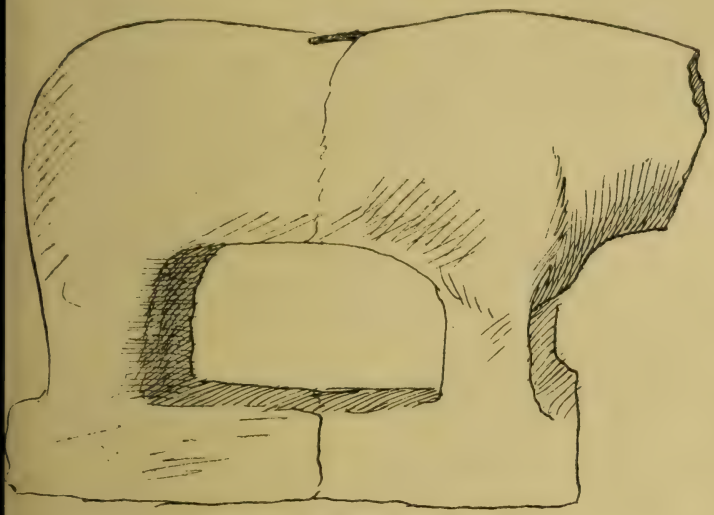


Fig. 17.ª — De um ms. de Cornide

de mais um d'estes quadrupedes ibericos; o respectivo desenho copiei-o do ms. de Cornide, citado acima, p. 32, nota.

*

Variadas tem sido as hypotheses emittidas, desde o sec. XVII até hoje, para a explicação d'estes estranhos monumentos.

Deixando de parte as concepções populares e as dos eruditos antigos [1], referirei só as dos investigadores modernos.

[1] A respeito de Portugal, vid. supra, p. 16 sqq. A respeito de Hespanha, cf. Pierre Paris, no *Bull. Hispanique,* IV, 5-6 (a proposito do «idolo de Miqueldi»), e na sua obra *Essai sur l'art et l'industrie,* I, 59, nota.

D. Aureliano Fernandes Guerra, no discurso citado a cima, p. 31 nota 3, julga que os *becerros, cerdos,* etc., eram deuses *términi,* i. é, marcas de limites territoriaes entre as tribus ibericas. D. Vicente Paredes y Guillén, nos trabalhos citados na mesma nota, considera-os sinaes de caminhos por onde iriam de inverno os gados buscar regiões quentes. Os irmãos Siret alludem a elles de passagem e escrevem: «On sait que le culte de la vache est fort ancien en Espagne. Faut-il voir dans ces figures des idoles, ou simplement des fantaisies sans conséquence?» [1]. Já porém, em 1863, na *Zs. für allgem. Erdkunde.,* XIV, 341–342, E. Hübner fez a importante observação de que taes monumentos estavam ás vezes providos de inscripções funerarias latinas da epoca romana, do que resultava que elles deviam ser monumentos sepulcraes. A mesma hypothese repetiu o sabio allemão na *Arqueología en España [y Portugal]*, Barcelona 1888, p. 254, e a ella se inclina tambem Pierre Paris, no *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive [et du Portugal primitif]*, I (1903), 59–60. Pela minha parte direi igualmente que é a unica que me parece acceitavel, e vou aqui corroborá-la.

Como haviam de os *becerros* hespanhoes e os *berrões* portugueses ser marcas de limites, ou de caminhos, se não só alguns d'elles contém inscripções funerarias, mas se se acham em grupos, como os de Guisando (que eram em numero de cinco, hoje reduzidos a quatro), e os de Torralva (que são em numero de quatro), ou dentro de castros, como os de Sabroso, no Minho? [2] O perguntarem os irmãos Siret se estes monumentos seriam meras fantasias, só por distracção se explica, pois bastava a consideração da sua abundancia e da sua distribuição geographica para se ver que

---

[1] *Les premières âges du métal, etc.,* p. 124.

[2] Não incluo nesta lista os de Moncorvo, por eu estar em duvida se o local era recinto sagrado ou officina (vid. supra, p. 28). Torralva (em Talavera de la Reina) e Guisando não eram officinas, como o mostram as inscripções de que fallo mais a baixo.

quem os fabricou tinha qualquer intuito importante e grave na mente.

Notemos os que tem inscripções (todos na Hespanha):

1) No palacio de Navas ou de Abrantes, em Avila, ha um *berraco* em que se lê: *Re*BVRRVS || MAELONIS (vel MAGILONIS) || F(*ilius*) || [1]. Diz-se ahi que um individuo cha-

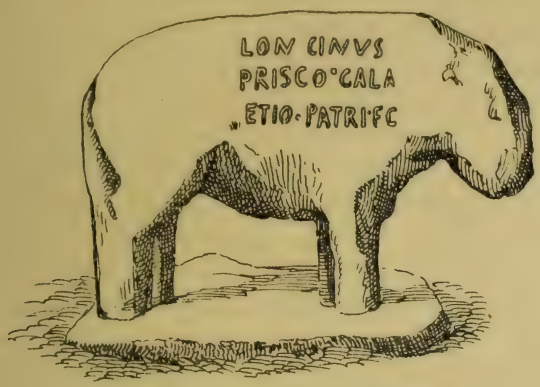


Fig. 18.ª — *Toro* de Guisando (Hespanha)

mado *Reburrus*[2] estava sepultado no local em que jazia o *berraco*.

2) Em Torralva, perto de Talavera de la Reina, ha quatro *toros*, um dos quaes tem uma inscripção infelizmente mal copiada: vid. *Corpus*, II, 947 e 5344. Claras são só as siglas finaes P(*onendum*) C(*urauit*), que indicam porém manifestamente uma formula funeraria[3].

3) Na praça de Coca, *en un puerco de piedra*, lê-se uma inscripção, igualmente mal copiada, mas com as mesmas

---

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 734 e 3051. Hübner pensava que eram duas inscripções, mas D. Vicente Paredes mostrou que não constituem senão uma: vid. *Rev. de Extremadura*, IV (1902), 356.

[2] A respeito de *Reburrus* cf. *Religiões da Lusitania*, II, 371.

[3] A correcção total, proposta por Hübner, é: *Tancinae Tancinus p(ater) filiae p(onendum) c(urauit)*. Mas eu em geral, por experiencia propria, não creio muito nas correcções propostas pelos epigraphistas a textos tão deturpados como este, embora haja quem seja ás vezes de eximia e fecunda imaginação em tal genero de adivinhações.

siglas finaes da antecedente: P(*onendum*) C(*urauit*)[1]; de modo que o seu caracter funebre tambem não é duvidoso.

4) Um dos famosos *toros de Guisando,* na provincia de Avila, tem um epitaphio muito claro, como na fig. 17.ª se vê[2]; a sua interpretação é: «*Longinus* mandou fazer (este monumento funebre) á memoria de seu pae *Priscus Calaetius*»[3]. A letra da inscripção é, segundo Hübner, do sec. I da era christã[4]. Ha em Guisando outros *toros* com inscripções, mas estas são falsas[5], e por isso não as tomo em consideração.

Todas as quatro inscripções citadas se assemelham umas ás outras pela sua simplicidade; nas tres ultimas o formulario final é quasi identico.

D'estas inscripções, que mostram que os respectivos quadrupedes pousavam sobre sepulcros, é natural inferir que os restantes quadrupedes, pelo menos aquelles que representam conformidade entre si, deviam ter o mesmo destino. Digo *pelo menos aquelles que apresentam conformidade entre si,* porque, como a concepção que levava os povos ibericos a fazer de taes quadrupedes monumentos funerarios se baseia em crença mais geral, i. é, na zoolatria, claro está que nem todas quantas figuras de quadrupedes de pedra existem na Peninsula são documento de culto de mortos: muitas, com quanto de caracter sagrado, teriam outro destino. Talvez as duas cabeças suinas de Sabroso estejam nesse caso, pois Martins Sarmento, o explorador do castro, não encontrou lá sepulturas nem

---

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2727.

[2] Do *Panorama,* vol XI, Lisboa 185, p. 181. Cf. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 3052.

[3] O nome *Calaetius* deriva de *Calaetus,* que se encontra noutras inscripções de Hespanha (vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2968 e 3298), e tambem numa inscripção de Portugal, na fórma *Calaitus* (vid. *O Arch. Port.,* V, 253, e VI, 78).

[4] Vid. *Zs. für allgem. Erdkunde,* XIV (1863), 341,—já varias vezes citada a cima.

[5] Vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 278*.

vestigios d'ellas. Assim como hoje se colloca nas campas e mausoleus uma cruz, sem que por esse facto ella deixe de figurar nos altares, nos adros e em muitos outros logares de aspecto mais ou menos religioso, assim tambem os quadrupedes de pedra protohistoricos teriam sobre os sepulcros uma significação, e noutras circumstancias outra. Já o proprio Hübner disse que alguns dos quadrupedes seriam votivos[1]. A estatueta da Açoreira, em que se representa uma porca em ponto pequeno (vid. fig. 12.ª), pertenceria acaso a essa classe, se não era para ser posta sobre uma sepultura de criança. Este monumento, que tem incontestavel parentesco com os grandes, é, como supponho, mais uma prova de que os quadrupedes de que estou fallando não podiam ser marcos, attenta a pequenez d'elle.

Fig. 19.ª — Tumulo de Alasca (America)

Da importancia do culto dos animaes na Lusitania, fallei no vol. II da presente obra, p. 281 sqq., onde já alludi aos *berrões* trasmontanos. Do resto da Peninsula não tenho de me occupar em particular, mas é bem sabido que o que se diz das ideias religiosas nos tempos protohistoricos em territorio português, tem, a certos respeitos, applicação nos mesmos tempos ao territorio hespanhol. Impressionado pela existencia de nomes proprios de homem, na Iberia, taes como *Aper, Cervus, Lupus, Taurus, Ursus,* pôs Hübner em connexão com esse facto o de se erigirem sobre os sepulcros estatuas de pedra representativas de ani-

[1] In *Rev. critica de hist. y literat. esp.*, vol. I, p. 1.

maes [1]. Effectivamente um e outro costume se relacionarão com ideias de *totemismo* [2]; não me permitte porém a escassez dos materiaes ir mais longe neste parallelo.

Ainda em apoio da hypothese que attribue aos *toros* e *berrões* caracter sagrado, citarei alguns costumes que acabarão talvez de convencer os incredulos.

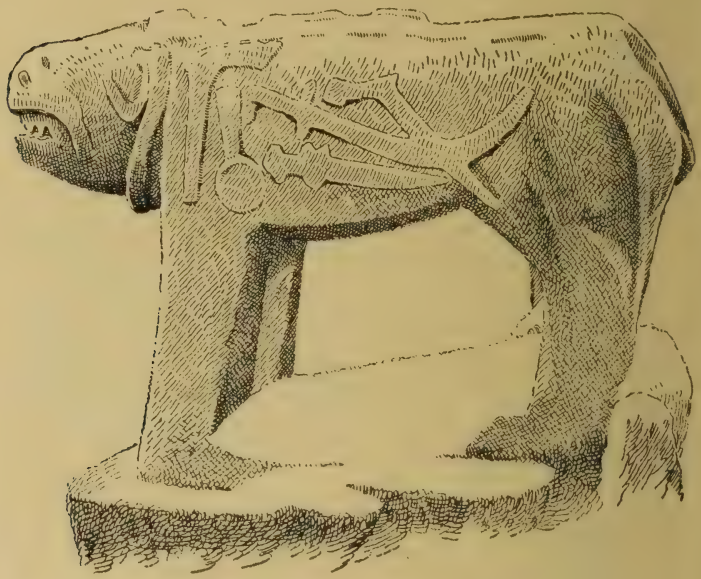


Fig. 20.ª — Estatua sepulcral persiana

Na fig. 19.ª copia-se o tumulo de um chefe indio de Alasca (America), encimado de uma estatueta de madeira que representa um lobo; este lobo indica o *totem* do morto [3]. Na fig. 20.ª copia-se uma estatua de pedra que está sobre um

---

[1] *Mon. ling. Ibericae,* p. CXVI.

[2] Sobre o *totemismo* vid. Salomon Reinach, *Cultes, mythes et religions,* I (1905), cap. II sqq.

[3] Vid. Niblack, «The Coast Indians of Southern Alaska and Northern British Columba» in *Smithsonian Report,* 1888, Washington 1890, est. LXV.

tumulo de um cemiterio da Persia Meridional: «c'est un lion qu'on a voulu représenter; sur ces flancs sont figurées en relief toutes les armes du mort, — fusil, sabres, pistolets, poignards» [1]. Na fig. 21.ª copia-se a vista de um cemiterio inteiro [2], com estatuas de animaes analogas á da fig. 19.ª Creio que a semelhança entre os monumentos representa-

Fig. 21.ª — Cemiterio persiano com estatuas de quadrupedes

dos nas fig. 19.ª–20.ª e os *berrões* e *toros* ibericos é palpitante. Ás armas esculpidas no flanco da fig. 20.ª corresponde a inscripção do *toro* de Guisando da fig. 18.ª Os *toros* e *berrões*, quando agrupados *in situ*, deviam ter o aspecto dado pela fig. 21.ª Os grupos, que ainda existem em Guisando e Torralva, são provavelmente restos de cemiterios; por ventura estará no mesmo caso o grupo que havia nas Cabanas de Moncorvo, se, pela razão que apresentei, não era

[1] Vid. Babin & Houssay, «A travers la Perse Méridionale», in *Le Tour du Monde*, 1892, 2.º semestre, Paris 1892, pp. 72 e 74.

[2] *Le Tour du Monde*, loc. cit., p. 75.

ahi uma officina. Estas aproximações que fiz, não revelam, já se vê, filiação historica, mas tem importancia ethnographica, porque mostram que os mesmos costumes existem por toda a parte.

Ninguem poderá duvidar da grande antiguidade dos monumentos ibericos de que estou fallando. Não só elles estão de accordo com outros monumentos protohistoricos, mas appareceram alguns em castros ou proximo de castros. O terem inscripções latinas não é razão para attribuir a sua origem á epoca romana, pois é sabido que os Romanos romanizaram muitas vezes os cultos dos povos vencidos. Os quadrupedes providos de inscripções latinas estão no mesmo caso que as aras que tem nomes de deuses indigenas. Num caso os cultos divinos propriamente ditos, no outro os costumes mortuarios persistiram mais ou menos tempo durante o dominio romano; apenas uma vez ou outra a lingua latina veio, por assim dizer, sellar a tradição autochtonica, posto que, ainda assim, a inscripção de um dos *toros* de Guisando ascenda, como vimos, ao seculo I da nossa era. A par d'estas inscripções em latim pode contar-se uma, ao que parece, em caracteres ibericos, pois no *idolo* de Miqueldi reconheceram-se alguns d'esses caracteres [1]. Se em tamanha quantidade de monumentos só existem tão poucos com inscripções, é que nos povos pre-romanos das regiões a que os quadrupedes pertencem estava pouco em uso o escrever-se, como se póde ver confrontando-se o mappa da escritura iberica, que está appenso aos *Monumenta* de Hübner, com o mappa dos *toros* que está appenso á *Historia de los Framontanos*, de D. Vicente Paredes: a parte vazia em um d'elles coincide com a parte cheia no outro.

Da distribuição geographica dos quadrupedes no centro da Hespanha e em alguns pontos do Norte d'esse país, vê-se que os podemos attribuir ás seguintes tribus: *Vétto-*

---

[1] Vid. Pierre Paris, in *Bull. Hisp.*, IV, 10.

nes, Vaccaei, Carpetani e *Varduli*. Da distribuição geographica dos de Portugal apenas podemos dizer que uns pertenceriam aos *Seurri*[1], tribu que parece comprehendia no seu territorio o aro de Moncorvo, e que outros pertenciam aos *Zoelae*[2], tribu que talvez estivesse por Bragança; outros, se os quadrupedes de Sabroso são funerarios, pertenceriam aos *Grovii*, que, nos começos da era christã, se estendiam do Douro para cima[3].

G) Estatuas sepulcraes de guerreiros.

Assim como se collocavam sobre os sepulcros figuras de pedra representativas de quadrupedes, assim se collocavam tambem estatuas de guerreiros. Sei da existencia de dez estatuas d'esta especie, — oito encontradas no Norte de Portugal, e duas na Galliza. O seu caracter funerario resulta do que se dirá adeante.

Eis a lista das estatuas: duas, provindas de Outeiro Lesenho, em Montalegre, hoje no jardim do Palacio Real da Ajuda, — conhecidas vulgarmente por *estatuas de Montalegre*, ou *da Ajuda;* uma, encontrada em S. Paio de Meixedo, d'onde passou para Vianna do Castello e depois para o Museu do Porto, — conhecida pelo nome de *estatua de Vianna* ou *estatua do Pateo da Morte*, porque algum tempo se conservou num pateo d'este nome; duas, provenientes de Santo Ovidio de Fafe e de S. Jorge de Vizella, actualmente no Museu de Guimarães; uma, provinda de ao pé de Capelludos, ao presente no Museu Ethnologico; uma, em Refojos de Basto, conhecida pelo nome popular de *O Basto;* uma, de S. Martinho de Britello, desappare-

---

[1] Vid. *Religiões*, II, 370. — D'esta tribu me occuparei n-*O Archeologo Português*, pois se descobriu ultimamente mais uma inscripção romana, e muito importante, em que ella figura.

[2] Vid. *Religiões*, II, 370.

[3] Vid. *O Arch. Port.*, X, 287-288.

cida ha muito; duas, gallegas, de Celanova e de Barrio. Todas as de Portugal são de granito [1].

Antes de me occupar de cada uma em particular, citarei aqui a respectiva bibliographia:

E. Hübner, «Statuen galläkischer Krieger in Portugal und Galicien», artigo publicado nos *Denkmäler und Forschungen* («Archäologische Zeitung») de E. Gerhard, n.º 154, de Outubro de 1861, com uma estampa. Foi traduzido em português por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e a traducção accrescentada em appendice ás *Noticias archeologicas de Portugal,* Lisboa 1871, p. 103. Do português foi traduzido para hespanhol por D. Manuel Murguía na *Historia de Galicia,* II, 1868 (ilustración IV). Do original allemão fez-se um resumo em francês na *Revue Archéologique,* vol. V, nova serie, 1862, p. 285. — Neste seu trabalho descreve Hübner todas as estatuas de que tinha conhecimento: as da Ajuda, as de Vianna e as da Galliza. A estampa que acompanha o artigo é da de Vianna.

Hübner já tinha feito uma allusão ás estatuas no *Monatsbericht* da Acad. de Berlim, 1861, p. 804 (cf. *Noticias archeologicas de Portugal,* p. 86), e tornou a fazer outra nos *Antiken Bildwerke,* Berlim 1862, p. 330.

---

[1] Nas *Noticias archeologicas de Portugal,* de E. Hübner, ed. da Academia das Sciencias de Lisboa, diz Soromenho, numa nota, p. 108, que na carta do couto de Midões, passada em 1169, se falla de uma lapide, á maneira de idolo, a qual, segundo elle, indica evidentemente a existencia de outra estatua. O Sr. Christovam Aires, na *Historia do Exercito,* I, 257-258, reproduz o respectivo passo, parecendo acceitar a conclusão de Soromenho. Por mim, julgo que não se póde concluir nada do texto da carta, pois esta diz: *quorum unus* (sc. *terminus*) *lapis incompositus videtur, alter vero similitudinem hominis habere videtur in modum idoli.* Ora estatuas archeologicas ha muitas, e nem todas são como as de que se trata aqui; para do texto se poder tirar a conclusão desejada, era necessario que elle especificasse alguns dos caracteres essenciaes d'estes monumentos.

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2462, 2519 e 5611, trata novamente d'estes monumentos, e publica as inscripções.

Na *Arqueología de España [y Portugal]*, Barcelona 1888, pp. 253 e 256, dá noticia geral das estatuas, e indicações bibliographicas.

Charles Lucas, *L'architecture en Portugal*, Paris 1870, p. 11. Breve menção das estatuas de Montalegre: «offrant toutes deux l'image d'un homme dont un bras »est pendant et dont l'autre tient un bouclier rond».

Rada y Delgado, no *Museo Español d'Antigued.*, VII (1876), 589, falla da estatua de Vianna a proposito de «Ladrillos sepulcrales cristianos», e dá uma gravura d'ella a p. 583. A estatua de Vianna tem umas addições apocrifas, o que só ulteriormente foi averiguado; Rada y Delgado, tomando ainda por verdadeiras essas addições, tira d'ellas uma conclusão, que a tal respeito não póde hoje acceitar-se, sobre a antiguidade do Christianismo na Peninsula.

Figueiredo da Guerra, *Vianna do Castello*, Coimbra 1878 (com uma estampa). Falla da estatua de Vianna, a qual elle, por causa das addições apocrifas de que fallei antecedentemente, suppõe mais moderna do que é.

O mesmo A., no *Pero Gallego*, 1882, n.° 15, pp. 3-4, torna a fallar da estatua de Vianna, á qual attribue o verdadeiro valor archeologico. Dá tambem noticia da estatua de S. Martinho de Britello. — O artigo foi reproduzido na *Rev. das sc. nat. e soc.*, IV, 192 sqq.

Gabriel Pereira, no *Universo Illustrado*, II (1878), 116, falla da estatua de Vianna, de que publica uma gravura. Junta algumas noticias sobre as outras estatuas.

Martins Sarmento, na *Revista Academica*, 1879, n.° 3, pp. 12-21, publica um artigo «A proposito das estatuas gallaicas». Descripção da de S. Ovidio de Fafe, cujo escudo compara com o que nos guerreiros lusitanicos descreve Estrabão. Prova, fundado em informações de José Caldas, que a estatua de Vianna foi transformada em guerreiro medieval com a adjuncção de uma cabeça postiça, e adaptação do escudo ao brasão dos Rochas. Cita um artigo publicado a este respeito no *Instituto*, mas não dá sufficientes indicações biblio-

graphicas para se poder procurar facilmente. — O artigo foi reproduzido na *Rev. de sc. nat. e soc.*, IV, 181-183.

Os Lusitanos, 1880, p. 40. Sarmento faz ahi rapida allusão á estatua de S. Ovidio.

N-*O Pantheon* (periodico) 1880-1881, n.º 24, pp. 382-384, falla d-«A Estatua do Pateo da Morte». Resume o que tinha escrito na *Revista Academica*, e allude a umas investigações genealogicas de Camillo Castello-Branco. — Este artigo foi tambem reproduzido na *Rev. de sc. nat. e soc.*, IV (189-191).

N-*O Panorama Contemporaneo* (periodico), 1883, p. 18, dá noticia das estatuas de S. Ovidio e de Refojos de Basto.

Torna a fallar das estatuas de S. Ovidio e de Refojos na *Revista de Guimarães*, I (1884), 185-186, onde allude tambem á de S. Jorge.

O mesmo A. escreveu uma carta sobre todas as estatuas que conhecia, a qual foi pelo redactor d-*O Occidente* publicada neste jornal, vol. IX (1886), p. 246, onde tambem se cita, porém sem indicações bibliographicas sufficientes, a *Lisboa Antiga* de J. de Castilho.

Ha uma referencia ao «Basto» noutra carta de Sarmento: vide *O Arch. Port*, VI, 33.

D. Joquin Costa, *Poesia popular española*, I (1881), 229: noticia summaria das estatuas.

N-*O Arch. Port.*, II, (1896), 29-32, em artigo intitulado «Estatuas de guerreiros lusitanos», fallei das estatuas de S. Ovidio, S. Jorge e Vianna, e publiquei gravuras; e no vol. VII (1903), p. 23, fallei pela primeira vez da de Capelludos.

Christovam Aires, *Hist. do Exercito*, I (1896), 254-271, com estampas. Noticia circunstanciada de todas as estatuas de que tinha conhecimento.

No *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1896, p. 359, dá-se noticia de uma leitura feita pelo Sr. Eude áquella Sociedade a respeito de tres estatuas.

Pierre Paris, n-*O Arch. Port.*, VIII (1903), 1-8, em artigo intitulado «Statues lusitaniennes de style primi-

tif». Noticia geral das estatuas e do seu caracter de rudeza artistica: «Je crois avoir le droit d'y reconnaître les spécimens de la sculpture ibérique dans le Nord-Ouest de l'Espagne [id est, *Hispanie*] à l'une

Fig. 22.ª — Estatua de Montalegre

de ses premières étapes. Sans doute il y a progrès sur les *becerros,* mais progrès bien léger», p. 7.

O mesmo A., na sua obra *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitif [et du Portugal primitif]*, I (1903), 64 — torna a fallar das estatuas e publica desenhos de seis: da de Capelludos, das duas da Ajuda, da de Vianna, da de Vizella e da de Fafe.

Rocha Peixoto, na *Portugalia,* I (1899–1903), 832, dá noticia d-«O Basto», de que publica uma gravura, e allude a todas as estatuas conhecidas, menos á de Britello, que lhe escapou.

Como se vê, a bibliographia scientifica das estatuas é já bastante extensa. Poderei juntar-lhe a menção de um artigo litterario (conto) publicado nas *Novidades* de 11 de Fevereiro 1904 pelo Sr. Conde de Bertiandos: intitula-se *O Pateo das mortes*, e refere-se á estatua de Vianna.

Fig. 23.ª — Estatua de Montalegre

Essa abundancia de informações e noticias dispensa-me de tornar a descrever aqui minuciosamente todas as estatuas. Basta pois, para o meu intento, apresentar algumas indicações summarias, e as gravuras dos monumentos que ainda existem.

1–2. Estatuas de Montalegre.

Uma d'ellas tem de altura $2^{m},50$; outra $2^{m},10$. Os guerreiros estão representados de cabeça descoberta, com as

pernas cortadas a baixo do joelho, e fixas numa base, vestidos de tunica cingida ao corpo por um cinturão, uma serie de xorcas nos braços, e uma xorca (?) no pescoço, segurando as mãos um escudo redondo, e vendo-se pen-

Fig. 24.ª — Estatua de Vianna

dente á direita, sobre a coxa, um punhal. Vid. figs. 22.ª e 23.ª extrahidas d-*O Arch. Port.*, VIII, 4–5.

3. Estatua de Vianna.

A estatua de Vianna appareceu em S. Paio de Meixedo, ao pé de um outeiro em que havia varias antiguidades [1].

[1] Vid. *O Occidente*, IX, 246.

Falta-lhe já a cabeça primitiva; a que tem actualmente não lhe pertence [1]. Altura da estatua, sem a cabeça: 1^{m},83. O guerreiro, como nas de Montalegre, está de tunica e com as pernas cortadas a baixo do joelho; estas encaixam numa base, em cuja superficie anterior se vê esculpido um busto [2]. No peito ha ramagens dispostas symetricamente, as quaes, no meu entender, são contemporaneas da cabeça postiça. A tunica está cingida ao corpo por um cinturão, em que se destacam tres fivelas, uma atrás, e cada uma das outras aos lados; o cinturão mede 0^{m},09 de largura. O braço esquerdo está falhado, tanto em cima, como no antebraço; a mão esquerda segura um escudo oval [3], que adeante encobre o cinturão, e se prende ao antebraço por duas fitas cruzadas que representam as embraçadeiras; este escudo tem de diametro vertical 0^{m},44, e de diametro horizontal 0^{m},38. O braço direito está em flexão, e a mão agarra um punhal de uns 0^{m},40 de comprimento, e de uns 0^{m},075 de largura maxima; na mão percebem-se tres dedos completos (medio, anular e index) e parte do indicador, estando esmurrado o pollegar; o respectivo punho apresenta uma pulseira de 0^{m},03 de largura. Vid. a fig. 24.ª, extrahida da *Historia do Exercito,* de Christovam Aires, I, 256. A mais notavel particularidade d'esta estatua, e que a distingue de todas as outras de Portugal, é conter uma inscripção, gravada, em parte, nas abas da tunica ou gibão, em parte, nas pernas. Quando a estatua ainda estava em Vianna, tive occasião de examinar com algum vagar a inscripção; dou aqui o resultado do meu exame. Infelizmente não cheguei a conclusões positivas, porque

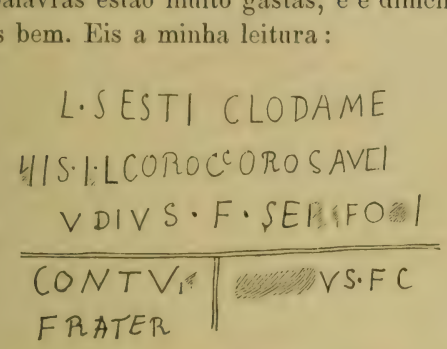
---

[1] Como se disse a cima, a cabeça foi accrescentada modernamente á estatua, e a superficie do escudo foi modificada de modo que se tornasse escudo de brasão.

[2] Resta saber se esta base pertencia originariamente á estatua, ou se, embora sendo antiga, como é, lhe foi applicada em tempos modernos, para a manter em posição vertical.

[3] Vid. nota 1.

algumas palavras estão muito gastas, e é difficil ou impossivel lê-las bem. Eis a minha leitura:



As tres primeiras linhas estão gravadas nas abas do gibão. As duas meias linhas de baixo, á esquerda, estão gravadas na perna direita. A ultima, á direita, está gravada na perna esquerda.

Discussão do texto:

Lin. 1. Não apresenta nenhuma difficuldade.

Lin. 2. A 1.ª letra será N, como diz Hübner, mas está falha. — A 4.ª letra não é F, como diz Hübner, pois não tem córte ao meio, nem angulo em cima. O ponto que se lhe segue é isolado, e está á altura do ponto anterior. Mais parece essa letra ser L, posto que a haste horizontal não seja bem clara; a ser L, desce um pouco a baixo do L seguinte (opto mais porque seja L, do que por que seja I). — A 11.ª lettra (C), sobe um pouco a cima do C anterior. A 15.ª letra tem aspecto de G. A 18.ª letra, ou penultima da linha, será C.

Lin. 3. Antes de VDIVS não vejo letras nenhumas, nem creio que lá as houvesse, pelo que estas lettras mal podem constituir corpo com as letras anteriores, do que resultaria de mais a mais uma palavra demasiado comprida; formarão só por si uma palavra derivada de udus «umido», «molhado» (assim se confirmaria acaso a leitura **Udia*, dada hypotheticamente no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 893). Depois de SE cabiam duas letras, ou uma grande, mas só distingo o que indico, porque a pedra está comida ahi. Segue-se F e O. Adeante só distingo uma haste vertical, que fecha a linha. Entre esta haste e o O anterior cabia uma letra, mas não distingo nada.

Lin. 4. Adeante do V, no fim da palavra que constitue a primeira metade da linha, ha uma haste vertical. No principio da

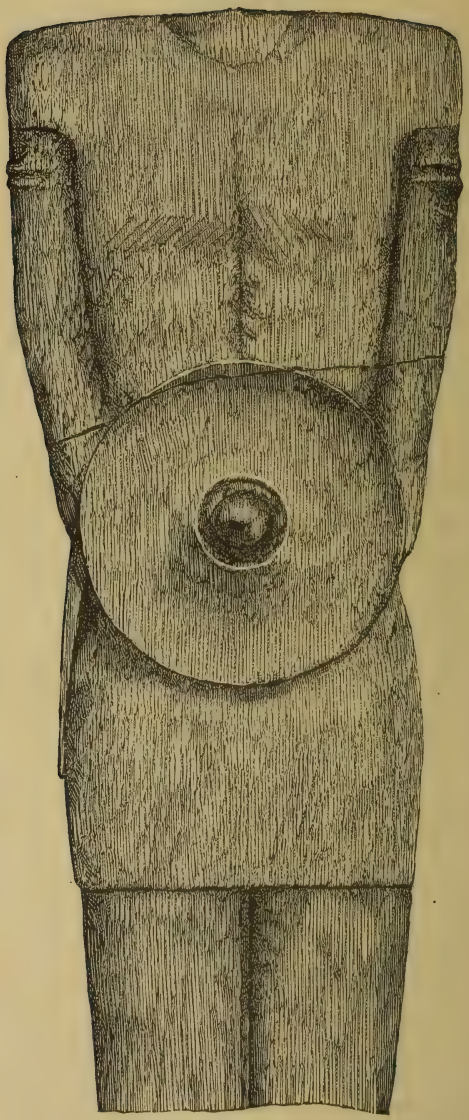


Fig. 25-*a* (de frente) — Estatua proveniente de Santo Ovidio de Fafe

segunda metade da linha a pedra está lascada; afigura-se-me que se lê ahi [illegible] (digo isto porém com dúvida). As letras que se seguem são claras; só entre o V e o S parece, ao primeiro aspecto, que ha I, mas o tacto mostra que o que poderia tomar-se por letra é depressão do granito.

Lin. 5. A leitura é clara.

Apesar do que digo, não me afoito a apresentar do texto leitura corrente. Apenas notarei que do conjunto da inscripção resulta que alli, onde estava primitivamente o monumento, era a sepultura de *Lucius Sestius Clodamenis,* liberto (?) de *Lucius Coroccorogaucus,* e que parece que um seu *contubernalis* «companheiro de armas» e um seu irmão mandaram fazer «F(*aciendum*) C(*urauerunt*)» a obra em honra da memoria d'elle. Póde ser que algum leitor se choque com a aspereza do nome *Coroccorogaucus;* esse tal remetto-o para o vol. II, p. 89, onde cito os AA. classicos que se referiram a asperezas da mesma especie. O estar em genetivo o nome da pessoa a quem a inscripção se refere, mostra que esta era funeraria, e não honorifica. Cf. § 9–10.

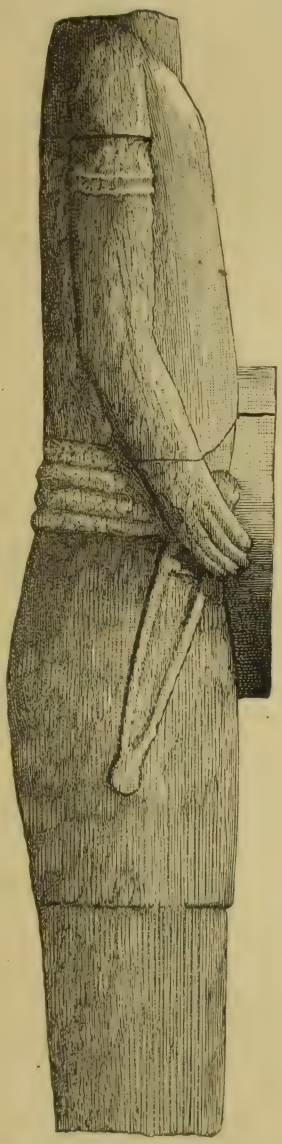


Fig. 25-*b* (de lado) — Estatua proveniente de S. Ovidio de Fafe

4. **Estatua proveniente de Santo Ovidio de Fafe.**

Tem de altura 1^{m},70 e de

largura nos ombros 0^{m},68; e está bastante mutilada e sem cabeça. O guerreiro, representado com as pernas partidas, veste tunica, apertada por um cinturão de quatro dobras. Na parte superior de cada braço ostenta duas xorcas. Com a mão esquerda segura um escudo redondo e concavo, de 0^{m},50 de diametro, e com a mão direita um punhal embainhado. Esta estatua foi encontrada perto do monte de Santo Ovidio, onde ainda existem vestigios de um *oppidum*. — Vid. a fig. 25.ª extrahida d-*O Arch. Port.*, II, 30.

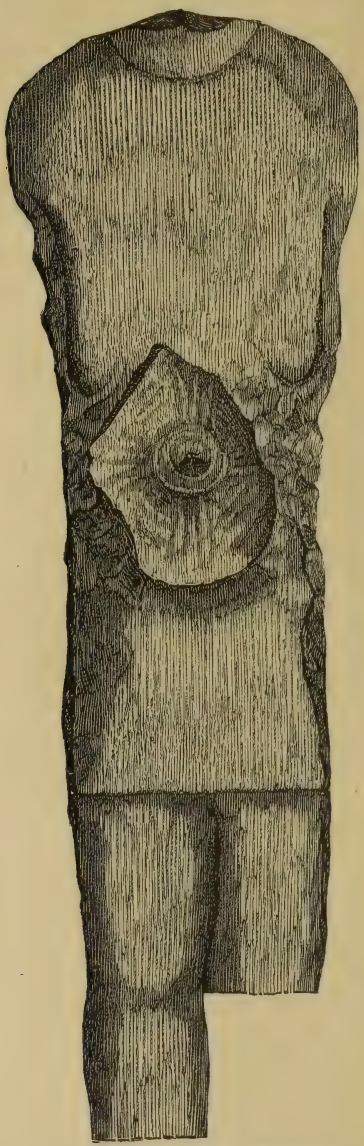


Fig. 26.ª — Estatua proveniente de S. Jorge de Vizella

5. **Estatua proveniente de S. Jorge de Vizella.**

Tem de altura 1^{m},72; de largura nos ombros 0^{m},53. Está ainda mais mutilada do que a precedente, e tambem descabeçada, mas é-lhe sensivelmente semelhante. Vid. a fig. 26.ª, extrahida d-*O Arch. Port.*, II, 31.

6. **Estatua proveniente de Capelludos.**

Foi encontrada num campo, ao pé da povoação de Capelludos, concelho de Villa Pouca de Aguiar, nas fraldas do monte do *Crasto*,

onde ha os restos das muralhas de um antigo *oppidum*.

Esta estatua distingue-se das congeneres em o guerreiro estar representado com capacete na cabeça (capacete conico). N-*O Arch. Port.*, VII, 23–26, onde descrevi a estatua, disse eu que á figura faltavam «já os membros inferiores»; mas agora, em virtude de novo exame a que procedi, notarei que estou convencido que nunca os teve, e que ella foi primitivamente talhada pelo abdomen, vindo assim a ficar até certo ponto equiparada ás outras, a que falta parte dos membros inferiores. O guerreiro sustenta com a mão esquerda um escudo redondo de 0m,34 de diametro, e agarra com a direita o cabo informe de um punhal. É provavel que o artifice quisesse representar vestido de tunica o guerreiro, visto que o armou, e lhe pôs capacete na cabeça; comtudo a rudeza da obra é tal, que não póde isso averiguar-se. Vid. fig. 27.ª, extrahida d-*O Arch. Port.*, VII, 24.

Fig. 27.ª — Estatua de Capellinhos (no Museu Ethnologico Português)

7. Estatua de Refojos de Basto ou «o Basto».

Está sobre uma ponte á entrada da praça de Refojos de Basto, capital do concelho de Cabeceiras de Basto.

Não ha duvida que é um monumento do typo dos que tenho estudado até aqui, pois a figura veste tunica, cingida por um cinturão, e segura com a mão esquerda um escudo redondo, e com a direita um punhal; ostenta xor-

cas, ao que parece, nos dois braços, e tem as pernas cortadas: vid. a fig. 27.ª–*bis*. Nos sec. XVII e XVIII a estátua foi transformada em figura de guerreiro, para o que a proveram de cabeça, bigodes, barretina e pés; alem d'isso gravaram-lhe no peito e escudo uma inscripção portuguesa que diz (com allusão ao local da estatua): *ponte de S. Miguel de Refoyos de Basto, 1612.* «A transformação da es-»tatua de Basto na burlesca figura.. »explica-se por um motivo semelhante »ao que determinou a falsificação da de »Vianna: nesta pretendeu-se represen-»tar um antigo ascendente de familia; »na de Basto o vetusto symbolo local. »Effectivamente a tradição diz que em »tempos chegára a Cabeceiras um guer-»reiro temeroso, o qual parando no »pontilhão proximo da antiga alameda, »dissera: *Até aqui* BASTO *eu!* Signifi-»cava d'est'arte que não carecia de au-»xilio para se defender dos seus perse-»guidores. D'ahi o nome de *Basto* á »terra, e o seu symbolo eponymo figu-»rado na esculptura lusitana, ulterior-»mente aformoseada sob os dictames »da esthetica municipal» [1]. Esta lenda, ao mesmo tempo iconographica e etymologica, mostra-nos que a imaginação do povo do Minho se applicou ao seu monumento marcial, como a do de Trás-os-Montes aos berrões. N-*O Archeologo Português,* VI, 33, n. 4, me referi a outras figuras de pedra portuguesas, de caracter eponymico; cf. tambem o que escrevi a cima,

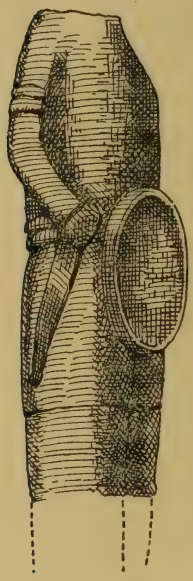


Fig. 27.ª–*bis*

[1] Vid. R. Peixoto na *Portugalia,* I, 833, onde vem duas estampas da estátua, e d'onde tambem extrahi as informações que precedem nesta página a transcripção feita entre comas. A figura agora publicada é deduzida de uma das referidas estampas: supprimi os elementos adventicios, e deixei só a parte antiga.

p. 17, nota 1. Lendas etymologicas não faltam por esse país fóra [1].

8. **Estatua achada em S. Martinho de Britello.**

Fallando de Britello, freguesia em que ha um sitio chamado *Cidadella*, junto a Lindoso, concelho da Ponte da Barca, diz J. A. Almeida:

«Na Veiga do Vão da Lage estava uma figura de pedra »sem cabeça, nem mãos, nem pés, que passárão para junto »da capella do Rosario, e tinha um escudo no peito. »Quando querião chuva, ião os moradores, cantando a la»dainha, e a punhão de bruços; no prestito devião ir tres »Marias virgens. Querendo sol, a punhão de costas. Tirou »este abuso o abbade Antonio Toscano de Lima» [2].

D'esta curta noticia vê-se que tinhamos em Britello uma estatua analoga ás de que se fallou antecedentemente, e tambem provida de mysterio [3]. Pena foi que o respectivo parocho, ao que se suppõe, destruisse o interessante monumento.

9–10. **Estatuas gallegas.**

As duas estatuas gallegas tambem já não existem, ou pelo menos não se sabe d'ellas.

Uma estava nos principios do sec. XVIII perto do mos-

---

[1] A de Algôs (Algarve), por exemplo, é um tanto semelhante á de Basto: «Certo rei de Castella, vindo a correr terras de Mouros »algarvios, passou junto d'esta povoação. Os cavalleiros do sequito »real lembraram-lhe o ataque á villa, que na sua orgulhosa opinião »*não era nada*. El-rei respondeu logo: — *Algo és*» (e d'aqui o nome de *Algôs*). Vid. Ataide Oliveira, *Monographia do Algôs*, p. 111 (e cf. p. 71). — Ás lendas de Crescido, ao pé de Castro-Daire, e Briteande, ao pé de Lamego, alludi nos *Ensaios Ethnographicos*, III, 176.

[2] *Diccionario abreviado de Chorographia*, vol. I (1866), p. 191. — Cf. tambem Dr. Figueiredo da Guerra in *Pero Gallego*, no artigo que citei a cima, na bibliographia.

[3] A superstição annexa a esta estatua não é unica no seu genero. Cf. *Trad. Pop. de Port.*, § 130, e *Ensaios Ethnogr.*, III, 153.

teiro de Celanova e de Araujo: «figura de hombre de piedra, desnudos los braços, con un sayo largo hasta mas arriba quatro dedos de las rodillas, ceñido con una cinta gravada, desnudas las piernas; en las manos tiene una rodela ó escudo redondo con una punta en medio, con el siguiente letrero: ADRONO || VEROTI · F »[1]. Esta inscripção significa: *A Adrono, filho de Veroto.* A palavra *Adronus* lê-se tambem numa inscripção encontrada em Braga[2], portanto na mesma região a que pertence a estatua; esta palavra é dada como celtica no *Thesouro* de Holder, s. v. A inscripção, só por si, tanto poderia parecer mortuaria, como honorifica, pois que lhe faltam certas fórmulas que se encontram muitas vezes nos epitaphios; mas, alem de taes formulas não serem essenciaes para darem caracter sepulcral a um letreiro[3], depõe contra o caracter exclusivamente honorifico o terem todas as estatuas o mesmo aspecto, o que mostra que ellas se filiam num uso tradicional, que só como rito funerario se explica bem. Em todo o caso é manifesto que, por serem guerreiros todos os individuos representados nas estatuas, se lhes quis tributar certa honra, embora esta fosse funebre.

A outra estatua gallega, reduzida porém a um fragmento, estava junto de Villar de Barrio, a quatro leguas de Orense, servindo de marco divisorio das freguesias de Santa Maria de Bobeda e de S. Miguel de Padreda; foi enviado um desenho d'ella em 1837 á Academia de Madrid[4].

---

1 Castella Ferrer, *Historia de Santiago*, f. 159 *v*, — apud *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2519. Cf. *Noticias archeologicas de Portugal*, de Hübner, p. 108.

2 Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2430.

3 Eis varias inscripções funerarias de laconismo analogo: — Q VIIND || IRICVS || AGII DI F || no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5747; C · VIBIVS · ALBANVS || MARCIA · M · F · QVINTA || *ib.*, II, 600; LONCE || IA · PRO || CVLI · F || *ib.*, II, 631; SABINA SABINE (= SABIN̄ · F) *ib.* 635; P || TREBIUS || C · F || *ib.* 715.

4 Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2519, e *Noticias archeologicas de Portugal*, p. 108.

*

Não ha duvida que todos os guerreiros aqui figurados tem entre si ar de familia, já na significação, já na arte, embora uns mais toscos do que os outros; o de Capelludos é o mais grosseiro, —*l'exécution est atroce*—, como diz o Sr. P. Paris [1]; comtudo tem grande importancia archeologica, por causa do capacete.

Já n·*O Arch. Port.*, VII, 24, nota, dei algumas indicações bibliographicas a respeito d'esta fórma de capacetes em diversos povos antigos. Pelo que toca ás noticias ministradas pelos AA. classicos com relação á Lusitania, temos Diodoro Siculo que nos diz que os Lusitanos usavam de capacetes (κράνη) analogos aos dos Celtiberos [2], os quaes eram de bronze (κράνη χαλκᾶ) ornados com pennachos [3]; e temos Estrabão que nos diz que algumas raras tribus da Lusitania usavam de capacetes de tres pennachos (τριλοφίαις), e que as outras usavam de capacetes feitos de tiras ou correias (νευρίνοις κράνεσι) [4], certamente de coiro. A primeira parte d'esta noticia, que combina com a de Diodoro, não convem, evidentemente, á estatua de Capelludos [5]; mas é possivel que a segunda convenha.

No mesmo logar (III, III, 6) em que Estrabão falla dos capacetes, falla das armas, informando-nos de que o escudo dos Lusitanos era pequeno (ἀσπίδιον), e tinha de diametro dois pés, i. é, 0^{m},592 (δίπουν ἔχειν τὴν διάμετρον). Isto

---

[1] *Essai sur l'art*, I, 65.

[2] *Bibliotheca Historica*, V, 34.

[3] *Bibliotheca Historica*, V, 33.

[4] *Geographia*, III, III, 6.

[5] Parece-me importante comparar com o capacete de pennachos descrito pelos dois AA. gregos o capacete que se vê figurado nas moedas de P. Carisius (Babelon, *Monn. de la république rom.*, I, 320), e outros que se vêem em guerreiros representados em folhas de ouro achadas em Cáceres, e de que Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, est. IV, dá desenhos, sem porém notar a coincidencia que notei com os citados trechos classicos.

concorda notavelmente com o que sabemos da fórma e dimensões dos escudos representados nas estatuas, pois elles tambem são pequenos, ainda que uns maiores que os outros [1]. O que o geographo accrescenta, isto é, que o escudo se suspendia por correias, e não tinha embraçadeira, nem asa, é que não concorda de todo, pois a cima vimos que pelo menos o escudo da estatua de Vianna tinha embraçadeira; mas póde haver aqui uma differença proveniente de um costume local. Tambem não falta em Estrabão a menção do punhal curto que vimos nas estatuas: παραξιφίς [2].

Outra particularidade commum a algumas das estatuas são as xorcas. D'ellas me occupei n-*O Arch. Port.*, II, 23, e para lá remetto o leitor.

Povo guerreiro como era o dos Lusitanos [3], não admira que ainda depois da morte esta feição se assinalasse nas estatuas que se erigiam religiosamente sobre os seus tumulos. Da natureza funeraria d'estas estatuas não se duvidará, depois do que se disse nos §§ 3 e 9–10. O Sr. Pierre Paris tambem é de parecer que as estatuas representam mortos, como primeiro propôs Hübner [4]. Diz o illustre archeologo francês: «Ce qui contribue fort à l'éta»blir, c'est que tous ces guerriers sont uniformement cou»pés au-dessus du genou [o de Capelludos é, como vimos, »talhado mais a cima; é propriamente busto] .. il faut se »rappeler qu'en Orient, en Grèce en particulier, les divi»nités chthoniennes et funéraires étaient souvent repré»sentées sous forme de bustes coupés nettement à la taille, »comme si elles étaient encore engagées par la moitié in-

---

[1] Nas moedas de P. Carisius, de que fallei na nota 5 de p. 59, vêem-se figuradas armas e armaduras hispanicas, e entre ellas um escudo redondo: Babelon, *Monnaies de la république romaine*, I, 318. Escudos redondos se vêem tambem nos guerreiros figurados nas folhas de ouro a que me referi na citada nota.

[2] *Geographia*, III, III, 6.

[3] Cf. esta obra, vol. II, p. 95.

[4] *Noticias archeologicas de Portugal*, p. 107; cf. *Monumenta linguae Ibericae*, p. CXVI-CXVII.

»férieure de leur être dans la terre qu'elles symbolisaient. »C'est quelque idée religieuse de ce genre qui a guidé les »sculpteurs ibériques, et dont nous avons sans doute un »exemple manifeste dans le célèbre buste d'Elche au Mu»sée du Louvre» [1]. Em virtude d'isto a estatua de Capelludos, talhada, como está, pela cintura, adquire ainda maior importancia archeologica, apesar da sua barbárie artistica, que tanto impressionou o Sr. Pierre Paris. Aos factos ethnographicos indicados por elle accrescentarei outros que confirmam o caracter funerario attribuido ás estatuas. Muitos povos, diz o Conde Goblet d'Alviella, crêem que as almas dos defuntos passam de preferencia para as estatuas ou retratos feitos á imagem d'elles [2]. O mesmo autor cita exemplos de estatuas collocadas nos tumulos [3], e de honras prestadas ás effigies dos mortos [4]. Na *Mélusine,* IV, 48, falla-se tambem de estatuas funerarias da Nova Guiné, conservadas hoje no Museu de Dresden; e no *Smithsonian Report,* 1888, p. 352, falla-se de estatuas funerarias de Alasca.

Comquanto as estatuas dos guerreiros lusitanos, pelo menos as que tem inscripções latinas, provenham da epoca romana (Hübner suppõe do sec. I da E. C. a de Vianna, a julgar dos caracteres paleographicos da inscripção [5]), todavia, como eu disse n-*O Arch. Port.,* II, 23, e o Sr. Pierre Paris confirmou *ibidem,* VIII, 7, ellas, na sua origem, ascendem aos tempos proto-historicos, o que se vê, quer do typo, quer de terem apparecido em castros ou perto.

Claro está que de serem as estatuas marciaes os monumentos que mais tem chamado a attenção dos archeologos, não se segue que fossem os guerreiros os unicos individuos commemorados com estatuas depois da morte. De certo os

---

[1] In *Arch. Port.,* VIII, 6-7.

[2] *L'idée de Dieu,* p. 123.

[3] *Ibid.*, p. 123; e cf. p. 124.

[4] *Ibid.*, p. 140.

[5] *Noticias archeologicas de Portugal,* p. 107.

Lusitanos commemoravam de modo analogo o obito de outros individuos: é assim que tambem haveria estatuas de *paisanos,* que teriam a mesma significação; não está porém ainda o assunto sufficientemente estudado para que eu possa insistir nelle. Do mesmo modo haveria talvez estatuas militares de outros typos, conforme as regiões,— pois que cada terra tem seu uso.

H) Outros monumentos funerarios

Tanto no Norte e Sul do país, como no Centro, se encontram monumentos funerarios com fórmas e emblemas especiaes, cuja menção poderia ter logar neste capitulo, porque em parte se relacionam com costumes pre-romanos: por exemplo, as sepulturas cupiformes e as estelas em que se vê esculpido o suastica e outras figuras.

Como, porém, ás vezes é difficil ou impossivel dizer onde termina a ethnographia protohistorica e começa a influencia romana, e como, por outro lado, taes monumentos estiveram em pleno uso nos tempos historicos, fallarei d'elles desenvolvidamente na Parte III da presente obra.

SECÇÃO II

Diversos actos religiosos e fórmas cultuaes

Nesta secção, como se ponderou no vol. II, p. 99, expor-se-hão alguns factos de ordem ritual, que, pelo seu caracter avulso, não teriam facilmente cabimento na secção anterior.

I. Sacrificios, sacerdotes, agouros (e sonhos)

Na *Geographia* de Estrabão, III, III, 6, lê-se o seguinte importante trecho a respeito dos Lusitanos do Norte do Tejo:

«Os Lusitanos são propensos a fazer sacrificios, e exa»minam as visceras [das victimas], sem as dissecarem;

»além d'isso inspeccionam as veias dos lados do tronco, e »tiram tambem presagios tocando-as. Predizem outrosim »o futuro pela observação das entranhas dos prisioneiros, »cobrindo-os com saios: o primeiro indicio dá-o logo a »quéda do corpo, quando este cae com o golpe do harus»pice. Cortam as dextras dos cativos e constituem com »ellas offerendas religiosas».

E em III, III, 7:

«Sacrificam um bode a Ares, e os prisioneiros e caval»los. E de cada especie de victimas fazem hecatombes, »como os Gregos».

Em especial a respeito dos *Gallaeci* diz Silio Italico, *Punic.*, III, 344–345, ao ennumerar as tropas que obedeciam aos Carthagineses:

> Fibrarum et pennae divinarumque sagacem
> Flammarum misit dives Callaecia pubem [1].

Dos tres passos que ficam transcritos vê-se que os Lusitanos:

1) faziam sacrificios de animaes e sacrificios humanos, e offereciam aos deuses a mão direita dos cativos;
2) tinham haruspices;
3) e acreditavam em agouros de tres especies:
   a) agouro tirado da inspecção das visceras e das veias, da palpação das mesmas veias, e da observação da quéda dos cadaveres,—o que tudo póde entrar na classe de adivinhação que se chama em latim *extispicium;*

---

[1] Cf., quanto á fórma, os seguintes versos de Vergilio, *Eneida*, x, 175–176 (ed. de Julio Moreira):

> ..... ille hominum divumque interpres Asilas,
> Cui pecudum fibrae, caeli cui sidera parent
> Et linguae volucrum et praesagi fulminis ignes.

Já na presente obra, vol. II, pp. 225–226, citei outros versos de Silio Italico com reminiscencias do seu modelo Vergilio.

b) ὀρνιθομαντεία «ornithomancia», agouro tirado das aves;

c) πυρομαντεία «pyromancia», agouro tirado das chammas.

Factos analogos a estes são muito conhecidos nas religiões de outros povos, e escuso pois de insistir nelles [1]. Apenas farei algumas notas.

A primeira especie de sacrificios de que falla Estrabão era de animaes, o que se deduz do trecho subsequente, onde o geographo, ao mencionar os prisioneiros, como que estabelece contraste com o que havia dito antes. O sacrificar prisioneiros em vez de meros innocentes ou de pes-

---

[1] O proprio Estrabão menciona, por exemplo, sacrificios humanos nos Gallos, IV, v, 5; nos Cimbros, VII, II, 3 sqq.; nos Albanos, XI, IV, 7: e tambem esses sacrificios davam por vezes origem a vaticinios, como nos Lusitanos, deduzidos quer da inspecção das visceras, quer da quéda dos cadaveres. Sobre os sacrificios humanos nos povos antigos, vid. Réville, *Prolégomènes de l'Histoire des Religions,* Paris 1886, p. 184 sqq.; et D'Arbois de Jubainville, *Les Druides,* Paris 1906, pp. 63-64, 80, 101 (falla especialmente dos Celtas); cf. um artigo do ultimo d'estes AA. na revista intitulada *Nouvelle Histoire de Droit,* 1898, n.º 3.

Agoureiros que inspeccionam as aves e as victimas na Gallia: Diodoro Siculo, *Bibl. Hist,* v, 31, § 3 (Didot, t. I, p. 272). Camille Jullian trata do assunto em artigo especial na *Rev. des Ét. Anc.*, IV, 115 sqq. Fallando de Dido, diz Vergilio, *Eneida,* IV, 63-64 (ed. de Julio Moreira):

> ..... pecudumque reclusis
> Pectoribus inhians spirantia consulit exta.

Com relação a povos selvagens citarei o seguinte. No reino de Gôrage, Costa Oriental de Africa, adivinha-se o futuro nas entranhas das victimas: Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental,* IV-I. No Monomotapa, Africa Oriental, «tambem para suas adivinhações matam frangos e ratos e olham as tripas, e pelo vazio e cheio d'ellas julgam, e na agua, e com outros instrumentos» (sec. XVI-XVII): apud Paiva e Pona, *Dos Primeiros Trabalhos dos Portugueses no Monomotapa,* 1892, p. 86. Em Huilla (Angola) adivinha-se o futuro pelas convulsões de uma gallinha moribunda: Capello & Ivens, *De*

soas queridas constitue phase especial na evolução dos sacrificios. As mãos que se cortavam aos prisioneiros eram provavelmente postas nos santuarios. Do sacrificio a Ares (nome que encobre o de um deus indigena da guerra), e do sacrificio de cavallos, fallei no vol. II, p. 305.

O haruspice, ou agoureiro, no texto de Estrabão ἱεροσκόπος, era provavelmente um modesto sacerdote, cuja importancia não póde, nem de longe, comparar-se á do *haruspex* romano. Assim como na Italia havia um povo, os Etruscos, que tinham fama especial de adivinhos, assim tambem na Lusitania, a julgar do citado texto de Silio Italico, parece que eram insignes nisso os *Gallaeci*[1]. — Já no decurso d'esta obra se deduziu a existencia de outros sacerdotes rudimentares, quer nos tempos protohistoricos, quer nos prehistoricos: vid. vol. I, p. 396; vol. II, p. 144. E muitos mais deviam existir, por isso que existiam tantos cultos locaes; mas faltam-nos noticias. Apesar do que sabemos da existencia dos Celtas na Lusitania, e em geral na Iberia, não se conhecem na Peninsula vesti-

---

Angola á Contra-Costa, p. 166. Os Gallas, Africa Oriental, consultam as entranhas das cabras para saberem o futuro: Ratzel, *Las Razas Humanas*, I, 282. O *pomaleiro*, auctoridade que tem o seu *quid* divino nos selvagens de Timor, abre um cão e observa-lhe o baço, e conforme este tem manchas ou está limpo, assim ficam sabendo se os guerreiros por quem se tira o agouro serão felizes ou infelizes no combate: *Diario do Governo* de 14 de Outubro de 1895, p. 2774, col. 3.ª Os povos da mesma ilha matam tambem porcos, cujas entranhas examinam antes de irem para a guerra: *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 1883, p. 476. — Sobre o *extispicium* na America vid. Réville, *Relig. du Mex. et de l'Amér. Centr.*, pp. 299-300.

Dos agouros a que se allude na epopeia castelhana (idade media) trata Menéndez Pidal, *La Leyenda de los Infantes de Lara*, Madrid 1896, pp. 8-9 (nota), o qual cita tambem alguns livros que se occupam do assunto com relação ao Sul da França.

[1] Sobre outros povos celebres na antiguidade como adivinhos, vid. Bouché-Leclercq, *Hist. de la divination*, II, 56 (Cyprios), 72 (Acarnanios), etc.

gios de druidismo [1]. Nada tambem consta a respeito de sacerdotisas na Lusitania [2].

É pena que a respeito da ornithomancia e pyromancia nos *Gallaeci* o texto de Silio Italico seja tão curto, pois, como de uma e de outra adivinhação existiam, na antiguidade em geral, varias especies (quanto ás aves, — agouros tirados do vôo, da voz, etc. [3]; quanto ás chammas, — agouros tirados do brilho e do movimento [4]), ficamos aqui sem saber particularidades.

Da interpretação dos sonhos no santuario de Endovellico fallei no vol. II, p. 142. A crença em sonhos parece ter sido corrente na Peninsula, a julgar de varios factos, como *ex visu* numa dedicatoria á deusa gallega *Verora,* de que fallei no vol. II, p. 343, e o sonho de Sertorio em Plutarcho, *Vida de Sertorio,* § 20 (se elle annuncia o seu sonho aos barbaros, é que estes acreditavam em sonhos).

II. Estatuetas de fórma humana

Vou fallar de algumas que existem em varios museus do Sul de Portugal.

Nas fig. 28.ª e 29.ª representam-se duas que pertencem respectivamente ao Museu Ethnologico e á Bibliotheca Nacional de Lisboa: aquella comprei-a na loja de um an-

---

[1] Cf. tambem D'Arbois de Jubainville: «On n'a pas trouvé de preuve que les Celtes continentaux l'aient porté [o druidismo] avec eux dans leurs migrations», — *Cours de littérat. celtique,* t. I, p. 113.

[2] Em Clunia, porém, que, segundo diz Plinio, ficava nos Arevacos e no extremo da Celtiberia (*Nat. Hist.,* III, § 27, — ed. de Detlefsen), havia uma *fatidica puella,* que duzentos annos antes de Galba tinha feito uma prophecia, cujo texto se conservava no templo de Juppiter Cluniense no sec. I da E. C.: vid. Suetonio, *Galba,* cap. IX. Adivinhadeiras analogas havia-as nos Germanos (*plerasque feminarum fatidicas,* — Tacito, *Annal.,* IV, 61). Sobre o papel das mulheres na adivinhação entre os Celtas, vid. D'Arbois de Jubainville, *Cours de littérat. celt.,* VI, 92 sqq.

[3] Vid. Bouché-Leclercq, *Hist. de la divination,* I, 136.

[4] Bouché-Leclercq, *ob. cit.,* I, 179.

tiquario da capital; esta pertence ao antigo nucleo da Bibliotheca. Ignoro a procedencia de uma e de outra; mas foram provavelmente encontradas em Portugal. A que tem o n.º 28 é a mais tosca das duas: embora o artista quisesse talvez figurá-la vestida, ella parece nua; os pés indivisos constituem mera saliencia com relação ao resto da

Fig. 28.ª — (No Museu Ethnologico Português)

Fig. 29.ª — (Na Bibliotheca Nacional de Lisboa)

Fig. 30.ª — (Na Bibl. Nacional de Lisboa)

figura, perfilada e hirta; os braços estão indistinctos. A que tem o n.º 28, comquanto do mesmo estylo, manifesta outro apuro: com capuz na cabeça, manto até os pés, ou hábito talar, descaindo uma dobra do ombro direito para a cinta; os pés porém tambem indivisos, e dispostos como na figura antecedente; braços indistinctos.

A estatueta representada na fig. 30.ª é ainda mais tosca que a da fig. 29.ª: os pés, mal indicados, assemelham-se aos das outras figuras; a cabeça sabe-se que o é, apenas por estar separada do tronco por um sulco (pescoço); tronco e pernas formam um todo. Pertence ao nucleo antigo da Bibliotheca Nacional; ignoro a sua procedencia.

A estatueta que tem o n.º 31 é de outro estylo: o artista representou nella uma figura nua do sexo masculino; a cabeça é conica, e o nariz fórma, por assim dizer, um prolongamento da testa; o pescoço grosso e grande, olhos, orelhas e bôca apenas se adivinham; os braços levantados; as pernas curtas e bem separadas entre si. Pertence á Bibliotheca Nacional, e foi encontrada em Alcacer do Sal.

Fig. 31.ª — (De Alcacer do Sal. Hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa)

Já nos livros de S. Reinach [1], Cartailhac [2] e P. Paris [3] figuram estatuetas analogas á da fig. 31.ª Tambem a cima, p. 13–14, me referi a Alcacer. Muitas estatuetas analogas se encontram na Hespanha, como se póde ver num artigo de Mélida [4] e na citada obra de P. Paris [5]. Cf. tambem algumas encontradas no *Forum* romano, «del tipo fenicio derivado dall' egizio» [6]. Na impossibilidade de dizer se ellas são religiosas ou não, embora pareçam idolos ou ex-votos, não insisto no assunto.

---

1 *La Sculpture en Europe,* Angers 1896, p. 82.

2 *Les Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* p. 300.

3 *Essai sur l'Art et l'Industrie,* t. II, p. 158.

4 In *Revista de Archivos, Bibl. y Museos,* I, 145.

5 T. II, pp. 153–196.

6 *Notizie degli Scavi,* 1899, pp. 154–159.

Quanto á data, o Sr. Reinach, fallando de figuras semelhantes que tem os braços levantados, *gesto inexpressivo,* attribue-as á 1.ª idade do ferro [1]. É possivel que as nossas o sejam da 2.ª idade, a julgar das espadas de ferro e dos vasos da necropole de Alcacer do Sal: vid. supra p. 13. De haver num país certos objectos pertencentes a determinado seculo, não se conclue que objectos analogos que haja noutro país pertençam ao mesmo seculo. A archeologia nem sempre é synchronica. A Lusitania, principalmente, devia ficar muitas vezes em atraso, por causa da sua situação num extremo do orbe.

III. Divindades sem idolos nos Callaicos

Segundo alguns autores antigos, a que Estrabão se refere na sua *Geographia,* os Callaicos eram atheus [2].

Na *Revista Lusitana,* II, 346, procurei refutar esta affirmação, citando varios nomes de deuses que pelas incripções sabemos que eram adorados na *Callaecia* ou *Gallaecia,* taes como *Aernus, Bormanicus, Brigus, Coronus, Duberdicus, Edovius, Nabia, Tameobrigus* e outros [3], e propondo que em vez de *povos atheus* se entendesse *povos sem idolos;* em apoio d'esta explicação lembrei que θεός, se significa «deus», tambem significa «estatua de divindade» ou «idolo» [4], e que nós hoje, na nossa propria linguagem, chamamos frequentemente *santos* ás *imagens* dos santos. Comprehende-se pois, accrescentei eu, que, dizendo-se na informação primitiva, aproveitada por Estrabão, que os *Gallaeci* ou Callaicos não tinham idolos, viessem por fim a confundir-se, tendo ella passado de mão em mão, as duas noções, aliás distinctas, de *idolos* e *deuses.*

---

[1] *La Sculpture en Europe,* p. 81.

[2] Liv. III, cap. IV, § 16: ἔνιοι δὲ τοὺς Καλλαϊκοὺς ἀθέους φασί.

[3] Cf. *Religiões da Lusitania,* II, 338, 266, 327, 331, 329, 342, 277, 319.

[4] Cf. em Esopo, *Fabulas,* a que começa assim: ἄνθρωπός τις ξύλινον ἔχων θεόν, á letra «um sujeito, que tinha um deus de madeira» (i. é, a imagem de um deus).

No meu artigo citei outras tentativas, com que me não conformei, de Fernandes Guerra [1], Eduardo Hinojosa [2], Martins Sarmento [3], e Adolfo Coelho [4]. Não citei, porém, o que faço agora, o trecho de um trabalho português do sec. XVIII, em que já vem a mesma explicação que dei na *Revista Lusitana*. Encontra-se este trecho na *Collecção dos Doc. e Mem. da Academia da Historia Portuguesa,* anno de 1733, 2.ª parte (= t. XIII da collecção), n.º 16, pp. 18–19, em uma conferencia de Martinho de Mendoça de Pina, realizada em 30 de Julho do referido anno. Ei-lo na integra:

«A religião dos Schytas (*sic*) consistia em não ter templos, »nem estatuas, aonde se adorassem as falsas divindades; »e por este motivo eraõ reputados dos idolatras, de quem »Santo Epifanio imitou a fraze, por atheos, da mesma »sorte que os primeiros christãos, de quem o affirma Santo »Justino, nas seguintes palavras da 2.ª Apologia: *Tam-»bem somos chamados atheos, e confessamos não ser deos »d'estes que as leys romanas authorizaõ, por ser o nosso »deos summa verdade,* &c. Muito bem mostrou João Luis »Fabricio, no *Apologetico do genero humano,* que este »nunca chegou a tal extremo de barbaridade, que perdesse »a idéa de Deos, nem houvesse nação, ou povo, que total-»mente fosse atheo; e assim quando Strabo refere, »que muitos dizem ser atheos os povos Callai-»cos de Hespanha, se deve entender, que não »tinhão templos, nem idolos».

Martinho de Mendoça não é bem explicito, se a observação é d'elle ou do Fabricio que cita, — e a mim falta-me tempo para o verificar —; em todo o caso fica patente que a originalidade da explicação do passo estraboniano me não pertence, embora eu o interpretasse sem ter presente o artigo de Martinho de Mendoça.

---

[1] In *La Ciencia cristiana,* Abril de 1877, p. 24.

[2] *Hist. del derecho español,* I, 80.

[3] In *Renascença,* p. 122, col. 2, n. 5.

[4] In *Compte-rendu* do Congresso prehist. de Lisboa (1880), p. 439.

Alem dos Scythas, outros povos havia que, em certo periodo do seu desenvolvimento religioso, não representavam os seus deuses por imagens, por exemplo os Pelasgos, os Romanos antigos, os Germanos, os Gallos [1]. Dos Cafres diz Fr. João dos Santos (sec. XVI–XVII): «não tem idolos a quem adorem, nem imagens, nem templos .. somente sabem confusamente que ha Deos grande, a que chamão *Molungo,* mas não lhe rezão, nem se encommendam a elle», recorrem-se todos ao *mal assombrado* [2].

A ser exacta a interpretação dada do texto de Estrabão, devemos pois suppor que a concepção que os Callaicos ou Gallecos tinham das divindades, ou das cousas divinizadas, era tal, que os não levava ainda a anthropomorphizá-las: cf. esta obra, II, 275.

Sem embargo, vimos no vol. II, p. 310, uma imagem de guerreiro que reputei sagrada; mas, ainda que ella podia não o ser, estamos aqui já sob a influencia das ideias romanas, como o prova a inscripção latina. Alem d'isso, a affirmação de Estrabão não é forçoso que se applicasse a todos os Callaicos sem excepção; podia ser verdadeira apenas com relação a algumas tribus de caracter primitivo.

IV. Emblemas gravados em pedras

Sob o titulo de *Signaes insculpidos em pedras,* estudei no vol. I da presente obra, p. 350 sqq., numerosas insculpturas prehistoricas a que com maior ou menor probabilidade attribui caracter religioso. Se percorrermos os castros, ou *oppida* dos tempos protohistoricos [3], encon-

---

[1] Cf. Tiele, *Manuel de l'hist. des religions,* pp. 290–294; Preller, *Römische Mythologie,* I, 105 (3.ª ed.); Marquardt, *Le culte chez les Romains,* I, 7; Tacito, *Germania,* cap. IX; Ukert, *Germania* (1843), pp. 234–235; Flouest, *Deux stèles de lararé* (1885), pp. 1–2; *Revue Celtique,* I, 310, e XIII, 190.

[2] *Ethiopia Oriental,* I, VIII (bis). A 1.ª edição é de 1609.

[3] Vid. esta obra, vol. II, p. 79 sqq.

traremos factos da mesma natureza. Escreve o Dr. Francisco Martins Sarmento: «Os circulos mais vulgares na Citania são: . Apparecem isoladamente, e ás vezes em grupo . . só numa laje ha dezoito , na Citania e Sabroso; em Sabroso, onde tambem numa laje se encontra (pouco mais ou menos): . São vulgares tambem os grupos do que os archeologos franceses chamam *coupules;* são pequenas cavidades, 3, 8, 10, 15, etc., com numero certo. Quanto á orientação dos circulos, na Citania . . causou-me especie vê-los só para o lado do nascente, no arco de nordeste a sul. Não pude tirar d'aqui consequencia nenhuma, porque em Sabroso encontrei-os um pouco para noroeste. Em summa: ha ainda hoje poucos materiaes para se poder assentar alguma coisa a este respeito; mas estas gravuras são muito importantes . . Alem dos circulos e das covinhas, ha mais; a espiral appareceu em Sabroso e na Citania: »[1].

Fallando de uma excursão acheologica á Serra da Estrella, diz o referido investigador: «. . no largo trajecto da Serra, que percorremos, apenas encontrámos com grandes probabilidades de um archaismo legitimo os signaes gravados em dois penedos, perto da fonte do Canariz; mas tambem com toda a probabilidade estes signaes devem ter sido obra dos antigos pastores»[2]. E em nota: «A fórma d'estes signaes é: . O que nos inculca a antiguidade d'estas gravuras é a sua analogia tal qual com outra que se encontra numa fonte das faldas do monte de S. Romão (Citania) e o parentesco visivel das tradições

---

[1] N-*O Arch. Port.*, VI, 34. — Cf. um artigo do mesmo A. n-*A Renascença*, p. 25, e outro na *Rev. de Guimarães*, XVIII, 135 (circulos concentricos e covinhas).

[2] *Relatorio* (da Expedição da Sociedade de Geographia: Secção de Archeologia), Lisboa 1883, p. 8. Martins Sarmento fez parte d'esta expedição.

Fig. 32.ª

Fig. 33.ª

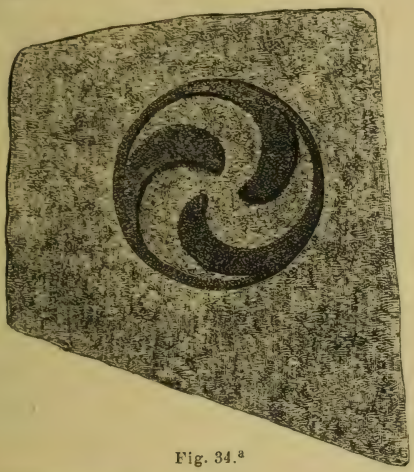


Fig. 34.ª

Fig. 35.ª

Fig. 36.ª

Pedras da Citania de Briteiros

de ambas as fontes: na de Briteiros [1] ha um *sino de oiro* dos Mouros; na do Canariz existe *grande haver de Mouros*. A gravura da fonte de Briteiros é: ℑℭ, e consideramo-la antiga, porque a encontrámos na Citania associada a um suástika» [2].

Da pedra da Citania, a que Sarmento allude, foi publicada uma gravura no *Relatorio* do Congresso Prehistorico de Lisboa [3] e no livro do Sr. Cartailhac sobre as nossas antiguidades [4]; aqui a reproduzo na fig. 32.ª: o signal do lado esquerdo tem aspecto de um ℨ cujas curvas estivessem um pouco separadas uma da outra; o da esquerda é o *tetrásceles* (gr. τετρασκελής) ou suastica de braços espiraliformes. Nas figs. 33.ª a 36.ª apresento gravuras de outras pedras em que se vê não só o *tetrásceles* mas o *trisceles* ou *triquetro* (adjectivo lat. *triquĕtrus*, gr. τρισκελής), i. é, o suastica de tres braços espiraliformes; ao trisceles da fig. 36.ª está annexo um signal cruciforme. Todas estas quatro pedras são tambem da Citania, e estão hoje no Museu de Guimarães [5]. Do signal cruciforme da fig. 36.ª vem variantes mais artisticas na fig. 410.ª do livro de Cartailhac e na fig. 9.ª da est. II do *Relatorio* do Congresso de Lisboa. Martins Sarmento falla d'estas e outras escul-

---

[1] [Isto é, Citania *de Briteiros*. Faço esta declaração, porque póde algum leitor, sobretudo estrangeiro, suppor que a Citania de que se fallou a cima, e o Briteiros d'aqui são cousas differentes].

[2] As fórmas typicas do suastica são estas: 卐 卍 (o suastica que está voltado para a esquerda chama-se propriamente *suavastica*). O suastica denomina-se tambem *cruz gammada*, por ter o aspecto de quatro gammas (letra grega: Γ); os Ingleses chamam-lhe *fylfot*, palavra anglo-saxonica. Os braços do suastica, em vez de serem angulares, podem ser espiraliformes; em vez de serem quatro, podem ser mais, ou só em numero de tres. De todas estas fórmas ha muitas variedades.

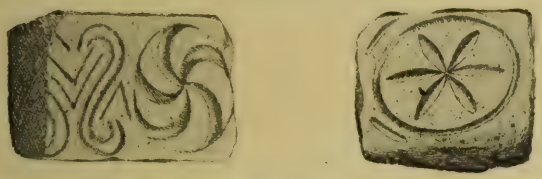
[3] Lisbonne 1884, estampa II, do Appendice.

[4] *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris 1886, p. 286.

[5] Cf. Cartailhac, *ob. cit.*, p. 286, e *Relatorio* do Congresso de Lisboa, *loc. citato*.

pturas em alguns dos seus trabalhos: relatorios das explorações que fez na Citania e em Sabroso [1], e varios artigos de jornaes [2]. O Sr. Pierre Paris tambem se refere a algumas [3].

Nos castros do Norte de Portugal não é raro encontrar emblemas semelhantes. Do de Monte Redondo, freguesia de Penso, perto de *Bracara*, provém as pedras representadas nas figs. 37.ª e 38.ª, possuidas pelo Sr. Albano Bellino, que neste castro fez algumas excavações archeologi-



Figs. 37.ª e 38.ª — Pedras do Monte Redondo

cas: na fig. 37.ª vê-se o suastica de cinco braços espiraliformes associado a outro signal; a fig. 41.ª é constituida por uma roseta de seis petalas.

No castro de Villar, freguesia de Aboim (Alto-Minho), em territorio dos *Grovii*, appareceu, avulsa no monte, uma pedra com o *trisceles:* fig. 39.ª No castro de S. Miguel-o-Anjo, no mesmo territorio, appareceu, fazendo parte da parede de uma casa, uma pedra com uma roseta de seis petalas: fig. 40.ª Ambas estas pedras pertencem hoje ao Museu Ethnologico [4].

Na *Cividade de Paderne* (Melgaço), em territorio tam-

---

[1] Nos vols. XIX-XXII da *Rev. de Guimarães.*

[2] Por ex. n-*O Occidente*, II, 157; cf. *A Renascença*, pp. 44-46.

[3] *Essai sur l'art et l'industrie*, I, 36-37.

[4] A da fig. 42.ª foi offerecida pelo Rev. Cunha Brito, por intermedio do Dr. Felix Alves Pereira. A da fig. 43.ª foi offerecida por este ultimo, quando ainda não fazia parte do pessoal do Museu; cf. tambem *Arch. Port.*, I, 166, onde se refere a ella.

bem dos *Grovii,* encontrei eu, avulsa no monte, uma pedra com o tetráscelo: fig. 41.ª Nesta cividade ou castro appareceram outros vestigios da civilização lusitanica, em excavações a que ahi procedi: estão no Museu Ethnologico. O cordão que circunda o tetráscelo da fig. 41.ª é igual ao que circunda o signal cruciforme, ou cruz de Malta, da fig. 410.ª do livro de Cartailhac, figura que representa uma pedra da Citania: vid. supra, fig. 36.ª

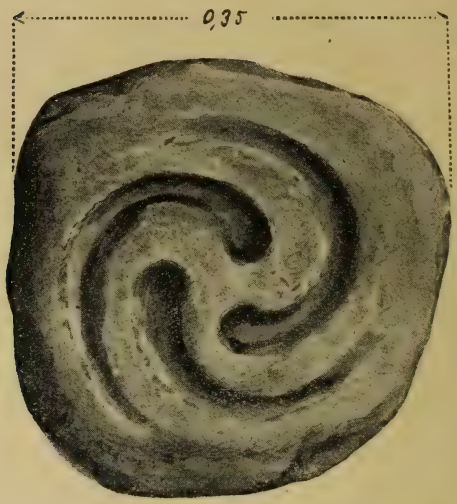


Fig. 39.ª — Pedra do castro de Villar, freguesia de Aboim

No Museu do Carmo, em Lisboa, existe uma pedra, provida tambem de um castro do Alto-Minho, onde se observa um emblema semelhante aos dois antecedentes: vid. a fig. 42.ª, feita por um decalque de gesso que da mesma pedra está no Museu Ethnologico. De pedras com o suastica, do monte de Afife, igualmente no Alto-Minho, falla Possidonio da Silva, de modo vago, no *Boletim* dos Archeologos do Carmo, II, 40–42.

O fallecido Marciano de Azuaga, de Gaia, tinha na sua collecção archeologica varias pedras de um castro de Riba-Tua, em Trás-os-Montes, ornadas de triquetros [1]. Á mesma provincia pertence originariamente uma pedra que hoje está no Museu da Direcção dos Trabalhos Geologicos, em

[1] Vid. José Fortes, in *Portugalia,* II, 118.

Lisboa, a qual represento na fig. 43.ª: nella se vê um suastica de seis braços espiraliformes, ou *hexásceles* (gr. ἑξασκελής), inscrito em um circulo, e sobreposto a outro circulo menor; appareceu na região das minas de Santo Adrião, concelho de Vimioso, num sitio em que ha vestigios romanos ou pre-romanos de antiga lavra de pedreiras [1].

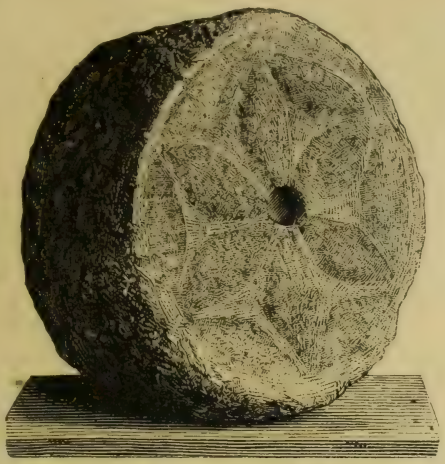


Fig. 40.ª — Pedra do castro de S. Miguel-o-Anjo

Á lista d'estes monumentos esperar-se-hia que se seguisse agora a das numerosas estelas funerarias lusitano-romanas em que tambem se vê esculpido, ora um suastica, nas suas differentes fórmas, ora uma roseta, ora ainda outras figuras. De certo a maior parte d'estas estelas revelam influencia pre-romana, porque as figuras que ahi se representam acham-se já, como mostrei, nos castros, e porque nas respectivas inscripções se lêem nomes indigenas; mas o fallar d'ellas fica para a Parte III d'esta obra (Tempos historicos), pelas razões dadas a cima, p. 62.

Resta agora saber se as mencionadas figuras, a que tenho chamado *emblemas,* pertencem realmente á religião, no sentido lato d'esta palavra, ou são meros ornatos artisticos.

Quanto ao suastica, os investigadores que d'elle se tem

---

[1] Vid. J. Philippe Nery Delgado, in *Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos,* II, 53 e est. III.

occupado estão geralmente de accôrdo em lhe reconhecer certo caracter maravilhoso (*porte-bonheur,* symbolo, amuleto). Ha a este proposito muitos e importantes trabalhos, sobresaindo entre todos o de Wilson, *The swastika* [1],

Fig. 41.ª — Pedra da Cividade de Paderne

em oito capitulos, onde o autor, entre outros assuntos, estuda a dispersão geographica do emblema (Extremo-Oriente, Oriente classico, Africa, Occidente classico e Mediterraneo, Europa, America), as differentes theo-

[1] Publicado no *Annual Report of the board of regents of the Smithsonian Institution,* Washington 1896. — O exemplar de que me sirvo foi-me amavelmente offerecido pelo Sr. Oeger, conservador do Museu Archeologico de Namur.

Alem d'este trabalho, tive presentes, ao escrever este capitulo, mais os seguintes: *La migration des symboles,* pelo Conde Goblet

rias que tentam explicá-o, e as figuras alliadas de perto com elle. Para o meu intuito não é necessario entrar em maiores desenvolvimentos; basta-me ter mostrado que o suastica, em algumas das suas multiplas fórmas, chegou até a Lusitania, e que ahi teve existencia bastante longa. A favor do caracter maravilhoso do suastica está o apparecer elle insistentemente nas nossas estelas sepulcraes, facto que tambem succede no Norte da Hespanha, e, embora não com tanta frequencia, noutros paises: o que tudo exemplificarei adeante.

Fig. 42.ª — Do Alto-Minho

Admittido este caracter do suastica, é natural admittir que as restantes figuras que lhe andam connexas participem do mesmo caracter.

---

d'Alviella, Paris 1891, cap. II, «De la croix gammée on tétrascèle»; *Bollettino di arch. christ.*, 1868, p. 87 sqq. (artigo de Rossi); *On the meaning and origin of the Fylfot & Swastika*, de Philips Greg, in *Archaeologia Britannica*, XLVIII (1885), 305 sqq.; *Hist. du svastika*, por Zmigrodski, in *Compte-rendu* do Congresso de Paris de 1889, p. 473 sqq.; *L'emploi et la signification dans l'antiquité du signe dit la croix gammée*, por Ludwig Müller, 1877; o artigo «Croix» no *Diction. des antiquit. chrétiennes* de Martigny, 1877, p. 214; *Religion des Gaulois*, de A. Bertrand, p. 140 sqq.

Encontram-se noticias avulsas sobre o suastica, por ex. em Naue, *Époque d'Halstatt*, p. 37 (suastica pintado em vasos do 3.º periodo de Halstatt no Alto Palatinado, Baviera); nas *Notizie degli Scavi*,

Umas e outras, postas em paredes de edificios, ou nas pedras das campas, como hoje a cruz, protegiam, ao que

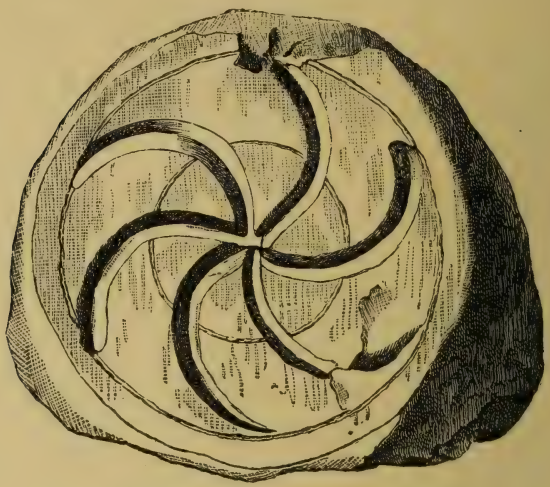


Fig. 43.ª — Da gruta de Santo Adrião

parece, os vivos e os mortos contra a influencia dos espiritos malignos, ou attrahiam os espiritos benevolos [1].

1894, pp. 298–299 (suastica em tumulos do typo de Villa-Nova); nas *Annales de la Société Arch. de Namur*, XXI, 94 (suastica em uma seta de osso); no *Bulletin de la Soc. des Antiq. de France*, 1896, p. 239 (universalidade do suastica nas moedas); no *Monthly Numismatic Circular*, t. XII (1904), col. 7:681 sqq.; na *Urgeschichte der bild. Kunst* de Hoernes, p. 339; na *Revista Archeologica*, I, 60, e III, 101 (artigo de Borges de Figueiredo); na *Rev. Lusitana*, I, 68, e II, 91; e no meu *Elencho das lições de Numismatica*, I (1889), 5-6.

Posterior ao trabalho de Wilson é o artigo «Oiseaux et svastikas» inserido por Salomon Reinach nos seus *Cultes, mythes et religions*, II (1906), 234 sqq., onde expõe e discute as ideias de Karl von den Steinen; cf. *Revue Numismatique*, 1903, p. 68.

[1] Ao corrigir as provas d'este artigo, recebo do Dr. José Fortes o seu interessante trabalho *La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre*, Paris 1907 (separata da *Revue Préhistorique*, t. I, n.º 10), onde estabelece connexão dos emblemas que se encontram na Lusitania com os que apparecem na Irlanda.

V. Recintos sagrados ou santuarios

Não nos restam, que eu saiba, da epoca protohistorica vestigios architectonicos que devam, de modo positivo, considerar-se pertencentes a templos, a não ser que estejam nesse caso algumas das esculpturas notaveis que se tem descoberto em varias localidades, por exemplo na Citania de Briteiros e noutros castros.

Todavia, quando mais não fosse, é natural que houvesse muitos recintos sagrados, visto que havia tantas divindades.

Os epithetos de algumas d'essas divindades, por exemplo *Laquiniensis,* dado a um Genio [1], *Lupianae,* dado a umas Nymphas [2], etc., fazem crer que ellas teriam qualquer santuario nas sédes dos respectivos cultos. Do santuario algarvio de Héracles tratei nesta obra, vol. II, p. 199 sqq.; cf. tambem o que se disse do de *Endovellicus* no mesmo vol. p. 131, do de *Bormanicus* a p. 275, do de *T.-Nabiagus* a p. 263. Importante recinto sagrado onde se adoravam divindades e, pelo menos na epoca romana, se praticavam sacrificios, era o de Panoias, a que alludi no vol. II, p. 187, e de que, como ahi disse, voltarei a fallar com maior desenvolvimento na Parte III.

VI. Factos varios

1. Ás esculpturas notaveis da Citania pertence aquella que ha seculos se conhece pelo nome de *Pedra Formosa,* e que hoje se encontra no Museu de Guimarães. Deu já origem a varios escritos, e foi publicada varias vezes [3].

---

[1] Vid. esta obra, vol. II, p. 194.

[2] Vid. esta obra, vol. II, p. 189.

[3] Vid. por ex.: *Boletim* da Associação dos Archeologos do Carmo, 2.ª serie, n.º 9, onde se transcreve uma noticia contida em um ms. de Craesbeeck (sec. XVIII), e se publica uma estampa da pedra, — artigo de Possidonio da Silva; *Citania,* por Emilio Hübner (in *Archeologia Artistica,* de Joaquim de Vasconcellos, Porto 1879);

É uma grande lage de granito, de 2^{m},90 de largura, e 2^{m},28 de altura [1], em bruto numa das faces, com excepção de um signal inexplicado, e coberta de lavores na outra,

Fig. 44.ª — «Pedra Formosa» da Citania

como se vê da fig. 45.ª Uns suppuseram-na frontão, outros estela funeraria, outros ara de sacrificios. Esta ultima

---

Observações á «Citania» do Sr. Dr. E. Hübner, por Martins Sarmento, Porto 1879, p. 16 sqq.; *A Renascença,* p. 46; *Relatorio* do Congresso Prehistorico de 1880, Lisboa 1884, p. 654, e est. 1 do appendice; *Römische Herrschaft in Europe,* de Hübner, Berlin 1890, p. 245 sqq.; Cartailhac, *Les âges préhistoriques,* p. 288; Pierre Paris, *Essai sur l'art et l'industrie,* 1, 35. — O ms. de Craesbeeck (Francisco Xavier da Silva) a que a cima me refiro, intitula-se *Memorias resuscitadas de Portugal d'entre Douro e Minho,* e está na Bibliotheca Nacional de Lisboa, n.º 217 do nucleo geral dos mss.; nelle, a fls. 362, vem um desenho da *Pedra Formosa* feito á penna. Craesbeeck refere-se a outros AA. anteriores a elle.

1 Sarmento, *Observações á «Citania»,* p. 17.

hypothese é de Sarmento, que julgava que a excavação circular que se observa no bôrdo maior era para estar o sacrificador, e as aberturas que se vêem logo em seguida eram para darem passagem a um liquido. Ás reflexões de Hübner, de que não conhecia nenhuma ara analoga, póde objectar-se que, como estamos em país barbaro, não devemos esperar perfeitas analogias com o que se passava nos paises classicos. Comquanto eu visse no Museu-Guimet, em Paris, uma pedra de libações, proveniente do Egypto, que me fez pensar na da Citania, e alguns dos ornatos que se notam nesta os já encontrassemos a cima, associados ao suastica, — o que tudo, juntamente com o caracter singular do monumento, leva a crer que elle teria caracter religioso —, não ouso porém declarar-me a favor de nenhuma das hypotheses emittidas, e prefiro dizer, com outros, que a *Pedra Formosa* é ainda um enigma.

2. Da litteratura religiosa dos Lusitanos não sabemos nada, alem do que no vol. II, pp. 307–308, se disse dos hymnos de guerra.

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE AS RELIGIÕES PROTOHISTORICAS

SUMMARIO

Preliminares: utilidade de resumir o que fica dito; factores das religiões lusitanicas.

I. Concepção que se tinha das divindades:

a) Essencia da natureza divina. — Divindades topicas e geraes. — Differenças regionaes. — Onomastico religioso de origem celtica e não celtica.

b) Manifestação objectiva das divindades: conciliabulos, milagres, sonhos, agouros, prodigios.

c) Povos sem idolos. Representação material das divindades.

II. Culto, ou relações existentes entre o homem e as divindades: *a*) Actos religiosos; *b*) Sacerdocio; *c*) Objectos cultuaes; *d*) Logares sagrados.

Nota final.

Somos chegados ao termo da romagem que fizemos desde os bosques dos Tartesios, onde, segundo a lenda, os Titans travaram com os deuses memoravel peleja [1], até á foz do *Navialbio,* rio cujo nome, na primeira parte, se assemelha ao da deusa *Navia* [2]: durante essa longa peregrinação sondámos a alma dos Lusitanos em uma das suas notaveis manifestações, a religião, na qual, como relampagos que afogueiam o ar, os sentimentos mais terriveis se cruzam com os mais delicados, e os mais cruentos com os mais sublimes.

Convem agora, para repousar da jornada, e ao mesmo

---

[1] «Saltus .. Tartesiorum, in quibus Titanas bellum adversus deos gessisse proditur»: Justino, *Hist.,* XLIV, 4.

[2] Vid. esta obra, vol. II, p. 278. — A p. 39 imprimiu-se *Navialbia* por engano (mas no citado lugar e no index, p. 368, este nome saiu correcto).

tempo apreciar qual foi o fruto colhido, volver um olhar para o caminho que se percorreu.

Os phenomenos religiosos que observámos nos Lusitanos são o producto da acção combinada de diversos factores: tradição, contacto ethnico, ambiente physico, ambiente moral. Ainda que nem sempre póde destrinçar-se o que pertence a cada factor, comprehende-se, no entanto, que provindo dos tempos prehistoricos os povos da Lusitania protohistorica, algumas ideias religiosas elles conservassem do passado, pois que as crenças desarreigam-se difficilmente do espirito; por outro lado a análise philologica, a que se procedeu, de muitos nomes de divindades, e a comparação ethnographica que se instituiu entre varios factos, mostraram que alguma cousa havia nos Lusitanos que elles tinham em commum com outros povos; seguidamente, quem negará a influencia mystica que na imaginação do povo exerce, já a natureza do solo, ora rico de vegetação e de metaes preciosos, ora esteril como a morte, já a imponencia do oceano, a luz dos astros, a vida enigmatica dos animaes? Quem desconhece tambem o terror panico, τὸ πανικόν, que ás vezes se apossa do soldado num combate, ou o sacro mysterio que em todos infunde a presença de um tumulo?

*

Como eram não só multiplas, e mais ou menos distinctas umas das outras, as tribus lusitanicas, correspondiam a esse numero e variedade, como vimos, muitas religiões, e em varios graus de evolução.

Ingenua concepção era a de que o sol se apagava no oceano como uma brasa: nesse momento constituia como que um *tabú*, a julgar do que diz Lucio Floro. Esta superstição pertencia apenas aos povos da beira-mar, unicos que estavam no caso de poder ver o sol esconder-se nas agoas. A ideia de *tabú*, palavra provinda da lingoagem da Polynesia, e hoje adoptada pelos que estudam os phenomenos religiosos e magicos, traz comsigo a de «interdic-

ção», «sacrilegio»: ora exactamente Lucio Floro, ao contar que Decimo Junio Bruto seguira pelo litoral, depois da conquista da *Gallaecia,* manifesta que foi com algum *terror e receio de sacrilegio* que o general assistiu a um pôr de sol.

Proxima de tal concepção era a que divinizava a terra, as agoas, os vegetaes. Podemos seguramente aqui pronunciar a palavra *polydemonismo:* pois o que eram as *Matres Gallaecae*, os *Lares Cerenaeci* e *Turolici,* os *Lares Gapeticorum,* os *dii deaeque Coniumbrigensium,* os *numina Lapitearum,* as *Nymphae Lupianae,* o *genius Laquiniensis* e *Turgalensium,* a *tutela Tiriensis,* senão espiritos adstrictos a certas localidades, — oiteiros, penedos, moitas, fontes, rios, cabos —, ainda desprovidos de nomes especiaes, e apenas designados pelos d'essas localidades, ou pelos dos povos que os adoravam ou esconjuravam? Em taes divindades observamos que umas constituiam grupos (*Matres, Lares, dii deaeque, numina, Nymphae*), o que lhes augmenta o caracter espiritual e vago, e que outras estão designadas no singular (*genius, tutela*). Semelhante conjunto faz lembrar o de que se falla na *Eneida,* VII, 136–138, onde Eneias:

> .. geniumque loci primamque deorum
> Tellurem Nymphasque et adhuc ignota precatur
> Flumina.

Parallela á concepção dos deuses anonymos era a dos deuses sem idolos, nos Gallecos. A travessia do *Limia,* rio divinizado, constituia para os povos seus ribeirinhos outro e notabilissimo *tabú,* que o general romano de que ha pouco fallei não teve tambem escrupulo de violar.

Se de um dos montes venerados dos Lusitanos, junto do *Tagus,* sabemos meramente que elle era *sacer,* e de outro, no Norte, apenas sabemos que nelle habitava um deus metallurgico, relacionado com as trovoadas, sem que num e noutro caso conheçamos os nomes divinos, ha po-

rém a montanha de S. Miguel da Mota, no Alemtejo, onde uma divindade, que provavelmente o foi primeiro da terra, conseguiu obter nome, — *Endovellicus*, posto que com caracter adjectival, e por isso ainda um tanto indeciso. Muitas mais divindades, sem dúvida tambem de primitivo caracter topico ou local, tinham nomes, como: *Aegimuniaegus, Aernus, Arus, Bandi-arbariaicus, Bandius-Ilienaicus* ou *Bandioilienaicus, Bandua, Brigus, Carus, Coronus, Cosus, Durbedicus, Iuppiter Ladicus, Mirobieus, Tameobrigus, Turiacus*. Nota-se pois aqui um grau um pouco superior ao antecedente; em todo o caso, o aspecto adjectival dos nomes de muitas d'essas divindades, manifesto nos suffixos *-agus* (*-acus*), *-aegus* (*-aecus, -aicus*), *-icus*, mostra que ellas eram tambem ainda um tanto indefinidas. Para dizer que taes divindades e outras analogas podiam ser topicas, fundo-me em que os monumentos que se lhes referem, ou são unicos, ou quando ha mais de um, se encontraram no mesmo sitio, e em que os suffixos dos seus nomes parecem geographicos ou ethnicos. No vol. II, pp. 275 e 279, já especifiquei *T.-Nabiagus, Bormanicus* e *Nabia* como divinizações de agoas [1]. Outro e importantissimo culto local temo-lo no *Promunturium Sacrum*, no Algarve: a propria denominação do cabo o indica, mas sabemos por Estrabão muitas particularidades, taes como conciliabulo nocturno de deuses, cerimonias ritualisticas, santuarios de divindades, acaso phenicias (Melkart e El), assimiladas pelo geographo a divindades gregas.

Com a feição topographica ou ethnica as divindades possuiam as mais das vezes, senão sempre, a de curandeiras,

---

[1] Visto que o rio Mondego se chamou *Munda* e *Monda* nos tempos protohistoricos, e para explicar a palavra *Mondego* é necessario admittir *Mondecus, que póde estar por *Mondaecus (*Relig. da Lusit.*, II, 27 e nota), será desarrazoado suppor que este **Mondaecus*, cujo suffixo adjectival apparece tão frequentemente, como mostrei, em nomes divinos, fosse na origem o «deus Monda» ou o «deus do Monda», e depois o nome do deus se tornasse o do rio?

como consta de muitas dedicatorias da epoca lusitano-romana.

O respeito para com os animaes (alguns d'elles talvez *totemes*), que já se manifesta nos tempos prehistoricos, em que o homem os pinta no interior dos dolmens, ou traz ao pescoço, em collares, as imagens d'elles, feitas de pedras finas, continúa a manifestar-se, avultando cada vez mais, nos tempos protohistoricos. Outra cousa não deve concluir-se do número de figurinhas de bronze que apparecem por toda a Lusitania, e das esculpturas graniticas de quadrupedes achadas no Norte, que ora estavam nos castros, ora pousavam sobre os sepulcros. Todos estes monumentos tem aspecto religioso, quer fossem idolos de divindades, quer representassem animaes sagrados ou cultuaes, ou mesmo simples ex-votos.

A par d'estas esculpturas de quadrupedes, os Lusitanos Septentrionaes fabricavam estatuas de guerreiros, e davam-lhes caracter funerario. Quem em vida tanto prezou a milicia, não deixava de igualmente a prezar na morte. De divindades militares dá testemunho um texto estraboniano em que se falla de *Ares* (nome grego que encobre um nome indigena), e porventura o dão tambem algumas inscripções romanas, — por exemplo a de *Runesocesius* ou *Runesus-Cesius,* entre outras.

Em resumo, achamos que nos Lusitanos havia duas classes de divindades: umas, meramente naturalisticas e topicas, tornadas tambem salutiferas, de caracter simples, que protegiam a vida dos homens, os *oppida* e os campos, e povoavam as agoas e as montanhas, divindades bemfazejas, a que elles recorriam nas horas attribuladas, e a que, depois de servidos, iam levar *ex voto* offerendas diversas, ou a que faziam libações e pobres sacrificios, — de modo que d'este povo se pode dizer com Vergilio nas *Georgicas,* II, 493: *Fortunatus et ille deos qui novit agrestes!* outras, de attributos mais livres ou mais amplos, por exemplo as da guerra, os mortos deificados e as divindades de que dependiam os phenomenos cosmicos. As

divindades topicas variavam com a natureza dos logares e das tribus: aquaticas, as dos povos que viviam á beira-mar, nas margens dos rios e junto das fontes medicinaes; telluricas, as dos montanheses; campestres, as dos agricultores; e assim por diante. Por outro lado era ás tribus guerreiras que pertenciam os deuses marciaes, de indole cruel e feroz, que exigiam dos seus devotos abundante sangue de victimas, já animaes, já humanas. Á área de acção das divindades celestes e atmosphericas não podem facilmente marcar-se limites ethnicos ou geographicos.

Quando os deuses não eram estrictamente topicos, viajavam por muitas localidades. Assim o deus gaulês *Lugus*, que, segundo o Sr. D'Arbois de Jubainville, exercia as mesmas funcções que o deus irlandês *Lug*, protector dos mesteiraes, ou homens de officio [1], apparece, na forma plural *Lugoves* (comparavel a *Junones*, de *Juno*), numa inscripção de Úxama, cidade celtiberica, numa dos Helvecios, e tambem parece que em Bonna [2]; a deusa gaulesa *Epŏna* figura em monumentos da Gallia, da Italia e da Hispania [3]; do culto do deus gaulês *Esus* ha vestigios na Gallia, na Brittannia e na Helvecia [4]. Se, como propus, a nossa deusa *Ataegina* presidia originariamente ao renascimento da natureza (*deusa-mãe* especificada), explica-se de modo facil a propagação do seu culto, por longe da sua séde, entre os Celticos, em área bastante extensa, delimitada pelos rios *Tagus* e *Baetis*. Para tal propagação contribuia o estado de florescente civilização a que, já na epoca de que me estou occupando, tinha chegado o Sul da Lusitania em particular, e da Iberia em geral; alem d'isso *Ataegina*

---

[1] *Cours de littérature celtique*, VI, 115.

[2] D'Arbois, *Cours*, VI, 124; Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz*, s. v. «Lugus».

[3] Holder, *op. cit.*, s. v. «Epona»; cf. Salomon Reinach, *Epona*, la déesse gauloise des chevaux, Paris 1895 (extr. da *Rev. Archéol.*, 1895).

[4] D'Arbois, *Cours*, VI, 173.

foi assimilada á deusa romana Prosérpina, e isso dava tambem á nossa caracter de generalidade.

Com este grau de progresso coincide o ser raro apparecerem nas regiões meridionaes do nosso país nomes de deuses barbaros (*Endovellicus, Runesus Cesius,* e poucos mais, alem de *Ataegina*), em contraste com o que acontece no Norte e no Centro, onde os caracteres primitivos se mantiveram mais tempo, durante o proprio dominio romano, em virtude da tenacidade do genio das populações e das circunstancias orographicas que difficultavam aos povos estranhos o accesso para lá. A vitalidade dos cultos de *Endovellicus* e de *Ataegina,* revelada, num caso, em monumentos, apesar d'esse culto estar circunscrito a uma montanha solitaria, e no outro ao mesmo tempo em monumentos e em extensão geographica, é, por assim dizer, excepção, devida á casual fortuna que todos os santuarios, tanto os de outr'ora, como os de hoje, podem ter.

Dos nomes de deuses barbaros vimos nós que alguns eram susceptiveis de explicar-se pelas lingoas celticas; outros são de origem muito obscura. É provavel que o haver recebido um ou outro deus denominação celtica, nem sempre signifique que o culto fosse celtico de origem, mas apenas celticizado, por isso que ás vezes essas divindades eram locaes. Os Celtas celticizaram o que cá se lhes deparou, como depois d'elles os Romanos romanizaram o que era celtico e indigena, e em seguida os Christãos christianizaram o que era romano. Factos semelhantes se encontram na historia religiosa de todos os povos. De eu defender, ou pelo menos tentar provar, a celticidade de muitos nomes não resulta que eu não reconheça que outras mais origens, umas anteriores, outras contemporaneas e posteriores, deve ter o onomastico lusitano; se as não citei é que, com excepção do grego, do latim e do vasconço (tenebroso, porém, nas suas phases antigas), é o celtico, d'entre os idiomas fallados outr'ora na Peninsula, o que, apesar da escassez dos seus monumentos, ainda assim, conhecemos melhor. O acharem-se tantos nomes de indole

celtica nas inscripções romanas é consequencia natural de serem os Celtas um dos povos que cá dominavam quando chegaram os Romanos: forçosamente os seus nomes deviam transparecer nos textos epigraphicos. O mesmo succedeu na Idade-Media com os Germanos: quando começaram a redigir-se os nossos documentos latino-barbaros (sec. VIII ou IX), e de ahi em diante, até certa epoca, elles inçaram-se de nomes germanicos, como se póde ver nos *Portugaliae Monumenta Historica*.

*

Variamente manifestavam as divindades lusitanicas a sua acção. Umas vezes reuniam-se de noite em recintos vedados á intervenção dos profanos (especie de *tabú*); outras vezes operavam curas miraculosas, ora directamente, ora em sonhos; outras revelavam-se agoureiramente, em vôos ou cantos de aves, em movimentos ou aspectos de chammas. Nas montanhas auriferas punham por meio de prodigios atmosphericos o metal precioso ao alcance dos mortaes: com effeito, este mostrava-se quando caía um raio que fendia a terra. Em tal caso o povo acolhia bem o raio; mas a maior parte das vezes temia-o e evitava-o com o emprego do maravilhoso *ceraunium*.

*

Se é justa a interpretação dada de um passo de Estrabão a p. 71, havia na Gallecia algumas tribus que não representavam os deuses com fórma material. Todavia podemos admittir, em vista de alguns factos que citei, que nem sempre era esse o caso, embora fosse principalmente sob a influencia romana que o uso dos idolos devia definir-se melhor e generalizar-se. A pátera de prata, por exemplo, figurada no vol. II, p. 310, contém a imagem de um deus, com o aspecto e os attributos do Marte romano; e esta pátera, se pelos nomes que rodeiam a imagem do deus é indigena, pela sua epoca é romana.

*
* *

No que toca ás relações do homem com os poderes divinos, ou culto, faltam-nos muitos elementos para as apreciarmos. O que chegou até nós é pouquissimo.

De actos religiosos sabemos que os Lusitanos cantavam hymnos e dançavam (certamente danças religiosas) quando iam para os combates [1], dirigiam ás divindades imprecações ou louvores, offereciam-lhes estatuetas e outros objectos, faziam-lhes sacrificios, e em alguns funeraes celebravam jogos athleticos.

Na qualidade de agentes intermediarios entre o mundo real e o sobrenatural, havia provavelmente sacerdotes relacionados com as divindades de caracter geral, e outros relacionados com as divindades topicas. Á classe dos primeiros pertenciam os que officiavam nos grandes sacrificios sangrentos, por exemplo nos dos deuses da guerra. Os que constituiam a segunda classe deviam ser, de um lado, pobres capellães, para não dizer ermitães, que offereciam libações aos deuses dos campos e das fontes nos santuarios rusticos, do outro os interpretes dos sonhos no templo de Endovellico.

De objectos cultuaes só nos restam algumas estátuas de pedra (guerreiros, *berrões* e varios quadrupedes) e de metal (cabras, etc.), e algumas esculpturas emblematicas (suastica espiraliforme etc.). Outras estátuas ha que se relacionam com os tempos protohistoricos, bem como aras,

---

[1] Ao que disse supra, p. 83, accrescentarei agora o seguinte. Num fragmento das Historias de Sallustio, conservado por Servio *ad Aen.* x 281, e completado com um palimpsesto por Hauler, lê-se que era costume lembrarem as mães hispanas aos filhos, quando estes iam para os combates, ou [*ad la*]*trocinia* «para as correrias», os feitos guerreiros de seus maiores, [*ubi il*]*orum fortia facta canebant:* vid. *Sitzungsberichte der kais. Akad. der Wissenschaften* (Viena), vol. CXIII, 1886, pp. 647-648; e cf. tambem Maurenbrecher, *Sallusti Hist. reliquiae,* II (1893), 98.

cippos e estelas com emblemas analogos aos de que fallei agora; mas taes objectos foram fabricados nos tempos historicos.

Ainda menos do que isto, é o que se sabe de logares sagrados; e nada lucrariam os leitores em que eu repetisse aqui o pouco que disse a pp. 81–83.

No esboço precedente não desejei sair dos limites impostos pelos factos colhidos nas tres fontes que indiquei no vol. II, p. 3: autores antigos, monumentos, tradição. E evidentemente esses limites são estreitos, porque os autores foram omissos muitas vezes; certos monumentos eram de natureza caduca, e não se conservaram; a tradição não transmittiu tudo. Mas preferi ser exacto, embora laconico, a divagar nos amplos dominios da rhetorica e da phantasia. Quando digo *exacto,* entenda-se na medida dos materiaes que colligi, e não em absoluto, pois que não poucas vezes tive de apresentar hypotheticamente as minhas conjecturas.

As religiões dos Lusitanos concordam em muitos pontos, como é natural, com as dos demais povos ibericos, que festejavam um deus anonymo, por occasião da luanova, com danças nocturnas diante das portas das casas [1];

---

[1] Estrabão, *Geogr.,* III, IV, 16. Cf. Adolfo Coelho, no *Compte-rendu* do Congresso de Anthropologia e Archeologia Prehistorica celebrado em Lisboa, pp. 439–441, o qual compara o costume indicado por Estrabão com costumes africanos. Tambem nas *Religiões,* I, 105, nota, me refiro a danças africanas em honra da lua. Posso aqui accrescentar: Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda,* p. 444; Capello & Ivens, *De Angola á Contra-Costa,* pp. 198 e 222; Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental,* l. I, cap. IX; Ratzel, *Las razas humanas,* I, 110 (a respeito dos Hottentotes), e cf. p. 148.

que em uma pátera de prata, consagrada á *Salus Umeritana,* nos deixaram interessantissimas noticias de um culto fontanal [1]; que possuiam um azinhal sagrado:

> .. sanctum Buradonis ilicetum,
> Per quod vel piger ambulat viator [2];

que tinham em Clunia uma *fatidica puella,* ou adivinhadeira [3]; e que gravavam tambem os nomes dos seus deuses indigenas em inscripções, e os seus symbolos sagrados em estelas funerarias [4]. O que a Lusitania não póde, é apresentar tão abundante collecção de moedas autonomas como outras regiões peninsulares, moedas que de certo contém muitos elementos religiosos, de diversa natureza e procedencia.

---

[1] Vid. esta obra, II, 238, n. 3.

[2] Marcial, *Epigram.*, IV, 55.

[3] Vid. supra, p. 66, n. 2.

[4] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 1126, quanto aos deuses. Pelo que diz respeito aos symbolos, terei de especificar alguns noutra secção d'esta obra.

PARTE III

TEMPOS HISTORICOS

Nos tempos historicos temos na Lusitania os Romanos e os Barbaros do Norte: vid. vol. I, pp. XXXII-XXXIII. Se dos Romanos ha bastante que dizer, dos Barbaros ha muito pouco. Os Arabes, que se seguiram a estes na dominação da terra, constituem elemento novo, que não se relaciona com o passado; por isso ficam fóra do meu plano.

Dividirei pois o assunto em duas secções:

I) Epoca lusitano romana;

II) Epoca post-romana.

A primeira secção será um tanto desenvolvida; a segunda, pelo contrário, será succinta.

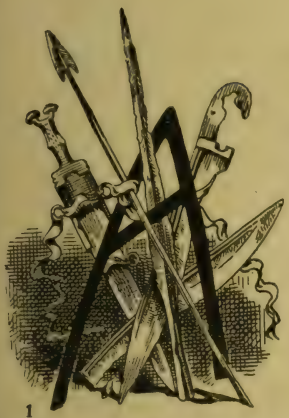
I

EPOCA LUSITANO-ROMANA

«Roma.. não empregava só as armas para assegurar a sujeição dos paises que subjugava:.. trocava com elles até os deuses, recebendo os extranhos nos proprios templos, mas exigindo reciprocidade religiosa».

A. Herculano, *Historia de Portugal*, 5.ª ed., p. 21.

PRELIMINARES



epoca LUSITANO-ROMANA começa com o primeiro contacto entre Romanos e Lusitanos, ou melhor, com a vinda d'aquelles para a Peninsula (sec. III a. C.), e dura até á invasão dos Barbaros (sec. V da nossa era). Com a vinda dos Barbaros, os Romanos não desappareceram, porque elles tinham-se fundido com as populações preexistentes, como por sua vez os Barbaros se fundiram depois com os Ibero-Romanos; mas o primeiro abalo produzido pela invasão foi grande, e esta trouxe comsigo consequencias importantes que delimitam sufficientemente a epoca romana.

Para seguir o mesmo methodo que segui nas outras partes da presente obra, tenho de fazer aqui varias considerações, antes de entrar propriamente no campo da religião.

---

[1] Esta letra capitular foi copiada de uma inscripção turdetana gravada em uma lapide existente no Museu Ethnologico Português, e proveniente do Algarve; está ornamentada com desenhos de armas da necropole de Alcacer do Sal (vid. supra, pp. 13-14), feitos com toda a fidelidade pelo Sr. Guilherme Gameiro, conformemente aos exemplares que existem no mesmo Museu Ethnologico Português (só as correias são de fantasia, mas logicamente postas).

A) Elementos de investigação

As fontes para o estudo da epoca lusitano-romana foram indicadas, de modo geral, no vol. II, p. 2 sqq., quando se tratou das da epoca protohistorica, pois que, como lá se ponderou, umas não podem separar-se das outras. Escuso portanto de as repetir agora.

Os trabalhos especiaes citá-los-hei adiante, nos lugares competentes, a proposito dos factos a que elles se referem.

B) Romanização da Lusitania

Este assunto é de tal modo vasto, que, para o eu tratar com o devido desenvolvimento, encheria mais de um volume. Para o meu intento, porém, basta consagrar-lhe umas tantas paginas, em que me occuparei summariamente da conquista romana e da civilização lusitano-romana.

a) Conquista romana

Os Romanos no anno 226 a. C. (segundo parece), quando ainda nada possuiam na Peninsula Hispanica, e só estavam com ella em relações commerciaes, fizeram com os Carthagineses (Hasdrubal [1]) um tratado pelo qual o rio *Hiberus* ou *Iberus* «Ebro» serviria ahi de limite á esphera de acção de uns e outros (entre o rio e os Pyreneus os Romanos; para aquem do rio os Carthagineses), conservando-se porém independente, e sob a protecção de Roma, a cidade de Sagunto [2], que ficava ao Sul do Ebro, em territorio carthaginês [3].

---

[1] Genro e successor de Hamilcar Barca na administração da Hispania. Cf. esta obra, vol. II, p. 69.

[2] T. Livio, *Ab Urbe condita*, XXI, 2 e 6. Sirvo-me da ed. de Weissenborn & Müller, Leipzig 1899-1903, seis volumes. Tambem tenho presente a de Riemann & Homolle, Paris 1888-1893 (sòmente os livros XXI-XXX). Valha esta indicação para todas as citações que fizer. Quando me servir de outras edições, di-lo-hei.

[3] Sobre o tratado de 226, de Roma com Hasdrubal, vid. Hübner, *La Arqueología de España [y Portugal]*, I, § 75 (e cf. o § 74).

Hannibal, filho de Hamilcar Barca, e successor de Hasdrubal como general dos Carthagineses, premeditando, no seu antigo odio aos Romanos, submetter os Saguntinos, apesar do que antes havia sido tratado, levou as armas contra varios povos circunjacentes, para que parecesse que elle não atacava directamente Sagunto, mas se via obrigado a fazê-lo pela evolução natural dos acontecimentos (*rerum serie*). Guerreou e subjugou assim successivamente os Olcades, os Vacceus e os Carpetanos: *et iam omnia trans Hiberum praeter Saguntinos Carthaginiensium erat*[2]. Mas este *omnia* não se ha de entender de todo o resto da Hispania em absoluto, porque nunca os Carthagineses a dominaram totalmente; é mera hyperbole rhetorica do historiador-poeta[3].

Æ

Fig. 45.ª [1]

Os Saguntinos, vendo-se ameaçados, enviaram a Roma embaixadores para pedirem soccorro. Nas delongas d'esta deputação e nas das dos Romanos para Hannibal, que estava na Hispania, e para o senado de Carthago, — o que

---

[1] Na fig. 45.ª reproduzo de Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne [et du Portugal]*, Paris 1870, p. 289, uma moeda antiga de Sagunto, cunhada, segundo crê Zobel de Zangróniz (*Memorial Numismatico Español*, IV, 208), entre os annos 226 e 218 a. C.; cf. Hübner, *Monum. Ling. Iber.*, p. 44. A legenda ⅅⅭΣⱭΣⅮⅭℕ = *Arsesacen*, genet. plural, decompõe-na o Dr. H. Schuchardt em duas palavras: Arse-Sacen, contendo a ultima, ao que parece, o radical de Saguntum; vid. *Die iberische Deklination*, Viena 1907, p. 37.

[2] T. Livio, XXI, 5.

[3] Semelhantemente em XXI, 30, põe T. Livio na boca de Hannibal um discurso em que este diz aos seus soldados que não sairam da Hispania sem que ficassem sendo dos Carthagineses todas as nações e terras comprehendidas entre o Atlantico e o Mediterraneo: *neque ante Hispania excessisse quam omnes gentesque et terrae quas duo diversa maria amplectantur Carthaginiensium essent.* E no mesmo livro, cap. 43, declara, em analogo tom rhetorico, que Hannibal combateu nos montes desertos da Lusitania e da Celtiberia, e dá-o como conquistador de toda a Peninsula. — Cf. tambem Becker, *Die Krieger der Römer in Hispanien*, I, Altona 1826, pp. 74–81.

é narrado miudamente por T. Livio —, Hannibal põe duro cêrco a Sagunto, que a final lhe cae nas mãos no anno de 219 [1].

Em vista do succedido, Roma resolveu vingar-se de Carthago, e tendo sido designadas as provincias em que iria fazer-se guerra, coube a Hispania a Publio Cornelio Scipião, a cujo commando se entregaram numerosas tropas de terra e mar [2]. Este general, procurando porém atacar Hannibal, que se preparava para ir pela Gallia para a Italia, mandou seu irmão Gneo Cornelio Scipião para a Hispania (218), a fim de proteger os antigos alliados de Roma, contrahir allianças novas, e de lá expulsar Hasdrubal Barca, irmão de Hannibal, a quem aquelle ficou substituindo [3].

Taes foram, segundo a narração de Tito Livio [4], os primordios da segunda guerra punica, que em parte se passou na Peninsula Iberica [5]; e tal foi tambem o começo da conquista da mesma Peninsula pelos Romanos, conquista em cuja historia o que se refere á Lusitania constitue apenas alguns episodios, embora extensos.

Gneo Scipião conseguiu realizar parte do seu programma, e já no anno de 217 se lhe submetteram mais de cento e vinte *populi,* e elle chegou até o *saltus Castulonensis,* o que obrigou Hasdrubal Barca a dirigir-se para a Lusitania, para mais perto do oceano: *Hasdrubal in Lu-*

---

[1] T. Livio, xxi, 6-15. Acêrca da data, vid. Riemann, *ob. cit.,* p. 22 (nota a T. Livio, xxi, 15). — Silio Italico, *Punica* (ed. de Bauer, Leipzig 1890–1892), liv. ii, faz a descripção poetica do cêrco e tomada de Sagunto.

[2] T. Livio, xxi, 17.

[3] T. Livio, xxi, 22, 23, 32.

[4] O assunto foi tambem tratado por Polybio, *Hist.,* iii, 27 e 75, etc. (ed. de Didot).

[5] Sobre as causas da segunda guerra punica vid. por exemplo: Mommsen, *Hist. Romaine,* t. iii (trad. de C. A. Alexandre), 1865, p. 120 sqq.; B. Niese, *Grundriss der römischen Geschichte,* Munich 1906, p. 92 sqq.

sitaniam ac propius Oceanum concessit [1]. Contudo Hasdrubal não chegou á Lusitania, ou pelo menos não se demorou cá muito, pois que logo em seguida o vemos passar o Ebro para acudir aos seus alliados, a quem uma rebellião de outros povos indigenas punha em sobresalto [2]. Tito Livio, a este proposito, não deixa de assinalar um dos caracteres dos Hispanos, — a mobilidade do animo: *Hispanorum inquieta avidaque in novas res sunt ingenia* [3].

No mesmo anno vem para a Peninsula Publio Cornelio Scipião, com muitas tropas, que desembarcam em Tarragona, e junta-se ao irmão, proseguindo ambos de commum accordo a guerra [4], a qual lhes traz a morte em 212 (ou 211) [5].

Fig. 46.ª [7]

Em 211 (ou 210) vem o propretor Gaio Claudio Nero [6], a quem succede no mesmo anno como pro-consul outro Publio Cornelio Scipião, chamado depois *o Antigo* («Maior») e *1.º Africano,* filho de Publio Cornelio Scipião, morto, como vimos, na Peninsula.

O pro-consul Scipião continúa encarniçadamente a luta,

---

[1] T. Livio, XXII, 20. — Por *Lusitania* entende-se aqui a do Sul do Tagus, que era a que ficava mais perto do *saltus Castulonensis* (nos Oretanos, — confins orientaes da Betica). — Com a expressão *in Lusitaniam ac propius Oceanum* (cuja segunda parte aclara a primeira) compare-se *ad Oceanum et Gades,* em XXVIII, 2.

[2] T. Livio, XXII, 21.

[3] XXII, 21.

[4] T. Livio, XXII, 22.

[5] T. Livio, XXV, 34–36. Cf. Wilsdorf, *Fasti Hispaniarum provinciarum,* nas «Leipziger Studien zur class. Philolog.», I, 75–76.

[6] T. Livio, XXVI, 17.

[7] Retrato de Scipião o Antigo, segundo uma photographia que adquiri em Berlim; o original está no Museu Real d'aquella cidade. Cf. *Beschreibung der antiken Skulpturen,* Berlim 1891, § 332.

quer contra os Carthagineses, a quem toma Carthago Nova, *caput Hispaniae* [1], quer contra os indigenas, conseguindo expulsar da Peninsula inteiramente aquelles [2], e submetter muitos d'estes, mesmo á custa dos maiores horrores, como succedeu quando em 206 destruiu a cidade de *Iliturgi,* cujos habitantes — homens, mulheres e crianças —, em vingança de certo delicto, fez passar ao fio da espada; Tito Livio, que o conta [3], termina com esta especie de tacita sancção: *adeo vestigia quoque urbis extinguere ac delere memoriam hostium sedis cordi est!* A cidade de Iliturgi ficava junto do Baetis [4].

Os dias da independencia estavam quasi contados. Em 205, Indebilis (ou Indibilis), rei dos Ilergétes, revolta-se inutilmente com o fim de restaurar a vida nacional [5]. Em 195 o grave Catão [6], partindo de Ampurias, incendeia e assola os campos dos seus inimigos [7], e após outras incursões e proesas, vê submettida ao jugo romano toda a região da esquerda do Ebro [8].

Pelo que nos dizem as memorias escritas, é em 193 que apparecem pela primeira vez os Lusitanos claramente em luta com os Romanos;

---

[1] T. Livio, XXVI, 46, e XXVII, 7. O mesmo A. attribue a tomada d'esta cidade ao anno 210 a. C. (XXVI, 46), mas accrescenta que ha outros AA. que a attribuem ao anno seguinte (XXVII, 7). — Carthago Nova (hoje Cartagena), assim chamada em memoria da Carthago africana, tinha sido fundada, segundo diz Polybio (II, 13), por Hasdrubal.

[2] T. Livio, XXVIII, 2–16.

[3] XXVIII, 20.

[4] Das guerras dos Scipiões, 218–206 a. C., trata um opusculo de J. Franz (*Die Kriege der Scipionen*), publicado em Munich em 1883; ahi se discutem as relações de T. Livio com Polybio, e se apreciam outras fontes historicas.

[5] T. Livio, XXIX, 1.

[6] Isto é, M. Porcio Catão, o Censor, que escreveu *De agri cultura liber,* onde ha referencias á Peninsula.

[7] T. Livio, XXXIV, 9.

[8] T. Livio, XXXIV, 16.

nesse anno vou pois começar a historia da conquista. Para maior commodidade do leitor, disponho o meu trabalho em fórma de elencho chronologico; no termo d'elle farei um resumo retrospectivo e synthetico [1].

Como informação preliminar, notarei que pelos tempos da segunda guerra punica (sec. III a. C.) a Hispania se considerava dividida pelo rio *Iberus* «Ebro» em *Hispania Citerior* ou *cis Iberum*, do lado oriental, e *Hispania Ulterior*, ou *ultra Iberum*, do lado occidental. Vimos a cima que já no tratado de 226, celebrado entre Romanos e Carthagineses, o rio serviu de linha divisoria dos imperios dos dois povos. As expressões *Citerior* «d'aquem» e *Ulterior* «d'alem» entendem-se com relação á Italia. É por isso que em latim tambem se usa o plural *Hispaniae* «as Hispanias» [2]. Na fig. 47.ª reproduzo o reverso de um denario da Republica Romana (familias *Pompeia* e *Minatia*), cunhado em 46-45 a. C., no qual, segundo o que eu julgo, se vêem representados os Genios da *Citerior* e da *Ulterior*, postos de cada lado de Gneo Pompeio Junior [3]. Com o andar do tempo e o progresso da conquista romana, as noções de *Hispania Citerior* e *Hispania Ulterior*

Æ
Fig. 47.ª

---

[1] Da historia da conquista da Lusitania se occuparam já alguns auctores nossos, por exemplo: A. de Rèsende, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Evora 1593, fl. 91 sqq.; Fr. Amador Arraiz, *Dialogos*, 1.ª ed., 1589, dial. 3.º (= 2.ª ed., 1604, dial. 4.º); Fr. B. de Brito, *Monarchia Lusytana*, Alcobaça 1597, liv. I-IV; A. Pereira de Figueiredo na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, t. IX, p. 175 sqq. — Para a minha exposição recorro porém directamente ás fontes classicas (litteratura e epigraphia).

[2] Por exemplo em Cicero, *Balb.*, XV, 34; *ad Attic.*, X, 9-A; *ad Famil.*, VIII, 16. Cf. Epiphanio Dias, *Cartas selectas de Cicero*, XVIII, § 3, Porto 1888. — Tambem um poeta português, G. Pereira de Castro, disse:

De ambas as Indias, de *ambas as Espanhas*.

Vid. *Ulysseia*, I, 4.

[3] Vid.: Cohen, *Descr. génér. des monn. de la république rom.*, Paris-Londres 1857, pp. 217-218, 261-262 e 265; E. Babelon, *Descr. hist. et chron. des monnaies de la rép. rom.*, II, Paris-Londres 1886, pp. 346-347 e 225. Tanto Cohen, como o Sr. Babelon, consideram

modificaram-se muito: assim, *Carthago Nova* «Carthagena», apesar de ser capital da Citerior, ficava a grande distancia do Ebro, para o Sul[1]. Por outro lado, as regiões que ainda não estavam conquistadas não se incluiam a principio naquella divisão, mas mantinham as suas denominações indigenas, o que consta do decurso d'esta narração. — Nos começos da conquista a Hispania romana era governada por um só magistrado. Depois, com poucas excepções, foi-o por dois, um em cada uma das duas regiões (Citerior e Ulterior), as quaes se chamavam «provincias»; estes magistrados eram consules ou proconsules, e pretores ou propretores, e o seu governo era geralmente annual. — Em 198, segundo diz T. Livio[2], os proconsules C. Sempronio, da Citerior, e M. Helvio, da Ulterior, foram encarregados de delimitar as duas provincias; isto prova a antiguidade da divisão. — Quando a parte da Lusitania que jazia ao Sul do *Durius* «Douro» se foi tornando romana, ficou pertencendo á Ulterior. A parte que demorava ao Norte do *Durius,* ou *Gallaecia,* é pela *Periocha* 56 de Tito Livio[3] e por Orosio[4] posta tambem na Ulterior; mas quando se fez a nova divisão da Peninsula em tres provincias (como se dirá adiante), a

---

estes dois Genios não como sendo das duas Hispanias, mas sim da Betica e da Tarraconense, o que a mim me não parece justo, porque a divisão official do tempo era aquella (a divisão da Peninsula em tres provincias, duas das quaes eram a Betica e a Tarraconense, é posterior, conforme veremos).

[1] Acêrca da divisão de Hispania em Citerior e Ulterior, vid.: Flores, *España Sagrada,* I, 207 sqq.; Hübner, *Corp. Inscr. Lat.,* II, Suppl., p. LXXXV; eundem, *La Arqueología de España* [*y Portugal*], § 109; e Feliciani na *Riv. di Storia Antica,* X, 23 sqq. D'este assunto tratou tambem Pereira de Figueiredo na *Hist. e Mem. da Acad. das Scienc.,* IX (1825), 203 sqq.

[2] XXXII, 28.

[3] Ahi se lê com effeito: *D. Iunius Brutus in Hispania Ulteriore feliciter adversus Gallaecos pugnavit.*

[4] Vid. *Adversum Paganos,* II, 1, § 74 (ed. de Zangemeister, Leipzig 1889): *Hispania Ulterior habet ab oriente Vaccaeos, Celtiberos, a septentrione oceanum, ab occasu oceanum, a meridie Gaditanum oceani fretum, unde mare Nostrum, quod Tyrrhenum vocatur, inmittitur.* Posto que Orosio seja dos sec. IV–V, seguiu aqui a antiga divisão geographica do tempo da Republica, o que já com toda a razão nota Flores, *España Sagrada,* I, 208.

Tarraconense, na qual se incluiu a *Gallaecia,* tornou-se equivalente da antiga Citerior [1].

193. Tendo os Lusitanos [2] assolado a Hispania Ulterior, e voltando para a patria com grandes despojos (gados), Publio Cornelio Scipião Nasica, pretor d'aquella provincia, saiu-lhes ao encontro, e depois de porfiado combate, que Tito Livio narra com algum desenvolvimento [3], venceu-os junto de *Ilipa* (Betica [4]), pô-los em debandada, e tomou-lhes gente e estandartes [5].

Fig. 48.ª [7]

191 [6]. Os Lusitanos derrotam na terra dos Bastetanos, ao pé da cidade de Lyco ou Lycon, o pretor consular da

---

[1] Cf. Plinio, *Naturalis Hist.,* III, § 6: *Citerior eademque Tarraconensis.*

[2] Devem ser os de entre *Tagus* e *Anas,* o que se induz da menção de *Ilipa,* mais adiante.

[3] Liv. XXXV, cap. 1.

[4] Plinio., *Nat. Hist.,* III, 11.

[5] O texto de T. Livio diz: Lusitanos, *pervastata ulteriore provincia . ., domum redeuntis.* É isto uma prova do que affirmei a cima: o territorio dos Lusitanos não estava ainda então incluido na designação de — provincia Ulterior, e conservava a sua denominação nacional.

[6] A data é dada pelo novo Epitome de Tito Livio descoberto em Oxyrhyncho (Egypto) e publicado em Leipzig por Kornemann em 1904 (*Die neue Livius-Epitome aus Oxyrhynchus*): vid. p. 15.

[7] Fibula anular, de bronze, proveniente de Beja ou arredores (tamanho natural). Existe no Museu Ethnologico Português. É do mesmo typo das de Despeña Perros (Hespanha), de que tambem existe um espécime no referido Museu, por offerta que me fez o illustre numismata D. Antonio Vives. Cf.: *Revue Archéologique,* 1903, II, 414, e 1904, I, 151; J. Fortes, *As Fibulas do Noroeste da Peninsula,* Porto 1905, pp. 6-7; Pierre Paris, *Essai sur l'art,* II, 266.

Hispania Ulterior L. Emilio Paulo, matam-lhe seis mil homens, e obrigam-no a fugir [1].

189[2]. Não tardou muito que o mesmo pretor tirasse a desforra: *tumultuario exercitu collecto, signis collatis, cum* LUSITANIS *pugnavit. Fusi fugatique hostes; caesa decem octo milia armatorum; duo milia trecenti capti et castra expugnata,* escreve T. Livio [3]. Segundo diz Plutarcho [4], o pretor alcançou dos Barbaros duas victorias; não especifica quaes Barbaros, mas talvez fossem os Lusitanos, como conjectura Ursin [5]. Accrescenta T. Livio que a fama da victoria obtida pelas armas romanas tornou mais sossegados os Hispanos. — Este sossego naturalmente não durou muito.

186. Lê-se em Tito Livio [6] que os governadores das duas Hispanias, Ulterior e Citerior, respectivamente C. Atinio e L. Manlio, participaram para Roma que tanto os Celtiberos como os Lusitanos estavam em armas e assolavam os territorios dos alliados. Deve entender-se — dos alliados dos Romanos. De na narração do historiador virem os Celtiberos conjunctos com os Lusitanos, i. é, *Celtiberos* LUSITANOS*que in armis esse,* não ha de concluir-se, penso eu, que elles andavam confederados

---

[1] T. Livio, XXXVII, 46; cf. Orosio, *Hist. adversum Paganos* que diz: *L. Aemilius pro consule a Lusitanis cum universo exercitu caesus interiit,* IV, 20, 23. — Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, t. II, p. 699, escreve que talvez esta cidade seja a mesma que noutros textos se chama *Ilugo.*

[2] A data é dada pelo novo Epitome, já citado, de T. Livio, que indica o consulado: p. 15.

[3] XXXVII, 57.

[4] *Vida de Emilio Paulo,* § 4 (ed. de Didot, p. 306).

[5] *De Lusitania,* Helsingfors 1884, p. 26.

[6] XXXIX, 7.

nesta luta, mas que os primeiros operavam na Citerior, e os outros na Ulterior, como se mostra de mencionar T. Livio os nomes de cada um dos governadores. Contudo é natural que os Lusitanos (entenda-se os do Sul do Tejo) estivessem fóra do seu país, porque noutro passo diz T. Livio que C. Atinio os desbaratou nos arredores de Asta [1]; ora Asta (ou Hasta) ficava na Turdetania, i. é, na Andaluzia [2].

185 e 184. Diz T. Livio [3] que no anno de 184 havia tranquillidade na Hispania Ulterior, porque os Lusitanos tinham sido quebrantados «na guerra antecedente»: *fractis proximo bello* LUSITANIS. Por outro lado, escreve que aos antigos pretores das Hispanias C. Calpurnio e L. Quinccio se decretaram as honras do triumpho como vencedores dos Lusitanos e Celtiberos [4]. Que victoria era esta? T. Livio não o aclara bem, mas ha de entender-se que era a que elle menciona no livro XXXIX, capp. 30–31 [5], succedida em 185 na Carpetania, para onde os pretores tinham partido. Á Carpetania, como região central, concorreram, de uma parte Celtiberos, e da outra Lusitanos. Os Romanos foram batê-los ahi. Tito Livio omitte todavia os nomes dos dois povos, que só apparecem, como vimos, no cap. 42, e em vez d'elles diz unicamente, e de modo generico, *Hispani* [6]. Já os Lusitanos,

---

[1] XXXIX, 21: *cum* LUSITANIS *in agro Astensis signi collatis pugnavit: ad sex milia hostium caesa, ceteri fusi et fugati, castrisque exuti.*

[2] Estrabão, III, I, 9; Ptolemeu II, IV, 10.

[3] XXXIX, 42.

[4] XXXIX, 42.

[5] Cf. tambem Becker, *Die Kriege der Römer*, I (Altona 1826), 91.

[6] No cap. 30 refere T. Livio que a principio os Hispanos na Carpetania levaram vantagem aos Romanos não longe das cidades de Dipo e Toledo, *haud procul* DIPONE *et Toleto urbibus*, como se lê na

já os Celtiberos, batalhavam varias vezes fóra das suas regiões: a respeito dos Lusitanos, vid. o que se disse supra; quanto aos Celtiberos, achamo-los, por exemplo, em 184 *in agro Ausetano* [1].

183. A tranquillidade notada pelo nosso autor nos Lusitanos no anno de 184, devida á derrota de 185, durava ainda em 183. Por causa de uma doença de Publio Sempronio Longo, então pretor proconsular da Hispania Ulterior, as armas romanas não os importunaram, e elles, como ninguem os provocou, conservaram-se quietos, com vantagem para os seus inimigos: *proconsul diutino morbo est implicitus, et nullo lacessente peropportune quieverunt* LUSITANI [2].

181. A julgar do silencio dos textos, a mesma tranquillidade se prolongou até 181, em que Publio Manlio, pretor da Ulterior, travou com os Lusitanos alguns combates com bom resultado para as armas romanas [3]. Infelizmente não sabemos se estas victorias foram em territorio lusitano, ou fóra.

179. Estava imminente grande luta entre Romanos e Celtiberos. Para a começarem, ajustam L. Postumio Albino, governador da Ulterior, e T. Sempronio Graccho, da Citerior, irem para a Celtiberia, dirigindo-se aquelle para o territorio

---

ed. de Weissenborn. Este philologo noutra edição que tem de T. Livio, annotada, ao referir-se a *Dipo,* no ablativo *Dipone,* remette o leitor para o *Itinerario de Antonino.* Mas isto não deve ser, porque *Dipo,* segundo o *Itinerario,* ficava entre *Ebora* e *Emerita,* muito longe pois de Toledo. Em antigas edições de T. Livio ha *Hippone,* que é a lição adoptada por Drakenborch.

[1] T. Livio, XXXIX, 56.

[2] T. Livio, XXXIX, 56.

[3] T. Livio, XL, 34.

dos Vacceus, através da Lusitania, *per Lusitaniam* [1].

Os Vacceus e os Lusitanos foram effectivamente vencidos por L. Postumio Albino [2]. Esta victoria
178. deu origem a uma festa triumphal em Roma: *L. Postumius de* LVSITANIS *aliisque eiusdem regionis Hispanis triumphavit,* diz T. Livio [3], que especifica assim os Lusitanos como povo mais importante. Nos *Acta triumphalia* vem tambem uma inscripção que diz: [*L. Postumius A. f.*] A · N · ALBINVS · PRO · AN ↀLXXV || *cos. ex lusita*[NIA · HISPANIA · Q · PR · NON · FE[*br*] [4], a qual foi certamente a fonte de T. Livio; nessa inscripção a phrase *ex Lusitania Hispaniaq(ue)*, onde *Lusitania* está posta a par de *Hispania,* mostra igualmente a importancia d'aquella. Aos feitos de L. Postumio parece que

Fig. 49.ª

---

[1] T. Livio, XL, 47. Isto é, a Lusitania do Sul, d'entre *Tagus* e *Anas.*

[2] Vid. T. Livio, *Periocha* do liv. XLI. O comêço do livro está perdido. — Como é sabido, a obra de Tito Livio não chegou completa até nós. A falta dos livros perdidos é-nos compensada, em parte, pelas *Periochae* «summarios», feitas já na antiguidade, mas em epoca posterior a elle. Temos alem d'isso varias obras de AA. romanos em que se tomou por base a de T. Livio. Ha pouco descobriu-se no Egypto, em Oxyrhyncho, um importante fragmento de um epitome de T. Livio, que foi estudado magistralmente e publicado por Kornemann, em Leipzig, em 1904, com o titulo de *Die neue Livius-Epitome aus Oxyrhynchus.* Este Epitome, a que já a cima me referi, e que terei ainda varias vezes de citar adiante, abrange acontecimentos do sec. II a. C., e, mercê d'elle, podem determinar-se com exactidão algumas datas da nossa historia antiga.

[3] XLI, 7.

[4] *Corp. Inscr. Lat.,* I, parte I, 2.ª ed., Berlim 1893, p. 48.

allude um denario de A. Postumio, que reproduzo na fig. 49.ª, p. 113 [1].

167 a 156. Ou pelo silencio dos textos (a obra de T. Livio interrompe-se no liv. XLV, anno de 167), ou porque realmente nada houve digno de menção, o que é certo é que de 167 em diante, durante uns dez annos, nada sabemos da historia da Lusitania.

Na Periocha 46 da mesma obra diz-se de fugida: *res.. adversus..* LVSITANOS *vario eventu gestas*. De taes palavras infere-se que não só as armas romanas não levaram ás dos nossos maiores nenhuma grande vantagem, senão o patriotico historiador evidenciá-la-hia, mas soffreram d'ellas alguns revéses. Isto deve ter succedido por 163.

155 Segundo conta Appiano[2], os Lusitanos[3], comman-

---

[1] Vid. o que a tal respeito diz E. Babelon, *Monnaies de la république romaine*, II, 381. No anv. personifica-se a Hispania (região vencida), como a propria legenda HISPAN(*ia*) o declara; no rev. representa-se uma cerimonia «dont le souvenir est perdu pour nous». — Este denario data de 74 a. C.; mas é sabido que os magistrados monetarios romanos faziam das moedas annaes das suas familias, e por isso este se refere a factos anteriores áquelle anno.

[2] *Iberica*, cap. 56. Tenho presentes as edições de F. Dübner, Paris 1840 (Didot) e de L. Mendelssohn, Leipzig 1879 (Teubner). Appiano, natural de Alexandria, escreveu nos meados do sec. II da era christã; a sua obra, apesar dos defeitos que contém, é preciosa para nós, por nos elucidar com bastante desenvolvimento acêrca de longo periodo da nossa historia antiga. As suas fontes, com relação á descripção da Iberia, são Fabio Pictor (sec. III–II a. C.), ao que se crê, e Polybio (sec. II a. C.); com relação á guerra sertoriana (vid. adiante), Sallustio, contemporaneo d'ella. Cf. Hübner, *La Arqueología de España* [*y Portugal*], pp. 31 e 52. — D'aqui avante, até os começos do sec. II a. C., ella me servirá de principal guia, como até aqui me serviu a de T. Livio.

[3] Os do Norte do *Tagus* «Tejo», como se vê do proseguimento da narração: i. é, os de entre *Tagus* e *Durius*.

(154) a 153 dados por Punico [1], assolam os campos dos alliados de Roma, e derrotam successivamente os pretores Manilio e Pisão; entre os mortos conta-se o questor Terencio Varrão, que só por este texto conhecemos. Punico, aggregando a si os Véttones, marcha até o oceano e ataca os Bastulophenicios [2]. Sendo morto por uma pedrada, succedeu-lhe Césaro [3], que a principio foi vencido por L. Mummio, pretor da Ulterior [4]; em seguida porém venceu-o a elle. Os Barbaros, orgulhosos das victorias, mofam dos Romanos por toda a Iberia [5].

---

[1] No texto Πουνίκου, genetivo de Πούνικος. Nome proprio, e não = *Punicus* «Carthaginês», embora tenhamos aqui talvez uma palavra nacional desfigurada pelos AA. ou copistas, por influencia d'esta ultima.

[2] No texto Βλαστοφοίνικας, accusativo do plural; no nominativo Βλαστοφοίνικες. Nome de um povo iberico, mixto de indigenas (Βάστουλοι) e Libyos; cf. Appiano no cap. 56. *Bastulophenicios*, é palavra synonyma de *Libyphenicios*, ou *Libyphenices*, povo tartesio (Sul), de que se fallou nesta obra, II, 70. Vid. tambem: Cortés y López, *Dicc. Geogr. de la Esp. ant.*, III, 137; e Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, p. 226.

[3] No texto Καίσαρος, segundo a edição de Mendelssohn, ou Καισαρᾶς, segundo a de Didot; mas a boa lição é a primeira, que se lê tambem numa inscripção romana: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5762 (*Caesaros*). Com este nome se relaciona o *Cesaron* ou *Cesarão* dos nossos autores, por exemplo em Arraiz, *Dialogos*, 2.ª ed., fl. 117 *v.*: «tinhã os Lusitanos por seu capitão hum *Cesaron*, homem de grande animo»; e no célebre soneto bocagiano que começa:

> *Cesarões*, Viriatos, Apimanos,
> Vós que, brandindo vingadora espada,
> Tentastes sacudir da patria amada
> O vil, o férreo jugo dos Romanos.

Propriamente *Cesarão* não vem de Καίσαρος, mas da fórma *Caesaro, -onis*, que se acha em algumas inscripções peninsulares, como póde ver-se em Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, p. 256.

[4] Fallando dos feitos de Mummio, diz Eutropio, IV, 9: *Lucius Mummius in* Lusitania *bene pugnavit.*

[5] Appiano, *loc. citato.*

Estes Barbaros, continùa Appiano [1], excitados pelos Lusitanos do Sul do Tejo [2] contra os Romanos, e commandados por Caucêno [3], invadiram o país dos Cuneos [4], sujeito aos Romanos, e tomaram a cidade de Conistorgis. Depois retiraram-se d'alli, passando uns o oceano junto das Columnas de Hercules, indo outros cercar Ocelum [5].

Conforme se lê em um fragmento de Polybio, o consul M. Claudio Marcello, governador da Citerior, fez uma expedição contra os Lusitanos, e, depois de tomar *Nercobrica* [6], foi passar o inverno em Cordova [7].

152. Marco Atilio Serrano, pretor da Ulterior, e successor de Mummio, derrotou os Lusitanos e destruiu-lhes a cidade de Oxthracas [8]. Aterrorizados com isto, os povos vizinhos, alguns dos quaes pertenciam á nação dos Vétto-

---

[1] Cap. 57.

[2] O texto diz ἐπὶ θάτερα τοῦ Τάγου ποταμοῦ «na outra margem do rio Tejo», sem se definir qual; mas do sentido geral vê-se que é a esquerda.

[3] No texto Καυκαῖνος.

[4] No Algarve. Vid. esta obra, II, 72.

[5] Appiano tem Ὀκίλη. Sobre as differentes fórmas d'esta palavra e sobre as cidades d'este nome, consultem-se: Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, p. 237; Cortés y López, *Dicc. geogr. de la Esp. ant.*, III, 238-239.

[6] No texto Νερκόβριγα, talvez por «Nertobriga». Na Hispania havia mais de uma cidade d'este nome. A de que aqui se trata era certamente a da Betica, e não a da Celtiberia (como quer Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, p. 237), por ficar mais proxima da Lusitania e de Cordova.

[7] Polybio, Fragm. do liv. XXXV, 2 (edição de Didot, t. II, 1839, p. 121). — Cf. Eutropio, IV, 9: *Marcellus postea consul res ibidem* (na Lusitania) *prosperas gessit.*

[8] No texto Ὀξθράκαι. Do que se diz adiante, infere-se que esta cidade ficava na fronteira da Lusitania, perto dos Véttones, e provavelmente ao N. do Tagus.

nes, deram-se-lhe a partido, mas esta submissão foi pouco estavel, porque, havendo-se retirado Atilio para os quarteis de inverno, elles começaram logo a revoltar-se e a pôr cêrco a varias cidades obedientes aos Romanos [1].

151. A revolta teve tal importancia, que o pretor Servio Galba, successor de Atilio Serrano na Provincia Ulterior, viu-se obrigado a perseguir os Barbaros. Após grande percurso, realizado no espaço de um dia e uma noite, chegou á vista dos Lusitanos: levando-lhes vantagem a principio, foi por fim desbaratado por elles, e obrigado a fugir. Posteriormente dirigiu-se para a terra dos Cuneos, e ahi passou o inverno, na cidade de Conistorgis [3].

Fig. 50.ª [2]

150. Quando o governador da Citerior, o consul Lucio Licinio Lucullo, que estava na Turdetania, soube que os Lusitanos haviam invadido as comarcas vizinhas, mandou contra elles os mais valentes dos seus generaes, que fizeram na Lusitania grande mortandade. Finalmente entrou elle proprio nessa região, e talou-a em parte; outra parte Galba. Os Lusitanos enviam embaixadores a Galba, que os recebe bem, fingindo condoer-se d'elles [4].

---

[1] Appiano, cap. 58.

[2] Contas pretas de massa vitrea ornamentada com circulos concentricos de esmalte branco, á maneira de olhos. Tamanho natural. Appareceram em Bensafrim, na terra dos Cuneos, e estão no Museu Ethnologico.

[3] Appiano, cap. 58. Cf. Orosio, *Hist. adversum Paganos*, IV, 21.

[4] Appiano, cap. 59. Cf. o novo Epitome de T. Livio, ed. de Korziemann, pp. 21 e 47; a data de 150 está ahi bem determinada.

Em seguida, Servio Galba matou á traição muitos Lusitanos. Poucos escaparam da matança; entre esses porém contava-se um Lusitano chamado VIRIATO [1]. — Fallando da familia do imperador Sulpicio Galba, escreve Suetonio a respeito de Servio Galba: *quem tradunt Hispaniam ex praetura optinentem, triginta* LUSITANORUM *milibus perfidia trucidatis, Viriathini belli causam extitisse* [2].

149. Este facto vergonhoso fez que Servio Galba fosse accusado em Roma: *cum a Libone tribuno pl. Ser. Galba pro rostris uehementer increparetur, quod* LUSITANORUM *magnam manum interposita fide praetor in Hispania interemisset* .., mas conseguiu ser absolvido [3]. A data de 149 está assegurada pelo novo Epitome de Tito Livio [4].

149 e 148. Dos factos succedidos na Lusitania em 149 e 148 não temos noticias sufficientes. Appiano, narrando no cap. 60 o que fica exposto, diz no cap. 61 que VIRIATO, passado não muito tempo (μετ' οὐ πολύ), foi eleito capitão dos Lusitanos; e ao contar no cap. 61 os acontecimentos que deram origem á eleição, começa tambem por palavras semelhantes: οὐ πολὺ δὲ ὕστερον «não muito depois». Esses acontecimentos são, como veremos, os do anno 147 e seguinte. Logo ha aqui realmente uma lacuna chronologica (149–

---

[1] Vid.: Appiano, cap. 60; Orosio, *Hist*, IV, 21, 10; Catão, em Peter, *Historicorum Romanorum Fragmenta*, Leipzig 1883, p. 62; Valerio Maximo, *Fact. et dict. memorab.*, IX, VI, 2 (ed. de Kempf), Leipzig 1888.

[2] *Vida de Galba*, cap. 3, da ed. de Roth, Leipzig 1904 (*C. Suetoni Tranquilli Quae supersunt omnia*, p. 200).

[3] Valerio Maximo, *Fact. et dict.*, VIIII, I, 2 (ed. de Kempf, pp. 366-367).

[4] Ed. de Kornemann, p. 23: *L. Marcio Censorino M. Man*[*i*]*lio cos.*, .. [*Ser. Galba a* LUSI]TANIS *reus product*[*us*].

148) [1]. Devemos porém comprehender que da parte dos nossos o tempo se passou em preparativos de guerra, e mesmo em rapidas incursões.

147. Nos capitulos 61-62 diz Appiano que os Barbaros em numero de uns 10:000 invadiram a Turdetania, e que veio de Roma contra elles com tropas de fresco o pretor Caio Vetilio, que, depois de lhes ter causado muitas perdas, os encurralou em certo castello. Os assediados, ao verem-se perdidos, mandaram embaixadores a Vetilio, pedindo-lhes que lhes assignasse terras para habitarem, e promettendo submetterem-se. O pretor assentiu. Mas Viriato, recordando entretanto aos seus a perfidia de Galba, levou-os a resistirem, e os Lusitanos elegeram-no seu capitão (στρατηγός). Isto é o que consta de Appiano.

A data de 147, do estrago feito por Vetilio nos Lusitanos, é-nos attestada pelo fragmento do Epitome de T. Livio ultimamente descoberto no Egypto; ahi se lê: [*Lu*]*sitani suba*[*c*]*ti,* e essa noticia só póde convir ás façanhas de que falla Appiano [2]. Temos pois a eleição de Viriato no mesmo anno de 147, ou nos começos de 146 [3].

147 ou 146.

Quem era Viriato? Á pergunta responde a *Periocha* 52 de T. Livio: *Viriathus* [4] *in Hispania*

---

[1] Cf. Kornemann, *Die neue Livius-Epitome aus Oxyrhynchus*, Leipzig 1904, p. 97.

[2] Vid. Kornemann, *ob. cit.*, pp. 27 e 55-56. Os acontecimentos de que se trata neste fragmento passaram-se no consulado de P. Cornelio & C. Livio, portanto em 147, como póde ver-se dos *Fasti Consulares*.

[3] Cf. Kornemann, *Die neue Livius-Epitome*, p. 97.

[4] *Viriathus*, com *h*, é fórma litteraria. A fórma popular na Peninsula era *Viriatus*, como consta de varias inscripções da epoca romana; vid. o que a este respeito escrevi no *Arch. Port.*, II, 23-

primum ex pastore venator, ex venatore latro[1], *mox iusti quoque exercitus dux*[2]. Floro, depois de dizer que elle era *calliditatis acerrimae*, e de lhe chamar tambem *dux*, e alem d'isso *imperator*, accrescenta: *et, si fortuna cessisset, Hispaniae Romulus*[3]. Tal o varão que ia agora, durante oito annos, oppor grave resistencia ás armas romanas, depois de ter attrahido a si os animos de todos os Lusitanos: *totam Lusitaniam occupavit*, — como tambem se lê na *Periocha* 52.

146. Em vista do que menciona Appiano no cap. 61,

---

24. — Nas *Religiões*, II, 73, explicou-se *Viriatus* por v i r i a e «bracelete». Sobre a possibilidade de v i r i a e ser celtico vid.: Walde, *Lat. etym. Wb.*, Heildelberg 1906, s. v.; Thurneysen, *Keltoroman.*, Halle 1884, pp. 82–83. — Carnoy, *Éléments celtiques* dans les noms de personnes des inscriptions d'Espagne [et de Portugal], Lovaina 1907, p. 12, pretende explicar porém a nossa palavra por v i r i j ó s «verde». Acêrca de v i r i j ó s, vid. W. Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, Gottinga 1894, p. 281. Do suffixo *-atus* falla Holder, *Altcelt. Sprachschatz*, s. v. Todavia o Sr. D'Arbois de Jubainville diz-me em carta de 9 de Julho de 1907 que acha mais provavel a primeira explicação (a qual é já antiga). — Não são raros em Portugal achados de braceletes antigos. A titulo de curiosidade, represento na fig. 51.ª um de ouro batido; adquiri-o no Porto, e está agora no Museu Ethnologico. É de epoca indeterminada, mas evidentemente pre-romana. Cf. *O Arch. Port.*, XI, 35.

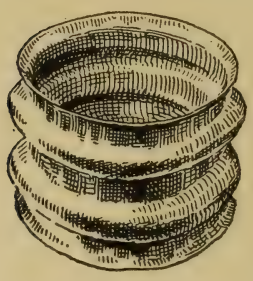


Fig. 51.ª
Bracelete lusitano de ouro

[1] Por *latro* deve entender-se, não propriamente «salteador», mas «guerrilheiro» ou «habituado a correrias». A palavra é desculpavel na boca de um Romano, sempre tão orgulhoso do seu patriotismo, como desprezador dos Barbaros.

[2] Isto é: «Viriato, na Hispania, o qual primeiramente de pastor se tornou caçador, de caçador se tornou *latro* (vid. a nota antecedente), e em seguida commandante de um exercito regular».

[3] Liv. II, cap. 17, que na ed. de Rossbach (*L. Annaei Flori Epitomae*), Leipzig 1896, corresponde ao liv. I, cap. XXXIII.

Viriato, com quanto capitão dos Lusitanos, começou os seus feitos de armas fóra da Lusitania, na Turdetania. Os Barbaros vem ás mãos com Vetilio, que é vencido junto de Tribola [1] e aprisionado; o soldado que o fez prisioneiro matou-o por não saber quem elle era, e tambem por ver nelle um velho obeso, e conseguintemente lhe não achar valor nenhum (ὡς οὐδενὸς ἄξιον) [2].

O questor que fica substituindo Vetilio soffre tambem grande revés [3].

Seguidamente Viriato assola a Carpetania. De Roma parte contra elle Plaucio, como successor de Vetilio no governo da Hispania Ulterior [4]. — No dizer combinado de Appiano, cap. 64, com o da *Periocha* 52, e o de Orosio, v, 4, 3, o governador Plaucio não é muito mais feliz do que Vetilio.

Todos estes factos devem ter succedido em 146: vid. Kornemann, *Die neue Livius-Epitome*, p. 97–98.

145 e 144. O senado manda para a Hispania o consul Quinto Fabio Maximo Emiliano em 145. Neste anno nada pratica notavel [5].

Em 144 eram consules em Roma Servio Galba & Lucio Aurelio Cotta. Discutindo-se no senado qual dos dois viria contra Viriato, porque ambos queriam vir, Scipião Emiliano, irmão de Q. Fa-

---

[1] *Tribola* deve ser a mesma cidade que a *Turbula* de Ptolemeu, na Bastetania.

[2] Appiano, cap. 62–63. — Cf. a *Periocha* 52; Orosio, v, 4, diz inexactamente que Vetilio se salvou: cf. Kornemann, *Livius-Epitome* p. 97, nota 2.

[3] Appiano, cap. 63.

[4] Appiano, cap. 64.

[5] Appiano, cap. 65.

bio Maximo, disse que nenhum d'elles lhe agradava, um, porque nada tinha de seu, o outro porque nada o saciava: *alter nihil habet, alteri nihil est satis* [1]. Deve entender-se, como pondera Kornemann[2], que Scipião Emiliano pretendia que o irmão continuasse no governo da Hispania.

Quinto Fabio Maximo Emiliano continuou pois cá, e levou vantagens a Viriato no anno de 144[3].

143. Viriato não desanima, e prosegue no seu plano de defesa nacional. Agora dirige as suas vistas para a Provincia Citerior, e faz que se rebellem contra Roma varios povos celtibericos de caracter aguerrido, os Arevacos, os Titthos e os Bellos[4].

142. O novo Epitome de Tito Livio, descoberto no Egypto, diz que em 142 [*M*]*etellus cos. a* LUSITANIS *uex*[*atus*][5]. Este *consul Metellus* vencido pelos Lusitanos é Lucio Cecilio Metello Calvo, e não Quinto Metello, como antes do descobrimento do Epitome se suppunha[6]. Tambem Julio Obsequente, sem porém mencionar o nome do general vencido, dá noticia de desastres das armas romanas: *exercitus Romanus.. adversus Viriatum dubie dimicavit*[7].

141. No cap. 67 diz Appiano que Quinto Fabio Maximo Serviliano, irmão adoptivo de Q. Fabio Maximo Emiliano, e novo governador da Provincia Ulterior, fôra atacado por

---

[1] Vid. Valerio Maximo, *Fact. et dict.*, VI, IV, 2. Esta anecdota tem sido citada varias vezes.

[2] *Livius-Epitome*, p. 99.

[3] Appiano, cap. 65.

[4] Appiano, cap. 66.

[5] Edição de Kornemann, pp. 29 e 60.

[6] Quinto Metello foi consul em 143.

[7] *De Prodigiis*, cap. 81, ed. de Oudendorp, Leyden 1720, p. 77.

Viriato é o repellíra, e que em seguida, com alguns reforços que recebêra, o pusera em fuga e lhe seguíra no encalço; mas que Viriato, retrocedendo, atacára o acampamento de Serviliano, o qual, vendo-se constantemente incommodado por Viriato, se retirára por fim para Itucca. — Estes factos passaram-se do lado oriental do Ana.

No cap. 68 continúa Appiano: Viriato, por falta de mantimentos e de tropas, regressa á Lusitania; Serviliano não o persegue, mas dirige-se para a Beturia, e saqueia cinco cidades que haviam tomado voz por Viriato; da Beturia passa para o territorio dos Cuneos [2], d'onde se

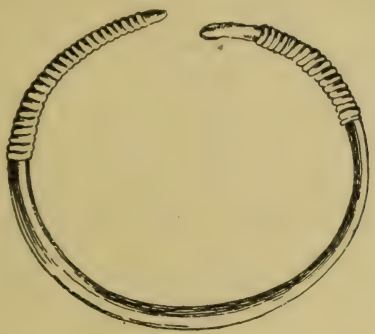


Fig. 52.ª [1]

[1] Bracelete de bronze (reduzido 2/3 do tamanho natural) de uma necropole da idade do ferro, de Bensafrim, no territorio dos Cuneos. Cf. Estacio da Veiga, *Antig. monum. do Alg.*, IV, 253, est. XXIX. Hoje no Museu Ethnologico.

[2] Dos Cuneos fallei no vol. II, 72, etc. Como ahi disse, o Ana corre no territorio d'elles: *Ana.. per Cynetas effluit* (Avieno, *Ora Marit.*, v. 205). Tomando-se á letra o *per* «através de», podia suppor-se que os Cynetes ou Cuneos, se occupavam o Algarve, attingiam tambem a margem esquerda do Ana ou Anas; mas nos vv. 222-224 diz o mesmo Avieno que o *Tartesius ager* péga com o territorio dos Cynetes, e que o Ana é o limite d'estes (pelo menos é assim que interpreto o respectivo passo, porque, depois de fallar do rio, *ad amnem*, o poeta accrescenta: *genti et Cynetum hic terminus;* e o *hic*, quer seja adverbio, quer pronome, refere-se naturalmente á ideia de «rio», que é a que está mais proxima).

apressa a partir novamente para a Lusitania [1] contra Viriato, sendo durante a marcha atacado por dois capitães de guerrilhas [2], Curio e Apuleio, que o privam da presa que levava [3]; mas Serviliano recupera-a pouco depois, e toma varias cidades onde Viriato tinha guarnições militares.

O novo Epitome de Tito Livio commemora succintamente essas victorias romanas mencionadas por Appiano, dizendo que no consulado de Gneo Cepião & Quinto Pompeio, i. é, no anno de 141, *Q. Fabius Maximus* LUSITANIS *ca[esis] Viriathum fugauit* [4]. Mas em quanto allude assim ás victorias, occulta os desastres. O mesmo fizeram outros AA.: na *Periocha* 53 lê-se: *a Q. Fabio.. magna pars* LUSITANIAE *expugnatis aliquot urbibus* [5] *recepta est;* Orosio, v, 4, § 12, conta um pouco mais por miudo: *Fabius.. contra* LUSITANOS *et Viriatum dimicans Bucciam* [6] *oppidum, quod Viriatus obsidebat, depulsis hos-*

---

[1] Em Appiano a palavra *Lusitania* toma varias accepções, conforme as fontes de que elle serve. Ao passo que no cap. 73 a *Lusitania* era a do N. do Tagus, aqui elle tem em mente o Sul, embora distinguindo nelle o territorio dos Cuneos. Tambem os nossos reis se intitulam *de Portugal e dos Algarves,* e comtudo o *Algarve d'aquem* fica em Portugal. Num e noutro caso preponderam os vestigios de antigas divisões geographico-ethnographicas.

[2] Traduzo por *capitães de guerrilhas* a palavra grega λῃσταρχοι, pois supponho que é assim que se deve entender, embora ella signifique propriamente «capitães de ladrões». Cf. o que a cima, pag. 118, nota 1, se disse de *latro,* applicado a Viriato.

[3] Certamente gados. Cf. supra, p. 107.

[4] Ed. de Kornemann, pp. 29 e 61. Neste ponto o Epitome é precioso, por nos determinar a data dos acontecimentos.

[5] Estas cidades devem ser as de que se falla no cap. 68 de Appiano, extractado supra.

[6] A respeito de *Buccia* ou *Baccia*, vid. *Mon. Ling. Iber.,* de Hübner, p. 227. Cortés y López, *Dicc. geogr. de la Esp. ant.,* II, 243, identifica esta cidade com a de nome *Biatia* (=*Vivatia:* cf. *Mon. Ling. Iber.* p. 243) dos Oretanos, no que não parece ter razão.

tibus liberauit et in deditionem cum plurimis aliis castellis recepit. De todos estes trechos, combinados com o de Appiano, se vê que a Lusitania de que se aqui trata era a do Sul (Alemtejo), pois que ficava perto do territorio dos Cuneos, i. é, do *Cyneticum* (Algarve).

140. Appiano, continuando a narração, diz no cap. 69: Serviliano persegue a Viriato, e cerca-lhe *Erisana*[1]; Viriato resiste e repelle-o, mas, não se ensoberbece com o triumpho alcançado, e pactua alliança com os Romanos. A data certa d'este importante acontecimento, que suspendia as hostilidades, e punha apparentemente termo a uma guerra sangrenta, é tambem determinada pelo novo Epitome de T. Livio, que diz que no consulado de Q. Cepião & C. Lelio, i. é, em 140, *Fabius Maximus a Vir[i]ath<i>o devictus de[f]ormem cum hostibus pacem fecit*[3]. — A *Periocha* 54, pelo seu lado, informa tambem: *Q. Fa-*

Fig. 53.ª [2]

[1] Hübner nos *Mon. Ling. Iber.*, p. 232, marca com asterisco o nome d'esta cidade, o que indica que o tinha por corrupto.

[2] Nesta fig. reproduzo um denario de Q. Fabio Maximo Eburno (anno de 123 a. C.) em que provavelmente se commemoram as façanhas de Serviliano: no anv. vê-se a cabeça da *dea Roma;* no rev., uma cornucopia, typo das moedas de *Valentia* (costa oriental da Hispania), como allusão a alguma victoria por ahi ganha contra Viriato. Vid.: Mommsen, *Hist. de la monn. rom.*, trad. de Blacas, t. II, p. 338, n. 2; Heiss, *Monn. antiq. de l'Espagne* [*et du Portugal*], p. 224; Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, p. 90; Babelon, *Monn. de la républ. rom.*, II, 482. — O denario cuja figura aqui se reproduz, existe no Museu Ethnologico Português, e provém de um antigo thesouro monetario apparecido na Beira-Baixa.

[3] Ed. de Kornemann, pp. 29 e 63.

bius proconsul rebus in Hispania prospere gestis labem imposuit pace cum Viriatho aequis condicionibus facta; a expressão *rebus . . prospere gestis* allude certamente ao cêrco de *Erisana*, contado, como vimos, por Appiano.

De outro importante acontecimento, passado no mesmo anno de 140, nos deixou tambem noticia o novo Epitome de Oxyrhyncho, pois ahi se lê: *Q. Occius* [*interceptus*] *insidiis* LUSITANORUM *fortissime* [*pugnauit*][1]. Era principalmente com ciladas e com guerrilhas que os povos ibericos podiam fazer resistencia importante á severa disciplina das tropas de Roma.

140 a 139. A Serviliano succede no governo da Ulterior, ainda nos fins de 140, seu irmão o consul Quinto Servilio Cepião, o qual fez que o senado dissolvesse a alliança pactuada com Viriato. Em seguida recebeu a submissão da cidade de Arsa (na Beturia), desamparada por Viriato, a quem perseguiu, alcançando-o na Carpetania; mas Viriato teve artes de o evitar. Cepião dirigiu-se d'aqui para os territorios dos Véttones e dos Callaicos, e assolou-os[2].

139. Vendo Cepião que sería mais facil desfazer-se de Viriato por meios traiçoeiros, do que vencê-lo legitimamente no campo de batalha[3], incumbiu, mediante promessas seductoras, tres amigos de Viriato de o matarem. Eram estes: Audax, Ditalco e Minuro,—os seus amigos de maior confiança, τοὺς πιστοτάτους αὐτῷ, que elle havia en-

---

[1] Ed. de Kornemann, p. 31.

[2] Appiano, cap. 70.

[3] Os proprios AA. romanos o confessam. Cf. Velleio Paterculo, *Hist. Rom.*, II, 1 (ed. de Halm, Leipzig 1876): *fraude magis quam virtute Servilii Caepionis.* E Floro (ed. de Rossbach, I, 33 = II, 17): *aliter vinci non posse.*

viado á presença de Cepião para tratarem da paz. A traição foi levada a cabo, e Viriato succumbiu ao ferro dos assassinos.—Vid. Appiano, cap. 74 (71), onde se narram alguns pormenores tragicos. O anno do assassinato é determinado sem dúvida nenhuma pelo novo Epitome de T. Livio, que diz que no consulado de Gneo Pisão & Caio Popillio, i. é, em 139, *Audax, Minurus [D]ita[leo] .. Viriathum iugula[verunt]*: vid. Kornemann, pp. 31 e 64–65, que cita muitos outros textos [1].

Dos funeraes de Viriato tratei a cima, pp. 14–15, e para lá remetto o leitor [2].

138. No anno seguinte ao do assassinato, i. é, em 138,

---

[1] Os AA. antigos, ao tratarem da guerra viriatina, deram-lhe varia duração: Appiano, por exemplo, cap. 75 (72), diz que ella durou oito annos; a *Periocha* 54 diz quatorze annos; e ha ainda outros computos. Kornemann, *Die neue Livius-Epitome*, p. 97, explica satisfactoriamente estas divergencias, dizendo que ellas provém do modo da contagem: os que contam oito annos começam em 147; os que contam quatorze começam em 152, anno da revolta contra Atilio Serrano; e assim por diante.

[2] Os feitos de Viriato, além de constituirem capitulos especiaes em muitos trabalhos que versam sobre a historia antiga, tem tambem dado origem a monographias, tanto no campo da sciencia, como no da arte.

Monographias scientificas que conheço, são, por exemplo:

Viriath und die Lusitanier (1.ª parte da obra intitulada *Die Kriege der Römer in Hispanien*), pelo Dr. Becker, Altona 1826;

De Viriathi Numantinorumque bello, pelo Dr. M. Hoffmann, Berlim 1865;

Viriatho (um capitulo da historia da Lusitania), pelo Dr. Antonio de Vasconcellos, Coimbra 1894.

Existe em Viseu um entrincheiramento muito antigo e muito notavel, chamado *A Cava de Viriato*. O nome de Viriato entra ahi apenas lendariamente, como lendariamente o relacionam tambem com a Serra da Estrella. Da *Cava* se occuparam muitos AA., a proposito de Viseu etc. Trabalhos especiaes a respeito d'ella conheço estes:

A Cava de Viriato, por Henrique das Neves, Figueira da Foz 1893;

Relatorio sobre as obras de conservação da Cava de Viriato, Vi-

no consulado de Publio Scipião & Decimo Junio Bruto, data tambem determinada pelo novo Epitome de T. Livio [1], os assassinos pedem a Cepião o premio que lhes promettêra, mas elle responde altivamente que *numquam Romanis placuisse, imperatorem a suis militibus interfici* [2]. Se na grave eloquencia d'esta resposta está a condemnação moral dos assassinos, está tambem *ipso facto* a do proprio Cepião.

---

seu 1903. — Cf. a este respeito o que se diz n-*O Archeologo Português,* IX, 12-16.

Monographias no campo da arte, a respeito de Viriato:

El Capitan lusitano Viriato, Lisboa 1677, por Manoel da Costa e Silva ou José Correia de Brito: vid. Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, III 237, II 841, e Barrera, *Catálogo del teatro ant. español,* Madrid 1860, p. 5. (A indicação d'esta obra e a das tres seguintes foram-me dadas pelo Sr. D. Julio Nombela y Campos, illustrado lente da Universidade de Salamanca e redactor da *Vida Intelectual*);

El Anibal de España VIRIATO, por D. Luis Enríquez de Fonseca, nascido em Málaga em 1620, de paes portugueses, — fragmento de uma comedia, inserido na collecção intitulada *Ocios de los estudios,* Napoles 1683. Vid. Barrera, *Catalogo* cit., p. 134;

El español Viriato, por D. Francisco González de Bustos, — ms. da Bibliotheca de Osuna, dos fins do sec. XVII: vid. Barrera, *Catalogo* cit., p. 177;

El mayor rival de Roma VIRIATO, por D. Luciano Francisco Comelle, — cit. no Catalogo de Moratín;

Viriato Tragico, por B. Garcia de Mascarenhas, Lisboa 1699;

Operas segundo o gosto e costume portuguez que se intitulão: Viriato na Lusitania [etc.] por J. J. de S. da Rocha Saldanha, Lisboa 1759, t. I: vid. Innocencio, *Dicc. Bibliogr.*, XII, 97.

A Caverna de Viriatho, poemeto de Almeida Garrett (incluido nas *Flores sem fruto,* com a trad. fr. de M^lle^ de Flaugergues);

A Cava de Viriato, poemeto, por J. L. de V., Barcellos 1880 (reproduzido nas *Balladas do Occidente,* Porto 1885, p. 165);

Viriatho, narrativa epico-historica (em prosa), por Theophilo Braga, Porto 1903.

No *Album de Viseu* vem uma poesia consagrada a Viriato, uma noticia biographica, e uma estampa do heroe e outra da Cava.

[1] Kornemann, pp. 31 e 65.

[2] Eutropio, *Breviarium hist. Rom.* (ed. de Epiphanio Dias), IV, 16.

Depois da morte de Viriato, muitas guerrilhas, que Appiano, cap. 71 (73), denomina pittorescamente λῃστήρια «maltas de ladrões», se formaram na Lusitania, a exemplo do heroe; contra ellas enviou Roma ao consul Decimo Junio Bruto. Por *Lusitania* entende aqui Appiano, como especifica, a região abrangida pelo *Tagus*, pelo rio do esquecimento [1], pelo *Durius* e por outro rio a que de modo inexacto chama βαῖτις, i. é *Baetis*, querendo talvez dizer βαῖνις, fórma erronea com que o *Minius* vem designado em Estrabão [2]: era pois a Lusitania primitiva [3].—

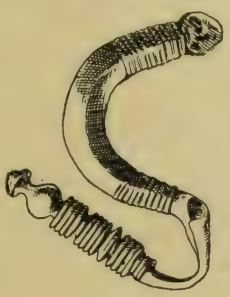


Fig. 54.ª [5]

A campanha começou pelas margens do Tejo, pois que o extremo Sul já ia estando conquistado; a acceitarem-se as correcções propostas pelos criticos ao texto corrupto de Estrabão, o general fez-se forte em *Moron*, e proveu de muros *Olisipo* [4]. Certamente conquistou primeiro a comarca de entre Tejo e Douro, onde estavam os LUSITANOS de Ptolemeu [6]; a isso se referirão,

---

1 Vid. *Religiões*, II, 37, onde discuti o nome.

2 Vid. *Religiões*, II, 37.

3 Cf. *Religiões*, II, 25.

4 *Geogr.* III, III, 1. Acêrca das correcções, vid. a ed. de Müller & Dübner, vol. II, p. 954, e 955, col. 1.

5 Fibula de bronze (2/3 do tamanho natural), em fórma de S, do typo de La Tène I, encontrada nas excavações a que procedi no castro de Pragança (Cadaval).

6 *Geogr.*, II, v. — Ptolemeu (sec. II da era christã) faz distincção entre LUSITANIA e LUSITANOS: a Lusitania é a romana, do *Anas* ao *Durius*; os Lusitanos ficavam entre este ultimo rio e o *Tagus*. Os outros povos da Lusitania, segundo Ptolemeu, eram:

Os TURDETANOS, que iam do *Tagus* ao mar do Algarve, e se sub-

pelo menos em parte, as palavras de Appiano, cap. 71 (73): ἐδῄου τὰ ἐν ποσὶν ἅπαντα «destruia tudo o que lhe apparecia diante»; as da *Periocha* 55: *Lusitaniam triginta urbium* [1] *expugnationibus usque ad occasum et Oceanum* [2] *perdomuit;* e as do novo Epitome de T. Livio: *Lusitani vastati* [3]. Depois d'isto passou o *Durius* para o Norte, i. é, entrou na GALLAECIA [4], e levou a guerra a muitas povoações (*castros*), cuja submissão recebeu [5]. Esta continuação da guerra era natural consequencia do plano de conquista concebido pelo general; mas a causa immediata foi o virem os Galle-

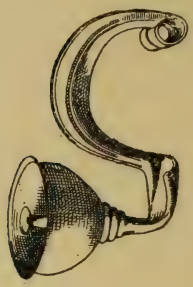


Fig. 55.ª [6]

---

dividiam em *costeiros* (com Balsa, Ossonoba, Salacia, Caitobrix) e *mediterraneos* ou do interior (com Pax Iulia e Myrtilis);

Os CELTICOS (com Laccobriga, Mirobriga, Arcobriga, etc.);

E os VÉTTONES, que são os mais occidentaes (com Lancia Oppidana, Salmantica etc.).

Como Ptolemeu diz que Laccobriga era nos Celticos, e ao mesmo tempo diz que em volta do Sacro Promontorio (onde ficava Laccobriga) habitavam os Turdetanos, deve entender-se que, quando falla dos Celticos, elle queria significar que entre os Turdetanos havia alguns estabelecimentos celticos, aos quaes pertenciam as cidades cujos nomes acabavam em *-briga*. — Os Turdetanos do Promontorio Sacro são os CUNEOS de outros autores.

[1] *Triginta urbium:* i. é «de trinta castros» (da Extremadura e da Beira).

[2] *usque ad occasum et Oceanum,* i. é: «até o Oceano Occidental»

[3] Kornemann, pp. 33 e 67.

[4] Vid. *Religiões,* II, 35.

[5] Appiano, cap. 72 (74).

[6] Fibula de bronze ($^1/_2$ do tamanho natural), proveniente de Tras-os-Montes. Foi-me offerecida pelo Rev. Abbade de Villa Chã, e está hoje no Museu Ethnologico. A especie de campanella que o pé da fibula atravessa, era certamente para se encher de qual-

cos em auxilio dos seus vizinhos do Sul do Durius: *Lusitanis auxilio uenerant* [1].

137. No anno de 137 estava Bruto ao pé do Limia. Quando ahi chegou, succedeu o celebre episodio da travessia, a que me referi no vol. II d'esta obra, p. 225; Appiano accrescenta no cap. 72 (74) que Bruto foi o primeiro Romano que emprehendeu atravessar o rio. A data é-nos assegurada pelo novo Epitome de Tito Livio, segundo o qual, no consulado de M. Emilio & C. Hostilio Mancino, i. é, em 137, *Decimus Brutus in Hispania re b[ene gesta] Oblivionis flumen p[rim]us trans[iuit]* [2]. Do *Limia,* ou *flumen Oblivionis,* continuou o consul a sua marcha gloriosa ainda mais para o Norte, até o rio Minho, a que Appiano dá o nome de Νίμιος (genetivo), evidentemente estropiado [4]; então os Bracaros

Fig. 56.ª [3]

quer materia colorida, a modo de esmalte. O aro é ornamentado. A fibula tem aspecto de cachimbo. É-lhe comparavel uma da Certosa, que O. Montelius, *Civilisation primitive en Italie,* est. 112, n.º 4 (o texto a p. 548), attribue á epoca celtica. Tambem em certo modo lhe são comparaveis as fibulas suiças, da epoca de La Tène I, descritas no *Anzeiger f. Schweizerische Altertumkunde*, nova serie, vol. IX, p. 76, est. VIII. Cf. além d'isso *Prähistörische Blätter,* XIV, est. VII.

[1] Orosio, *Adv. paganos,* V, 5.

[2] Ed. de Kornemann, p. 33.

[3] Fragmento ceramico do castro dos Arados ($^2/_3$ do tamanho natural), do qual se fallou nas *Religiões*, II, 287, nota. A ornamentação é analoga á da ceramica de Arnoaldi de que vi exemplares nos Museus de Bolonha e Roma. Cf. Gozzadini, *Intorno agli scavi fatti dal Sig. Arnoaldi,* Bolonha 1877, est. I e II.

[4] Já alguns criticos emendaram em Μινίου (genetivo). — Sobre o limite septentrional da expedição de Bruto cf. Estrabão, III, III, 4.

assaltaram-no e arrebataram-lhe a presa que levava, pelo que Bruto se virou contra elles [1]. As cidades (*castros*) que o general ia conquistando, revoltavam-se para logo; mas elle submettia-as de novo [2]. A historia da campanha de Bruto termina-a Appiano, cap. 73 (75), com a menção da tomada de Talábriga [3].

Os indigenas mostraram sempre e por toda a parte a maior energia na defesa dos lares patrios. Ás vezes houve mesmo lances epicos, como no cêrco de Cinginnia, em que os sitiados responderam arrogantemente a uma proposta de Bruto [4]. As mulheres batiam-se arrojadamente junto dos homens, e nem um grito de desalento soltavam em meio da carnificina das batalhas [5].

A campanha teve, como vimos, duas phases: galleca e lusitana propriamente dita. Á phase galleca em especial, allude a *Periocha* 56: *D. Iunius Brutus in Hispania ulteriore feliciter adversus Gallaecos pugnavit;* e em termos mais pungentes Orosio: *LX milia Gallaecorum.. asperrimo bello et difficili, quamuis incautos circumuenisset, oppressit, quorum in eo proelio L milia occisa, sex milia capta referuntur, pauci fuga euaserunt.*[6] Das duas phases conjuntas falla Eutropio: *Decimus Iunius Brutus de Gallaecis et Lusitanis magna gloria triumphavit* [7]. Quanto tempo durou o governo de Bruto na

---

[1-2] Appiano, cap. 72 (74). Acêrca dos Bracaros vid. esta obra, II, 75.

[3] Sobre a situação d'esta cidade, vid. Dr. Felix Alves Pereira n-*O Arch. Portug.*, XII, 129 sqq.

[4] Vid. *Religiões*, II, 96.

[5] Appiano, cap. 71 (73) e 72 (74).

[6] Livro V, cap. 5, § 12.

[7] *Breviarium*, IV, 19; cf. Floro, *Epitom.*, II, 17 (na ed. de Rossbach, I, 33).

Hispania, e quando se celebrou em Roma a sua festa triumphal, é que porém não se sabe ao certo [1]. Foi tão ruidosa a campanha, que Estrabão se serve d'ella para marcar limites chronologicos, pois fallando do uso das barcas de coiro nos Lusitanos, nota que elle se manteve até então [2]. E Bruto recebeu por ella o nobilissimo epitheto de *Callaicus* [3]. D'esta campanha temos tambem certamente testemunho no nome da cidade de Brutóbriga, cuja situação exacta porém se ignora, ainda que Estevão de Byzancio affirma que era entre o rio Betis e os Turdetanos [5].

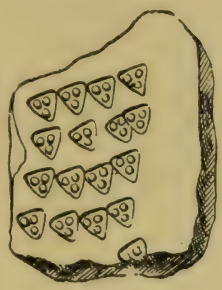


Fig. 57.ª [4]

136 a 110. De 136 a 109 faltam-nos noticias certas. Já o nosso Fr. Amador Arráiz (sec. XVI), num esbôço que fez da historia lusitanica, observa que, depois da partida de Decimo Bruto, «passaram »alguns annos em que se nam conta successo

---

[1] Cf. Wilsdorf, *Fasti Hispaniarum* in «Leipziger Studien», I, 104.

[2] *Geogr.* III, III, 7.

[3] Βροῦτος ὁ Καλλαϊκὸς προσαγορευθείς «Bruto cognominado *o Callaico*», diz Estrabão, *Geogr*, III, III, 1. Numa inscripção do *Forum* de Roma, achada em 1873, diz-se tambem: BRVTVS.. CALlAICVS · APPELlatus,— vid. *Ephemeris Epigr.*, t. II, p. 210.

[4] Fragmento ceramico da mesma proveniencia que o da fig. 56.ª, p. 130. Cf. a ornamentação da ceramica de Arnoaldi (Italia).

[5] *De Urbibus*, s. v.; Estevão usa a fórma Βρουτοβρία. Esta cidade cunhou uma moeda de cobre em que se lê *Brutobrica*. — Sobre o assunto vid. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, pp. 813 e 1030 e nos *Monum. Linguae Iber.*, p. 134; e cf. *O Arch. Port.*, III, 164, e VIII, 16–17. — O nome da cidade decompõe-se em B r u t o - b r i g a «fortaleza de Bruto».

»notavel, nem batalha digna de historia, sendo »principal causa d'esta quietaçam as guerras ci»vis em que Roma ardia» [1]. Mas como Plutarcho diz que o pretor C. Mario (anno de 114 ou 113) purgou de guerrilhas [2] a Hispania Ulterior [3], é provavel que a essas guerrilhas não fossem estranhos os Lusitanos, tanto mais que o biographo grego attribue á provincia *costumes selvagens e ferozes,* e estas palavras concordam com outras que Estrabão refere dos povos do Norte da Iberia, entre os quaes conta os Lusitanos [4]. É igualmente provavel que as revoltas que o pretor L. Calpurnio Pisão veio apaziguar na Hispania Ulterior (anno de 112) [5] acontecessem em parte na Lusitania. Em todo o caso estas succintas indicações são sufficientes para mostrarem que a conquista de Decimo Junio Bruto não era definitiva, e que o coração dos povos do Occidente batia ainda com fôrça, inflammado no affecto do torrão natal. Os acontecimentos posteriores acabarão de provar o que affirmo.

109. De facto, no consulado de Q. Cecilio Metello & M. Junio Silano, *Lusitani victi sunt* pelo pretor da Hispania Ulterior Q. Servilio Cepião,—diz Eutropio [6].

105. No consulado de P. Rutilio & Cn. Mallio, pelo contrario, *a Lusitanis exercitus Romanus cae-*

---

[1] *Dialogos,* 2.ª ed., fl. 121.

[2] Tambem Plutarcho emprega aqui λῃστηρίων, gen. pl. de λῃστήριον «quadrilha de ladrões». Cf. supra, p. 122, nota 2.

[3] Na *Vida de Caio Mario,* ed. de Th. Dœhner, Paris 1846, cap. 6, p. 487.

[4] *Geogr.* III, III, 8.—Plutarcho diz: ανήμερον .. καὶ θηριώδη; Estrabão: δυσήμερον e θηριωδέστεροι

[5] Appiano, cap. 99.

[6] *Breviarium,* IV, 27.

sus, — conforme o testemunho de Julio Obsequente [1].

102. O mesmo A. escreve com relação ao consulado de C. Mario & Q. Lutacio: *Lusitanis devictis, Hispania ulterior pacata* [2]. Provavelmente, como suppõe Ursin [3], é á mesma victoria que se refere Appiano [4], quando testemunha que M. Mario, pretor da Citerior, se servíra de alguns povos d'esta provincia para combater os Lusitanos.

99–98. É ainda Julio Obsequente [5] quem, embora de modo resumido, nos diz que no consulado de M. Antonio & A. Postumio, i. é, em 99, *Lusitani rebellantes subacti*, e *in* LUSITANIA *prospere a Romanis pugnatum*. Com estas palavras concorda a não menos laconica noticia que nos *Acta triumphorum* se lê: L · CORNELIVS · P · F · L · N · DOLABELL · PROCOS · A · ↀCLV || EX HISPANIA · VLTERIOR. DE LUSITAN [6]· V · K · FEB [7]||, da qual se vê que as victorias a que allude Julio Obsequente pertencem ao proconsul L. Cornelio Dolabella [8]. O anno de 655, dado pelos *Acta* como sendo o da festa triumphal, corresponde ao de 98 da nossa era.

93. Outra preciosa noticia nos ministram os *Acta*

---

[1] *De Prodigiis*, cap. 102 (o texto de Obsequente tem *P. Attilio & Corn. Manilio*).

[2] *De Prodigiis*, cap. 104.

[3] *De Lusitania*, pp. 34–35 (nota).

[4] Cap. 100.

[5] *De Prodigiis*, cap. 106.

[6] «Da Hispania Ulterior, dos Lusitanos (em particular)». Vê-se que muito antes da constituição official da provincia romana da *Lusitania*, os Romanos chamavam «Lusitanos» aos povos da região que depois se tornou essa provincia.

[7] *Corp. Inscr. Lat.*, t. I, p. 460.

[8] Vid. tambem Wilsdorf, *Fasti Hisp.* («Leipziger Studien», I, 110), e Ursin, *De Lusitania*, p. 35.

triumphorum nas suas páginas de pedra: P · LICINIVS · M · F · P · N · CRASSVS · PROCOS · AN Ð CLX || DE · LUSITANEIS [1] PRIDIE IDVS · IVN ||, i. é: «O proconsul Publio Licinio Crasso, filho de Marco e neto de Publio, celebrou em 12 de Junho do anno (de Roma) de 660 a sua festa triumphal pela victoria que obteve dos Lusitanos». Ao anno de 660 dos *Acta* corresponde na nossa era 93.

92–84. Segue-se um decennio a respeito do qual nos faltam noticias especiaes, talvez porque, em consequencia das vantagens alcançadas pelas armas romanas, a Lusitania ficára muito abatida, — e chegamos presentemente ao tempo da guerra sertoriana. A historia da guerra sertoriana recompõe-se pela biographia que do famoso capitão nos deixou Plutarcho [2], por um capitulo de Floro [3], por alguns de Appiano [4], por varios fragmentos das Historias de Sallustio [5], e por passos de outros AA. que citarei nos seus lugares (T. Livio, Orosio, Exuperancio). Entre os modernos occuparam-se d'elle Th. Mommsen [6] e Bieńkowski [7], — do ultimo dos quaes principalmente aqui me utilizo.

---

[1] *Lusitaneis* = *Lusitanis*.

[2] Tenho presente a edição de Dœhner, greco-latina, Paris (Didot), t. II, 1847. — Da *Biographia* ha uma traducção portuguesa, feita segundo a versão de Talbot, por Gabriel Pereira, Evora 1878.

[3] Tenho presente a edição de Rossbach, Leipzig (Teubner) 1896.

[4] *Guerras Civis*, liv. I, cap. 108–114. Tenho presente a edição de F. Dübner, Paris (Didot) 1840.

[5] Tenho presente a edição de Maurenbrecher, *Sallusti Historiarum Reliquiae*, Leipzig (Teubner) 1891–1893, com commentarios e ampla introducção. — Cf. tambem Hauler, *Neue Bruchstücke* (nas *Actas* da Academia de Viena, vol. CXIII, p. 615).

[6] *Hist. Rom.* trad. de Alexandre, t. VI, Paris 1868, p. 146 sqq.

[7] *Kritische Studien über Chronologie und Geschichte des Sertorianischen Krieges*, separata das *Wiener Studien*, vol. XIII (1891).

Já quando Sertorio esteve na Hispania Citerior como tribuno militar, debaixo do mando de T. Didio, i. é, entre 98 e 94, adquiriu grande fama por toda a Peninsula pelas suas proesas militares [1].

83 a 80. Depois que foi feito propretor da mesma provincia [2], em 83, embora proscrito logo pelo seu inimigo Sulla, ou Sylla (em 82)—por quanto Sertorio era do partido de Mario [3]—, e se viu obrigado a vaguear (em 81) entre as costas do Norte de Africa e as hispanicas, desembarcando ora numas, ora noutras [4], essa fama augmentou, e tanto que os Lusinos [5] lhe enviaram á Africa uma embaixada para lhe proporem que os capitaneasse na guerra que iam ter com os Roma-

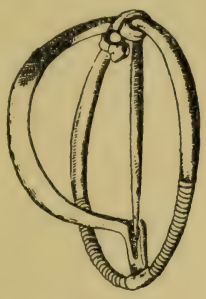


Fig. 58.ª [6]

---

1 Plutarcho, *Sertorio*, cap. 3–4; *Fragm.* de Sallustio, § 88.

2 Wilsdorf, *Fasti Hispan.* pp. 113–114, diz que elle foi propretor da Provincia Ulterior; mas Maurenbrecher, *Prolegomena* dos *Fragm. Hist.* de Sallustio, Leipzig 1891, p. 21, pondera que Exuperancio (tenho presente a *Epitome*, § 8, edição de Landgraf & Weyman, Leipzig 1902) diz «in Citeriorem Hispaniam», e que com isto concorda o ter Sertorio (Plutarcho, *Vida*, cap. 7), mandado occupar com tropas os Pyreneus, o que não poderia fazer, se fosse propretor da Ulterior.

3 .. *cum partium Marianarum fuisset:* Orosio, *Adversum Paganos*, edição de Zangemeister, v, 23. Mario morrêra em 86.

4 Plutarcho, *Sert.*, cap. 6–9.

5 Devem entender-se os dos territorios do Sul do Douro, e mais particularmente os de entre Tejo e Guadiana, como se verá da successão dos acontecimentos.

6 Fibula anular de bronze ($^1/_2$ do tamanho natural), proveniente de Alcacer do Sal, margem direita do *Calipus*, e ora no Museu Ethnologico. Cf. a fig. 48.ª

nos [1]; acceitou Sertorio a proposta, e em 80 embarcou para a Peninsula [2].

Comquanto Sertorio viesse chamado pelos Lusitanos, o theatro da guerra foi em grande parte fóra da Lusitania, na Hispania Citerior. Só porém neste elencho referirei o que se relaciona com a Lusitania.

Em Sallustio lê-se que quando Sertorio chegava da Africa, os Lusitanos se tinham antecipado a occupar (*praeceptus*) um monte, no qual elle se acolheu a si e aos que trazia comsigo [3].

Entrado na Lusitania [4], soube aproveitar-se dos sentimentos supersticiosos dos indigenas, para, por intermedio de uma côrça, arrogar a si caracter sobrenatural, e por tanto se impôr melhor ao populacho [5]; ao mesmo tempo ia edu-

---

[1] Plutarcho, *Sert.*, cap. 10–11. Cf. Mommsen, *Hist. Rom.*, VI, 147.

[2] Plutarcho, cap. 10–11. Diz Orosio, V, 23, 2: *ex Africa dilapsus in Hispanias,*

[3] Sallustio, *Fragm.*, I, 105, conservado por Servio e outros. No texto lê-se : *Transgressos omnis recipit mons *Belleia praeceptus a Lusitanis.* Acêrca de **Belleia* diz Maurenbrecher, *Histor. reliquiae,* p. 46: «montem prope Belonem Baeticae oppidum situm, ignotum »quidem nobis, a Servio cum Belleia, Tarraconensis provinciae urbe, »confusum esse existimo». Das ruinas e recentes achados archeologicos de *Belo* ou *Baelo* trata Jules Furgus in *Annales de la Soc. d'Arch. de Bruxelles,* XXI (1907), 149 sqq. —Commentando o *Fragm.* seguinte, ou 106, *Gens raro egressa finis suos,* propõe Maurenbrecher, *loc. cit.,* que nelle haverá allusão aos Lusitanos, o que a mim me não parece, porque, pelo contrário, os Lusitanos eram muito dados a incursões fóra do seu territorio, como no decurso d'este elencho temos visto. Talvez o mencionado *Fragmento* se refira aos Libyos que acompanharam Sertorio (Plutarcho, cap. 12).

[4] Cf. Plutarcho, *Sertorio,* cap. 12.

[5] Vid. *Religiões,* II, 288–289, onde citei Valerio Maximo (*per asperos Lusitaniae colles..*) e Plutarcho. A corça de Sertorio é comparavel á lebre de Boudicca, rainha brittannica, de que falla Dião Cassio, *Hist. Roman.*, LXII, 6 ; cf. tambem Salomon Reinach, *Cultes, Myth. et Relig.*, I, 49.

cando e disciplinando ao uso romano tropas que eram de seu natural bravias, e andavam menos acostumadas a combates regulares do que a *guerrilhar* [1].

Quer por si, quer por capitães seus subalternos, Sertorio nem um momento parou de hostilizar os Romanos. Em 80 era propretor da Ulterior o fraco L. Fufidio, a quem succedeu Metello Pio (79–72), general de célebre nomeada [2]. Com Metello juntou-se ulteriormente Gneo Pompeio Magno, que foi governador da Citerior (77–72) [3].

79. Em 79 [4] foram batidos junto do rio Anas pelas tropas sertorianas o governador da Citerior, M.

---

[1] Plutarcho, cap. 14.

[2] Plutarcho, cap. 12.

[3] Com quanto hoje vulgarmente se diga e escreva *Pompeo*, á imitação do francês *Pompée* ou do italiano *Pompeo*, adopto aqui a fórma *Pompeio:* 1) porque em latim é *Pompeius*, e a terminação *-eio*, deduzida de *-eius*, é perfeitamente compativel com o genio da nossa lingua; 2) porque não ha razão nenhuma séria para dizer *Pompeo;* 3) porque os nossos classicos do sec. XVI disseram *Pompeio*, por exemplo: Camões nos *Lusiadas*, III, 71; Arráiz nos *Dialogos*, 1.ª ed., fl. 92r., 96r. (várias vezes) e 96v.; Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusytana*, Alcobaça 1597, fl. 286r. etc. Ainda no sec. XVII Bento Pereira traduz na *Prosodia* tambem *Pompeius* por *Pompeio;* e no *Commentario dos Lusiadas*, publicado em Lisboa em 1720 por Manoel de Faria Severim, se usa, a pp. 94–95, mais de uma vez *Pompeyo* (como é sabido, na orthographia antiga *ey* e *ei* alternam entre si). No sec. XVIII o português decái muito, com as traducções feitas por gente inhabil, e não admira que se encontre *Pompeo;* mas no sec. XIX Herculano restaurou a verdadeira fórma, por ex. na *Hist. de Portugal*, t. I, 2.ª ed., p. 23 (*Metello e Pompeio*) e p. 24 (*Cesar e Pompeio*). — A nossa lingoa está tão estragada nas obras dos escriptores modernos, geralmente nada ou pouco escrupulosos de a saberem e manterem pura, que é necessario reagir, e buscar o amparo dos bons esteios, para não ir tudo arrastado na corrente da dissolução.

[4] Cf. Bieńkowski, *Kritische Stud.*, p. 23; Maurenbrecher, *Sallusti Hist. Reliq.*, Prolegom., p. 22.

Domicio Calvino, e L. Thorio Balbo [1], legado de Metello; mas Floro, que cita este facto [2], não especifica o lugar.

79 ou 78. Parece que é a Metello, e ao anno de 79 ou 78 [3], que hão de attribuir-se varios factos que constam dos Fragmentos de Sallustio: conquista de Dipo [4], que ficava depois de Ebora e do rio Adro, para cá de Emerita [5]; marcha até Conistorgis (ou Conisturgis) [6], que ficava na terra dos Cuneos [7]. Ha ainda outros fragmentos de difficil interpretação [8].

Tambem a 79 ou 78 [9] se refere o que conta Plutarcho, *Vida de Sertorio,* cap. 13: que o general romano Metello atacára uma cidade do partido de Sertorio, cujos habitantes se chamavam Λαγγοβρίται «Langobritas» [10]. Accrescenta Plutarcho que Sertorio mandára aos Langobritas soccorros de agoa, que foram levados em odres

---

[1] Plutarcho, *Vida de Sertorio,* § 12, escreve Θωράνιος «Thoranio».

[2] Liv. III, cap. 22 (= II, x, na edição de Rossbach).

[3] Vid.: Bieńkowiski, *Kritische Stud.,* pp. 31-32; Maurenbrecher, *Sallusti Histor. Reliquiae,* fasc. I (Prolegom.), pp. 22 e 31, e fasc. II (*Fragm.*), p. 49.

[4] *Et Diponem validam urbem multos dies restantem pugnando vicit:* vid. *Fragm.,* I, 113.

[5] Vid. *Itinerario de Antonino,* edição de Amsterdam 1735, p. 418.

[6] *Ille Conisturgim apud legiones venit:* vid. *Fragm.,* I, 119.

[7] A respeito de Conistorgis, vid. tambem supra, p. 115. O nome da cidade apresenta duas fórmas nos AA.: *Conistorgis* (Appiano, etc.) e *Conisturgis* (Sallustio).

[8] Um d'elles diz *Lusitaniam gravem civitatem,* I, 114, que Maurenbrecher suppõe poderá referir-se a Olisipo. Outro diz *Iam repente visus lenire Tagus,* I, 115. Se Metello, na expedição que fez na Lusitania, ia, como parece, do Norte para o Sul, deverá mudar-se a ordem dos Fragmentos adoptada por Maurenbrecher: 115 antes de 114, e 114 antes de 113.

[9] Cf.: Bieńkowski, *ob. cit.,* p. 32; Maurenbrecher, *Sallust.,* Prolegom., pp. 22-23.

[10] Cap. 13.

por gente robusta e agil, através da região montanhosa, διὰ τῆς ὀρεινῆς: do que poderá concluir-se que a cidade estava situada em uma montanha [1].

76. Tendo vindo, como se disse a cima, Pompeio para a Peninsula, Sertorio, depois de o vencer e pôr em fuga, em 76, e de saquear a cidade de Lauro (na Citerior), trouxe para a Lusitania, em miserando cativeiro, tudo o que escapou da matança: *quod caedibus superfuerat miserabili in* LUSITANIAM *captiuitate traduxit* [2]; e ahi passou o inverno de 76–75 [3].

Æ

Fig. 59.ª [5]

Por Agosto do mesmo anno [4], Hirtuleio, capitão sertoriano, vindo ás mãos com Metello, junto de Italica (na Betica), perdeu 20:000 homens, e fugiu para a Lusitania com os que restaram: *victusque in* LUSITANIAM

---

[1] A palavra «Langobritas» lembra *Langobriga* e *Laccóbriga;* mas *Langóbriga* ficava ao N. do Tejo, e por isso longe do campo de operações de Metello; *Laccóbriga* ficava no territorio dos Cuneos onde Metello andava, e conviria com o texto, não tomando muito á letra a expressão «região montanhosa».

[2] Orosio, V, 23. Cf. Plutarcho, *Vid. de Sert.*, cap. 18, e Appiano. *Guerr. Civ.*, liv. I, cap. 109, os quaes porém não fallam do transporte de cativos para a Lusitania.

[3] Cf. Bieńkowski, pp. 38-39 e 36.

[4] Cf. Bieńkowski, p. 41.

[5] Denario cunhado na Hispania por Metello: vid. Babelon, *Monn. de la rép. rom.*, I, 275. No anv. vê-se a figura da *Pietas* e a da cegonha, seu emblema (*ciconia pietaticultrix:* Roscher, *Lexikon der griech. u. röm. Mythолog.*, VI, 2502), como allusão ao cognome *Pius;* no rev. um elephante, como allusão á victoria que um antepassado de Metello ganhou aos Carthagineses, num combate em que estes se serviram de elephantes.

cum paucis refugit [1]. Lá passou o inverno para se refazer das perdas soffridas [2].

75. Para effectuarem o seu encontro as tropas sertorianas com as que Roma mandára contra ellas, o que succedeu junto da cidade de Sucro, homonyma do rio que a banhava, hoje chamado *Júcar* (no golfo de Valencia), diz Appiano que Metello e Pompeio partiram dos Pyreneus, e Sertorio com o seu capitão Perperna partira da Lusitania, ἐκ Λυσιτανίας [3]. Acêrca da data, vid. Bieńkowski, *Kritische Studien* (já várias vezes cit.), p. 41.

74 ou 73. Num texto de Servio, *Ad Aen.*, VII, 728, lê-se: *Cales, civitas est Campaniae.. est et in Gallaecia* [4], *quam Sallustius captam a Perperna commemorat* [5]. Este fragmento dá-nos pois noticia de uma expedição de Perperna pela Gallecia. *Cales* é a mesma cidade (junto do *Durius*) cujo nome noutros textos apparece com as fórmas *Cale* e *Calem*. A data da conquista d'essa cidade é posta por Maurenbrecher em 74 ou 73 [6]; Bieńkowski [7] diz «pouco mais ou menos por 72».

Com os feitos militares de Perperna na Gallecia deve relacionar-se outro fragmento sallustiano

---

[1] Orosio, V, 23.

[2] Cf. Bieńkowski, p. 41.

[3] *Guerr. Civ.*, liv. I, cap. 110. Á batalha se refere tambem Floro, *Epit.*, II, x, na ed. de Rossbach (= III, XXII), mas sem fallar na Lusitania.

[4] Os codices tem *Gallia*, mas esta errada lição foi já ha muito tempo justamente emendada por Voss, como se disse nas *Religiões*, II, 29.

[5] Vid. *Sallusti Historiarum Reliquiae* (ed. de Maurenbrecher), III, 43.

[6] *Prolegomena*, p. 27.

[7] *Kritische Stud.*, p. 52.

que diz: *cui nomen oblivionis condiderant*[1], o qual tem evidente allusão ao rio Limia[2].

72 Neste anno morre Sertorio, num banquete, ás mãos de Perperna, que o atraiçoára, e de outros que se conjuraram com elle[3], entre os quaes L. Fabio Hispaniense, senador sertoriano[4]. Quando isto aconteceu, os soldados clamaram contra o assassinato: em tal clamor distinguiram-se principalmente os Lusitanos, porque tambem fôra principalmente dos serviços d'elles que Sertorio se aproveitára[5]. Não tardou muito que Perperna tivesse o premio da traição, succumbindo a uma ordem de Pompeio[7].

Æ

Fig. 60.ª [6]

---

[1] *Fragm.*, III, 44. — Em vez de *condiderant*, Dietsch propõe que se leia *indiderant*.

[2] Cf. *Religiões*, II, 225 e 231 nota. — Bieńkowski, *Kritische Stud.*, p. 32, relacionava este fragmento com a expedição de Metello á Lusitania em 79-78 (cf. supra); mas é pouco provavel que, estando então Metello no Sul da Lusitania, como o mostra a expedição a Conistorgis e a tomada de Dipo, marchasse tanto para o Norte, até o Lima (cf. tambem Maurenbrecher, *Fragmenta*, p. 125).

[3] Plutarcho, cap. 26; T. Livio, *Periocha* 96; Velleio Paterculo, *Hist. Rom.*, ed. de Halm, II, 30; Eutropio, VI, 1. — Acêrca da data, vid. Bieńkowski, *Kritische Stud.*, p. 52.

[4] Sallustio, *Fragm. Hist.*, III, 83 (Maurenbrecher, vol. II, p. 144).

[5] Appiano, *Guerr. Civ.*, I, cap. 114.

[6] Denario cunhado entre 82-81 a. C., na Hispania, por Lucio Fabio Hispaniense, quando era questor do proconsul Caio Annio, o que se lê na propria moeda: vid. Babelon, *Monn. de la répub. rom.*, I, 139-140. Caio Annio tinha sido enviado por Sylla contra Sertorio (Plutarcho, *Sertorio*, § 7), mas o seu questor Lucio Fabio, como se viu do texto sallustiano, tornou-se depois partidario de Sertorio, embora atraiçoando-o tambem.

[7] Appiano, *Guerr. Civ.*, I, cap. 115.

71 a 62. Com a traição de Perperna, e subsequente morte de Sertorio, perdem os Lusitanos mais uma vez a esperança de sacudir o jugo romano. Posto que nada haja digno de nota nos annos posteriores a Sertorio, até 61, nem mesmo saibamos os nomes de outros governadores da Provincia Ulterior durante esse periodo, alem de Antistio Vetus (anno de 68) e C. Cosconio (anno de 62) [1], é natural que os povos da Lusitania não estivessem sossegados, e isto se confirma com o que passo a dizer.

61 a 60. Em 61 C. Julio Cesar, ao sair da pretura, obteve o governo da Ulterior [2], e alguns feitos importantes commetteu na Lusitania. Conta Dião Cassio que elle, vendo que podia extinguir as guerrilhas e alcançar gloria, tomou pretexto para accommetter os montanheses do Herminio [3], obrigando-os a descer das montanhas para a planicie, para que não se servissem de um local inexpugnavel por natureza para fazerem correrias. Os povos vizinhos, receosos de Cesar, transportaram para a outra margem do Douro os filhos, as esposas e as cousas mais preciosas; entretanto Cesar tomou-lhes as cidades, ou, como hoje diriamos, os castros, e deu-lhes

---

[1] Wilsdorf, «Fasti Hispaniarum» in *Leipziger Studien*, I, 122–123.

[2] Vid.: Suetonio, *Caes.*, XVIII; Plutarcho, *Caes.*, XI; Dião Cassio, *Hist. Rom.*, XXXVII, 52. Este ultimo diz mesmo *Lusitania* em vez de *Ulterior*, i. é: τῆς.. Λυσιτανίας μετὰ τὴν στατηγίαν ἦρξε = *Lusitaniae post praeturam imperavit*, o que corresponde ao texto de Suetonio: *ex praetura Ulteriorem sortitus Hispaniam*. Cf. tambem Cesar, *De bello civili*, I, 22. Cesar já tinha estado na Peninsula em 68, como questor da Ulterior (Suetonio, *Caes.*, cap. VII). E tornou a vir posteriormente por tres vezes, como se dirá adiante. Esteve pois na Peninsula cinco vezes.

[3] Apesar do que diz Borges de Figueiredo na *Rev. Arch.*, IV, 62, a situação do Herminio não é cousa averiguada.

batalha. Os Barbaros puseram-lhe adiante os gados, mas Cesar deixou-os, bateu o inimigo e venceu-o. Em seguida, continúa o mesmo historiador, Cesar usou de estratagemas para atacar os Barbaros do Herminio; perseguiu-os até o oceano, fugindo elles para uma ilha, e succedendo varios episodios. Por fim Cesar mandou vir de Gades navios, e subjugou sem difficuldade os Barbaros na ilha. D'aqui passou para Brigancio, cidade da Callecia, e submetteu-a [2]. — Esta é a noticia mais desenvolvida que temos da estada de Cesar na Lusitania; com ella concordam as de outros autores, uns mais antigos que Dião, outros mais modernos: T. Livio [3], Plutarcho [4], Suetonio [5], Julio Obsequente [6].

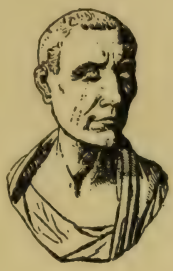


Fig. 61.ª [1]

Podemos admittir que, com a expedição de Cesar, o territorio lusitano ficava quasi todo sujeito aos Romanos. Digo *quasi todo,* e não *todo,* porque os Lusitanos eram por natureza indomitos, e, com tanto que lhes restassem alguns recursos, não soffreriam sem difficuldade o dominio estrangeiro, sobretudo nos primeiros tempos, e porque em 48, como se verá, temos noticia de novos feitos das armas romanas na Lusitania, o que é signal d'esse espirito de espontanea

---

[1] Busto de Julio Cesar. No Museu de Berlim. Vid. *Beschreibung der antiken Skulpturen,* Berlim 1891, p. 140, § 342.

[2] Dião Cassio, *Hist Rom.,* XXXVII, 52 e 53.

[3] *Periocha* 103.

[4] *Vida de Cesar,* cap. 12.

[5] *Vida de Cesar,* cap. 54.

[6] De *Prodig.,* cap. 123.

rebeldia. De mais a mais, nas partes remotas da Gallecia havia ainda rincões que só foram subjugados por Augusto.

Juizo severo emittiu Suetonio sobre o procedimento de Cesar, pois escreveu que elle pôs duramente a saque certos castros lusitanicos, mesmo quando os habitantes cumpriam submissos as ordens do general, e lhe franqueavam as portas á sua chegada [1]. Isto provavelmente entende-se da Lusitania Septentrional e Central, aonde Cesar não devia ser bemvindo, e onde pois praticaria represalias, e só por impossibilidade de resistencia os povos fariam o que Suetonio affirma. Por outro lado, porém, sabemos que Cesar beneficiou o Sul da Lusitania, de certo por ahi se ter manifestado primeiro a influencia romana, e haver conseguintemente menos repugnancia a ella: Ebora recebeu o titulo de *Liberalitas Iulia;* Olisipo o de *Felicitas Iulia;* Scallabis o de *Praesidium Iulium;* Norba, na Lusitania hespanhola, o de *Caesarina.* Foi mesmo talvez fundada por elle, entre o Tagus e o Anas, uma nova colonia: *Pax Iulia.* Pelo menos, parece relacionarem-se com C. Julio Cesar todos

Fig. 62.ª [2]

---

[1] *Vida de Cesar,* cap. 54. Isto é: *Lusitanorum quaedam oppida, quamquam nec imperata detrectarent, et advenienti portas patefacerent, diripuit hostiliter.*

[2] Argola de bronze de cinturão (2/3 do tamanho natural), achada por mim nas excavações do «castello» de Pragança, de que tambem se fallou supra, p. 127, nota 5. Póde ser de origem pre-romana ou romana.

estes epithetos geographico-nobliarchicos [1]. Póde ainda juntar-se-lhes *Caesaróbriga* (Lusitania hespanhola), nome formado segundo o processo da grammatica celtica [2].

59 a 50. Agora os Lusitanos, até o anno de 48, não nos tornam a apparecer na Historia senão na guerra civil de Cesar e Pompeio, para a qual as Hispanias deram grande contingente.

Durante os annos que medeiam entre os acontecimentos que a cima narrei e os que vou referir, proseguia no Norte e Centro o trabalho da romanização, já um tanto adiantado no Sul.

Em 56 revoltam-se alguns povos ibericos, pondo-se á frente os Vaccéus, tribu contérmina aos Lusitanos; venceu-os Q. Cecilio Metello Nepos, governador da Citerior [3].

Em 55 obteve o governo das duas Hispanias Pompeio Magno [4], que não veio porém então para cá, e as administrou por intermedio de lugartenentes [5]. Quando, pela dissolução do 1.º triumvirato (em 53), ficaram em luta Cesar e Pompeio, aquelle, depois de perseguir este por toda a

---

[1] Cf.: Hübner, *La Arqueología*, p. 176; *Corp. Inscr. Lat.*, t. II, Suppl., pp. XCI e 804; Ursin, *De Lusitania*, p. 79, nota; Berlanga, *Decretum Pauli Aemilii*, parte II, Malaga 1889, pp. 525 *bis* e 528 *bis*; Ruggiero, *Diz. di antich. rom.*, I, 812. É mais natural que os epithetos provenham de Cesar do que de Augusto (*Caius Iulius Caesar Octavianus*). Ha tambem cidades, como veremos, com titulos deduzidos do nome d'este; mas em taes casos o epitheto é *Augustus*.

[2] Tanto do modo da formação, como da palavra *briga*, se vê que ainda ao tempo se entendia o celtico na Lusitania. Cf. esta obra, II, 89; e o que se disse a cima, p. 131, a respeito da cidade de *Brutóbriga*.

[3] Dião Cassio, *Hist. Rom.*, XXXIX, 54.

[4] *Periocha* 105: *Pompeio Hispaniae .. dabantur*. O proconsul Pompeio já em 77-72 havia sido, como vimos, governador da Citerior.

[5] Appiano, *Guerr. civ.*, II, 18.

Italia, e o obrigar a sair d'ella, preparou-se para vir para a Iberia, por temer que os partidarios do seu rival aqui lhe fizessem grande opposição, visto que Pompeio, ao tempo em que fôra governador da Citerior, a enchêra de beneficios [1], e ahi contava muitos adeptos. Chegado Cesar á Gallia, soube que Pompeio havia feito partir para a nossa Peninsula a Vibullio Rufo [2]; por isso mandou para cá o seu lugartenente C. Fabio [4], em quanto não vinha elle em pessoa.

Æ

Fig. 63.ª [3]

49. Ao chegar Vibullio Rufo, estavam assim distribuidos os lugartenentes de Pompeio [5]:

L. Afranio — com tres legiões, occupava a Citerior;

M. Petreio — com duas legiões, occupava a Ulterior, desde o *saltus Castulonensis* até o Anas;

M. Terencio Varrão [6] — com igual numero de legiões, occupava, do Anas para cá, o territorio dos Véttones e a Lusitania.

Esta noticia é muito interessante, porque nos mostra que os tres territorios pelos quaes estavam distribuidas as forças militares de Pompeio coincidiam com os que ulteriormente formaram,

---

[1] Cesar, *De bello civili*, ed. de Holder, I, 29, e II, 18.

[2] *De bello civili*, I, 34. Cf. I, 38.

[3] Anverso de um denario do filho de Pompeio, em que se vê figurada a cabeça de Pompeio Magno: cf. Babelon. *Mon. de la rép. rom.*, II, 345.

[4] *De bello civili*, I, 37.

[5] *De bello civili*, I, 38.

[6] Vid. adiante, p. 149, nota 3.

como veremos, tres provincias romanas: Tarraconense, Betica e Lusitania. Só na noticia de Cesar a palavra *Lusitania* não tem a mesma accepção que depois teve, visto que a região que ella designa se distingue ahi da Vettonia; está em accepção mais antiga [1].

Os referidos capitães concertaram entre si o seguinte [2]: Petreio partiria da Lusitania, através do territorio vettonico, para junto de Afranio [3]; Varrão, com as legiões que commandava, viria defender toda a Hispania Ulterior [4]. Logo que estas cousas se dispõem, Petreio recruta cavalleiros e tropas auxiliares em toda a Lusitania; Afranio faz o mesmo no país dos Celtiberos, dos Cantabros

Fig. 64.ª [5]

---

[1] Kornemann, in *Festschrift zu Otto Hirschfelds sechzigstem Geburtstage*, Berlim 1903, p. 222, diz que a Lusitania neste trecho de Cesar abrangia tambem a terra dos Callecos, e correspondia portanto a todo o occidente da Iberia; cf. já Hübner no *Corpus*, II, Suppl., p. LXXXV–LXXXVI. Talvez assim não fosse, porque a *Callaecia* veio a fazer parte da provincia que depois se chamou *Tarraconense*, que aqui corresponde á Citerior, districto entregue a Afranio; cf. tambem o que digo na nota 1 de p. 148.

[2] *De bello civili*, I, 38.

[3] Petreio, como vimos do quadro anterior, estava na Betica, mas para ir para a Citerior, onde estava Afranio, devia, antes de atravessar a Vettonia, atravessar a Lusitania, e portanto «partir d'aqui»: *ex Lusitania per Vettones .. ad Afranium.*

[4] Isto é, o seu districto (Lusitania e Vettonia) e o que Petreio deixava (Betica).

[5] Fivela circular de bronze (tamanho natural), proveniente de Numão, ao Sul do *Durius*, e agora no Museu Ethnologico. Está bellamente patinada, e pertence ao typo estudado por José Fortes n-*O Arch. Port.*, IX, 7-8. Foi-me offerecida pelo Rev. José Augusto Tavares, Abbade de Carviçaes.

e de todos os Barbaros até o Oceano [1]. Reunidas estas fôrças, Petreio atravessa o territorio dos Véttones e chega rapidamente ao pé de Afranio, decidindo ambos unanimente estabelecer o theatro da guerra nos arredores de Ilerda, por causa da conveniencia do local.

Não me pertence contar todos os episodios da guerra. Ao meu intuito basta o seguinte. Durante a campanha de Ilerda, cujo desfecho foi a submissão de Afranio e Petreio a Cesar, este teve occasião, já de conhecer certa tactica militar dos Lusitanos, que a ensinaram aos soldados de Pompeio [2], já o seu armamento leve (*levis armaturae Lusitani*), e a habilidade com que elles perseguiam as tropas cesarianas quando estas saíam do acampamento a prover-se de mantimentos e de forragens [3].

Terminada a campanha de Ilerda, Cesar retirou-se para a Gallia; mas teve de voltar novamente á Hispania, por causa da attitude de M. Terencio Varrão, proquestor pompeiano [4] na Provincia Ulterior [5], o qual, com quanto tentasse dirigir-se para Gades, e ahi fortificar-se, terminou tambem por submetter-se [6].

---

[1] Isto é: *Celtiberiae, Cantabris barbarisque omnibus, qui ad Oceanum pertinent.* Estes Barbaros são provavelmente os Astures e Callecos (e não os *Varduli* e *Carietes).* É por isso que na nota 1 de p. 147 eu disse que a Lusitania do texto de Cesar não seria todo o occidente da Iberia, como pensa Kornemann.

[2] *De bello civili,* I, 44.

[3] *De bello civili,* I, 48.

[4] Se a palavra latina Pompeianus, d'onde vem *pompeiano,* se tivesse tornado popular na nossa lingoa, o ditongo *ei* estaria reduzido a *i,* como em *pior,* antigamente *peior,* do lat. peiore-; mas *pompeiano* é palavra meramente litteraria, e o *ei* póde manter-se, por causa do de *Pompeio.*

[5] *De bello civili,* II, 17-19.

[6] *De bello civili,* II, 20.

Após isto, Cesar deixou governador da Ulterior a Q. Cassio Longino, e foi para a Citerior, d'onde outra vez seguiu para a Gallia [1].

Æ

Fig. 65.ª [3]

48. Em 48, Q. Cassio Longino ataca na Lusitania a cidade ou castro de Medóbrega; e como os Medobregenses fugissem para o monte Herminio, para ahi dirigiu tambem Cassio o seu ataque, e foi em seguida acclamado *imperator* pelas tropas [2]. São estes os feitos a que a cima alludi, para mostrar que ao tempo a conquista romana não estava entre nós ainda absolutamente consolidada. Mas isto não passa de tenues brasas em grande rescaldo. A Lusitania não mais seria independente.

47 a 45. A batalha de Pharsalo [4], em que Pompeio foi vencido por Cesar (em 148), não pôs termo á guerra civil, porque ella continuou, mesmo de-

---

[1] *De bello civili*, II, 21.

[2] *De bello Alexandrino* (ed. de Kübler), cap. 48. — Plinio, *Nat. Hist.*, IV, 118, chama aos habitantes d'esta cidade *Medubricenses qui Plumbarii*. Na inscripção da ponte de Alcantara lê-se *Meidubrigenses:* vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 760.

[3] Denario de M. Terencio Varrão, em cujo anv. se figura *Juppiter Terminalis*, com a legenda *Varro prog(uaestor)*, e em cujo rev. ha emblemas do poder terrestre e maritimo de Pompeio, com a legenda *Magn(us) proco(n)s(ul)*: vid. Babelon, *Monn. de la rép. rom.*, II, 486. — Varrão (116-26 a. C.) é o célebre polygrapho romano, autor das obras intituladas *De Lingua Latina* e *De Re Rustica*, na última das quaes ha várias indicações a respeito da Hispania em geral e da Lusitania em particular.

[4] Costuma em português dizer-se *batalha de Pharsalia*, mas deve dizer-se *de Pharsalo*, porque a batalha deu-se junto da cidade d'este nome (em latim *Pharsālos* ou *Pharsālus*). *Pharsalia* é o nome da região a que Pharsalo pertencia.

pois do assassinato d'aquelle no Egypto em seguida á derrota. Os filhos do vencido, Sexto Pompeio e Gneo Pompeio, resistem na Hispania ao proprio Cesar, que vem lutar com elles em 46. D'esta phase da guerra, que teve o seu theatro na Betica, e terminou com a batalha de Munda em 45, trata um opusculo contemporaneo dos successos, intitulado *De bello Hispaniensi commentarii,* cujo autor não se conhece ao certo, mas que se suppõe ser um general de Cesar [1]. Os Lusitanos, segundo se ahi lê, tomaram parte bastante activa na guerra a favor dos filhos de Pompeio: figuram no cêrco de Ategua, posto por Cesar [2], e no de Hispalis, posto pelo mesmo [3]; acompanham Gneo Pompeio Junior, quando este fugia de Carteia, após o desastre de Munda [4]; finalmente, matam em Gades a C. Didio, almirante cesariano [5].

Todos os Lusitanos de que se está fallando são manifestamente os do Sul do Douro (em particular os de entre Tejo e Guadiana), já porque quando Cesar, com cujas obras os Commentarios *de bello Hispaniensi* se relacionam, falla da Lusitania, entende a meridional e central (i. é, a que depois foi *Lusitania romana,* do *Durius* ao *Anas*) [6], já pela vizinhança da Betica.

44 a 25. Se exceptuarmos algumas regiões extremas do Norte e Noroeste, — Cantabria, Asturias e as *ulteriores Gallaeciae partes* [7], — mais custosas

---

1 Sirvo-me da edição de Kübler, Leipzig 1897 (Teubner).

2 *De bello Hisp.,* cap. 17 e 18.

3 *De bello Hisp.,* cap. 35 e 36.

4 *De bello Hisp.,* cap. 38.

5 *De bello Hisp.,* cap. 40.

6 Cf. *De bello civ.,* I, 38, lugar que resumi supra.

7 Orosio, *Adversum Paganos,* VI, 21. — Elle considera os Cantabros e os Astures como povos da *Gallaecia,* dando pois a este nome

de subjugar, e aonde foi preciso levarem successivamente a guerra Augusto e Agrippa (26–19) [1], o Occidente da Iberia estava todo já conquistado. Nesta guerra tem de se especializar o cêrco do monte *Medullius* em 26, por este monte ficar sobranceiro ao rio Minho [2]: os que para ahi tinham fugido, vendo-se atacados sem mercê pelos Romanos, e preferindo a morte á escravidão, suicidaram-se, lançando-se uns em fogueiras, atravessando-se outros com espadas, envenenando-se outros [3].

Depois das victorias alcançadas dos Cantabros em 25, Augusto deu terras aos soldados reformados, ou *emeriti*, das legiões V e X, e fundou com o nome d'elles a *colonia Emeritensis* ou *Emerita Augusta,* na margem direita do Anas (extremo da Lusitania central), a que hoje corresponde

---

significação lata, de accôrdo com as ideias da epoca (loc. cit.); mas por *ulteriores Gallaeciae partes* devem entender-se regiões da Galliza propriamente dita, por isso que o monte Medullio, de que fallo no texto, era numa das margens do rio Minho.

[1] Os Cantabros, os Vacceus e os Astures foram vencidos por Statilio Tauro em 29: vid. Dião Cassio, *Hist. Rom.*, LI, 20.

Revoltaram-se os Cantabros e Astures pouco depois: allusão em Horacio, *Carm.*, II, VI (*Cantabrum indoctum iuga ferre nostra*) e II, XI (*Quid bellicosus Cantaber?*).

Campanha de Augusto em 26–25: Dião Cassio, LIII, 25; Floro, II, 33 (= IV, 12); Orosio, VI, 21; etc.

Nova revolução em 22: Dião Cassio, LIV, 5.

Submissão definitiva dos Cantabros por Agrippa em 19: Dião, LIV, 11; allusão em Horacio, *Epist.*, I, XI, 26 (*Cantaber Agrippae.. virtute .. cecidit*).

Hübner escreveu uma breve monographia historica sobre os Cantabros na *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa, s. v. «Cantabri», onde aponta estes e outros factos, que porém são geralmente sabidos dos investigadores.

[2] .. *Medullium montem Minio flumini imminentem:* Orosio, VI, 21, 7.

[3] Floro, II, 33 (= IV, 12); Orosio, VI, 21.

Merida [1]. Das boas disposições politicas de Augusto para com varios povos de outras regiões da Lusitania, já anteriormente domadas, dá testemunho o sobrenome de *Augusti*, concedido a *Lucus* «Lugo», e o epitheto de *Augusta*, concedido a *Bracara* «Braga» [2].

Æ

Fig. 66.ª [3]

Com a mencionada campanha de Augusto completa-se a conquista dos territorios lusitanicos do Septentrião, iniciada, com exito feliz, na primeira metade do sec. II a. C. por Decimo Junio Bruto. Toda

---

[1] Vid.: *Corp. Inscr. Lat.*, t. II, p. 52; e Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne* [*et du Portugal*], p. 358 sqq.

[2] Cf. alem d'isso: *Augustóbriga*, nos Véttones; *Pax Augusta*, na Betica. Todas estas designações são parallelas a *Pax Iulia* e *Caesarobriga* que citei a cima, quando fallei de Julio Cesar. Do epitheto de *Augustus* dado a certas cidades, tratou Mommsen, *Hermes*, XVIII, 185 sqq.: vid. o resumo em E. de Ruggiero, *Dizionario Epigrafico di antichità romane*, vol. I, p. 812.—Com quanto *Lucus* seja a palavra latina *lūcus* «bosque» e em especial «bosque sagrado», e *Bracara* se relacione com *Bracari*, nome ethnico, é provavel que nos locaes onde estiveram as cidades romanas *Lucus Augusti*, hoje «Lugo», e *Brazara Augusta*, hoje «Braga», houvesse povoações indigenas, como se deduz dos nomes locaes (de divindades e de pessoas) que apparecem nas inscripções da epoca romana, por exemplo *Rego*, *Verora*, *Apilus*, *Arquius*, *Camalus*, *Melgaecus* (talvez esta palavra contenha o radical de *Melgaço*, nome actual de uma villa do Alto-Minho; cf. tambem *Melgidius* em Holder, *Thesouro*, s. v): vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2574–2577, 2433, 2435, 2447 etc., e *Religiões* II, 343 e 370.

[3] Reverso de um denario de Publio Carisio, vencedor dos Asturres e dos Cantabros; ahi estão representadas armas hispanicas, escudo, lança e adaga, com a legenda *P(ublius) Carisius leg(atus) pro pr(aetore)*: Babelon, *Monnaies de la république romaine*, I, 318. As moedas de Publio Carisio foram cunhadas em Emerita. Vid. tambem Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne* [*et du Portugal*], pp. 399-400.

a Lusitania, no sentido geral que á palavra dou nesta obra [1], i. é, todo o Occidente da Iberia, fica pois d'ora avante sendo romana.

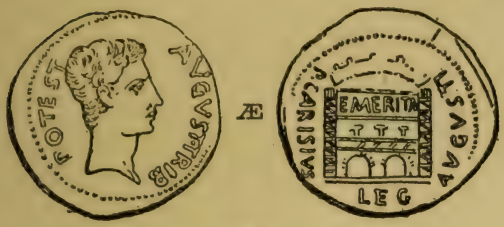


Fig. 67.ª [2]

O precedente elencho chronologico mostra que a historia da conquista romana da Lusitania, descontando varios hiatos insignificantes, devidos á falta de noticias ou de acontecimentos memoraveis, poderá considerar-se dividida em cinco periodos: 1) incursões dos Lusitanos na Betica, e consecutiva conquista da Lusitania meridional ou de entre *Anas* e *Tagus*; 2) guerra viriatina; 3) conquista da Lusitania central ou d'entre *Tagus* e *Durius*, e começo da da Lusitania septentrional, — campanha de Decimo Junio Bruto; 4) intervenção dos Lusitanos na guerra sertoriana; 5) conclusão da conquista da Lusitania septentrional por Cesar e Augusto, com uma phase intermedia em que os Lusitanos entram na guerra civil cesariano-pompeiana.

Durante estes cinco periodos manifestam-se alguns dos caracteres que no vol. II da presente obra, pp. 95–96, se

[1] Vid. vol. I, p. XXIII.

[2] Asse de Emerita, em cujo anv. se vê a cabeça de Augusto, com a legenda *Augus(tus) trib(unicia) potestate*, e em cujo rev. está representada a cidade com a epigraphe *Emerita* e a legenda *P(ublius) Carisius leg(atus) Augusti*. Ha variantes. Estas moedas apparecem bastante em Portugal.

attribuiram aos Lusitanos: o apêgo á independencia nacional; a intrepidez nas vicissitudes da guerra, em que as proprias mulheres tomam por vezes parte com denodo verdadeiramente viril; a irrequietidão do genio, sempre ávido de aventuras.

A conquista começou do Sul para o Norte.

1.º periodo (193–147 a. C.).

A julgar do que se lê em Tito Livio, a Lusitania esteve fóra da acção dos Romanos nos primordios da conquista da Hispania (2.ª guerra punica) [1].

Ao começar, porém, o sec. II a. C., os Lusitanos entram em luta com elles; e os primeiros que o fazem são os do Sul do Tejo (Cuneos, Turdetanos, Celticos) [2]. Entenda-se que tanto fallo da Lusitania portuguesa, como da hespanhola. Nesses tempos, em que os Romanos já occupavam parte da Betica e da Provincia Citerior [3], os Lusitanos andam por fóra do seu territorio proprio, em incursões de guerrilhas. Vimo-los em Ilipa, na Beturia (em 193); em Lyco, entre os Bastetanos (em 191); em Asta ou Hasta, na Turdetania (em 186); e muito mais longe, na região carpetana, no centro da Peninsula (em 185). Se umas vezes são derrotados pelos Romanos, outras derrotam-nos a elles, como succedeu em 191, em que puseram em fuga o pretor Lucio Emilio Paulo. Todavia, maior numero de victorias se conta do lado dos Romanos, do que do dos

---

[1] *Ab Urbe Condita*, liv. XXI–XXVIII. — Em 219 a. C., num conselho de generaes carthagineses, Hasdrubal, filho de Gisgão, opinava que as costas da Hispania, as que ficam para o lado do Oceano e de Gades, não conheciam os Romanos: *ultimam Hispaniae oram, quae ad Oceanum et Gades vergit, ignaram adhuc Romanorum esse.. censebat* (XXVII, 20). — A 2.ª guerra punica principiou, como vimos, com a conquista de Sagunto em 219. A phase hispanica d'esta guerra terminou em 206, com a expulsão de Magão da Iberia: vid. T. Livio, XXVIII, 37.

[2] Vid. supra, p. 107 sqq.; cf. *Religiões*, vol. II, pp. 72–73.

[3] Vid. T. Livio, livros XXI sqq.

Lusitanos, ou por causa da inferioridade militar dos ultimos, ou porque os primeiros não fizeram menção de alguns dos seus desastres.

Tanto para castigar as incursões que os Lusitanos effectuavam nos territorios orientaes do Anas, como pela natural expansão de quem, possuindo esses territorios, desejava alargá-los á custa dos territorios vizinhos, os Romanos passam o rio para cá e emprehendem a conquista do Sul da Lusitania. É talvez com os *castra expugnata* do anno de 189 que ella se inicia, porque em 153 os Cuneos (Algarve) já eram subditos romanos: οἱ Ῥωμαίοις ἦσαν ὑπήκοοι [1].

Irmãos dos do Sul, os Lusitanos de entre *Tagus* e *Durius* não lhes ficam inferiores em correrias e proesas. Commandados, primeiro por Punico, alliado com os Véttones, depois por Cesaro e por Cauceno, invadem, nos meados do sec. II a. C., os territorios dos alliados de Roma, chegam até á comarca dos Bastulophenicios, e tomam Conistorgis, nos Cuneos. Certamente impulsionado pelo que acabava de succeder, o pretor Marco Atilio Serrano causou aos Lusitanos em 152 serios reveses, e é provavel que parte fossem já soffridos ao Norte do *Tagus,* visto que a anterior invasão partíra de lá.

As revoltas locaes e as incursões dos Lusitanos não cessam, e quer o pretor da Ulterior, Servio Galba, quer o da Citerior, Licinio Lucullo combatem com elles, em 151–150, ora favoravel, ora desfavoravelmente. As vantagens que os indigenas ás vezes levavam aos estrangeiros dependiam do conhecimento que aquelles tinham dos terrenos; segundo um dito attribuido ao Marquês de Pombal, *cada um em sua casa póde tanto, que ainda depois de morto são precisos quatro homens para o tirar* [2]. Costumados a

---

[1] Appiano, *Iberica,* cap. 57.

[2] Apud Rebello da Silva, no *Archivo Universal,* t. III (1860), p. 273. — Vid. tambem *Contos e Lendas* do mesmo A., Lisboa 1873, p. 173 (com differenças no texto).

galgar as rochas, a transpor os desfiladeiros, a penetrar nas brenhas; vestidos de faceis armaduras; habeis manejadores da funda; desapparecendo, aqui por um atalho só seguido de pastores, surgindo alem, como por encanto, no cabeço de um outeiro: comprehende-se quanto elles não fatigariam as tropas de Roma, que, embora duramente disciplinadas, não podiam sempre resistir á embuscada e ao estratagema.

Ainda assim, não raro á disciplina se substituia tambem nestas o ardil traiçoeiro, como se prova com a mortandade que Servio Galba fez nos Lusitanos, — do que resultaram os acontecimentos que constituem o 2.º periodo da historia da conquista.

2.º periodo (147–139 a. C.).

Houve na Lusitania um varão dotado de nobre civismo, de aptidões militares, e de energia de ferro, que pretendeu pôr termo á prepotencia dos Romanos, despertando com viveza no animo dos seus compatriotas e dos seus vizinhos ideias de liberdade e de firme resistencia, por ventura não totalmente desacompanhadas da opinião de que os povos ibericos poderiam confederar-se para formarem uma nação unica, — opinião porém utópica, então como hoje. Este varão foi Viriato, talvez oriundo dos Celticos da mesopotamia de entre *Tagus* e *Anas* [1], como do seu nome se póde inferir [2].

Com quanto o impulso emanasse da Lusitania meridional [3] (em 147 ou 146 a. C.), as aspirações de independencia que elle traduzia, e que Viriato concretizava em si, estavam na mente de todos os Iberos, como já nos principios do sec. III Indebilis ou Indibilis, rei dos Ilergétes, no NE. da Iberia,

---

[1] Cf. esta obra, II, 73.

[2] Vid. supra, p. 118, nota.

[3] Isto deduz-se de terem começado pela Betica as correrias de Viriato, e este ser lusitano; ora a Lusitania meridional confina com a Betica.

o havia demonstrado, não porém com tanta tenacidade como Viriato, porque, mais devotado ao sceptro do que á honra nacional, se umas vezes se levantava contra os Romanos, outras rendia-se-lhes tibio e dubio [1]. Tambem no periodo antecedente vimos hordas lusitanicas postas em campo de batalha com audazes capitães á frente. Mas nenhum de taes feitos teve a importancia do de Viriato.

O movimento iniciado por este alastrou-se rapidamente pela Beturia, pela Carpetania, pela Celtiberia. Muitos generaes romanos vieram combater Viriato, que de maioral ou proprietario de gados [2] havia quasi subido á dignidade de régulo, e a todos elles ousa fazer face, apparecendo, com a rapidez do relampago, em varios pontos da Peninsula, para dar a uns povos apoio material, e incutir coragem a outros com o proprio exemplo. Vetilio cae prisioneiro e morre; Plaucio tem quasi a mesma infelicidade que o seu antecessor; Quinto Fabio Maximo Emiliano, embora ganhe vantagens a Viriato, não impede que a revolução se propague; Metello é oppresso pelos nossos; Quinto Fabio Maximo Serviliano ora vence, ora é repellido. Com razão disse pois um poeta português do sec. XVII, fallando do heroe:

> Contra quem tantos consules, pretores,
> Exercitos, legiões em vão se armárão [3].

Por fim, com tudo, Quinto Servilio Cepião soube alliciar tres traidores, e desfez-se de Viriato (em 139). Só assim os Romanos respiraram desafogados, depois de uma guerra longa que enchêra de affrontas o seu orgulho patriotico: *contumelioso . . bello* [4].

---

[1] Vid. Tito Livio nos livros XXV-XXVIII.

[2] Se Viriato era do Sul da Lusitania, como a cima aventei, esta sua primitiva condição social coaduna-se optimamente com isso, visto que tanto o Alemtejo como a Extremadura hespanhola são regiões pecuarias, e já o deviam ser na antiguidade.

[3] B. Garcia de Mascarenhas, *Viriato Tragico*, XX, 46.

[4] Velleio Paterculo, *Hist. Rom.*, II, 90 (ed. de Halm).

Pela morte de Viriato faltou cohesão aos naturaes sentimentos de independencia dos povos ibericos, dos quaes teve uns tempos como que a hegemonia guerreira o povo lusitano, representado pelo esfôrço do seu estrenuo caudilho. A esse desorganizamento succedem na Lusitania sublevações parciaes e irregulares, que provocam de novo a acção das armas romanas.

3.° periodo (138–84 a. C.).

Era a Decimo Junio Bruto que, vindo para suffocar os motins que se seguiram á morte de Viriato, estava reservado effectuar a conquista da região central da Lusitania, ou de entre *Tagus* e *Durius,* e começar a da septentrional, ou do *Durius* até o mar callaico, sem embargo de já no anterior periodo termos visto a possibilidade de haverem entrado soldados romanos na primeira d'aquellas regiões, e de em 140–139 ter o consul Quinto Servilio Cepião feito rapida incursão na segunda, do lado dos Véttones. Que já antes da vinda de Bruto estavam Romanos entre *Tagus* e *Durius,* deprehende-se igualmente das palavras que citei de Appiano, pois este diz que o general fôra mandado contra as guerrilhas que infestavam a Lusitania, do *Tagus* para o Septentrião; ora, se os Romanos necessitavam de as repellir, é que ellas operavam em territorio onde existiam alguns estabelecimentos romanos.

A empresa de Bruto eclipsou tudo isso: foi mais vasta, de effeitos mais duradouros, e preparou o terreno para a ulterior e definitiva sujeição de todo o Norte lusitanico.

Muitos castros, cujos restos coroam as montanhas de Trás-os-Montes e de Entre-Douro-e-Minho, devem ter tido nesta epoca o seu occaso [1], pois é em 138–137 que principia propriamente no Norte do *Durius* a influencia romana, e, segundo os AA. classicos, a campanha de Bruto fez cor-

[1] Cf. o que em especial do castro de Sabroso diz Martins Sarmento na *Renascença,* pp. 118–125.

rer muito sangue e causou muita ruina. Ninguem recusava defender o solo da patria. Deram-se scenas lancinantes. As mulheres, verdadeiras avós das famigeradas Minhotas *Deu-la-deu Martins* e *Maria da Fonte,* lutavam com furia ao pé dos homens. Se a campanha foi atroz, tambem foi rapida.

Parece que os guerrilheiros se acolheram desordenada e desapercebidamente aos castros, em vez de attrahirem os inimigos para os desertos e para os valles, e de se valerem das condições topographicas e de estratagemas, como os Lusitanos do Sul. Só assim se explica que em tão curtos meses Bruto obtivesse as victorias que obteve. O general romano apanhou-os de subito: *quamvis incautos circumvenisset,* lê-se no passo que citei de Orosio. Os castros, ainda que por vezes roqueiros, e providos de multiplas e fortes muralhas, acompanhadas de fossos, desmantelavam-se ao embate do aríete e dos pesados projécteis despedidos pela catapulta e pela ballista; pouco valiam contra as *glandes* de chumbo as pedras informes, mesmo destramente atiradas, as estacas e outros arremessos que o acaso costuma improvisar no desespêro e na insufficiencia da defesa [1]. Os castrejos não estavam costumados a degladiar-se com tropas disciplinadas e bem armadas como estas. Até então as suas lutas tinham sido, por assim dizer, internas, com os vizinhos de ao pé da porta, castrejos como elles, pois que o dominio carthaginês nessas paragens fôra mais nominal do que real, e os Celtas, que por ahi dominavam, não possuiam civilização superior á indigena.

Bruto retirou-se vencedor de Lusitanos e de Callaicos (em 137). Quem no entanto podia dizer que as tribus septentrionaes, tão ciosas das suas regalias, como ainda hoje o são os povos que descendem d'ellas, ficavam aquietadas?

---

[1] Cf. o que diz T. Livio, XXXIV, 15, ao narrar um combate de Hispanos da Citerior contra Catão: *saxisque et sudibus et omni genere telorum summovebantur a vallo Romani.*

Uma serie de victorias de parte a parte, entre Romanos e Lusitanos, assinaladas pelos autores, desde 136 a 84 (não contando alguns quinquennios obscuros), mostra quão precaria era ao tempo a dominação romana não só nos territorios recentemente assolados no Norte, mas mesmo, como é de crer, tambem nos do Centro e nos do Sul [1], e quantas esperanças o povo entrevia ainda nas caligens do seu futuro.

4.º periodo (83–72 a. C.).

Os animos de todos voltavam-se para Sertorio. Os echos da gloria do proscrito de Sylla retumbaram nos valles do Occidente, e os Lusitanos, ouvindo-os e seguindo-os, sonhavam ainda dias de liberdade em que pudessem tornar a cultivar com proveito as suas terras, a criar em paz os seus gados, ou então a guerrearem-se á vontade entre si, sem necessitarem de repellir unidos um inimigo commum.

Sertorio, ao mesmo tempo que se encarregava de defender e dirigir os povos que tão afoutamente lhe entregavam o mando supremo das cousas da guerra (anno de 80), olhava para a Peninsula como para um baluarte d'onde podia bater os seus rivaes; por isso foi-lhe grato o encargo, e o general declarou em seguida, com os beneficios de civilização que trouxe á Hispania, que se identificava com ella e a considerava segunda patria: *Hispaniam sibi antiquam patriam esse,* — como se lê num Fragmento sallustiano [2].

Na luta encarniçada que Sertorio manteve, primeira-

---

[1] As victorias romanas de 109, 101, 99–98 e 93, e a derrota de 105 devem ter sido na Lusitania central e meridional, i. é, na Lusitania em sentido romano (entre o Durius e o Anas). — Nas outras regiões da Peninsula a luta prosegue igualmente encarniçada; mas com a destruição de Numancia em 133 por P. Cornelio Scipião Emiliano o 2.º Africano Junior, chamado por isso *o Numantino,* a Celtiberia ficava pacificada durante muito tempo.

[2] Livro I, § 93, na edição de Maurenbrecher.

mente só com Metello, ao depois tambem com Pompeio, generaes da Republica, os Lusitanos não chegaram porém a alcançar a ambicionada liberdade, e pelo contrário viram outra vez talados os seus campos, e arrasadas as suas praças de guerra.

Abstenho-me de enumerar os beneficios prestados por Sertorio á Hispania, porque elles manifestaram-se apenas na parte hespanhola da Peninsula, e não temos noticia de que se reflectissem nos territorios que constituem hoje o nosso país [1]. Com relação aos Lusitanos, sabemos unicamente que Sertorio disciplinou as tropas, de certo em proveito d'elle; mas por outro lado, quando isso conveio aos seus planos politicos, favoreceu as crendices populares com a intervenção da força.

Assim como no segundo periodo da historia da conquista, os Romanos, para se desfazerem de um inimigo terrivel, recorreram ao punhal homicida; assim agora praticam o mesmo (em 72). Já Orosio nota a coincidencia de Sertorio e Viriato morrerem ambos ás mãos dos seus; fallando do assassinato d'aquelle, diz: *isdem quibus et Viriatus suorum dolis interfectus* [2]. Nem por ser infame esta acção, deixava de ser prática, pois não recuam nunca, mesmo perante os maiores crimes, os que a todo o trance querem vencer. Nesta comparação que faço de Viriato com Sertorio não pretendo porém occultar que, com quanto os esforços de ambos fossem de resistencia, muito diversos seriam os resultados da victoria de um ou do outro, caso a houvesse: Viriato era indigena, e então teriamos como consequen-

---

[1] Tudo quanto se diz de Evora referido a Sertorio (aqueducto, fundação do templo, vinda de Sertorio, inscripções, etc.) é pura fabula, que nem discussão merece: cf. Gabriel Pereira na *Renascença*, p. 110, e nos *Estudos Eborenses*, n.º 2, pp. 9–11. — Com Sertorio succedeu em Evora o mesmo que com Viriato na Beira. Temos em um e outro caso lendas criadas pelos eruditos, desejosos de ennobrecerem as respectivas terras. Mas pouco vale a nobreza que se funda em patranhas.

[2] *Adversus Paganos*, v, 23.

cia a continuação da civilização local por mais ou menos tempo; Sertorio era romano, e do seu triunfo adviria um pouco mais cedo a implantação da civilização romana, superior á outra.

5.º periodo (61–25 a. C.).

Após um decennio, cuja historia é muda (71–62), a Lusitania, com a vinda de Julio Cesar em 61 para a Peninsula na qualidade de propretor, perdia completamente, e por fim, as esperanças da autonomia. Onde ir buscar Viriatos ou Sertorios que pudessem deter a torrente da conquista?

Duplamente exerceu Cesar a sua acção na Hispania: durante a propretura [1]; e durante a guerra civil, em que veio cá tres vezes mais (submissão de Aframio e Petreio em 49; submissão de Terencio Varrão no mesmo anno; victoria de Munda em 45). Pelo que toca á Lusitania, apparece-nos Cesar, na primeira epoca, empenhado em submetter o Norte; e na segunda, vemos soldados Lusitanos em armas contra elle ao serviço dos partidarios de Pompeio.

A conquista da Lusitania quasi ficou terminada com a expedição de Cesar em 61. Alguns factos que mostram reluctancias parciaes para com o dominio romano, como a resistencia de Medóbrega em 48, e o episodio do Monte Medullio, nos dias de Augusto, em 26, são de somenos importancia.

Da facilidade com que Petreio, lugartenente pompeiano, alista em 49 tropas por toda a Lusitania, se vê que a conquista estava então muito adiantada. O proprio Cesar, referindo-se á Peninsula, diz, com relação a este mesmo anno de 49, que havia muito que ella se achava em paz, —*propter diuturnitatem pacis* [2]; e para os Romanos a palavra *pax,* nestas circumstancias, é synonima de «conquista».

---

[1] Não tenho de tomar em conta a questura (em 68).

[2] *De bello civili,* I, 85.

Os Lusitanos vão pois fóra do seu territorio ajudar Romanos a combater contra Romanos. Não poderei dizer, com tanta propriedade como até aqui, oppressores contra oppressores, pois que a conquista trazia realmente *paz* aos Lusitanos, e paz não só a respeito dos Romanos, mas entre elles mesmos, pois que frequentemente andaram em luta uns com os outros, como a abundancia de castros o prova; e com a paz vinham todos os frutos da nova civilização. Ultrapassando mais uma vez as fronteiras, a fim de irem batalhar lá por longe, os Lusitanos renovavam habitos inveterados, estavam em um dos seus elementos favoritos: fazer incursões.

Quando Q. Cassio Longino, que, como se disse, era legado de Cesar na Hispania Ulterior em 48, recebeu ordem d'este para marchar para a Numidia, partiu da Betica, onde estava, para a Lusitania, *ad legiones arcessendas auxiliaque adducenda* [1] «para chamar as legiões e trazer tropas auxiliares»: é isto mais uma prova dos progressos da romanização.

Augusto (26–25) teve força para pôr termo á conquista, e procedeu com habilidade politica, fundando colonias novas para os seus soldados, e deixando o nome, como titulo heraldico, entre povos barbaros.

*

É pena que, na longa serie de annos que Roma empregou em conquistar a Lusitania (193–25 a. C.), nem todos os factos nos sejam conhecidos, e que outros se passassem, por assim dizer, no vago, visto que ou ignoramos os locaes em que succederam, ou não sabemos a situação exacta de varias cidades que os AA. mencionam.

Em todo o caso o que chegou até nós basta para nos dar ideia do modo como se operou a conquista: valentia de um lado em defender palmo a palmo, com o punhal nas

[1] *De bello Alexandrino*, 51.

mãos e a raiva no animo, o patrio torrão; tenacidade e vilezas do outro em o arrebatar, embora d'ahi resultassem ulteriormente grandes bens para os vencidos. Se houve povoações de caracter primitivo que ou foram arrasadas, ou cujos habitadores debandaram de lá, houve-as tambem que ou foram poupadas, em virtude de espontanea, ainda que não usual, submissão, ou, já pela sua importancia estrategica, já pela sua importancia commercial, foram restauradas e beneficiadas, e onde a romanização se apresenta mais ou menos brilhantemente, — assunto este a que adiante terei de tornar a referir-me.

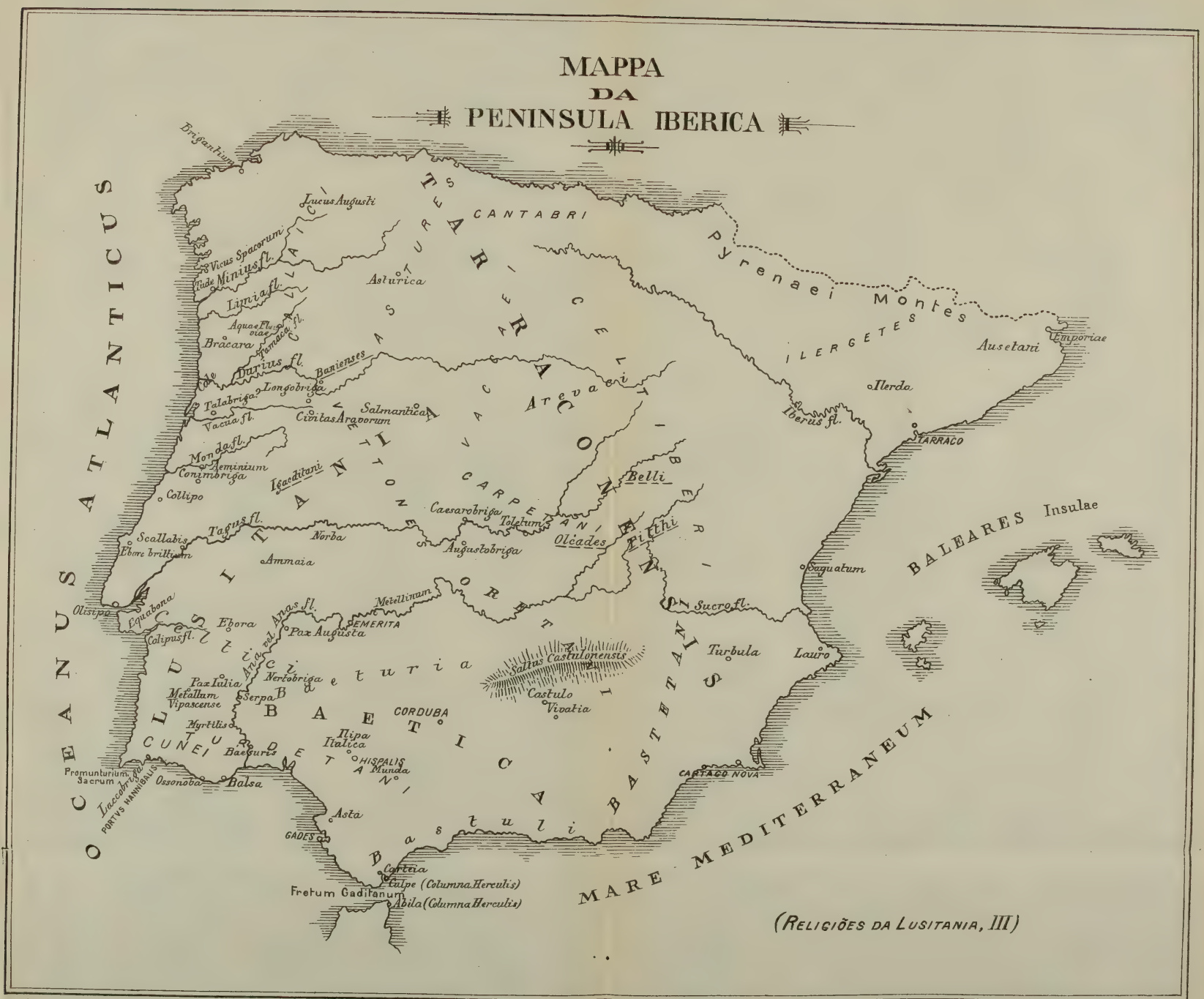
Entendo que devo finalizar aqui a narração da historia da conquista, e passar agora a occupar-me das consequencias d'ella.

O resto da Peninsula não ficava ainda submettido de todo, mas pouco faltava. Era pois em companhia dos outros povos ibericos, seus vizinhos e consanguineos, que os Lusitanos iam tomar parte nos lucros que finalmente advinham das dolorosas guerras seculares.

b) Civilização lusitano-romana

Divisão da Hispania em provincias. — Lusitania. — Governadores provinciaes. — Sub-divisão das provincias em *conventus;* a quaes d'elles correspondia o territorio hoje português. — Classes de povoações (e sua administração interna). — Esplendor de algumas cidades. — Cunhagem de moeda local. — Quadro das povoações mais importantes de cada *conventus*. — «Villas» lusitano-romanas (e agricultura). — Edificações monumentaes. — Estradas militares. — Exercito. — Varios outros elementos da civilização lusitano-romana: industria, commercio, legislação, medicina, espectaculos publicos, lingoa e litteratura. — Condição social dos habitantes. — Testemunhos onomastico-epigraphicos da romanização. — Epocas e variedades geographicas d'esta. — Feição geral da civilisação lusitano-romana.

Segundo vimos a p. 106, a Hispania em 198 a. C. estava dividida em *Citerior* e *Ulterior*. Esta divisão manteve-se durante o tempo da Republica, e nos primeiros annos do Imperio. A Lusitania do Sul do *Durius* pertencia á Ulterior; a do Norte do *Durius,* como mostrei, per



(Religiões da Lusitania, III)

tenceu, primeiro á Ulterior tambem, depois ficou pertencendo á Citerior.

Entre os annos 15 e 5 a. C., pelos calculos de Kornemann [1], a Provincia Ulterior scindiu-se em duas, — *Lusitania* (do *Ana* ao *Durius*) e *Betica: in duas per longitudinem provincias dividitur,* diz Plinio, *Nat. Hist.*, III, § 6. A Citerior constituiu terceira provincia, a *Tarraconense.* — Nesta nova divisão, que durou muito tempo, as terras do moderno Portugal jazentes ao Sul do Douro, excepto o territorio de alem-Guadiana, que pertencia á *Betica,* estavam incluidas na *Lusitania* propriamente dita; as terras do Norte do Douro estavam incluidas na *Tarraconense.*

Em 216 da era christã as Asturias e a Gallecia (que se compunha da Galliza e dos territorios de Portugal que ficam ao Norte do Douro) formam uma provincia intitulada *Hispania Nova Citerior Antoniniana* [2].

No tempo de Diocleciano (sec. III–IV), o Imperio estava dividido em districtos ou «dioceses»; a *dioecesis Hispaniarum* comprehendia seis provincias: Betica, Lusitania, Carthaginiense, Gallecia, Tarraconense e Mauritania Tingitana [3].

---

[1] *Entstehung der Provinz Lusitanien* (separata da *Festschrift zu Otto Hirschfelds sechzigstem Geburtstage,* Berlim 1903, p. 227).

[2] Vid. Hübner: *Corpus,* II, Suppl., p. LXVXVI, e *La Arqueología,* p. 169. Em varios tratados de geographia antiga, pertencentes porém a differentes epocas, a Gallecia e as Asturias andam connexas com a Lusitania: numa informação de Aggripa, conservada por Plinio, *Nat. Hist.*, IV, 118, diz-se: *Lusitaniam cum Asturia et Gallaecia..;* na *Dimensuratio Provinciarum,* ed. de Riese (*Geographi Latini Minores,* Heilbronn 1878), p. 13: *Asturia, Gallicia et Lusitania;* na *Divisio orbis terrarum,* ed. de Riese já cit., p. 16: *Hispania Lusitania cum Asturica et Gallaecia.* Cf. tambem Garofalo no *Boletín de la Acad. de la Historia,* XXXVI, 180.

[3] Bouché-Leclercq, *Manuel des instit. rom.,* Paris 1886, p. 215; Hübner, *La Arqueología,* p. 170. No *Breviarium* de Rufo Festo (sec. IV), ed. de Fœrster, Viena 1874, p. 8, lê-se: *per omnes Hispanias sex nunc sunt provinciae: Tarraconensis, Carthaginiensis, Lusitania, Gallaecia, B[a]etica, trans fretum etiam in solo terrae Africanae. provincia Hispaniarum, quae Tingimauritania cognominatur.*

Na *Notitia dignitatum*, obra redigida no sec. V com elementos provindos do sec. IV [1], mencionam-se sete provincias hispanicas: Betica, Lusitania, Callecia, Tarraconense, Carthaginiense, Tingitana, Baleares [2].

*

É sabido que depois da divisão das provincias do Imperio no tempo de Augusto, a Lusitania e a Tarraconense pertenceram ao imperador, e a Betica ao senado [3].

Na Betica tinha o senado um proconsul pretorio, acompanhado de um questor e de um delegado [4].

Para as duas provincias imperatorias mandava o imperador dois legados: um pretorio, outro consular. O legado pretorio, assistido de um delegado, administrava justiça na Lusitania, i. é, entre a Betica e o *Durius*; o legado consular, assistido de tres delegados, e com um exercito importante, tinha a seu cargo a Tarraconense. Alem d'estes magistrados, havia ahi procuradores de Cesar, encarregados da fazenda e de pagarem ás tropas [5].

A princípio os governadores das provincias accumulavam o poder civil e o militar; do sec. III em diante cada um d'estes poderes foi confiado a seu magistrado.

No quadro das provincias do Imperio no tempo de Diocleciano, os governadores das seis provincias da Hispania chamavam-se *praesides* [6]. Das seis provincias mencionadas por Festo, diz porém este: *Baetica et Lusitania consulares, ceterae sunt praesidales* [7].

---

[1] Vid.: Teuffel, *Geschichte der römischen Literat.*, Leipzig 1875, p. 111, obs. 6; e Hübner, *La Arqueología*, p. 170.

[2] *Notitia dignitatum*, vol. II, pp. 13* e 69*. — Tenho presente a ed. de Böking, Bonna 1839-1853.

[3] Dião Cassio, *Hist. Rom.*, LIII, 12; Estrabão, III, IV, 20.

[4] Estrabão, III, IV, 20; *Corp. Inscr. Lat.*, II, Suppl., p. 1117.

[5] Estrabão, III, IV, 20; e *Corp.*, II, Suppl., p. 1117, onde se mencionam outras funcções.

[6] Bouché-Leclercq, *Manuel des inst. rom.*, p. 215.

[7] *Breviarium*, ed. de Fœrster, p. 8.

As sete provincias constantes, como vimos, da *Notitia dignitatum* estavam sob a jurisdicção do *vigario* da Hispania, o qual por sua vez dependia do prefeito pretorial das Gallias [1]. Tres d'estas sete provincias, a Betica, a Lusitania e a Gallecia, eram governadas por *consulares;* as quatro restantes por *praesides* [2]. Das insignias do *vicarius Hispaniae* faziam parte tres figuras que reproduzo, com os n.os 68 a 70, da *Notitia dignitatum* [3], e que symbolizam

Fig. 68.ª — Baetica

Fig. 69.ª — Lusitania

Fig. 70.ª — Gallaecia

as tres provincias consulares: cada figura representa uma mulher com corôa torreada na cabeça (representação iconographica vulgar das cidades e paises), e moedas no regaço (symbolo dos tributos pagos ao estado romano). Visto que, se a maior parte do Portugal de hoje era da Lusitania, o resto era da Callecia (ou Gallecia) e da Betica, não vem fóra de proposito a reproducção das figuras.

No seu livro *De Lusitania provincia Romana,* Helsingfors 1884, p. 94 sqq., apresenta Ursin uma lista dos governadores da Lusitania, de que pôde haver noticia ou reconhecer a existencia, desde o tempo de Augusto [4] até

---

[1] Ed. de Böking, vol. II, pp. 13* e 69*.

[2] P. 69* — 70*.

[3] Estas figuras acham-se em um codice da Bibliotheca Palatina de Munich, copiado nos meados do sec. XVI. Vem na ed. de Böking, II, 69*. — Cf. tambem Flores, *España Sagrada,* I, 229.

[4] O primeiro governador parece ter sido P. Carisio: cf. Ursin, *De Lusitania,* pp. 94-95. De uma moeda d'elle fallei a p. 152.

meados do sec. IV; esta lista é acompanhada de discussões historicas. Pela minha parte juntar-lhe-hei aqui mais um nome: *L. Fulcinius Trio, legatus Ti(berii) Caesaris* no anno de 31, que figura em uma inscripção romana ainda inedita [1]. Alem dos governadores, falla Ursin tambem dos *procuratores* e de outros funccionarios.

Dos magistrados e empregados subalternos das demais provincias romanas, a que pertenciam territorios que hoje são de Portugal, acham-se varias noticias já nos autores, já nas moedas, já na epigraphia lapidar. Impossivel, porém, sair aqui d'estas indicações summarias [2].

*

O territorio hispano-romano repartia-se em circumscripções juridicas, chamadas *conventus*. Na Lusitania, conforme o testemunho de Plinio [3], contavam-se tres: *Eme-*

---

[1] Em uma tabula de bronze que me foi generosamente offerecida em Juromenha, em 1907, pelo Sr. Affonso Avellino Gallego, por intermedio do meu prestante amigo o Sr. José Romão Caeiro, administrador do concelho do Alandroal. — Na inscripção não se menciona a provincia, mas subentende-se que é a Lusitania, porque a tabula foi achada na margem direita do Guadiana; alem d'isso na inscripção figura um *nomen gentilicium* igual ao que se lê em uma inscripção lapidar achada em 1895 nos arredores de Juromenha (vid. *O Arch. Port.*, I, 217). O monumento não podia pertencer á Betica, apesar de esta ficar do outro lado do rio, porque a Betica, como se disse a cima, não era governada por um *legatus Caesaris*, mas por um magistrado senatorial.

[2] Acêrca da administração romana em geral, veja-se: A. Bouché-Leclercq, *Manuel des instit. rom.*, Paris 1886, onde se cita abundante bibliographia. A respeito da Hispania: Flores, *España Sagrada*, I, 207 sqq.; Hübner, *Corpus*, II, Suppl., p. LXXXVI sqq., e *La Arqueología*, p. 162 sqq. Da Lusitania em particular tratou Caetano do Amaral nas *Memorias de litterat. port. da Acad. das Sc.*, II (1792), 313 sqq.

[3] *Nat. Hist.*, IV, § 117. — A respeito da «Geographia da provincia da Lusitania em Plinio» ha um importante estudo de Detlefsen no *Philologus*, XXXVI (1877), 111 sqq.

ritensis, Pacensis e *Scallabitanus,* respectivamente com as sédes em *Emerita* «Mérida», *Pax Iulia* «Beja» e *Scallabis* «Santarem», cidades que gozavam do privilegio de ahi ser em certa epoca administrada a justiça pelo legado pretorio ou pelo seu delegado. Na Tarraconense contavam-se sete *conventus* [1], um d'elles com a séde em *Bracara* «Braga», ao qual pertencia em particular o nosso territorio do Norte do Douro. Na Betica, finalmente, contavam-se quatro [2], um dos quaes, o *Hispalensis,* com a séde em *Hispalis* «Sevilha», comprehendia o nosso territorio de alem-Guadiana. Em cada *conventus* distinguia-se certo número de *populi* (*civitates, respublicae*), que, como se ponderou no vol. II, p. 76, correspondiam a agrupamentos ethnicos pre-romanos.

É ainda Plinio quem nos diz que os tres *conventus* da Lusitania romana (i. é, do Douro ao Guadiana) abrangiam quarenta e cinco *populi,* que comprehendiam cinco colonias (com algumas povoações annexas), um municipio de cidadãos romanos, tres municipios que gozavam do direito do antigo Lacio (*Lati antiqui*), e trinta e seis cidades tributarias [3]. Pelos calculos de Feliciani, o qual, baseando-se na população attribuida por Plinio (*Nat. Hist.,* III, § 28) a varios *conventus,* dá a cada kilometro quadrado a população média de 8 *capita libera* «homens livres», a Lusitania romana, que, segundo o mesmo erudito, media 130:000 kilometros quadrados, conteria na segunda metade do sec. I da era christã (tempo de Plinio) 1.040:000 cidadãos livres; mas estes calculos assentam na hypothese de que a densidade da população era uniforme em toda a Peninsula [4]. No *conventus Lucensis* havia 16 *populi* (exceptuando os *Celtici* e *Lemavi*) e uns 166:000 homens livres; no *conventus Bracarum* havia 24 *civitates* e 285:000 habitantes [5].

---

[1] Plinio, *Nat. Hist.,* III, § 18.
[2] Plinio, *Nat. Hist.,* III, § 7.
[3] *Nat. Hist.,* IV, § 117.
[4] *Rivista di Storia Antica,* X, 18-19.
[5] Plinio, *Nat. Hist.,* III, § 28.

A epigraphia ministra-nos pelo tempo adiante outras informações geographico-administrativas: assim, na inscripção da Ponte de Alcantara, que é do anno de 105–106, figuram muitos *municipia provinciae Lusitaniae*[1]; numa inscripção da Devesa, do anno de 118, lê-se *civitas Aravo(rum)*[2]; noutra, do anno de 161, existente em Portalegre, lê-se *municip(es) Ammai(enses)*[3] «de *Ammaia*»; noutra, do anno de 254–255, achada em Faro, lê-se *res p(ublica) Osson(obensis)*[4]. No vol. II d'esta obra, p. 85, citei varios *vici* da Lusitania, já romanizados; adiante, p. 171, nota 1, fallo de mais uns *vicani*. — Para o conhecimento, quer das povoações, quer da população, dão muita luz, como é natural, as ruinas que hoje se observam em grande quantidade, ás vezes em pequenos espaços. Um mappa em que se assignalassem todas as estações lusitano-romanas de que temos noticia não ficaria menos cheio do que um mappa chorographico moderno. Se hoje ha povoações que realmente não correspondem a povoações antigas, ha tambem estações antigas que não correspondem a povoações da actualidade: a deficiencia em um caso compensaria a superabundancia no outro. — As povoações importantes tinham administração propria (*ordo decurionum, duoviri, aediles, quaestores,* etc.); mas não é necessario desenvolver aqui o assunto[5]. Das *tribus* (na accepção romana) pelas quaes estavam distribuidos os cidadãos lusitano-romanos fallam numerosas inscripções[6].

Na epoca de que neste momento me occupo, a Lusitania em sentido lato, i. é, toda a larga faxa occidental da Iberia, constava de: 1) povoações de nucleo indigena, o que

---

[1] *Corpus,* II, 760.

[2] *Corpus,* II, 429.

[3] *Corpus,* II, 158.

[4] Vid. *Corpus,* II, 1.

[5] Vid. Hübner: *Corpus,* t. II, p. 1159 sqq., e *La Arqueología,* p. 179.

[6] Vid. *Corpus,* t. II, p. 1134.

se collige dos nomes d'ellas e dos achados archeologicos, povoações que são a maior parte das que mencionei no vol. II d'esta obra, na secção da «Geographia» [1], e os castros que chegaram a ser romanizados, como o da Citania de Briteiros [2]; 2) povoações novamente fundadas ou restauradas, por exemplo *Caesarobriga, Augustobriga, colonia Augusta Emerita, colonia Pax Iulia*, a colonia de *Metellinum*, ou transferidas de outros locaes [3]; 3) acampamentos militares ou *castra* que se tornaram cidades, por exemplo, como parece, *Caeciliana* e *Caepiana* [4]; 4) estabelecimentos thermaes e industriaes, por exemplo *Aquae Flaviae*, o *metallum Vipascense* (já antigo, mas romanizado), e a povoação que estava no local hoje chamado «Troia» (em frente de Setubal), cujo nome antigo não se sabe ao certo; 5) *villae* e *aedificia* avulsos, de que fallarei adiante. Podiam tambem citar-se certos santuarios importantes, como o de Endovellico (vol. II, p. 131), onde devia haver pessoal permanente.

Já a cima vimos que a certas denominações indigenas se aggregaram denominações latinas, *Bracara Augusta*,

---

[1] P. 8 sqq. — Nesta secção ha algumas omissões, por ex.: *Cinginnia* (de que fallei a p. 96, noutra secção); *Conistorgis* ou *Conisturgis*, nos Cuneos (vid. supra, pp. 114 e 115); *Lennium* (vid. *Bellum Hispaniense*, c. 35); *Medobrega* (vid. supra, p. 149); *mons Medullius* (vid. supra, p. 151). Acêrca de *Brutóbriga*, vid. supra, p. 131. No *Corpus*, II, 6287, figuram os *vicani Atucause(nses)*.

[2] Estrabão, *Geogr.*, III, III, 5, diz que os Romanos, vencendo os Lusitanos, lhes transformaram em aldeias a maior parte das cidades, i. é, *dos castros*, e que edificaram melhor algumas. Aquelle facto deve entender-se que succedeu nos primeiros momentos da conquista; este já denota os beneficios da pacificação.

[3] Cf. o que aconteceu com Termes, nos Arevacos (povo celtiberico), a qual foi transferida do local fortificado em que estava para a planicie: Appiano, *Iber.*, § 99.

[4] Cf. Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, p. XCIII. — Sobre a importancia dos acampamentos neste sentido, vid. Kornemann, na *Festschrift zu O. Hirschfelds sechzig. Geburtstage*, p. 232, mas elle exaggera quando diz que a Lusitania constava originariamente, não de territorios de cidades, mas de territorios de acampamentos

Scallabis Praesidium Iulium, etc. Á denominação *Eviom*, que se lê em moedas provídas de legendas turdetanicas, corresponde na epoca romana um nome latino, *Salacia*, que o é de uma cidade das margens do *Calipus* «Sado», cognominada anteriormente, como diz Plinio, *urbs imperatoria* [1], e honrada depois em uma inscripção com o titulo de *municipium* [2].

De algumas povoações restam-nos inscripções incompletas, em que faltam os nomes, mas onde se conservou a menção das suas categorias: numa lapide de Midões lê-se *genio municipi* (=*municipii*) [3]; numa de Bobadella: *splendidissim*[*a*]*e civitati* [4]. Este adjectivo *splendidissima* «brilhantissima», «magnifica», que se encontra na litteratura na sua significação natural ou como simples epitheto [5], aqui é titulo nobiliarchico: cf. *splendidi municipi* em uma inscripção do Tirol [6], *splendidissima civitas* em uma inscripção de Timgâd [7], *splendidissima col*(*onia*) *Karthag*(*iniensium*) em uma inscripção africana [8], *splendidissimae civitati* em uma inscripção que vi no Museu de Tréveros (Allemanha) [9]; e corresponde em certo modo ao tratamento de *perfectissimi, clarissimi*, etc., dado aos governadores provinciaes, do tempo de Diocleciano em diante [10].

---

[1] *Nat. Hist.*, IV, § 116. — A denominação de *imperatoria* provém-lhe talvez de Sexto Pompeio: vid. Ursin, *De Lusitania*, pp. 77–78; cf. *Corpus*, II, Suppl., p. 802.

[2] *Corpus*, II, 32.

[3] *Corpus*, II, 401.

[4] *Corpus*, II, 397. — Cf. *civitas Aeminiensis*, ib. 5239; *civitas Limicorum*, ib. 2516 e 2517.

[5] Por exemplo em Nepos, *Alcib.*, 11, 2: *splendidissima civitate*.

[6] Dubois, *La Table de Cles*, pp. 13–17.

[7] *Corpus*, VIII, 2407.

[8] *Bullet. Épigr. de la Gaule*, I, 20.

[9] Digo *Tréveros*, de Treveri, accus. Treveros, por analogia com *Veios*, accus. Veios, e com *Pompeios*, de Pompeii, accus. Pompeios. Alguns AA. nossos antigos disseram porém *Treveris* (e *Treviris*), tomando por base o ablativo.

[10] Vid. sobre elle Bouché-Leclercq, *Manuel des inst. rom.*, p. 207

A par de cidades lusitano-romanas de que ás vezes só conhecemos os nomes, ou de que só tenues vestigios chegaram até nós, o que mostra que ellas foram pouco importantes, ou que soffreram aniquilamento ou destruição no tormentoso vae-vem dos seculos, muitas, pelo contrário, deixam ver em seus monumentos quanto esplendor tiveram. Entre estas occupa a primazia, sem dúvida, *Emerita Augusta*[1], com os seus aqueductos (cf. fig. 71.ª), templos, ponte, arco, theatro, estatuas, inscripções, moedas[3]. No nosso territorio citarei: *Balsa*, perto do mar; *Myrtilis*, em vantajosa situação commercial na direita do Ana, em frente da Betica; *Pax Iulia* e *Ebora*, no interior do celleiro alemtejano; *Olisipo Felicitas Iulia*[4]; *Conimbriga*[5]; a capital dos *Igaeditani*[6];

Fig. 71.ª (Arcos do aqueducto «dos Milagres» de *Emerita*) [2]

---

[1] D'ella diz Hübner, *Corpus*, II, p. 52: *splendidum olim Lusitaniae caput.*

[2] Esta figura foi extrahida (com reducção) da *Hist. de Mérida* de F. Pérez, Mérida 1894.

[3] Vid.: Segarra, *Historia de Mérida*, 1894; Moreno de Vargas, *Hist. de la ciudad de Merida*, 1892; *Corpus Inscr. Lat.*, II, p. 52, e Suppl., p. 821.

[4] Era talvez uma segunda capital da Lusitania. Ahi appareceu uma inscripção em que figura um governador da provincia (*Corpus*, II, 189), o que poderá indicar residencia. Hübner, *La Arqueología*, p. 168, diz mesmo: «la otra capital de la provincia, que era Lisboa». — Acêrca da denominação de *Iulia*, vid. supra, p. 144.

[5] Cf. *O Arch. Port.*, III, 145; IV, 304; etc.

[6] Nos *Dialogos*, 2.ª ed. (1604), fl. 115, pergunta Arraiz: «Que se «fez de Igedita, cidade cathedral que chamamos *Idanha?* Onde fica

Bracara Augusta[1]; *Aquae Flaviae*[2]... Algumas d'ellas eram, como já disse, vetustas povoações pre-romanas que receberam e assimilaram o influxo poderoso da civilização dos seus dominadores; outras eram povoações modernas, fundadas por elles. Do brilho e importancia de certas cidades, *Emerita, Pax Iulia, Ebora, Salacia, Myrtilis, Serpa,* etc., dá testemunho a cunhagem de moedas proprias (sec. I)[3]; com estas moedas tinham curso as de outras cidades ibericas, segundo se prova de muitos achados d'ellas no nosso país, e as moedas propriamente romanas (as mais antigas das quaes, achadas cá, são, que eu saiba, do sec. III a. C.[4]).

»com seus marmores e letreiros inscritos?» Quasi poderiamos agora responder: — No Museu Ethnologico, pois ahi está ricamente representada a epigraphia igeditaniense, pelos cuidados do Dr. Felix Alves Pereira.

[1] Acêrca do epitheto vid. supra, p. 152.

[2] Assim chamada certamente do nome de *T. Flavius Vespasianus:* cf. *Corpus,* t. II, p. 344, e *Dizionario Epigrafico* de E. de Ruggiero, t. I, Roma 1886, p. 576.

[3] Vid. Hübner, *Mon. Ling. Iber.,* p. IX* (indice); e com relação ás da Lusitania e Betica portuguesas em especial, vid. *O Arch. Port.,* VI, 81 sqq. — Uma inscripção de *Emerita,* no *Corpus,* II, 498, cita um *numm(ularius).*

[4] No castro ou «Castello» de Pragança appareceram denarios de Spurio Afranio, que cunhou moeda por 200 a. C. (Babelon, *Monn. de la républ. rom.,* I, 134), e de Sexto Pompeio Fostulo, que a cunhou por 129 a. C. (id., *ibid.,* II, 336). Da Beira-Baixa ha no Museu Ethnologico um thesouro organizado no sec. I a. C. com denarios dos sec. III-I. — Achados de moedas republicanas entre nós não são muito vulgares; as moedas que mais frequentemente se encontram são dos sec. III e IV da era christã, principalmente do sec. IV, que porém em parte podem pertencer á epoca visigotica. N-*O Archeologo Português* tem sido dada noticia do apparecimento de varios thesouros monetarios: vid. t. I, p. 134 (Trás-os-Montes), 223 (Estremadura); t. II, p. 292 (Entre Douro e Minho); t. III, p. 119 (Trás-os-Montes); t. IV, p. 66 (varios pontos do país), p. 79 (Beira); t. V, p. 119 (Minho e Estremadura), pp. 167 e 285 (Estremadura), p. 342 (Entre Douro e Minho); t. VII, p. 55 (Estremadura); t. VIII, pp. 221 e 230 (Estremadura); t. IX, pp. 56 e 99 (Trás-os-Montes); etc.

Se fizermos um quadro dos *conventus* com a maioria das povoações (*oppida, vici,* etc.) do territorio português, teremos:

Na Lusitania

a) Conventus Pacensis (entre *Ana* e *Tagus*):

Laccobriga	*Ebora*[5]
Portus Hannibalis	*Salacia*[6]
Ossonoba[1]	*Caetobriga*
Balsa[2]	*Equabona*
Baesuris	*Ammaia*[7]
Myrtilis[3]	*Aritium Vetus*[8]
Mirobriga	varios castros, e outras lo-
metallum Vipascense	calidades, ou alcariaes[9],
Pax Iulia (capital)[4]	com ruinas romanas.

b) Conventus Scallabitanus (entre *Tagus* e *Durius*):

Olisipo[10]	*Conimbriga*
Scallabis (capital)[11]	*Aeminium*[12]
Eburobrittium	*Baedorus*
Colippo	*Talabriga*
civitas Igaeditanorum	*Langóbriga*
Talabra	varios castros, e outras lo-
Lancia Oppidana	calidades com ruinas ro-
civitas Aravorum	manas.

---

[1] Vel *respublica Osson(obensis)* no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1.

[2] Vel *respublica Bals(ensis)* n-*O Arch. Port.*, V, 174.

[3] *Municipium.*

[4] *Colonia.*

[5] *Municipium Liberalitas Iulia.*

[6] *Municipium.*

[7] *Municipium.*

[8] *Aritiense oppidum vetus* no *Corpus*, II, 172.

[9] A palavra *alcarial* ouvi-a em Alcoutim, e significa «local onde apparecem ruinas antigas e restos archeologicos, como tijolos, telhas, etc.»; o povo diz mesmo: «alcarial dos Mouros», pois que, como se sabe, *Mouros* é vaga designação de antiguidade remota. Supponho que a palavra deriva de *alcaría,* com o suffixo *-al;* cf. *casal.*

[10] *Municipium Felicitas Iulia.*

[11] *Colonia.*

[12] *Civitas Aeminiensis* vel *Aeminiensium* no *Corpus*, II, 5239.

Na *Tarraconensis*:

c) Conventus Bracarum (entre *Durius* e *Minius*):

(*Portucale*)	*Araduca*
Bracara Augusta (capital)	*Aquae Flaviae*[2]
vicani Atucause(nses)[1]	*civitas Baniensium*[3]
Tuntobriga (= Tongobriga?)	varios castros, e outras localidades com ruinas romanas.
Caladunum	

Na *Baetica*:

d) Conventus Hispalensis (alem do *Ana*):

Serpa

varias localidades com ruinas romanas.

*

Depois das povoações propriamente ditas (*urbs, oppidum, vicus,* e em latim da decadencia *castrum,* no sentido de *oppidum*), devem mencionar-se as casas de campo, que podem comprehender-se na designação de *villae,* a qual, com quanto não se encontre no vol. II do *Corpus*[4], apparece em abundancia nos nossos documentos medievaes, conjuntamente com outras, como *villares, casales,* etc.[5] Das *villae* romanas, em geral, havia duas especies, conforme eram destinadas a rendimento (*villae rusticae*), ou a prazer e confôrto de seus donos (*villae urbanae*); mas nem sempre é possivel fazer a distincção[6].

A julgar dos restos archeologicos apparecidos por todo

---

[1] *Corpus,* II, 6287.

[2] Vel *respublica Aquiflaviensis* no *Corpus,* II, 4204.

[3] O seu *oppidum* creio ter sido um importante castro que está sobranceiro ao valle da Villariça, no concelho de Moncorvo. Visitei-o em 1906 em companhia do Sr. Abbᵉ. Tavares Teixeira, de Carviçaes, attento investigador das antiguidades da sua região.

[4] Só ahi se lê *ager* e *fundus:* vid. p. 1159.

[5] Vid. Alberto Sampaio, *As «villas» do Norte de Portugal,* Porto 1903, *passim.*

[6] Vid. A. Grenier, *Habitations gauloises et villas latines dans la cité des Médiomatrices,* Paris 1906, pp. 59 e 94.

o Portugal, e dos vestigios onomasticos, existiram no nosso territorio, nos tempos lusitano-romanos, muitas «villas», todas porém ordinariamente de caracter modesto;

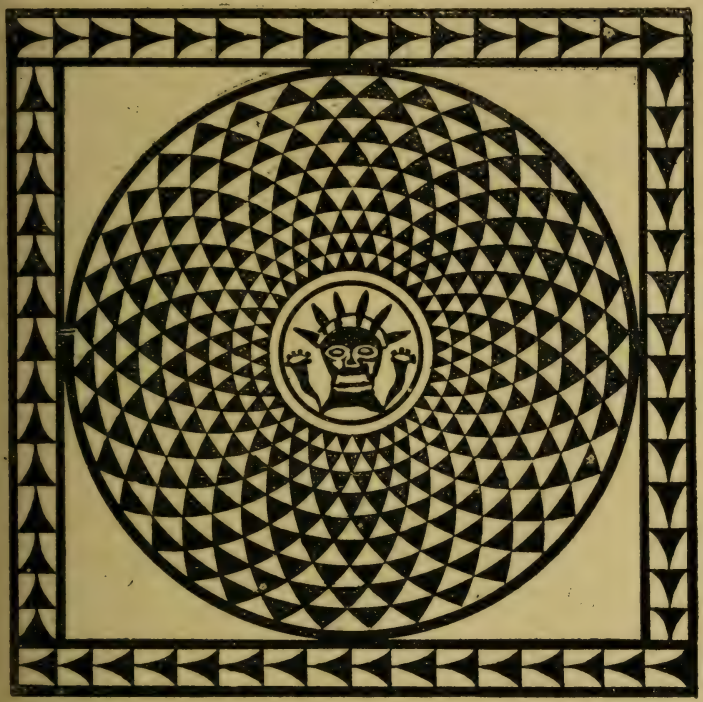


Fig. 72.ª (Mosaico polychromico da Póvoa-de-Cós — Alcobaça) [1]

quando muito, para cumulo de esplendor, mostram-se em algumas casas pavimentos de mosaico, embora quasi sem-

[1] Este mosaico está hoje no Museu Ethnologico: vid. a bibliographia citada a p. 178, nota 1. Na fig. 72.ª reproduz-se unicamente a parte central do mesmo: ahi se vê uma cabeça radiada, ao que parece, de Apollo-Sol, entre duas cornucopias, — o que faz lembrar certas estelas punico-romanas da Tunisia, em que se figura «le Soleil, en buste, entre deux cornes d'abondance, de chacune »desquelles émergent deux pavots» (*Bullet. arch. du Comité des trav. hist.*, Paris, Nov. de 1907, pp. XIX e XX).

pre de desenho geometrico, e só raras vezes com figuras [1]. Nas ruinas, ou perto, surgem a cada passo vestigios materiaes da vida rural dos Lusitano-Romanos: aprestos de lavoura, mós, lagares, fornos, encanamentos, — o que, com a noção de *villa,* mantida no uso quotidiano, como vimos, até á idade media, mostra que se haviam introduzido cá as regras e as práticas da agricultura classica, que ora substituiam regras e práticas indigenas, ora se lhes sobrepunham [2].

Ás vezes a designação latina de *villa* conservou-se no onomastico até hoje, ou em povoações que não passam de transformação de «villas» lusitano-romanas, ou em propriedades rusticas que continuam ainda algumas d'essas «villas», como creio ser o caso ao pé de Arraiolos, onde conheço uma fazenda chamada *Villa-Ladra* [3], com ruinas romanas. O Alemtejo offerece mais exemplos de supervivencia, pois que é a *herdade,* com o «monte» e a caterva hierarchica dos serviçaes, senão uma *villa* com toda a sua complexa organização?

Ás *villae* aggregarei certas ruinas avulsas que se encontram frequentemente e que devem ter pertencido a meros *aedificia.*

---

[1] De varias «villas» ha já noticias especiaes, por ex.: n-*O Arch. Port.,* v, 193 sqq.; na *Portugalia,* i, 391 sqq.; e *Restos de uma villa lusitano-romana,* por José Fortes, Porto 1905. — A respeito de mosaicos, vid.: *O Arch. Port.,* v, 331; vii, 146, 284 e 312; viii, 163 e 243.

[2] Não só o nosso vocabulario rural reflecte na sua maior parte o vocabulario latino, mas ha muitos instrumentos modernos que estão em relação com os correspondentes instrumentos romanos: por exemplo o *trilho* com o tribulum, o *carro alemtejano* com o carpentum, o *carro de bois* com o plaustrum. Isto porém não quer dizer que todos os instrumentos de hoje, que são iguaes ou semelhantes aos dos Romanos, tivessem origem nelles, pois já podiam provir de epocas anteriores; em todo o caso os dos Romanos são os prototypos immediatos dos actuaes. Cf. sobre este assunto: *Portugalia,* i, fasc. 2–3; *Boletim da Soc. Arch.* «*Santos Rocha*», i, 161.

[3] Isto é, *Villa (da) Ladra.*

*

Outros documentos da civilização lusitano-romana temo-los nas edificações de caracter monumental, a algumas das quaes já a cima alludi de passagem (*Emerita*).

Muralhas dignas de referencia são por exemplo: as de *Bracara, Conimbriga, Ebora,* S. Tiago de Cacem («Cas-

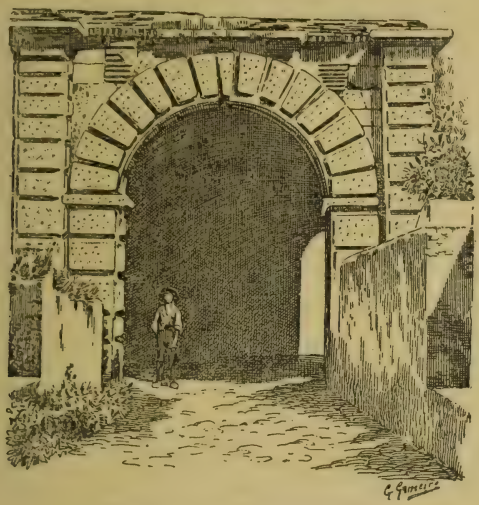


Fig. 73.ª (Arco de Aramenha) [1]

tello Velho»), ainda existentes. Arcos ou portas de cidades, citarei os de *Ebora, Pax Iulia,* Aramenha (fig. 73.ª), Bobadella [2].

---

[1] Vid. a nota seguinte.

[2] Em todas estas localidades existem ainda arcos, menos em Aramenha. A freguesia de S. Salvador de Aramenha fica a 16 ou 17 kilometros de Portalegre. O arco estava ligado a muros, numas «tapadas» proximas da igreja, chamadas *da Aramenha,* onde apparecem muitos restos de antiguidades. No sec. XVIII foi transferido para Castello de Vide, como consta da seguinte inscripção que estava sobre elle: *Reynando em Portugal o muito alto e poderoso senhor Dom João quinto, foi este portado tirado debaixo das antigas ruinas da cidade de* MEDOBRIGA, *fundada 1906 annos antes de Xpt.° no sitio chamado* ARAMENHA, *transferido e posto neste logar por Ma-*

Em *Olisipo* houve um theatro, nos meados de sec. I [1], e em *Balsa,* no sec. II, um circo (*Rev. Archeol.,* I, 34–35).

Banhos e thermas existiram muitos: ao pé de Penafiel (talvez do sec. III) [2], em *Olisipo* [3], Troia (*O Arch.,* III, 160), Milreu (*O Arch.,* IV, 158), Vizella (*Mem. de Litt. Port.,* III, 93; *Religiões,* II, 266), Taipas [4], *Aquae Flaviae* (sec. I) [5].

Na classe de pontes notaveis attraem ainda agora os

---

noel de Azevedo Fortes, governador d'esta praça, no anno de Xpt.º de 1710. Em 1890 o Ministerio da Guerra concedeu para a fundação do Asylo do Espirito Santo o terreno em que estava o arco: este foi destruido, e as pedras aproveitadas no edificio e dependencias; a inscripção que a cima copiei foi tambem mettida num muro, de modo porém que se lê,—o que ao menos servirá de perpétua memoria e implicita condemnação d'aquelle crime. Ao Sr. Dr. Francisco Cordovil de Barahona, illustrado cultor dos estudos numismaticos, agradeço o ter-me mandado não só a photographia que aqui reproduzo, mas tambem os documentos d'onde extrahi as noticias supramencionadas. — Os outros arcos que cito no texto tem sido já publicados. Em Beja resta actualmente só um arco, bem como em Evora, mas houve mais alguns, que o desleixo ou maldade dos homens aniquilou tambem. — É pena que as nossas antiguidades monumentaes andem assim tantas vezes á mercê de quem lhes não sabe dar o devido aprêço!

[1] Vid.: L. Antonio de Azevedo, *Dissertação* (sobre o theatro romano de Lisboa), Lisboa 1815, com estampas; *Corpus,* II, 183; *O Arch. Port.,* XII, 102–103. Este theatro, que foi descoberto no sec. XVIII, estava situado num local a que hoje corresponde a R. de S. Mamede, de fronte da Sé.

[2] *Balineum luso-romano de S. Vicente do Pinheiro* por José Fortes, Porto 1902. E vid. Alves Pereira, n-*O Arch. Port.,* VIII, 110.

[3] De Olisipo conhecem-se dois estabelecimentos thermaes romanos, descobertos ambos no sec. XVIII: um, chamado numa inscripção *thermae Cassiorum* (certamente do nome do seu fundador), no sitio das Pedras-Negras, restaurado no sec. IV; outro, em que havia um santuario de Esculapio, na R. da Prata. Vid.: *Corpus,* II, 191 e 175; e *Revista Archeologica,* III, 149 sqq. e 23 sqq.

[4] A. Bellino, *Inscripções romanas de Braga,* Braga 1895, p. XIII.

[5] O nome *Aquae* o diz. Cf. o que no *Corpus,* t. II, p. 344, escreveu Hübner: «civitas Aquiflaviensis est a Vespasiano sine dubio ita nominata». Devemos entender que este imperador fundou ou restaurou as thermas.

nossos olhos a de *Emerita* e a de Alcantara, ambas do seculo I. De uma ponte que no tempo do imperador Trajano construiram sobre o *Tamaca* os *Aquiflavienses*, falla uma inscripção de Chaves (*Corpus*, II, 2478). Em

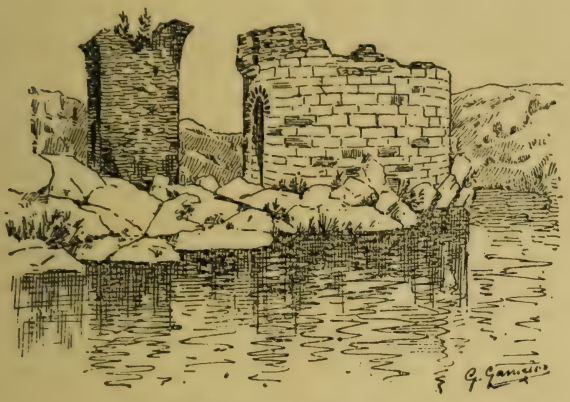


Fig. 74.ª (Ponte de *Myrtilis*)

Myrtilis houve igualmente uma ponte romana, talvez nunca terminada, mas de que restam importantes vestigios: na fig. 74.ª representam-se dois pègões [1].

*

Com as pontes correlacionam-se as vias ou estradas militares, que atravessavam a Lusitania em varios sentidos. Este estudo faz-se com a ajuda do chamado *Itinerario* de Antonino, da epigraphia (marcos miliarios) e do exame directo dos restos das proprias estradas; já se tem publicado para esse estudo bastantes elementos, mas ainda ha muito que fazer [2].

---

[1] Cf. *O Arch.*, v, 244-245, onde se publica uma vista geral.

[2] Vid. Christovam Aires, *Historia do Exercito Portuguêz*, II (1898), 147-238. A p. 160, nota 2, e noutros lugares, cita muitos AA. (Rèsende, Argote, Brito, etc.). Junte-se: *Dizionario Epigrafico* de E. de Ruggiero, t. I, Roma 1886, p. 1024; Martins Capella, *Miliarios*, Porto 1895; A. Bellino, *Inscr. rom. de Braga*,

Assim, de *Ossonoba* partia uma estrada para *Salacia;* de *Baesuris* duas para *Pax Iulia* (por *Balsa, Ossonoba, Ebora, Serpa;* e por *Myrtilis*); de *Olisipo* tres para *Emerita* (por *Equábona, Caetobriga, Salacia, Ebora, Dipo;* por *Aritium;* e por *Scallabis*); de *Olisipo* uma para *Bracara,* que coincidia, em parte, com a antecedente; de *Bracara* quatro para *Asturica* (por *Aquae Flaviae,* á qual pertencia a inscripção da ponte; pela Geira; por *Tude;* por *Vicus Spacorum*)[1].

Fig. 75.ª (Marco miliario de uma das vias romanas de *Bracara*)[3]

As estradas não eram todas contemporaneas umas das outras: os mais antigos miliarios datam dos primeiros annos do sec. I da era christã, i. é, do tempo em que foi criada a provincia da *Lusitania*[2]; os mais modernos datam do sec. IV.

O estabelecimento da viação romana facilitava as communicações não só das povoações de cada provincia entre si, mas das provincias com Roma. Embora destinadas principalmente para a

---

Braga 1895, p. LXVII sqq.; P.e Sarmiento, *Estradas militares,* ms. do sec. XVIII, publicado por Chistovão Aires, Lisboa 1901; artigos n-*O Arch. Port.* (Pereira Lopo) e no *Boletín* de Orense, vol. II e III (Díez Sanjurjo). Deve ter-se presente tambem o *Corpus* II e os seus Supplementos.

[1] Vid. o *Itinerario* de Antonino, Amsterdam 1735, pp. 416–431.— O Sr. A. Pereira Lopo, n-*O Arch. Port.,* XII, 162, julga que de *Aquae Flaviae* partia mais de uma via romana para *Asturica.*

[2] Na Hespanha ha-os mais antigos; no *Corpus,* II, 4931, vem uma inscripção do anno de 8–7 a. C.

[3] A inscripção diz que o marco é do anno de 133/134 da era christã (Hadriano), e que estava collocado num local distante de

rapida passagem das tropas, aproveitavam com ellas todas as relações sociaes, e os povos que lhes ficavam perto romanizavam-se mais profundamente. Já Estrabão (*Geogr.*, III, III, 8) notou que a indole bravia dos montanheses do Noroeste e do Norte da Iberia provinha não tanto das guerras, como de ficarem muito afastados dos grandes emporios da civilização, sendo com a paz trazida pelos Romanos que estes começaram a viajar até elles, o que attenuou o mal. A impressão produzida pelas grandiosas redes das vias militares foi tal no espirito do povo, que, certamente como lembrança d'ella, ainda hoje, decorridos tantos seculos, se diz em fórma de proverbio que *todos os caminhos vão dar a Roma*[2].

Fig. 76.ª
(*Glans* de chumbo) [1]

Augusto escolhendo para si, como vimos, a Lusitania, não fazia isto para dar honra aos nossos maiores, mas por causa da feição bellicosa dos povos da provincia, os quaes era preciso ter sujeitos com fôrças militares: e a politica do imperador consistia em deixar impotente o senado, e tornar-se forte elle proprio[3].

Pouco sabemos das tropas romanas estacionadas no nosso territorio como guarnição d'elle[4]; em compensação possuimos várias

---

Braga 13 milhas,—se não houve alteração no numero, como suspeita Martins Capella, que reproduz a inscripção no seu livro *Milliarios do conventus Bracaraugustanus*, Porto 1895, p. 127. A figura foi feita segundo um desenho tirado de uma photographia que o saudoso Albano Bellino me enviou. A capa do mencionado livro está ornamentada com uma figura semelhante.

[1] Esta bala de funda foi encontrada defronte de *Myrtilis*, na margem esquerda do *Anas*. Foi-me offerecida pelo Sr. João Manoel da Costa, e está no Museu Ethnologico.

[2] Cf. *O Arch. Port.*, XI, 345.

[3] Dião Cassio, LIII, 12.

[4] A *legio I Augusta* suppõe Hübner que teria tido um dos seus quarteis em Braga ou Astorga (*La Arqueología*, p. 123). O mesmo diz da *legio II* (ibid., p. 125); numa inscripção olisiponense figura um *aquilifer* «porta-estandarte» d'esta legião (*Corpus*, II, 266).

noticias acêrca das tropas auxiliares que da Lusitania e da Gallecia sairam para o exercito imperial em differentes epocas, e que serviram fóra da Peninsula.

Na *Ephemeris Epigraphica* cita Mommsen tres *cohortes Lusitanorum* com os numeros I, III e VII [1]. Havia, pois, pelo menos sete cohortes. Allusiva á *cohors* II transcrevi uma inscripção da Beira-Baixa nas *Religiões,* II, 296; n-*O Arch. Port.,* VII, 171, mencionei tambem uma *cohors,* que não tem porém a indicação do número.

De *cohortes Bracaraugustanorum* houve, pelo menos, cinco: da I, II, III, IV e V cita Mommsen textos epigraphicos na *Ephemeris* [2]. De *cohortes Lucensium* e *Callaecorum* falla o mesmo auctor na referida revista [3].

Sobre as milicias hispano-romanas em geral, vid.: *De re militari provinciarum Hispaniarum aetate imperatoria,* por U. P. Boissevain; Hübner, *Corpus,* II, Suppl., p. XC, e *La Arqueología,* p. 116 sqq.; *Ephemeris Epigraphica,* V, 165 sqq.; Christovão Aires, *Historia do Exercito Português,* vol. I, p. 335 sqq.; Kornemann, na *Festschrift zu Otto Hirschfelds sechzig. Geburtstage,* pp. 228-233.

*

Á medida que a acção romana se ia diffundindo nas sociedades lusitanicas, com a organização juridico-administrativa, a constituição de diversas classes de povoações, para logo fortificadas e melhoradas, o rompimento de caminhos solidos e extensos, — introduziam-se outros elementos de civilização: desenvolviam-se industrias, que, com quanto já aqui datassem de antigas eras, então tiveram maior florescimento [4]; espalhava-se o uso da *imbrex,*

---

[1] Vol. V, p. 166. — Vid. tambem Cagnat, *Rev. des public. épigr.,* 1895, n.º 36, acêrca da *cohors III Lusitanorum.*

[2] Vol. V, p. 169. — Acêrca da *cohors III Bracarum* vid. tambem *Bullet. et Mém. des Antiq. de France,* 6.ª serie, t. VIII, p. 25, nota.

[3] Vol. V, p. 169.

[4] Industrias mineiras (Alemtejo, Trás-os-Montes, Entre-Douro e Minho, etc.); córte e trabalho de marmore (cf. *marmorarius* na epigraphia: *O Arch. Port.,* VIII, 164), estabelecimentos de salga nas costas maritimas do Sul (cf. *Bulletin Hispanique,* VIII, 109

da *tegula* e do *laterculus*, — e as casas, que d'antes eram apenas colmadas, ou cobertas de argilla [1] ou de lousas, do que ainda em parte se conserva a tradição em aldeias sertanejas do Norte e Centro do reino, começavam a ser telhadas, e em vez de lagedo e de chão terreo entrava em uso o ladrilho, sobretudo nas regiões, como o Sul, onde a madeira não abundava; activava-se o commercio interno e externo [3]; severa legislação modificava costumes barbaros, introduzia ordem onde havia

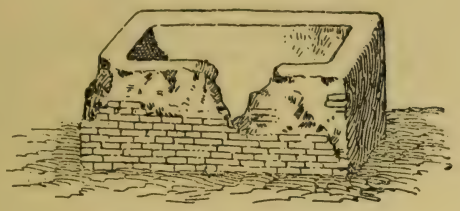


Fig. 77.ª (Tanque de *Balsa*) [2]

---

sqq.); olarias; ferrarias; industrias caseiras, reveladas em inaudita abundancia de *pondera* de barro ou pesos de tear, de differentes fórmas, e em grande quantidade de *verticilli* «cossoiros» ou volantes de fuso. Na fig. 77.ª dou o desenho de um tanque de tijolo, forrado de *opus Signinum* (existente em *Balsa:* Tavira), o qual desenho é extrahido do *Album* de Estacio da Veiga, que se guarda no Museu Ethnologico; elle foi já publicado no cit. vol. do *Bulletin Hispanique,* p. 119.

[1] Assim parece que acontecia na 2.ª idade do ferro no castro de Santa Olaia, junto do *Monda* «Mondego», entre a Figueira e Montemór-o-Velho (vid. *Portugalia,* II, 322).

[2] Vid. supra, pp. 184 (nota 4)-185.

[3] Exportação de frutas (cf. *Religiões,* II, 44) e de metaes no seu estado bruto; importação de ceramica (loiça arretina), e de objectos de vidro (frascos de Pombalinho, no Museu Ethnologico — vide um exemplar na fig. 79.ª; contas coloridas), de osso ou marfim (*acus* etc.), de metal (*fibulae, specula, staterae, aequipondia, pondera*). Estrabão, *Geogr.,* III, II, 6, falla de muitos productos naturaes que a Turdetania exportava, o que em parte póde entender-se tambem do Sul do nosso país: cf. *Religiões,* II, 15, nota 6. Investigações archeologicas feitas em territorios que hoje pertencem aos concelhos de Baião, Marco, Penafiel, Amarante e Paços de Ferreira mostram que uma e mesma ceramica circulava de uns para os outros.

arbitrio, regularizava novas empresas [1]; a medicina indigena, meramente empirica [2], era substituida por outra, que se baseava já em principios e regras [3]; os espectaculos romanos, testemunhados pelo theatro e pelo circo de que fallei a cima, p. 180, por um *exodiarius* de *Myrtilis* (se o respectivo texto

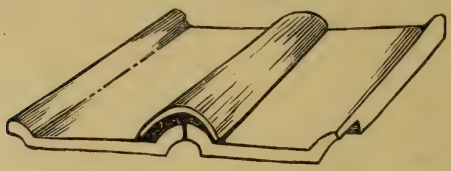


Fig. 78.ª (*Tegulae* e *imbrex*)

---

[1] São notaveis as duas tabulas legislativas do *metallum Vipascense* ou mina romana de Aljustrel: uma está no Museu da Direcção Geologica, a outra no Museu Ethnologico. A 1.ª os epigraphistas suppunham-na do tempo dos Flavios, mas a 2.ª é de Adriano, e a letra da inscripção é a mesma que naquella. Ambas as inscripções foram já publicadas.

[2] Vid. esta obra, II, 94.

[3] No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 21, figura Cattio Januario como *medicus Pacensis*, i. é, de *Pax Iulia* «Beja»; *ibid.*, II, 470 (ou *Ephemeris Epigr.*, VIII, 363), numa inscripção de Emerita, figura Lucio Cordio Symphoro, tambem *medicus*, de certo de origem grega, como o mostra o seu cognome. Não devemos julgar estes medicos totalmente isentos de espirito supersticioso, e só entregues á pratica da sciencia pura, porque de facto o primeiro faz na inscripção respectiva uma consagração a Esculapio, deus da saude, e o segundo a *Venus Victrix;* mas basta o nobre titulo de *medicus*, que elles ostentam, para se ver quão longe estavamos dos costumes dos Lusitanos Septentrionaes, que expunham os doentes á beira dos caminhos para pedirem conselho a quem passava. — No *Corpus*, II, 497, de Emerita, ha uma inscripção em que Cassio Philippo dedica uma memoria funebre a sua esposa, fallecida de 45 annos, e diz que esta, alem de ter sido *uxor incomparabilis* e *mulier sanctissima*, fôra *medica optima:* aqui porém *medica* significa simplesmente «parteira», o que se prova com a esculptura feita na parte posterior da lapide tumular, em que se representa uma criança envolta em mantilhas ou panaes, — pois na epoca romana era vulgar esculpir nos cippos funerarios e estelas emblemas representativos das profissões dos defuntos.

Visto que fallei de inscripções em que se lêem nomes de medicos lusitanos, lembrarei que no Museu Ethnologico, pavimento II,

está bem interpretado) [1] e por uma inscripção do sec. II ou III em que se menciona uma regata ou *certamen barcarum* [2], eram por certo superiores ás danças e jogos de que trata Estrabão e Diodoro [3]; uma *tessera lusoria* de pedra, ou «dado», que appareceu nas ruinas de *Conimbriga* [4], mostra que outros divertimentos de origem romana estavam tambem em voga; a lingoa latina, propagando-se por toda a faxa occidental da Iberia, em detrimento dos fallares locaes, tornava mais solidarios os homens entre si, pela uniformidade, que ella promovia, dá expressão e do pensamento, e punha os Barbaros

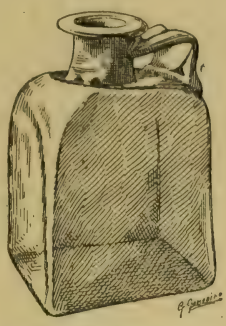


Fig. 79.ª (Frasco de vidro do Pombalinho) [5]

---

armario n.º 30, ha varios objectos achados no Algarve (por Estacio da Veiga e por outros), que no meu entender são instrumentos de cirurgia. Na fig. 80.ª representa-se uma espátula de bronze, cujo cabo termina em botão, para tambem servir de tenta. Na fig. 81.ª representam-se os restos de um escalpello: cabo de bronze, e parte da folha ou lamina de ferro. Ambos elles provém de *Balsa* (Torre de Ares), e são muito semelhantes aos que se figuram respectivamente na est. VIII, n.º 10, e na est. III, n.º 2, da *Étude sur la trousse d'un chirurgien gallo-romain du IIIe siècle* do Dr. Deneffe, Antuérpia 1893; cf. do mesmo auctor, *Les oculistes gallo-romains au IIIe siècle*, Antuérpia 1896, est. III, 1-2. — O que jàmais encontrei em Portugal (nem d'isso tenho conhecimento cá) foram sinetes de ophthalmologista; d'estes sinetes ha alguns em Hespanha (vid. *Boletín de la Acad. de la Hist.*, XXXI 62, e XLIX 279), e elles são mui vulgares noutros paises.

[1] *Corpus*, II, 65. — *Exodiarius* era um actor que representava um *exodium* (scena comica final de peças dramaticas de certa extensão).

[2] *Corpus*, II, 13; e *Rev. Archeologica*, I, 34.

[3] Vid. esta obra, II, 91.

[4] *Portugalia*, I, 595.

[5] Este frasco, em cujo fundo ha uma figura e umas lettras, faz parte do espolio de uma sepultura de incineração, e foi-me offerecido pelo Sr. Barão de Almeirim; é analogo a uns que appareceram na Belgica juntamente com moedas do sec. II da era christã: vid. *Annales de la Soc. d'Arch. de Bruxelles*, XVIII, 386, e cf. XIX, 56.

em contacto com thesouros intellectuaes que elles não conheciam d'antes, nem talvez suspeitavam, — a ponto de já no sec. I a Lusitania Meridional, na região banhada pelo *Calipus* «Sado», produzir, ao que parece, um escriptor, Cornelio Boccho[1], e de apparecerem ás centenas, por todo o Portugal, inscripções romanas, que pertencem a diversas epocas, e que tanto provém de localidades centraes, como de localidades remotas (algumas são metrificadas, — *carmina epigraphica*)[2].

De tudo isto resultava um bem-estar geral: não que cessassem de existir as grandes desigualdades sociaes que anteriormente havia, ou na propria distincção entre escravos e homens livres estes usufruissem todos prerogativas iguaes[3]; não que a Lusitania, como o resto da Pe-

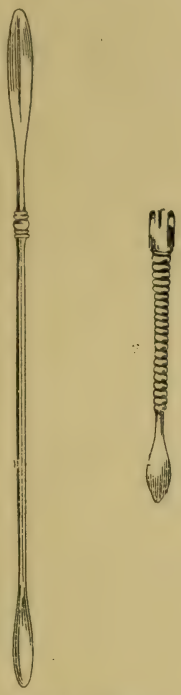
---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, I, 69–76, e V, 49. — Mas tão çáfaro era o país, que nunca mais produziu outro, durante todo o dominio romano, se exceptuarmos os auctores ou coordenadores, presumivelmente lusitanicos, dos *carmina epigraphica!* A Hespanha, pelo contrario, deu á litteratura muitos nomes illustres.

[2] Com o incremento da instrucção relaciona-se o apparecimento de tinteiros (*atramentaria*) de loiça e metal no Alemtejo e Algarve (figs. 82.ª e 83.ª), e de um *stilus*, se o é, em Troia (fig. 84.ª). Tudo isso está no Museu Ethnologico. Dá-se a curiosa coincidencia de um dos *atramentaria* de loiça (o da fig. 82.ª) ter apparecido na mina metallifera de Aljustrel, e de na respectiva tabula 1.ª, § 8 (*Corpus*, II, Suppl., p. 792), se fallar de mestr'escolas ou *ludi magistri*. A respeito do *stilus* de Troia, que vai representado na fig. 84.ª, vid. *Annaes da Soc. Arch. Lusit.*, pp. 29–30. — Inscripções metrificadas da Lusitania estão publicadas no *Corpus*, II, 391 (*Conimbriga*), 562 (*Emerita*), 5186 (*Pax Iulia*), 5558 (Vizella); cf. tambem: *Religiões*, II, 268; Hübner, *Notic. Arch. de Portugal*, p. 84; eundem, *Los más antiguos poetas de la Península* (extracto do *Homenaje á Menéndez Pelayo*), pp. 12 e 18. Em *Myrtilis* obtive ha annos uma lapide com um *carmen*, ainda inedito; tenho alem d'isso noticia de outra do Sul, que estou tratando de obter.

[3] Vid. supra, pp. 169–170, acêrca da situação politica das cidades com relação umas ás outras. Como é sabido, foi Vespasiano (sec. I) quem concedeu o *ius Latii* a toda a Hispania, e Caracalla (sec. III) quem concedeu a *civitas*, ou direitos de cidadão romano, a todos os habitantes do Imperio que fossem livres.

ninsula, não constituisse para os dominadores inexgotavel campo de exploração e perpétua fonte de proventos, por isso que todas as provincias eram por lei *praedia populi Romani:* mas tinham desapparecido muitos usos selvaticos, e terminado pela maior parte as guerras intestinas, de tribu com tribu, e as d'estas com Roma, o que trazia outr'ora o país em contínuo sobresalto; as cidades apresentavam-se mais alegres, mais vivas, mais polidas; os indigenas, quando o podiam fazer, orgulhavam-se de adoptar os *tria nomina,* como: *G. Pagusicus Valerianus,* em uma inscripção lapidar de S. Tiago de Cacem [1], com o *nomen* lusitano e o *praenomen* e *cognomen* latinos [2], e *C. Sulpicius Pelius* [3], com o *praenomen* e o *nomen* latinos, e uma antiga palavra da lingoa de seus antepassados a servir-lhe de *cognomen.*



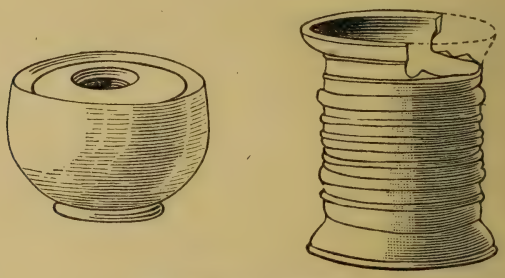
Figs. 80.ª e 81.ª (Instrumentos cirurgicos) [5]

O estudo dos nomes proprios gravados nas lapides ministra muitos outros interessantes exemplos de como se operava, pouco a pouco, a romanização: *Saturnius,* filho de *Albonius* [4], — dois Barbaros, o ultimo ainda com a sua denominação indigena, o primeiro com ella latina; *C. Pompeius,* da tribu *Galeria,* filho de *Caturo* [6], — o pae ainda barbaro, o filho romanizado, e alem d'isso inscrito numa das tribus romanas que mais cidadãos abrangiam na Peninsula; *Materna,* mulher

---

[1] *Corpus,* II, 27. Hoje no Museu Ethnologico.
[2] O cognome em *-ianus* indicará adopção.
[3] *O Arch. Port.,* VII, 171.
[4] *Corpus,* II, 5230.
[5] Vid. pp. 186 (nota 3)-187.
[6] *Corpus,* II, 2403.

barbara de nome latino, filha de *Caeno,* Barbaro de nome indigena, e mãe de *Maelia Martialis,* mulher barbara com *nomen* e *cognomen* latinos [1]; *L. Iulius Regulus,* varão romano, filho de *Aleba,* mulher barbara [2]; finalmente, pois que não é necessario alongar mais a lista, *Aponia Iunia,* de nome latino, filha de *Aponia Lobessa,* de nome latino-barbaro, ligada com *Rufus* e mãe de *Rufina* [3]. As



Figs. 82.ª e 83.ª (Tinteiros) [4]

inscripções em que se lêem os nomes citados pertencem a várias epocas, do sec. I em diante, como se reconhece do estilo; á medida que progredia a civilização lusitano-romana, é natural que os elementos barbaros fossem rareando, sobretudo nos locaes onde ella se apresentasse mais intensa.

Como epoca do apogeu da civilização lusitano-romana poderá marcar-se, pelo menos para o Sul, o sec. II: é de então o templo romano de Evora [5] e a lei de Adriano dada ao *metallum Vipascense;* dos fins do sec. I ou come-

---

[1] *Corpus,* II, 385.

[2] *Corpus,* II, 5223.

[3] *Corpus,* II, 387.

[4] A respeito do da fig. 82.ª, vid. p. 188, n. 2; o da fig. 83.ª obtive-o em S. Tiago de Cacem. — Em museus da Allemanha e da Italia tenho encontrado tinteiros analogos a estes, por exemplo nos de Colonia e Napoles. Na secção estrangeira do Museu Ethnologico Português ha um como o da fig 83.ª, que comprei em Roma em 1905.

[5] G. Pereira, *Biographia de Sertorio,* Evora 1878, p. XX; Hübner, no *Corpus,* II, Suppl., p. 805.

ços do II é a inscripção metrificada de *Pax Iulia* [1] e duas estátuas marmoreas de *Myrtilis* [2].

Digo «pelo menos para o Sul», porque o Norte e certos territorios do Centro, por várias circumstancias, algumas das quaes já Estrabão indicou [3], e que em parte ainda existem hoje, foram mais lentos do que o Sul em receberem o jugo e influxo romanos, perdurando ahi os elementos nacionaes pelos seculos fóra, — o que, se podia ser prejudicial á sociedade, foi um bem para a ethnographia, que assim se habilita para apreciar melhor o passado [4]. A avaliar do que se conhece, não ha, por exemplo, nada ao Norte do Douro que se compare ao luxo das thermas de Milreu, ás esculpturas de Beja e Mertola (sec. I em diante), ao já citado templo de Evora, aos lindos espolios funerarios do Algarve (*Balsa:* sec. I a IV), do Alemtejo (Alandroal: sec. I ou II) e da Estremadura (Pombalinho: talvez sec. II), ao esplendor do santuario romanizado de Endovellico, perto de Terena (sec. I–IV). Por outro lado, só ao Sul do Tejo houve cidades que cunhassem moeda (sec. I); só na riba direita d'esse rio, e entre elle e o Guadiana, o gôsto dos habitantes se comprouve de representações scenicas e de jogos circenses (sec. I–II), — é isto o que consta; nas inscripções meridionaes lêem-se menos nomes barbaros do que nas septentrionaes e nas da Beira; das margens do Sado era, ao que se crê, conforme notei a cima, o escriptor Cornelio Boccho (sec. I).

Fig. 84.ª (*Stilus* de Troia de Setubal) [5]

---

[1] *Corpus*, II, 5186.

[2] No Museu Ethnologico. Cf. *O Arch. Port.*, VII, 100-101.

[3] *Geogr.*, III, III, 8. — Cf. supra, p. 183.

[4] Nas provincias meridionaes não se encontram hoje povoações de aspecto tão rude e primitivo como nas provincias septentrionaes e na Beira.

[5] Vid. p. 188, nota 2. — De um *stilus* achado em Numancia falla a *Rev. de Archivos, Bibl. y Museos* (Madrid), X, 317.

Ainda assim, ninguem se illuda com o que digo. Posto que a acção dos Romanos se estendesse tanto, que quasi não se anda uma legoa em Portugal, sem que transpareçam indicios d'ella — ruinas, ceramica, moedas... — (fallo assim, pela minha prática), a Lusitania, principalmente a portuguesa, é dos paises onde, com uma ou outra notavel excepção, v. g., no que toca á arte, o templo de Evora, e no que toca á sociologia e ethnographia, as tabulas de bronze de Aljustrel e o conjunto dos monumentos lapidares de Endovellico, é, repito, dos paises onde a civilização romana deixou monumentos menos apparatosos e de menor importancia.

RELIGIÕES LUSITANO-ROMANAS

Vimos até aqui a Lusitania ser conquistada pouco a pouco pelos Romanos [1], e propagar-se nella a grandiosa civilização do povo-rei [2].

Elemento social não menos importante que os outros que a cima se mencionaram, a religião romana implantou-se com elles, como era natural, mas sem que as crenças indigenas se extinguissem de repente. Com o culto dos seus deuses introduziram os Romanos correlativamente o culto dos mortos; e tambem aqui, ao lado das práticas trazidas pelos conquistadores, ficaram vigorando práticas locaes e antigas. Devendo eu, no estudo que vou fazer das religiões lusitano-romanas, cingir-me aos documentos que provém das nossas fontes historicas [3], é evidente que não poderei nesse estudo formar um quadro uniforme ou tão amplo como o que formaria se tivesse de percorrer todo o vasto campo da religião propriamente romana, e hei de pelo contrário encontrar factos avulsos, incoordenaveis com os restantes.

D'esta sorte o meu trabalho reparte-se logicamente em quatro secções maiores:

I. *Divindades indigenas romanizadas;*
II. *Divindades de procedencia romana;*
III. *Necrolatria, ou culto dos mortos;*
IV. *Varia quaedam sacra.*

---

[1] Supra, p. 100 sqq.
[2] Supra, p. 164 sqq.
[3] Vid. vol. II, p. 2 sqq., e o presente vol. III, p. 100.

Cada uma das mencionadas secções subdividir-se-ha noutras menores.

SECÇÃO I

Divindades indigenas romanizadas

Pertencem aqui as divindades estudadas na parte II d'esta obra, e cuja lista se inseriu no vol. II, pp. 371–372. Fui obrigado a tratar d'ellas então, pelo motivo indicado *ibidem*, p. 99, i. é, porque a sua origem estava na epoca pre-romana, embora os respectivos monumentos datassem da lusitano-romana.

A romanização das divindades indigenas revela-se-nos nos nomes e nas fórmas do culto: nos nomes, porque estes ora se apresentam com desinencias latinas, como *Durbedicus, Turiacus*, etc., ora são nomes romanos acompanhados de epithetos locaes alatinados, como se vê em *Iuppiter Ladicus*, *Iuppiter Candiedo*, *Mars Cariociecus, Lares Cerenaeci*, *Nymphae Lupianae;* no culto, porque as fórmulas das dedicatorias, a natureza dos *donaria* ou ex-votos (aras, imagens, ediculas), certas cerimonias liturgicas, tudo é romano. Ás vezes acontece que o nome de uma divindade indigena coexiste com o de uma divindade romana assimilada àquella: *Ataegina* a par de *Proserpina*. É sabido que os autores romanos e gregos, ao fallarem dos deuses barbaros, por exemplo Cesar dos da Gallia, Tacito dos da Germania, Estrabão dos da Lusitania, os identificaram com os deuses classicos, para assim se fazerem melhor entender: a isto se chama em latim *interpretatio* [1]. Esta *interpretatio* dava-se pois tambem na prática, quero dizer, nos proprios santuarios [2].

Os Romanos não tinham repugnancia ás divindades adoradas pelos seus inimigos, pois acreditavam na acção

---

[1] Na *Germania*, cap. 43, diz Tacito: *sed deos interpretatione Romana Castorem Pollucemque memorant.*

[2] Sobre o assunto vid. a dissertação de F. Richter intitulada *De deorum barbarorum interpretatione Romana*, Halle 1906.

d'ellas: d'isso resultava poderem admitti-las no pantheon nacional [1]. Todavia, á medida que a romanização caminhava, os indigenas iam esquècendo, ou pelo menos substituindo, as crenças tradicionaes; digo *pelo menos substituindo,* porque é raro que os sentimentos religiosos se aniquilem de todo: a maior parte das vezes transformam-se, ou, quando muito, attenuam-se.

Segundo já notei mais de uma vez no decurso d'esta obra, a romanização começou do Sul para o Norte: por isso os nomes de divindades barbaras são menos vulgares nas inscripções provenientes das provincias meridionaes do que nas da central (Beira) e nas das septentrionaes; e ainda assim, as inscripções que apparecem no Sul pertencem principalmente a santuarios famosos, quaes os de Endovellico e Atégina, aonde os fieis continuaram a concorrer com grande fervor, depois da conquista romana.

Postos estes preliminares, vou agora fazer algumas addições ao que no vol. II, p. 100 sqq., se publicou a respeito dos cultos nacionaes. E seguirei, quanto possivel, a mesma ordem.

1. «ENDOVELLICVS».

No vol. II, pp. 122–123, disse eu que os monumentos que se conheciam do santuario de Endovellico estavam ao tempo distribuidos pela seguinte fórma: cinco encravados na igreja dos Agostinhos, em Villa Viçosa; dois encravados na igreja da Boa-Nova; tres em poder de um particular; os restantes no Museu Ethnologico. Aqui accrescentarei que os cinco monumentos de Villa-Viçosa foram mandados para o Museu Ethnologico por S. M. El-Rei D. Carlos, como consta já d-*O Archeologo Português,* XI, 1; um dos da Boa-Nova cedeu-o tambem generosamente ao mesmo Museu a Junta de Parochia da freguesia de Te-

[1] Cf. Marquardt, *Le culte chez les Romains,* I, Paris 1889 (trad. de Brissaud), 40, 42, 43, 44, 53, 62, 91.

rena[1]; os tres que estavam em posse particular adquiri-os por compra. De modo que, a não ser uma lapide que ficou ainda na igreja da Boa-Nova, e que não penso em obter, não só porque é difficil de extrahir, mas porque está a salvo de qualquer damnificação, todas as mais existem hoje no Museu Ethnologico, de que constituem especial e importante riqueza.

Ás provas da existencia do santuario de Endovellico, dadas ibid., pp. 131–132, junte-se o *signum argenteum* citado a pp. 137 e 348. É claro que ninguem iria offerecer ao deus um objecto de tal valia, se não houvesse um recinto fechado e seguro em que elle fosse guardado.

Em 1907, por occasião da Pascoa, procedi a excavações no monte de S. Miguel da Mota, onde era o santuario. O resultado d'ellas será publicado noutro lugar[2].

2. Deusas-Mães.

Á bibliographia citada a p. 175, nota, junte se: *Revue d'Études Anciennes,* viii, 53–58 (artigo de G. Gassies), ix, 185 («Notes sur les déesses-mères, à propos d'un monument inédit», pelo mesmo A.); *Bonner Jahrbuch,* 1900, p. 78 sqq. (importante artigo de Max Siebourg).

3. «Macarivs».

Em Novembro de 1908 offereceu e enviou ao Museu Ethnologico o Sr. Dr. Narciso Candido Alves da Cunha o notavel monumento que vae copiado na fig.

---

[1] Eis os nomes dos benemeritos membros da Junta que, em sessão de 17 de Maio do anno de 1907, fizeram e assignaram a cedencia: Rev. Isidoro Henriques Ferreira Duque, Presidente; — José Maria Ramos — João Goes de Banazol — Antonio José Amaral — Manoel Mendes Charrua, Vogaes.

[2] Ao meu amigo José Velladas da Silveira Bello, bemquisto proprietario do Alandroal, agradeço mais uma vez a autorização que me concedeu para as excavações, e todas as facilidades que para as levar a bom exito me proporcionou.

85.ª [1], e provém de Lisouros, concelho de Paredes de Coura, onde o povo lhe chamava «O Marco». É um monólitho de granito que representa uma columna com seu pedestal, encimada de uma ara, em guisa de capitel. Altura total do monólitho: 1^{m},85 a 1^{m},87; largura do fuste 0^{m}, 30; espessura maxima d'este 0^{m},235.

Na face anterior do fuste está gravada uma inscripção de oito linhas.

L. 2. No fim deve entender-se que existia o nexo $\mathcal{N}$ = AN, do qual só resta a primeira parte.

L. 3. Incompleto o O final.

L. 5. Depois do M. a pedra apresenta-se um pouco excavada: ahi devia haver uma vogal, que suppouho seria A. Em seguida póde parecer que ha restos de C, embora menor que as outras

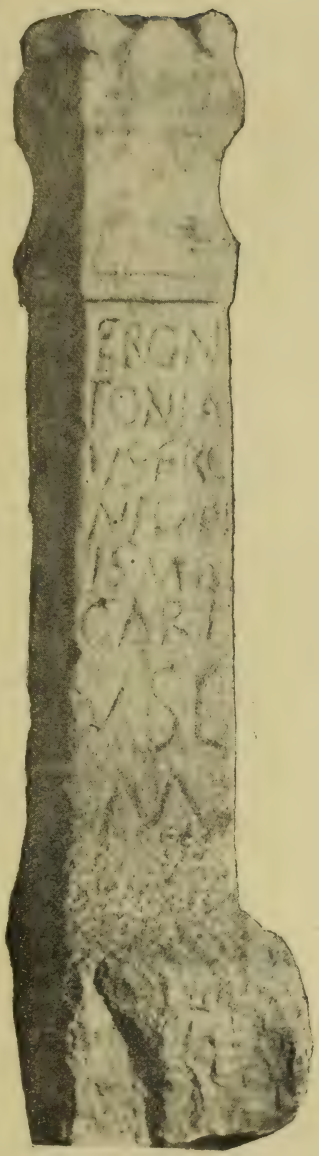


Fig. 85.ª (Monólitho do Museu Ethnologico)

[1] Segundo o mesmo Sr. me informou, foi coadjuvado efficazmente na acquisição do monumento pelo Sr. Dr. Manoel José da Cunha Rivas. A ambos dei já por cartas os meus agradecimentos; mas aqui lhes agradeço de novo em pública, pois serviços tão assignalados como este nunca é de mais proclamá-los e exaltá-los.

letras; mas um exame attento mostra que sómente lá ha quebraduras da pedra.

L. 6. Adiante do R ha um sulco accidental na pedra. Segue-se I, claramente expresso nas depressões das suas duas extremidades. A última letra d'essa linha devia ser O, porque o tacto reconhece ahi uma cavidade; este O tinha menor corpo que as restantes letras, por estar em fim de linha.

A minha leitura é portanto: *Frontonianus Frontonis* MACARIO *v(otum) s(olvit) l(ibens) m)erito)*, isto é: «Fronto»niano, filho de Frontão, cumpriu de boamente o voto (que »havia feito) ao deus *Macarius*» (ou *Macario*, se se prefere o aportuguesamento).

O novo deus não se conhecia antes do achado da lapide; apparece agora pela primeira vez. Por isso, e pela fórma do monumento, é que eu disse que este era notavel.

Apesar da estreita semelhança phonetica que se nota entre *Macarius* e o adjectivo grego μακάριος «feliz», que deu, por via ecclesiastica, o nome proprio moderno «Macario», não é com esse adjectivo que devo comparar o nome do deus que figura na inscripção minhota, mas com o substantivo bretão *mager*, que quer dizer «aquelle que nutre», «aquelle que cria», e é explicavel em celtico antigo por **macārios* ou **macāros*[1]: d'onde naturalmente inferiremos que *Macarius* seria divindade naturalistica[2].

---

[1] Cf. Holder, *Alt-cettischer Sprachsch.*, s. v. «Macarius». — O Sr. D'Arbois de Jubainville, a quem consultei sobre o assunto, escreveu-me em 3-XII-908: «Il existe en effet en breton un substantif *mager* «nourrisseur», «éleveur», dérivé d'un verbe *maga* «nourrir», «élever», en gallois *maga*, d'où *le* dérivé *magadiwr* «celui qui nourrit, élève». Le *g* de ces mots est la forme moderne d'un K primitif; en conséquence *mager* peut s'expliquer par un primitif *makāros*, dont *Macarius* serait un dérivé, ou même, suivant la *Grammatica Celtica* [de Zeuss], 2ª édition, p. 830, le suffixe armoricain-*er* étant la résultante en plusieurs cas d'un suffixe *-ārios*, on peut penser que *mager* = *macārios*».

[2] Eis alguns exemplos de frases galesas em que entram palavras aparentadas com *Macarius*, e que ajudarão a comprehender o sen-

Esta divindade, a julgar do local em que estava a lapide, pertencia ao territorio dos *Grovii* [1], povo que formava uma tribu ou ramificação dos *Celtici* [2]. Que admira, portanto, que *Macarius* seja palavra celtica?

4. «Lares Ceceaeci» e «dii Ceceaigi».

Das palavras *Ceceaeci* e *Ceceaigi* (cf. *Religiões*, II, 179) diz o Dr. Schuchardt que ellas poderão comparar-se ao nome das ilhas gallegas que em alguns codices se chamam *Cicae* [3]; mas alem de ser incerta a lição *Ceceaeci*, como eu ponderei nas *Religiões*, é-o tambem *Cicae* [4].

5. Um novo «Genius».

Num dos primeiros annos do seculo actual appareceu na igreja de Estorãos, concelho do Ponte de Lima, ao fazerem-se obras no altar-mór, uma ara granitica que se representa na fig. 86.ª, aqui junta, e cuja inscripção diz: *Camala, Arqui f(ilia), Talabrigensis,* Genio Tiavranceaico (vel *Tiaurauceaico*) *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, em português: «Camala, filha de Arquio, de Talábriga [5], cum»priu de boa vontade e com razão o voto que havia feito »ao Genio Tiauranceaico (vel *Tiaurauceaico*)» [6].

---

tido d'esta palavra: *magwr anifeiliaid* «breeder of animals», *magu plant* «to rear children», *cas gwr na charo'r wlad a'i macco* (galês medieval) «hateful is the man who loves not the land that nourishes him» ou *feeds him* ou *gave him birth.* — Devo estas informações ao Sr. Robert Bryan, Galês de nação, e meu companheiro no Congresso Archeologico do Egypto em 1909.

[1] Cf.: *Religiões*, II, 370; *O Arch. Port.*, X, 287 (artigo meu), e XI, 202 (artigo do Dr. Felix Alves Pereira).

[2] Vid.: *Religiões*, II, 74 e 77, e *O Arch. Port.*, XIV, 131-132.

[3] Vid. *Die iberische Deklination*, Viena 1907, p. 47.

[4] Plinio, *Nat. Hist.*, IV, 112: nuns codd. *Cicae*, noutros *Siccae*. Vid. a ed. de Mayhoff, Leipzig 1906, vol, I, p. 355.

[5] Cf. supra, p. 130.

[6] Vid. Dr. Felix Alves Pereira, n-*O Arch. Port.*, XII, 37-38. — A ara está hoje no Museu Ethnologico Português, mercê das diligencias do referido investigador, que, por intermedio do Rev. Manoel

Este Genio pertence á classe dos que estudei no vol. II, p. 194 sqq. (cf. p. 179 e 311); pelo suffixo é comparavel a *Arbariaicus* e *Ilienaicus* [1].

Creio que é agora a primeira vez que nas inscripções peninsulares apparece precedido do substantivo *Genius* um nome divino e adjectival em *-aicus;* como este Genio o é verosimilmente de uma localidade, corrobora-se assim de algum modo o que eu havia escrito no vol. II, p. 312: i. é, que as divindades cujos nomes acabavam em *-aicus* deviam ser *Genii loci* [2].

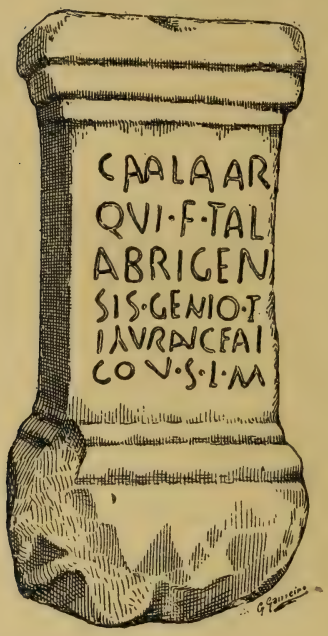


Fig. 86.ª (Ara do Museu Ethnologico)

6. «Civitas Baniensium».

Adiante, p. 223, nota 3, transcrevo uma inscripção em que se faz uma dedicatoria a Juppiter, na qual o deus vem associado á *Civitas Baniensium,* i. é, ao Genio da *civitas.* Este Genio, comquanto romanizado, póde encobrir uma divindade local pre-romana; por isso o incluo aqui.

J. da Cunha Brito, a obteve da generosidade do Rev. José Fiuza da Rocha, Parocho de Estorãos. É uma das melhores joias epigraphicas do Museu, e muitos louvores merecem todos os que concorreram para que ella para cá viesse.

[1] Schuchardt, *Die iberische Deklination,* Viena d'Austria 1907, combatendo a explicação que d'este suffixo dera Adolfo Coelho na *Rev. de Guimarães,* III (1886), 180 sqq., propõe outra: *-aicus* formar-se-hia de *-icus* unido a themas em *-a.*

[2] Acêrca da formação da palavra *Tiauranceaicus* (vel *Tiaurauceaicus*) vid. o que escreveu o Dr. Alves Pereira n-*O Arch. Port.,* XII, 44 sqq.

7. Uma divindade dos Grovios [1].

Na parede da igreja de Santa Maria de Ribera, na Galliza (Coruña), havia no tempo do P.e Sarmiento (sec. XVIII) uma inscripção romana que dizia: GROVGIN || TOVDA || DIGOE || RVFONIA || SEVER.. || [2]. As duas ultimas linhas são claramente: *Rufonia Sever-*[3]. A respeito das tres linhas antecedentes, diz Hübner que, se alguem affirmar que as palavras não são latinas, elle não contestará a affirmação [4]; e de facto intercala a inscripção nos *Mon. ling. Ibericae,* p. 182, n.º XLVIII, por causa d'essas palavras que considera ibericas, e accrescenta: «*Crougiñtou-*»*dadigoe* fortasse dei nomen est. Simile est etiam *Grovio-*»*rum* populi Callaeci nomen»; alem d'isso compara tal expressão com *crouceaimaca* || *reaicoi* do n.º LVII, vv. 8-9.

Hugo Schuchardt, no trabalho que já a cima citei, *Die iberische Deklination,* Viena 1907, pp. 38, 46 e 61, vai mais longe, pois, estribando-se em Γρουίων Τοῦδαι (Ptolemeu) e em *Tyde* (Plinio), separa admiravelmente assim as palavras: *Crougin Toudadigoe,* e considera a primeira genetivo plural (desinencia *-gin* <> *-ce-n*) de *Crou(i)i* = *Grovii,* e a segunda dativo singular de um nome derivado de *Touda* (i. é de Τοῦδαι ou *Tyde,* noutros textos *Tude*) por intermedio do suffixo *-di-go-* <> *-tigo-;* e traduz: «der [Gottheit] von dem Tuda der Crov(i)er», ou em português: *á divindade Tudense dos Grovios* [5]. Esta maneira de denominar adjectivamente os deuses é muito vulgar, como se disse nas *Religiões,* II, 179, 194, 275, etc., onde

---

[1] Cf.: *Religiões,* II 370; e *O Arch. Port.,* X 287, XI 202, e XIV, 131.

[2] Vid. *Corpus,* II, 2565. Cf. *Religiões,* II, 341.

[3] *Rufonia* é feminino de *Rufonius,* nome raro, mas que se lê tambem por exemplo no *Corpus,* IX 4446, como gentilicio (*M. Rufonius Synecdemus*); o seu derivado *Rufonianus* lê-se no *Corpus,* X 4369, como nome proprio. — *Sever-* = *Sever(a)* vel *Sever(i)*, etc.

[4] *Corpus,* II 2565.

[5] A explicação não agradou a Vinson, — vid. *Revue de Linguistique,* XL (1907), 234; mas Schuchardt retorquiu-lhe na *Zs. für romanische Philolog.,* XXXII (1908), 355.

citei os *dii Ceceaigi,* o *deus Bormanicus,* o *genius Laquiniensis,* e assim por diante.

Por *divindade Tudense dos Grovios* deve entender-se «Genio tutelar da cidade de Tude, a qual pertence aos Grovios». Sería um Genio analogo ao da *civitas Baniensium,* de que fallei a cima, p. 200.

8. NABIA ou NAVIA.

Depois de publicado o vol. II das *Religiões,* inseri n-*O Arch. Port,* X (1905), 399 sqq., e XI (1906), 280 sqq., umas notas a respeito da deusa *Nabia* (ou *Navia*), as quaes aqui reproduzo com várias modificações.

Fig. 87.ª (Ara do Museu Ethnologico)

I. N-*O Arch. Port.,* VI, 105 e 134, falla-se de uma inscripção, consagrada á deusa NABIA, apparecida em Pedrógão Pequeno, concelho da Sertã. Ella tinha já sido publicada no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5623, e tornou-o a ser por mim nas *Religiões da Lusitania,* II, 277.

Imaginava eu perdida a lapide respectiva, mas felizmente não o está.

Tendo ido a Pedrógão o Sr. José de Almeida Carvalhaes, Preparador do Museu Ethnologico, o Sr. Dr. F. Alves Pereira, Official do mesmo, incumbiu-o de ahi a procurar, o que elle fez com tanto desvelo, que não só lhe descobriu o paradoiro, mas a adquiriu para o Museu Ethnologico, onde hoje occupa lugar entre outras lapides consagradas a divindades lusitanicas.

Como ainda não havia desenho da pedra, aqui a represento na fig. 87.ª, da qual se vê que as lições publicadas até agora estão correctas.

A inscripção lê-se em uma arazinha de granito de $0^m,70 \times 0^m,28 \times 0^m,20$; a altura das letras oscilla entre $0^m,06$ e $0^m,07$. As duas primeiras abreviaturas da linha 4.ª acham-se separadas por pontos. A parte superior do monumento, ou cornija, está um tanto quebrada; foi restaurada no Museu com gesso, e pintada da côr do granito.

II. O *Boletín de la Comisión prov. de mon. hist. y artist. de Orense,* III, 23, correspondente ao n.º 49 de Março–Abril de 1906, traz a boa nova de se ter descoberto a lapide que contém a inscripção publicada incorrectamente no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2524.

No texto dado pelo *Corpus* a 1.ª linha da inscripção é: ABIA · FELAESVRRÆRO, dativo de um nome interpretado no *Index dos nomes dos deuses e deusas,* pp. 758 e 1126, como **Abiafelaesurraecus,* d'onde passou para as *Religiões da Lusitania,* II, 341, na fórma **Abia*[*e*]*felaesurraecus.*

No citado lugar do *Boletín* publica-se de novo a inscripção, em lição mais correcta, mas ainda assim não definitiva, pois no respectivo artigo, assinado pelo Sr. Vázquez Nuñez, lê-se: [N]ABIAE · ELAESVRRANEC || SACRVM || [P]OSITVM CVRA VICCISLON[IS], ao passo que a estampa que o acompanha contém:

.. ABIAE ELAESVRRNEC
SACRVM
.. OSITVM CVRA VICCISION

Estão muito bem restituidas as letras do começo da 1.ª e 3.ª linhas, mas com relação ás terminações das mesmas linhas devia o autor do artigo fazer algumas observações paleographicas, a fim de que as pessoas que não podem ver a inscripção ficassem habilitadas para a julgar.

Assim é preciso saber se a terminação da 1.ª linha póde ser ANEC ou AEC (onde entra o nexo de ANE ou de AE). A antepenultima letra da 3.ª linha é L ou I prolongado? A ultima letra é realmente N? O mais provavel é que na 1.ª linha se leia ELAESVRRÆC, por ELAESVRRÆC(AE), dativo feminino de ELAESVRRAECVS, nome certamente composto

do thema de *Elaesus,* = *Elaes-us,* nome de homem que se lê em varias inscripções hispanicas [1], e de *Elaisicum* = *Elais-icum,* por *Elaes-icum,* nome ethnico [2] que se lê em inscripções de Paredes de Nava e de Traguntía (esta ultima, porém, mutilada) [3]; *-aecus* é suffixo muito conhecido, que tambem se encontra em *Gallaecus.* Quanto á ultima palavra da inscripção, ella é provavelmente VICCISION[IS].

Em vista de tudo isto, o texto será: [*N*]*abiae Elaesurraec(ae) sacrum.* [*P*]*ositum cura Viccision*[*is*]. Isto é: «monumento sagrado á deusa *Nabia Elaesurraeca,* posto »aqui pelo cuidado de *Viccisio*».

A deusa apparece-nos com um epitheto ethnico ou geographico terminado em *-aeca,* á semelhança de outras divindades lusitanicas, como *Lares Cerenaeci* [4]; cf. tambem *Bandioilienaico* (dat.) ou *Bandio Ilienaico* [5]. A maior parte das vezes um epitheto ethnico ou geographico junta-se a um nome commum que significa «matres», «nymphae», «lares», «deus», como o citado exemplo de *Lares Cerenaeci* mostra, e como de outros se póde tambem ver, v. g.: *Matres Gallaicae, Lares Erredici, Lares Turolici, Nymphae Lupianae, Deus Endovellicus;* mas tambem ha casos de, como aqui, o epitheto se juntar a um nome indigena, por ex. *Ataegina Turibrigensis* [6].

Da extensão do culto de Nabia na Peninsula Hispanica me occupei nas *Religiões,* II, 277–281; cf. alem d'isso *O Arch. Port.,* X, 399–400. A inscripção publicada agora no *Boletín* contribue bellamente para o conhecimento d'este culto, provando-nos que a deusa era tambem adorada por um povo que parece se chamava *Elaesurraeci,* e que, a julgar da analyse do nome, talvez fosse parente do

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2633, 2688 e 5034.
[2] Cf. *Corp. Inscr. Lat.,* II, p. 1161, e *Relig. da Lusit.,* II, 250.
[3] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5763 e 5034.
[4] *Relig. da Lusit.,* II, 183.
[5] *Relig. da Lusit.,* II, 317.
[6] *Relig. da Lusit.,* II, 146.

que na inscripção de Nava se chama *Elaisici-Elaesici*[1]. Propriamente não temos uma só deusa *Nabia,* mas mais de uma do mesmo nome[2].

III. No *Corpus,* II, 2602, publica-se uma inscripção encontrada na Galliza, na qual se lê: NAVIAE || SESMA || CAE.V || ANNIV.. || Refere-se, como se vê, á deusa *Navia,* que ahi recebe o epitheto de *Sesmaca.* Hübner, a p. 1621, transcreve o nome assim: *Navia *Sesmaca,* com um asterisco indicativo de que elle julga incerta a lição. Visto que o nome termina em *-aca,* feminino de *-acus,* suffixo que se encontra noutros nomes divinos, por exemplo *Turiacus* e *Tongoenabiagus*[3], não vejo motivo para dúvida (com quanto não fosse impossivel SESMÆ || CAE, com o suff. *-aecus*[4], faltam provas certas d'isso).

Ao preceder de um asterisco *Sesmaca,* não se lembrou Hübner, como Holder[5], de comparar esse nome com SESM- que se lê noutra inscripção gallega, n.º 2601, de mais a mais precedido de Ↄ., abreviatura de que fallo abaixo; a respectiva pedra está quebrada, mas parece-me que a inscripção se póde restituir toda, como faço aqui:

NAVIA[E]
ANCETOLV[S]
3 ARI·EXS·Ↄ·
SESM[*aca*]
VOTVM
6 POSSIT
Q·E·C·I

Lin. 2. Vid. o que diz Hübner.

Lin. 3. *Ari* = *Arii;* vid. outro exemplo no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 6290, e n·*O Arch. Port.,* II, 134; e cf. *Arrius.*

Lin. 4. No espaço que falta no fim cabia -ACA (ou ÆCA).

Lin. 6, *possit* é latim popular por *posuit:* cf. *Corp. Inscr. Lat.,* II, p. 1189, e Carnoy, *Le latin d'Espagne* [*et de Portugal*], 2.ª ed., Bruxellas 1906, p. 252.

Lin. 7. Vid. o que diz Hübner.

---

[1] A incerteza em que estamos acêrca das antigas lingoas da Peninsula Iberica permittir-me ha fazer aqui lembrado, por causa do *-urr-,* o povo dos *Seurri* (conhecido por varios textos), sem eu porém d'esta aproximação me atrever a tirar illações nenhumas.

[2] Cf. *Religiões,* II, 279–281. [3] *Religiões,* II, 239 e 324.

[4] Cf. *Elaesurraeca,* supra, onde ha o suffixo *-aecus* (quasi certo).

[5] *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v.

A abreviatura ↄ encontra-se tambem numa inscripção de Trás-os-Montes publicada n-*O Arch. Port.*, II, 134–135, correspondente ao *Corp. Inscr. Lat.*, II, 6290: ↄ NARELIA [1]. Numa inscripção das Asturias acha-se igualmente: ↄ· BERISO, publicada no *Corpus* [2]; Hübner appõe sem razão um asterisco dubitativo a ↄ·, p. 1173. Não na fórma ↄ, mas na fórma >, temos a mesma abreviatura numa importantissima lapide, de Trás-os-Montes, existente no Museu Ethnologico: EXS >. SERANTE, ainda inedita. Na fórma 7 temo-la noutra inscripção asturiana: EX · 7 (o resto está corrupto) [3].

Que significam taes abreviaturas? Já Hübner pergunta no *Corpus*, p. 1174, se significam *gens* ou *centuria não militar*. Quer pela natureza dos nomes proprios que se lhes juntam (ethnicos ou geographicos), quer porque o signal 7 significa claramente *conventus* em EX 7 BRACAR(*augustano*) [4] e noutros exemplos [5], não me parece duvidoso que ellas tenham uma d'essas significação, ou analoga.

IV. Havendo eu dito nas *Religiões da Lusitania*, II, 279–281, que existiam diversas deusas com o nome de *Navia* ou *Nabia*, pois que este nome tinha ainda para o povo significação commum (como se viu do nome dos rios, etc.), as observações feitas nas páginas precedentes confirmam o que enunciei naquelle livro. De facto cada Nabia se apresenta com seu epitheto, conforme o povo ou tribu em que o culto se praticava: aqui *Nabia Elaesurraeca*, adorada pelos *Elaesurraeci*; alli *Navia Sesmaca* ou (*Sesmaeca?*), adorada pelos *Sesmaci* (ou *Sesmaeci?*).

O mesmo acontecia com outros deuses: por ex. *Juppi-*

---

[1] A transcripção d'esta inscripção é: *Reburrus Ari* (*filius*) *Seurus* ↄ *Narelia, an. lxii.* A palavra *Seurus* não está por *Severus*, como aventei ibidem, mas corresponde a *Seurrus:* vid *Religiões*, II, 370.

[2] N.º 5739.

[3] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2711.

[4] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4257.

[5] *Corp. Inscr. Lat.*, p. 1174.

ter Ladicus entre os *Limici* [1], e *Juppiter Candiedo* em um local gallego que não se sabe ao certo qual era [2]; embora *Juppiter* fosse originariamente deus unico, de caracter geral, os povos localizavam-no, como hoje se faz, com a Virgem Maria, que tem differentes cultos, — *Senhora dos Remedios* em Lamego, *Senhora dos Martyres* em Castro-Marim, *Senhora da Abbadia* no Minho, *Senhora da Nazareth* na Extremadura, *Senhora do Naso* em Miranda do Douro —, e em cada um dos respectivos santuarios o povo a considera divindade local, mais benefica e milagrosa que em nenhum dos outros.

9. «ARENTIA» e «ARENTIVS».

O Sr. Tavares de Proença Junior, a quem a archeologia da Beira é devedora de auspiciosas investigações, encontrou ultimamente na Idanha, e adquiriu, parte de uma ara de granito, de $0^{m},45$ (altura) $\times$ $0^{m},26$ (largura da cornija) $\times$ $0^{m},23$ (espessura), que vai representada na fig. 88.ª, e que contém uma inscripção que diz, depois de desdobrados os nexos, e soltas as letras inclusas: ARENTIAE *et* ARENTIO *Montanus Tangi..,* ou em português: «A »Arencia e a Arencio (consagrou este monumento) Mon»tano, filho de Tangi-..»; como a ara está quebrada, não se sabe se o genetivo é *Tangi*=Tangii, ou *Tangini,* e se a traducção ha de pois ser «de Tangio» oú de «Tangino» [3].

A inscripção foi já publicada pelo Sr. Tavares de Proença n-*O Arch. Port.,* XII, 177, e ahi juntei-lhe eu uma nota, que em seguida reproduzo quasi na integra.

*

O deus *Arentius* figura nesta inscripção como páredro ou companheiro da deusa *Arentia.* São-lhes comparaveis

---

[1] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2525.

[2] *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2598.

[3] Em Holder, *Alt-celt. Sprachschatz,* s. v., ha *Tancius* = Tangius numa inscripção de Nimes, e muitas vezes *Tanginus* em inscripções da Iberia e num texto que tambem se refere a esta região.

Fontanus et Fontana (vid. adiante, p. 255). O aspecto adjectival das terminações de *Arentius* e de *Arentia* faz crer que o caracter das divindades estava muito proximo da sua origem primitiva, porque cada uma era antes considerada como um ser provido de uma *qualidade* notavel, do que como *espirito* independente; quem proferia essas palavras qualificativas subentendia mentalmente ainda substantivos (*deus* e *dea* ou outros), em concordancia com ellas. Prefiro explicar assim, a reconhecer aqui um caso de androgynismo propriamente dito. — No Museu Ethnologico ha um cippo consagrado a *Arentius*. A respectiva inscripção foi publicada nas *Religiões da Lusitania*, II, 322; como porém saiu com algumas inexactidões, reproduzo-a aqui (a letra parece do sec. II): ARENIO || SVNVA || CAMALI · F || V /// SLM==. Tanto na 1.ª linha, como na 3.ª, ha letras enlaçadas ou nexos; a ultima letra da 3.ª linha é F, mas a pedra tem uma falha, o que faz parecer P ao repente (e assim pareceu ao gravador da fig. 71.º do meu livro); depois do V da 4.ª linha ha uma depressão na pedra, semelhante a ponto, embora não se percebam pontos depois das letras seguintes (o unico ponto claro na inscripção é o da 3.ª linha) [1].

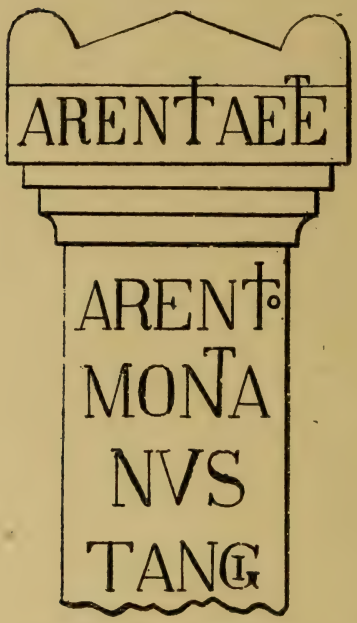


Fig. 88.ª (Ara da Beira Baixa)

[1] No onomastico latino havia tambem *Arentia* (nome de mulher: vid. *Corpus Inscr. Lat.*, VI, 10324 (e cf. XII 4619). Schulze, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*, Berlim 1904, p. 175, acceita a hy-

*

Depois de escrito o que precede, appareceu mais uma ara consagrada a ARENTIVS, a qual é de granito, e mede $0^{m},61 \times 0^{m},33 \times 0^{m},20$: provém da freguesia de Zebras, concelho de Fundão, e estava entre as pedras de um *implurium*. Pertence hoje ao Museu Municipal da Figueira da Foz, cujo conservador, o Sr. Dr. Santos Rocha, tenciona publicar um artigo a respeito d'ella; foi por intermedio d'este distincto archeologo que eu tomei conhecimento da lapide. O dedicante, Barbaro já romanizado, chama-se *Albinus,* e era filho de *Mogulus;* a palavra *Mogulus* tem aspecto de deminutivo, que o podia ser do celtico *mogus «servo» ou «escravo».

Vê-se que a área do culto que estou estudando abrangia um territorio que hoje pertence aos concelhos de Idanha-a-Nova e Fundão, contiguos um ao outro.

10. «REVELANGANITAECUS».

Do lugar de Proença, que fica na região dos *Igaeditani*[1], veio em Fevereiro de 1908 para o Museu Ethnologico Português, por diligencias do seu Official o Dr. Felix Alves Pereira[2], uma importantissima tabula granitica (infelizmente porém incompleta) de $1^{m},12 \times 0^{m},41 \times 0^{m},17$,

---

pothese de Otto, segundo a qual o masculino *Arentius* se relacionaria com *Arruntius,* tendo provindo um e outro do etrusco *arntni.* — Incidentemente notarei que, quer se relacionem aquelles nomes romanos, quer não, com os nomes lusitanicos, é muito provavel que o moderno nome geographico português *Arentim* (já testemunhado na idade-media: *O Arch. Port*, VIII, 286) provenha de *Arentini, gonetivo de *Arentinus, e que este se formasse do nome romano *Arentius.*

[1] A respeito d'estes, vid. *Religiões,* II, 74.

[2] Já depois de composto na imprensa este paragrapho, elle escreveu n-*O Archeologo,* vol. XIV, p. 169 sqq., um artigo sobre o assunto, de que fez separata com o titulo de *Ruinas de ruinas,* I: vid. o cap. IX, p. 26 sqq. Publica e commenta amplamente o texto.

em que se lê a seguinte inscripção, cujas letras medem de altura 0m,06, e pertencem ao sec. I.

.... VELANGANITAECO
... ĪHOSTIA · DELIGANDA
....VCANVS ADIEI · F

A 1.ª palavra, pela razão dada a baixo, deve completar-se no principio com *Re-;* no começo da 2.ª linha ha vestigios de uma letra que o Dr. Alves Pereira foi quem primeiro identificou com *-t;* no começo da 3.ª linha falta evidentemente *L-*. A minha presumpção é que a pedra, quando estava inteira, pouco maior extensão tinha do que a que tem hoje, porque repondo, como fica feito, as letras que faltam ao nome do deus na 1.ª linha, e o *praenomen* na última, as linhas ficam symetricas; por isso na 2.ª linha deverão faltar duas ou tres letras, o que, de lá existir um resto de T, faz crer que a palavra que tem de se completar é EST. Teremos pois: *[Re]velanganitaeco [es]t hostia deliganda. [L]ucanus, Adiei f(ilius).* — Ou em português: «Deve ser ligada (pelo victimario, para ser immo»lada) uma victima a(o deus) REVELANGANITAECUS. (As»sim o promette) Lucano, filho de Adieo ou Adieio».

Posto que as victimas, quando as aproximavam das aras para serem sacrificadas, estivessem soltas, porque o estarem presas nesse acto era contrário aos preceitos religiosos [1], devemos porém entender que os victimarios as levavam presas para lá, i. é, *deligatae* [2]. Alem de *deligatae,* as victimas iam tambem *infulatae* [3] e *vittatae* [4], i. é, com as cabe-

[1] Dil-o Servio, *Ad Aeneid.,* II, 134: *Atqui solutae sunt hostiae: nam piaculum est in sacrificio aliquid esse religatum.*

[2] Cf. Vergilio, *Eneida,* II, 134, onde, fallando de Sinon, diz: *cripui.. vincula.* Esta expressão tem sido interpretada de varios modos, mas Heyne, na sua edição, commenta: «quibus ligatus, et ad aram adducebatur». — Ha tambem representações artisticas de animaes puxadas por cordas para os sacrificios: vid. por exemplo Audollent, *Carthage Romaine,* p. 397, n. 2.

[3] Vid. Suetonio, *Calig.,* c. 27.

[4] «..circum tempora *vittae*..», Verg., *Eneida,* II, 133.

ças enfeitadas de cordões e fitas. O formulario da nossa inscripção differença-se do usual.

Corri todos os volumes do *Corpus* que existem na Bibliotheca Nacional de Lisboa, mas não encontrei *hostia deliganda,* nem *liganda*. No folheto de C. Krause, intitulado *De Romanorum hostiis quaestiones selectae,* Marburgo 1894, nada se diz tambem a tal respeito.

Não devemos ver na inscripção um ex-voto, mas um *votum;* ella não narra um acto já realizado, exprime uma disposição futura[1]. Talvez mesmo na linguagem local o participio *deliganda* tivesse o sentido de *immolanda,* vindo

---

[1] Quando um particular ou o Estado desejavam que uma divindade lhes concedesse um favor, faziam-lhe uma promessa, i. é, um *votum*. Cf.: Marquardt, *Le culte,* I, 315; De-Marchi, *Il culto privato di Roma,* I, 273; Wissowa, *Relig. u. Kultus,* 319-320.

Os autores romanos transmittiram-nos várias das respectivas fórmulas, por exemplo T. Livio, *Ab urbe condita,* XXXVI, 2: *tibi, Iuppiter, populus Romanus ludos magnos dies decem continuos faciet, donaque ad omnia pulvinaria dabuntur..;* e analogamente Tertulliano, *De coron. milit.,* 12 (apud Marquardt, *Le culte chez les Romains,* I, 318, n.): *tibi, Iuppiter, bovem cornibus auro decoratis vovemus esse futurum.* Podem tambem dar ideia de taes fórmulas os seguintes versos da *Eneida,* V, 235-238:

> Di, quibus imperium est pelagi, quorum aequora curro,
> Vobis laetus ego hoc candentem in litore taurum
> Constituam ante aras voti reus extaque salsos
> Porriciam in fluctus et vina liquentia fundam,

e os de Horacio nas *Satiras,* II, III, 288-292:

> Iuppiter, ingentis qui das adimisque dolores,
> . . . . . .
> Frigida si puerum quartana reliquerit, illo
> Mane die, quo tu indicis ieiunia, nudus
> In Tiberi stabit....

Quanto ao teor da nossa inscripção, cf. o mesmo Horacio, *Carm.,* III, n.º 13 (festa da Fonte de Bandusia: *Cras donaberis haedo*), e *Carm.,* III, n.º 22 (em honra de Diana: *Imminens villae tua pinus esto*). Vid. além d'isso sobre o assunto T. Livio, XXII, 10.

A epigraphia conserva alguns textos d'esta especie. Aqui cito exemplos. Na lei da ara de Narbona diz-se (*Corpus,* XII, 4333): *Plebs..*

pois a respectiva frase a coincidir em parte com esta de Servio (*Ad Aeneid.*, II, 140): . . *hostia quae ad aras adducta est immolanda.*

Está claro que não ligo á minha hypothese mais valor do que o que ella tem. Outras hypotheses seriam possiveis [1]. Em todo o caso temos aqui innegavelmente uma cerimonia ritualistica muito rara.

---

aram. . posuit, ad quam quotannis. . tres equites. . et tres libertini hostias singulas immolent. Na lei da ara de Juppiter, em Salona, na Dalmacia (*Corpus,* III, 1933): *hanc tibi aram, Iuppiter Optime Maxime, do dico dedicoque, ut sis volens propitius mihi collegisque meis decurionibus colonis incolis. . coniugibus liberisque nostris.* Em Wilmanns, *Exempla inscriptionum Latinarum,* 1873, n.º 884: *victimae. . immolentur* (no dia natalicio do Principe). No mesmo A., n.º 883–24 sgs.: *bosque et ovis atri infulis caerulis infulati diis Manibus. . mactentur eaeque hostiae eo loco adoleantur.* Numa dedicatoria aos *Dii Magni,* na cidade de Roma, lêem-se estes versos (*Corpus,* VI, 504):

> Vota Faventinus bis deni suscipit orbis,
> Ut mactet repetens aurata fronte bicornes.

Em todos os textos citados o verbo ou está no futuro, ou no presente do conjunctivo, com a ideia de futuridade. Na lapide igeditana a acção do verbo exprime-se, como vimos, com o gerundio adjectivo, o que corresponde tambem a futuro. Note-se ainda a fórmula *vota suscepta,* que, com muitas outras analogas, apparece nas moedas do Imperio, e com a qual se fazem promessas, que depois de cumpridas se chamam *vota soluta.* Applicando ao *Lucanus* da inscripção a frase vergiliana transcrita a cima, poderemos dizer, em vista das ideias expostas, que elle era *reus voti* do deus Revelanganiteco. Cf. tambem Wissowa, *Relig. u. Kultus,* 320.

[1] Assim o meu amigo Dr. Alves Pereira, no artigo que escreveu sobre o assunto, suppõe que na inscripção falta a fórmula *ex voto;* ora já propus que ella deve ser considerada *votum* (e elle mesmo lembra tambem esta hypothese). Por outro lado o Dr. Pereira interpreta o *-t* da linha 2.ª como final de *dat,* e julga por isso *hostia* e *deliganda* em accusativo, i. é, *hostia(m) deliganda(m),* por quéda do *-m* em linguagem popular; mas, além da difficuldade opposta pelo estilo, sería pouco provavel essa quéda em um texto tão apurado do sec. I. A par d'esta hypothese, o mesmo A. lembra que tambem *hostia deliganda* podia estar em ablativo (i. é, *votum solvit hostia deliganda*), embora elle proprio diga que não insiste nella; effectivamente em tal hypothese esperar-se-hia *deligata,* e não *deliganda.*

A nossa inscripção é comparavel á que inseri no vol. II das *Religiões*, p. 323 (e cuja letra parece do sec. II); nella o nome do deus soa, tambem em dativo, *Revelanganidaeigui*, e confirma brilhantemente a hypothese de H. Schuchardt, que incluiu *Revelanganidaeigui* na classe dos dativos ibericos em *-u-i* [1]. Temos assim duas fórmas de um e mesmo nome: *Revelanganidaeigui* (dativo iberico) e *Revelanganitaeco* (dativo latino). Entre ellas ha ainda outra congruencia: o *-t-* e *-c-* da segunda estão representados por *-d-* e *-g-* na primeira [2]; ao suffixo (dativo) *-aeco* de uma corresponde o suffixo *-aeigui* da outra. Em vista d'isto a transcripção do nominativo *Revelanganidaeigui* será, não *Revelanganidaeiguis*, como, embora com interrogação, admitti nas *Religiões*, II, 323, mas REVELANGANIDAEIGUS [3]; fica verdadeiramente parallelo a REVELANGANITAECUS.

A julgar do caracter paleographico da inscripção primeiro publicada, o culto da divindade continuou até o sec. II. É curioso que seja a inscripção mais antiga, i. é, a do sec. I, a que contém a desinencia alatinada, e seja a outra, i. é, a que me parece do sec. II, a que contém a desinencia iberica. Vê-se que uma desinencia pertencia á lingua de uma tribu, e a outra á de outra, — embora tribus vizinhas, mas cada uma com seu grau de romanização, o que não admira, por isso que esta se operava pouco a pouco.

Para terminar, notarei que o dedicante é um Igeditano romanizado, como se vê do seu nome latino, comparado ao nome barbaro do pae [4] e ao não menos barbaro da divindade.

---

[1] *Die iberische Deklination*, Viena 1907, p. 60. Cf. tambem Philipon nos *Mélanges d'Arbois de Jubainville*, p. 263.

[2] Cf. outros exs. nas *Religiões*, II, 148 (*Adaegina* < > *Ataecina*) e 179, 183, 190, 318, 321, 342, etc. (*-aegus* < > *-aecus*).

[3] O suffixo *-aeigus*, na forma *-aeicus*, apparece tambem em **Banderaeicus*, se esta palavra está bem lida: *Religiões*, II, 337.

[4] *Adiei*, genetivo de *Adicus* ou *Adicius*. Este não vem em Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz;* só ahi se cita *Adeus*.

11. Dois monumentos do Museu de Guimarães.

I. No Museu de Guimarães existe, desde Fevereiro de 1907, uma ara de granito, com as volutas ou *cornua* em parte destruidas, a qual appareceu no passal da igreja de

Fig. 89.ª (Ara do Museu de Guimarães: dois aspectos)

S. Martinho do Campo (c. de Santo Tirso). Mede de altura 0^{m},61. Largura do corpo: 0^{m},215; espessura: 0^{m},20.

Está gravada nesta pedra uma inscripção que consta de duas partes: uma na face anterior, outra na esquerda (i. é, á direita do observador). Vid. a fig. 89.ª (segundo photographias [1]). Altura das letras: 0^{m},05 a 0^{m},065. A

[1] Devo-as ao meu illustre amigo Rev. Abb.^{e} Oliveira Guimarães.

inscripção foi publicada a primeira vez pelo Rev. Abb.e Oliveira Guimarães [1], que leu com muita pericia nas duas primeiras linhas do texto da face anterior *Fuscinus Fusci.* A 3.ª linha é claramente D · D · A · A 4.ª linha apresenta séria difficuldade: ao Sr. Oliveira Guimarães pareceu ella FATONII; a mim, que examinei a pedra em 1908, afigurou-se-me ver ahi a letra A com um ponto ou traço debaixo do córte (Ạ), seguida de mais quatro letras, a primeira das quaes tem o aspecto de b, e que sería pois B (falhado no bojo superior); as restantes são sem duvida, como o mesmo Sr. tambem leu, NII. A segunda parte da inscripção, gravada, segundo já se disse, na face esquerda da pedra, diz: $\overset{M\cdot}{\text{L}\cdot\text{A}\cdot}_{\cdot\text{P}\cdot}$, o que representa uma clausula usual nas inscripções votivas.

Em vista da precedente discussão teriamos: FVSCINVS FVSCI D · D · A ABNII M · L · A · P · , i. é: *Fuscinus Fusci d(eae) d(ominae)* [2] *a(ugustae?)* [3] ABNE (= *Abnae*) [4] *m(erito) l(ibens) a(nimo) p(osuit).* Seja porém esta ou não a leitura verdadeira, a inscripção dá na epoca romana testemunho da existencia de mais uma divindade protohistorica, e provavelmente tópica, no pantheon dos povos ribeirinhos do *Avicella:* esta divindade chamar-se-hia ABNA.

II. Por fallecimento do chorado Albano Bellino, a Ex.ma viuva offereceu ao referido Museu, entre muitos objectos archeologicos, um cippo de granito, ou ara, que appareceu com várias outras antigualhas no castro de Monte-Redondo [5], e se representa na fig. 90.ª, segundo uma

---

[1] Na *Rev. de Guimarães*, XXIV, 81–82.

[2] Cf. *deo domeno* noutra inscripção do Museu de Guimarães: *Religiões*, II, 326.

[3] Cf. *Religiões*, II, 329.

[4] Nas inscripções é vulgar II por E: cf. *Religiões*, II, 157 (e *O Arch. Port.*, I, 144). Por outro lado é tambem corrente -E por -AE cf. *Religiões*, II, 299.

[5] Cf. *Religiões*, II, 80-81.

photographia [1]. Este monumento, que já tive occasião de examinar por diversas vezes, mede de altura 0^{m},86. O corpo mede de largura 0^{m},37, e de espessura 0^{m},39.

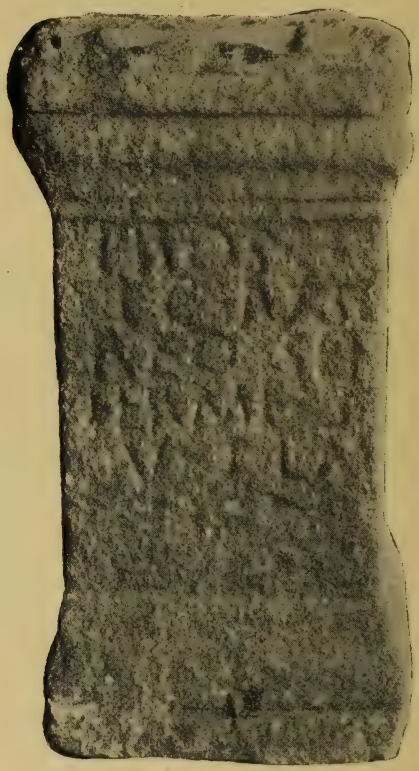


Fig. 90.ª (Cippo do Museu de Guimarães)

Na face anterior lê-se uma inscripção de cinco linhas, com letras que tem de altura 0^{m},04 a 0^{m},055. A 1.ª linha diz PROS, ao que se segue um espaço em branco, onde nunca houve letras. A 2.ª linha apresenta difficuldades, como acontece frequentemente nas inscripções d'esta especie: a primeira letra é semelhante a uma cruz, e valerá por TI [2]; a segunda é C; a seguir ha o nexo N, que poderá resolver-se em ANTI [3]; o resto é SC. As primeiras cinco letras da 3.ª linha são REO SE; segue-se um traço vertical, que se liga com o E. A 4.ª linha creio ser

[1] Foi-me tambem enviada pelo Rev. Abbade de Tàgilde.

[2] Muitos exemplos de † = TI dá-os Hübner nos *Exempla scripturae epigraphicae*, p. LXIX, col. 2.

[3] Com quanto nos *Exempla scripturae epigraphicae* de Hübner, p. LXVIII, col. 2, se cite um exemplo de N por *nati*, o mais usual porém é N valer por AN, e † por TI.

HERMES [1]. A 5.ª linha contém uma das clausulas das inscripções votivas.

Por tudo isto leio: *Pro s(alute) Ti. C.* (= Tiberii Caesaris?) ANTISCREO *Se(...?* Deve ser um gentilicio) *Hermes* [2] *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, d'onde se vê que certo individuo cumpriu um voto que havia feito ao deus ANTISCREUS (caso seja boa a minha leitura) pela saude de outrem. A nova divindade dos *Bracari* apresenta-se aqui manifestamente, como em geral as divindades locaes, com caracter salutifico [3].

12. «AERNUS».

Aos dois monumentos epigraphos citados nas *Religiões*, II, 338 sqq., comprovativos do culto de *Aernus* numa localidade correspondente ao actual Castro de Avellãs (Bragança), tem de se juntar agora mais um, descoberto pelo Rev. Francisco Manoel Alves, meritissimo Reitor de Baçal, que sobre elle inseriu um artigo n–*O Archeologo Portug.*, XIII, 184–186.

O monumento (vid. fig. 91.ª) é uma ara de calcáreo, de 1 metro de altura, com a seguinte inscripção: *Deo* [A]ERNO *Lucretius Valens ex voto.* Está actualmente mettido entre os degraus que dão accesso para a igreja matriz de Malta, povoação annexa á freguesia de Olmos, concelho de Macedo de Cavalleiros.

Como de Malta a Castro de Avellãs ha 37 kilometros,

---

[1] No *Corpus*, t. II, p. 1180, citam-se, embora dubitativamente, dois exemplos ⊦ por F; mas nos *Exempla scripturae epigraphicae*, p. LIX, col. 2, ha ⊦ por H, e por isso interpretei ⊦ por H, o que faz optimo sentido. Alem d'isso póde ser que na pedra houvesse primitivamente H, e a segunda perna se gastasse.

[2] *Hermes* figura muitas vezes como cognome no *Corpus*, t. II, p. 1084.

[3] Supponho que o Rev. Fidel Fita publicou esta inscripção (mas não posso agora verificar onde), e que interpretou a primeira linha por PROSERPINA, o que não me parece acceitavel. Vid. tambem Hübner, *Additamenta nova*, p. 101, n.º 267.

contados em linha recta no mappa geodesico, vê-se que o culto de *Aernus* teve área um pouco mais lata do que aquella que o apparecimento das primeiras inscripções fazia suspeitar.

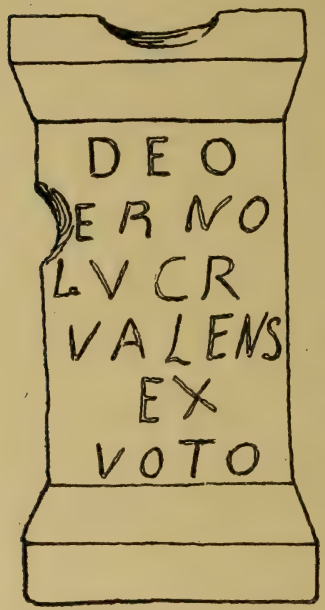


Fig. 91.ª (Ara do concelho de Macedo de Cavalleiros)

13. «Juppiter Andero».

Vimos nas *Religiões*, II, 342, que na Galliza tinham apparecido inscripções em que Juppiter recebia tres epithetos indigenas, *Andero, Candiedo* e *Ladicus*. Quanto aos dois ultimos, nada tenho que accrescentar aqui. Quanto ao primeiro, lembrarei que Meringer na *Zeitschrift für romananische Philologie*, XXX, 421, nota, põe em parallelo esse nome com o gaul. **andero-* «jung», «junge Kuh», em kymr. *anner;* cf. tambem **anderos* na *Revue Celtique*, XXVIII, 106 «veau». A ser assim, devemos suppor que a inscripção allude a uma divindade zoologica, que foi assimilada pelos Lusitano-Romanos ao primeiro deus do Pantheon romano.

14. «Suttunius».

Este nome divino (vid. *Religiões*, II, 344) é pelo Dr. Schuchardt comparado ao vasconço *su*[*t*] «fogo» [1]. Em verdade parece que em *Suttunius* entra o suffixo *-un-iu-s* [2], o que faz presuppôr um thema s u t t -; mas resta explicar a duplicidade do *t*.

---

[1] *Die iberische Deklination*, Viena 1907, p. 11.

[2] Vid. Holder, *Altcelt. Sprachsch.*, III, 31.

15. Deuses com dois nomes.

Ao tratar do deus bracarense cuja denominação em dativo é Tongoe Nabiago, disse eu (vol. II, p. 254) que, comquanto as duas palavras me parecessem formar uma só, i. é, *Tongoenabiago* = *Tongenabiago* (com *oe* = *e*), dativo de *Tongenabiagus*, tambem a terminação *-oe* poderia ser iberica, e até a comparei com *cariqoe*, e *-dadigoe*, que se lêem no *Mon. Ling. Ibericae*, p. CXL. O Sr. Dr. H. Schuchardt, no seu opusculo já citado [1], prefere a segunda hypothese, e considera *Tongoe* dativo de um supposto *Tongus*, o que elle apoia a p. 60 com mais exemplos. Quanto a *Nabiago*, elle acceita a explicação que eu tinha dado: dativo de *Nabiagus*, nome derivado de *Nabia* = *Navia* [2]. Nestas circumstancias, a acceitar-se que a denominação é binaria, devemos ver em *Nabiagus* um mero epitheto topico ou ethnico com caracter adjectival [3].

Nas mesmas circumstancias põe Schuchardt as seguintes denominações (em dativo): *Bandi Arbariaico*, *Bandiae Apolosego*, *Bandue Ituiciesi* e *Bandio Ilienaico*. Pelo que respeita á ultima, já eu tambem no meu vol. II, pp. 317–318, tinha notado que *Ilienaico*, dativo de *Ilienaicus*, podia ser palavra independente. Accrescentarei que comparavel

---

[1] *Die iberische Deklination*, Vienna 1907.

[2] Se, contra todas as razões hermeneuticas que apresentei no vol. II, p. 247–248, alguem persistisse em achar um *i* authentico depois de *Nabiago* (i. é, *Nabiagoi*), teria a seu favor a explicação de Schuchardt, que vê em *Tongoe* um dativo iberico, e põe *-oe* a par de *-oi* (vid. *loc. cit.*): mas as minhas razões parece-me terem alguma força; alem d'isso no desenho que reproduzi da obra de Argote (e no ms. que está na Bibliotheca Nacional de Lisboa, marcação ant. A $\frac{4}{9}$, mod. n.º 143, fl. 12 v.) falta tambem *-i*, — o que tudo leva a crer que este é moderno.

[3] Assim, as denominações lusitanico-latinas *Genius Tiauranceaicus* (vel *Tiauranceaicus*), *Lares Turolici*, *Deus Aernus*, *Nymphae Lupianae*, nas quaes um nome appellativo de origem romana, com a vaga significação de «divindade», está seguido de um epitheto barbaro, que é ethnico ou geographico (vid. *Religiões*, II, 163, 179, 192), corresponderão a um processo grammatical indigena.

a todas essas denominações é *Runesus Caesius,* de que fal lei ibid., pp. 303–304[1].

Além d'aquillo que as inscripções latinas e outros documentos nos dão como patrimonio religioso lusitano-romano de origem pre-romana, muitos mais cultos devia haver, pois hoje na tradição popular existem factos que devem provir de então, mas faltam-nos antigos testemunhos d'elles.

SECÇÃO II

Divindades de procedencia romana

As minhas fontes para este capitulo são principalmente os monumentos archeologicos: inscripções e objectos artisticos. Das inscripções umas estão já publicadas, outras estão ainda ineditas. Aquellas é inutil reproduzi-las todas; basta transcrever algumas mais curiosas e fazer referencia ás restantes. As ineditas copiá-las-hei integralmente. Quanto aos objectos artisticos, figurarei todos ou quasi todos aquelles de que pude obter desenhos ou photographias.

A religião romana é muito conhecida para que eu tenha de me espraiar em considerações e discussões como na Parte II, onde tratei dos tempos proto-historicos, em geral muito obscuros. Limitar-me-hei pois a fallar do que for mais essencial para a comprehensão e concatenação dos nossos documentos.

A classificação que adopto é meramente prática. Só em

---

[1] Se a palavra TAMEOBRIC não estivesse tão symetricamente gravada na cornija do monumento estampado nas *Religiões,* II, 319, sem separação em duas partes, ser-se-hia tambem tentado a decompôr essa palavra em *Tameo-Brig(o),* considerando-se pois o primeiro elemento, não como radical, mas como dativo de **Tameus* ou **Tameos* (= **Tam-eos; -eos* é suffixo conhecido: cf. Holder, *Thesouro,* s. v.).

obras de caracter lato, como as de Preller [1], Wissowa [2] e Toutain [3], se póde esperar encontrar classificação scientifica [4]. Com relação a factos tão modestos, e por assim dizer soltos, como os que a Lusitania apresenta, julgo que bastará dispôr assim o assunto:

I) Divindades romanas propriamente ditas, e greco-romanas, — com divisões correspondentes ás divindades do ceu, da terra, das agoas, etc. —, pois é sabido que os Romanos tinham deuses e cultos que pertenciam ao seu patrimonio ethnico ou ao italico, e outros que foram introduzidos por influencia grega, e se sobrepuseram aos já existentes, ou se amalgamaram em parte com elles;

II) *Dea Roma* e divindades imperiaes;

III) Divindades de origem asiatica e africana.

Attenda-se a que estou estudando a religião romana, não em todo o curso do seu desenvolvimento historico e geographico, mas apenas no tempo do Imperio (sec. I a. C. ao sec. V da e. c.), e numa comarca muito remota da nobre Roma.

I. — Divindades romanas propriamente ditas, e greco-romanas

a) Divindades do ceu

1. Juppiter.

Se o *deorum genitor atque hominum sator* [5] era não só a principal divindade da triada capitolina (Juppiter—Juno—Minerva), e a mais notavel do pantheon romano na epoca de

---

[1] *Römische Mythologie*, 3.ª ed., feita por H. Jordan, 2 vol., Berlim 1881–1883.

[2] *Religion und Kultus der Römer*, Munich 1902. Faz parte do *Hdb. der klassischen Altertumswissenschaft* de Müller.

[3] *Les cultes païens dans l'Empire romain.* Até á hora em que escrevo, só se publicou o t. I, Paris 1907.

[4] E ainda assim, o último d'estes AA. desculpa-se a p. 283, nota, da classificação que escolheu.

[5] Phedro, *Fabul.*, III, 18.

que me estou occupando, é tambem áquella de cujo culto restam mais monumentos lusitano-romanos.

As inscripções ora apresentam Juppiter com os seus epithetos classicos, *Optimus, Maximus,* e tambem *Conservator, Depulsor, Solutorius,* ora sem epitheto algum.

De *Iuppiter Optimus Maximus* temos testemunho em monumentos lapidares encontrados nas seguintes localidades: Castanheira (Chaves) [1], Tronco (ibid.) [2], villa de Chaves [3], Travanco (Bragança) [4], Vinhaes [5], Friães (Monforte de Bragança) [6], Villa Pouca de Aguiar [7], Babe [8], Villarelho de Tres Minas [9], Ribeira de Pena [10], Villar de Maçada [11],

---

[1] *O Arch. Port.*, IV, 313, e *Additamenta Nova ad Inscriptiones Hispaniae Latinae* de Hübner, Berlim 1903, n.º 271. Vid. fig. 92.ª Diz: *Iovi O(ptimo) M(aximo) v(otum) m(erito) a(nimo) s(olutum).*

[2] *Additamenta Nova*, n.º 274. Cf. *Portugalia*, II, 124, e *O Arch. Port.*, XI, 357. O respectivo monumento está hoje no Museu Municipal do Porto.

[3] *Corpus*, II, 2468.

[4] *Corpus*, II, 2400.

[5] *Corpus*, II, 2467.

[6] *Corpus*, II, 2495.

[7] Duas lapides (talvez do sec. II) Ambas estão no Museu de Guimarães, e foram publicadas na *Ephem. Epigr.*, VIII, 398, n.ºs 108 e 109 e reproduzidas pelo Rev. Abbade de Tàgilde na *Rev. de Guimarães*, XVIII, 56. Vid. figs. 93.ª e 94.ª Diz a primeira: *I(ovi) O(ptimo) M(aximo) v(otum) s(olverunt) l(ibentes) mil(ites) leg(ionis) VII Gem(inae): Pullinus* [eu porém leio *Tullin-*]. Diz a segunda: *I(ovi) O(ptimo) M(aximo) mil(ites) c(o)h(ortis) I Gallicae eq(uitatus) c(ivium) R(omanorum) v(otum) s(olverunt) l(ibentes) m(erito).* São, como se vê, inscripções militares. Acêrca da importancia do elemento militar no culto provincial de Juppiter, vid. Toutain, *Les cultes païens*, I, 207.

[8] *O Arch. Port.*, IV, 343, e *Additamenta Nova* de Hübner, n.º 276.

[9] *Corpus*, II, 2389. Ha bastante semelhança entre esta inscripção e a que copiei na penultima nota, ou fig. 93.ª, em primeiro lugar (*Ephemeris Epigr.*, VIII, 398, n.º 108), a julgar de um desenho que vem nas *Relações relativas á comarca de Villa Real*, ms. da Bibliotheca Nacional, ant. A $\frac{6}{8}$, mod. 222, fl. 191 v.

[10] *C.*, II, 2388.

[11] *C.*, II, 2394 *a.*

Sant'Anna de Riba Longa [1], Mouçós de Villa Real [2], Moncorvo [3], Val-Telhas (Mirandella) [4], — todas ellas em Trás-

[1] *C.*, II, 2386.

[2] N-*O Arch. Port.*, XII, 30, falla d'esta lapide o Sr. Dr. Henrique Botelho. Ella, como ahi se diz, está hoje no Museu Ethnologico por dadiva do Sr. Conde de Villa Real. Vid. fig. 95.ª No fim da 2.ª linha ha uma falha que attinge a ultima letra, e não permitte distinguir se esta é P ou não; no fim da 3.ª linha ha outra falha, e não se póde saber se ahi esteve alguma letra. As restantes letras são nitidas (note-se porém que na 4.ª linha o V está enlaçada com o R). A inscripção é para mim um tanto enigmatica no que respeita á 2.ª e 3.ª linhas (LI na linha 2.ª = LI*bero* ou LI*beratori?*)

[3] *Rev. Univ. Lisbonense*, IV 546; *Corpus*, II, 2399 A. (p. XLIV); *Ephemeris Epigraphica*, VIII, 397. O monumento está hoje no Museu Ethnologico, mercê da intervenção do Rev. Abb.e José Augusto Tavares. Vid. fig. 96.ª O texto diz (letra do sec. II): *Iovi Optimo Max(imo), civitati Baniensiu(m) Sulp(icius) Basus [d](ono?) d(edit)*. Depois do L da l. 5 ha uma falha, mas distingue-se em cima um como vestigio de lettra, que o póde ser de P (já Hübner tinha proposto ler ahi *Sulpicius*); a seguir ha um espaço vazio; a ultima palavra é *Basus*, e não *Bassus*. No principio da l. 6 creio ver um traço vertical, que póde ser de D. As lettras estão pintadas de vermelho (pintura antiga). Como se vê, a dedicatoria é dupla: a Juppiter e á *civitas Baniensium*, i. é, ao *Genius* da civitas, o que já a cima, p. 200, ponderei. Comparavel a esta inscripção é uma que vem no *Corpus*, III, 7853, em que se lê: *I · O · M · Terrae Dac(iae) et Genio P(opuli) R(omani)*, com associação de Juppiter aos Genios. Cf. est'outras: *Britanniae sanctae, Campestribus et Britanni(ae), Genio Terrae Britannicae*, — no *Corpus*, VII, 232, 1129, 1113; *Daciis Tribus et Genio Leg(ionis)* XIII *G(eminae)*, — no *Corpus*, III, 995; *Genio civitatis*, — no *Corpus*, III, 5159. E vid. Toutain, *Cultes païens*, I, 448-450. No Museu do *Cinquantenaire* em Bruxellas copiei a seguinte inscripção: *Finibus et Genio loci et IOM* etc., i. é: «ás divindades da fronteira, ao Genio local e a Juppiter Optimo Maximo, etc.». — No lado direito da pedra de Moncorvo gravou-se em tempos modernos o seguinte: *Foi achada || nas ru || inas de S. || Mamede || em || 1845*. Aqui perto ha um castro, que, como já disse supra, p. 176, nota 3, creio ter sido a séde da *civitas Baniensium*.

[4] *Corpus*, II, 2466. A lapide (ara) está hoje no Museu Ethnologico, para onde foi remettida pelo Sr. José Benedicto de Al-

os-Montes; Sobre-Tamega [1], Freixo (Marco de Canaveses) [2], Amarante [3], Cerzedello (Guimarães) [4], Caldas (Guimarães) [5], Vizella [6], Braga [7], Villa-Mou (Vianna do Castello) [8], — todas em Entre-Douro-e-Minho; Santa Eulalia de Logrosa [9], Aranza [10], Lugo [11], Santiago [12], S. Christovam [13],

---

meida Pessanha. Para esta acquisição contribuiu tambem o Sr. Celestino Beça, Major reformado, que foi quem primeiro me escreveu sobre o assunto, em 12 de Novembro de 1905: cf. *O Arch. Port.*, XII, 242-243. Vid. fig. 97 ª A inscripção (letra do sec. II) diz: *I(ovi) O(ptimo) M(aximo) Publius Aelius Flaccinus v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*. Na cornija figura-se a meia lua entre dois astros radiados (cada um de seis raios); os mesmos symbolos celestes se vêem em uma lapide que tem uma inscripção consagrada a Diana publicada no *Corpus*, II, 2660. — A cruz que se vê num dos lados é manifestante moderna.

[1] *Corpus*, II, 2376.

[2] *Corpus*, II, 5557. O respectivo monumento, que é uma *basis* de granito, pertence hoje ao Museu Ethnologico Português, em virtude da intervenção do Sr. Conde d'Ariz, a quem o Museu deve outras acquisições importantes. Altura 0m,80; largura em cima 0m,45; diametro do foculo 0m,30 a 0m,31. Vid. fig. 98.ª. As duas primeiras letras foram interpretadas por Sarmento como *Anius*, e por Hübner como *[Fl]aus*, mas eu não vejo ahi mais que MS (iniciaes do nome do dedicante). No fim da l. 2 ha um golpe, que pode ser resto de «S». No comêço da l. 3 ha um traço, que deve ser de «L». Teremos pois: *M · S · Iov[i] O(ptimo) M(aximo) v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*.

[3] *Corpus*, II, 6287, e *Rev. de Guimarães*, XVIII, 51. Hoje no Museu de Guimarães. Vid fig. 99.ª O texto diz: *Iovi Maximo Vicani Atucause(nses)*....

[4] *Corpus*, II, 5565. [5] *C.*, II, 2406.

[6] *C.*, II, 5566; *Rev. de Guimarães*, XVIII, 45 (Abb.ª de Tàgilde). Encontrada numa parede da igreja de S. Faustino de Vizella; hoje no Museu de Guimarães. Vid. fig. 100.ª O texto está incompleto, diz apenas: *Iovi Optimo M[aximo]*.

[7] *Corpus*, II, 2415.

[8] *O Arch. Port.*, V, 177 (Dr. Figueiredo da Guerra), e XI, 202 (Dr. Alves Pereira). Vid. fig. 101.ª, reproduzida do segundo d'estes artigos.

[9] São duas lapides: *Corpus*, II, 5640 e 5641.

[10] *C.*, II, 2537. [11] *C.*, II, 5644. [12] *C.*, II, 2571.

[13] Duas: *Corpus*, II, 2554 (do anno de 184) e 2555.

Nocelo de Pena [1], — todas ellas na Galliza; Devesa [2], Monsanto [3], Idanha-a-Velha [4], Fornos de Algôdres [5], — todas na Beira; Lisboa [6], — na Estremadura; Torrão [7] e Crato [8], — ambas no Alemtejo; S. Bartholomeu da Messines, — no Algarve [9]; Alcantara [10], Talavera [11], Botija [12] — todas tres na Lusitania hespanhola.

De *Juppiter* (*Optimus Maximus*) *Conservator*, conservador ou protector dos homens, ha inscripções lapidares dos concelhos de Moncorvo [13] e Castello-Branco [14]. A res-

---

[1] *Boletín* de Orense, I, 32.

[2] *Corpus*, II, 428.

[3] *C.*, II, 459.

[4] *C.*, II, 5132 (p. L).

[5] A lapide (ara) de Fornos de Algodres appareceu ao desmoronar-se uma capella, e está hoje no Museu Ethnologico, tendo-me sido amavelmente offerecida pelo Sr. Diogo Augusto de Lemos, em 1903. Vid. fig. 102.ª O texto diz: *I(ovi) O(ptimo) M(aximo) Prociila* (= *Procilla*), *Camali f(ilia)*, *votum s(olvit)*, e é aqui publicado pela primeira vez. Dimensões do monumento: 0m,54 × 0m,195 × 0m,185. — No sec. XVI gravou-se na mesma pedra, noutra face, a seguinte inscripção: *Didacus me fecit 1596 anos*, a qual tem connexão com a capella.

[6] *C.*, II, 5099 A. (p. XXXIX).

[7] *C.*, II, 32. [8] *C.*, II, 170.

[9] *C.* II, 8: inscripção feita *in memoriam* de um defuncto.

[10] *C.*, II, 755. [11] *C.*, II, 926.

[12] *C.*, II, 5291.

[13] Numa lapide encontrada entre Carviçaes e Martim-Tirado, e hoje existente no Museu Ethnologico, por offerta do Rev. Abb.e José Augusto Tavares, que a respeito d'ella escreveu um artigo n-*O Arch. Port.*, VIII, 156.

[14] São duas, — ambas provenientes de Escalos de Cima: vid. *Additamenta Nova* de Hübner, p. 25, e *O Arch. Port.*, XII, 176 (Tavares Proença Junior). A inscripção publicada nos *Additamenta Nova*, é transcrita do *Portugal Ant. e Mod.* de Pinho Leal, e está inexactamente copiada. A outra diz: *Iovi Optimo M(aximo) Cons(ervatori) Iul(ia) Ru fina ani(mo) l(ibens) ponit* (a lapide está em poder do Sr. Tavares Proença, que me enviou um desenho que serviu para se gravar a fig. 103.ª). — Já depois de composta esta nota, reproduziu o Dr. F. Alves Pereira n-*O Arch. Port.*, XIV, 182, com melhoramentos, uma das inscripções de Escalos.

peito d'este epitheto vid. Preller, *Römische Mythologie,* 3.ª ed., t. I, p. 208 e nota 2; e o *Lexikon* de Roscher, s. v. «Juppiter», col. 745–750. Elle apparece com frequencia nas moedas romanas do imperio [1].

De *Iuppiter Depulsor,* i. é, «o que afasta os males», ha uma única inscripção, proveniente de Dume (Braga); o texto é, segundo a restituição de Hübner: IOVI [D]EPVLSORI; [*Dv*]*rmia* [*P*]*vsinna* [*e*]*x voto* [*P*]*osvit* [2]. O deus era invocado com este epitheto em occasião de desgraças, ou quando appareciam prodigios physicos que a gente supersticiosa temia [3].

De *Iuppiter Solutorius* ha muitas inscripções, que pertencem todas á Lusitania Hespanhola [4]. A respeito da palavra *Solutorius,* que só apparece nestas inscripções e noutras da Peninsula [5], publicou O. Keller um artigo nos *Jahrbücher für Philologie,* t. CXXXIII (1886), p. 698, onde pretende mostrar que ella é criação popular hispanica, devida a amalgamação de *Salutaris* (outro epitheto de Juppiter) com Ἐλευθέριος (epitheto de Zeus). Não tem nisto razão nenhuma, pois *Solutorius* formou-se do thema de *solutum,* como *resolutorius,* conhecida palavra latina, se formou do de *resolutum,* e deve significar «o que livra dos males»; vem a ser pouco mais ou menos synonima de *depulsor.* Cf. *solutrix malorum,* expressão applicada pelo grammatico latino Diomédes (sec. IV) a Diana [6].

As inscripções em que Juppiter apparece sem epitheto

---

[1] Cohen, *Médailles Impériales,* t. VIII, 2.ª ed., pp. 395–396.

[2] *Corpus,* II, 2414.

[3] Vid. Preller, *Römische Mythol.,* 3.ª ed., t. I, p. 209 e notas.

[4] *Corpus,* II, 5289, 5290, 5305, 5306 e 5339.

[5] Cf. *Lexicon totius latinitatis* de Forcellini & De-Vit, Prato 1858–1879, s. v.

[6] Diomédes está fallando de certa molestia que grassava na Sicilia, e diz que os Syracusanos *variis et adsiduis caerimoniis Dianam placantes finem malis invenerunt eamque* LYAEAM *cognominaverunt, quasi* SOLUTRICEM MALORUM. Vid. a ed. dos *Grammatici Latini* de Keil, t. I, p. 486.

algum são oito: quatro achadas em Portugal [1], e as restantes na Lusitania hespanhola [2].

Alem das inscripções citadas, conhecem-se mais duas em que, por estarem incompletas, não se sabe se o nome do deus traria epitheto ou não [3].

Outras lembranças lusitano-romanas de Juppiter temo-las:

no célebre juramento feito a Caligula pelos *Aritienses* (Alvega) no anno de 37 [4];

numa estatueta de bronze, achada em Soutello da Maia (vid. fig. 104.ª: o deus está de pé, com a chlamyda pendente do ombro esquerdo, e o feixe de raios na mão direita, — *corusca fulmina molitur dextra*, como diz Vergilio, *Georg.*, I, vv. 328-329) [5];

numa pedra de anel, de que fallarei mais adiante (onde vem associado a Marte);

e na inscripção polythea de Vizella, de que tratarei tambem noutro lugar.

De *Iuppiter-Fulgur* não se conhecem inscripções, mas ha uma referida ao raio, a qual será estudada na secção III.

*

É notavel que sendo o Norte e o Centro do reino, como se disse a pag. 191, as regiões que resistiram mais tempo á romanização, ahi haja mais inscripções de Juppiter do

---

[1] *Corpus*, II, 177 (Lisboa), 420 (Lafões), 435 (Idanha), 5567 (Mosteirô). A da Idanha foi novamente publicada pelo Dr. Felix Alves Pereira, que a obteve para o Museu Ethnologico: vid. o seu opusculo *Ruinas de ruinas*, I, 18 (separata d-*O Arch. Port.*, vol. XIV).

[2] *Corpus*, II, 743, 752, 860, 5292.

[3] Vid.: *Corpus*, II, 5568; *Ephem. Epigraph*, VIII, 401. Com relação á ultima, direi que a leio assim: IOVI ‖ . . OLETV ‖ . . LMSO ‖ .

[4] *Corpus*, II, 172. Ahi se invoca *Juppiter Optimus Maximus ac divus Augustus ceteriq(ue) omnes di immortales.*

[5] A fig. 104.ª é reproduzida da *Portugalia*, I, 129–130, onde se publica um artigo de Ricardo Severo, acompanhado de duas estampas representativas da estatueta, vista de frente e de costas.

que no Sul, o que parece estar em contradicção com o dever ser o *deus maximus* bom representante da acção romana. No meu entender, nem em todas as inscripções consagradas a Juppiter se adoraria pura e simplesmente a luminosa deidade do Capitolio; em algumas d'ellas é muito provavel que o formulario romano encobrisse uma devoção pre-romana, e que se á boca dos dedicantes acudia uma palavra latina, lhes estava porém na alma uma crença avita, muito differente da dos conquistadores, — o que de algum modo se confirma com o andar em tres inscripções gallegas o nome de Juppiter annexado a nomes indigenas (*Andero, Candiedo, Ladicus*), como se viu supra, pag. 218, e o serem barbaros muitos dos offerentes das lapides. Juppiter, em virtude do seu caracter universal, assimilava facilmente outras divindades.

Seguem-se as gravuras respeitantes a este paragrapho:

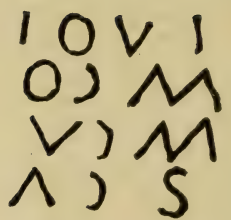


Fig. 92.ª Vid. p. 222, nota 1
(Lapide do Museu de Bragança)

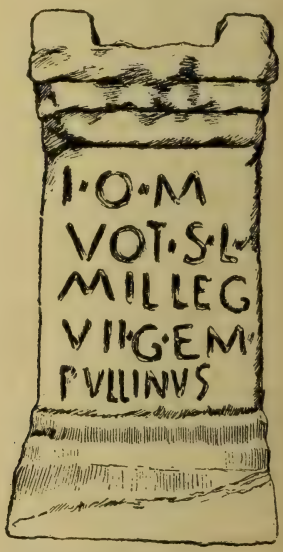


Fig. 93.ª Vid. p. 222, nota 7
(Lapide do Museu de Guimarães)

Fig. 94.ª Vid. p. 222, nota 7
(Lapide do Museu de Guimarães)

Fig. 95.ª Vid. p. 223, nota 2
(Lapide do Museu Ethnologico)

Fig. 96.ª Vid. p. 223, nota 3
(Lapide do Museu Ethnologico)

Fig. 97.ª Vid. p. 223 (–224), nota 7
(Lapide doMuseu Ethnologico)

Fig. 98.ª Vid. p. 224, nota 2 (Lapide do Museu Ethnologico)

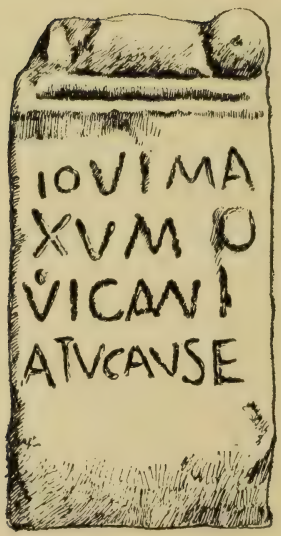


Fig. 99.ª Vid. p. 224, nota 3
(Lapide do Museu de Guimarães)

Fig. 100.ª Vid. p. 224, nota 6
(Lapide do Museu de Guimarães)

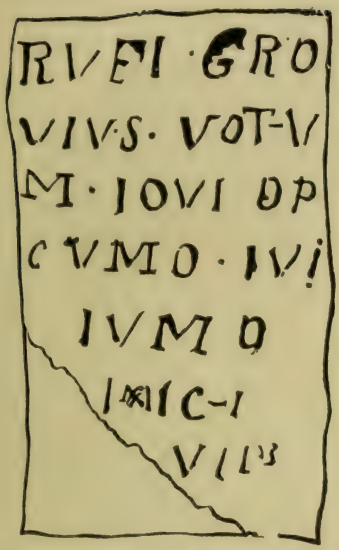


Fig. 101.ª Vid. p. 224, nota 8 (Lapide do Alto-Minho)

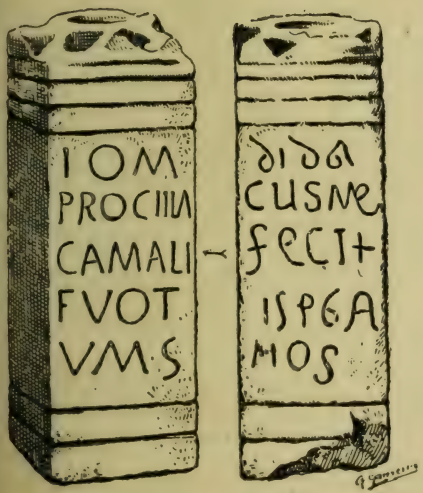


Fig. 102.ª Vid. p. 225, nota 5
(Ara do Museu Ethnologico)

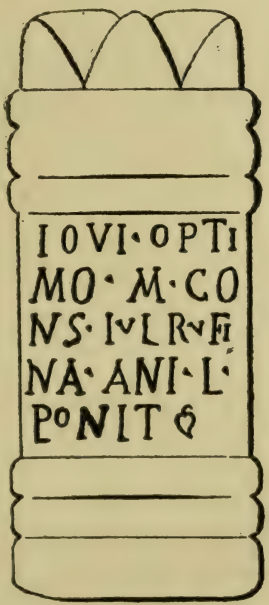


Fig. 103.ª Vid. p. 225, n. 14
(Lapide da Beira-Baixa)

Fig. 104.ª (Estatueta de Jupiter, proveniente da Maia: vid. p. 227)

2. Juno.

Da consorte de Juppiter, mãe dos deuses, protectora das matronas, e principalmente das parturientes [1], ha poucas inscripções, e d'essas uma é duvidosa (Numão) [2], outra está imperfeitamente copiada (Galliza) [3], outra, que adiante transcrevo, não se conserva inteira, outra é de *Emerita* [4]; ha mais uma inscripção em que figura Juno, mas ao lado de muitas divindades [5].

A inscripção que prometti transcrever, e que parece ser do sec. II, vê-se gravada em um pequeno pilar ou cippo de granito, que represento na fig. 105.ª, e que tem estas dimensões: $0^m,33 \times 0^m,16 \times 0^m,16$. Apenas se póde ler: Iunoni *Cabura.. vi.* Este monumento appareceu em Idanha-a-Velha, i. é, na região dos *Igaeditani,* e foi de lá trazido para o Museu pelo Dr. Felix Alves Pereira [6]. O nome *Cabura,* da dedicante, é a primeira vez que se encontra em um texto; pelo menos no *Thesouro* de Holder lê-se unicamente a fórma masculina *Caburus.* Embora não se possa adivinhar quaes fossem os motivos que levaram Cabura a apresentar um *donarium* a Juno, note-

Fig. 105.ª (Pilar do Museu Ethnologico)

[1] Cf. *Burro de Ouro* de Apuleio, traducção portuguesa, Lisboa 1847, p. 178 (oração á deusa).

[2] *Corpus,* II, 430.

[3] *Corpus,* II, 2521; *Boletín* de Orense, I, 30.

[4] Vid. *Additamenta nova ad inscript. Hisp. Lat.,* n.º 44: Iunoni *sac(rum). Claudius Dapinus* (= *Daphnus*) *a. l. v. s.;* a cada um dos lados ha um pavão, imagem do animal favorito da deusa.

[5] *Corpus,* II, 2407. Vid. adiante.

[6] Vid. o seu opusculo *Ruinas de ruinas,* I, 17 (extrahido d-*O Arch. Port.,* vol. XIV), publicado já depois de escrito e composto na imprensa o que se diz aqui.

se a coincidencia de tanto a deusa como quem lhe fez o voto serem de um e mesmo sexo: talvez o voto se relacionasse com a vida feminina. Tambem a inscripção gallega, a que a cima me refiro, foi mandada gravar por uma mulher. Em todo o caso, isto não é regra.

3. Apollo. As Musas.

Já supra, p. 177, me referi a um mosaico do concelho de Alcobaça, em que parece desenhar-se a cabeça de Apollo-Sol. Não necessito de reproduzir aqui o que lá disse.

Fig. 106.ª (Estatua de Apollo: no Museu Ethnologico)

Comparavel á figura representada naquelle mosaico é, como me indica o Dr. Felix Alves Pereira, a que se vê numa lucerna do espolio funerario romano de Gulpilhares, que está no Museu de Azuaga em Gaia (busto, com cabeça radiada).

Deixando para depois as inscripções que se referem ao *Sol invictus,* por pertencerem a outra sub-secção, e omittindo tambem por agora a inscripção que Hübner transcreve no *Corpus,* II, 5164, em cuja primeira linha, que está incompleta, restaura a palavra [*Apoll*]*in*[*i*], o que eu julgo duvidoso, — passarei a occupar-me de um monumento esculptural muito importante.

É uma estatua apollinea de marmore, infelizmente incompleta, encontrada por Estacio da Veiga em 1876, á beira do *Ana,* junto do «monte» do Alamo, concelho de

Alcoutim, reino do Algarve, por occasião de grande cheia do rio, que pôs a descoberto muitas antigualhas nos terrenos marginaes d'elle [1]. No seu estado actual mede de altura 1m,69. Vae representada na fig. 106.ª Falta-lhe a cabeça, o pescoço, os membros superiores e parte da perna esquerda. Apollo mostra-se-nos nella encostado a um tronco de arvore nodoso, ao qual se vê presa adiante, por uma correia, a aljava do deus, se é que esta não está figurada na parte posterior da arvore. Tanto Apollo como a arvore repousam em uma base de 0m,77 × 0m,41, — tudo feito de uma só pedra. A estátua, que é do typo polycleteu, lembra o Diadúmeno que se descobriu em Delos [2]. — Podemos admittir que o nosso monumento pertencia a um templo. Por todo o concelho de Alcoutim se tem descoberto várias antigualhas romanas; d'ellas ha algumas no Museu Ethnologico, obtidas quer por Estacio da Veiga, quer por mim.

Appollo Muságetes figura com as Musas na tampa de um sarcophago. As Musas figuram tambem noutro sarcophago. — D'isto tratarei na secção III.

4. Diana.

Pelo que toca á Lusitania hespanhola, temos em Mérida uma estatua da deusa, mas incompleta [3]. A Galliza apresenta-se com duas inscripções lapidares. Uma, proveniente da ria de Noya, diz: Diane *venatrici Arpo, Ure(i) f(ilius), Faustanus, ex pr(aecepto) Victor[i]s, pro sal(ute) sua* [4]. A outra, que se lê num cippo, de 0m,70 × 0m,32, achado a uns 8 kilometros de Orense, é como se segue (vid. fig. 107.ª): *Deane* vel *Deanae* [5] *Fa(bius?) Saturninus ex v(oto)*

[1] Consta-me que com a estatua appareceram fragmentos de ceramica aretina.

[2] Vid. *Monuments Piot*, t. III, est. 14. — Devo esta indicação ao Sr. Salomon Reinach.

[3] Reinach, *Répertoire de la statuaire*, III, 95.

[4] *C.* II, 5638.

[5] O recensor d'esta inscripção adverte que o A do ditongo «bien »pudiera estar expresado por un travesaño que parece notarse den-

p(osuit) [1]. Esta ultima inscripção não exprime qual a razão pela qual á deusa se fez o voto; mas da primeira resulta claramente que Diana foi invocada com o caracter de divindade salutifera, apesar de o lapidario lhe addicionar o normal epitheto de *venatrix* «caçadora».

Fig. 107.ª (Lapide da Galliza)

Pelo que toca a Portugal, creio que se refere a Diana a inscripção (letra do sec. III ou dos fins do II) que se lê na fig. 108.ª, e que está gravada em um cippo calcareo de $0^{m},77$ de maior altura e $0^{m},23$ de largura, apparecido em Loulé [2], e hoje no Museu Ethnologico: *D · S · S · Fonteius Philomusus ex votu animo libens posuit.* Na face direita da pedra vê-se esculpida uma aljava, e na esquerda um arco. Como taes objectos são attributos ordinarios de Diana, póde interpretar-se assim

»tro del primer angulo de la N». — A fórma *Deana* (com *e*) é corrente nas inscripções: cf. Georges, *Lexik. der lat. Wortform.*, s. v. Apesar de nos dialectos italicos se encontrar *ea* em palavras que em latim tem *ia*, por ex. *conea* (lat. *ciconia*), *filea* (lat. *filia*), como se vê em Ernout, *Le parler de Préneste*, Paris 1905, p. 28 sqq., creio que em *Deana* o *e* resulta da influencia do de *dea*.

[1] *Boletín* de Orense, I, 23 e 31, com uma estampa no vol. II, da qual reproduzo a figura que publico no texto. Vid. tambem *Additamenta nova* de Hübner, p. 105.

[2] *Corpus*, II, 5136.

a 1.ª linha da inscripção: *D(ianae) s(anctae) s(ilvestri)*, ou *D(ianae) s(anctae), vel s(ilvestri), s(acrum)* [1].

É esta, que eu saiba, a unica inscripção nossa, respei-

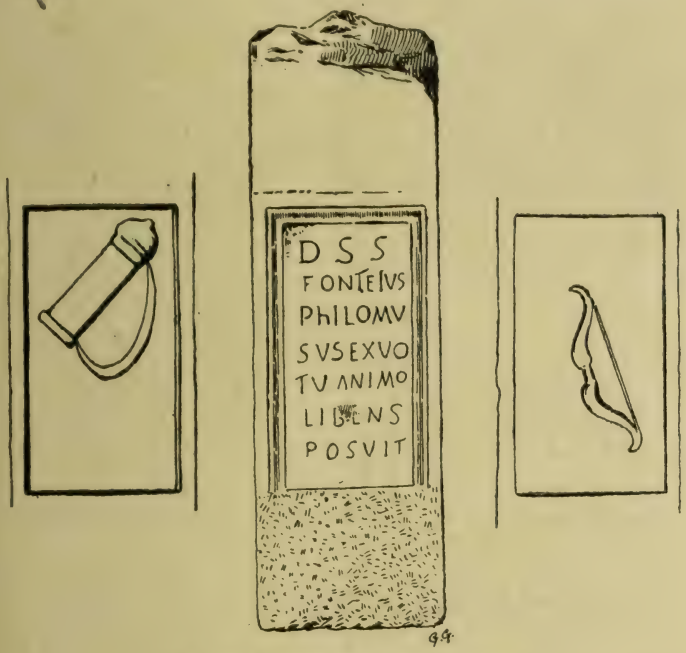


Fig. 108.ª (Cippo do Museu Ethnologico)

tante a Diana [2]; mas existe no Museu de Guimarães uma vaquinha de bronze que julgo se relaciona com o culto da

[1] Cf. *[D]iane auguste silvestri* no *Corpus* III, 1937 (Dalmacia); *Diana[e] sanctae* e *Dianae sanctai* no *Corpus* VI, 134 e 133 (Roma). O Sr. Héron de Villefosse, a quem propus as minhas explicações, é tambem de opinião que o monumento pertence a Diana, e opta pela primeira. Hübner é que no *Corpus* II, 5136, e p. 1175, transcreveu a 1.ª linha dubitativamente por *d(eae) s(aluti) s(acrum)*; mas elle não sabia das esculpturas lateraes, senão ter-se-hia de certo lembrado da deusa. As mesmas esculpturas impedem que se pense em Silvano, embora haja *d(eus) s(anctus) S(ilvanus)* no *Corpus* VIII, 830.

[2] A inscripção que com o nome de *Diana* vem nos *Additamenta nova*, p. 24, n.º 36, extrahida do *Portugal Antigo e Mo-*

deusa. Vai copiada em tamanho natural na figura 109.ª, extrahida d-*O Arch. Port.*, I, 313. Na testa tem um ornato geometrico, e na cabeça um orificio, que o desenho, d'onde se fez a gravura, não deixava ver. No orificio da

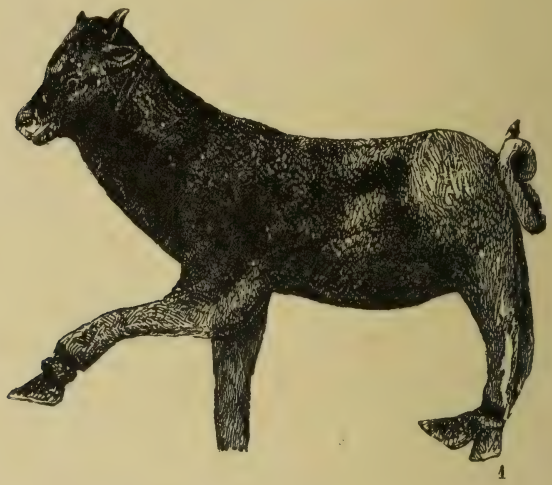


Fig. 109.ª (Vaquinha de bronze do Museu de Guimarães)

cabeça estava de certo mettida uma lamina de metal, que symbolizava a meia-lua; na obra intitulada *Le pitture antiche d'Ercolano,* Napoles 1762, vol. III, p. 150, vem tambem o desenho de uma vacca que ostenta na cabeça, entre os galhos, a meia-lua. O ornato geometrico da testa vê-se igualmente numa figurinha de touro, que examinei no Mu-

---

derno de Pinho Leal, VIII, 159, nada tem com essa deusa. Justamente disse Hübner *corruptam aut falsam esse apparet* (loc. cit.). Falsa não é de todo, mas foi mal interpretada, pois se tomou DIMA (= *Diis Manibus*) por *Diana.* A inscripção esteve numa parede da casa de Beba, em Rèsende, onde a examinei em Setembro de 1897, de baixo de ardente sol. Hoje está no Museu Ethnologico, em virtude dos esforços que o illustre advogado Dr. Amadeu Pinto da Silva para isso empregou a meu pedido, conseguindo-a do dono, o fallecido P.e Antonio Pinto da Fonseca, Abbade de Villa-Cova-á-Coelheira, o qual, além d'essa, me cedeu mais outras.

[1] *O Arch. Port.,* I, 313.

seu Archeologico de Madrid [1]. A vaquinha do Museu de Guimarães foi encontrada no Castro de Sacoias, em Trás-os-Montes, no qual appareceram várias outras antiguidades romanas [2]. Representa provavelmente um ex-voto em honra de Diana. Era muito frequente na antiguidade offerecer animaes ás divindades, quer em fórma de simulacro, quer em sacrificio; nas inscripções encontra-se muitas vezes menção de taes sacrificios [3].

Ao que fica mencionado a respeito dos monumentos de Diana encontrados em Portugal e na Galliza, accrescentarei que já nas *Religiões*, I, 108, se publicou uma lucerna de metal, a cuja cauda se encosta a figura da meia-lua [4].

5. «Sol et Luna». «Lux».

No *Corpus*, II, 258 e 259 (e cf. p. 693) vem publicadas duas inscripções de Collares, consagradas, uma *Soli et Lunae*, e a outra *Soli aeterno Lunae;* na segunda mencionam-se nomes de imperadores do sec. II–III. Com quanto estas inscripções possam referir-se a cultos pro-

---

[1] Indicada no *Catalogo del Museo Arqueológico Nacional*, Madrid 1883, I, n.º 3065.

[2] Vid. J. Henriques Pinheiro, in *Revista de Guimarães*, V, 87 e 83. Acêrca das antigualhas d'este castro, vid. tambem *O Arch. Port.*, IV, 47 (Pereira Lopo), e XII, 257 (P.e Francisco Manoel Alves).

[3] Vid. por exemplo, quanto á Hispania, o *Corp. Inscr. Lat.*, II, 606 (*Iovi taurum pro salute et reditu*) e 3820 (*Dianae Maximae vaccam ovem albam porcam*).

[4] Não sei com certeza se este objecto, que pertence á Bibliotheca Nacional de Lisboa, appareceu em Portugal. Tenho visto lucernas analogas, da epoca romana, em museus estrangeiros, por exemplo no de Este (Italia). — No Museu Ethnologico existe uma estatueta de Diana, feita de marmore, encontrada no Algarve; mas como não tenho por ora a certeza de que seja da epoca romana, deixo de a figurar e descrever aqui. — Omitto tambem o que diz Cenaculo (cf. *O Arch. Port.*, I, 342) acêrca de um objecto que elle correlaciona com o culto da Diana Ephesia ou Artemis; o respectivo objecto foi publicado n-*O Archivo Pittoresco*, XI, 404, mas é de duvidosa interpretação.

priamente romanos, é mais provavel que se refiram aos cultos de origem oriental de que mais adiante hei de tratar.

Á divindade que recebeu a invocação de *Lux divina* em duas inscripções da Lusitania hespanhola, me referi já nesta obra, II, 102.

Tanto *Sol et Luna* como *Lux* figuram tambem no *Corpus,* II, 2407, na inscripção polythea de Vizella. Vid. sub-secção III.

b) Divindades da terra e da vegetação

Alem das divindades d'esta classe, que vou citar a baixo, temos *Proserpina-Libera* e *Poemana* (se este nome está em vez de *Pomona*); mas de uma e de outra já fallei no vol. II d'esta obra, pp. 146 sqq. e 342, e nada posso aqui accrescentar de novo [1]. De *Diana,* com a qual se relacionam os bosques, occupei-me no capitulo precedente. Tambem temos *Ceres,* que entra porém noutra sub-secção, por fazer parte de um grupo cuja menção reservei para ella. Várias referencias e noticias que poderiam ter cabimento aqui, a respeito dos Genios das estações etc., ficam para as secções III e IV. No *Corpus,* II, 2496, publica Hübner uma inscripção que diz ser talvez do deus Silvano; mas o presupposto nome do deus é duvidoso, e a inscripção parece ser meramente funeraria, por isso não a transcrevo. De uma estátua do mesmo deus, publicada como de *Emerita* por Salomon Reinach no *Répertoire de la statuaire,* II, 44, não se sabe ao certo se é de lá, se de *Italica* [2]; por esse motivo, tambem a não reproduzo.

---

[1] Apenas juntarei algumas notas comparativas a respeito da *devotio,* de que tratei nesse volume, p. 165: T. Livio, XXII, 10, e XXVIII, 22; Tacito, *Annal.,* II, 69; Heim, *Incantamenta magica,* Leipzig 1892, p. 470, nota 2; *Bulletin des Antiquaires de France,* 6.ª serie, t. VIII, pp. 221-220; ibidem, 1904, p. 232; D'Arbois de Jubainville, *Les Druides,* p. 101; A. Schulten, *L'Afrique Romaine,* p. 62; *Revue Archéologique,* 1893, p. 258, col. 1.ª, n.º 27; *Bulletin de l'Académie d'Hippone,* n.º 22, 1886, p. 135; *Lexikon* de Roscher, II, 255.

[2] Vid. *Museo Español de antigüedades,* VII, 578.

1. A Terra (*Tellus*).

D'entre os elementos naturaes a que o homem tem prestado culto, qual havia mais digno d'elle do que a Terra, que nos sostém a nós e aos animaes, que em si armazena tantas riquezas metallicas, e de cujo seio irrompem as agoas e brotam as plantas? Esse culto vimo-lo em voga na Lusitania na epoca precedente [1], e continuaremos agora a vê-lo na epoca lusitano-romana.

Os Romanos divinizavam a Terra propriamente dita, dando-lhe varios nomes, umas vezes addicionados de epithetos, outras nus e simples. Assim, em uma inscripção de Almazarrón (Murcia) faz-se uma dedicatoria á *Terra mater* [2], e esta expressão corresponde á *Tellus genetrix* de outras inscripções do Imperio romano [3]. Da Lusitania conhece-se uma unica inscripção consagrada á Terra, e nella o nome da divindade vem sem epitheto.

Esta inscripção está gravada numa pedra que se descobriu em 1835 na horta do Caneiro, em Orense (Galliza), e actualmente se conserva num edificio que ha no páteo da cathedral d'essa cidade. Diz assim: Telluri *C. Sulp(icius) Flavus ex voto* [4]. Não póde ser mais laconica do que é. — Comprehende-se que o Norte da Lusitania, onde, como vimos na parte II da presente obra, havia tantas divindades de caracter topico, fosse muito adaptado para nelle implantarem os Romanos o culto da *Tellus*, embora testemunhado ahi por tão sobrio documento.

A respeito da *Magna Mater* (que uma inscripção numidica assimila á *Terra* [5]), vid. adiante.

---

[1] *Religiões*, II, 103 sqq.

[2] *Corpus*, II, 2526.

[3] Preller, *Römische Mythologie*, 3.ª ed., II, 3; Toutain, *Les cultes païens*, I, 339.

[4] *Corpus*, II, 2526. Reproduzida no *Boletín de la Academia de la Historia*, XLII (1903), 156, e no *Boletín* da Commissão Archeologica de Orense, t. I, pp. 21–22, e t. II, p. 82.

[5] *Corpus*, VIII, 5524. Cf. Graillot nos *Mélanges Perrot*, p. 142.

2. Cyclo bacchico.

Como é sabido, o deus italico Liber, que vela pelos phenomenos da vida vegetal e animal, foi assimilado ao Dionyso grego (Baccho), deus da vinha. Mostra-se frequentemente nas inscripções com a denominação de *Liber pater*.

No que concerne á Lusitania, conheço porém só uma inscripção d'elle, e essa mesma foi encontrada em territorio hespanhol, em Moraleja (*Caurium*): Libero *pat(ri) ex visu.... C. Alonius Severinus a(nimo) l(ibens) f(ecit)* [1].

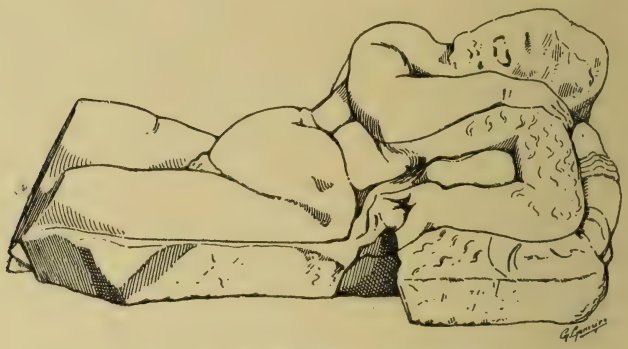


Fig. 110.ª (Sileno: no Museu Ethnologico)

De outras entidades bacchicas ha alguns monumentos pertencentes ao nosso territorio.

Quando em 1798 se descobriram numa excavação da Rua de S. Mamede, em Lisboa, as ruinas de um theatro romano [2], appareceram com ellas *duas esculpturas de Sileno, das quaes uma se achava muito mais bem conservada do que a outra* [3], mas eram ambas do mesmo molde. Uma das esculpturas, a melhor, perdeu-se; a outra, depois de ter estado no Museu das Janellas Verdes, consegui que pas-

---

[1] *Corpus*, II, 799.

[2] Vid. supra, p. 180.

[3] L. Antonio de Azevedo, *Theatro romano*, Lisboa 1815, p. 12; vid. tambem a est. v da mesma obra. O Sr. Salomon Reinach reproduziu uma das estatuas no seu *Répertoire de la statuaire*, t. II, p. 62, conforme o desenho de Azevedo.

sasse para o Museu Ethnologico, e lá se guarda hoje. Dou um desenho d'ella na fig. 110.ª Sileno está estendido por terra, e dorme em paz o somno da embriaguez, encostado a um rochedo, servindo-lhe de travesseiro o odre, em uma de cujas extremidades elle agarra com a mão esquerda; junto do ombro, por baixo do braço, vê-se uma pata de animal, ou porque se quis representar o personagem sobre uma pelle, como noutros monumentos [1], ou porque ella pertence á pelle de que o odre é feito; os musculos são possantes; o braço esquerdo e a parte superior do ante-braço lanzudos. Alem de grosseiramente talhada, esta figura, que foi lavrada em uma pedra calcarea, acha-se muito maltratada: a cara e as mãos esmurradas; dos membros inferiores restam só as coxas. Comprimento total da esculptura $1^{m},12$; largura da base $0^{m},47$ [2].

No claustro do convento de Bemfica, ao pé de Lisboa, existe uma estatueta que representa um Satyro, a qual já ahi estava no sec. XVII, em tempos de Fr. Luis de Sousa, que a descreve neste gracioso trecho da *Historia de S. Domingos:*

«Dentro [da fonte] parece assentado hum grande, e bem proporcionado satyro, imitando com propriedade os que finge a poe-

---

[1] Vid.: Montfaucon, *Antiquité expliquée,* vol. II, p. 264, est. CLXII, 3; Salomon Reinach, *Répertoire de la statuaire,* t. II, pp. 60-62, t. III, p. 19; Héron de Villefosse, *Le Silène de Narbonne,* p. 38 (extr. de *Pro Alesia,* t. I, n.º 5). O célebre *Satiro ebrio* do Museu do Vaticano segura com a mão esquerda o odre, e está sentado numa pelle estendida em um rochedo. (Ha uma photographia no Museu Ethnologico). *Satiro ebrio* notavel é tambem o que se vê no Museu de Napoles (bronze).

[2] Sabe-se de outros Silenos apparecidos lá fóra em ruinas de theatros: cf. Héron de Villefosse, *ob. cit.* na nota antecedente, p. 38. — Baccho (= Dionyso) era deus da tragedia; do seu culto faziam parte representações mimicas; a elle se dedicavam os theatros (cf. o de Dionyso nas baixas da acropole de Athenas); alem d'isso Sileno, que passava por grande musico e dançador, entrava habitualmente no cortejo bacchico, θίασος: por tanto comprehende-se que houvesse em theatros estátuas ou figuras d'este satyro.

sia. Em toda sua figura mostra em rosto risonho e alegre huma simplicidade montanhesa, com que está convidando a beber de huma concha natural, que tem apertada com o braço e mão esquerda, da qual sahe hum fermoso torno de agoa; e juntamente com a direita acode como arrependido a cobrilla: e faz geito de a querer retirar, dando com huma, e negando com outra» [1].

O Sr. Gabriel Pereira pensa que a estatueta é romana [2]. Vid. a fig. 111.ª [3]. O mesmo illustre investigador observa que se tem achado pelos sitios em que jaz o convento varias antigualhas romanas, e que fica proxima d'elle a serra de *Monsanto*, o que tudo corrobora a sua opinião. Do caracter sagrado da serra nos tempos protohistoricos, occupei-me na presente obra, vol. II, pp. 103–104.

Fig. 111.ª (Satyro de Bemfica)

Com o culto ou antes veneração bacchica se relacionam outros objectos archeologicos de que vou fallar: uma lucerna de barro, uma carranca de bronze, e uma estatueta phallica da mesma substancia.

A lucerna de barro, que supponho ser do sec. I, foi encontrada em Março de 1905 perto de *Balsa* (Algarve) pelo Sr. Engenheiro Arthur Mendes, o qual a enviou para o Museu Ethnologico.

---

[1] Parte II, liv. II, cap. 3.

[2] *Boletim* dos Archeologos do Carmo, t. VII, 3.ª serie (de 1894–1897), Lisboa 1898, p. 7 (com um desenho).

[3] A gravura reproduz o desenho publicado no numero do *Boletim* do Carmo citado na nota antecedente. — Tambem saiu uma photographia numa revista illustrada de Lisboa, mas perdi a respectiva indicação, e não posso dispôr de tempo para novas buscas.

Vae representada na fig. 112.ª (em tamanho natural): no disco superior, ou anverso, vê-se um cão de pé, junto de uma videira, no acto de chegar com o focinho a um cacho pendente d'ella; atrás do animal representa-se o *cantharus*, e adiante o thyrso duplo, ou διθυρσον, isto é, com as

Fig. 112.ª (Lucerna bacchica do Museu Ethnologico)

duas extremidades symetricas. Tudo isto são emblemas bacchicos. O cão é companheiro favorito de Dionyso, e nessa qualidade figura em vasos e moedas [1]. Do cão a chegar a um cacho não me occorre agora outro exemplo,

[1] *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «Bacchus», p. 621.

mas lembrarei que numa ara romana da Dalmacia consagrada a *Liber Pater* está esculpido um *haedus sub vite uvam comedens* [1], e que numa esculptura do Museu Archeologico de Berlim, em que apparece Dionyso com o thyrso e o *cantharus,* se representa uma panthera tambem a comer um cacho [2]; tanto a panthera como o cabrito (*haedus*) acompanham frequentemente o deus [3]. Do thyrso duplo conhecem-se varios outros exemplos [4]. No seu conjunto a nossa lucerna assemelha-se a uma que vi no Museu de Alexandria (fragmento); só nesta falta o thyrso e o *cantharus;* além d'isso o animal que com o focinho se aproxima do cacho differe do nosso [5]. — Taes representações lembram a famosa

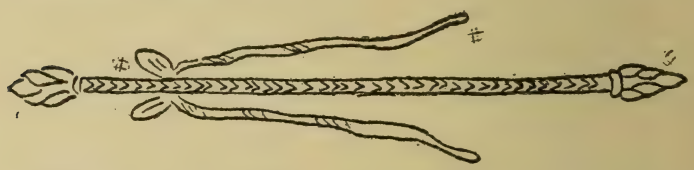
---

[1] *Corpus,* III, 9934.

[2] *Beschreibung,* n.º 87.

[3] Vid. exemplos de factos semelhantes na *Rivista di Storia Antica,* X, 348 (lebre — outro symbolo dionysiaco — e uvas). — De uma lapide funeraria emeritense com esses symbolos fallarei na secção III.

[4] Vid. F. Gaudenz von Papen, *Der Thyrsos* (dissertação da Universidade de Bonna), Berlim 1905, p. 29. Da taboa II, fig. 56, d'essa obra extráio o desenho seguinte:



Vid. tambem H. de Villefosse, *Fondation Picot,* vol. V (estudo do thesouro de Boscoreale), est. 24; a p. 250 diz este A. que o cabo de uma *patère-casserolle* de prata é «décoré d'un thyrse à double tête»; a pátera com o resto do thesouro está no Museu do Louvre.

Numa ara consagrada a *Venus victrix,* existente no pateo do Museu de Madrid, figura-se de cada lado um thyrso duplo, ornado de fitas ao meio.

Incidentemente notarei que no livro de Gaudenz von Papen falta a menção d'esta última figura e a de outros typos ou fórmas do thyrso que observei no Museu de Napoles: numa estátua de Dionyso na sala de Flora, noutra nas escadas da entrada (n.º 6305), e num puteal da sala do Touro Farnesiano.

[5] Cf. Breccia, *Guide d'Alexandrie,* 1907, p. 133.

fabula esopica da raposa e das uvas, tão saboreada em toda a antiguidade, e analogamente aproveitada na arte classica [1].

A carranca fontanaria pertence, como a lucerna, ao Museu Ethnologico; foi-lhe offerecida pelo Dr. Felix Alves Pereira, que a descreveu e gravou em 1896 n-*O Arch. Port.*, II, 319. Vid. a fig. 113.ª, extrahida d'ahi. Diz o citado auctor: «Sei apenas d'este objecto, que foi encontrado ha annos quando se rompia a estrada que une as duas villas dos Arcos-de-Val-de-Vez e Monção.. Parece representar o rosto de uma bacchante, toucada com o *corymbus* de folhas e bagas de hera, pendendo-lhe das fontes rolos opulentos de cabello. A concavidade da parte posterior está ainda quasi toda occupada pelo chumbo que serviu para fixar a carranca á extremidade do conducto da agoa» [2]. Mede de alto a baixo 0ᵐ,12; a boca mede 0ᵐ,02 × 0ᵐ,032. São frequentes na arte greco-romana figuras de carrancas comparaveis á do Minho. Escolhiam-se muitas vezes typos bacchicos, analogos a este, e tambem o satyro Sileno com o odre, para se tirar effeito pittoresco de se fazer sair d'ahi agoa em vez de vinho, como era de esperar [3].

Fig. 113.ª (Carranca de bronze: no Museu Ethnologico)

A estatueta phallica, de 0ᵐ,091 de altura, igualmente

---

[1] Vid. um artigo do Prof. L. Savignoni, publicado nos *Jahreshefte des österreichischen Instituts*, anno de 1901, p. 72 (hydria da *villa Julia*).

[2] *O Arch. Port.*, II, 319.

[3] Vid.: *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «fons», p. 1236 e nota 6; *Denkmäler der klassischen Altertums* de A. Baumeister, I (1889), 358.

descrita pelo Dr. Felix Alves Pereira n-*O Archeologo* [1], em um substancial artigo acompanhado de uma estampa, foi achada na região vinifera de Bucellas, e representa um Ethiope dançante; talvez date do sec. II, e deve ter servido de ornato a um vaso ou a outro objecto. Mal poderá duvidar-se que esta estatueta tenha caracter bacchico, e por isso a incluo aqui. Vid. a fig. 114.ª

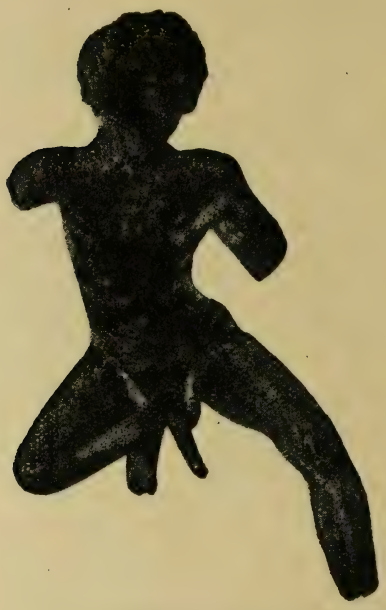


Fig. 114.ª (Estatueta de bronze de Bucellas)

De uma herma bicipite de Baccho e Ariadna, proveniente do Algarve, e ora no Museu Ethnologico, tratarei na Secção IV.

c) Divindades das agoas

Sabemos pelo vol. II d'esta obra, pp. 198-281, quão grande vitalidade tinha nos Lusitanos a santificação e culto das agoas; ella não deminuiu na epoca lusitano-romana, do que possuimos varios testemunhos. Crenças avoengas foram interpretadas á romana; e vieram tambem crenças novas.

1. Neptuno (e Salacia).

Propriamente de Neptuno não ha inscripção nenhuma; ha comtudo outras memorias.

---

[1] Vol. VIII, p. 300 sqq. — Ás indicações bibliographicas dadas ahi juntarei: Salomon Reinach, *Répertoire de la statuaire*, II (1898), 560-563, onde vem figurados varios monumentos que representam pretos.

Fig. 115.ª (Pátera de Troia de Setubal)

Numa pedra da igreja velha de Bobadella (Beira) lê-se a seguinte epigraphe: NEPTVNALE [1], a qual se refere provavelmente a um monumento ou cerimonia do culto de Neptuno, embora não talvez ás festas, pois que ellas costumavam designar-se no plural, — *ludi Neptunales,* ou *Neptunalia* [2].

Em 1814 descobriu-se nas ruinas de Troia de Setubal uma pátera de prata em que se figuram, alem de alguns animaes, varios objectos cultuaes ou symbolicos, e entre elles o tridente neptunino. Infelizmente a pátera perdeu-se: pelo menos não se sabe d'ella [3]. Por isso aqui reproduzo uma estampa que a representa, e que vem num jornal, hoje raro [4]: vid. a fig. 115.ª

Outra allusão a Neptuno temo-la numa moeda de cobre (asse) cunhada no *municipium* de *Salacia* (margens do *Calipus* «Sado») nos principios da epoca romana: no anverso vê-se a figura do deus voltada para a sua esquerda, ficando-lhe o tridente atrás da nuca, no campo;

Fig. 116.ª (Asse de *Salacia*)

[1] *Corpus,* II, 398, e *Relatorio* da expedição da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella (secção de archeologia), por Martins Sarmento, est. III, fig. 4.

[2] Em Roma havia um *Vulcanal,* recinto consagrado ao deus Vulcano; mas do nosso texto não poderia deduzir-se **Neptunal,* senão se se suppusesse que *-e* estava por *-i* em lingoagem popular, por isso que tal palavra seria neutra, e não teria normalmente nenhum caso em *-e.*

[3] Foi esta a informação que me deu o Sr. Duque de Palmella, em cuja casa ella esteve.

[4] *Annaes da Soc. Archeol. Lusit.,* n.º 1, entre pp. 8 e 9. — A pátera tinha de largura na boca 0m,125, e de altura 0m,075. A primeira figura da estampa é a taça no seu conjunto; as outras são pormenores d'ella desenvolvidos.

no reverso lê-se IMP(*eratoria*) SAL(*acia*) entre dois golfinhos [1]. Reproduzo um exemplar da moeda na fig. 116.ª [2].

Como se sabe, a deusa *Salacia* anda nas lendas associada a Neptuno [3]; sem dúvida se estabelece na moeda connexão entre a figura do deus e a denominação do municipio, identificada com a da deusa. André de Rèsende diz positivamente que do nome da deusa veio o da cidade: *..deae Salaciae, ex qua urbi nomen* [4], e não vejo objecção a isso, pois várias localidades ha da epoca romana denominadas de maneira analoga, como: *Dea Augusta* na Gallia Narbonense, *Diana, Lares, ad Mercurium,* na Numidia; mesmo com o nome de *Salacia* existia na antiguidade tambem uma povoação na *Gallaecia,* posta pelo *Itinerario* de Antonino entre *Bracara* e *Asturica*. Assim, ao passo que no anverso da nossa moeda a figura de Neptuno representará o rio *Calipus* «Sado», a cidade está representada pelo nome *Salacia,* ao mesmo tempo d'ella e da deusa, e pelos golfinhos. Não se estranhe que eu diga que Neptuno representará o rio, pois esse deus, se tem geralmente caracter maritimo,

Fig. 117.ª (Tessera plumbea de *Ossonoba*)

---

[1] Com esta moeda compara-se a de Gadir (= Gades), que tem a cabeça de Hercules no anverso, e o tridente no reverso: Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne* [et du Portugal], est. LI.

[2] A respeito do titulo *imperatoria* vid. supra, p. 172, nota 1. Ao que lá digo accrescenta-se: «Sexto Pompeio, depois das victorias »maritimas alcançadas de Octavio, declarou-se filho de Neptuno, e »tomou o nome d'elle nas moedas», — G. Boissier, *La relig. rom.*, I (1.ª ed.), 145, o qual cita a Dião Cassio, XLVIII, 48. Cf. tambem Guiraud, *Les assemblées provinciales,* Paris 1887, p. 21, que cita o mesmo Dião Cassio e outros.

[3] Vid.: Preller, *Röm. Mythologie,* II³, 121; Wissowa, *Religion und der Kultus der Römer,* pp. 250-251. Numa importante inscripção romana, achada em Vienna do Austria, e publicada no *Corpus,* III, 14359²⁷, figura *Neptunus* ao lado de *Salaeca* (= *-ia*), do *Danuvius* (rio deificado), das Nymphas e de outras divindades.

[4] Vid. a sua obra intitulada *De Antiquitatibus Lusitaniae,* Evora 1593, liv. II, fl. 65.

tem-no tambem muitas vezes fluvial[1]. Neptuno, tridente e golfinhos desempenham aqui, em certo modo, funcções semelhantes ás da rosa (ῥόδον), da phoca (φώκη), da seitoira (ζάγκλη), em moedas de Rhodes, de Phocéa, de Zancle; é a isto que os Franceses chamam *types parlants*, embora Gardner queira que elles tenham ao mesmo tempo significação religiosa[2].

A proposito da moeda latina de *Salacia* (digo *latina*, pois ha-as tambem de lá com caracteres indigenas) lembrarei que num objecto monetiforme, de chumbo, fabricado em *Ossonoba*, verosimilmente tessera, entram, como naquella, emblemas maritimos: tridente e golfinho. Vid. a fig. 117.ª; cf. *O Arch. Port.*, VI, 87–88[3].

2. Tritão e Nereida.

Depois de fallar de Neptuno, vem a pêlo referir umas curiosas anecdotas contadas por Plinio.

Diz elle que no tempo de Tiberio (sec. I) os habitantes de *Olisipo* mandaram a este principe uma embaixada expressamente para lhe annunciar que tinha sido visto e ouvido numa gruta (verosimilmente á beira-mar) um Tritão, com a sua figura habitual, a tocar um buzio[4]. — A figura

---

[1] Cf.: Toutain, *Les cultes païens*, I, 377; e Preller, *Römische Myth.*, II (3.ª ed.), 120–121.

[2] *The types of Greek coins*, Cambridge 1883, p. 45. Cf. Lenormant, *Monnaies et médailles*, pp. 103–104.

[3] Luis Marinho de Azevedo, *Grandezas de Lisboa*, liv. III, cap. VIII, transcreve uma inscripção consagrada aos deuses do mar, a qual é por Hübner incluida com razão entre as falsas: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 24. Não a mencionaria eu aqui, se em obra de certa notoriedade a não visse citada e aproveitada como authentica, já depois de publicado o vol. II do *Corpus*.

[4] *Nat. Hist*, IX, § 9. Eis o texto: *Tiberio principi nuntiavit Olisiponensium legatio ob id missa visum auditumque in quodam specu concha canentem Tritonem qua noscitur forma.* O nosso Arraiz, *Dialogos*, 1.ª ed., fl. 85 *v*, refere a citada anecdota, e amplia-a. O mesmo faz André de Rèsende na *Urbis Olisiponis descriptio*, escrita em 1554: sirvo-me da edição dada na *Hispania Illustrata*, t. II (1603), p. 881.

habitual do Tritão, a que Plinio se reporta, é, como se sabe, a de monstro, meio homem e meio peixe. Do buzio diz por exemplo Lucano:

> ... deus quem toto litore pontus
> Audit ventosa perflantem murmura concha [1].

Esta embaixada ostentou por certo a mesma imponencia que essoutra dos Tarraconenses a Augusto, quando, segundo narra Quintiliano [2], lhe foram participar que na ara do imperador, em *Tárraco*, havia nascido por milagre uma palma. — Vê-se que os Hispanos andavam frequentemente sobresaltados com os prodigios que nas suas terras aconteciam, e que logo, por escrupulo religioso, faziam Roma sciente d'elles!

A outra anecdota pliniana assemelha-se á primeira. Na mesma costa olisiponense fôra tambem vista uma vez uma Nereida, que ao morrer soltára triste canto, ouvido lá ao longe pelos moradores das cercanias [3]. As Nereidas eram filhas de Nereu e de Doris ou Dórida, divindades gregas do mar, como o Tritão, e haviam sido admittidas com elle no circulo das crenças dos Romanos.

As duas anecdotas tem para nós alguma importancia mythica, pois nos revelam a existencia de lendas populares localizadas á beira-mar, perto de Lisboa, em grutas e na praia, e parecem-se com outras que correm actualmente, e de que até já no vol. II da presente obra, pp. 207–208, dei amostras [4]. Claro está que os Lusitano-Romanos interpretaram como referidas ao Tritão e ás Nereidas crenças que podiam ter origem pre-romana. Tambem agora o povo imagina as Mouras nas cavernas e nos rochedos, e attribue-lhes factos que não pertencem aos Arabes, e pelo con-

---

[1] IX, 348–349.

[2] No liv. VI, cap. 3 (ed. de Paris, 1725, p. 387).

[3] *Nat. Hist.*, IX, § 9: *haec in eodem spectata litore est, cuius morientis etiam cantum tristem accolae audivere longe.* — Ha anecdotas parecidas *ibidem*, e nos §§ 10–11 (referidas a outras praias).

[4] Cf. as minhas *Trad. Pop. de Portugal*, pp. 86–88.

trário lhes são anteriores. Cada epoca avalia as cousas conforme as ideias então correntes: ás Mouras nos seculos XIX–XX correspondem o Tritão e as Nereidas no seculo I.

3. Rios divinizados.

Citei no § 1 d'este capitulo um asse de Salacia, no qual julgo estar deificado em Neptuno o rio *Calipus* «Sado»; agora citarei um asse de *Emerita,* do sec. I, em que, como primeiro mostrou Delgado [1], se symboliza certamente o rio *Ana* ou *Anas* «Guadiana» em fórma de cabeça de velho orelhudo e barbado, com um vaso adiante, d'onde sae um jorro de agoa: a este velho chamam alguns auctores Sileno [2], e de facto já se notou a cima, p. 247, que ás vezes a cara de Sileno servia de carranca fontanaria. Vid. a fig. 118.ª

Fig. 118.ª (Asse de *Emerita*) [3]

O *Ana* banha *Emerita.* Lá diz o poeta Prudencio (sec. IV–V), fallando da cidade:

> Quam memorabilis amnis Ana
> Praeterit et viridante rapax
> Gurgite moenia pulcra lavat [4].

Por isso escolheu-se o rio para typo monetario, á semelhança do que se usou em toda a antiguidade [5].

---

[1] *Medallas autónomas,* t. II, 1873, pp. 25–26.

[2] Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne* [et du Portugal], Paris 1870, pp. 400 e 404; Hübner, *Mon. Ling. Iberic.,* n.º 185.

[3] Esta figura é extrahida de Delgado, *Medallas autónomas,* t. II, n.º 33. — Ha tambem no Museu Ethnologico um exemplar da mesma moeda, adquirido por mim em Elvas.

[4] Vid. *Peristephanon,* III («in honorem Eulaliae martyris»), vv. 188-190, ed. de Dressel, Leipzig 1860.

[5] Acêrca da representação de rios em moedas (animal com cabeça humana; cabeça humana com galhos; figura de homem, etc.), vid.: Head, *Historia numorum,* Oxford 1887, p. 801; *Lexikon der griech. und röm. Myth.,* de Roscher, t. II («Flussgötter»), col. 1488 sqq.; *Dict. des antiquités,* de Daremberg & Saglio, s. v. «fons» e «flumina»; Preller, *Römische Myth.,* t. II³, p. 134, nota 1.

O vaso ou urna é caracteristico das figuras dos rios; do Inacho divinizado (Argolida) falla Vergilio assim:

> Caelataque amnem fundens pater Inachus urna [1].

Outro caracter é a velhice, como tambem se lê no mesmo poeta:

> .. deus ipse loci fluvio Tiberinus amoeno
> Populeas inter s e n i o r se attollere frondes
> Visus [2].

Na nossa moeda as barbas do velho figuram-se caídas, como se estivessem molhadas [3].

Em todo o caso, convem observar que a moeda de que estou tratando é menos monumento religioso, do que propriamente mythologico ou artistico.

4. Deuses e deusas das fontes.

Na impossibilidade de discernir, em inscripções consagradas a divindades que tem nomes genericos, quaes as que denunciavam os tempos protohistoricos, e quaes as que pertenciam aos tempos propriamente historicos, prometti no vol. II, pp. 191 e 277, quando fallei das Nymphas e de certas divindades fontanarias, voltar ao assunto no vol. III. Cumprirei agora a promessa.

Seja qual for a origem das divindades de que vou occupar-me, é certo que os respectivos documentos pertencem á epoca lusitano-romana; por isso tem cabimento neste lugar.

Começo por uma inscripção de *Emerita*, na Lusitania hespanhola. Diz: Fontibus *sacrum: Iul(ius) Lupu(s) a(ni-*

---

[1] *Eneida*, VII, 792 (ed. de Julio Moreira). — Em *Tárraco* houve na epoca romana uma estatua do rio *Ebro* divinizado, da qual ainda resta a urna e a base com a inscripção Flumen Hiberus: vid. *Corpus*, II, 4075.

[2] *Ibidem*, VIII, 31–33.

[3] Seria superfluo dizer que nos restam da antiguidade muitas esculpturas que representam rios divinizados, como o Nilo, o Tibre etc. Vid. por exemplo Reinach, *Répertoire*, I, 431–435.

mo) *l*(*ibens*) *v*(*otum*) *s*(*olvit*)[1]. Aqui a divindade é concebida do modo mais simples possivel, pois está designada por um nome appellativo no plural[2].

Em *Capara* (*Capera*), igualmente na Lusitania hespanhola, havia um santuario famoso em honra de divindades aquaticas, a julgar do número e variedade de inscripções apparecidas no logar de Baños de Montemayor. A palavra *Baños* é aqui bem significativa. As inscripções estão publicadas no *Corpus*[3], na *Ephemeris Epigraphica*[4], e nos *Additamenta nova*[5]. As divindades chamam-se ahi: NYMPHAE (simplesmente), NYMPHAE CAPARENSIUM, FONTANA e SALUS, — denominações todas ellas genericas e vagas.

A deusa FONTANA, associada ao deus FONTANUS, encontra-se tambem em uma inscripção de Portugal. Transcrevo o texto aqui ao lado[6]; estava gravado numa ara apparecida em Bencatel (Villa-Viçosa) em 1841, a qual pertenceu ao Cardeal Saraiva, e se extraviou depois[7]. Segundo me informou o fallecido P.e Espanca[8], a ara achou-se nos campos dos Villares (Bencatel), no si-

FONTANO
ET · FONTANAE
PRO SALVT · AL
BI · FAVSTI · ALBIA
PACINA · V · S · A · L

---

[1] *Boletín de la Àcad. de la Historia*, XLIII, 240 (artigo do Sr. Marquês de Monsalud, que suspeita que esta inscripção é a mesma que saiu no *Corpus*, II, 466, em vista da semelhança de uma com a outra).

[2] Compararem-se-lhes: *Fontibus Calidis* (no plural) e *Fonti* (no singular) em varias inscripções do orbe romano: Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae*, vol. II, n.os 3891 e 3885-3890.

[3] T. II, pp. 101 e 111.

[4] T. VIII, pp. 378-379.

[5] P. 53.

[6] *Corpus*, II, 150. Publicado primeiramente por Hübner nos *Monatsberichte der Berliner Akademie*, 1861, p. 771, segundo uma cópia que lhe foi dada por Manuel Xaro.

[7] Monsenhor Elvino dos Santos, quando foi secretario de S. Em.a Cardeal Neto, procurou-a, a meu pedido, no Paço patriarchal de S. Vicente, mas não a encontrou.

[8] Vid. a seu respeito *O Arch. Port.*, III, 129 sqq.

tio da *Acenha das Freiras*, ao pé de uma fonte [1]. Não são raras as associações de divindades, aos pares, numa e mesma dedicatoria, como *Borvo et Damona*, *Mercurius et Rosmerta*, *Mars Cicolluis et Litauis*, *Mars Cicolluis et Bellona*, na Gallia [2]; todavia, da associação de *Fontanus* e *Fontana* conheço só mais um exemplo, o qual se vê em uma inscripção da Betica [3]. A palavra fontana possuia no latim vulgar a significação de «fonte», e d'ahi vem varias fórmas romanicas: francês *fontaine*, português *Fontainha* (nome local) por *fontan-inha*, gallego *Fontan*, hespanhol *Fontanillas* = *Fontan-illas*, provençal *fontana*, e outras. Primitivamente era adjectivo, a que corresponde o masculino fontanus, que, substantivado, deu origem aos nossos nomes geographicos *Fontão* (na Galliza *Fontao*) e *Fontainho* por *Fontan-inho* (na Galliza *Fontaiño*) [4]. Temos pois em *Fontana* e *Fontanus* divindades até certo ponto comparaveis, quanto á concepção, a *Arentia* e *Arentius* (outro par divino), como se disse supra, pp. 207–208. A religião romana offerece-nos tambem, no plural, *Silvani* e *Silvanae* (na Dalmacia) [5]; e a religião gaulesa *Albiorix* e *Albiorica* [6]: respectivamente divindades masculinas e fe-

---

[1] Já ahi estive. A fonte é *terrenha*, i. é, brota do chão. Podia ser transformação da antiga, caso alli tivesse tido realmente a sua séde o culto de *Fontanus* e *Fontana*. No terreno em volta vi muitos fragmentos de tegulas e pedras-marmores apparelhadas; e soube tambem que ahi appareceram moedas romanas.

[2] P. Lejay, *Inscriptions antiques de la Côte d'Or*, Paris 1889, p. 22.

[3] Incompleta. Diz: FONTA*no et* || FONT*anae* || HER.. || HE.. || .Vid.: *Boletin de la Acad. de la Hist.*, XXXI, 436; e *Additamenta nova*, p. 65.

[4] Em docs. latino-medievaes de Portugal ha *Fontaninum* (sec. XI), *Fontano* (sec. X e XI), *Fontanum Frigidum* (sec. XIII): vid. *O Arch. Port.*, X, 269 (Cortesão, «Onomastico Medieval»). — De *Fontanus*, como deus, ha outros testemunhos epigraphicos, de fóra da Peninsula: vid. *Corpus*, X, 6071.

[5] Wissowa, *Religion und Kultus der Römer*, p. 176.

[6] P. Lejay, *Inscriptions antiques de la Côte d'Or*, Paris 1899, p. 22. — *Albiorix* = *Albio-rīx*; *Albiorica* = *Albio-rīca*; *-rīca* é feminino de *-rīx* «rei»: vid. Holder, *Thesouro*, s. vv.

mininas. O que não sabemos é se estes pares divinos representavam esposo e esposa, ou irmão e irmã.

Alem das *Nymphae Caparenses,* que citei ha pouco, muitas outras conhecemos por documentos epigraphicos da Lusitania. Incluo-as entre as divindades fontanarias, porque os monumentos lapidares que lhes concernem appareceram quasi sempre em fontes e thermas. É tambem esta a sua significação ordinaria na religião romana do tempo do imperio [1].

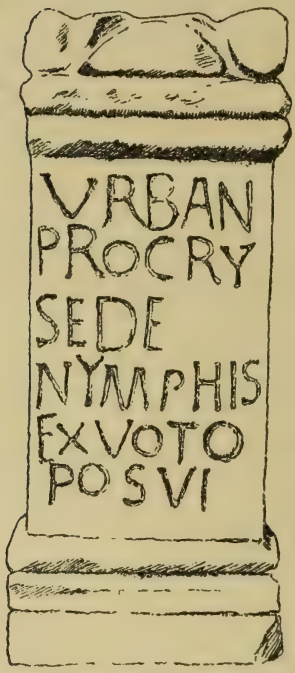


Fig. 119.ª (Lapide do Museu de Guimarães)

Na Lusitania hespanhola, a que *Capara* pertence, vemo-las honradas em inscripções de Berzocana (*Emerita*) [2] e *Caesarobriga* [3].

Do nosso territorio conhecem-se bastantes documentos. Numa inscripção de Monforte, districto de Portalegre, cumpre-se-lhes um voto pela saude de uma mulher [4]. Em Caldellas, districto de Braga, tiveram um santuario: pelo menos existem d'ahi duas lapides com inscripções [5], e a palavra *Caldellas,* deminutiva de *caldas* (=aquas calidas), ajuda a supposição. Achada na cidade de Guimarães, ha uma lapide conservada no Museu

---

[1] Cf. Toutain, *Cultes païens,* I, 380. — Sem embargo, podem estar conjuntas com outra divindade (Silvano, Hercules, etc.): *ibidem,* p. 381, e Preller, *Römische Mythologie,* t. II, 3.ª ed., p. 127, nota 4.

[2] *Corpus,* II, 469. Inscripção mutilada.

[3] *Corpus,* II, 894. Inscripção consagrada por uma liberta.

[4] *Corpus,* II, 168.

[5] *Corpus,* II, 5572 (=2457) e *Ephemeris Epigraphica,* t. VIII, p. 399. Os textos apresentam difficuldades.

da Sociedade de Martins Sarmento, cujo desenho publico ao lado, na fig. 119.ª; nella se lê *Urban(us) pro Crysede* NYMPHIS *ex voto posui* [1]. Em manifesta dependencia das agoas medicinaes de Chaves (*Aquae Flaviae*), estava uma lapide d'aquella villa, em que Dionysio, liberto imperial, fez uma consagração ás Nymphas [2].

Passemos á Galliza. Sabe-se de uma inscripção em honra das Nymphas nuns *banhos* [3]; de outra num sitio em Orense onde ha uma fonte, — inscripção em que uma mulher diz que mandou lavrar o respectivo monumento *ex visu* [4]; de outra, numa aldeia chamada *Baños,* offerecida *pro salute* por um tal *Rufus* [5]; de outra, finalmente, em uma aldeia do *ayuntamiento* de *Baños* de Molgas [6].

Fig. 120.ª (Asse de *Emerita*)

É provavel que o nome latino *Nymphae* traduza algumas vezes crenças pre-romanas, sobre tudo nas inscripções do Norte, pois que, conforme já tenho observado no decurso d'esta obra, essa região levou muito tempo a romanizar-se.

Em parallelo com a moeda emeritense onde se representa o rio Anas ha outra, aqui figurada ao lado com o n.º 120.ª [7], na qual com toda a probabilidade se allude a

---

[1] *Corpus,* II, 5569, e *Rev. de Guimarães,* XVIII, 45. As dimensões da lapide são: $0^m,89 \times 0^m,31 \times 0^m,20$. A palavra *posui* póde indicar realmente a 1.ª pessoa, mas o mais provavel é que equivalha a *posui(t)*.

[2] *Corpus,* II, 2474. [3] *Corpus,* II, 2546.

[4] *Corpus,* II, 2527. Cf. *Boletín de Orense,* I, 20.

[5] *Corpus,* II, 2530. Cf. *Boletín de Orense,* I, 26. — O *nomen* no texto é *Boelius,* mas Hübner no index do *Corpus,* Suppl., p. 1057, appõe-lhe um asterisco, o que indica que não julga genuina a lição.

[6] *Additamenta nova,* p. 107, n.º 283 b. Cf. *Boletín de Orense,* I, 374. As divindades vem designadas assim: ACVARV NYMPHIS; a primeira palavra está por *aquaru(m)*.

[7] Delgado, *Medallas autónomas,* II, p. 26.

uma Nympha que deita agoa pela boca, á maneira de fonte. Foi Delgado [1] o primeiro que, combatendo a opinião de outros AA., que julgavam ser de Livia, mulher de Augusto, a figura gravada na moeda, estabeleceu o que deixo dito. Apesar de Heiss persistir em chamar Livia á figura [2], Hübner escreve mais racionalmente: *Nympha e cuius bucca aqua fluit* [3].

De uma carranca fontanaria, não porém de Nympha, tratei a p. 247.

A associação, que a cima vimos, das *Nymphae Caparensium* e *Fontana* com *Salus* «a deusa da Saude» resulta do caracter medicinal das agoas dos Baños em que as lapides appareceram. Tambem Vizella, cujas thermas, se hoje são famosas, já o foram na antiguidade preromana, como se prova com o culto do deus Bormanico [4], podia figurar aqui por causa da sua inscripção polythea da epoca romana; no mesmo caso estavam umas inscripções das thermas olisiponenses, onde Esculapio era venerado: mas tudo isso ficará para outros capitulos.

*

Embora o culto das fontes na Lusitania, na epoca romana, esteja bastante documentado no que pertence á epigraphia, nem por isso abundam particularidades rituaes que desejariamos conhecer. Numa inscripção diz-se que esta fôra mandada gravar por uma mulher doente, em virtude de uma visão ou sonho que tivera, em que as Nymphas lhe preceituaram isso; noutras exprime-se unicamente que a respectiva dedicatoria se insculpira em cumprimento de votos de alguem que se vira oppresso em enfermidade, e recorrêra a quem julgára lhe poderia dar saude. Que é

---

[1] *Medallas autónomas*, II, p. 26.

[2] *Monnaies antiques*, p. 401 (elle diz: Livia, com um ramo adiante).

[3] *Monumenta ling. Iber.*, n.º 185.

[4] *Religiões*, II, 275.

isto, todavia, em comparação das cerimonias que naturalmente se realizavam, dos sacrificios que se faziam, dos hymnos que se cantavam? Para se entrever o que succederia, torna-se necessario recorrer á litteratura geral, onde se acham expostos factos d'esta natureza.

No vol. II da presente obra, pp. 237–238, referi-me a uma ode que Horacio consagrára a uma fonte, e que é um dos testemunhos litterarios mais instructivos que a respeito dos cultos fontanarios a antiguidade nos legou. Nella elogia o poeta a limpidez e o frescor da fonte de Bandusia, cujas agoas rebentam debaixo de rochedos ensombrados por uma azinheira, e promette sacrificar-lhe um cabrito, e engrinaldá-la de flores, ao mesmo tempo que a declara digna de se lhe offertar em libação vinho puro [1]. Nas fontes lançavam-se geralmente coroas [2], *stipes* ou moedas miudas [3], imagens divinas e objectos que representavam as partes do corpo curadas pela acção das agoas [4]. — Notavel descripção poetica do ritual observado por occasião de se levarem os cães atacados de *scabies* «sarna» ou «rabugem» a uma fonte betuminosa da Sicilia, ao pé da qual havia um penedo d'onde, segundo os antigos, irrompiam ás vezes chammas, pelo que nestes logares se venerava Vulcano, é de certo a que se lê em Gracio Falisco. Vão matilhas de cães guiados pelos donos, que exclamam:

> Te, genium, Vulcane, loci pacemque precamur,
> Incola sancte, tuam: da fessis ultima rebus
> Auxilia et, meritis si nulla est noxia tanta,
> Tot miserare animas liceatque attingere fontis,
> Sancte, tuos.

Faz-se tres vezes a invocação, e tres vezes se lança in-

---

[1] *Carmina*, III, IX. D'esta ode ha varias traducções portuguesas. Citarei aqui a de José Agostinho de Macedo, *Obras de Horacio*, I (1806), 122, e a de Elpino Duriense, *Lyrica de Horacio*, II (1807), 63-65.

[2] Plinio, *Nat. Hist.*, XXXI, 29.

[3] Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 171, notas.

[4] Preller, *Römische Mythologie*, II, 3.ª ed., 144.

censo no *focus*. Apresta-se uma ara de ramos de arvores. Depois vem Vulcano, *multo flumine flammae*. E o sacerdote, brandindo um ramo de oliveira, manda sair d'alli os que tiverem commettido ou machinado más acções:

> .. Procul hinc extorribus ire
> Edico praesente deo, praesentibus aris,
> Quis scelus aut manibus sumptum aut in pectore motum est.

Todos tremem. O deus vingar-se-hia de algum criminoso que viesse alli; mas veio gente boa, e elle com a chamma recolhe a offerta: e ha razão para contar com o auxilio e os beneficios de Vulcano. Immediatamente devem banhar-se os cães, e esfregar-se-lhes o corpo [1].

Numa obra de feição restricta como a minha, não me pertence espraiar-me em largas considerações neste sentido. Applicando taes noções á Lusitania, facilmente comprehenderemos o que se passaria cá.

d) Divindades da saude

Este capitulo fórma natural continuação do antecedente, em cujo ultimo paragrapho já mesmo tive ensejo de alludir ás divindades de que vou agora fallar mais particularmente. Para o escrever, baseio-me apenas em inscripções: umas provém de territorio português, outras de territorio hespanhol.

1. Esculapio.

Conhecemos o deus Esculapio, cujo nome latino é *Aesculapius*, por cinco inscripções: quatro, do Sul, em que figura sózinho, e uma de Vizella, em que figura com outros deuses. Das quatro inscripções meridionaes, uma é de S. Tiago de Cacem, e tres de *Olisipo*.

A de S. Tiago de Cacem foi consagrada por um medico

---

[1] *Cynegetica*, 437–441, e 447–449.

de *Pax Iulia* (Beja), e começa: AESCULAPIO *deo Cattius Ianuarius, medicus Pacensis* [1].

Uma das de *Olisipo* appareceu nas ruinas das thermas que no sec. XVIII se descobriram na Rua da Prata [2]: e diz-se ahi que dois individuos de cognomes gregos, Marco Afranio Euporião e Lucio Fabio Daphno, consagraram a Esculapio um monumento, verosimilmente um ediculo, nas proprias thermas, offerecido por elles depois á cidade [3]. A segunda inscripção é muito simples: AESCULAPIO *C. Licini(us) Decimi(anus)* [4]. Na terceira, a que terei de tornar outra vez a referir-me na presente obra (no capitulo dos Lares), Esculapio recebe o epitheto de *Aug(ustus)* [5]. Provavelmente estas duas ultimas inscripções pertenciam ás thermas das Pedras Negras [6], pois encontraram-se por ahi perto. — Era natural que Esculapio, como divindade da saude, tivesse santuarios nos estabelecimentos thermaes; assim succedia tambem nas thermas de Diocleciano em Roma [7], e nas *Aquae Persianae* na Africa romana [8]. Os doentes iam frequentemente dormir nos templos de Esculapio, do que existem numerosos testemunhos epigraphicos com relação ao de Epidauro (Asclepios) e ao da ilha do Tibre; então o deus enviava-lhes sonhos, e advertia-os das curas [9].

Da inscripção de Vizella tratarei mais adiante.

---

[1] *Corpus*, II, 21. Parte do texto d'esta inscripção, pelo menos nas cópias que d'elle se tomaram, não é inteiramente claro.

[2] Vid. supra, p. 180 e n. 3.

[3] *Corpus*, II, 175. Cf.: *Noticias archeologicas de Portugal*, de Hübner, p. 8; *Revista Archeologica*, III, 33.

[4] *Corpus*, II, 173, e p. 1082.

[5] *Corpus*, II, 174.

[6] Vid. supra, p. 180 e n. 3.

[7] Wissowa, *Religion und Kultus der Römer*, p. 255.

[8] J. Toutain, *Les cultes païens*, I, 334-335.

[9] Vid.: Salomon Reinach, *La seconde stèle des guérisons miraculeuses découverte à Epidaure* (extr. da *Rev. Archéolog.*, 1885, p. 265 sqq.); Preller, *Römische Myth.*, II, 242; Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 120-122; Wissowa, *Religion und Kultus der Römer*,

2. «Salus».

Salus não passa de personificação ou divinização da ideia de «saude». Tambem hoje dizemos, em linguagem christã, *Nossa Senhora da saude.*

As inscripções consagradas á *Salus* são em numero de quatro: tres de *Capera* (Lusitania hespanhola), como já a cima se disse, e outra de Madrigalejo (tambem na Lusitania hespanhola). A primeira das de Capera soa: Saluti *Vicinia Caperensis* [1], i. é «Vicinia, de Capera, (consagrou este monumento) á deusa da Saude» [2]; as outras: Saluti *Privata l(ibens) a(nimo) v(otum) s(olvit)* «Privata cumpriu de boamente o voto (que fizera) á deusa da saude», e Salu[ti] *Rufin[us] libe(n)s vot(um) so(lvit) mer(ito)* «Rufino cumpriu »de boa vontade, e com razão, o voto feito á deusa da »saude» [3]. A inscripção de Madrigalejo está infelizmente reduzida a um fragmento:.. salvti p · m [4].

3. «Asclepius» e «Hygía».

Asclepius não differe de *Aesculapius* senão no nome: este é latino, embora de origem grega [5], aquelle é greco-

---

p. 254. Cf. tambem Beugnot, *Destruction du Paganisme*, I, 369, que cita um texto de S. Jeronimo (*Obras*, t. III, p. 482, sem indicar porém a edição, e não posso pois verificar), segundo o qual os doentes que iam ficar nos templos esculapianos dormiam nas pelles das victimas, para terem sonhos propheticos.

[1] *Corpus*, II, 806.

[2] *Vicinia* é nome de mulher. Hübner, no *Corpus*, II, 806, diz que effectivamente *Vicinia* lhe parece nome proprio, mas fica hesitante, apesar de na mesma obra, n.º 821, elle se lhe deparar outra vez. Não ha duvida que *Vicinia* é nome feminino, pois no *Corpus*, VIII, 14743 (Ghardimau, na Africa), lê-se: *Vicinia Secun[di]lla vix(it) an(nos)* LXXX; *h(ic) s(ita) e(st)*. Cf. tambem W. Schulze, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*, Berlin 1904, pp. 102 e 629.

[3] *Ephemeris Epigraphica*, t. VIII, p. 379.

[4] *Corpus*, II, 653.

[5] O culto grego de Esculapio estabeleceu-se em Roma propriamente nos fins do sec. III a. C., após uma peste: vid. Preller, *Römische Mythologie*, 3.ª ed., II, 240, e Wissowa, *Religion und Kultus*, p. 253.

latino (= Ἀσκληπιός). *Hygía* (= *Hygieia*) é analogamente transcripção latina de ὑγεία = ὑγίεια «saude», e por isso synonymo de *Salus*, e deificação da mesma ideia.

O par divino constituido por *Asclepius* e sua páredra *Hygía* figura numa inscripção lapidar bracaraugustana: ASCLEPIO *et* HYGIAE *Marcus ex voto* [1], i. é: «Marco (con»sagrou este monumento) a Asclepio e Hygía, segundo o »voto (que lhes fizera)». Este par é pois parallelo a *Aesculapius et Salus*, e representa uma divindade pessoal associada a uma abstracta, como tambem *Mars et Victoria* [2].

Já o Sr. Toutain [3] observou que o culto esculapiano tinha na Lusitania caracter hellenico, deduzido dos nomes *Asclepius-Hygía* na inscripção de Bracara, e dos cognomes dos dedicantes de uma das lapides de Olisipo, — o que no seu entender resultaria talvez da presença de colonos e libertos de estirpe grega.

Accrescentarei que, a julgar das inscripções apparecidas, as divindades romanas e greco-romanas da saude não teriam no nosso solo raizes muito profundas. Os citados nomes gregos revelam-se a si mesmos como estrangeiros. A inscripção de S.ᵗ Tiago de Cacem foi mandada gravar por um medico, e apresenta pois caracter individual e formalistico. *Salus*, como divinização de uma noção abstracta, não devia cativar muito a imaginação do povo. Este possuia já numerosas divindades locaes, e era a essas, ou ás divindades anthropomorphicas de origem romana representantes d'ellas, que principalmente recorria, como o provam as inscripções em que se lê a fórmula *pro salute*.

---

[1] *Corpus*, II, 2411.

[2] Cf. H. Axtell, *The deification of abstract ideas in Roman literature and inscriptions*, Chicago, 1907, p. 93.

[3] *Les cultes païens*, t. I, pp. 336–337.

e) Divindades da guerra

6. Marte.

Marte foi primitivamente nos Romanos deus naturalistico (da primavera, do verão e do outono, deus que vencia as fôrças demoniacas, productoras do inverno)[1]; só com o andar do tempo se tornou guerreiro, qualidade essa em que elle nos apparece na epoca que estamos estudando.

No *Corpus*, II, 22, 436 e 5026, vem tres inscripções consagradas especialmente a Marte em terra hoje portuguesa, sendo as duas primeiras em memoria de pessoas fallecidas: uma é de S. Tiago de Cacem: Marti *sacrum in honorem G(aii) Pag(usici) Marini: Pag(usica) Mariane* (= Mariana) *fratri pientissimo*[2]; outra é de Tomar: *Marti sacrum: Allia Amoena in honorem* T. AEMILI MARTIANI FILI FECIT[3]; outra é de Idanha-a-Velha: Marti *V..cs Comin[ius] Mom. f(ilius)*[4]. D'esta ultima localidade trouxe ultimamente o Dr. Felix Alves Pereira para o Museu Ethnologico uma ara, tambem consagrada ao mesmo deus, em que se lê: *Bassus, Tangini (filius),* Marti *votum l(ibens) s(olvit);* esta ara, que parece ser dos começos do sec. II, vai representada na fig. 121.ª[5]. Em communidade com outros deuses, te-

Fig. 121.ª (Ara do Museu Ethnologico)

---

[1] Vid.: Preller, *Römische Myth.*, I (3.ª ed.), 333 sqq.; *Lexikon der griech. u. röm. Myth,* de Roscher, IV, 2399 sqq.

[2] *Corpus,* II, 22.

[3] *Corpus,* II, 5026 (p. 693).

[4] *Corpus,* II, 436.

[5] Vid. F. Alves Pereira, *Ruinas de ruinas,* I, 22 (separata d-*O Arch. Port.*, vol. XIV).

mos além d'isso em Portugal, numa inscripção que mais adiante reproduzirei [1], um *Genius Martis* [2].

Da Galliza ha duas inscripções. Uma d'ellas diz: MA[RTI] *patri Tib(erius) Iunius, Tib(erii) fil(ius), Quir(ina), Quadratus, domo Roma, praef(ectus) equit(um) al(ae)* II *Fl(aviae) Hisp(anorum) c(ivium) R(omanorum)*.. [3], na qual se affirma bem o caracter militar, tanto do deus, como do dedicante, que estava domiciliado em Roma (*domo Roma*). A outra: MARTI *aug(usto) sacr(um). C(aius) Sevius Lupus, architectus Aeminiensis, Lusitanus, ex vo(to)* [4].

Quanto á Lusitania hespanhola, Marte recebeu culto em Cañamero [5], em *Turgalium* [6] e em *Emerita*, onde teve um templo [7].

Segundo diz o Sr. Toutain, o Marte invocado nas inscripções hispanicas differia do *Mars militaris* dos Romanos, e tinha o aspecto de deus protector dos homens, assimilado a um deus local [8]. A isto observarei que, se não ha duvida que na Peninsula se instituiu equiparação entre o Marte romano e alguns deuses ibericos, como se mostrou nas *Religiões*, II, 305–307, ninguem negará porém que pelo menos na primeira inscripção citada da Galliza e na de Emerita o deus Marte fosse o romano; quanto ás da Idanha, é tambem muito provavel que o Marte ahi invocado tivesse feição militar, visto que nessa localidade existiam outros cultos de divindades guerreiras (cf. adiante,

---

[1] *Corpus*, II, 2407.

[2] Hübner, no *Corpus*, II, 2473, cita como de Marte mais uma inscripção de Portugal, onde eu porém, que já examinei a lapide, não posso reconhecer esse deus.

[3] *Corpus*, II, 2600. [4] C. II, 2559 e 5639.

[5] *Additamenta nova*, p. 47. Diz: *Marti Aucrs Tinus Sereu[i] (filius) v. s. m.*

[6] *Corpus*, II, 619. Começa: *Marti sac(rum)* e termina pela formula *s. l. a.*, havendo no meio lettras difficeis de interpretar.

[7] *Corpus*, II, 468. Diz: *Marti sacrum Vetilla Paculi.* A respeito do templo, vid. Hübner, *La Arqueología*, p. 248.

[8] *Les cultes païens*, I, 259. — Cf. Richter, *De deor. barbar. interpretatione Romana*, Halle 1906, p. 41.

p. 268), adoradas em varios santuarios ou em um santuario commum; a respeito das outras inscripções nada posso accrescentar ao que se lê nellas.

*

Reproduzo na fig. 122.ª a pedra de um anel de ouro achado numa sepultura em Benafim, freguesia de Alte, concelho de Loulé, na qual pedra se representa Juppiter sentado, e Marte de pé, um com sceptro e um feixe de raios, e a respectiva aguia junto d'elle, e o outro com escudo e lança [1]. A sepultura é do sec. v ou posterior, pois encerrava conjuntamente com o anel um triente de Eudoxia (421–450), esposa de Theodosio II [2]; todavia as divindades gravadas na pedra mantém as posturas classicas, e por isso as incluo aqui.

Fig. 122.ª (Pedra de anel achada no concelho de Loulé)

2. Victoria.

Com quanto a Victoria pertença ao grupo das divindades que representam personificações de qualidades e actos, das quaes ulteriormente me occuparei, trato d'ella agora, por causa das suas intimas relações com Marte.

Em Idanha-a-Velha (Beira), região dos *Igaeditani,* houve na epoca lusitano-romana um ou mais santuarios em honra de divindades guerreiras, pois no paragrapho antecedente vimos duas inscripções de lá, dedicadas a Marte, e no vol. II d'esta obra, pp. 296–302, publicaram-se duas inscripções consagradas por soldados lusitanos á deusa nacional Trebaruna e á Victoria romana. A estes testemunhos aggregue-se o de mais uma inscripção que vem no *Corpus,* II, 457, assim concebida: *Rufus, Tangini f(ilius),* Victoriae *v(otum) s(olvit),* — embora aqui o dedicante se mostre sem caracter militar, pelo que a deusa poderia ter

[1] *O Arch. Port.,* XII, 367.

[2] *O Arch. Port.,* XIII, 355–356.

sido invocada, não por causa de uma victoria de batalha, mas em sentido mais geral [1].

Inscripção analoga a antecedente é a que se vê na ara que vae copiada na fig. 123.ª: VICTORIAE *Curius Privatus v(otum) l(ibens) s(olvit)*. A ara, que existe hoje no Museu da Figueira, é de granito, de 0m,54 de altura, e appareceu na Povoa da Atalaia, concelho do Fundão [2]. Este concelho confina com o da Idanha; poderemos pois admittir que o monumento da Victoria pertencia tambem aos *Igaeditani* [3].

Fig .123.ª (Lapide do Museu da Figueira)

De um templo da Victoria nas proximidades de Midões,

---

[1] Cf. Toutain, *Cultes païens*, I, 435-437. O illustre auctor, para sustentar que a Victoria, alem de caracter militar, possuia caracter civil, cita uma inscripção de Moguncia em que uns *signiferi* consagram um monumento a Marte, ao Genio e á Victoria, pela *immunitas* que os habitantes do *castellum Mattiacorum* lhes haviam concedido; mas aqui, comquanto a «victoria», ou vantagem obtida, seja civil, nem por isso a devoção deixava de ser militar, como o mostra o cargo dos dedicantes, e a associação da Victoria com Marte.

[2] Vid. *Boletim da Soc. Arch. «Santos Rocha»*, I, 217. Ao Sr. Dr. Santos Rocha, preclaro auctor do artigo, agradeço o ter-me facultado a gravura que reproduzo aqui.

[3] Como em S. Salvador, aldeia situada entre Monsanto e Valverde, appareceu uma inscripção que marca os limites que se-

outra localidade da Beira, mas no concelho de Táboa, falla a seguinte inscripção: VICTORIAE *templum C(aius) Cantius Modestinus, ex patrimonio suo* [1], — tambem sem o dedicante se revelar como soldado. Da mesma localidade resta alem d'isso um fragmento epigraphico que diz VIC . . ÆT [2], o que poderá significar *Vic(toriae) aeternae* [3].

Do *genius Victoriae,* que figura na inscripção polythea de Vizella, fallarei quando me occupar d'esta inscripção.

Fig. 124.ª (Estatueta da Victoria vista por dois lados)

Fóra do nosso territorio, temos um letreiro na cathedral de Ciudad Rodrigo, muito falho, onde unicamente se lê VICTORIAE.

São estes os documentos lapidares do culto lusitano-romano da deusa Victoria. A par d'elles existem dois objectos artisticos: uma estatueta do bronze, e uma lucerna.

---

param os *Igaeditani* dos *Lancienses Oppidani*, é natural que esses limites passassem pela referida aldeia, ou perto. Cf. *Religiões*, II, 32, n. 7.

[1] *Corpus*, II, 402. [2] *Corpus*, II, 5245.

[3] *Corpus*, II, p. 1130.

A estatueta appareceu no concelho de Alcobaça, e foi já publicada n–*O Archeologo*, v, 81 [1]: reproduzo agora a gravura na fig. 124.ª, tamanho natural (em duas posições).

A lucerna é de barro vermelho (vid. fig. 125.ª, em dois terços do tamanho natural); no seu anverso vê-se figurada a deusa, como que em movimento, alada, diademada, vestida de tunica, e com uma corôa na mão direita, e uma palma na esquerda. Provém de uma sepultura de incineração do Paul, freguesia de S. Estevão, concelho de Tavira, e é actualmente do Museu Ethnologico [2].

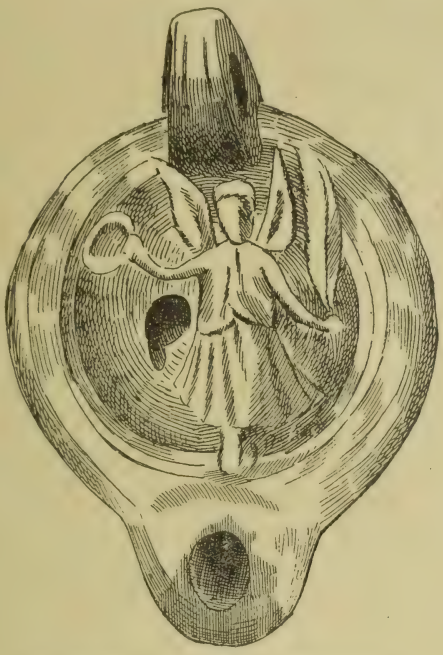


Fig. 125.ª (Lucerna do Museu Ethnologico)

[1] Pertence ao Sr. Vieira Natividade. Tornou a ser publicada: na *Portugalia*, t. I, est. XXVII, e no *Essai sur l'art* do Sr. Pierre Paris, t. II, p. 217, o qual diz: «il faut quelque bonne volonté »pour reconnaître la déesse légère, ailée, délicate qui dut servir de »modèle au rude fondeur»; ainda assim, apesar da rudeza da estatueta, o desenho apresentado pelo douto archeologo de Bordeus, e que serviu de base a este julgamento, é um pouco inferior ao d–*O Archeologo*.

[2] Pertence á collecção algarvia organizada por Estacio da Veiga.

f) Minerva

Além de figurar numa inscripção de Vizella, consagrada a um grupo de divindades (vid. adiante), figura na inscripção que transcrevo aqui ao lado, e que estava gravada em uma pedra apparecida no Vallado (Alcobaça) no sec. XVIII [1]. O texto acha-se infelizmente incompleto: MINERVA[E] *sacrum in memor[i]am Cari[si]ae, G(aii) f(iliae), Quintillae*....

MINERVAe
SACRVM
INMEMORi
AM·CARIsi
AE·G·F·QVI
nTILLAE..
...NIA....

A deusa, se tinha attributos guerreiros, como Pallas, e personificava os actos intellectuaes (*Minerva* = *Menerva*, da raiz de *memini* = *me-min-i*, «lembro-me» [2]), protegia tambem as corporações (*collegia*) de mesteiraes e as industrias femininas [3], pelo que se lhe adaptava bem o culto que em memoria de Çarisia Quintilla, ao tempo já fallecida, se lhe presta na nossa inscripção; comtudo não faltam nas inscripções do *orbis Romanus* testemunhos de que Minerva desempenhava ao mesmo tempo funcções de divindade curandeira, honrada sobretudo a tal proposito na Italia Superior, em cujos monumentos epigraphicos a intitulam *Minerva medica* e *Minerva memor* [4].

g) Mercurio

São de diversas especies os documentos concernentes a Mercurio, este deus do commercio, como o seu nome o diz (derivado de *merx* «mercadoria»), dos negocios, dos via-

---

[1] *C.* II, 351.

[2] Walde, *Lateinischer Wb.*, s. v.

[3] Preller, *Römische Mythologie*, I (3.ª ed.), 294.

[4] *Corpus*, XI, 1292-1310. É por mero acaso que, ao passo que nalguns d'estes textos se lê *Minerva memor*, no do Vallado se lê *in memoriam:* nada tem uma cousa com a outra, pois *in memoriam* é fórmula vulgar (cf. *Corpus*, t. II, p. 1202), e na nossa inscripção tem sentido semi-funerario.

jantes que andavam por terra e por agoa, dos ladrões, da eloquencia: inscripções, estatuetas *(Mercurioli)*, e alem d'isso objectos de uso ou artefactos onde elle figura a titulo de emblema ou de ornato.

Das inscripções, uma é a polythea de Vizella, em que Mercurio apparece associado a varios deuses, e a qual, como já disse noutros lugares, deixo para um capitulo proprio; as restantes, em numero de cinco, trazem o deus sòzinho, e especificá-las-hei aqui.

Duas pertencem á antiga *Olisipo:* n.os 180 e 181 do vol. II do *Corpus*, — aquella dedicada a favor da saude de um dos Cesares, com permissão dos decuriões, por um individuo de cognome greco-latino; esta dedicada por um *augustalis*. A terceira inscripção está numa lapide embutida numa parede da igreja de Enfias, concelho de Fornos de Algodres (Beira-Alta), e diz: DEO || MERCURI(O) || *Aponius* || *Sosumus* || *a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit)* || [1]; o cognome *Sosumus* suppunha Hübner que poderia ser corrupção de *Zosimus* [2], e foi isso talvez o que levou o Sr. Toutain a dizer que elle era grego [3], mas tal nome lê-se noutra inscripção da Hispania, na fórma *Sosumu* [4], e relaciona-se certamente com *Sosus, Sosius* e *Sosiola,* que constam de muitos textos epigraphicos extra-peninsulares [5]. A quarta inscripção é de Cáceres, na Lusitania hespanhola: *Mon[t]anus Pelsini f(ilius)* MERCURIO *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)* [6], onde só ha notavel o nome barbaro *Pel-*

---

[1] *Corpus,* II, 425. Já examinei a lapide *in loco.* É um rectangulo de granito, de 0m,30 × 0m,25. A parede está caiada, mas a lapide sobresae sem cal; só as letras estão pintadas de preto. Na 2.ª linha falta *o,* por não caber. Altura das letras: 0m,05.

[2] *Corpus,* II, *loco citato.* No index appõe-lhe asterisco indevidamente.

[3] *Les cultes païens,* p. 298.

[4] *Corpus,* II, 5856.

[5] Vid. Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz,* s. v.; elle decompõe o nome em *Sos-umus.*

[6] *Corpus,* II, 730.

sinus, do pae do dedicador [1]. A quinta e ultima inscripção não é da Lusitania, é da Betica portuguesa, mas fallo

Fig. 126.ª (Lapide do Museu Ethnologico)

d'ella pelas razões expostas no vol. I, d'esta obra, p. XXIV: está gravada num cippo que foi achado em Belmeque, concelho de Moura, e que vae desenhado na fig. 126.ª [2].

---

[1] Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz,* s. v., dá-lhe como feminino [*Pelsin*]*a,* segundo a restituição que Hübner fez numa inscripção funeraria asturica (*Corpus,* II, 5750); mas essa restituição é manifestamente mais que duvidosa, e *Pelsina* não devia figurar no *Thesouro* de Holder.

[2] Este cippo, que está hoje depositado no Museu Ethnologico, offereceu-m'o em 1889 o fallecido D. José de la Feria y Ramos, de quem fallei n-*O Arch. Port.,* V, 231-236; a inscripção publiquei-a pela primeira vez na *Stemma* (de Portalegre), 1892, d'onde se fez separata (folheto de 4 paginas, intitulado *Inscripção*

Estatuetas de Mercurio conheço duas, ambas de bronze, e achadas em territorio português: em Casal-Comba, concelho da Mealhada (Beira) [1]; e no Monte-Molião, ao pé de

Fig. 127.ª (*Mercuriolus* do Museu de Gaia: visto por dois lados)

Lagos (Algarve) [2]. A do Casal-Comba, de 0^{m},222 de altura, foi já publicada duas vezes [3], e torna o sê-lo agora

---

inedita de Mercurio): ahi mostrei que as duas primeiras letras da inscripção podem significar *M*(*arcus*) *I*(*unius*) vel *I*(*ulius*), e que a terceira é a inicial de um cognome desconhecido, devendo o mais ler-se assim: *p*(*osuit*) *ex voto Mercu*[*rio*].

[1] Pertenceu á collecção archeologica organizada por Marciano de Azuaga, e acha-se hoje no Museu de Gaia.

[2] Offerecida pelo Dr. Soares de Azevedo a Estacio da Veiga, e actualmente no Museu Ethnologico.

[3] N-*O Arch. Port.*, I, 24-25; na *Portugalia*, II, 233.

na fig. 127.ª, com duas vistas, de frente e de costas [1]: o deus está nu, de pé, faltando-lhe já a perna e o braço esquerdos; o cabello, cingido por uma *infula,* cae em tranças, calamistrado, em toda a volta da cabeça; o chapeu (*pétasus*) devia ter asas, que estão quebradas; ha asas no unico pé que resta; da mão direita pende, como symbolo do negócio, a bolsa (*marsupium*) em fórma de losango. — A estatueta do Monte-Molião, de 0^{m},075 de altura, é agora, como creio, publicada pela primeira vez na fig. 128.ª: nella se vê Mercurio nu, de pé, com o caduceo (falho no meio do cabo e na extremidade) seguro pela mão esquerda e encostado ao ombro, a parte superior da bolsa na mão direita (a parte inferior falta), e o petaso alado na cabeça sobre cabelleira tosca. — Ao passo que a estatueta de Casal-Comba é de bello estilo, com caracteres archaicos [2], a do Monte-Molião apresenta feições grosseiras, embora ostente certa elegancia no seu conjunto. Com a primeira encontrou-se uma moeda de Constantino (sec. IV), o que nos indica a data do ultimo possuidor da estatua [3]. Quanto á segunda, não sei de particularidades archeologicas do seu achado; sòmente posso dizer que no Monte-Molião apparecem com frequencia antiguidades romanas de differentes epocas. Devemos entender que estas estatuetas faziam parte de algum santuario ou de algum *lararium* [4], onde haviam sido postas *ex voto,* como outras muitas de bronze,

Fig. 128.ª (*Mercuriolus* do Museu Ethnologico)

---

1 Extrahida d-*O Archeologo Português* (*loc. cit.*). — Esta estatueta acha-se hoje em Villa Nova de Gaia no Museu Municipal, denominado «de Azuaga».

2 *Portugalia,* II, 240.

3 *Portugalia,* II, 240.

4 Cf. *O Arch. Port.,* I, 23.

prata e ouro, que existem em museus, ou de que fallam as inscripções [1].

Citarei agora alguns artefactos com a imagem de Mercurio: uma lucerna do sec. I ou II, pertencente ao Museu de

Fig. 129.ª (Lucerna do Museu Ethnologico)

Faro, e já publicada n-*O Archeologo,* II, 27, — a qual tem no campo o busto de *Mercurius cadúcifer,* com o *pétasus*

[1] Cf.: *Religiões,* II, 348; e *Portugalia,* II, 240, nota 1; bem como o meu citado opusculo *Inscripção inedita de Mercurio,* p. 2. De um *signum aureum* «estatueta de ouro», do peso de 5 libras (= 1637ᵍʳ,25), consagrado a Mercurio, e achado perto de Arjona (Hespanha), dá-se noticia no *Corpus,* II, 2103.

alado (vid. fig. 129.ª)[1]; um vaso de vidro, proveniente do Pombalinho, e hoje no Museu Ethnologico, do typo reproduzido supra, p. 187, fig. 79.ª, em cujo fundo se estampou um busto semelhante ao da lucerna, estando porém o caduceo encostado ao ombro esquerdo (vid. fig. 130.ª),— talvez do sec. II[2]; um *aequipondium* «peso de romana» de bronze, de 0^{m},125 de altura, que está na Bibliotheca Nacional de Lisboa[3], e representa o busto do deus, vestido e afibulado no ombro direito, com um objecto, que parece cornucopia, encostado ao ombro esquerdo, e pétaso alado na cabeça, com uma argola entre as asas, a qual se prendia na balança (vid. fig. 131.ª)[4]. — Devemos entender que, se hoje os

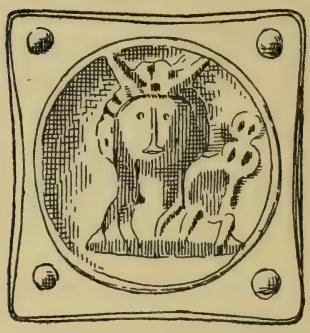


Fig. 130.ª (Fundo de um vaso do Museu Ethnologico)

[1] Como é sabido, as lucernas romanas são frequentemente ornamentadas com imagens de divindades. De outra com a figura e emblemas de Mercurio se falla por exemplo na *Revue Archéologique*, VIII, 247. Ha quem classifique as lucernas em *sagradas, sepulcraes* e *profanas,* suppondo que as da primeira classe, isto é, com assuntos religiosos, serviam para alumiar os *lararia;* mas eu sei de lucernas d'essa especie apparecidas em sepulturas, — o que mostra que a classificação não é rigorosa.

[2] Em Portugal não conheço outros exemplares de vasos de vidro estampados senão os do Pombalinho. No Museu Ethnologico Português ha tambem um fundo de vaso d'essa especie, que eu trouxe de Roma. O vaso do Pombalinho foi-me offerecido para o Museu pelo Sr. Barão de Almeirim, a quem não é esta a unica vez que me refiro na presente obra. Cf. supra, p. 187 e n. 5.

[3] Não sei ao certo se foi achado em Portugal; mas é provavel que sim.

[4] São frequentes nos museus *aequipondia* semelhantes: vid. por ex. Babelon & Blanchet, *Catalogue des bronzes antiques,* Paris 1895, p. 158; Reinach, *Antiquités nationales* (Bronzes figurés), p. 156; Rich, *Dict. des antiquités,* s. v. «aequipondium». No Museu Capito-

crentes gostam de se utilizar de artefactos que tem emblemas religiosos, por exemplo, medalhas de relogio com cruzes, o mesmo faziam os crentes de outr'ora. É por isso que, ao tratar da religião lusitano-romana, aproveito lucernas, pesos e outros artefactos em que ha esses emblemas; embora não sejam propriamente objectos de culto, são-no comtudo de devoção [1].

Fig. 131.ª (*Pondus* da Bibliotheca Nacional)

Em todos os monumentos a cima mencionados, Mercurio conserva a physionomia classica, ao contrário do que por exemplo aconteceu na Gallia, onde elle foi assimilado a divindades indigenas, como o provam numerosos textos epigraphicos [2]; nas nossas inscripções apenas são indigenas alguns nomes de dedicantes ou dos paes d'elles.

---

lino, em Roma, está exposta uma *statera* com um *aequipondium* mercurial muito semelhante ao nosso; ao pé ha outros bustos de varias figuras. Tambem no Museu de Perugia vi um *aequipondium* como o da Bibliotheca de Lisboa.

[1] De um Hermes que faz parte de uma scena mythologica figurada numa pátera que appareceu na Beira-Baixa, em uma sepultura, fallarei na secção III; não fallo aqui, porque Hermes não desempenha na scena o papel principal.

[2] Epithetos de *Artaius, Cissonius, Moccus,* etc. Cf. tambem Cesar, *De bello Gallico,* VI, 17 (segundo a *interpretatio Romana*): .. *deum maxime Mercurium colunt.*

h) Venus e Cupido

1. Venus.

Venus entra na inscripção polytheistica de Vizella[1], e figura com epithetos em duas inscripções especiaes: uma, consagrada por uma mulher em intenção de sua filha; outra, consagrada por um medico.

A primeira, que appareceu em 1808 em S. Tiago de Cacem, diz: Veneri *victrici aug(ustae) sacr(um) in honorem Luciliae Lepidinae. Flavia Titia filiae pientissimae*[2].

Fig. 132.ª (Lapide de Mérida)

A segunda, que appareceu em Mérida, soa assim: Veneri *victrici L. Cordius Symphorus, medicus. Sacr(um) ex voto*[3]. Na fig. 132.ª dou uma gravura do respectivo monumento, que hoje está no Museu Archeologico de Madrid[4].

O mythologo Preller[5], seguido por Wissowa[6] e Toutain[7], diz que os Romanos identificaram *Venus victrix* com a *Victoria;* mas este epitheto, se se applica pleonasti-

---

1 *Corpus,* II, 2407. 2 *Corpus,* II, 23.

3 *Corpus,* II, 470.

4 Ao Sr. Alvarez Ossorio, funccionario do mesmo Museu, agradeço a photographia que me mandou, e que serviu para se fazer a gravura.

5 *Römische Mythologie,* 3.ª ed., I, 442.

6 *Religion und Kultus der Römer,* pp. 237–238.

7 *Les cultes païens,* I, 384.

camente á Victoria[1], applica-se tambem a outras deusas, v. g. Diana, Fortuna, Juno, Minerva[2]. Não era impos-

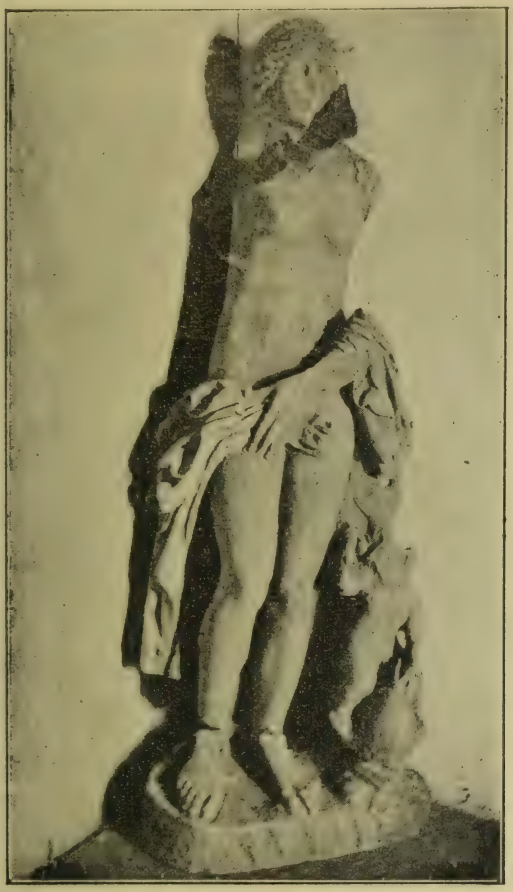


Fig. 133.ª (Estatua de Venus: Mérida)

sivel que o medico que figura na inscripção de Merida fosse militar; mas o texto não o declara, como noutras acon-

[1] Vid.: Toutain, *Les cultes païens*, I, 433; e Axtell, *The deification of abstract ideas*, etc., Chicago 1907, p. 88.

[2] Vid. Carter, *Epitheta deorum*, Leipzig 1902, p. 153.

tece: *medicus legionis Fl(aviae)* [1], *medicus coh(ortis)* [2], *medicus legionis* VIII *Cl(audiae)* [3], *medicus dupliciarius* [4]. Em todo o caso a aguia que se vê esculpida na parte inferior da lapide relaciona-se sem duvida com o epitheto de *victrix* dado a Venus, porque esta ave era adorada entre as divindades militares [5], a sua imagem constituia a insignia da legião romana, e o apparecimento de aguias no ceu, ou por occasião de batalhas, ou de marchas guerreiras, significava para os soldados romanos agouro de victoria [6]. Visto que o texto falla de um medico, não poderia na palavra *victrix* subentender-se a ideia de *malorum* vel *morborum?*

Á inscripção de S. Tiago de Cacem, como se vê da expressão *in honorem,* que já temos encontrado noutras inscripções, é de caracter funerario, ou semi-funerario.

Ha annos appareceu junto de Mérida, no Cerro de San Albin, conjuntamente com os monumentos mithriacos que cito nos respectivos lugares, uma estatua mutilada de Venus, hoje no museu emeritense, a qual só conheço pela photographia reproduzida na fig. 133.ª [7]: a deusa está de pé num pedestal, e ampara com a mão esquerda o peplo, que lhe passa a diante das coxas e se lhe dobra no braço esquerdo, caindo o resto ao longo da perna direita; ao seu lado esquerdo vê-se Cupido a cavallo num golfinho, que pousa no mesmo pedestal. Temos aqui um dos typos classicos da Venus marinha [8].

---

[1] *Corpus,* III, 3537.

[2] *Corpus,* III, 7490 e 10854.

[3] *Corpus,* III, 14216[3].

[4] *Corpus,* VII, 1144; X, 3441, 3442, 3444.

[5] Com o titulo de *aquila sancta:* vid. *Corpus,* III, 6224, e o *Lexikon* de Roscher, s. v. «aquila sancta».

[6] Tacito, *Annaes,* II, 17, e *Histor.,* I, 62.

[7] Devo-a ao obsequio do Sr. D. José Ramón Mélida, director do Museo de Reproducciones (Madrid).

[8] Vid. estátuas semelhantes em Salomão Reinach, *Répertoire de la statuaire,* I (23 ed.), 330 e 333.

2. Cupido.

Propriamente do culto de Cupido conhece-se só uma inscripção, a de Vizella, em que elle apparece com sua mãe Venus, e com outros deuses [1]. Mas, considerando imagens de Cupido (= Eros) as multiplices figuras de Genios alados que á arte antiga aprouve espalhar por toda a parte, achamos na Lusitania varios monumentos em que se representa o deus do amor. De um d'elles, a tampa de um sarcophago do museu municipal de Elvas, fallarei quando tratar da necrolatria; dos restantes fallarei agora.

Temos em primeiro lugar tres fragmentos artisticos de uma caixa de marfim, do sec. II ou III, encontrados na célebre necropole de Alcacer do Sal, a que me referi supra, p. 13, e ora no Museu Ethnologico, para onde foram

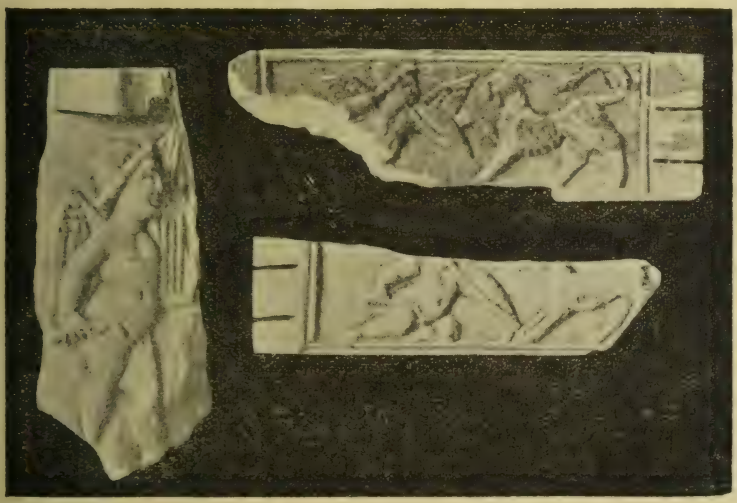


Fig. 134.ª (Caixa de marfim do Museu Ethnologico)

do de Bellas-Artes: fig. 134.ª São esculpturados em baixo-relevo. No fragmento mais largo o Amor, diademado, está

[1] *Corpus*, II, 2407. —Vid. adiante.

de pé, com o plectro na mão direita, e a cithara na esquerda. No fragmento de baixo o Amor, em typo de gladiador, com uma arma (*pugio?*) na mão direita, e um escudo embraçado no braço esquerdo, luta meio de joelhos com um quadrupede: ao deus falta a cabeça e parte das asas; ao quadrupede falta parte da cabeça e da cauda. Finalmente, no fragmento de cima, o Amor, diademado

Fig. 135.ª (Esculptura do Museu Ethnologico)

como o primeiro, e com um escudo no braço esquerdo, como o segundo, luta do mesmo modo com um quadrupede (leopardo?); falta já o corpo, do meio do tronco para baixo, e o braço direito, embora devamos suppor que a figura era igual á antecedente. Resta ainda um quarto fragmento da caixa, que não contém nenhum relevo. — No livro em que Kanzler trata dos marfins do Vaticano ha placas comparaveis no assunto ás nossas, porém não no estilo [1].

Além dos fragmentos que descrevi agora, possue o Mu-

[1] *Gli avori dei Musei profano e sacro della Biblioteca Vaticana*, Roma 1903, est. XI e XII (*genietti alati* dos sec. II a IV).

seu Ethnologico uma esculptura de marmore branco, infelizmente tambem mutilada, que o incansavel Estacio da Veiga encontrou nas thermas de Milreu (Algarve): fig. 135.ª O monumento, de 0m,22 de altura, representava um Amor, nu, a cavallo num golfinho, á superficie das ondas do mar; do golfinho só resta porém a parte anterior do corpo, e do Amor só os membros inferiores [1]. Regulando-nos por outros monumentos que estão completos, existentes em museus estrangeiros, podemos restituir theoricamente o nosso, como se vê na fig. 136.ª [2]. O Amor (Cupido, Eros), ou outros personagens mythicos, a cavallo em golfinhos, são typos frequentes na arte antiga, — estatuaria [3] e numismatica [4]: lendas de Taras (heroe eponymo e fundador fabuloso de Tarento), e de

Fig. 136.ª (Restituição thoorica da fig. 135.ª)

[1] A esculptura é limitada posteriormente por uma haste vertical que termina em esphera.

[2] Vid. por ex. Reinach, *Répertoire,* t. II, p. 468, fig. 8. E cf.: Montfaucon, *Antiquité expliquée*, vol. I, p. 184, e est. a p. 74.

[3] Vid. as obr. cit. na n. 2; e Pausanias, *Laconia,* c. 25.

[4] Head, *Historia numorum,* pp. 44, 45, 50, etc.; Babelon, *Monnaies de la république romaine,* I 383, e II 153.

Arion (citharédo da ilha de Lesbos), ambos escapos miraculosamente de perigos pela intervenção de golfinhos que os levam no dorso pelo mar fóra. — Como se disse a cima, o monumento algarvio appareceu numas thermas. O caracter marinho d'elle corresponde perfeitamente ao local em que estava, pois é sabido que tambem nos mosaicos das piscinas de Milreu, o que póde ver-se no Museu Ethnologico, se figuravam animaes aquaticos [1]. Por outro lado, diz-nos a epigraphia que nos banhos se collocavam estatuetas de Cupido: *porticum ad balineum solo suo cum piscina et signo Cupidinis .. de pecunia sua d(edit) d(edicavit)*, — como se lê num texto lapidar de *Cártima* (Betica) [2]. No Museu de Napoles ha uma esculptura (com o n.º 6375) que representa o Amor a cavallo num golfinho, «ornamento di fontane», interpretação que concorda com a que a cima dei da nossa.

Nos nossos monumentos, como em geral nos do orbe romano, Cupido-Amor-Eros apparece mais com caracter artistico-mythologico, do que propriamente com caracter religioso, ainda que não se poderá dizer de modo tão absoluto como diz Furtwängler que nunca os Romanos lhe prestaram culto [3].

---

[1] Cf. *Occidente*, IV, 190 (artigo de Brito Rebello).

[2] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1956.

[3] Vid. *Lexikon der gr. u. Römische Mythologie*, de Roscher, I, 1430. Nesse artigo cita o proprio Furtwängler várias inscripções cujo caracter religioso ninguem contestará: numa de Apuleia, *Corpus*, V, 741, consagra-se a Apollo Beleno Augusto um *signum Cupidinis;* numa de Cirta, *Corpus*, VIII, 6965, consagra-se a Venus um *simulacrum aereum Veneris cum aede sua et Cupidinibus;* numa de Preneste, *Corpus*, XIV, 2865, consagra-se á Fortuna um *signum Liberis* (sic) .. *et Cupidines II cum suis lychnuchis.* A nossa inscripção de Vizella, *Corpus*, II, 2407, é claramente votiva, e nella, segundo já disse, figura Cupido. Cf. tambem Axtell, *The deification of abstract ideas*, Chicago 1907, p. 51.

i) Vulcano

O que tenho de referir de *Volcanus* (ou *Vulcanus*), deus do fogo, é muito pouco, pois se cifra em uma curta notícia de André de Rèsende.

Tratando das ruinas que estão proximas de S. Tiago de Cacem, onde ha um templo de S. Brás, diz o nosso antiquario quinhentistico que possuia uma estatueta de Vulcano, feita de cobre, encontrada alli: *habeo .. ex aere Cyprio Vulcani paruum simulachrum ibi repertum* [1].

Embora não haja motivo para duvidar d'esta informação, accrescentarei que mais nenhum outro documento se conhece do culto de *Volcanus,* nem na Lusitania, nem no resto da Peninsula.

j) Hercules

De Hercules, que nas inscripções do imperio romano recebe muitos epithetos, taes como *conservator, invictus, salutaris, salutifer, tutor, victor,* dos quaes, com ajuda de outros textos, se deduz que este heroe ou semi-deus aniquilava os monstros, defendia os homens em occasião de perigo, e protegia a casa e a saude [2], ha, pelo que toca á Lusitania, tres classes de documentos, — abstrahindo de umas noticias deixadas por Cenaculo [3], e de um monumento funerario de que tratarei noutra secção: moedas, inscripções epigraphicas, e uma estatueta metallica.

As moedas são de varios typos, cunhadas em Salacia no sec. I. Na fig. 137.ª dou um espécime d'estas moedas, segundo um exemplar existente no Museu Ethnologico (*asse*): no anverso vê-se a cabeça de Hercules com a pelle

---

[1] *De Antiquitatibus Lusitaniae,* Evora 1593, fol. 188.

[2] Cf.: Wissowa, *Relig. und Kultus der Römer,* pp. 219–233; Toutain, *Les cultes païens,* t. I, pp. 400-411.

[3] Vid.: *O Archivo Pittoresco,* XI, 237–238; *O Arch. Port.,* I, 341-342.

do lião e a massa; no reverso uma legenda em caracteres locaes, posta entre dois peixes, e com o emblema da meia-lua e globo no principio d'ella. N-*O Arch. Port.*, t. VI, est. I e II, publiquei outras moedas semelhantes. Pela legenda, que diz 𐤀𐤅𐤉𐤌 = *Euiom*, a moeda da figura junta devia ser incluida na parte da presente obra consagrada á religião protohistorica; mas ha moedas de analogos typos com legenda bilingue, i. é, local e latina, e por isso, e

Fig. 137.ª (Asse de Salacia)

porque a não inclui no seu lugar, fallo d'ella aqui, tanto mais que já supra, p. 250, citei uma moeda com o typo de Neptuno, a qual é da mesma localidade, e corresponde á de Hercules. Em todo o caso o Hercules da moeda salaciense reproduz certamente o Melqart phenicio ou carthaginês, como noutras moedas ibericas acontece [1].

As inscripções epigraphicas estão já publicadas no *Corpus*, II, 726 e 727, e pertencem a Norba, na Lusitania hespanhola. A primeira diz: HERCULI *Avi[t]a, Aviti f(ilia), v(otum) l(ibens) a(nimo) s(olvit)*. A segunda: HERCULI *C. Via[t]icus a(nimo) l(ibens) po(suit)*. São da maior simplicidade, e nada póde inferir-se d'ellas acêrca do caracter que o deus tinha para os dedicantes.

---

[1] Por exemplo nas de Gadir (= Gades) e Sexi, — tambem com a cabeça de Hercules, peixes e symbolos astraes: vid. Heiss, *Monn. antiq. de l'Espagne* [*et du Portugal*], est. LI e XLV. Em Gadir-Gades houve na antiguidade um notavel santuario em honra de Hercules (Héracles)-Melqart: vid. *Religiões*, II, 201.

A estatueta é de bronze, da epoca romana, e vae reproduzida na fig. 135.ª, extrahida d-*O Arch. Port.*, III, 64. Appareceu em 1860 no alto do Pico de Santa Tecla, na Galliza, margem direita do rio Minho, defronte de Portugal. É de cobre e bastante oxydada. Tem de altura $0^{m},18$; de largura nos ombros $0^{m},5$ [1]. O deus apresenta-se nu, barbado, com diadema ou coroa na cabeça, e tem na mão esquerda tres pomos (os da lenda das Hesperides). Do membro superior direito só resta o braço e parte do ante-braço (na mão respectiva, se ainda existisse, deveria ver-se a maça). — Esta estatueta, como tantas outras do mesmo genero, devia pertencer a um santuario, ou a um larario domestico, onde serviria de ex-voto.

Fig. 135.ª (Estatueta de bronze da Galliza)

D'estas tres classes de monumentos apenas as duas ultimas são propriamente cultuaes; a moeda figura aqui por causa do caracter religioso que tinham em geral as moedas na antiguidade.

k) Pandemonismo

Abranjo na denominação de *Pandemonismo* essa caterva de divindades vagas que os Romanos chamaram *Lares*

[1] Não vi a estatueta, mas viu-a o Dr. Figueiredo da Guerra, que foi quem me deu esta informação e o desenho que serviu para se fazer a gravura saida n-*O Archeologo*.

(usualmente no plural [1]), *Genius, Tutela,* e que constam de muitas inscripções da Lusitania. No vol. II d'esta obra,

Fig. 136.ª (Lapide do Museu Ethnologico)

pp. 191 e 198, referi-me já a taes divindades, pois, como lá disse, os seus nomes serviam muitas vezes para representarem divindades indigenas; mas, por isso que ellas tambem apparecem nas inscripções com a sua significação

[1] Tambem se encontra na epigraphia *Lar,* no singular, por exemplo *Lari viali,* numa inscripção da Dacia: *Corpus,* III, 1422. Quanto á poesia, temos num carme epigraphico da Moesia Inferior:

Lar mihi haec quondam, haec spes unica vitae,

vid. *Corpus,* III, 754. Em Vergilio, *Eneida,* IX, 259 (ed. de J. Moreira): «per.. Assarici.. *Larem*». Não vem ao caso citar mais exemplos.

propria, fiquei de tornar a citá-las na respectiva secção do vol. III, o que farei agora. — Das *Nymphas* tratei supra, p. 255 sqq.; e dos *Manes* tratarei na secção III.

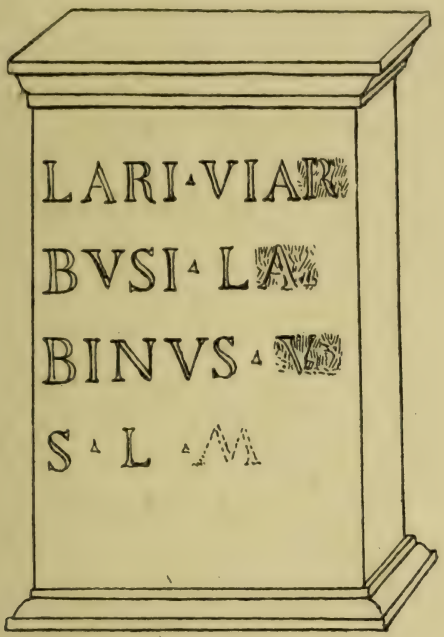


Fig. 137.ª (Lapide de *Bracara*)

1. Lares.

Com a simples designação de Lares conhecem-se duas inscripções de consagração provenientes de S. Vicente, no aro de *Norba* (Lusitania hespanhola) [1] e de Apra, concelho de Loulé [2], e uma, de leitura porém um tanto duvidosa, de Viseu [3]. Reproduzo na fig. 136.ª o desenho da pedra de Apra, a qual está hoje no Museu Ethnologico: é de calcáreo e mede 0m,55 de altura, e 0m,30 de largura; a inscripção diz: [L]ar[ibus] *sacrum* — *Pac*[*c*]*ius Fronto . . v*(*otum*) . .,

[1] *Corpus*, II, 729.
[2] *Corpus*, II, 5135.
[3] *Corpus*, II, 404.

lição que differe levemente da do *Corpus*, talvez por damnificação da pedra.

Consagradas aos LARES VIALES, ou protectores dos viandantes, temos inscripções de *Bracara* (vid. fig. 137.ª) [1], da *civitas Limicorum* (Galliza) [2], de *Lucus Augusti* (ibidem) [3], de Brandomil (ibidem) [4], e de Pepín, no *conventus Lucensis* (ibidem) [5]. Por estar ainda pouco divulgada, aqui reproduzo a última: LARIBU[S] || *Vialib*[*us*] || *Placid*[*ina*] *ex v*||*oto po*||*suit* [6].

Os *Lares* dividiam-se em *privati* ou *domestici*, e *publici* [7]. Na Lusitania houve confrarias ou *collegia*, da invocação dos LARES PUBLICI, porque em duas inscripções de Oliva, na Lusitania hespanhola, falla-se de *cult*(*ores*) *La*[*r*](*um*) *pub*(*licorum*) [8]. Quando a cima, p. 263, tratei de Esculapio, citei já uma inscripção de *Olisipo* consagrada a elle por uns *cultores Larum* [9]; comquanto se co-

---

[1] *Corpus*, II, 2417. A fig. 137.ª é extrahida de um ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa, n.º 143, fl. 86 *v*, intitulado *Noticias do Arcebispado de Braga .. pelo bispo de Uranopolis*. A lição não é correcta; deve emendar-se em: *Lari*(*bus*) *Vialibus Fl*(*avius*) *Sabinus v*(*otum*) *s*(*olvit*) *l*(*ibens*) *m*(*erito*), como se faz no *Corpus*. — A figura representa uma base: provavelmente é de phantasia, segundo o costume da epoca; só se procurou reproduzir com verdade o letreiro.

[2] *Corpus*, II, 2518.

[3] *Corpus*, II, 2572. A leitura não é absolutamente certa, mas é quasi certa.

[4] *Corpus*, II 5634. Do nome da divindade só resta o epitheto [*vi*]*alibus*.

[5] *Boletim de Orense*, III, 1.

[6] Foi publicada pela primeira vez pelo Sr. Marcelo Macías, *loc. citato*.

[7] Plinio, *Naturalia Historia* (ed. de Mayhoff), XXI, § 11. Este menciona só porém *Lares privati* e *publici*. Aos *Lares domestici* refere-se, por exemplo, uma inscripção da Pannonia Superior, no *Corpus*, III, 4160.

[8] *Corpus*, II, 816 e 817.

[9] *Corpus*, II, 174.

nheça uma inscripção de *Brixia,* na Gallia Cisalpina, mandada insculpir pelos devotos dos Lares de certo individuo particular [1], é provavel que os *cultores Larum* olisiponenses o fossem dos *Lares publici,* como nas inscripções de Oliva. Nestas últimas inscripções *Lares publici* estão certamente em relação com os *Lares augusti, L. imperiales,* ou *L. compitales* «das encruzilhadas», cujo culto foi restaurado por Augusto, como se disse no vol. II da presente obra, pp. 191–192 [2]. — Pensa Mommsen que as confrarias do genero das indicadas eram pela maior parte funerarias, isto é, encarregadas dos enterros e sepulturas de seus membros, e que as denominações divinas que ellas tem, se assemelham ás das sociedades medievaes que tinham nomes de santos, embora não se destinassem ao culto d'elles [3]. Pelo menos as duas inscripções encontradas em Oliva fallam a favor de tal hypothese, visto serem sepulcraes [4].

---

[1] *Corpus,* V, 4340. A inscripção diz: *M. Nonio, M. filio, Fab., Arrio Paulino Apro, c. i., XV vir. sacr. fac., cultores Larum eius.* (A terceira abreviatura significa *Fabia,* — tribu. As que vem mais adiante desenvolvem-se em *clarissimo iuveni, quindecemviro sacris faciundis*).

[2] Cf.: *Lexikon der griech. u. römische Mythologie,* s. v. «Lares», col. 1882; *Dict.* de Saglio & Daremberg, s. v. «Lares», p. 946, col. 1. Diz Marquardt, *Le culte chez les Romains,* I, 303: «Auguste or»ganisa .. le culte des Lares urbains par *vici* et ce sont les *Lares* »*vicorum* ou *Lares compitales* que l'on appelle *Lares publici* ou *La*»*res augusti*». A imagem do *genius Augusti* ficou occupando lugar no templo dos Lares: Ovidio, *Fast.,* V, 145, citado por Marquardt, *op. laud.,* I, 247. Vid. tambem: Allmer & Dissard, *Musée de Lyon,* t. II, Lião 1889, p. 24; G. Boissier, *La religion romaine d'Auguste aux Antonins,* 1.ª ed., t. I, pp. 154–157; Toutain, *Les cultes païens,* I, 73; *Revue celtique,* IV, 3.

[3] Vid. Schiess, *Die römische «collegia funeraticia»,* Munich 1888, p. 9.

[4] Cf. Schiess, *ob. cit.* na nota anterior, p. 13, n.º 102. — O A. equivoca-se remettendo o leitor para o n.º 316 & *a* da lista de p. 137; o numero que nessa lista corresponde ás duas inscripções é 336 & *a.*

2. Genius.

Tenha-se presente o que se leu no vol. II, p. 194, onde notei que não só havia *Genii* de sitios determinados, mas tambem de cidades, de povos e de individuos.

De um Genius macelli falla uma inscripção de *Bracara*,

Fig. 138.ª (Lapide de *Bracara*)

gravada numa pedra, cippo ou *basis*, cujo desenho se vê na fig. 138.ª [1]. Deve entender-se que no *macellum* «mer-

[1] Extrahido de um ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa, n.º 143, fl. 81, intitulado *Noticia do Arcebispado de Braga .. pelo bispo de Uranopolis* (Apêdix). O texto diz: *Genio macelli Flavius Urbicio ex voto posuit sacrum.* Cf. *Corpus*, II, 2413. — Talvez o desenho da pedra em que está a inscripção seja phantastico, pois elle parece-se singularmente com outros que estão no mesmo manuscrito, um dos quaes pelo menos é de phantasia, como verifiquei.

cado» de *Bracara* havia um recinto especial em que se adorava o *Genius,* que, como Mercurio, protegia os ven-

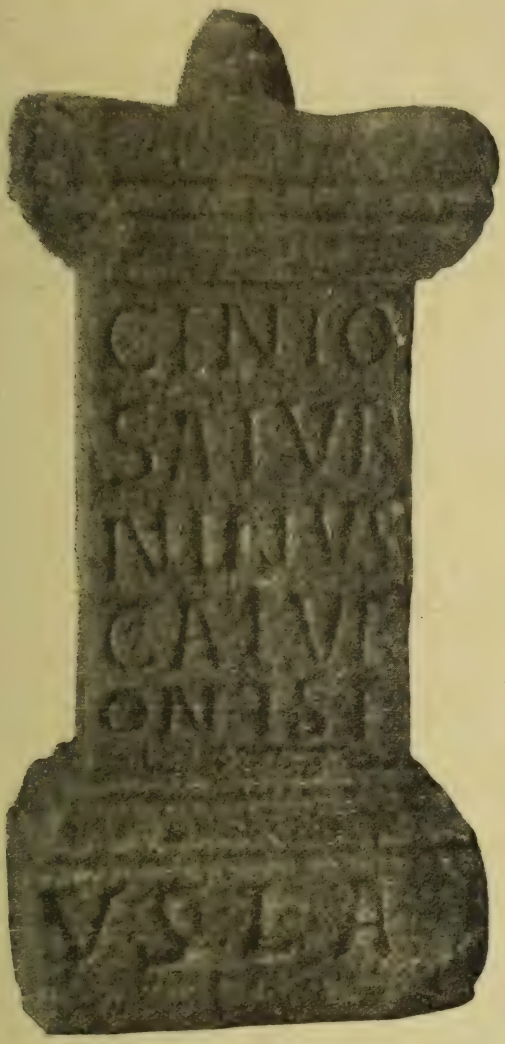


Fig. 139.ª (Lapide de Alvarelhos)

dedores. — e que nesse recinto fôra posta a lapide, provavelmente com a estatua da respectiva divindade em cima.

Factos semelhantes aconteciam em Roma [1], e noutras cidades do Imperio, por exemplo em Pompeios e em Puçol [2].

Numas ruinas de ao pé de Midões, concelho de Táboa, encontrou-se ha muito uma inscripção em que se diz que Caio Cancio Modestino consagrára dos seus bens proprios um templo ao Genio do municipio a que pertencia, cujo nome porém infelizmente não sabemos: GENIO *municípi templum C. Cantius Modestinus ex patrimonio suo* [3].

De uma lapide dedicada plausivelmente ao Genio do Povo Romano, e apparecida no sec. XVI em Avedes (Galliza), trata-se no *Corpus,* II, 2522; a inscripção está incompleta, e não póde hoje estudar-se directamente, porque se ignora o paradoiro da lapide [4].

Nas abas do castro de Alvarelhos, concelho de Santo Tirso, appareceu ha annos uma ara de granito que, por benevola attenção do Rev. Abb.e Sousa Maia, está hoje depositada no Museu Ethnologico, e vae representada na fig. 139.ª: mede de altura 0^m,70, de largura na cornija 0^m,33, e de espessura no fuste 0^m,10. A inscripção lá gravada diz: GENIO *Saturninus, Caturonis f(ilius), r(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo)*, i. é, «Saturnino, filho de

[1] Aqui ao lado reproduzo o reverso de um medio-bronze de Nero em que se representa um *macellum* com uma estátua de divindade no interior. Variante de Cohen, *Monnaies de l'Empire Romain,* t. I, 1.ª ed., p. 194, n.º 148.

O exemplar que serviu para o desenho pertence ao Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

[2] Vid. *Dict. des antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. «macellum», p. 1459. Tambem ahi, p. 1459, fig. 4740, se estampa o reverso de um exemplar da moeda de Nero parecido com o que estampei na nota precedente. — *Puçol* ou *Puzol* é o nome que AA. nossos dos sec. XVI e XVII dão á cidade que em latim se chamava *Potéoli,* e em italiano se chama *Pozzuóli.*

[3] *Corpus,* II, 401.

[4] Vid. *Boletín de Orense,* I, 30.

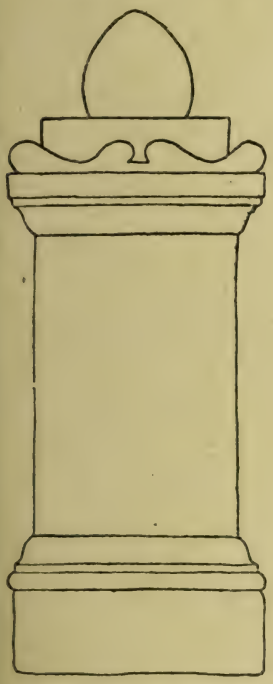
Caturão, pagou de boa mente ao Genio o voto que lhe fizera» [1]. A lapide acha-se fendida na parte média, mas a fenda não estorva a leitura. Na parte superior do monumento, ao centro, ha uma saliencia conica, que porventura representará estilizadamente uma offerenda, ou uma cabeça de cobra, imagem do *Genio* [2], ou o aspecto da chamma do sacrificio que acompanharia a dedicação do monumento [3].

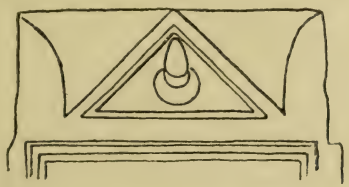
---

[1] Em 1892 Martins Sarmento mandou cópia d'este texto a Hübner, que o publicou (creio que pela primeira vez) no *Corpus*, II, 6338 *f.* Foi reproduzido na *Portugalia*, II, 124, e n-*O Archeologo*, XI, 358.

[2] Cf. *Eneida*, V, 90-96.

[3] Conheço fóra de Portugal monumentos semelhantes, mas muitos d'elles são funerarios. Pertencem a esta classe os que tem a chamada *pinha prenestina;* vid.: Schröder nos *Bonner Jahrbücher*, n.os 108–109, p. 70 sqq.; *Marmi Scritti* de Milão, pp. 71 e 165; cf. C.te Globet d'Alviella, *Symboles*, p. 137. Na França ha tambem bastantes, funerarios: vid. Auguste & Adrien Allmer, *Inscriptions de Vienne, Atlas*, n.os 234–34, 234–43–46, 269–68, e respectivo texto. Como amostra, copio aqui ao lado o contôrno do ultimo dos citados monumentos. Na mesma obra, *Atlas*, n.º 144, vem mais uma estela funeraria, terminada em frontão triangular, no qual ha um emblema de que os AA. dizem, no t. III, pp. 102–103: *un croissant surmonté d'une flamme*. Reproduzo tambem a parte superior da estela. Esta descripção não destoa da terceira das duas hypotheses que emitti a cima. No mo-





Qual era o *Genius* de que se trata no nosso monumento? Era um *Genius loci*, ou o Genio do dedicante? Como o nome da divindade não traz adjunta nenhuma indicação, e logo a baixo vem, como sujeito da oração grammatical, o nome da pessoa que mandou fazer o monumento, o mais natural é suppôr que o Genio se refere a esta. Syntaxe analoga temos, quando nas inscripções se lê *patri, matri, filio,* etc.; e ninguem duvída de que «pae», «mãe», «filho» o sejam de quem ahi figura como consagrador. Na nossa inscripção o dativo GENIO está pois provavelmente por *Genio suo;* e corresponde-lhe, com diversa syntaxe e maior emphase, mas com o mesmo sentido, o *Genio meo* que se lê no *Corpus,* II, 2407 (Vizella) [1].

---

numento de Antinoo, ultimamente descoberto na Italia, figura-se diante do ephébo um altar *qui supporte une pomme de pin entourée de figues* (vid. *Comptes rendus* da Acad. des Inscriptions et Belles-Lettres, 1908, p. 348). Na sala de Africa do Museu do Louvre ha monumentos epigraphicos, quer funerarios, quer votivos, com uma pinha no frontão. Num medalhão do arco de Constantino em Roma figura-se um sacrificio a Diana, e sobre o altar vê-se uma pinha que sobresae, ao que parece, d'entre folhas e lenha. No Museu Capitolino, no rés-do-chão, está um curioso monumento lapidar em que se representa um sacerdote a fazer uma libação sobre a chamma que parte de cima da ara. No mesmo Museu existe uma urna cineraria com uma pinha na parte superior da tampa. Outro exemplo de libação celebrado sobre uma ara em chammas temo-lo no Museu Nacional de Roma (mosaico das escadas). Na galeria das estatuas do Museu do Vaticano vê-se Thanatos (genio da morte) com uma ara anepigrapha diante d'elle, e sobre a ara uma chamma. Para remate d'estas citações, notarei que Mau, no seu livro intitulado *Pompeji in Leben und Kunst,* diz que por baixo das imágens dos Lares e Penates se vêem frequentemente em monumentos pompeianos duas serpentes junto de um altar em que estão frutos, e entre elles a mór parte das vezes um ovo e uma pinha; cf. tambem *Rev. des études anciennes,* XII, 75.

[1] Tão concisas como a inscripção de Alvarelhos são estas, de fóra da Lusitania: *Gen(io) pro salute C. Gratiani,* no *Corpus,* XII, 98; *Genio T. Iulius Augustus,* no *Corpus,* XII, 657; *Genio* [*s(acrum)*] *Lucullus Ammini fil. d.* [*s*] *p.,* no *Corpus,* VII, 10. Numa inscripção

A respeito de mais alguns *Genii* mencionados na mesma inscripção de Vizella, e dos *Genius Augusti* e *Genius Caesaris* mencionados noutras, vid. adiante. Tambem nas faces das aras e noutros objectos se vêem ás vezes Genios esculpidos [1]; acêrca do que assimilei a Eros, vid. supra, p. 283.

3. «Splendidissima civitas».

Nas costa da capella-mór da igreja velha de Bobadella havia no sec. XVIII, e não sei se ha ainda, uma lapide em que se lia, segundo a restituição feita por Hübner:

. . . . . .
SPLENDIDISSIMÆ CIVITATI
IVLIA · MODESTA · FLAMINICA [2]

Devemos entender por *splendidissima civitas* o Genio da *civitas*, embora não esteja declarado: cf. *civitati Banien-sium* numa inscripção que transcrevi a p. 223, nota 3, onde a *civitas*, i. é, o respectivo Genio, está em connexão com Juppiter. Comparavel a estas inscripções é a do *Genius municipi*, de que fallei no capitulo antecedente, p. 296; ahi comtudo está expressa a palavra *Genius*.

Do epitheto *splendidissima* tratei já a p. 172.

4. Tutela.

São só duas as inscripções em que figura o nome d'esta deusa desacompanhado de epitheto.

---

do Aragão (no *Corpus*, II, 3001, e em Bücheler, *Carmina Latina Epigraphica*, n.º 1139) lê-se: *seruaui thalamum Genio*, onde a palavra *Genio*, que vem sem nenhuma apposição, se refere manifestamente a um Genio individual, e não a um *Genius loci*.

[1] Cf. *Religiões*, II, 138 e 139. O genio de que ahi se falla é alado. Foi talvez elle, ou outro semelhante, que deu origem á lenda de que Endovellico era deus do amor (*ibidem*, p. 113).

[2] *Corpus*, II, 397. Na primeira palavra o accrescentamento do *a* não era indispensavel, pois -E por -AE é corrente na epigraphia.

A primeira das inscripções, enigmatica no que toca á segunda linha, appareceu em *Aquae Flaviae*, e diz: TUTELAE || *m. aq. lfda* || *peregrinorum* || *ex v. p.* || [1].

A segunda pertence ao *conventus Lucensis*. O seu teor é: TUTELAE || *L. Antronius* || *Avitus cum* || *filis et Zosima l(iberta)* || *ex voto* || [2].

O nome da *Tutela* tambem apparece na epigraphia com epitheto; mas este é indigena, e por isso tratei d'elle no vol. II, pp. 197–198.

Não era impossivel que mesmo algumas das inscripções citadas nos tres paragraphos precedentes se referissem a cultos locaes, assim interpretados com designações latinas, de caracter geral [3]; mas não temos outro remedio senão cingirmo-nos á letra dos textos, e attribui-las á epoca propriamente romana.

l) Divindades conjuntas

Assim como os povos catholicos, quando proferem uma oração, clamam em certos casos por *todos os santos e santas da côrte do Ceu*, não só para que, se tivessem de os individualizar, não escapasse nenhum, o que poderia causar despeitos prejudiciaes, mas para obterem, com o augmento do número dos protectores, melhor despacho ao que pedem, — assim tambem os pagãos, com intuito igual, invocavam frequentemente a totalidade das divindades, ou um grupo d'ellas, dizendo *dique deaeque omnes* [4], *ceterique dii deaeque* [5], e expressões analogas [6].

---

[1] *Corpus*, II, 5618.

[2] *Corpus*, II, 2538.

[3] Cf. *Religiões*, II, 198.

[4] *Eneida*, VI, 64.

[5] *Corp. Inscr. Lat.*, III, 14217[3] (Moesia).

[6] *Religiões*, II, 186. Vid. muitos exemplos gregos em Roscher, *Lexikon der gr. u. röm. Myth.*, s. v. «Pantes Theoi» (= Πάντες θεοί). E cf. *Rev. Archéolog.*, 4.ª serie, t. IX, p. 153.

Por mais de uma vez na presente obra alludi já ao assunto, no que toca á Lusitania: *dii deaeque omniaque numina,* numa inscripção de Panoias [1]; *ceteriq(ue) omnes di immortales,* no juramento dos Aritienses [2]. Temos tambem, como veremos noutro lugar, uns *dii* numa inscripção de Vizella. Para o bom seguimento da minha exposição, entendi dever fazer aqui estas referencias.

Com tal ordem de ideias se correlaciona de algum modo a concepção que outr'ora se formava de divindades providas de attributos de muitas (*Genii panthei*), e a respectiva representação artistica. A isto voltarei na sub secção III, § 4.

m) Divindades que representam ideias abstractas

Os Romanos divinizaram certas ideias abstractas (estados, qualidades, virtudes), do que resultou augmentar em alto grau, no decurso dos tempos, a população do seu Olympo. Algumas d'estas divindades tambem, como era natural, receberam culto na Lusitania: de umas já fallei a cima (*Salus, Victoria, Tutela*); de outras vou fallar nos paragraphos seguintes.

1. «Ivventvs».

Com o nome de *Iuentus* figura esta divindade numa inscripção da colonia de *Pax Iulia,* cuja copia nos foi conservada por Cenaculo, ainda que imperfeitamente: [*P*]*alphuri* .. [*G*]*enesis ex* [*voto*] [3] IVENTVTI. *L*(*ocus*) [*d*)*atus*)] *d*(*ecreto*) *d*(*ecurionum*) [4].

Apesar de *Génesis* figurar na inscripção como nome proprio (*cognomen* feminino) [5], todavia, visto que na lin-

---

[1] *Religiões,* II, 187.

[2] Vid. supra, p. 227.

[3] Ou palavra correspondente: *praecepto, visu,* etc.

[4] *Corpus,* II, 45. — De *Iuentus,* com *u* por *uu* ou *uv,* ha muitos mais exs.: vid. *Corpus,* t. II, p. 1190.

[5] Vid. outros exs. em De Vit, *Onomasticon,* s. v.

guagem corrente significava «gèração», «natividade», e visto que a deusa de que se está tratando protegia a gente moça que chegava a idade casadoira [1], talvez aqui se quisesse estabelecer correlação entre *Génesis* e *Iuventus*, por qualquer motivo particular que desconhecemos [2].

Da inscripção consta que a memoria consagrada á deusa da Juventude se collocou em terreno público, i. é, pertencente á colonia, e concedido pelo senado ou conselho local (*decuriones*): poderemos d'aqui inferir que essa memoria não era simples lapide com inscripção, mas sim um templo, ediculo, altar, columna, ou monumento semelhante, onde a lapide estava encravada.

2. «Pietas».

A esta deusa, com a mera denominação de *Pietas*, sem mais algum accessorio, dedica-se numa lapide de Coja uma importante inscripção com caracter funerario, ou semi-funerario: Pietati *sacrum. Iulia Modesta ex patrimonio suo in honorem gentis Sex(ti) Aponi Scaevi Flacci, mariti sui, flaminis provinc(iae) Lusit(aniae), et in honorem gentis Iuliorum, parentum suorum* [3]. Isto é: «Con»sagração á (deusa da) Piedade. Julia Modesta a fez de »seus proprios bens, em honra da familia de seu marido »Sexto Aponio Scevo Flacco, flamine da provincia da Lu»sitania, e em honra da familia dos Julios, a que pertencia »seu pae e sua mãe».

---

[1] Cf. *Lexikon der gr. u. röm. Mythology.* de Roscher, s. v. «Iuventus», col. 765-766.

[2] Hübner completa a 1.ª linha da inscripção assim: [*P*]*alphuri*[*a*] *fil.*; vid. o respectivo commentario, e o indice do volume, p. 1069. Não me parece comtudo desrazoavel que se considerasse masculina a primeira palavra da inscripção, i. é [*P*]*alphurius*, e tivessemos nella e em [*G*]*enesis* os nomes de dois jovens esposos. — De *Palphurius* ha outros exs.: *Corpus*, II, 934; e Schulze, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*, 1904, p. 206.

[3] *Corpus*, II, 396.

Á *Pietas*, acompanhada de epitheto, temos numa lapide de Tomar outra inscripção não menos curiosa, e com o mesmo caracter da anterior: PIETATI AUG(USTAE) *sacrum. Val(erius) Max(imus) in memor(iam) suam et filiarum suar(um) haec signa p(osuit)* [1]. Evidentemente aqui por *signa* ha de entender-se que Valerio Maximo consagrára ou mandára consagrar por testamento á *Pietas* varias estátuas (ou estatuetas), — uma por intenção d'elle, e as restantes pela das filhas. O que não sabemos é se as estátuas eram da deusa, ou das pessoas que figuram na inscripção. De muitas estátuas semelhantes se fallou nas *Religiões*, II, 137; a respeito da expressão *signum*, vid. o mesmo volume, p. 348. Como com outras muitas inscripções divinas acontece, nesta o nome da divindade traz o epitheto de *augusta*, sem que haja nenhuma relação conhecida com a casa imperial [2].

As duas inscripções transcritas são bellos documentos de ternura domestica. A *Pietas* presidia particularmente a ella e á ternura para com a patria. Referindo-se á noção commum da palavra *pietas*, diz Cicero: *quae erga patriam aut parentes aut alios sanguine coniunctos officium conservare monet* [3]. — A cima, p. 139, fig. 59.ª, reproduzi um denario em cujo anverso se vê a imagem da deusa, acompanhada da cegonha, seu emblema.

3. CONCORDIA.

No *Corpus*, II, 176, publica-se a seguinte inscripção, que estava gravada numa lapide apparecida em Lisboa: CONCORDIAE *sacrum. M(arcus) B(aebius), M(arci) f(ilius)*,

---

[1] *Corpus*, II, 332. Acêrca da *Pietas Augusta* vid. o *Lexikon* de Roscher, s. v. — Penso que na nossa inscripção a abreviatura AVG. se deve desdobrar como fiz, e não em *Aug(usti)*.

[2] Acêrca do epitheto de *augustus* (e *augusta*) junto a nomes de divindades romanas, vid. E. de Ruggiero, *Dizionario Epigrafico*, I, 925 e 810; e cf. Wissowa, *Religion und Kultus der Römer*, p. 76, e Toutain, *Cultes païens*, I, 223-224.

[3] *De Inventione*, II, 22.

m(uniceps) m(unicipii) Felic(itatis) Iul(iae), dat, i. é: «Con»sagração (feita á deusa da) Concordia. Marco Bebio, filho »de outro, munícipe do municipio de *Felicitas Iulia,* (lhe) »offerece (este monumento)». Vimos a p. 144 que *Felicitas Iulia* «a Felicidade de Julio Cesar» era um titulo honorifico de *Olisipo.* Por isso e pela menção do municipio, a inscripção, alem do seu valor religioso, tem tambem valor politico.

Na mesma obra, II, 465, vem uma inscripção dos fins do sec. II, ou começos do III, proveniente de *Emerita,* e concebida unicamente nestes termos: CONCORD[IAE] AUGUSTI (*sic*). Examinei a pedra, que está ainda em Mérida, onde serve de base de uma columna, e só li na 2.ª linha da inscripção: AVGVST, que póde completar-se assim: AVGVST[*ae*]. D'este modo desapparecerá o *sic* que Hübner appôs no *Corpus,* II, p. 1127, linha 2.ª da col. 1.ª, a *Concordia Augusti* [1].

A primeira d'estas inscripções é provavel que se relacione com a vida particular do dedicante, embora a razão da dedicatoria nos escape; a segunda, por causa do epitheto que a acompanha, está nas mesmas circumstancias que *Pietas* [2].

4. «PAX».

Não se conhecem inscripções lusitanas consagradas á *Pax,* mas entendo que não deve deixar de lembrar-se aqui o reverso de uma moeda da colonia de *Pax Iulia* «a Paz de Julio Cesar», onde, com allusão ao nome da colonia, a deusa está personificada em uma imagem divina. Vid. a fig. 140.ª [3]: mulher sentada e voltada para a sua direita, com

---

[1] Restrinja-se pois o que dizem, citando este texto, E. de Ruggiero, *Dizion. Epigrafico,* p. 927, e Toutain, *Cultes païens,* I, 72–73.

[2] Vid. supra, p. 303.

[3] Extrahida d-*O Arch. Port.,* vol. VI, est. II, fig. 13 (o texto vem a p. 85). — Sobre o phenomeno da personificação de paises e lugares em moedas, cf. Steuding, *Lokalpersonificationen,* no *Lexikon* de Roscher, col. 2099 etc.

uma cornucopia encostada ao lado esquerdo, e um caduceo na mão direita; no campo, dispostas uma adiante, outra atrás da deusa, as palavras *Pax Iulia*. Os attributos supra-mencionados symbolizam a paz, e a prosperidade agraria dependente d'ella, e acompanham frequentemente as imagens da deusa [1].

Fig. 140.ª (Asse de *Pax Iulia*)

5. Fortuna.

A *Fortuna* foi venerada em todo o territorio da Lusitania: em Portugal, na Lusitania hespanhola e na Galliza, o que não surprehende, em vista do caracter da deusa, como senhora do destino humano. Testemunhos do seu culto dão-no-los duas estatuetas de bronze, de differentes grandezas, várias lapides com inscripções, e uma lucerna, se é que esta ultima merece ser invocada como tal.

A estatueta maior, vae copiada na fig. 141.ª em tamanho natural, e está quasi toda coberta de pátina. Representa a deusa em uma das suas mais frequentes posturas classicas: de pé, diademada, com rêgo ao meio da cabeça, e o cabello atado em «chucho» [2] na nuca; *tunica talaris*, e por cima *palla*, que lhe passa sobre os dois ombros, com dobra porém maior no direito, avultando d'esse lado o seio por debaixo da roupagem; na mão esquerda uma cornucopia com frutos, encostada ao ombro [3]. Com a dextra de-

[1] Vid.: *Lexikon der griech. u. römischen Myth.*, de Roscher, s. v. «Pax», col. 1722; *A dictionary of Roman coins*, de Stevenson, Londres 1889, p. 613 sqq.; *Lexicon rei numariae*, de Rasche, t. VI, p. 703. Cf. tambem H. Axtell, *De deification of abstract ideas*, Chicago 1907, p. 38.

[2] Expressão trasmontana.

[3] A cornucopia é dupla, mas unifica-se na parte inferior, e está ornamentada ao meio com folhas ou petalas, de tal modo que parece que as duas semi-cornucopias emergem do calix de uma flor. De ambas cáem frutos para diante, dispostos em fórma de cachos;

via segurar um leme, mas falta. Tambem falta a parte anterior do pé direito, e nota-se igualmente uma falha na tunica, ao nivel da perna do mesmo lado, no sitio em que provavelmente se fixava o leme. A estatueta foi produzida por fundição, e retocada com buril; a parte da tunica, onde, como disse, se fixaria o leme, era embutida, e isto explica e seu desapparecimento. O alvado resultante da fundição annulou-se em parte com massa metallica. Apesar de resultar d'isso algum pêso para a estatueta, ella, como é pouco achatada, só com difficuldade se equilibrava em posição vertical: pelo que devemos entender que servia para estar encostada num *lararium* ou num templo, como ex-voto. — Este lindo objecto, que foi certamente importado da Italia na epoca lusitano-romana, e hoje pertence ao Museu Ethnologico, por generosidade e deferencia, nunca assaz louvadas, do illustre advogado e meu prezado amigo o Sr. Dr. Joaquim da Silveira, appareceu, por occasião de trabalhos ruraes, no sitio da Lameirancha, freguesia de Parceiros da Igreja, concelho de Torres Novas, onde se tem encontrado outras antiguidades de origem romana, taes como um denario de Claudio, e uma lucerna de barro, de cauda furada, objectos que o mesmo benemerito Senhor tambem enviou para o Museu Ethnologico.

A outra estatueta, que é obra do sec. I ou II, appareceu no Pombalinho (Santarem), num local onde se tem encontrado varios restos romanos[1]; adquiri-a ha tempos

---

edntro de cada uma ha um disco pousado verticalmente, e amparado atrás por um cone ou galho, — o que apresenta certa semelhança com o que se vê na cornucopia de uma moeda de Arsinoe II, reproduzida no *Dict. des antiq.* de Daremberg & Saglio, III, 1:518. — A respeito da Fortuna com duas cornucopias, vid. tambem S. Reinach, *Repertoire,* II, I, p. 264.

[1] Por falta de tempo para o redigir, não foi ainda publicado n-*O Archeologo Português* o relatorio das antiguidades de Pombalinho.

Fig. 141.ª — Estatueta da Fortuna (no Museu Ethnologico)

para o Museu Ethnologico, por intermedio do meu nobre amigo o Sr. Francisco de Moura Coutinho, que sabendo da existencia d'este objecto, e havendo reconhecido a sua importancia, se apressou a dar-me noticia d'elle. A deusa está diademada, como a antecedente, e tambem vestida de *tunica* e *palla*, mas alem de ter mutilados os membros anteriores, apresenta-se com asas (*Fortuna alata*): vid. a fig. 142.ª, de tamanho natural [1].

Fig. 142.ª (Estatueta da *Fortuna alata:* no Museu Ethnologico)

Das inscripções consagradas á deusa só ha uma realmente importante. As outras não passam de meras e simples dedicações: *Fortunae Sabina v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit)*, em Torres Novas [2]; *Fortunae sac(rum) a(nimo) l(ibens)*, em *Emerita* [3]; *Fortunae sa(crum)*, na mesma cidade [4]; *Fortunae .. ex voto,* na Corunha [5].

A inscripção mais importante está gravada num altar de pedra calcarea, que se conservou muitos annos no plintho

---

[1] Esta estatueta distingue-se bem da da Victoria: a Victoria é mais movimentada, as asas estão mais estendidas, e o braço direito projectado, para que a mão segure a corôa. Cf. *Repértoire* de S. Reinach, II, 264, e *Catalogue des bronzes* de Babelon & Blanchet, pp. 269 e 290 ss. — No Museu do Louvre, secção dos bronzes, ha uma Fortuna com a prega da *palla* deitada sobre o braço esquerdo, para trás, como aqui; mas não tem asas, e segura com a mão direita uma amphora. Fóra isto, é muito semelhante á nossa (diadema, seios, roupagem, postura).

[2] *Corpus,* II, 331.

[3] *Corpus,* II, 467. Não a transcrevo toda. A 1.ª linha da inscripção está falha: diz provavelmente *L. Statius* ou *Lutatius,* segundo pondera Hübner no commentario do texto. Á 2.ª falta um *D,* para completar a palavra *Demetrius.*

[4] *Corpus,* II, 5262. Numa árula. O texto reduz-se só a isto.

[5] *Corpus,* II, 2558. Transcrevo só parte.

FORTVNAE · AVG
SACR
ANNIVS · PRIMITIVVS
OB HONOREM
IIIIII · VIR · SVI
EDITO · BARCARVM
CERTAMINE · ET
PVGILVM · SPORTVLIS
ETIAM · CIVIBVS
DATIS
D · S · P · D · D ·

do pulpito da igreja da Senhora da Luz, ao pé de Tavira, e hoje se guarda no Museu de Faro. Pertence pois á região de *Balsa*. Aqui a transcrevo ao lado.

Esta inscripção foi publicada várias vezes por Hübner, que a attribue aos fins do sec. II ou começos do III [1]. Julgo importante copiar o que elle diz no último dos trabalhos que cito na nota. A parte do princípio, posta em italico, é a traducção do texto; o resto é o commentario. Eis a cópia: «*Consagrado á Fortuna Augusta. Annio Primitivo, pela »honra que obteve do sevirato, depois de ter exhibido um »combate de barcas e de athletas, e tambem depois de ter »distribuido dadivas aos cidadãos, deu este altar, erigido »á sua custa.* O combate de barcas, exhibido pelo rico »cidadão Annio Primitivo, que todavia não era da ordem »dos decuriões ou senadores da cidade, mas, como de ori»gem não livre, sòmente sévir dos *Augustales* (collegio de »libertos, instituido para o culto dos imperadores), effec»tuar-se-hia no rio, e o dos athletas no circo .. A pala»vra *barca*, provavelmente de origem phenicia, parece »encontrar-se neste documento pela primeira vez na litte»ratura antiga. A Fortuna, como fonte das riquezas do »doador, é muito justamente honrada por elle».—Ao circo em que Hübner suppõe se celebraria o combate dos athletas referi-me supra, p. 180. Quanto ao rio de que falla o mesmo A., entendo que a regata a que a inscripção allude não foi fluvial, mas se realizou no canal comprehendido

[1] Nas *Noticias Archeologicas de Portugal*, p. 32; no *Corpus*, II, 13; na *Revista Archeologica e Historica*, I, 34. Transcripção do texto: *Fortunae aug(ustae) sacr(um). Annius Primitivus ob honorem sexvir(atus) sui, edito barcarum certamine et pugilum, sportulis etiam civibus datis, d(e) s(ua) p(ecunia) d(onum) d(at).*

entre a costa maritima em que está a Torre d'Ares, séde da antiga *Balsa*, e uma extensa ilhota de areia que vae das alturas de Cacella ás da Fuzeta; este canal está hoje um tanto assoreado, mas antigamente devia estar desimpedido, e prestava-se perfeitamente para nelle manobrarem barcas [1]. Nesta incripção apparece-nos outra vez a palavra *augusta* como epitheto divino; aqui é muito provavel que o uso d'ella não seja totalmente sem relação com o culto dos imperadores, por isso que, segundo se viu, o dedicante era séviro augustal.

Fallarei agora da lucerna (fig. 143.ª). Esta é de barro branco, que foi primitivamente pintado, do que se conservam ainda vestigios; a cauda era perfurada, e já não está inteira. Na parte central, dentro de um circulo, como em um medalhão, vê-se a figura da Fortuna, vestida de ampla roupagem, e voltada para a direita, na sua postura classica, tal como se revela em muitos outros monumentos, por exemplo, na estatueta que descrevi a cima: com a mão esquerda ampara uma cornucopia que se encosta a todo o braço e ao ombro d'esse lado; com a mão direita toma um leme que pousa no chão, á maneira de guarda-sol, e fórma angulo com o vulto da deusa. O orificio por onde se deitava o

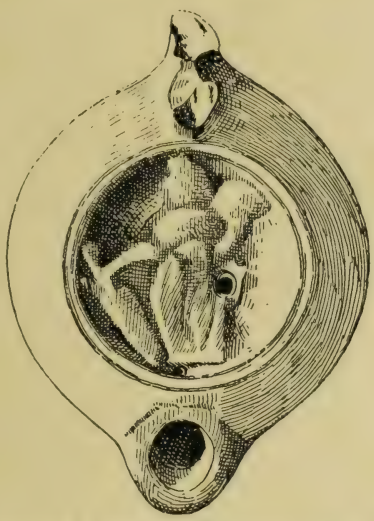


Fig. 143.ª (Lucerna da Bibliotheca Nacional)

[1] A Quinta da Torre de Ares pertence hoje ao Sr. Sebastião Tello, a cuja liberalidade inexgotavel o Museu Ethnologico deve a posse de muitos objectos archeologicos encontrados nella.

liquido combustivel atravessa uma préga da roupagem no lado esquerdo (junto da orla, aos pés da deusa, ha outro orificio menor). O *rostrum* ou *myxa* é arredondado. — Disse eu a cima que não sabia se a esta lucerna conviria o nome de testemunho do culto lusitano da Fortuna, porque, embora pertença ao nucleo antigo do Gabinete de antiguidades da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e seja natural que apparecesse em Portugal, não tenho porém a certeza d'isso.

Alem dos monumentos citados, temos ainda uma inscripção em que apparece a *Fortuna* conjunta com varias divindades [1], e outras em que se lê F · S, que Hübner [2] interpreta, sem seguro fundamento, por *Fortunae sacrum*. De ambas estas inscripções tratarei noutro lugar.

6. Evento.

Não contentes com dedicarem a certas divindades inscripções ou monumentos *ob eventum bonum* [3], os Romanos personificaram o proprio *eventus* «acontecimento» em um deus de caracter generico.

Existe em Braga, numa loja, uma lapide com uma inscripção a elle consagrada; dou d'esta uma cópia aqui ao lado, conforme a um ms. do sec. XVIII, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa [4]. Diz: *Deo sancto Evento Fl(avius) Fronto, ex praecepto.* Do epitheto *sanctus* «veneravel», junto a nomes de deuses, ha

DEO SA
NCTO EV
ENTO FL
FRONTO
EX PRAE
CEPTO

[1] *Corpus*, II, 2407.

[2] *Corpus*, II, 337.

[3] Por exemplo no *Corpus* II, 2473. No principio d'esta inscripção não póde porém ler-se *deo Marti victori*, como Hübner propõe.

[4] É o mesmo que citei a pp. 292 e 294, notas 1 e 1. O letreiro vem a fl. 81: cf. *Corpus*, II, 2412. — Não reproduzo o desenho com que no manuscrito se figura o letreiro na pedra, porque elle é de phantasia. Segundo me informa o Sr. Antonio Ribeiro, digno escrivão-notario em Braga, o qual, a meu pedido, teve o incommodo de inspeccionar a respectiva pedra, ella é irregular, e está embutida em uma columna.

muitos exemplos [1], e no decurso d'esta obra temos já visto alguns [2]. A fórmula *ex praecepto* corresponde a *ex iussu, ex imperio,* etc., que apparecem muitas vezes nas inscripções; deve subentender-se em seguida a estas palavras o genetivo *dei,* i. é: por ordem do deus, recebida em sonhos ou em algum oraculo [3]. O nosso texto apresenta uma particularidade linguistica: *eventus,* nome da 4.ª declinação, com o dativo em *-o,* o que porém não é phenomeno unico [4] (ou o povo considerasse *eventus* da 2.ª declinação, ou visse ahi o nome usual *eventum*).

A maneira normal de denominar o deus é *Bonus Eventus* [5]; na inscripção bracarense o adjectivo honorifico *bonus* apparece substituido por *deus sanctus.* Longe de Roma havia sempre d'estas variantes nas fórmulas epigraphicas.

7. «Successa».

No sec. XVIII existia em Lisboa numa pedra trazida de ao pé de Santarem a inscripção que transcrevo ao lado. O participio passivo *successis* (dativo) creio que não concorda adjectivamente com *dibus* [6], mas está substantivado, do que ha varios exemplos [7]. Este participio substantivado *successa,* «cousas succedidas», «exitos», «successos», synonymo do substantivo *successus,* foi divinizado, como *eventus* ou *eventum,* «o acontecimento»; *dibus* é mero apposto syntactico a *Successis,* como *deo sancto* a

DIBUS
SVCCESSIS
RVBRA
SABINA

---

[1] Cf. Carter, *Epitheta deorum,* Leipzig 1902, pp. 145 e 146.

[2] *Religiões,* II, 140, 149–152; cf. III, 237.

[3] Cf. *Religiões,* II, 142.

[4] Vid. Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae,* II, 3749.

[5] Cf.: *Corpus,* II, 3095, 4612; Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae,* II, 3749–3752; *Lexikon der gr. u. röm. Myth.,* de Roscher, s. v.

[6] *Dibus* por *diis* é fórma vulgar na epigraphia: cf. *Corpus,* t. II, p. 1187; e Georges, *Lexikon der lateinischen Wortformen,* Leipzig 1890, s. v. «deus».

[7] Vid. os Diccionarios Latinos de Forcellini e Freund, por exemplo.

Evento. De modo que a traducção de *dibus Successis*, expressão correspondente a *dibus* ou *diis Successibus*, deve ser, não «aos deuses bem succedidos», como á primeira vista parece, mas «aos deuses successos», i. é «aos successos, que são deuses», exactamente como *deo sancto Evento*, «ao veneravel deus Evento», «ao evento ou acontecimento, que é deus veneravel» [1]. O nominativo de *dibus Successis* é pois *dii Successa;* está no plural, como *Fata*, de *Fatum*, em algumas inscripções de fóra da Lusitania [2], e *Boni Casus*, que cito adiante.

Ha outras expressões equivalentes a *deus sanctus Eventus* e *dii Successa*, não usadas porém na Lusitania: *Fatum Bonum* e *Boni Casus* [3], sem fallar em *Bonus Eventus*, muito corrente, e a mais usual, como vimos no capitulo anterior.

As duas ultimas linhas da inscripção contém o nome da dedicante.

8. As Fadas.

De *Fata*, plural de *Fatum* [4], fez-se na baixa latinidade um substantivo feminino do singular, de que sahiu o substantivo português «Fada», o substantivo hespanhol «Hada», o substantivo francês «Fée», e assim successivamente. Por sua vez *Fata* passou a ter plural, que é *Fatae* [5].

Uma curiosa inscripção lapidar apparecida ao pé do tem-

---

[1] Em linguagem christã temos hoje facto semelhante na expressão *Senhora* ou *Nossa Senhora do Bom Successo*, uma das muitas invocações populares da Virgem Maria.

[2] Vid., por exemplo, Dessau, *Inscr. Lat. selectae*, II, n.os 3757 e 3761. Cf. dois carmes no *Corpus*, II, 1504 (*quem .. Fata .. rapuerunt*) e 4314 (*crudelia Fata*).

[3] Vid. Toutain, *Cultes païens*, I, 418 e nota (este porém diz *Bonum Fatum*, ao passo que o *Corpus*, VII, 370, tem *Fatum Bonum*).

[4] Cf. *Fatum Bonum*, no *Corpus*, VII, 370 (já citado na nota antecedente).

[5] D'este phenomeno linguistico ha numerosos exemplos em romanço: vid. Diez, *Gram. des langues rom.*, II, 19, e Meyer-Lübke, *Gram. der romanischen Sprach.*, II, § 54.

plo da Senhora d'Aires (Vianna do Alemtejo), e transcrita aqui ao lado [1], diz que as Fadas concederam a *Mária Euprepia* [2] viver 45 annos, e que depois da sua morte o marido *Modestus* lhe erigiu um monumento, por ella ter sido esposa digna.

D · M · S · C ·
MARIA · EVPREPI
A · QVAI · FATE
CONCESSERV
NT · VIVERE · A
NIS · XXXXV · BEN
EMERENTI · MO
DESTVS · CONIV
GI · SVE · POSVIT

Neste texto as *Fatae*, como já notei noutro lugar [3], onde comparei a nossa inscripção com uma de Hespanha consagrada ás mesmas divindades, valem tanto como as *Parcae* da mythologia latina, e αἱ Μοῖραι da grega; devemos pois entender que formavam uma triada. Á semelhança da mythologia classica, a inscripção de Vianna do Alemtejo põe nas mãos d'ellas os fios da vida humana.

II. «Dea Roma» e Divindades imperiaes

Dão-nos testemunho d'estes cultos na Lusitania, directa ou indirectamente, numerosas inscripções lapidares. Digo

---

[1] *Corpus*, II, 89. — Cf. *O Arch. Port.*, IX, 275. — Na 3.ª linha *quai = cui; Fate = Fatae;* na 9.ª *sue = suae.* — A ultima letra da 1.ª linha (*C*) é de sentido obscuro: cf. Hübner, *Corpus*, p. 774, col. 3.ª, e p. 1:174, col. 3.ª (em ambos os lugares põe interrogação). Embora as mulheres não figurem geralmente nas inscripções do tempo do Imperio com prenomes, figuram algumas vezes (Cagnat, *Cours d'Épigraphie latine*, 3.ª ed., p. 48), por ex. *Servia Cornelia Sabina, L. Antestia Saturnina;* talvez na nossa inscripção a letra a que me refiro signifique pois *C(aia)*. Com esta interpretação, o texto fica assim: *D(iis) M(anibus) s(acrum). C(aia) Mária Euprepia, cui Fat(a)e concesserunt vivere an(n)is 35, benemerenti Modestus coniugi su(a)e posuit.*

[2] *Mária* é o feminino de *Márius*, nome gentilicio (nada tem com o nome hebreu que hoje pronunciamos «María»); *Euprepia* é nome grego, feminino de Εὐπρέπιος, que se correlaciona com o adjectivo εὐπρεπής «de bom aspecto», «nobre».

[3] *Religiões*, II, 179; cf. *Lexikon der gr. u. röm. Myth.* de Roscher, II, col. 1449 (s. v. «Fatum»).

directa ou *indirectamente*, porque nem todas as inscripções o são de consagração: a maior das vezes allude-se nellas aos cultos apenas por incidente, a proposito dos cargos de certos personagens ahi mencionados.

Propagado do Oriente para o Occidente, o culto dos soberanos e dos homens célebres adquiriu grande importancia na religião romana. Cesar recebeu honras divinas; Octaviano Augusto consentiu em ser adorado em vida, conjuntamente com a *dea Roma*, e que o seu *genius* fosse posto entre os *Lares Compitales;* depois esse culto propagou-se com grande intensidade [1]. Um imperador divinizado em vida chamava-se *augustus;* divinizado depois da morte chamava-se *divus*. Com o culto do imperador propriamente dito coexistia o da imperatriz, quer em vida, quer depois de fallecida (*diva*), e o de outros membros da familia imperial ou *domus augusta*.

Como para os cultos dos demais deuses, tambem para os de que estou tratando havia santuarios, sacerdocio e ritual. Alem da devoção individual, e da que cabia a certas associações ou confrarias, os cultos estavam organizados officialmente por provincias, por *conventus*, e por cidades [2].

Desde a epoca de Constantino, porém, o qual, conforme é sabido, se converteu ao Christianismo em 312, os antigos

---

[1] Vid. sobre o assunto: Boissier, *La religion romaine d'Auguste aux Antonins*, t. I, liv. I, cap. 2; P. Guiraud, *Les assemblées provinciales dans l'empire romain*, Paris 1887; Madvig, *L'État Romain*, t. III, Paris 1883, p. 144 sqq. No *Lexikon der gr. und röm. Myth.*, de Roscher, II, 902 sqq., inseriu W. Drexler um artigo intitulado *Kaiserkultus*, onde indicou toda a bibliographia até 1897. Vid. depois d'isso: Wissowa, *Relig. und Kultus der Römer*, Munich·1902, p. 280 sqq.; Toutain, *Les cultes païens*, t. I, Paris 1907, liv. I (que me serviu aqui de particular auxilio). A respeito da Peninsula Iberica em especial, vid.: *Corpus*, t. II, p. 540; Hübner, *La Arqueología*, pp. 172 e 281; Hinojosa, *Hist. del derecho español*, t. I, 1887, p. 233 sqq.; L. Duchesne, nos *Mélanges Rénier*, Paris 1887, p. 159 sqq.; Pujol, *Hist. de las instituc. sociales*, t. I, 1896, p. 344 sqq.

[2] Cf.: Boissier, *Le religion romaine*, I (1.ª ed.), 177 sqq.; Toutain, *Cultes païens*, I, 77 sqq.

cultos officiaes começaram a decair. Os imperadores continuaram ainda a ser chamados *divi,* mas tal denominação perdêra o sentido primitivo [1].

1. Em cada provincia, com poucas excepções, existia um *concilium* ou assembleia provincial dos delegados das cidades d'ella, com um presidente temporario, que era o sacerdote do culto provincial, eleito pelo *concilium,* ordinariamente entre pessoas gradas (antigos funccionarios municipaes, cavalleiros, etc.). Este *concilium,* que se reunia periodicamente (ao que parece, todos os annos), tinha sobretudo á sua conta o cuidado do santuario, situado em local fixo, que muitas vezes coincidia com a capital da provincia, e as cerimonias religiosas (procissões ou *pompae,* votos, sacrificios, espectaculos, festins) em honra das divindades officiaes; só com o andar do tempo veio a intervir nos negocios civis. Quanto á provincia da Lusitania propriamente dita, temos testemunho da existencia do seu *concilium,* pelo menos até 322, porque nesse anno Constantino Magno dirige um rescrito *ad Lysitanos,* i. é, á assembleia provincial [2].

Do culto prestado em commum pela provincia romana da Lusitania ás divindades officiaes fallam as inscripções em que se mencionam expressamente os sacerdotes que o celebravam, e se chamavam *flamines,* i. é, *flamines provinciae Lusitaniae,* ou sómente *flamines provinciae.* A séde do culto devia ser em *Emerita Augusta,* capital da provincia.

Uma inscripção d'essa cidade, consagrada a um imperador já fallecido, diz: *Divo Augusto Albinus, Albini f(ilius), flamen divi Aug(usti)* PROVINCIAE LUSITANIAE [3]. Outros *flamines* PROVINCIAE LUSITANIAE conhecidos pela epigra-

---

[1] Cf. Guiraud, *Les assemblées provinciales,* p. 244.

[2] Vid. o Codigo de Justiniano, liv. I, tit. XXIII, § 4.

[3] *Corpus,* II, 473.

phia são: *C. Iul(ius) Végetus* numa inscripção posta sobre o seu tumulo em *Ammaia* (Portalegre) [1]; *L. Iunius Latro,* de *Conimbriga* (Condeixa), numa inscripção dedicada pela assembleia da PROVINCIA LUSITANIA a Tiberio, no anno 77, numa placa marmorea encontrada em *Emerita* (Mérida) [2]; *Sex(tus) Aponius Scaevus Flaccus,* numa inscripção consagrada pela esposa á deusa *Pietas* [3]. Duas inscripções honorificas das margens do *Calipus* (de Alcacer do Sal e de Troia de Setubal) citam respectivamente a *L. Cornelius Bocchus,* filho de *C. Cornelius Bocchus,* e a *L. Cornelius Bocchus,* filho de outro Lucio, ambos *flamines provinc(iae)* [4]; não se diz de qual provincia, mas subentende-se que o eram da Lusitania, por isso que as inscripções foram gravadas cá.

A par d'estes documentos, allusivos aos *flamines,* ha tambem inscripções em que se falla de sacerdotisas, chamadas *flaminicae provinciae Lusitaniae.* Aqui copio os nomes: *Flavia Rufina,* de *Emerita,* numa inscripção de Alcacer do Sal consagrada por ella a Juppiter [5]; *Laberia Galla,* numa inscripção que lhe foi dedicada em *Ebora* por cinco libertos (se é authentica) [6], e na inscripção do seu tumulo em *Collippo* «Leiria» [7]; *Servilia,* uma inscripção que lhe foi dedicada em *Olisipo* «Lisboa» [8]; *Calchisia,* numa inscripção funeraria de Montemór-o-Novo [9]; *Domitia Proculina,* numa inscripção incompleta de Talavera de la Reina (Hespanha), provavelmente gravada no seu tumulo [10]. — Mais a baixo tornarei a voltar ao assunto.

---

1 *Corpus,* II, 160.
2 *Corpus,* II, 5264.
3 Vid. supra, p. 302.
4 *Corpus,* II, 35 e 5184; *O Arch. Port.,* I, 70–71.
5 *Corpus,* II, 32.
6 *Corpus,* II, 114.
7 *Corpus,* II, 339.
8 *Corpus,* II, 195.
9 *Corpus,* II, 5189 (= 122).
10 *Corpus,* II, 995.

2. O unico *conventus* correspondente ao nosso territorio em que temos noticia de que se celebrassem cultos officiaes é o *Bracaraugustanus*, que ficava porém fóra da *provincia da Lusitania* (em sentido romano).

Restam-nos tres inscripções respeitantes a elles, cada uma de sua epoca. A primeira diz-nos que o *conventus* possuia uma sacerdotisa do culto commum da deusa Roma e de Augusto; a segunda que o mesmo *conventus* possuia um sacerdote do culto commum não só da deusa Roma e de Augusto, mas tambem dos Cesares; na terceira ha apenas uma allusão a um sacerdote do *conventus*. Eis os nomes: *Lucretia Fida, sacerdos perp(etua) Rom(ae) et Aug(usti) conventuus* [1] *Bracaraug(ustani)*, — numa inscripção, talvez dos meados do sec. II [2], consagrada por ella a *Isis Augusta* em *Bracara* [3]; *[Ca]malus Melg(aecus)* vel *Melg[aeci f](ilius), [s]acerdos [R]omae, Aug(usti), Caesa[rum]*, numa inscripção dedicada a elle em Dume pelo *conventus [A]ugust[anus]* [4]; *M. Flavius Sabinus*, natural da *civitas* dos *Limici, sacerdos convent(us) Bracari*, — numa inscripção dedicada a elle pela assembleia da Hispania Citerior (i. é, da *Tarraconensis*) em *Tarraco* [5], e certamente posta na base de uma estatua que com outras analogas de outros sacerdotes estaria diante do templo de Augusto naquella cidade [6], visto que o nosso Limico tambem fôra flamine da provincia Tarraconense.

Por estes textos ficamos informados de que aos sacerdotes e sacerdotisas do *conventus Bracaraugustanus* se davam nomes diversos dos que se davam aos sacerdotes e sacerdotisas da *provincia Lusitania:* aqui usavam-se os nomes de *flamen* e *flaminica;* alli o de *sacerdos*, que, como

---

[1] = *conventus* (genetivo).

[2] Vid. Hübner, *Exempla script. epigraphicae*, Berlim 1885, p. 151.

[3] *Corpus*, II, 2416.

[4] *Corpus*, II, 2426.

[5] *Corpus*, II, 4215.

[6] Hübner, no *Corpus*, t. II, pp. 540-541.

se sabe, pertence á classe dos que em grammatica se chamam «communs de dois», e por isso significa «sacerdote» e «sacerdotisa». — Vid. infra.

No *conventus Bracaraugustanus* havia um *concilium* central, attestado pela epigraphia [1], o qual se assemelhava provavelmente ao que havia nas provincias; é natural que a elle incumbisse a escolha do sacerdote [2]. Se com relação a um dos citados sacerdotes (*Camalus*) não conhecemos a categoria social, de outro (*M. Flavius Sabinus*) sabemos que pertencia á classe dos cidadãos romanos, porque o texto que lhe respeita inscreve-o na tribu *Quirina*.

O ser *Bracara Augusta* a capital do *conventus* faz crer que o respectivo culto conventual tinha a sua séde nesta cidade.

3. Cidades da provincia romana da Lusitania onde houve flamines e flaminicas encarregados dos cultos locaes, sabemos das seguintes: *Ossonoba, Pax Iulia, Ebora, Olisipo, Caesarobriga, Emerita,* e aquellas a que hoje correspondem a villa de Alcacer do Sal (se não era a mesma que *Salacia*) e a aldeia de Bobadella. Prestaram-se ahi varios cultos officiaes.

A um imperador vivo, ou *augustus,* prestou-se culto em *Pax Iulia,* pois ha dê lá uma inscripção dedicada a certo *M. Aurelius, flamen Ti(berii) Caesaris Aug(usti)* [3]. A um imperador fallecido, ou *divus,* prestou-se culto em *Olisipo,* pois uma inscripção olisiponense cita: *L. Iulius Maelo, flam(en) divi Aug(usti)* [4]. Tres inscripções de *Pax Iulia* e Alcacer mostram que nestas localidades tiveram culto os *divi* em geral: numa lê-se *L. Clo(di)us Salvianus* [5], nou-

---

[1] *Corpus,* II, 2426. E cf. o n.º 4123.

[2] Cf. Toutain, *Cultes païens,* I, 149–150, que pensa isso de outros *conventus* e federações.

[3] *Corpus,* II, 49.

[4] *Corpus,* II, 260. [5] *Corpus,* II, 51 (*Pax Iulia*).

tra *C. Iulius Pedo* [1], e noutra *L. Porcius Himĕrus* [2], estando cada um d'estes nomes seguido do titulo de *flamen divorum*. De *Olisipo* conhece-se uma inscripção dedicada a *Q. Iulius Plotus*, que figura nella como *flamen Germ(anici) Caesaris* e *flamen Iuliae Aug(ustae) in perpetu(u)m* [3]. Temos pois aqui: o culto de um membro da familia imperial, i. é, de Germanico Cesar, filho de Druso e sobrinho de Tiberio; e o culto de Livia, viuva do imperador Augusto, a qual, depois da morte d'este, no anno de 14, se ficou chamando, como é sabido, *Iulia Augusta*. — A expressão *flamen in perpetu(u)m* corresponde certamente a *flamen perpetuus*, que se lê noutras inscripções (vid. infra).

Conhecem-se ainda mais inscripções que nos testemunham a existencia de flamines e flaminicas locaes, mas sem especificarem de que membros da *domus augusta* o eram. Eis os nomes dos sacerdotes e sacerdotisas: [*Cornelius Boc*]*chus*, seculo I, que figura como *flamen perp(etuus)* numa inscripção de Alcacer do Sal, dedicada a elle, a qual declara que o mesmo individuo exercêra tambem funcções civis e militares [4]; *Iulia Mod*[*e*]*sta*, que figura como *flaminia* (sic) numa inscripção de Bobadella (subentende-se que o era da respectiva *civitas*, caso a inscripção esteja completa) [5]; *Flavia Rufina*, que figura como *flami-*

---

[1] *Corpus*, II, 53 (*Pax Iulia*).

[2] *Corpus*, II, 34 (Alcacer).

[3] *Corpus*, II, 194.

[4] *O Arch. Port.*, I, 69-73. Indiquei o seculo I por causa do caracter paleographico da inscripção. Existe d'ella um decalque (gesso) no Museu Ethnologico.

[5] *Corpus*, II, 397, e *Relatorio* da expedição da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella (secção de archeologia), por Martins Sarmento, est. III, fig. 3. — O texto tem claramente FLAMINIA. Comquanto não fosse inteiramente estranho que o adjectivo *flaminia* se substantivasse, todavia o corrente na epigraphia é *flaminica*, e por isso Hübner emendou assim. Aberrações epigraphicas analogas são: *flamina* no *Corpus*, IX, 5841, que a pp. 772 e 773 se emenda em *flamin(ic)a*; e *flaminicia*, ibid., V, 6954, que alterna com *flaminica* em 7629, pois as duas palavras se applicam á mesma dama.

nica col(oniae) Emeritensis perpet(ua) e *flaminica municípi Salaciensis* numa inscripção de Alcacer do Sal, consagrada por ella a Jove [1]; *Laberia Galla,* que figura como *flaminica munic(ipii) Eborensis* numa inscripção de *Ebora* que lhe dedicaram cinco libertos[2], a quem ella provavelmente havia concedido a alforria, e como *flaminica Eboresis* (=Eborensis) na sua inscripção funeraria em *Collippo* [3]; *Domicia Proculina,* que figura em uma inscripção de Talavera de la Reina (*Caesarobriga?*), como *flam(inica) [m]unicípi sui* [4]; *Caecilia Vegĕta,* que figura como *flaminica* numa inscripção de *Olisipo* [5] (subentende-se que o era do *municipium*); *Val(eria) Vini(c)iana,* que figura como *flaminica* perpetua numa inscripção de *Emerita* [6].

Duas inscripções mutiladas dizem: .. *flam(en) Pacis Iuliae* em uma lapide de Beja [7], e .. *[fl]am[en]* de *Ossonoba* em uma lapide de Faro [8].

Fóra da provincia romana da Lusitania propriamente dita, dentro porém do territorio que de modo geral nesta obra chamo lusitanico, temos testemunho do culto com-

---

[1] *Corpus,* II, 32. Já a cima, p. 316, vimos que a mesma dona fôra flaminica da provincia da Lusitania.

[2] *Corpus,* II, 114. Hübner não deixa de ahi pôr algumas duvidas á authenticidade d'esta inscripção; além d'isso no index onomastico marca os nomes com asteriscos; mas nos outros indices nada nota.

[3] *Corpus,* II, 339. Á mesma dona, como flaminica da provincia da Lusitania, me referi supra, p. 316.

[4] *Corpus,* II, 895. — A mesma senhora foi flaminica da provincia da Lusitania, como se disse supra, p. 316.

[5] *Corpus,* II, 5218.

[6] *Corpus,* II, 494. — Hübner, a p. 1132, pergunta se esta dona seria flaminica da provincia; mas, como nada se indica na inscripção, subentende-se que o era da colonia de Emerita. Nesta cidade, alem de se celebrarem cultos provinciaes (vid. p. 315), celebravam-se tambem cultos locaes, i. é, coloniaes: já a cima vimos especificadamente uma *flaminica col(oniae) Emeritensis.*

[7] *Corpus,* II, 55.

[8] *Corpus,* II, 5141.

mum de Roma e de Augusto na cidade de *Lucus* (Galliza) por uma inscripção lapidar de *Memmius Barbarus*, que se intitula nella *sacerdos Romae et Aug(usti) ad Lucum Augustum* [1]. Aqui *Lucus* não figura como capital do *conventus Lucensis*, senão o titulo do sacerdote seria *sacerdos conventus Lucensis;* deve entender-se que, além dos cultos que ahi se celebrassem em nome do *conventus* (dos quaes todavia não ha testemunho), se celebravam outros em nome da cidade em particular.

O elencho precedente mostra que os sacerdotes e sacerdotisas (cf. infra) que presidiam aos cultos imperiaes nas cidades da Lusitania propria se chamavam respectivamente *flamines* e *flaminicae*, como os dos cultos imperiaes realizados na capital, e que um sacerdote de uma cidade da Tarraconense tem o mesmo titulo que os sacerdotes dos cultos que se celebravam em *Bracara* como *caput* de um dos *conventus* d'esta provincia. Quanto á posição social, ha um sacerdote (*M. Aurelius*) que se declara cidadão romano, pois se inscreve na tribu *Galeria;* ha outros que ostentam os *tria nomina;* e quasi todos se apresentam com brilhante menção de cargos, ou *cursus honorum*, nas respectivas cidades; só um unico (*L. Iulius Maelo*) se diz *caudic(arius)*, o que, se não designa notabilidade de prosapia, mostra a importancia que os *caudicarii* tinham ao tempo na Lusitania, — pelo menos a que tinha este [2].

Vou agora citar alguns factos, mais por memoria do que porque se refiram a cultos definidos.

---

[1] *Corpus*, II, 2638.

[2] Tratando das *naves caudicariae* «barcas feitas de um tronco de arvore», diz Forcellini, *Totius latinitatis Lexikon*, s. v., que «*cau*»*dicarii* vel *codicarii* dicuntur ipsi nautae qui huiusmodi navigiis »utuntur». Acêrca das *caudicariae naves* e dos *codicarii* (= caudicarii) em geral, vid. a *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswiss* de Pauly & Vissova, s. vv. — Numa inscripção romana de S. Tiago do Cacem (mutilada) lêem-se as letras *cod-* que Hübner, *Corpus*, t. II, n.º 25 (e cf. p. 1171), interpreta por *cod(icarius)*, palavra que se applica a um *aedilis* e *duovir*.

No juramento prestado no anno de 37 da nossa era ao imperador Caligula pelos habitantes do *oppidum* de *Aritium Vetus* invoca-se o DIVVS AVGVSTVS, a par de *Iuppiter Optimus Maximus* e dos restantes deuses immortaes (*ceteriq(ue) omnes di immortales*), e cada um dos *Aritienses* roga uma praga a si proprio para se justificar de que falla verdade [1].

Em várias inscripções honorificas, a cidade que as mandou gravar declara-se devota do *numen* ou «poder divino» dos imperadores, como em duas de Faro dedicadas pela *res publica Ossonobensis* aos imperadores Valeriano (254–255) e Aureliano (270–275) [2]; taes declarações comtudo não passam de meras fórmulas de cortesia palaciana, posto que imbuidas em sentimento religioso.

4. Os textos epigraphicos que serviram de base ao que escrevi ha pouco sobre os sacerdotes mostram-nos que com estes coexistiam em certos casos sacerdotisas, i. é, que de um lado havia *flamines* & *flaminicae*, e do outro *sacerdotes*-viri & *sacerdotes*-mulieres. Diversos AA. suppõem que as mulheres que tem o titulo de sacerdotisas eram sempre esposas de sacerdotes; o Sr. Toutain insurge-se contra esta opinião, sustentando que faltam razões para a adoptar, e dizendo que no seu entender as sacerdotisas desempenhavam verdadeiro sacerdocio [3]. Infelizmente não possuo elementos novos com que possa contribuir para a solução do problema [4].

---

[1] *Corpus*, II, 172.

[2] *Corpus*, II, 1; *O Arch. Port.*, V, 43 (inde *Additamenta nova*, p. 13).

[3] *Les cultes païens*, I, 141–145 (com relação ás provincias), 151–152 (com relação aos *conventus*), e 165–168 (com relação ás cidades).

[4] Sòmente tomarei a liberdade de ponderar que algumas das razões que o Sr. Toutain dá contra o serem sempre as sacerdotisas esposas de flamines me não parecem muito convincentes. Argumenta o illustre archeologo com o seguinte: que, se existem inscripções

Outro problema nos apresentam os nossos textos epigraphicos: que significa o epitheto de *perpetuus* (e *perpetua*) apposto ao titulo de varios sacerdotes (e sacerdotisas) conventuaes e locaes? Parece que é meramente honorifico, conservado pelo sacerdote (e sacerdotisa) depois da saida do cargo [1].

5. Segue-se fallar da confraria dos Augustaes, que nos é conhecida por bastantes documentos [2].

Nestes documentos encontra-se ora a palavra *augustalis*, ora a palavra *sevir* vel *sexvir* (e *seviratus* vel *sexviratus* «dignidade de séviro»). Os augustaes e os séviros desempenhavam funcções sacerdotaes, posto que não esteja ainda bem averiguado em que é que consistia a dif-

---

em que o nome do esposo e o da esposa vem seguidos respectivamente dos titulos de *sacerdote* e *sacerdotisa*, existem outras em que só o nome do marido vem acompanhado do titulo, e o da esposa não. Mas isto que prova? Se a esposa de um sacerdote era realmente sacerdotisa, não se estranha que, especificando-se numa inscripção o titulo do esposo, quando este figura na parte proeminente da inscripção, não se especifique o da esposa, por isso que se subentende, e vice-versa (com a hypothese da inherencia do titulo de sacerdotisa á qualidade de esposa, seria inutil que em certas inscripções, por ex. *Corpus*, II, 4198, 4236, 4242, 4252, em que figura um sacerdote e uma sacerdotisa, se declarassem os titulos de ambos; mas redundancias e pleonasmos nunca destoam das formulas tabellioas). Em todo o caso ha uma inscripção de Italia, *Corpus*, IX, 5841, em que figura na parte principal *L. Praesentius Pactus*, com os seus titulos (nenhum dos quaes é o de *flamen*), e na parte secundaria a esposa *Vibia Marcella* como *flamin(ica)*; este texto falla a favor do Sr. Toutain, se é que Vibia Marcella não era flaminica por causa de um primeiro marido.

[1] Vid.: L. Duchesne nos *Mélanges Rénier*, Paris 1887, pp. 165 e 166; J. Toutain (o qual cita a Mommsen), *Les cultes païens*, I, 146 e 155.

[2] Uma inscripção de *Lucus* (Galliza), — *Corpus*, II, 2573 —, consagrada á deusa *Poemana* ou *Pomona* (vid. *Religiões*, II, 342, e supra, p. 292), falla-nos de um *collegium div(i) Aug(usti)*, mas elle é talvez funeratricio, e está no mesmo caso que os de que fallei supra, p. 293, cf. Schiess, *Die röm. collegia funeratricia*, p. 10.

ferença entre uns e outros. Pertenciam no geral á classe dos libertos, e parece que se escolhiam principalmente nos estrangeiros ou nos filhos de estrangeiros, pois raro se vêem nos seus nomes elementos indigenas [1]. A palavra *sexvir* diz claramente que a corporação respectiva se compunha de seis individuos.

A epigraphia lusitanica mostra-nos a existencia de taes magistrados sacerdotaes só nas cidades do Sul.

Uma inscripção lapidar de *Ossonoba,* gravada creio que em uma placa, dá-nos relação de dois, que pela honra que receberam do sevirato mandaram construir certa obra ou edificação, que não se declara, porque a inscripção estava embutida nella. Era certamente edificio ou monumento de utilidade pública. Eis o texto: *M. Cornelius Eridanus, C. Iunius Receptus, ob honorem sexvir(atus), d(e) s(ua) p(ecunia) d(onum) d(ederunt)* [2].

Da vizinha cidade de *Balsa* conhecemos já outra inscripção, que transcrevi supra, p. 308, segundo a qual um séviro festejou a sua nomeação com uma regata, um certame de lutadores, liberalidades ao povo, e a consagração de um monumento de pedra á deusa da Fortuna.

Passemos a *Pax Iulia* e *Ebora.* Ha annos encontrou-se em Beja uma pedra-marmore (hoje no Museu Municipal d'essa cidade) em que se lê: *[L. M]arcio Piero, [P]acensi, [au]gustali col(oniae) Pacensis et municipii Eborensis, amici ob merita eius aer[e] conlato posuerunt. L. Marcius Pierus honore contentus inpensam remisit* [3], i. é: «A Lucio Marcio Piero, natural de Pax Iulia, augustal da colonia de Pax Iulia e do municipio de Ebora. Os amigos,

---

[1] A respeito do assunto vid.: Marquardt, *Le culte chez les Romains,* t. II, Paris 1890, pp. 220 e 231; *Dict. des antiquités,* de Daremberg & Saglio, I, 560; *Corp. Inscr. Lat.,* t. II, pp. 1168–1169; Hinojosa, *Hist. del derecho,* I, 256 sqq.; Toutain, *Les cultes païens,* I, 116–123 e 170–175.

[2] *Corpus,* II, 2 (e 5133).

[3] *O Arch. Port.,* I, 110 e 321.

em attenção aos merecimentos d'elle, erigiram-lhe por subscripção (esta estátua). Lucio Marcio Piero, bastando-lhe tal honra, pagou as despesas». Temos assim noticia indirecta de cultos imperiaes naquellas duas cidades. Ha mais uma inscripção de Beja com *[a]ugustal-;* porém está incompleta [1].

Olisipo apresenta-se-nos nada menos que com quatro inscripções, e os seus arredores com duas. Todas ellas pertencem a membros do collegio dos augustaes. Uma é mesmo consagrada por dois a um imperador defuncto: *Divo Augusto: C. Arrius Optatus, C. Iulius Eutichus, augustales* [2]; deve entender-se que estava num templo. As outras são indirectas: consagração feita por um augustal a Mercurio [3]; dedicatoria da *orchestra* e do *proscenium* do theatro de *Olisipo* a Nero no anno de 57 por *C. Heius Primus Cato,* augustal perpetuo [4], que, conformemente a outra inscripção, tinha no mesmo theatro uma estatua levantada em honra d'elle por uns seus escravos-forros e pelos filhos d'estes [5]; inscripções funerarias de augustaes [6].

Fóra do territorio português achamos menção de um séviro na inscripção do seu tumulo em *Emerita* [7].

Dos textos citados conclue-se que os *augustales* e os *seviri,* sem embargo da sua origem modesta, gozavam de bastante consideração entre os seus concidadãos, o que lhes provinha não tanto talvez do caracter sagrado que ostentavam, como de desfrutarem abundantes bens de fortuna.

---

[1] *Corpus,* II, 57.

[2] *Corpus,* II, 182.

[3] *Corpus,* II, 181. E vide supra, p.

[4] Luis Antonio de Azevedo, *Dissertação critico-filologico-historica sobre o verdadeiro anno da erecção do tablado e orquestra do antigo theatro romano,* etc., Lisboa 1815, est. III e p. 13 sqq.; *Corpus,* II, 183.

[5] Azevedo, *Dissertação,* est. IV, p. 13 sqq.; *Corpus,* II, 196.

[6] *Corpus,* II, 264 e 265.

[7] *Corpus,* II, 495.

6. Ás inscripções transcritas ou resumidas nos paragraphos precedentes juntarei uma de Alcacer, consagrada (i. é *sacrum*) *imp(eratori) Caesari divi f(ilio) Augusto*[1], e mais as seguintes em que não ha indicio de provincia, *conventus*, cidade ou confraria, e que, pelo menos em parte, talvez emanem de devoção individual:

Fig. 144.ª (Cippo ou columna de Dume)

1) *Genio Augusti*, em uma pedra do jardim archiepiscopal de Braga[2];

2) *Aug(usto) sacr(um)*, em Mérida[3];

3) *Genio [C]aesaris*, numa columna ou cippo cylindrico, proveniente de Dume, freguesia suburbana de Braga[4], — onde se allude a um Cesar incerto, como os que figuram no *Corp. Inscr. Lat.*, t. II, p. 1111 (vid. fig. 144);

4) *Divo Antonino Pio Augusto*, no epistylio de um templo minusculo de prata, apparecido em Merida[5], o qual represento na fig. 145.ª[6]

Todas estas inscripções são pois directas, i. é, consagradas a divindades imperiaes.

7. A fim de concluir e, tanto quanto possivel, completar o quadro que pretendi fazer do culto prestado pelos

---

[1] *Rev. Archeologica*, II, 69, e *Corpus*, II, 5182. — Este monumento epigraphico está hoje no Museu Ethnologico.

[2] *Corpus*, II, 5123 (vem a p. XLIV).

[3] *Corpus*, II, 471.

[4] *O Arch. Port.*, IX, 101 (artigo de Albano Bellino).

[5] *Corpus*, II, 480. Ahi se diz: *anaglyphum argenteum, altum 0m,07, latum 0m,06, frontem hexastylum templi ordinis Corinthii exhibens, Emeritae repertum et servatum Madriti in collectione Paschalis de Gayangos.* Vid. tambem: Hübner, *Die antiken Bildwerke in Madrid*, Berlim 1862, pp. 271-272.

[6] Feita por uma photographia que do mesmo templozinho me deu em Madrid uma pessoa da familia do Sr. Gayangos.

Lusitanos ás divindades imperiaes, devo remetter o leitor para o que já disse dos *Lares* a p. 291, e da *Concordia Augusti* a p. 304, e para o que adiante espero dizer dos

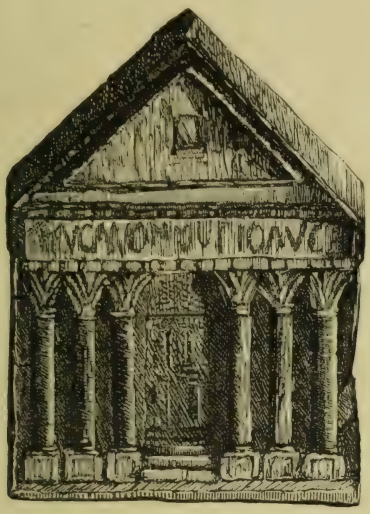


Fig. 145.ª (Templo minusculo de prata, de *Emerita*)

santuarios. Muitas divindades temos encontrado no decurso d'esta obra com o epitheto de *augustus* ou de *augusta*; não estamos comtudo autorizados a inferir sempre d'isso claras relações entre o culto d'ellas e o dos imperadores.

III. Divindades de origem asiatica e africana

Das relações politicas, militares, commerciaes entre os Romanos e os povos da Asia e da Africa resultou introduzirem-se em Roma, do sec. III a. C. em diante, varios cultos estrangeiros (*sacra peregrina*), que tambem vieram para o Occidente com os progressos da conquista romana.

Pelo que toca á Lusitania, as divindades asiatico-africanas de que nos dão testemunho certo os monumentos lapidares e artisticos são estas: CYBELE, de origem phrygia; MITHRAS, de origem persica; ISIS e SERAPIS, de origem egypcia; CAELESTIS, de origem carthaginesa. D'el-

las vou fallar em seguida. Ao respectivo estudo aggregarei, pelos motivos adiante dados, o das inscripções em que se invoca o Sol & a Lua, e o *deus maximus,* bem como o da lapide polytheistica de Vizella, já a cima bastas vezes citada, e o de um *signum Panthei.*

1. Cybele.

Originaria, como se disse, da Phrygia, onde era adorada em Péssino e no monte-Ida, e primitivamente tida como fôrça criadora e vivificadora da Natureza, passou para o pantheon romano em 204 a. C. Foi por mercê especial de Attalo I, rei de Pergamo, que veio para Roma o calhau aerolithico que representava Cýbele, e que estava naquelle reino [1]. Os nomes mais antigos da deusa eram apenas: *deusa grande, mãe,* e *mãe dos deuses.* Outras designações lhe deram, entre as quaes a de Cýbele, como é em geral denominada. Tinha ao seu serviço sacerdotes e sacerdotisas. O Estado reconhecia officialmente o culto de Cýbele, o qual impressionou muito os Romanos por causa dos sacrificios sangrentos que entravam nelle, das festas dramaticas e das extravagancias sacerdotaes (delirios, mutilações, peditorios). Foi o primeiro culto oriental aclimado em Roma.

Este culto na Lusitania conhece-se por quatro monumentos epigraphicos (sem fallar do de Vizella, que será estudado á parte); além d'isso ha uma cabeça de estátua que póde attribuir-se á deusa.

a) Um dos monumentos epigraphicos appareceu em Lisboa no sec. XVIII, no sitio das Pedras Negras, nos alicer-

[1] Tito Livio, *Ab Urbe cond.,* XXIX, 10, 11, 14. Vid. sobre o assunto: Drexler, art. «Mater» no *Lexikon* de Roscher; Rapp, art. «Kybele» *ibidem;* Decharme, art. «Cybèle» no *Diction.* de Daremberg & Saglio; J. Réville, *La religion à Rome sous les Sévères,* Paris 1886, p. 62 sqq.; F. Cumont, *Les religions orientales,* Paris 1906, p. 57 sqq.

ces de umas casas [1]: é uma arula calcarea, de uns 0m,44 de altura, e de uns 0m,23 no corpo, a qual represento na fig. 146.ª; ainda existe encravada na parede externa de uma casa na Travessa do Almada, e assente numa base.

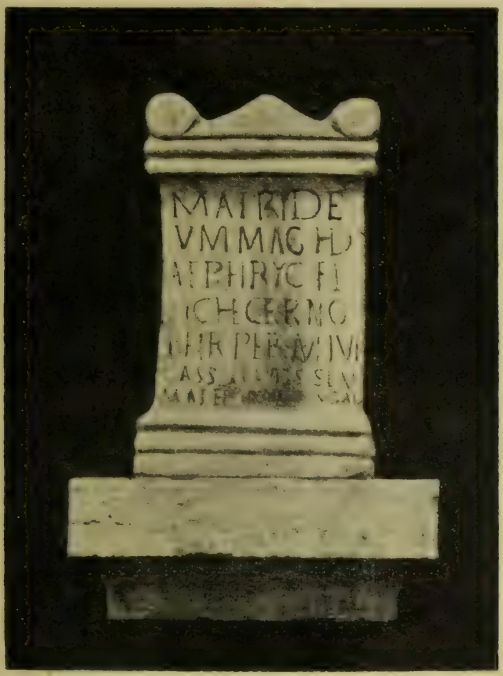


Fig. 146.ª (Lapide olisiponense)

A inscripção que foi já publicada por varios AA., e entre elles por Hübner, diz: *Matri deum Mag(nae) Id(a)e(ae) Phryg(iae) Fl(avia) Tyche cernophor(a), per M(arcum) Iul(ium) Cass(ianum) et Cassi(am) Sev(eram), M(arco) At(ilio) et An(nio) Gal(lo) co(n)s(ulibu)s* [2], ou em portu-

[1] Vid. a *Carta do P.e D. Thomaz Caietano de Bem* appensa ao *Summario* de Ch. R. de Oliveira, Lisboa 1755, pp. 159 e 163.

[2] *Corpus*, II, 179. Hübner suppõe que o canteiro que insculpiu a inscripção devia ter no seu rascunho M · AT · ET · ANN · GAL, mas que se enganou, transpondo a última palavra para antes da penultima, como se vê na gravura.

guês: «Á Grande Mãe dos deuses, adorada no monte-Ida, »e por isso chamada Phrygia, (consagrou esta memoria) »a cernóphora Flavia Tyche, por intervenção de Marco »Julio Cassiano e Cassia Severa, no consulado de Marco »Atilio e Annio Gallo», i. é, no anno de 108 da era christã.

As denominações de *mater deum, Magna, Idaea, Phrygia* comprehendem-se bem, pelo que se notou a cima. Fallando dos Phrygios, diz Estrabão que elles chamam a Rhea (um dos synonimos de Cybele): *mãe dos deuses, Phrygia, deusa grande, Idéa*[1]. Este trechozinho serve de optimo commentario ao começo da nossa inscripção.

Cernóphora, que se lê adiante do nome da dedicadora do monumento, designava uma sacerdotisa, ministra ou acolyta, incumbida de levar a vasilha sagrada (κέρνος) em actos do culto de Cybele. Esta vasilha, a julgar do que sabemos das cerimonias de Eleusis, ia á cabeça, nas procissões e danças sagradas, e continha as primicias dos frutos da terra[2]. — Se é grego o nome do cargo, é-o tambem o de quem o exercia: Tyche = Τύχη «Fortuna», facto não estranho, nem singular, já pelo caracter da deusa, já porque na população Olisiponense havia muitos elementos gregos, como a p. 265 se ponderou, a outro proposito.

Os personagens mencionados em seguida á dedicadora deverá entender se que são um sacerdote e uma sacerdotisa. Os sacerdotes de Cybele chamavam-se *galli* (as sacerdotisas não tinham, que se saiba, designação especial); mas no nosso caso não se tratará talvez de um simples *gallus* e da correspondente sacerdotisa, mas sim de um *archigallus* ou *sacerdos maximus,* e de uma *sacerdos ma-*

---

[1] *Geographia,* X, III, 12.

[2] *Dict. des antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. «kernos». Cf. no *Corp. Inscr. Lat.*, t. I, p. 391, um texto semelhante a este, onde se cita o vocabulo *caerno-* = κέρνον (id est *patellam*).

xima, que desempenhavam, como o dizem os nomes, funcções superiores no sacerdocio [1].

b) O segundo monumento epigraphico provém do mesmo sitio em que se desenterrou o antecedente; vae copiado na fig. 147.ª Caetano de Bem descreve-o assim: «pedra »encarnada, de sufficiente grandeza, e »elegante feitio, e vem a ser huma co»luna redonda, porém a tarja do le»treiro em hum plano quadrado, e da »dita tarja para baixo continúa a mesma »coluna de dous palmos e hum quarto, »de comprimento, e o resto della não »se achou» [2]. Tambem ainda existe com o antecedente, encravado numa parede; á parte inferior da coluna sotopuseram, quando encravaram o monumento na parede, uma especie de base, como se vê da figura junta. O letreiro, copiado por diversos archeologos, diz na lição de Hübner: *Deum matri T(itus) Licinius Amaranthus, v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)* [3], ou em português: «Tito Licinio Amarantho »cumpriu de bom grado e com razão »o voto (que fizera) á mãe dos deu»ses».

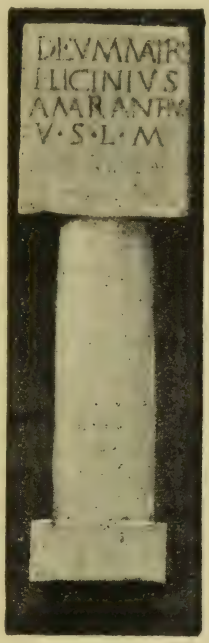


Fig. 147.ª
(Lapide olisiponense)

c) O terceiro monumento não foi descoberto em territorio português, mas em Mérida. A respectiva inscripção,

---

[1] Acêrca do sacerdocio de Cýbele em geral, vid.: *Dict. des antiquités,* de Daremberg & Saglio, s. v. «gallus»; Marquardt, *Le culte chez les Romains,* II, 67 e nota 2, e alem d'isso os trabalhos citados a p. 328, nota 1. No *Burro de ouro,* de Apuleio (ha traducção portuguesa com este mesmo titulo, Lisboa 1847), liv. VIII e IX, faz-se um quadro pittoresco da vida dos *galli* ambulantes.

[2] *Carta* citada, pp. 159-160.

[3] *Corpus,* II, 178.

a julgar da fórma da letra, é do sec. II; allude-se nella a um *tauribolium* ou *taurobolium* em honra da deusa, bem como a um *arc(h)igallus* e a um *mysticus* que officiaram na cerimonia, e consagraram a respectiva ara.

Eis o texto, segundo a lição do *Corpus*, II, 5260:

M · D · S
VAL ♁ AVITA
ARAM · TAVRIBO[
SV[· NATALICI · RED
DITI · D · D · SACERDO
TE · DO©YRICO VALE
RIANO ARCIGALLO
PVBLICIO MYSTICO.

Nas ll. 3–5 ha algumas difficuldades que Hübner e Mommsen procuraram resolver; cf. tambem Dessau, *Inscr. Lat. selectae*, II, p. 146, n.º 4156. Incidentemente notarei que por lapso se interpretaram no *Corpus*, t. II, p. 1176, as siglas M · D · S por *M(anibus) D(iis) S(acrum)* em vez de *M(atri) D(eum) S(acrum)*, como realmente vem na *Ephemeris Epigr.*, t. III, p. 32, n.º 2.

Do *archigallus* fallei a cima. — A palavra *mysticus* tem aqui significação especial, que não vem nos melhores diccionarios latinos (Georges, etc.): quando Hübner publicou a inscripção a primeira vez na *Ephemeris Epigr.*, III, 32, transcreveu *Mysticus*, com *M* maiusculo, e viu ahi o cognome de *Publicius*, mas no *Corpus*, t. II, p. 1129, considera com razão *mysticus* nome commum, de caracter sacerdotal; no meu entender, *mysticus* é um titulo de adepto ou iniciado na religião e mysterios de Cybele (cf. *mystes* = μύστης «iniciado», e *dux mysticus* «le grand maître de tous les adeptes» [1]). — O *taurobolium* era o sacrificio de um touro, realizado por cima de uma cova, onde o iniciado recebia o sangue do animal, julgando que assim ficava limpo de peccados [2]; o uso dos *taurobolia* propagou-se no Imperio no sec. II [3].

d) Pertence tambem ao territorio hespanhol o quarto

---

[1] Vid. H. Graillot na *Rev. Archéologique*, 1904, I, 324. A expressão *dux mysticus* vem em Bücheler, *Carmina Epigraphica*, II, n.º 1529.

[2] Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 109–110.

[3] *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, t. III, p. 1686; F. Cumont, *Textes et monuments de Mithra*, I (1899), 335, nota 2.

monumento epigraphico. Foi achado em Cáparra. Infelizmente é um fragmento em que apenas se lê: *Matri deum Britta-..* [1]

e) Fallarei agora da cabeça da estátua. Encontrou-se em Mertola (antiga *Myrtilis*), ao pé da Misericordia, e guarda-se hoje no Museu Ethnologico [2]. É de marmore, e mede $0^{m},45$ de altura; pertenceu pois a uma estátua gigantea. Vae representada na fig. 148.ª Pena é estar tão mutilada, sem nariz, nem boca. Na orla superior do cabello, que cae em madeixas pelas fontes, dividido em duas metades por um rego ao meio da testa, distinguem-se claros vestigios de uma *corona muralis* (isto é, em fórma de muro de fortaleza, com seus cubellos ou torreões).

Fig. 148.ª (Cabeça de Cybele: no Museu Ethnologico)

Estes vestigios induzem-me a attribuir a cabeça a uma estátua de Cybele. Attenta a importancia de *Myrtilis* na epoca romana, importancia revelada por numerosos monumentos archeologicos, por cunhagem de moeda propria, e por noticias de auctores classicos, póde presumir-se que ahi houve um templo da *Mater deum*, e que a estátua figurava nelle.

Cybele passava por protectora das cidades [3]. Que muito que os Myrtilenses reconhecessem não só em Cybele uma

---

[1] *Corpus*, II, 805.

[2] Foi o Sr. João Manoel da Costa, devotado amador das antiguidades de Mertola, quem offereceu este fragmento a Estacio da Veiga. Por morte de Estacio, o fragmento passou para o Museu Ethnologico.

[3] *Dict. des antiquités.* de Daremberg & Saglio, III, p. 1687; *Gallia.* de C. Jullian, 1.ª ed., pp. 220-221 (com a gravura de uma cabeça torreada).

divindade tutelar, mas na estátua, que pela sua grandeza os deslumbrava, a personificação, por assim dizer, o symbolo real da propria *Myrtilis!* Não encontrámos a cima, em um numisma de *Pax Iulia,* a imagem da divindade eponymica da colonia, e não vimos em inscripções epigraphicas testemunho da divinização de duas *civitates?* [1]

*

Da inspecção de todos os documentos que enumerei, resulta que o culto de Cybele estava regularmente organizado na Lusitania: pessoal com seus nomes technicos de origem grega e greco-oriental (*cernophora, mysticus, archigallus*); sacrificios realizados segundo o rito (*taurobolium*); procissões ou *pompae* (o que se deduz da palavra *cernophora*); monumentos artisticos que exalçavam a gloria da deusa (aras, estátua). Temos provas de que este culto floresceu durante o sec. II; mas é possivel que começasse antes, e perdurasse muito mais [2].

2. Mithras.

O culto d'esta divindade da luz, protectora dos exercitos, e que patenteava ás almas dos homens *post mortem* as regiões da gloria eterna, propagou-se no orbe romano no tempo dos Flavios (sec. I), e desenvolveu-se no dos Antoninos e Severos (sec. I–III), mas talvez já contasse fieis em Roma desde os fins da Republica, após as expedições de Pompeio ao Oriente [3].

---

[1] Cf. tambem as tres figuras que publiquei supra, p. 167, — personificações das provincias da Lusitania, Gallecia e Betica.

[2] Sabemos que se celebrou um *taurobolium* noutra região da Peninsula em 238 (vid. *Corpus,* II, 5521: Cordova); e Prudencio, que era Tarraconense, e viveu no sec. IV, falla de um com tanta exacção, que mostra que assistiu a taes cerimonias (vid. *Peristephanon,* X, 1011, na ed. de Dressel, Leipzig 1860: texto muitas vezes citado pelos especialistas, quando fallam de taurobolios).

[3] Vid. Franz Cumont, *Textes et monuments figurés relatifs aux mystères de Mithra,* t. I (1899), p. 244. Do mesmo A., que fez dos

Para tornar solemne tal culto, que a certos respeitos foi rival do Christianismo, nada faltava: templos ou *mithraea*, alguns muito notaveis, edificados debaixo da terra, ou em desvios de montanhas; obras d'arte; uma serie hierarchica de iniciados (*sacrati*); clero activo; cerimonias secretas (*mysteria*); sacrificios, libações, hymnos; bàtismo purificador; festas de sentido mystico. A divindade representava-se de varias maneiras, sendo a principal em figura de mancebo no acto de ferir um toiro («Mithras tauróctono»).

Com quanto, a julgar da sua importancia geral, este culto devesse estar bastante propagado na Lusitania, deixou ahi poucos documentos, embora importantes; e são todos elles da Lusitania hespanhola [1].

Já Hübner, no *Corpus*, II, 464, cita uma inscripção de Mérida (Arvalos), consagrada por Tiberio Claudio Artemidoro a *Cautes;* ora *Cautes* era o nome de um dos dadóphoros ou porta-archotes que costumavam figurar com Mithras tauróctono, e lhe foram assimilados [2]. Ultimamente

---

estudos mithriacos verdadeira especialidade, ha importantes artigos no *Dict. des antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. «Mithra», e no *Lexikon der gr. u. röm. Myth.* de Roscher, s. v. «Mithras». No seu livro intitulado *Les religions orientales dans le paganisme romain*, Paris 1906, lê-se um capitulo (o VI) consagrado a Mithras. Outros trabalhos especiaes que tenho presentes: *Cultes, Mythes et Religions*, de Salomon Reinach, II, 220 sqq. («La morale du mithraïsme»), e *Bonner Jahrbücher*, n.º 108–109.

[1] De outras regiões da Iberia temos: um anel com uma figura e uma inscripção, achado em *Italica;* dois fragmentos de uma ara com inscripção, achados em *Tarraco;* duas lapides com inscripções, provenientes, uma, de ao pé de Colunga (*Astures*), outra, de Medina de la Torre (*Baetica*): vid. *Corpus*, II, 5366, 4086, 5728 a 1025.

[2] Cumont no *Dict.* de Daremberg & Saglio, s. v. «Mithra», p. 1952. Cf. tambem Steuding no *Lexikon* de Roscher, s. v. «Cautes». — No *Corpus*, II, 5635, ha uma inscripção gallega em que apenas se lê: o que aqui noto ao lado, inscripção que Hübner, a p. 1129, considera sem hesitação como de *Cautes;* mas o texto está, ao que parece, muito mutilado, e não poderá fazer-se obra por elle.

CAV
TI
NTO
.....

descobriram-se junto d'aquella cidade, no Cerro de San Albín, duas notaveis inscripções dos meados do sec. II, que o Sr. Marquês de Monsalud estudou e publicou [1].

A primeira diz: *Ann(o) col(oniae)* CLXXX *aram genesis invicti Mithrae M(arcus) Val(erius) Secundus, fr(umentarius) leg(ionis)* VII *Gem(inae), dono ponendam merito curavit, G(aio) Accio Hedychro patre,* i. é: «no anno de 180 »da colonia [2], Marco Valerio Secundo, fornecedor de man»timentos da legião 7.ª, chamada *Gemina,* mandou erigir, »por dadiva feita com toda a razão, esta ara commemora»tiva do nascimento de Mithras invencivel, com a assis»tencia de Gaio Accio Hedychro, *pater*». Em uma ara de marmore branco, de $0^{m},82 \times 0^{m},40 \times 0^{m},20$, com um *praefericulum* e uma *pátera,* emblemas de libação sacrificial, esculpidos nas faces lateraes. Do texto se vê mais uma vez o caracter militar da religião mithriaca [3]; a legião VII, a que na inscripção se allude, esteve, com varias interrupções, de guarnição na Hispania, e foi criada por Galba (sec. I) [4]. Creio que *génesis* nada tem com a iniciação de Marco Valerio Secundo, mas é grecismo (γένεσις), e significa «nascimento», e que o monumento commemora este instante da vida do deus: cf. outras inscripções consagradas á *natura dei* [4], e á *petra genetrix* [5], pois que, segundo a lenda, Mithras nascêra de uma pedra, θεὸς ἐκ πέτρας [6]; a expressão *genesis invicti Mithrae* corresponde a *natalis in-*

---

[1] *Boletin de la R. Acad. de la Hist.,* XLIII, 242-244.

[1] Cêrca de 155 da era christã, porque Emerita foi fundada pelos annos de 25: vid. supra, p. 151.

[2] Cf. Cumont, *Monuments de Mithra,* I, 246 sqq., e 260-261.

[3] Boissevain, *De re militari provinciarum Hispaniarum,* Amsterdam 1879, p. 31 sqq.; Hübner, *La arqueología,* p. 140 sqq.—É do nome d'esta legião que vem o da cidade de Lião de Hespanha.

[4] Por ex.: NATURAE DEI PRUDENS, etc., em Dessau, *Inscr. Lat. selectae,* II, n.º 4245.

[5] Por ex.: PETRAE GENETRICI FELIX.. EX VISO, em Dessau, *Inscr. Lat. selectae,* II, n.º 4244.

[6] Cumont, *Mon. de Mithra,* I, 159.

victi (sc. *Solis*), de que tratarei adiante [1]. Dos elementos gregos que predominavam no culto emeritense de Mithras não póde duvidar-se perante o cognome do *pater*, i. é, *Hedychrus*, que provém do adjectivo ἡδύχρους «de bella côr», «de bom perfume». A palavra *pater* designava o grau mais elevado na hierarchia dos iniciados; o prelado dos *patres*, ou cabeça, era o *pater patrum* ou *pater patratus* [2]. Acêrca de *invictus*, epitheto frequente dos deuses de origem oriental, vid. o que diz Cumont, *Monum. de Mithra*, I, 47 sqq.

A segunda inscripção do Cerro de San Albín é concebida nestes termos: *G(aius) Acc(ius) Hedychrus, p(ater) patrum*, e refere-se ao mesmo individuo que apparece no fim da inscripção precedentemente estudada. Está gravada na coxa de uma figura de marmore branco, da qual diz o douto Marquês de Monsalud:.. «de tamaño colosal, »falta de cabeza y brazos, representando un varón en»vuelto en amplio ropaje tendido sobre el lado izquierdo; »el busto ligeramente incorporado; á dicho lado un pe»queño animal con cabeza, al parecer de león y cola de »serpiente» [3]. Mercê da intervenção de um amigo [4], posso reproduzir na fig. 149.ª uma photographia da esculptura emeritense.

Com as duas inscripções precedentemente analysadas se correlacionam duas estátuas achadas no mesmo sitio d'onde provém os monumentos que contém aquellas inscripções [5]. Figuro-as com os n.os 150 e 151 [6].

---

[1] Outro acto de Mithras é o *transitus* ou passagem do touro fabuloso para o antro (Cumont, *Mon. de Mithra*, I, 171); pois tambem ha inscripções que o celebram, como INVICT[O] MITHRAE ET TRANSITU DEI.., em Dessau, *Inscr. Lat. selectae*, II, n.º 4247.

[2] Cumont, *Mon. de Mithra*, I, 315 e 318.

[3] Citado *Boletín*, XLIII, 244.

[4] D. José Ramón Mélida.

[5] Tudo se guarda hoje no Museu Archeologico de Mérida.

[6] Agradeço ao meu amigo D. José Ramón Mélida a remessa da photographia por onde se fizeram as photogravuras.

Na estátua n.º 150 representa-se um personagem do sexo masculino, de calças atadas na cintura por um cordão, ficando todavia nu o tronco e os braços; tanto os membros superiores como os inferiores acham-se mutila-

Fig. 149.ª (Escultura de Mérida)

dos; a cabeça não está já toda, e devia ser de lião, pois resta parte da juba. Envolve-o parte de uma serpente com tres roscas, nas coxas, no tronco e no pescoço.

Na estátua n.º 151 representa-se outro personagem do sexo masculino, decapitado e completamente despido, com uma cabeça de lião ao nivel do esterno, entre os seios, e

as pernas conchegadas e rigidas, como que perfilado. Enrosca-o do mesmo modo uma serpente, que dá cinco voltas, e a que falta a cabeça. Segundo o que se vê na photographia, o personagem está mettido na excavação de um rochedo (gruta? nicho?).

Fig. 150.ª (Esculptura de Mérida)

Fig. 151.ª (Esculptura de Mérida)

É vulgar apparecer entre os monumentos de Mithras um personagem leontocephalo, ou *Kronos mithriaco*, apertado por uma serpente que faz tres, cinco, sete gyros (o fatidico numero impar) em volta d'elle, e cuja cabeça

pousa na do personagem, ou lhe entra na guela [1]. A estátua n.º 150 pertence sem duvida a este typo, e devemos entender que as roscas da serpente eram primitivamente cinco (mais duas nas pernas) [2]. A estátua n.º 151 assemelha-se bastante á antecedente, senão que, por não ter cabeça, ficamos sem saber ao certo se era primitivamente leontocephalica ou não; o mais provavel porém é que o fosse, e que a cabeça leonina que mostra no peito seja pleonastica, o que nesta religião tem muitos parallelos. Em todo o caso a figura pertence, segundo creio, a um typo novo, pois não acho nenhuma igual no riquissimo livro do Sr. Cumont [3]. Em vista do que fica exposto acima, as cabeças das serpentes pousariam nas dos personagens, ou entrar-lhes-iam nas guelas [4].

O lião e a serpente fazem parte dos muitos symbolos em que a religião e os mysterios de Mithras abundavam. Assim se explica que os encontremos, quer nestas duas estátuas, quer no monumento que tem a inscripção de *Hedrychus* antes descrita.

*

Dos textos tiramos algumas conclusões acêrca do culto mithriaco de *Emerita*. Ás que já a cima apresentei quanto ao caracter militar, aos elementos gregos, e ao titulo do prelado dos *patres*, accrescentarei que é natural que no Cerro de San Albin houvesse um *mithraeum* [5], no qual,

---

[1] Cumont, *Textes et monuments de Mithra*, I, 74 sqq.—Vid. as respectivas figuras no t. II, pp. 196, 207 e 213, etc.

[2] Quanto ás calças, cf. em Cumont, *ob. cit*, a fig. 22.ª (t. II, p. 196).

[3] O exame directo da estátua é possivel que revelasse outras particularidades somaticas. Tudo o que digo baseia-se apenas no exame da photographia.

[4] Cf. no citado livro de Cumont as figs. 21.ª (t. I., p. 196), 41.ª, e 44.ª (t. II, p. 213).

[5] Cf. Marquês de Monsalud, citado *Boletín*, XLIII, 245.

como se dirá adiante, se veneravam outras divindades [1]; neste *mithraeum,* ou santuario de Mithras, exhibiam-se vários monumentos artisticos, de caracter mysterioso, e faziam-se libações, cujo symbolismo ficava assignalado em aras, para perpétua memoria. Mais nos diz um texto que os fieis, se umas vezes invocavam *Mithras* propriamente dito, outras invocavam *Cautes*. O homem, ao ver-se afflicto, soccorre-se de tudo para buscar allívio, e quando tem crenças religiosas, encontra poderoso recurso na multiplicidade das invocações divinas.

3. Isis e Serapis.

Isis e Serapis receberam culto na Italia pelo menos já na primeira metade do sec. II a. C. Em Roma, depois de muitas vicissitudes, só em dias de Nero o Estado os reconheceu; então se restauraram ou santificaram templos antigos, se construiram outros novos, e se celebraram publicamente as festas egypcias. Os imperadores subsequentes foram fieis servidores d'estas divindades [2].

Volvamo-nos agora para a Lusitania, visto que é só d'esta região que tenho de me occupar [3]. E comecemos por Isis.

a) Uma inscripção de Alcacer-do-Sal, cuja cópia se conserva num manuscrito de Cornide (archeologo gallego do sec. XVIII, que viajou em Portugal), diz: Isidi dominae *M. Octavius Octaviae M. f(iliae) Marcellae Moderatillae lib(er-*

---

[1] A respeito de *mithraea* em que se veneravam conjuntamente com Mithras o Sol, a Lua, a Virtude, etc., vid. Cumont, I, 63 (-64), nota 10.

[2] Vid. sobre isto tudo: Lafaye, *Histoire du culte des divinités d'Alexandrie,* Paris 1884, pp. 40-63. E cf. Marquardt, *Le culte chez les Romains,* I, 95-98.

[3] Acêrca da Hispania em geral vid. *Corpus,* t. II, p. 1128 («Isis») e 1130 («Serapis»), e além d'isso Marcelo Macias, *Epigrafía romana de Astorga,* Orense 1903, pp. 41-44.

tus) *Theophilus v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo)* [1], i. é: «Marco Octavio Theophilo, liberto de Octavia Marcella »Moderatilla, filha de Marco (Octavio), cumpriu de boa »mente o voto (que fizera) á soberana Isis». A deusa, segundo diz Apuleio, que trata d'ella com bastante desenvolvimento, era *rerum natura parens, elementorum omnium* DOMINA, «a Natureza, mãe das cousas, senhora de todos os elementos» [2]; por isso o epitheto de *domina* «senhora» ou «soberana», dado pelo texto alcacerense, tem toda a justificação. De outros textos litterarios o conhecemos nós tambem, por exemplo das *Satiras* de Juvenal [3].

b) Temos mais um testemunho epigraphico da deusa em uma lapide de *Bracara* em que se lê: ISIDI AUGUSTAE *sacrum: Lucretia Fida, sacerd(os) perpetua Rom(ae) et Aug(usti) conventuus Bracaraug(ustani), d(at)* [4], ou em nosso vernaculo: «Lucrecia Fida, sacerdotisa perpétua de Roma »e de Augusto, do convento bracaraugustano, dá (ou, de»dica este monumento) á augusta Isis». A inscripção, como se infere dos caracteres da letra, é dos meados do sec. II, o que já a cima se observou [5]. Se Isis na inscripção precedente recebe o veneravel epitheto de *domina,* aqui recebe

---

[1] *Corpus,* II, 33.

[2] *Metamorphos.,* liv. XI. Cf. outro texto: *matrem siderum, parentem temporum, orbisque totius* DOMINA, «mãe dos astros, progenitora dos tempos, soberana de todo o mundo».— Das *Metamorphoses* ha, como já disse, traducção portuguesa com o titulo de *Burro de ouro de Appuleio,* Lisboa 1847 (anonyma, mas consta ser de Francisco Antonio de Campos, barão de Villa Nova de Fozcoa); o citado passo vem ahi a p. 383.

[3] Liv. VI, v. 530.

[4] *Corpus,* II, 2416.— Á lista dos mss. referentes á Isis bracarense citados por Hübner accrescentarei outro, que o é de Rodrigo Caro, e existe na Bibliotheca Capitular Colombina de Sevilha (cod. do sec. XVII). Diz-se ahi a fls. 43: *In Lusitania dea Isis in honore et cultu. Lapis apud Braccaram Augustam,* e em seguida transcreve-se a inscripção. (Devo esta noticia ao Sr. D. Simón de la Rosa y López).

[5] P. 317.— Cf. p. 323 a respeito de *perpetua.*

o de *augusta*, que no decorrer d'esta obra vemos applicado a muitas divindades [1].

c) No Museu Ethnologico existe um objecto de barro abrancaçado, que copio na fig. 152.ª, e representa uma

Fig. 152.ª (Isis do Museu Ethnologico)

cabeça, a qual foi feita por duas vezes, ficando um espaço ôco entre as duas metades anterior e posterior, soldadas uma á outra pelas extremidades. Creio fazer parte de uma estatueta de *Isis*, analoga a várias que vi nos Museus do Egypto (Cairo e Alexandria): a deusa está toucada de folhas de hera, e tem na parte superior da cabeça um dos seus emblemas habituaes (*globo* solar, posto, ao que pa-

[1] Diz Lafaye, *Divinités d'Alexandrie*, p. 129: «Le culte alexandrin, libre et vénéré dans ses temples,.. réussit à se glisser dans la famille. Ses dieux sont identifiés avec les Lares. Comme tels, ils prennent en Occident le titre d'*Augustes*, qui depuis le premier des empereurs désigne les divinités du foyer».

rece, entre dois galhos de vacca, estilizados e desfigurados [1]). Este objecto, que é de estilo barbaro, e certamente local, consta que appareceu no Algarve (pertencia á collecção organizada por Estacio da Veiga).

Passemos ao culto de Serapis.

a) Em 1794 descobriu-se no rocio de Beja, fóra da porta de Avis, uma lapide de $1^{m},02 \times 0^{m},68 \times 0^{m},45$, que hoje está no Museu Municipal, e que copio aqui ao lado (fig. 153.ª[2]. A inscripção gravada nella é de caracter funerario, ou semi-funerario, e já veio a público mais de uma vez [3]; diz na nossa lingoa: «consagração feita a Sera»pis Pantheo em honra de »G(aio) Mario Prisciano; »Stellina Prisca, mãe d'este »filho carinhoso, deu e de»dicou (o monumento; ou »deu-o de presente)». Deve entender-se que o individuo em honra de quem se consagra a inscripção a Serapis era fallecido [4]. — A palavra «Pantheo», i. é, *Pantheus,* que serve de epitheto a Serapis, é de origem grega, e denota que a este deus se attribuiam qualidades proprias das de mais divindades. É por tal motivo que

Fig. 153.ª (Lapide de *Pax Iulia)*

[1] Quanto á fórma que tem aqui o *globo* vid. outro exemplo em Babelon & Blanchet, *Bronzes antiques*, Paris 1895, p. 275.

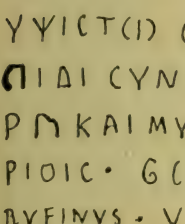
[2] Agradeço ao Sr. J. de Vargas o desenho que me mandou.

[3] Vid. *Corpus,* II, 46. — Outros exemplos de *Serapi,* por *Serapidi,* vem em Georges, *Lexik. der lat. Wortformen*, s. v.

[4] Vimos factos semelhantes supra, pp. 302, 282, etc.

Tacito, ao fallar das tradições em voga no Egypto a respeito de Serapis, declara que uns o presumem Esculapio, outros Osiris, outros Juppiter — *rerum omnium potentem* —, outros, finalmente, Plutão [1]. No paragrapho seguinte voltarei a citar esta palavra, que tambem se emprega, já applicada a outras divindades, já avulsa, como personificação de um ser divino. — A inscripção, pelos caracteres paleographicos, póde pertencer á primeira metade do sec. II (Dessau).

b) Não menos importante que a inscripção antecedente é a que se lê, em grego e latim, numa das fragas do santuario lusitano-romano de Panoias, ao pé de Villa-Real de Tras-os-Montes [2]; ella não está de todo inedita, mas as lições publicadas apresentam incorrecções ou falhas [3]. Reproduzo-a aqui ao lado, segundo a leitura que apurei *in loco*, depois de demorado exame da pedra.



O sigma em todas as linhas da parte grega, bem como o epsilon da l. 1.ª, tem fórmas lunares, o que é frequente na escritura grega da epoca romana.

No lugar correspondente á penultima letra da l. 2.ª a pedra tem uma falha; mas não sei que outra letra pudesse ahi estar senão um *omicron*.

A segunda letra da l. 3.ª deve ser *eta*.

Por isso transcrevo assim o texto:

---

[1] *Histor.*, IV, 84.

[2] Vid. *Religiões*, II, 187.

[3] Vid.: *Corpus*, II, 2395 (onde se cita a bibliographia anterior á data d'este vol.); *O Arch. Port.*, III, 59–61; *Additamenta Nova*, p. 98; Cagnat, *Rev. des publications épigr.*, 1897, n.º 86 (extr. da *Rev. Archéologique*: ahi acceita e adopta a restituição que eu propusera n-*O Arch. Port.*, III, 61, nota 2, das duas primeiras syllabas do nome do deus).

Ὑψίστῳ Σεράπιδι σὺν μοίρᾳ καὶ μυστηρίοις *C. C. Calp(urnius) Rufinus, v(oti) c(ompos)* [1].

Elle poderá interpretar-se d'este modo: «Ao altissimo »(deus) Serapis, por favor da sorte [2] e dos mysterios (em »que está iniciado) [3], C. C. Calpurnio Rufino, attendido, »como foi, no voto que fizera, (dedicou este monumento)».

De certo é uma demonstração do prazer que Calpurnio teve de se tornar *mysticus*. Acêrca do sentido de *mysticus* «adepto» ou «iniciado», vid. o que se disse a cima, pag. 332. Este texto é preciosissimo, entre várias razões, pela menção da palavra «mysterios» applicada ao culto de Serapis. Mais uma vez se vê com quanto cuidado devia velar-se pela conservação das pedras de Panôias. Ellas porém estão em risco de se perderem! — O epitheto ὕψιστος «altissimo» apparece nas inscripções applicado principalmente a Zeus [4]. Por outro lado Serapis usurpa os epithetos de *o(ptimus) m(aximus)*, que são habituaes de Juppiter [5]. Serapis havia pois sido identificado com a suprema divindade hellenico-romana do ceu [6].

Facto curioso é ser greco-latina a inscripção: o grego

---

[1] Hübner interpreta V · C por *v(ir) c(larissimus)*, mas parece mais natural *v(oti) c(ompos)*.

[2] Propriamente ἀγαθῇ μοίρᾳ «boa sorte».

[3] Isto é: já que recebeu a graça de ser iniciado nos mysterios.

[4] Vid., por exemplo, *Corp. Inscr. Graecarum*, p. 31; e cfr. F. Cumont, *Les religions orientales*, Paris 1906, pp. 154 e 155. Do epitheto ὕπψιστος tratou Schürer nos *Sitzungsberichte der Akademie der Wissensch. zu Berlin*, 1897, pp. 209–213, onde distingue tres circumstancias: ou Ζεὺς ὕψιστος; ou o epitheto empregado sòzinho; ou posposto a θεός. O citado auctor F. Cumont resume, completa e confirma o trabalho de Schürer num opusculo intitulado *Hypsistos*, publicado em «Supplément à la *Revue de l'instruction publique en Belgique*», 1897. Do mesmo epitheto se occupou Drexler no *Lexikon* de Roscher, s. v. «Hypsistos».

[5] Vid. H. Dessau, *Inscriptiones Lat. selectae*, II, 4389.

[6] Cf. o texto de Tacito, que citei a cima, p. 345, e além d'isso: Preller, *Römische Mythologie*, II [3], 376 e 377; Bouché-Leclercq, *Hist. de la divination dans l'antiquité*, t. III, pp. 379 e 380.

explica-se por ter o deus procedencia alexandrina, e querer quem consagrou o monumento conformar-se, quanto possivel, com a tradição do ritual [1]; o nome do dedicante

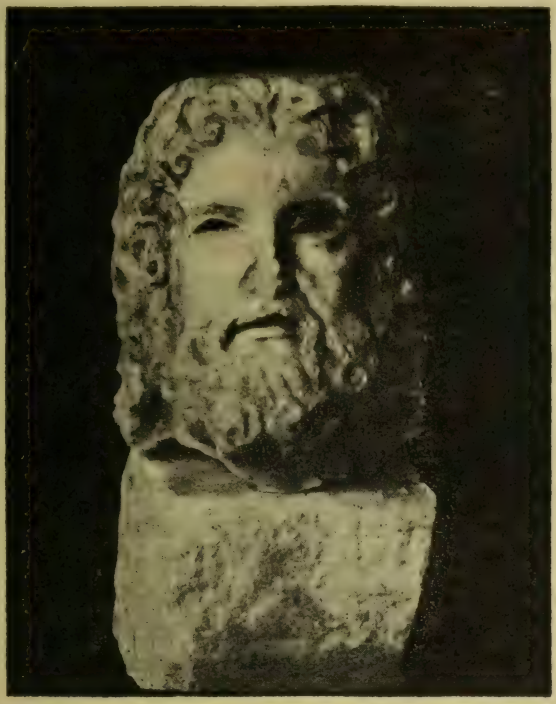


Fig. 154.ª (Serapis de *Emerita*)

está em latim, por este ser Romano, ou Lusitano romanizado. Ha no *orbis Romanus* outras inscripções greco-latinas, assim redigidas por motivos semelhantes [2].

---

[1] Tambem a missa é em latim, embora o povo nada entenda.

[2] Consagrada a Serapis, temos uma por ex. em Ostia, *Corpus*, XIV, 47: a indicação do assunto (offertas a Serapis) e o nome do dedicante estão em grego; a permissão concedida pelas autoridades romanas para a *dedicatio* está em latim. Numa inscripção de Ampurias, mandada gravar por um Grego e por uma mulher Romana ou Hispano-Romana, o nome d'aquelle e o do pae estão em grego, o d'esta em latim: vid. *Corpus*, II, 4623. Cf. tambem Audollent, *Carthage Romaine*, Paris 1901, p. 407.

c) No cerro de San Albín, em Mérida, onde appareceram as duas inscripções mithriacas que publiquei a cima, pp. 336 e 337, appareceu tambem um fragmento de marmore branco, com as dimensões de $0^{m},18 \times 0^{m},05$, no qual se lê: ..ARAPI, letras que fazem parte do nome de Serapis, posto provavelmente em dativo: [*S*]*arapi* ou [*S*]*arapidi* [1], pois dos dois modos se póde declinar. A fórma *Sarapis* concorre, como é sabido, com *Serapis*, nos textos epigraphicos; o mesmo acontece com as respectivas fórmas gregas.

d) Do mesmo cerro de San Albín proveio uma cabeça marmorea de Serapis, de tamanho natural, conservada hoje no Museu de Mérida. Veja-se a fig. 154.ª, feita segundo uma photographia [2]; a parte superior da cabeça está talhada, provavelmente para receber o *cálathus*.

De Serapis e Isis conjuntos possue o Museu Ethnologico um monumentozinho de que passo a fallar. É uma lucerna de barro vermelho, infelizmente um tanto deteriorada, em cujo anverso ou parte superior se vêem em relevo os bustos d'aquellas duas divindades: Serapis, com o *calathus*, e á sua direita Isis, com um emblema na cabeça, do qual só se determina bem o crescente lunar. Entre os orificios da lucerna, na direcção de uma linha que separasse symetricamente os bustos um do outro, avulta um ornato botanico, talvez cabeças de papoulas, porque esta planta fazia parte dos attributos de Isis, para cujo culto passou do de Demeter [3]. Vid. fig. 155.ª (um pouco reduzida). A lucerna appareceu na Lusitania hespanhola, na aldeia de Santa Amalia, a qual não fica muito longe de Medellin, e foi-me offerecida pela illustre poetisa a Ex.ma Senhora D. Carolina Coronado; na referida

---

[1] Vid. *Boletín de la Academia de la História*, XLIII, 245.

[2] Foi-me enviada pelo Sr. D. José Ramón Mélida, Director do Museu de Reproducções de Madrid.

[3] Vid. *Dict. des antig. gr. et rom.*, de Daremberg & Saglio, s. v. «Isis», t. VIII, p. 580.

aldeia tem apparecido outras antiguidades romanas [1]. Não é raro figurarem Isis e Serapis em lucernas, a par, ou separadamente: do primeiro caso ha dois exemplos no Museu do Louvre [2]; do segundo vi alguns no Museu de

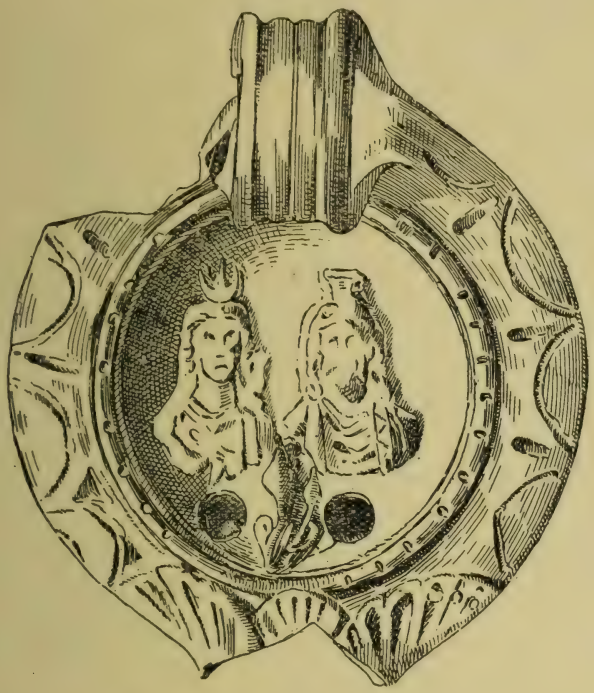


Fig. 155.ª (Lucerna do Museu Ethnologico)

Alexandria. Neste ultimo Museu existem outros monumentos em que os bustos das duas divindades andam tambem conjuntos. Por outro lado conhecem-se inscripções em que Serapis coexiste com Isis [3].

---

[1] Cf. *Corpus Inscr. Lat.*, II, 651 (fragmentos de dois cippos com inscripções).

[2] Audollent, *Carthage Romaine*, Paris 1901, p. 404.

[3] *Serapi conservatori et Isidi ceterisq(ue) dis deabus(que) immortalibus*, em Dessau, *Inscript. selectae*, II, n.º 4383.

*

O culto isiaco era notavel por suas procissões ou *pompae,* muito semelhantes ás catholicas: Apuleio descreve com todo o colorido romantico de Africano uma d'estas festas, a qual terminou pelo lançamento do *navigium Isidis* ao mar, para bom agouro dos navegadores [1]. Mas quer d'isto, quer de outros factos, taes como a iniciação dos devotos nos mysterios da deusa, os officios quotidianos, etc. [2], nada sabemos com relação á Lusitania. Quando muito, podemos presumir que os monumentos epigraphicos pertenciam a algum *isīum* (isēon) «templo de Isis», e que o objecto de barro pertencia igualmente a um templo, ou a um *lararium* «oratorio domestico».

Alem da inscripção serápica, e das que no vol. II d'esta obra já indiquei [3], havia, e em parte ainda ha, em Panôias mais algumas, tambem de caracter sagrado, — como se dirá na secção IV: de modo que o local era verdadeiramente um santuario. Talvez não erremos denominando-o *serapēum,* apesar de se venerarem ahi varias divindades [4]. Não raro recebia Serapis a veneração dos fieis concomitantemente com outros deuses em um só recinto: as inscripções, em taes casos, tratam estes ultimos por

---

[1] *Burro de ouro* (já citado a cima), liv. XI; na traducção portugueza pp. 387-399.

[2] Vid.: Marquardt, *Le culte chez les Romains,* I, 98 e n. 5; Lafaye, *Divinités d'Alexandrie,* p. 108 sqq.; Apuleio, *loc. cit.* (na traducção portuguesa, pp. 401-411).

[3] P. 187. Cf. supra, p. 301.

[4] Do mesmo modo que nos templos christãos, comquanto consagrados a um santo principal, á Virgem ou a Christo, se construem capellas e altares com outras invocações, tambem nos templos pagãos aconteciam factos semelhantes. Já a cima, p. 341, vimos um exemplo no *mithraeum* de *Emerita.* No templo de Apollo em Pompeios havia estátuas de varias divindades (Artemis ou Diana, Venus, etc.), do que ainda restam muitos vestigios.

οἱ σύνναοι θεοί «os deuses adorados no mesmo templo» [1]. Quanto á inscripção de Beja, o arcebispo Cenaculo considerava-a pertencente a um *serapēum* [2]; não temos todavia provas certas d'isso. Pena é que o texto da lapide de Panôias, ao deixar-nos entrever a existencia de mysterios serapicos, ou cerimonias secretas, que se celebravam no santuario onde ella ainda existe hoje, seja tão laconico, e não nos permitta conhecer pelo menos alguns pormenores; ficamos reduzidos a supprir pela imaginação, apenas baseada no que sabemos de outra procedencia, o que se passaria nestes mysterios.

Diz-se nas *Metamorphoses* ou *Burro de ouro* de Apuleio que Lucio, o protagonista do romance, depois de estar iniciado nos mysterios (*sacris*) de Isis, fôra pela deusa avisado de que deveria iniciar-se tambem nos de Osiris ou Serapis, deuses que Apuleio confunde, como tambem confunde aquella deusa com outras [3]. Embora as religiões serapica e isiaca differissem muito entre si a respeito de certos ritos, como nota o proprio Apuleio [4], alguns mantinham porém iguaes, por exemplo o da abstinencia de alimento animal praticada pelo iniciado durante dez dias [5]. Ao passo que o nosso autor falla das ablucções de Lucio «no tanque do costume» (*sueto lavacro*), naturalmente sagrado, por occasião da primeira iniciação [6], não falla de

---

[1] Vid. exemplos em: Kaibel, *Inscript. Graec. Siciliae et Italiae*, Berlim 1890, p. 739; Audollent, *Carthage Romaine*, Paris 1901, p. 403.

[2] Vid. *O Arch. Port.* I, 344.

[3] Livro XI (pp. 412–415 da traducção portuguesa).

[4] *Quanquam enim conexa, immo vero unica ratio numinis religionisque esset, tamen teletae discrimen interesse maximum.* Livro XI. — Na trad. portuguesa, p. 413.

[5] . . *decem diebus inanimis contentus cibis.* Livro XI. Na trad. portuguesa, p. 415.

[6] Livro XI (p. 407 da trad. portuguesa). —Vid. tambem sobre o assunto: Cumont, *Monuments de Mithra*, I, 319; Lafaye, *Divinités d'Alexandrie*, pp. 110, 144 e 231.

nenhumas ao tratar da segunda; sem embargo, havemos de entender que as houve. Ora acontece que no santuario de Panôias chamam a nossa attenção alguns penedos em cuja superficie se fizeram grandes cavidades rectangulares, com encaixes, como para receberem tampas [1]. É possivel que estas cavidades, ou algumas d'ellas, servissem de *lavacra* nas cerimonias cultuaes de Serapis, para os iniciados se purificarem.

Assignalarei mais uma concordancia da archeologia de Panôias com as *Metamorphoses* de Apuleio. Vimos a cima que Calpurnio, conforme a interpretação dada do texto grego, consagrára a Serapis um monumento por haver recebido um beneficio da «sorte», e estar iniciado nos santos mysterios; nas *Metamorphoses* Lucio, *de Serapis.. nocturnis orgiis illustratus,* e alem d'isso remediado com os lucros que tirava de advogar, confessa-se grato ao deus *Eventus*. Se isto não passa de pura e casual coincidencia, mostra comtudo que a alma dos crentes vibra sempre do mesmo modo, quando subjugada das mesmas emoções.

De todos os cultos orientaes implantados na Lusitania foram os de Isis e Serapis os que deixaram maior numero de monumentos, e em área mais lata, pois os encontramos desde o Algarve até Trás-os-Montes, desde Alcacer-do-Sal até Merida, o que se comprehende bem, attento o caracter universalistico das duas divindades. Poderemos dizer que o maior florescimento d'elles foi no seculo II.

4. «Signum pantheum».

Na Boca do Rio, frèguesia de Búdens, concelho de Villa-do-Bispo (Algarve), encontrou Estacio da Veiga uma figura de bronze romana, que hoje existe no Museu Ethnologico, e que vou descrever. Representa uma mu-

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, III, 58–59 (com uma gravura). D'este assunto, como já disse, tornarei a fallar na secção IV.

lher nua, com os seios nitidos, alada, a qual como que sae do calice de uma flor; vê-se só parte do corpo, do meio das coxas para cima. O cabello está penteado e diademado; o diadema confunde-se com o cabello ao nivel da nuca, descendo uma trança pelo dorso a baixo, na direcção da espinha. Das asas só resta inteira a esquerda, e parte da direita. O braço d'este lado está pendente, e a respectiva mão segura o collo de um jarro ou enóchoe, que fica estendido em posição horizontal, um pouco a cima da flor. O braço esquerdo está em flexão, e a mão ampara um *calathus* cheio de frutos, pousado no ombro. Fig. 156.[a]

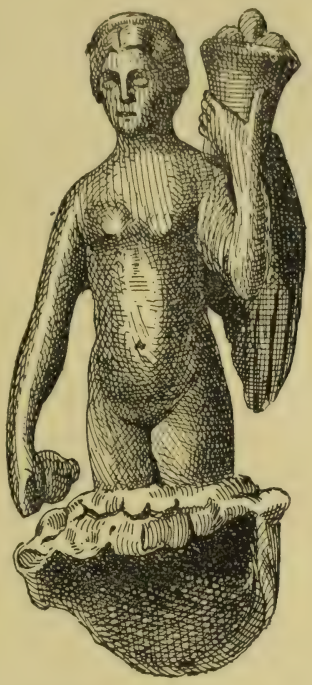


Fig. 156.[a] (Do Museu Ethnologico

A arte antiga dá-nos outros exemplos de figuras de bronze que emergem de dentro de flores: um Satyro [1], um Fauno [2], a divindade do Outono [3], Isis [4], uma Bacchante [5], — para não citar senão o que tenho á mão.

Se, por esse lado, a estatueta do Museu Ethnologico admitte parallelos, outros admitte no que toca aos seus attributos. Lembrarei por exemplo uma do Gabinete Nu-

---

[1] Babelon & Blanchet, *Catalogue des bronzes antiques de la Bibliothèque Nationale*, Paris 1895, p. 192.

[2] Caylus, *Recueil*, VII, 281, e est. LXXIX, 4.

[3] Babelon & Blanchet, *Catalogue* citado, pp. 42–43.

[4] *Dictionnaire des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «Isis», p. 580, col. 2.

[5] Babelon & Blanchet, *Catalogue* citado, pp. 212–213.

mismatico da Bibliotheca de Paris, provida de asas, leme, cornucopia, e com o diadema e o toucado de Isis na cabeça [1]. Ás figuras d'esta especie dão-se os nomes de *Fortuna Panthea, Isis Panthea, Isis-Fortuna, Isis-Tyche* [2]. Igualmente se conhece: um Genio Pantheo numa moeda de Marco Antonio, alado, radiado, com arco e aljava, caduceo, cornucopia, e o pé direito num globo [3]; um Silvano Pantheo com os raios do Sol e a aljava apollinea, posto entre a massa de Hercules e o caduceo de Mercurio, de um lado, e a serpente de Sabazius, do outro [4]; um Mercurio Pantheo, rodeado de *tintinnabula* e de bustos da triada capitolina [5]. Vide mais exemplos em Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 131, nota.

Estas representações artisticas concordam com os documentos epigraphicos. Alem de *Serapis Pantheus*, que vimos a cima numa inscripção de Beja, e de que ha muitos outros testemunhos fóra da Lusitania, as inscripções do orbe romano apresentam: *Isis Panthea* [6], *Iuppiter Pantheus Augustus* [7], *Mercurius Pantheus* [8], *Liber Pantheus* [9], *Concordia Panthea* [10], *Silvanus Pantheus* [11]. A par de divin-

---

[1] Babelon & Blanchet, *Catalogue* citado, p. 275.

[2] Vid., além do *Catalogue* de Babelon & Blanchet, citado na nota anterior, mais as seguintes obras: *Lexikon* de Roscher, I, 1531–1534; *Répertoire* de Reinach, II, 263, 264, 266; *Romanum Museum* Michaelis Angeli Causei, Roma 1746, est. 31; *L'Antiquité expliquée*, de Montfaucon, t. I, p. 388; *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «cornucopia», p. 1517, fig. 1960; *Histoire des Romains*, de V. Duruy, t. III, 1881, p. 473.

[3] *Dict. des antiquités*, s. v. «Panthea signa», p. 315.

[4] *Dict. des antiquités*, s. v. «Mercurius», p. 1820.

[5] *Monnaies de la République Romaine*, de Babelon, I, 164–165; n.º 19.

[6] *Corpus*, IV, 882.

[7] *Corpus*, II, 2008.

[8] *Revue Archéologique*, 1900, II, 220.

[9] *Corpus*, IX, 3145.

[10] Cagnat, *Revue des publications épigraphiques*, 1908, n.º 119.

[11] Toutain, *Les cultes païens*, I, 261.

dades assim appellidadas, os textos lapidares mostram-nos tambem uma com o simplez nome de *Pantheus* (ou *Pantheum*), como se vê da seguinte dedicatoria: PANTHEO SACRUM [1]; ás vezes até com o sobrenome de «Augusto», por exemplo na dedicatoria que diz PANTHEO AUGUSTO SACRUM [2]. O epitheto *pantheus* foi pois personificado e deificado, á maneira de *eventus, fortuna, victoria* (vid. supra). Designava syncreticamente uma divindade que possuia as qualidades de muitas, para não dizer de todas [3].

Numa inscripção que está no Vaticano, e que eu lá mesmo copiei, lê-se: *Diis deabus C. Iulius* .. SIGNUM AEREUM PANTHEUM *d. d. v. l. l. m.*; numa da Betica: *P. Numerius* .. SIGNUM PANTHEI .. *fieri ponique ex argenti libris C* .. *iussit* [4]. D'aqui concluimos que as figuras de que fallei a cima, e que os archeologos denominam, como disse, *Isis-Fortuna, Fortuna Panthea,* etc., recebiam dos Romanos as designações de *signum Panthei,* isto é, «imagem de Pantheo», e *signum pantheum,* isto é, «imagem panthea»; se as havia de bronze, havias-as tambem de prata [5].

Julgo-me por tanto autorizado a incluir no grupo dos *signa panthea* a estatueta algarvia do Museu Ethnologico: effectivamente tem asas como a Victoria, ostenta um receptaculo com frutos como as divindades da abundancia e dos campos, receptaculo comparavel de mais a mais á cornucopia, e tem na mão direita uma enóchoe, como uma figura do Gabinete Numismatico de Paris (acaso a deusa Hera) [6].

---

[1] *Corpus,* VI, 557–559. Ha outros exemplos.

[2] *Corpus,* II, 1165; cf. 3030. Ha mais exemplos.

[3] Cf. Mowat, na *Mélusine,* I, 275.

[4] *Corpus,* II, 1473.

[5] Por *signum pantheum* ou *Panthei* entende-se não só uma imagem, mas um objecto amuletiforme com varios symbolos divinos e magicos. Cf. Cumont no *Dict. des Antiquités,* s. v. «Panthea signa», p. 314–315.

[6] Vid. o respectivo desenho no *Catalogue* de Babelon & Blanchet, p. 24.

O culto das divindades pantheas propagou-se nas provincias romanas com o das divindades de origem oriental [1]; foi por isso que estudei neste lugar a nossa estatueta.

5. Celeste.

Successora da Astarte semitica [2], a deusa Tanit ou Tanith [3], de que restam tantas estelas votivas no solo africano [4], foi na epoca romana substituida em Carthago primeiramente por *Iuno,* e *Iuno Caelestis,* e depois por *Caelestis,* divindade que não passava de mera personificação do epitheto de Juno [5]; esta evolução effectuou-se, ao que se crê, no decurso do seculo II [6].

Caelestis era divindade da lua, das estrellas e dos phenomenos atmosphericos (chuvas, trovoadas) [7]; foi por isso tambem assimilada a outras deusas classicas, taes como

---

[1] Cumont, no *Dict. des Antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. «Panthea signa», p. 314. Cf. tambem *Revue Archéologique*, 4.ª serie, t. IX, p. 266, nota.

[2] Isto é, Ἀστάρτη ou עשתרת = Axtoret. — A respeito d'esta deusa cf. *Religiões,* II, 218, e vid. principalmente: Movers, *Die Phönizier,* I (1841), 601 sqq.; Meyer, no *Lexicon* de Roscher, s. v. «Astarte».

[3] Transcripção hebraica: תנת.

[4] Cf. Carton, *Le sanctuaire de Tanit à El-Kénissia,* Paris 1906, *passim.*

[5] Vid.: Movers, *Die Phönizier,* I, 625; Preller, *Römische Mythologie,* II³, 406; Berger na *Gazette Archéologique,* II, 121; Audollent, *Carthage Romaine,* Paris 1901, 371–374. — A par d'estes nomes, a deusa recebe nos textos epigraphicos ainda outros: *Dea Virgo Caelestis, Dea Magna Virgo Caelestis,* etc.; vid. Audollent, *ob. cit.,* p. 372 (nota), e Cumont na *Real-Encyclopädie* de Pauly & Wissowa, s. v. «Caelestis».

[6] Audollent, *Carthage Romaine,* p. 373.

[7] Preller, *Röm. Myth.,* II³, 407; Audollent, *Carthage Romaine,* p. 374; Graillot na *Rev. Archéologique,* 1904, I, 336; Wissowa, *Religion und Kultus der Römer,* Munich 1902, p. 312.

Diana, Venus, Urania, Fortuna, Cybele, pelo que se tornou panthea [1], verdadeira émula feminina de Serapis.

Representavam-na de differentes maneiras: ora levada num lião, ora assentada num throno; entre os seus attributos symbolicos figura o disco de Venus (planeta) e a meia-lua [2]. Adoravam-na em templos famosos, onde dava oraculos pela voz de adivinhadeiras e adivinhões, e aonde concorriam os devotos com grandes festas, acolhidos por sacerdotes sollicitos [3].

Da Africa transmittiu-se o seu culto a muitas regiões da Europa: á Italia, á Dacia, á Hispania Tarraconense [4].

Na Hispania Tarraconense achamo-lo testemunhado em duas inscripções lapidares, uma de *Lucus Augusti* «Lugo», e outra de *Tarraco* «Tarragona» [5].

A de Lugo, unica que faz ao meu intento, por pertencer ao territorio que na presente obra abranjo na designação geral de «Lusitania», é votiva, e transcrevo-a ao lado (*Corpus*, II, 2570). D'ella vemos que *Caelestis* recebe, como noutros textos do *orbis Romanus* [6], o epitheto de *Augusta*, e que dois individuos, ambos com o nome de *Paterno Constancio*, lhe cumpriram certos votos ou promessas que lhe haviam feito.

CAELESTI
AVG
PATERNI
QVI ET
CONSTANTII
VV · SS

Infelizmente este documento, por sua extrema concisão, pois só contém fórmulas triviaes, pouco nos diz do culto

---

[1] Steuding no *Lexikon* de Roscher, s. v. «Caelestis», col. 814; Preller, *Röm. Myth.*, II³, 407; Berger na *Gazette Archéologique*, II, 121; Audollent, *Carthage Romaine*, p. 376, nota 1. E vid. tambem Flores, *España Sagrada*, XXIV, 158.

[2] Berger na *Gazette Archéologique*, II, 121 (Tanith-Caelestis); Audollent, *Carthage Romaine*, p. 378–380.

[3] Audollent, *Carthage Romaine*, pp. 389 e 390.

[4] Vid. as provas em Audollent, *Carthage Romaine*, pp. 381 e 382, e na *Real Encyclopädie* de Pauly & Wissowa, s. v. «Caelestis».

[5] *Corpus*, II, p. 1126.

[6] Citados por Audollent, *Carthage Romaine*, p. 372 (nota).

da deusa; nem sequer declara o motivo da dedicatoria. Todavia podemos suppor que *Caelestis* possuia em Lugo um santuario, visto que a inscripção estava gravada numa lapide. A julgar do que acontecia em Tarragona [1], e do que sabemos do culto geral da deusa, é natural que houvesse sacerdotes neste santuario.

6. Inscripção polythea de vizella.

Várias vezes, no decurso da presente obra, tanto no vol. II, como neste, me tenho referido á inscripção polythea das Caldas de Vizella. Chegou agora a occasião de fallar d'ella em especial.

Esta inscripção, hoje perdida, occupava as quatro faces de um padrão quadrangular de pedra, que foi achado no seculo XVIII por Mascarenhas Neto em uma parede de umas casas na quinta ou logar do Sobrado, frèguesia de S. Miguel das Caldas, segundo elle diz num artigo publicado nas *Memorias de Litteratura Portugueza,* t. III, p. 93 sqq. Cada uma das faces do padrão media de largura 2 ½ palmos, «e por todas ellas existe parte da inscripção, que »vinha começada da pedra que falta, pois se acha que»brada pela parte da base superior» [2]. O referido investigador transcreve o que resta da inscripção, e a elle pertence a primazia da publicação d'este texto, o qual ulteriormente foi reproduzido por outros. Tambem se encontra nos manuscritos deixados por Cenaculo, mas ignora-se a fonte em que o arcebispo bebeu.

Estudando e combinando as cópias de Cenaculo e de Mascarenhas Neto, chegou Hübner a apurar a seguinte lição no *Corpus,* II, 2407:

. .[*Iunoni*] *reginae, Minervae, Soli Lunae, diis omnipot-(entibus), Fortunae, Mercurio, Genio Iovis, Genio Martis,*

---

[1] *Corpus*, II, 4310. A inscripção é funeraria, mas a pessoa a quem ella se refere recebe ahi o titulo de «sacerdote de Celeste».

[2] *Mem. de Litt.*, III, 103.

Aesculapio, Luci, Somno, Veneri Cupidini, Caelo, Castoribus [1], *Cereri, Ge(nio) Victoriae, Genio meo, diis sedis perv . . .*

No final da 3.ª face e em toda a 4.ª face ha outras letras, que porém não formam palavras comprehensiveis. (Acaso em parte o nome do dedicante ou dedicantes) [2]. A parte inferior da face 2.ª era occupada por symbolos astraes, que Mascarenhas Neto copía assim: ☽ ☽.

A primeira cousa que se observa ao ler-se a inscripção, é que algumas das divindades constituem grupos naturaes. Sem dúvida, como nota Mommsen no commentario do texto epigraphico, falta no principio a menção de *Iuppiter,* divindade que com *Iuno* e *Minerva* formava a trindade capitolina; e de certo o nome do pai dos deuses vinha ahi seguido dos seus epithetos habituaes, *optimus maximus,* como o de Juno o vinha de *regina.* Segue-se *Sol Luna, dii omnipotentes.* A *Sol-Luna* me referi a pag. 239, e terei de tornar a referir-me no paragrapho seguinte; numa inscripção da provincia romana do *Noricum,* o dedicante levantou a Mithras uma ara *cum signo Lunae* [3]. Resta saber se as palavras *dii omnipotentes* servem de apposto grammatical a *Sol-Luna,* ou formam designação independente: o mais provavel é o segundo alvitre, pois, conforme Graillot mostrou, a expressão *dii omnipotentes* designa sempre na religião romana Cybele e Attis [4]; este epitheto não se encontra na epigraphia ro-

---

[1] Franz Cumont, *Textes et monum. figurés de Mithra,* Bruxellas 1894, t. II, p. 167, propõe que talvez deva ler-se *Heroibus,* o que é muito acceitavel, pois que o texto de Mascarenhas Neto tem: HI . . OLBVS.

[2] São: . . AETMOC || . IAII . || C.C.C || RCOS || CINNS . || GL ||.

[3] Franz Cumont, *Textes et monuments figurés de Mithra,* II, 151, n.º 410.

[4] *Revue Archéologique,* 1904, I, 324. — A proposito da inscripção de Vizella escreve Graillot, *ibidem,* p. 325: «Cette . . inscription est »une dédicace panthéistique; nous y lisons le nom des Dieux Omni»potents après ceux de Junon Reine, de Minerve, du Soleil et de

mana antes dos fins do sec. III da era christã [1]. Outro par que figura na nossa inscripção, é *Venus-Cupido;* d'ella fallei a cima, a pag. 280. Vem logo os *Castŏres,* ou melhor, segundo vimos na nota, os *Herões,* isto é, em qualquer das leituras, os Dioscúros (Castor e Pollux), cujo culto costuma andar associado ao de Cýbele [2]; nas doutrinas mithriacas os Dioscúros personificavam os dois hemispherios celestes que passam alternadamente a cima e a baixo da terra [3]: o lugar d'elles adiante de *Caelus* (não *Caelum*) na inscripção vizellense tem pois toda a justificação.

Vejamos as outras divindades que não vem em grupos. Da *Fortuna, Mercurio* e *Esculapio* fallei respectivamente a pp. 305, 272 e 262. Quanto ao *genius Iovis, genius Martis, genius Victoriae,* lembrarei que os Romanos não só imaginavam *genii* de individuos, de lugares, de povos, mas tambem das proprias divindades, como que subtilizando-as por opposição á sua expressão anthropomorphica [4]: cf. *genius Mercurii Alauni, genius Apollinis Atempomari, genius Iunonis, genius Pacis* [5], e numa inscripção que copiei no Museu Capitolino: *Genius numinis*

»la Lune; mais Mommsen et Huebner ont eu tort de le considérer »comme une simple épithète du couple Sol et Luna; il doit dési»gner de façon toute particulière, ici comme ailleurs, les divinités »de Pessinonte. Du reste à Vizella, dont les sources sulfureuses »étaient exploitées par les Romains, on n'est point surpris de trou»ver installé le culte de la Grande Mère. Elle est la Dame qui soi»gne et qui guérit, et nous voyons qu'on l'adorait dans beaucoup »de villes d'eaux d'Asie-Mineure, d'Italie, d'Afrique et de Gaule».

[1] Graillot na *Rev. Archéologique,* 1904, I, 326.

[2] Graillot na *Rev. Archéologique,* 1904, I, 345.

[3] Cumont, *Monuments de Mithra,* I, 300–301.

[4] Hild no *Dict. des Antiquités,* de Daremberg & Saglio, s. v. «genius»; De-Marchi, *Il culto privato di Roma antica,* Milão 1896, I, 70.

[5] Richter, *De Interpretatione Romana,* p. 28; Wissowa, *Religion und Cultus der Römer,* p. 158; *Lexikon* de Roscher, I, 1619; Axtell, *The deification of abstract ideas,* p. 38; Preller, *Römische Mythologie,* I³, 85.

fontis [1]. O ler-se no meio da inscripção *genius Iovis* junto do *genius Martis* não impede que no começo houvesse, como a cima se presuppôs, *Iovi,* pois que de uma inscripção de Furfo consta que nesse *vicus* coexistiam os cultos de *Juppiter Liber* e de *genius Iovis* [2]. Por *Genius meus,* que vem quasi no fim da inscripção, deve ter-se presente o que diz Festo, 94: «*genius meus* nominatur, quia me »genuit» [3].

Abstrahindo dos *diis sedis perv* .. do fim [4], restam-nos as seguintes divindades:

Lux. A principio Emilio Hübner hesitou se havia de ler *Luci,* se *Hygiae,* por causa da frequente união d'esta deusa com Esculapio, mas a final decidiu-se por *Lux,* por haver outras inscripções lusitano-romanas consagradas a ella [5]. Effectivamente o texto de Mascarenhas Neto é bem claro: LVCI.

Somnus. A lição não é segura, pois Neto tem AMNO em Cenaculo OM NO; foi Mommsen quem a propôs, ainda que Hübner tambem propõe [*d*]*omn*[*ae*] e *divinae.* Numa inscripção em que figura Esculapio não seria estranho o encontrar-se a personificação do Somno, que é tão necessario para a cura dos doentes [6].

Caelus. Assim é em nominativo, e não *Caelum,* conforme o que estatue Servio, *ad Aen.*, v, 801: «diximus »*Caelus pater,* ut deus significaretur.. nam *Caelum* ge»nere neutro elementum significat». *Caelus* equivale ao »grego Uranos = οὐρανός «o ceu», «a abobada celeste»;

---

[1] Vem tambem em Gruter, *Inscription. Lat.*, p. XCIV, n.º 7, e no *Corpus,* VI, 151.

[2] *Corpus,* I, 603.

[3] Apud De-Marchi, *Il culto privato,* I, 69, nota 4.

[4] Hübner lê com interrogação *perv*(*iae*). O texto do *Corpus* tem: SEDIS PERV... AETMOC. Acaso *sedis per*(*petuae*) *et mortis?* Cf. *Corpus,* t. II, Suppl., p. 892 (2407*c*).

[5] *Corpus,* II, 676 e 677 (*Turgalium*); cf. *Religiões,* II, 102, e este volume, supra, p. 239.

[6] Cf. Preller, *Römische Mythologie,* II³, 244.

o deus passava por filho do Ether ou do Oceano, e por pae de Saturno [1].

Ceres. Depois da menção de *Caelus* «deus do ceu», e dos *Herões*, que, segundo vimos, personificavam os dois hemispherios celestes, vinha naturalmente a de *Ceres*, deusa da terra, e especialmente das searas.

O dedicante da lapide vizellense enfileirou pois extensa lista de divindades em uma só consagração. Já a pag. 300 me referi a factos da mesma especie, e ha muitos em todo o *orbis Romanus* [2].

Qual o intuito particular do dedicante, não o sabemos, porque o texto está incompleto e corrupto; mas a lapide achava-se certamente erecta no santuario lusitano-romano pertencente ás agoas sulfurosas de Vizella, e deve ter sido levada de lá para o Sobrado, que fica a 750 metros de distancia das antigas thermas. Entre as duas localidades apparecem no solo por vezes rebotalhos archeologicos [3].

A veneração das *aquae calidae* vizellenses ascendia a tempos anteriores á dominação romana; ahi adoravam os Lusitanos a Bormanico, personificação, ao que parece, das proprias agoas [4]. Os Lusitano-Romanos continuaram o culto, como tambem o provam as lapides de Bormanico, e além d'isso esta de que ora me occupo. Sempre os antigos tiveram por hábito submetter as aguas á protecção

---

[1] Vid. Wissowa na *Real-Encyclopädie der class. Altertumswissenschaft*, s. v. «Caelus».

[2] Por ex. *I. O. M., Mars, dii iuvantes, Geniusque stationis Vazanitanae*, em Vazanis «Zui», na Africa Romana (*Corpus*, VIII, 10718); *I. O. M., Iuno regina, Minerva sancta, Sol Mithras, Hercules, Mars, Mercurius, Genius loci, dii deaeque omnes*, em Diana «Ain Zana», na Numidia (*Corpus*, VIII, 4578); *I. O. M., Iuno reg(i)na, Minerva ceterique dii deaeque*, em Kostolac, na Mesia Superior (*Corpus*, III, 14217[3]). Inutil citar mais. — Vid. tambem Boissier, *La religion romaine*, 1.ª ed., pp 273 e 386.

[3] *Revista de Guimarães*, I, 161.

[4] Vid. *Religiões*, II, 266 sqq.

das divindades [1]. Na nossa inscripção entra Esculapio, deus salutifero por excellencia, e com elle outros deuses ou deusas que o costumam acompanhar, taes como a Fortuna [2], Venus [3], Somnus [4]. Como temos visto na presente obra, não se torna porém necessario que uma divindade o seja originariamente da saude, para ser invocada em doenças: a todas ou a quasi todas se recorre sem distincção.

Pelas razões produzidas, mal poderemos duvidar de que o monumento de que estou tratando represente, segundo suppus, um acto cultual celebrado no santuario de Vizella por alguem que, vendo-se afflicto, se voltou para as potencias divinas, sem comtudo desprezar os remedios naturaes, pois ás preces associou prudentemente os banhos.

Deduz-se de várias circumstancias a cima apontadas, que este devoto obedecia ao influxo das superstições orientaes que na epoca romana, e especialmente do sec. II em diante, estavam em vigor na Lusitania: caracter dos *dii omnipotentes*, dos *Herões*, de *Sol-Luna*. Accrescentarei que as inscripções em que, como aqui, apparece *Caelus*, se relacionam todas com o orientalismo [5].

Foi tal motivo que me levou a incluir no presente capitulo o estudo do texto de Vizella [6].

---

[1] Vid. *Dict. des Antiq.*, e *Real-Encycl., s. v.* «*Aquae*».

[2] Vid. *Les cultes païens*, de Toutain, I, 428.

[3] Vid. *Gaule thermale*, de Bonnard, p. 264.

[4] Vid. supra, p. 361.

[5] Wissowa na *Real-Encyclopädie der class. Altertumswissenschaft*, s. v. «Caelus». Cf. Cumont, *Textes et mon. de Mithra*, I, 88 e 91.

[6] Tambem Cumont o havia incluido entre os que se referem ás divindades solares de caracter oriental que elle estudou conjuntamente com Mithras: vid. *Textes et monuments figurés de Mithra*, II, 167 (n.º 520); e já o proprio Hübner, *Corpus*, II, 2407 (commentario), pensára naquelle deus. O Sr. Cumont, em carta que me escreveu em 1908, confirma as ideias que expendeu no citado livro, pois diz da inscripção de Vizella: «elle me paraît déceler très clairement »l'influence des idées orientales et notamment de l'astrologie». Cf. tambem os symbolos astraes que reproduzi a p. 359.

Quanto ao santuario, faltam-nos elementos para podermos averiguar minucias: havia lá uma estátua ou um symbolo de Bormanico, nume principal das thermas? tinham semelhantemente representação artistica todas as outras divindades cujos nomes lemos na incripção polythea, ou occupavam apenas a fé e a mente do dedicante? Acaso acharemos resposta em algum feliz e futuro descobrimento archeologico. Por agora não a temos.

7. Outras divindades solares.

Além das divindades que constellam a lapide de Vizella, estudada no paragrapho precedente, conhecemos outras em que póde tambem reconhecer-se caracter oriental. Aqui as vou mencionar.

a) O Sol e a Lua

Como disse a p. 239, consta que em tempo appareceram proximo de Collares duas lapides com inscripções, consagradas, uma «ao Sol e á Lua», *Soli et Lunae* [1], e a outra «ao Sol eterno e á Lua», *Soli aeterno Lunae* [2]. Prometti então tornar a fallar d'ellas, o que faço agora.

Posto que haja no Imperio numerosas inscripções em honra de Apollo-Diana, divindades greco-romanas, e possa ver-se na primeira das inscripções binarias de Collares uma allusão ás mesmas divindades, como faz Toutain [3], o mais natural, porém, é que ella emparelhe com a segunda, visto que ambas tem o mesmo aspecto, e provém de uma só localidade.

Sol, na segunda, traz o epitheto de *aeternus*. Este epitheto applica-se com frequencia, segundo mostrou Cumont, aos deuses sideraes syrios, sendo muito provavelmente *Sol aeternus* um synonymo de *Juppiter Dolichenus*, o deus de

---

[1] *Corpus*, II, 258.
[2] *Corpus*, II, 259, e p. 693.
[3] *Les cultes païens*, I, 314.

Commagene (Syria), cujo culto se propagou no *orbis Romanus* nos meados do sec. II [1]. Por outro lado diz Wissowa que uma inscripção em que se leia *Sol et Luna* e pertença ao sec. III, ou pelo menos aos meados do sec. II, difficilmente póde deixar de se relacionar com um dos *Ba'alim* syriacos [2].

Ora uma das nossas inscripções data do sec. II-III [3]: está pois no caso de ser tida como de origem oriental.

b) «Deus invictus» e «Sol invictus»

No *mithraeum* emeritense, situado no Cerro de San Albín, arrabalde de Mérida, appareceu ha poucos annos uma arula incompleta, de $0^m,22 \times 0^m,13 \times 0^m,05$, com a cornija superior coroada por um frontão entre duas rosetas, na qual arula se lê a seguinte inscripção (letra do sec. II), publicada pelo Marquês de Monsalud: INVICTO DEO || QVINTI ↄ FLᴬ || BAETICI CONIM || BRIG · SER || PRO SA(*lute*) COVTII LVPI ||, i. é: «Ao deus »invicto. Offerta de Quinto, escravo da centuria de Fla»vio Betico, natural de Conimbriga, pela saude de Coucio »Lupo» [4].

Pela minha parte direi que tendo eu estado em Junho de 1904 no mesmo Cerro de San Albín, ahi vi outra árula incompleta, de $0^m,16 \times 0^m,10$, com uma inscripção que começava assim: DEO || INVICTO || PRO SALVTE .. (seguia-se 4.ª linha, cujo sentido não percebi bem, por estar quebrada a pedra, e eu não poder examiná-la com descanso; mas parece-me que havia no fim .. VII, certamente terminação de genetivo).

---

[1] Na *Revue Archéologique*, 1888, I, 186–188. Cf. do mesmo auctor: *Les religions orientales*, p. 156; e um artigo na *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa, s. v. «aeternus».

[2] *Religion und Kultus der Römer*, p. 305.

[3] Nella se menciona Caracalla (198–217) e seu pae Septimio Severo (193–211): cf. *Corpus*, t. II, pp. 1103 e 1104.

[4] *Boletín de la Academia de la Historia*, XLIII, 245.

Ambas estas árulas devem hoje estar no Museu Archeologico da cidade.

Em Oliva dá o *Corpus*, II, 807, noticia da existencia d'este texto: SOLI || INVICT(O) || AUG(USTO) || SACRUM || .

Fóra da Lusitania hespanhola, embora dentro dos limites da antiga, sei de mais uma inscripção. Está gravada numa árula ou cippo, de $0^{m},60 \times 0^{m},44$, que vi em 1902 na Galliza, no Museu da Sociedade Economica de Santiago. Diz: DEO || INVICTO || SOLI || .

Os citados documentos fallam pois, segundo as localidades, de: *Invictus deus* ou *Deus invictus, Sol invictus augustus,* e *Deus invictus Sol.*

Outr'ora suppunha-se que as dedicatorias d'esta feição se referiam sempre a Mithras. Assim, da lapide de Oliva escreve Hübner (no commentario): «*Solis invicti* sive Mi»thrae monumenta in Hispania perquam rara sunt». Todavia, comquanto Mithras recebesse effectivamente os epithetos de *Deus invictus* e de *Sol invictus,* e fosse provavel que os crentes, ao proferirem estas simples frases, pensassem muitas vezes nelle, hoje os hierologos cingem-se ao sentido das figuras e ao teor dos textos, e só attribuem a Mithras os monumentos em que se lê expressamente o seu nome ou um synonymo, ou se representa qualquer symbolo mithriaco, limitando-se a incluir o *Deus aeternus* e o *Sol invictus* entre as divindades solares orientaes, consideradas em geral [1].

c) «Deus maximus».

Á mesma categoria das divindades anteriores pertence provavelmente a que numa lapide de *Caesaróbriga* (Talavera de la Reina) recebe esta dedicatoria: S || DEO || MAX || IMO || [2].

---

[1] Vid.: Cumont, *Textes et mon. de Mithra,* I, 47–49, II, 533; *Lexikon* de Roscher, s. v. «invictus»; Wissowa, *Religion und Kultus der Römer,* p. 305.

[2] *Corpus,* II, 5319.

Tanto Hübner, no *Corpus,* como Cumont [1], julgam oriental e solar a divindade ahi designada; só, ao passo que o primeiro interpreta a letra do principio como inicial de *s(acrum)*, embora suggerindo logo *Sol-Mithras,* o segundo lembra que poderá significar *S(oli)*.

[1] *Textes et mon. de Mithra,* II, 167.

SECÇÃO III

Necrolatria, ou culto dos mortos

Como se ponderou a p. 193, a necrolatria na epoca de que estou tratando constava de elementos nacionaes ou pre-romanos, e de elementos de origem romana, sendo porém ás vezes difficil, ou mesmo impossivel, destrinçar uns dos outros: pelo que os vou estudar conjuntos.

1. INCINERAÇÃO E INHUMAÇÃO

Typos de sepulturas — Sarcophagos — Mausoleus — Estelas geminadas — Sepulturas avulsas, e cemiterios ; columbarios.

O uso de incinerar os cadaveres, que (vid. pp. 14 e 15) estava em voga na Lusitania no tempo da Republica, persistiu no do Imperio por largo espaço. Os Romanos praticaram tanto o rito da incineração, como o da inhumação; este precedeu aquelle em eras remotas, e deixou nelle muitos vestigios primitivos [1]. Todavia não ha limite certo entre os dois ritos. Resumirei aqui o que diz Cuq. Os dois modos de sepultar usados no sec. v a. C. subsistiam ainda no sec. I da era christã, mas o da incineração era mais geral. Certas familias conservaram durante seculos o uso da inhumação, e consta que foi Sulla o primeiro membro da *gens* Cornelia cujo cadaver se incinerou (anno de 78 a. C.). A incineração não se applicava ás crianças que ainda não tinham dentes. Os pobres, se eram mais vezes inhumados na valla commum do que inicinerados, eram tambem por vezes levados á pyra [2]. — De maneira que o rito da incineração, trazido pelos Romanos com a conquista, veio sobrepor-se a um rito que já cá existia.

---

[1] Marquardt *La vie privée des Romains*, I, 437; *Dict. des antiq.*, s. v. «funus», p. 1393; *Lexikon* de Roscher, s. v. «Inferi», col. 234

[2] *Dict. des antiq. grecques et romaines*, s. v. «funus», p. 1397.

De excavações feitas por pessoal do Museu Ethnologico em Troia de Setubal, na Rouca (Alandroal), e na Fraga

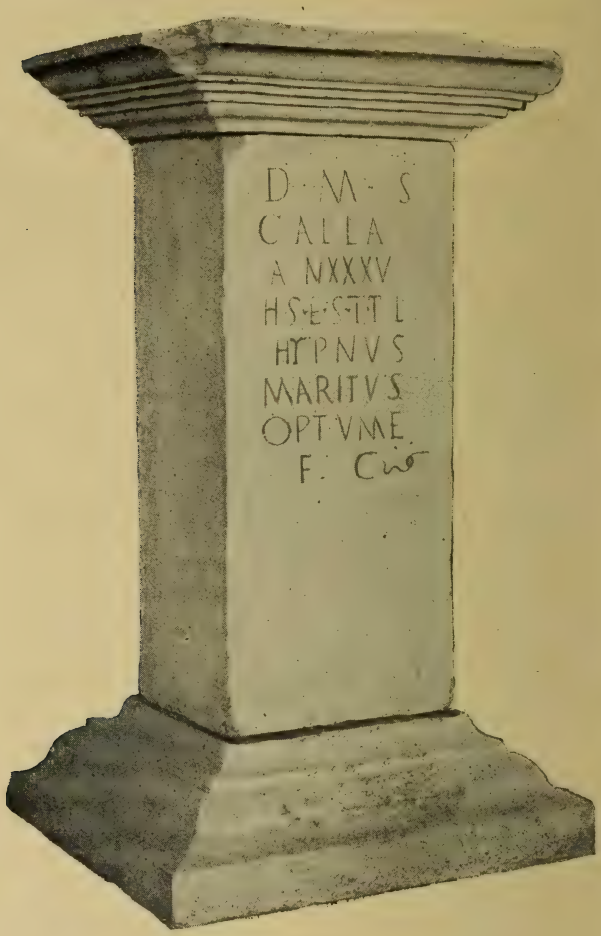


Fig. 157.ª — (Lapide funeraria de Troia: no Museu Ethnologico. Vid. p. 371)

(Feira Nova: Marco de Canaveses) podemos inferir que os cadaveres eram incinerados junto das sepulturas, e que dentro d'estas se recolhiam os restos mortuarios, collocando-se-lhes ao pé vasilhame, lucernas, objectos de vestua-

rio, moedas [1], etc. Numa sepultura de Troia, de dimensões pequenas, appareceram tambem pregos, o que mostra que o respectivo cadaver fôra levado para lá num caixão; esta sepultura era de tijolo, e fazia parte de um monumento que continha uma lapide com inscripção, perten-

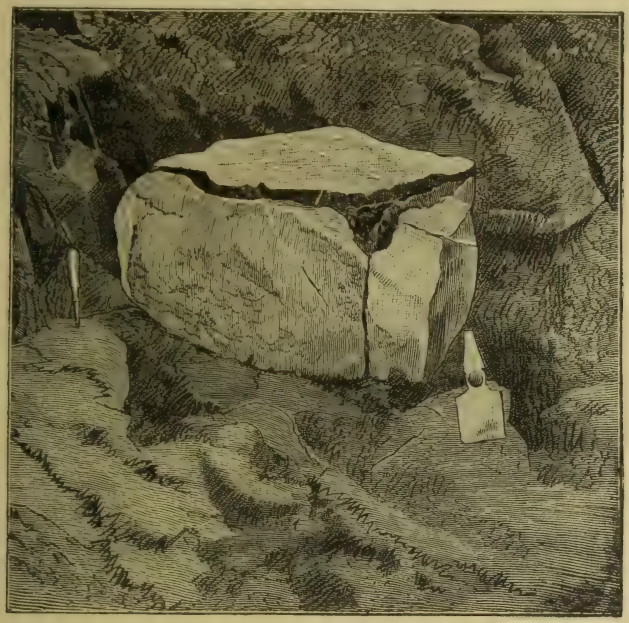


Fig. 158.ª — (Sepultura de incineração do Marco de Canaveses. Vid. p. 372)

cente, segundo parece da letra, ao seculo I: vid. na fig. 157.ª a parte do monumento que pousava sobre a sepultura. No cemiterio da Rouca (sec. I ou II) havia várias especies de sepulturas (orientação Norte-Sul): uma aberta inteiramente em rocha (lousa), outras abertas em rocha, mas completadas com paredes, outras feitas só de paredes (fiadas de pedras dispostas horizontalmente), outras for-

[1] Cf. Marquardt, *La vie privée des Romains*, I, 445, ao fallar do *bustum*: elle diz porém que a pyra se accendia dentro, ou por cima, da cova.

madas de lages verticaes; as tampas constavam de lages ou tegulas. No cemiterio da Fraga as sepulturas eram rudes caixas feitas de cinco pedras, quatro das quaes serviam de parede e uma de tampa (vid. fig. 158.ª), — com as dimensões de $0^m,60 \times 0^m,45 \times 0^m,35$, ou $0^m,30 \times 0,40 \times 0^m,30$, etc.; numa das sepulturas appareceu uma moeda romana do seculo IV [1]. Do typo das sepulturas da Fraga, mas de dimensões muito menores, é uma que ex-

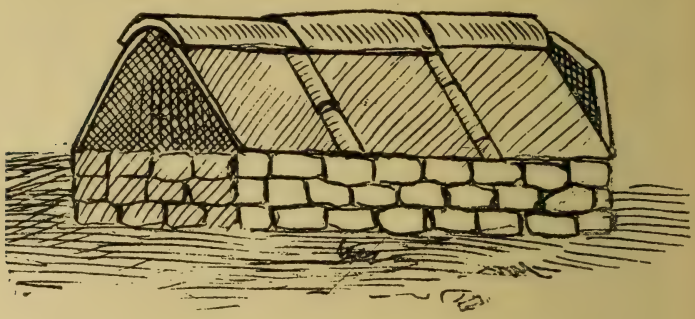


Fig. 159.ª — (Sepultura de *Balsa*. Vid. p. 374)

plorei em Mertola, e que reconstitui no Museu Ethnologico: consiste em uma caixa feita de seis pedras muito toscas; dimensões internas: $0^m,28 \times 0^m,22 \times 0^m,18$ (altura maxima). Dentro estava um unguentario de barro, fragmentos de um vaso metallico, carvões, e restos humanos. No local em que se descobriu esta, e perto d'ella, explorei outra, onde appareceu uma lucerna de barro, que, pela sua fórma, attribuo ao sec. I.

Ás vezes havia maior simplicidade. Das sepulturas romanas do cemiterio da Fonte-Velha (Bensafrim), pertencentes porém a epoca que não pôde determinar-se, diz o Dr. Santos Rocha: «para cada morto era aberto na terra um »fosso com dimensões sufficientes, o qual servia de *ustri-*

[1] Os espolios de todas estas sepulturas estão expostos ao publico no Museu Ethnologico. Ainda não houve occasião de os descrever *On Arch. Port.*

»*num* e de sepultura.. Incinerado alli o corpo.., reco»lhiam-se as respectivas cinzas na urna, e juntando-se em »uma parte do fosso os restos da pyra, a urna era depo»sitada no meio d'elles» [1]. Ha nessas sepulturas pelo menos um exemplo de o morto ter sido incinerado em ataude de madeira, pois se acharam fechos, argolas, e outras peças de bronze [2]. A urna, ou *olla cineraria,* era protegida por pedras dispostas ao redor e em cima [3]. — Tambem sa-

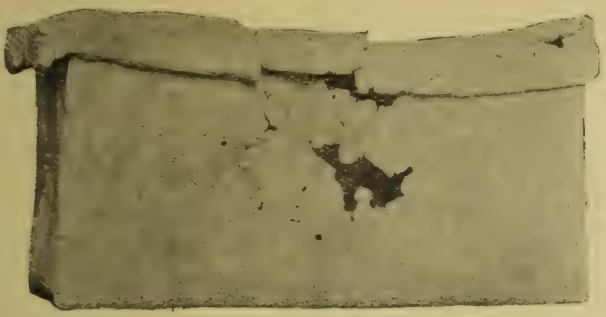


Fig. 160.ª — (Urna cineraria de *Balsa:* no Museu Ethnologico. Vid. p. 375)

bemos de sepulturas constituidas por simples covas redondas, de fabrico rude, com ossos carbonizados, e espolio ceramico, na Lomba, concelho de Amarante, attribuidas ao seculo IV [4]. Não era provavelmente muito diverso do typo das sepulturas da Lomba e da Fonte-Velha, nem o de uma de Panôias de Ourique (sec. I) [5], nem o de tres de Tarouquella (Cinfães), em que se encontraram peças de loiça de barro misturadas com terra [6], nem o de umas do Freixo (Marco de Canaveses) [7].

---

[1] *O Arch. Port.*, I, 295. [2] *O Arch. Port.*, I, 327.
[3] *O Arch. Port.*, I, 329. [4] *Portugalia*, II, 262.
[5] *O Arch. Port.*, XIII, 283-284.
[6] Informação do meu amigo e antigo condiscipulo Dr. José da Rocha Azevedo Coutinho, que me offereceu um vasinho e um prato. As covas tinham de diametro pouco mais ou menos 0m,30 a 0m,40, e de altura 0m,70. Nada mais se achou dentro.
[7] *O Arch. Port.*, V, 32.

Na Quinta da Torre d'Ares, séde da antiga *Balsa* (Algarve), encontrou Estacio da Veiga muitas sepulturas de incineração; infelizmente deixou-nos poucas noticias. Uma das sepulturas era rectangular, de paredes de tijolos, assentes em camadas horizontaes, com coberturas em fórma de telhado de duas agoas (vid. fig. 159.ª, extrahida da est. 35, n.º 2, de um album que está no Museu Ethnologico): nesta sepultura achou-se uma moeda de Tiberio. Numa

Fig. 161.ª — (Urna cineraria do *Myrtilis*: no Museu Ethnologico. Vid. p. 375)

sepultura quadrada, com a cobertura já em ruina, achou-se uma moeda de Claudio I. Com quanto estas moedas possam ter sido enterradas depois da epoca em que se cunharam, é provavel que no caso presente as sepulturas não sejam posteriores ao sec. I.

Ha pouco vimos exemplos de se collocarem as cinzas em *ollae* ou urnas de barro. Outro é-nos dado por uma noticia publicada n*O Arch. Port.*, IV, 119, respeitante ás Alcaçovas. Da Torre d'Ares existem no Museu Ethnologico varios pucaros de barro com cinzas, ossos calcinados, carvões, conchas, que provieram do extincto Museu do Algarve, e aos quaes um empregado d'este chamava, por assim o ouvir a Estacio, «incinerações»; um ou outro dos pucaros contém sobre as cinzas uma moeda de cobre romana, completamente gasta, e parece que era isto caso geral, a julgar do que me disse o referido empregado.

Os factos citados mostram que as cinzas mortuarias se

depositavam já em ollas, já no proprio chão das sepulturas. Acrescentarei que tambem se depositavam em cofrezinhos de chumbo e de pedra. Possue alguns o Museu Ethnologico, e d'elles passo a fallar. Pena é que pouco se saiba das circumstancias dos achados.

Na fig. 160.ª represento um de chumbo, que mede interiormente $0^m,36$ de comprimento, $0^m,18$ de altura, $0^m,195$ de largura; do rotulo consta que appareceu «com pequenos ossos» (quer-se por ventura dizer «ossos em fragmentos») numa sepultura da Quinta das Antas, contigua á da Torre d'Ares, por tanto na região de *Balsa* [1]. Como este ha mais dois no Museu, mas de dimensões differentes: $0^m,275 \times \times 0^m,20 \times 0^m,23$ (de Alcacer do Sal); e $0^m,20 \times 0^m,13 \times \times 0^m,195$ (da Torre d'Ares) [2]. Provavelmente taes cofres de chumbo estavam encerrados em caixas de pedra, como um que appareceu com cinzas em Tréveros (Allemanha), e que ahi vi no Museu Archeologico [3]. Da data nada posso dizer ao certo. Um, igualmente de chumbo, que appareceu na Andaluzia, parece que se relaciona com uma inscripção romana do sec. III [4]; mas os nossos talvez sejam mais antigos. — Na fig. 161.ª represento um de grés: caixa rectangular, com uma saliencia no bordo superior, para ahi se adaptar uma tampa, que falta; assenta em quatro pés, e mede interiormente $0^m,31$ de comprimento, $0^m,163$ de

---

[1] Offerecido por João Luis de Mendonça e Mello a Estacio da Veiga.

[2] Este foi-me offerecido pelo Sr. Sebastião Estacio, antigo dono da quinta da Torre d'Ares; o outro veio do Museu das Janellas Verdes.

[3] Cf. o Catalogo de Hœttner, n.º 188. — Não de urnas cinerarias, mas de sarcophagos de chumbo, apparecidos dentro de caixas de pedra em Beauvais (usados até o fim do sec. IV), trata o Dr. Leblond, *Cercueils de plomb gallo-romains,* Beauvais 1909, pp. 6 e 13; alguns estavam alem d'isso mettidos em caixões de madeira, como se averiguou dos pregos que se encontraram nas caixas de pedra (p. 8).

[4] *Boletín de la R. Acad. de la Historia,* LV, 486.

largura, e $0^m,13$ de altura, e appareceu em Mertola [1]. Da mesma villa veio tambem um cofre de calcareo, muito grosseiro, semelhante a uma pia, o qual, na occasião em que o obtive, servia de bebedouro de gallinhas; não o figuro aqui. Um pouco mais apurado do que elle, embora rude, é o da fig. 162.ª, procedente de Alcacer do Sal [2], onde tem companheiros no Museu de lá: este cofre, igualmente de calcareo, e com feitio quadrangular, mede

Fig. 162.ª — (Urna cineraria de Alcacer: no Museu Ethnologico)

interiormente $0^m,29 \times 0^m,16 \times 0^m,27$; avantaja-se aos dois antecedentes em conservar ainda a tampa [3]. A não

---

[1] Foi-me offerecido pelo Sr. Manoel Vieira de Aguilar. — No Museu Archeologico de Madrid vi em 1909 sarcophagos semelhantes, já com pés, já originariamente sem pés; alguns com inscripções latinas.

[2] Devo-o ao meu amigo o Sr. Joaquim Correia Bàtista.

[3] Tenho visto cofres analogos de pedra nos museus de Saint-Germain, Estugarda, Bonna, Tréveros, Perugia, Milão, Roma, etc. Dentro dos de Bonna (sec. I a III) appareceram urnas de barro e vidro

ser o da Quinta das Antas, todos os restantes cofres appareceram avulsamente; pelo menos não tenho noticias sufficientes para dizer se os restos mortuarios, que deviam conter, estavam ou não encerrados em vasos.

*

Do sec. III em diante volta a predominar no *orbis Romanus* o rito da inhumação, por influencia do Christianismo e de outras religiões orientaes. Todavia, conforme ha pouco se disse, a incineração praticava-se ainda no Norte da Lusitania em tempo posterior áquelle, o que tambem não significa que tal rito fosse exclusivo de lá, e de certo o não era.

Como com relação ás cinzas funerarias, havia vários systemas de inhumar os cadaveres: estes depositavam-se ora em covas simples, ora em covas forradas de paredes de pedra e de tijolos, ora em verdadeiras caixas feitas de lages, de tijolos e de tegulas, a pino, ora finalmente em sarcophagos mais ou menos luxuosos.

Sepulturas das tres primeiras especies são por exemplo as do cemiterio do Cortiçal, concelho de Arraiolos, — na região *Calantana* [1], — exploradas em 1901 por pessoal do

---

com ossos queimados. Os de Perugia, muito mais apurados que os nossos, parecem-se com os cofres etruscos existentes no mesmo Museu. Na communa de Louvignies-Bavay (França) appareceu um cubo de pedra do mesmo typo, e da epoca romana, com ossos incinerados: *Bullet. Archéolog.*, 1909, Janeiro, p. VIII. Grenier, *Habitations Gauloises*, p. 46, falla tambem de cubos de pedra gallo-romanos que encerravam urnas cinerarias. Mais antigo que todos estes cofres de pedra é o que continha as cinzas de Agrippina, filha de Augusto, o qual está hoje no Museu Capitolino. — Cf. Ovidio, *Tristia*, III, III, 65: *ossa tamen facito parua referantur in urna.*

[1] Num prato de barro achado numa d'essas sepulturas lê-se CALANTNI, que interpreto por *Calantani*, genetivo de *Calantanus*, nome proprio que tem por origem um nome ethnico, do que ha muitos exemplos (como *Bracarus, Romanus, Vetto*); este *Calantanus* relaciona-se manifestamente com *Calanticensis*, que se

Museu Ethnologico, nas quaes se encontraram alguns ossos, dentes, vasilhas, lanças de ferro, e pregos, certamente de caixões. O fundo das sepulturas era umas vezes o chão natural, outras era ladrilhado. De tampas serviam lages ou tegulas; num caso a cobertura era formada de camadas de tijolos, e sustentada por quatro barras de ferro [1].

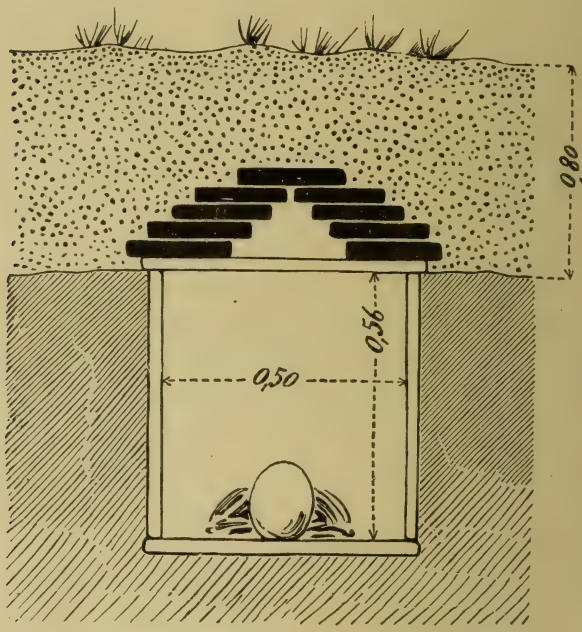


Fig 163.ª — (Sepultura de *Pax Iulia*)

Semelhante a esta última sepultura é uma de um cemiterio de *Pax Iulia,* de que se dá uma vista na fig. 163.ª,

---

no *Corpus,* II, 125, num texto porêm um tanto corrupto. O nome da *civitas* seria *Calantum* (quanto á terminação, cf. *Cascantum*) ou *Calanta.* — O terreno pertence ao Sr. Manoel Prates, que permittiu generosamente a exploração archeologica.

[1] Falla-se de outras sepulturas provídas de abraçadeiras de ferro n*O Arch. Port.*, II 54, III 258, VII 11, VIII 169, X 23, XIV 44.

e na qual estava um esqueleto com o cranio voltado para o Poente [1].

Em sepulturas do cemiterio da Defesa, concelho de S. Tiago de Cacem, em parte analogas ás do Cortiçal, e como ellas igualmente exploradas por pessoal do Museu Ethnologico, os cadaveres seriam postos nus, e até talvez deitados de lado, attenta a estreiteza d'ellas (sepulturas de escravos ou de gente pobre) [2].

Pelo contrario, nos cemiterios de Marim (Algarve) e de Ferrastello (Beira) encontraram-se esqueletos em posição horizontal. As sepulturas de Marim não são de certo anteriores ao sec. III, porque a letra das inscripções das pedras que cobriam uma d'ellas (inscripções que porém não lhes diziam respeito) é dos fins do sec. II ou dos começos do III [3].

Ao sec. IV parece pertencerem as sepulturas do cemiterio do Bairral (Baião), a julgar da ceramica, que é analoga á de Villa-Verde, com a qual appareceram moedas d'aquelle seculo [4].

Pois que não é meu intuito inventariar todas as sepulturas lusitano-romanas de inhumação que cá se conhecem, basta o que fica dito para dar ideia de alguns dos principaes typos; e passarei a referir-me aos sarcophagos.

Por todo o Portugal se encontram sarcophagos, maiores ou menores, de calcareo, de granito, etc., conforme as regiões. Quasi todos elles são lisos, e não póde saber-se ao certo se datam da epoca romana, ou de epocas posteriores. Tenho-os encontrado a servirem de pia de ferreiro, por exemplo na Beira e em Entre-Douro-e-Minho. No concelho de Arraiolos vi um, de marmore, ao pé de um

---

[1] *O Arch. Port.*, x, 168 (Bernardo de Sá).

[2] O cemiterio está em terreno do Sr. Francisco Antonio da Cruz, que da melhor vontade me deixou fazer as excavações.

[3] *O Arch. Port.*, I, 193-197. (Dr. Santos Rocha).

[4] Vid. Ricardo Severo na *Portugalia*, II, 428-431.

cemiterio; ouvi dizer que o dono o destinava para seu proprio sepulcro. No *Arch. Port.*, VIII, 90 [1], figura-se um de Alfazeirão (Alcobaça), que talvez seja contemporaneo de um peso de bronze romano apparecido no local, — sarcophago destinado ao cadaver de uma criança [2].

Sarcophagos lusitano-romanos ornamentados conhecem-se dois, sem tampa, e alem d'isso restos de tampas de mais dois. Tudo de marmore branco.

Um dos dois sarcophagos foi publicado pela primeira vez em 1798 por Viterbo no *Elucidario* [3]: vid. fig. 164.ª [4]. É uma caixa rectangular, que, como o sarcophago de que fallei ha pouco, appareceu em Alfazeirão. Diz Viterbo que a cobertura era de pedras delgadas, mas não muito unidas, isto é, certamente placas de marmore, e que dentro havia uma caveira de adulto, e sete ou oito pequenas, bem como «algumas agulhas de prata, do comprimento de um dedo indice» [5]. Em cada um dos dois topos esculpiu-se o Genio da Morte, alado, no acto de apagar no chão o facho da vida, — symbolismo frequente nos monumentos romanos, pois que a alma era assimilada á uma chamma [6]. Na face anterior esculpiram-se dez figuras, a sexta das quaes, contando da esquerda do observador, representa Apollo; as restantes representam as Musas. Apollo figura ahi na qualidade de guiador do côro das Musas, ou *Mu-*

---

[1] Artigo de José Carvalhaes.

[2] Por diligencias do illustrado Agronomo, o Sr. Telles de Meneses, este sarcophago está hoje no Museu Ethnologico.

[3] Vol. I, taboa V, n.º II.

[4] Feita segundo uma estampa do *Bolletim* do Carmo, 2.ª serie, n.º 1 (est. 1.ª).

[5] *Ob. cit.*, s. v. «Alcobaça».

[6] Macchioro, *Il simbolismo nelle figurazioni sepolcrali romane*, Napoles 1909, pp. 73 e 41. Vid. muitas figuras de urnas funerarias com este symbolismo em Montfaucon, *L'antiquité expliquée*, t. V, parte I, est. 20, 36, 38 e 89 E cf. *Dict. des antiquités*, s. v. «fax», p. 1029 (Eros funèbre, appuyé sur une torche renversée).

Fig. 164.ª — (Sarcophago de Alfazeirão: no Museu do Carmo. Vid. p. 380).

ságetes. — Este monumento, que datará do sec. III [1], encontra-se hoje no Museu Archeologico do Carmo [2].

Com assunto parallelo ao antecedente é o friso da tampa de um sarcophago encontrado em Chellas, e hoje guardado no Museu Ethnologico [3]. O fallecido archeologo Borges de Figueiredo descreveu-o e publicou-o em 1890 [4]: vid. fig. 165.ª [5]. Ao centro ha um espaço rectangular destinado a ter a inscripção funeraria. Figueiredo diz que a apagaram brutalmente, mas eu supponho que a inscripção, se ahi houve alguma, era pintada e não gravada, e que a pintura se apagou, pois em museus de Roma (por exemplo no das Thermas ou Nacional, e no Lateranense) vi muitos sarcophagos e tampas, tambem com analogos espaços vazios. Ao lado esquerdo do observador estão as Musas Thalía e Melpómene; ao lado direito Polymnia e Clio: cada uma d'ellas acompanhada de uma figura, que deve symbolizar um escriptor.

De facto, assim como nas estelas funerarias que estavam annexas aos sepulcros dos artifices, dos guerreiros, dos proprietarios ruraes se esculpiam emblemas de artes e officios, insignias militares, aprestos agrarios [6], assim tambem nos sarcophagos dos litteratos se figuravam frequentemente as Musas e outras divindades (Apollo, Minerva), por se suppôr que ellas eram fonte de inspiração artistica, e alludiam pois de algum modo áquelles que alli jaziam para sempre. Existe ainda hoje grande numero de taes monumentos em differentes museus e localidades

---

[1] Vid. Hübner, *Ienaer Literaturzeitung*, 1878, p. 196.

[2] Propriedade dos herdeiros de Possidonio da Silva, que foi quem o salvou. — Dá d'elle desenvolvida noticia Amador de los Rios no *Museo españ. de antig.*, t. II, p. 235 sqq. (com uma figura); Rios attribue-o ao sec. IV (p. 250).

[3] Obtive-o ha annos do Ministerio da Marinha com a efficaz intervenção do Rev. Conego Boavida, Director do Collegio das Missões.

[4] *Revista Archeologica*, IV, 1 sqq.

[5] Extrahida do cit. vol. da *Rev. Archeologica.*

[6] Cf. Altmann, *Die römischen Grabaltäre*, p. 244 sqq.

pertencentes ao *orbis Romanus*[1]. Os dois de Alfazeirão e Chellas são por isso annuncio, ainda que pouco explicito, de algum cultivo das letras na Lusitania, — o que combina com o que se escreveu supra, p. 188 e nota.

Outro sarcophago importante temo-lo no Museu Municipal do Porto. Appareceu por 1840 no Monte da Azinheira (Reguengos), e constitue o assunto de uma memoria de E. A. Allen[2], que lhe marca a data entre os sec. I e III[3]. Ao centro, — vid. a fig. 166.ª [4] —, avulta um medalhão com a imagem do fallecido, naturalmente pessoa grada, pois ostenta na mão es-

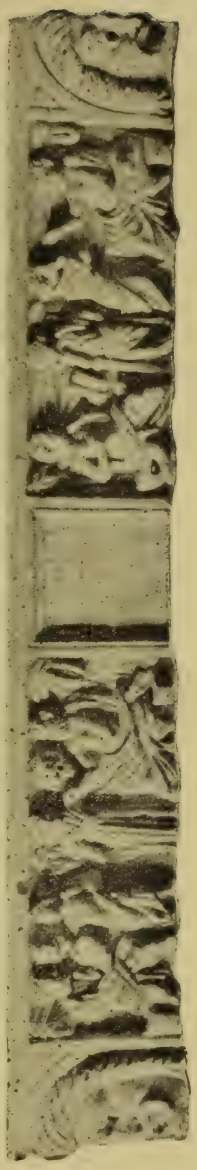


Fig. 165.ª — (Friso da tampa de um sarcophago de Chellas: no Museu Ethnologico. Vid. p. 382)

[1] Vid., por exemplo: A. F. Gori, *Inscript. antiq.*, Florença 1743, vol. III, p. XCIV; *Revue Archéologique*, II, 106; *Beschreibung der antiken Skulpturen*, do Museu de Berlim, 1891, p. 329 sqq.; *Lexikon* de Roscher, s. v. «Musen», col. 3269 sqq.; Salomon Reinach, *Répertoire*, t. I, 2.ª ed., p. 93; Amelung, *Die Sculpt. des Vatican. Mus*, II (1908), 40, e atlas, II, est. 5, n.º 13.

[2] *Noticia e descripção de um sarcophago romano*, etc., Porto 1867.

[3] D'este sarcophago falla tambem Amador de los Rios no *Museo españ. de antig.*, t. II, p. 235 sqq. (com uma figura), no mesmo artigo em que falla do de Alfazeirão; attribue-o ao tempo de Trajano (pp. 250 253).

[4] Feita por uma photographia que offereceu ao Museu Ethnologico o fallecido ethnographo Rocha Peixoto.

Fig. 166.ª — (Sarcophago de Reguengos : no Museu do Porto. Vid. p. 383)

querda o *volumen* emblematico da magistratura municipal. Duas figuras aladas seguram o medalhão, por baixo do qual uma junta de novilhos arrasta um arado, guiada por um homem. As duas figuras estão ladeadas pelos Genios das estações: a Primavera e o Outono á direita de uma d'essas figuras, o Estio e o Inverno á esquerda da outra. Entre os dois primeiros Genios vê-se Fauno, e entre os dois ultimos uma mulher com feições africanas.

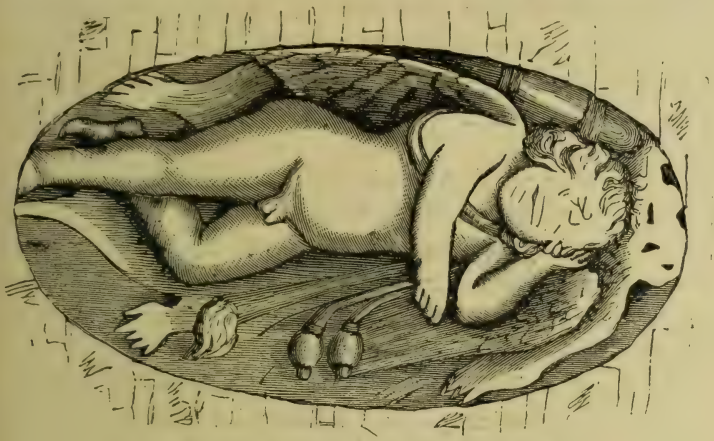


Fig. 167.ª — (Tampa sepulcral de Elvas Vid. p. 386)

No topo da direita do observador ha um pastor que toca a flauta de Pan, e no opposto dois jovens que pisam uvas numa dorna, ao mesmo tempo que dão as mãos, em posição de dança, como hoje se usa nos lagares. — Allen inclina-se a crer que este sarcophago pertenceria a um magistrado local, em cujo govêrno, acaso symbolizado nos Genios das estações, reinára a paz e a prosperidade [1].

[1] *Noticia* citada, p. 14. — Uma pisa de uvas, feita porém por dois Cupidos, figura tambem num sarcophago do Museu de Berlim (*Beschreibung*, p. 342). Acêrca de um sarcophago do sec. III, no Museu de Barcelona, «con relieve de sarmientos, pámpanos y razimos de uvas», e o busto do defunto, — vid. *Corpus*, II, 4330. De uma cista cineraria do Museu de Latrão, com a exposição da vindima, vid. Altmann, *Die römischen Grabaltäre*, p. 251.

Sem negar que nos desenhos possa haver alguma allusão a factos da existencia real do personagem para quem o sarcophago foi construido, lembrarei que, segundo as crenças dos antigos, *Baccho* ou *Dionyso* como que encarnava os gozos que na outra vida se destinavam aos mortos, — gozos analogos aos d'esta [1]: por isso prefiro explicar como symbolos bacchicos, isto é, relacionados com a immortalidade da alma ou perpetuidade do ser, e com a bemaventurança de alem-tumulo, as scenas de vindimas e lagares figuradas no sarcophago. Em apoio d'essa explicação de caracter geral, vem o existirem noutros paises sarcophagos analogos, os quaes o proprio Allen enumera.

No Museu de Elvas está exposta uma tampa sepulcral de $0^m,98 \times 0^m,43 \times 0^m,10$, encontrada num muro das fortificações da praça, na qual tampa se representa Cupido com asas, deitado numa pelle leonina (fig. 167.ª): recosta a esborcinada cabeça na mão esquerda; vê-se-lhe a aljava a tiracollo; ao lado direito do corpo pende um archote com a chamma para baixo, como no segundo sarcophago de Alfazeirão; com a mão direita como que segura duas hastes de papoulas [2]. A julgar das dimensões da pedra, e do assunto ahi tratado, ella devia ter coberto um sarcophago de criança. — Tal assunto repete-se muito na archeologia romana [3]. É natural que figure num tumulo

---

[1] Vid. sobre o assunto: Macchioro, *Il simbolismo nelle figur. sepolcr. rom.*, Napoles 1909, pp. 76–97; e B. Schröder nos *Bohner Jahrbücher*, n.º 108–109 (1902), p. 57 (nota 1 e 2) e p. 60.

[2] Esta esculptura tem sido publicada e descrita várias vezes: vid. *O Occidente*, v, 75–80 (Brito Rebello); *Revista Archeologica*, III, 161 e 162 (Borges de Figueiredo). A gravura que apresento é extrahida d'esta ultima revista.

[3] Vi monumentos semelhantes nos Museus do Louvre (sala de Africa e sala de Psyche), de Latrão, de Madrid, e de Berlim: Cupido com o arco; com o archote; Cupido deitado numa pelle e com papoulas na mão, etc. Cf. *Beschreibung der antik. Sculpturen* (Mus. de Berlim), p. 64 sqq.

infantil, por causa do parallelismo que assim se institue entre o deus-menino (Cupido, Eros, ou o Amor) e a criança que dorme o somno da morte; a ideia de somno patenteia-se igualmente no emprêgo das cabeças de papoula, planta de virtudes dormitivas, como tal celebrada em toda a antiguidade (*papaver soporiferum, papavera Lethaea*), e não só emblema do somno, mas tambem da noite e da morte [1]. Cupido apparece com attributos de Hercules, visto que este heroe, depois de supportar na terra trabalhos perigosos, foi posto por Juppiter no Ceu, onde disfruta a immortalidade: e immortal ficava ahi, pois, analogicamente a alma de quem jazia no sarcophago [2]. Considero esta tampa como de sarcophago, e não como de urna cineraria, por causa das dimensões d'ella.

*

A par com os monumentos, tanto de incineração como de inhumação, que em Portugal perduram da antiguidade, conhecemos outros por inscripções epigraphicas, os quaes porém se perderam. Assim falla-se de mausoleus em uma inscripção olisiponense, e numa ossonobense: aquella diz *maesolium,* e esta *misolium* [3], palavras do latim vulgar, que correspondem a *mausoleum.* De certo não tinhamos ahi tumulos monumentaes como o de Adriano, que ainda hoje se admira em Roma, onde lhe chamam «Castello de Santo Angelo», ou como o de Cecilia Metella, á entrada da Via Appia, mas deviam ser superiores á pia de Myrtilis, ou ao sarcophago n.º 1 de Alfazeirão. O que não sabemos é a qual dos dois ritos elles pertenciam. — Tambem pelas inscripções ficamos formando ideia da área occupada por al-

---

[1] Cf.: Gubernatis, *Mythologie des plantes,* II, 283; Macchioro, *Il simbolismo nelle figur. sepolcr. rom.*, Napoles 1909, pp. 51, 115 e 129.

[2] Cf. *Dict. des antiq. gr. et rom.*, de Daremberg & Saglio, s. v. «Cupido», p. 1610, e s. v. «Inferi», p. 514.

[3] *Corpus,* II, 214 e 5144.

guns monumentos funebres de Olisipo e de Emerita: um d'aquella cidade occupava 600 pés quadrados, e dois d'esta, respectivamente, 140 e 144 pés quadrados [1].

Do que chegou até nós, podemos assentar que em geral não havia na Lusitania sumptuosidade na fábrica da morada dos mortos: um ou outro sarcophago cinzelado, um ou outro *misolium,* que na rusticidade do nome revela

Fig. 168.ª — (Estela sepulcral de Marim. Vid. p. 390)

que não pertencia a nenhum magnate, uma ou outra urna cineraria mais escolhida; na mór parte dos casos, porém, ou pobreza, ou unicamente o bastante para deixar em repouso as reliquias mortuarias.

---

[1] *Corpus,* II, 216, 574 e 586. — O pé quadrado valia $0^{mq},1087$.

*

As urnas e os sarcophagos serviam para conter não só os restos de um individuo, mas os de mais de um. Urnas destinadas ás cinzas de dois individuos, ás vezes especificadamente marido e mulher, ha algumas, por exemplo, no Museu de Latrão. Aos sarcophagos susceptiveis de receberem dois, tres, quatro cadaveres chama-se nas

Fig. 169.ª — (Estela sepulcral de Marim. Vid. p. 390)

inscripções da epoca christã *bisomum, trisomum, quadrisomum* (*tetrasomum*), palavras em que entra o gr. σῶμα «corpo»; elles estavam divididos noutros tantos compartimentos [1]. Quando num local se sepultava

[1] Vid.: Forcellini, *Lexicon*, s. v. «bisomus (bisomum)»; Orelli, *Inscript. Lat. select.*, t. I, n.º 8; Cagnat, *Rev. des public. épigr.*, 1898, n.º 34.

mais de um individuo, e a sepultura tinha inscripção, esta ou declara isso no conjunto, o que é o caso mais frequente, ou scinde-se. Em Portugal (como noutros paises) conhecem-se várias inscripções geminadas. Nas figs. 168.ª e 169.ª reproduzo os desenhos de dois monumentos do Museu da Figueira, achados em Marim (Algarve), e pertencentes ao sec. III ou fins do sec. II [1]. No Museu de Faro ha um monumento de identica fórma: estela á maneira de fachada de edificio, dividida em duas partes, cada uma com seu letreiro; o frontão está ornado de tres rosaceas, e o friso de muitas, menores: vid. fig. 170.ª [2]. Em Cárquere appareceu tambem uma estela, mas grosseira, com inscripção geminada [3]. Assim como as inscripções geminadas indicam duplicidade de sepulturas, assim a mesma póde ser indicada num monumento por duas figuras, que representam os fallecidos, como se observa na citada estela de Cárquere, e numa do Alto-Minho, que publico adiante (vid. p. 458).

Fig. 170.ª — (Estela do Museu de Faro)

[1] Vid. *O Arch. Port.*, I, 198–199 (artigo do Dr. Santos Rocha). Cf. supra, p. 379.

[2] Este monumento creio que ainda está inedito. Eu examinei-o no referido Museu. A inscripção é: *D(iis) M(anibus) s(acrum). Herennianus vixit annis* XXV, *m(ensibus)* III. *[H](ic) s(itus) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

[3] *O Arch. Port*, V, 210.

*

Variaram bastante nos Romanos os lugares de sepultura. Nos tempos mais antigos de Roma sepultava-se dentro da cidade, e mesmo dentro de casa [1]. Depois o costume foi prohibido, embora se mantivessem algumas excepções [2]. O morto podia ser sepultado (o cadaver ou as cinzas) em terreno seu, ou á beira de um caminho, do que ainda hoje dão documento, por exemplo, em Roma a Via Appia, e em Pompeios a Via dos sepulcros: ora ahi se vêem tumulos individuaes, como o de Cecilia Metella, que citei ha pouco, ora columbarios, isto é, cameras com repartições dispostas á semelhança das «pilheiras» (*columbaria*) dos pombaes, para estarem as *ollae* cinerarias [3]. Concomitantemente com isto havia cemiterios publicos, de que se tem encontrado muitos em todo o *orbis Romanus*.

Pelo que concerne a Portugal, temos sepulturas avulsas e cemiterios, e tambem poderemos fallar de columbarios.

Sepultura avulsa é, por exemplo, a de Galla, a que me referi a pp. 370–371, descoberta no areal de Troia de Setubal, nas ruinas de uma antiga cidade lusitanica. Não faltam noticias de outras sepulturas avulsas, como não faltam lapides funerarias achadas em analogas condições; isso todavia não quer dizer que estas não fizessem ás vezes parte de cemiterios que se destruiram.

Cemiterios propriamente ditos, mencionei já a cima uns poucos, tanto de incineração como de inhumação, e muitos mais se conhecem, a alguns dos quaes terei ainda de alludir adiante. Alem das descripções inseridas n*O Ar-*

---

[1] Vid. Cuq, *Dict. des antiq.*, s. v. «funus», p. 1392.

[2] Cuq, *loc. cit.*, p. 1393 e nota.

[3] «Pilheiras» é termo trasmontano (Moncorvo): designa nos pombaes os buracos onde as pombas fazem os ninhos. No utras provincias os nomes variam.

cheologo, na *Portugalia,* e noutros jornaes, ha uma monographia especial de Teixeira de Aragão acêrca de um cemiterio algarvio [1]. Da quantidade de lapides sepulcraes que tem apparecido junto da igreja de Cárquere, em Rèsende, podemos inferir que foi ahi um importante campo funerario na epoca lusitano-romana [2], aindaque não se sabe se elle era de inhumação, se de incineração; apenas colhi lá a seguinte noticia, — que uma das estelas epigraphicas estava á cabeceira de uma sepultura feita de quatro tijolos (*tegulae*), a qual encerrava dentro terra negra: descripção que convem a uma sepultura de incineração.

Pertencentes a columbarios, devemos considerar sem duvida muitas placas de breves dimensões, ou *tabellae,* que contém inscripções funerarias [3]; em Troia de Setubal parece que ha mesmo restos de um [4].

2. Destino das almas

A outra vida. — *Dii Manes* — Offerendas funebres — Dinheiro de Charonte — *Iura sepulcrorum* — Epigraphia mortuaria — Fórmas dos tumulos do Sul de Portugal — Trasladações e cenotaphios — O adeus ultimo.

O homem difficilmente se amolda á ideia de que com a morte acabará tudo para elle; pelo contrário, acredita com

---

[1] Intitula-se *Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira em Maio de 1868* Lisboa 1868, 20 paginas, com 2 estampas.

[2] Vid.: *Revista Archeologica,* II, 113 sqq.; *O Arch. Port.,* V, 206 sqq.; *Corpus,* II, 5570-5580; *Additamenta nova,* 1903, pp. 24 e 25. — As lapides que ao presente se conhecem, acham-se, a maior parte, no Museu Ethnologico, e no de Guimarães; as restantes em poder da familia de Manoel Negrão. As do Museu Ethnologico foram-lhe generosamente offerecidas pelos Rev.dos Manoel Soares da Silva, antigo parocho de Cárquere, e José Augusto Correia, parocho actual (1910).

[3] Estão neste caso as de *Olisipo* (vid. *Corpus,* II, 200 sqq.), como diz Hübner nos *Exempla epigraphica,* p. 70, col. 2, que as suppõe da epoca augustana. Tambem pertencerão a essa classe as que publiquei n*O Arch. Port.,* V, 173 (Obidos), VII, 80 (Almeirim), etc.

[4] *O Arch. Port.,* III, 157-159 (Maximiano Apollinario).

prazer que possue uma alma, ou muitas, e que a esta ou estas se reserva outro destino depois da extincção da vida presente. No decurso da minha obra temos visto diversas provas d'isso com relação á Lusitania pre- e protohistorica. Na epoca romana crenças analogas se manifestam, postoque com variedades locaes.

Para os Romanos primitivos a alma continuava a coexistir com o corpo dentro do tumulo: *animam .. sepulcro condimus,* diz o cantor da *Eneida,* III, 67, fallando dos funeraes do Polydoro, e expondo ideias tradicionaes. Esta concepção nunca se perdeu totalmente no povo, e vestigios d'ella se encontram ainda no formulario das sepulturas christãs. Sem embargo, os Romanos pensaram a tal respeito de muitas maneiras no andar dos tempos; nem admira que a proposito de assunto tão vago e obscuro divergissem e mesmo se contradissessem as opiniões, ora suscitadas pelos philosophos, ora d'accordo com a differença dos ritos [1].

Assim as ideias gregas de que havia ceu para felicidade das almas dos bons (cfr. supra, p. 386), e inferno para tormento das dos maus, acham um echo em Vergilio, quando põe as seguintes palavras na boca de Anchises:

> .. Non me impia namque
> Tartara habent tristes umbrae, sed amoena piorum
> Concilia Elysiumque colo,

na *Eneida,* V, 733–735. O mesmo poeta nos faz circumstanciada e viva pintura d'essas duas mansões: vid. VI, 548 sqq. (Tartaro), e 637 sqq. (Elysio, ou Campos Elysios). Segundo elle, tanto uma como a outra ficavam nas profundidades da terra, nos «Infernos» (tomada esta palavra em accepção geral), região banhada de diversos rios; mas tal concepção teve muitas fórmas na mente dos antigos,

---

[1] Vid. sobre isto: Boissier, *La religion romaine,* I, 296 sqq.; e Steuding no *Lexikon* de Roscher, s. v. «Inferi».

pois uns collocaram o Elysio na lua, outros numa ilha do Oceano, etc. [1] As inscripções funerarias da epoca romana mencionam igualmente o *Elysium* e o *Tartarus,* mas só em poesias, que, por lhes faltar caracter popular, nem sempre servem de documentação genuina de crenças reaes.

Com a incineração dos cadaveres volatilizavam-se as partes solidas, e suppunha-se que as almas ou iam reunir-se no centro da terra, d'onde regularmente, em certos dias, e irregularmente, por evocação magica, vinham ao mundo, — ou voavam logo para o ar e para as estrellas, como o attestam muitas inscripções, por exemplo: *terra tenet corpus, nomen lapis, atque animam äer* [2], e *ad sidera pergis* [3], ou mesmo se transformavam em astros [4]: ideias estas que eram tambem naturalmente dos Gregos [5]. Ha um notavel carme epigraphico, gravado numa lapide achada em Roma, no qual se conta que emquanto um individuo chora afflicto a morte de seu neto, que lhe morrêra na flor dos annos, vê descer do ceu, numa madrugada, um jovem envolto em luz, mais encorpado que o neto, mas com o typo, a côr, e a voz d'elle. O brilhante fantasma pede-lhe que não chore, porque o que morreu para a terra, vive nos astros transformado em deus:

..quid o me ad sidera caeli
Ablatum quereris? desine flere deum;

---

[1] Cf. Waser na *Real-Encyclopäd.* de Pauly-Wissowa, s. v. «Elysion», e Schröder nos *Bonner Jahrbücher,* n.os 108 e 109, p. 56, n. 1.

[2] *Corpus,* III, 3247.

[3] *Corpus,* VIII, Suppl., 20288.

[4] Cf.: Servio no commentario á 9.ª egloga vergiliana (*astrum Caesaris,* alma de Julio Cesar mudada em astro), e á *Eneida,* VIII, 681 (*patrium sidus*); e Plinio, *Nat. Hist.,* II, § 94. Tambem os Egypcios nas epocas mais antigas imaginavam que com a cremação dos cadaveres a alma subia para o Ceu, levada no fumo das chammas: Wiedemann, *Die Toten im Glauben der Aegypter,* Leipzig 1910, pp. 16 e 17.

[5] Cf. Aristophanes, *A Paz,* vv. 826–841, ed. de Didot (dialogo entre Trygeu e um escravo).

e, em apoio d'esse estado de beatitude etherea, accrescenta que não receia ter de penetrar até os rios do Tartaro [1]. — Desperado da sua sorte, no destêrro do Ponto, profere Ovidio a seguinte blasphemia:

> Atque utinam pereant animae cum corpore nostrae,
> Effugiatque avidos pars mihi nulla rogos!

e logo accrescenta que se, conforme diz Pythagoras, o espirito voa para as alturas celestes, a sombra de um Romano ficará vagando entre os Manes dos Barbaros [2], — o que tudo constitue bello documento do assunto que estou aqui versando.

Tambem, como adiante direi mais especificadamente, ao tratar de certos monumentos archeologicos, se acreditava que os mortos eram heroïzados, e equiparados ás divindades, começando a viver entre estas: *spiritus inter*

---

[1] *Corpus*, VI, 21521 (e Bücheler, *Carmina epigraph.*, n.º 1109).— A tradição manteve-se litterariamente nos poetas. Fallando de D. Henrique de Meneses, governador da India, diz Camões, *Lus.*, x, 56:

> Mas depois que as estrellas o chamarem...

Vid. concepções semelhantes numa egloga do mesmo poeta, *Obras*, ed. de Hamburgo, II, 157.

É curioso que, não talvez como reminiscencia classica, mas por inspiração espontanea, digam uns versos de Gomes Leal, allusivos á morte de uma senhora (estes versos li-os num jornal ha annos, e cito-os de memoria; o texto que vem nas *Claridades do Sul*, Lisboa 1875, p. 187, differe):

> Foste-te, ó luz das solidões amenas,
> Ó grandes olhos tristes, ideaes,
> Que hoje sois astros nas mansões serenas...

Religião e poesia andaram sempre conjuntas. E que são as religiões, á parte os seus horrores (sacrificios sangrentos, martyrios, torturas e fogueiras inquisitoriaes, penitencias, disciplinas, pavor do Inferno), senão sonhos poeticos de almas ingenuas?

[2] *Tristia*, III, III, 59–62.

deos receptus, — lê-se numa inscripção da cidade de Roma, publicada no *Corpus,* VI, 2160.

As almas dos mortos, na sua qualidade de divinas, recebiam o nome commum de *dii Manes* [1].

*

Das ideias que se formavam da morte, taes como succintamente ficam expostas, resultava que era necessario prestar aos mortos todo o cuidado.

A archeologia lusitano-romana não nos diz quanto a este proposito desejariamos saber; mas alguns elementos ahi colhemos para o estudo do assunto.

Junto do morto collocava-se frequentemente aquillo de que, segundo a crença [2], elle precisava na outra vida: vasilhame, muitas vezes certamente com alimentos e bebidas [3]; unguentarios com perfumes [4]; utensilios de uso domestico [5]; armas [6]; objectos religiosos ou magicos [7],

---

[1] Acêrca da opinião que se formava dos *Manes,* vid. Steuding no *Lexikon* de Roscher, s. v. «Manes», e Wissowa, *Relig. u. Kultus der Römer,* p. 192. Cf. tambem Delehaye nos *Analecta Bollandiana,* XXVIII, 160, onde cita o seguinte trabalho, que não pude consultar: *Il concetto dei Dii Manes nell' antichità Romana,* publicado por Santoro na *Riv. di Filologia,* XVII (1889), 1-62.

[2] Cf. Fustel de Coulanges, *La cité antique,* liv. I, cap. I, e as obras lá citadas.

[3] Passim. E cf. supra, p. 370 e 373.

[4] Passim. E vid. supra, pag. 372. — Cfr. um *carmen* epigraphico de Italia, no *Corpus,* VI, 21521, v. 45.

[5] Por exemplo, na Quinta da Anta (*O Arch. Port.,* II, 152), e na sepultura de Galla (vid. supra, p. 371), encontraram-se objectos de toucador e uma faca de osso ou marfim.

[6] Por exemplo, no cemiterio do Cortiçal (Arraiolos), e numa sepultura de Beja (*O Arch. Port.,* X, 166).

[7] Por exemplo, uma *bulla de ouro* na sepultura do Pombalinho (vid. a secção IV). A respeito de factos semelhantes noutros paises, cf. *Rev. Archéologique,* IV, 230 e 776. — Nas sepulturas romanas apparecem muitas vezes pregos, de caracter magico, ou para protegerem a sepultura, ou para fixarem a alma do morto, e não a deixarem ir perseguir os vivos: Marquardt, *Le culte chez les Romains,* I, 129, nota 9; *Rev. Archéologique,* 1894, p. 245; Boüinais &

etc.[1]. Elle proprio podia ir vestido e ornado. Se nem sempre a *suppellex* era rica, e até pela mór parte das vezes era modesta, ha casos em que ella era riquissima: ouro [2] e prata [3]. Quando fallei das incinerações funebres de *Balsa*, p. 374, disse eu que nas ollas se encontraram

---

Paulus, *Le culte des morts*, p. 10; Reinach, *Bronzes figurés*, p. 140, nota 3. Em Portugal sei de várias sepulturas em que appareceram pregos (por ex.: *O Arch. Port.*, 194-327; *Portugalia*, II, 426; e sei de outras, não descritas); não estou porém habilitado para dizer que elles sejam magicos. Algumas vezes são de caixões.

[1] No tumulo de Galla, de que se fallou a cima, encontraram-se cascas de ovos. Cf. Marquardt, *La vie privée des Romains*, I, 444, n. 7.—Tambem em algumas sepulturas romanas de Portugal se tem encontrado *conchas:* vid. Teixeira de Aragão, citado *Relatorio do cemiterio romano de Tavira*, p. 19; o A. inclina-se a considerá-las restos de banquetes funebres, embora o *epulum* mencionado na inscripção romana que elle cita (*Corpus*, II, 4990) se refira á cerimonia da inauguração do respectivo monumento, e não a funeraes. Acêrca de conchas em sepulturas da necropole de Carmona (Hespanha), vid.: *Boletín de la Academ. de la Hist.*, XXXI, 274, nota 2.ª Tambem appareceram em sepulturas punicas: Delattre, *Tombeaux puniques*, Lião 1890, p. 46. Vid. alem d'isso: A. Locard, *Hist. des mollusques dans l'antiquité*, p. 230; Sebillot, in *Rev. d'Ethnographie*, 1886, p. 509; Rocha Peixoto, *Malacologia popular*, p. 6. E cf. Reclus, *Géogr.*, V, 152 (superstições modernas da Alta-Bretanha; costumes dos Lapões, e dos povos do Canadá).

[2] Por exemplo, na citada sepultura do Pombalinho.

[3] Por exemplo, numa sepultura da Lameira Larga (Penamacor): vid. *O Arch. Port.*, XIV, 44 (art. de Santos Rocha). Ahi appareceram varias vasilhas, a mais importante das quaes é uma pátera com relevos que representam a expedição de Perseu contra Medusa.—Em Maio de 1908 procurou-me em Lisboa um tal Pinheiro Galhardo, bacharel em Direito, que trazia estes objectos, e consultou-me acêrca do valor d'elles. Eu disse-lhe qual o merito que tinham, e pedi-lhe m'os vendesse para o Museu Ethnologico, o que elle prometteu fazer. Qual não foi porém o meu assombro, quando alguns dias depois recebi um bilhete-postal seu, em que me participava que havia vendido os objectos a outra pessoa! Embora elles estejam hoje em poder do Sr. Dr. Francisco Falcão, que possue muitas obras d'arte, e as faculta liberalmente ao exame dos estudiosos, não ha dúvida que o vasilhame da Lameira, pelo seu caracter historico e archeologico, ficava melhor num museu nacional, do que numa col-

moedas romanas de bronze. Pelo seu lado o Dr. Santos Rocha falla de uma moeda encontrada em uma urna cineraria de Lagos [1]. Temos aqui sem duvida testemunhos do obolo que se pagava ao barqueiro Charonte para o transporte das almas, ou na travessia dos rios do Inferno, — crença commum a Gregos e Latinos, e muito em voga no tempo do imperio romano, principalmente na gente do povo [2] —, ou na viagem para os as-

---

lecção particular; e lamento deveras não ter podido adquiri-lo, tanto mais que, existindo muitos objectos de prata analogos em museus estrangeiros, no Ethnologico apenas ha o fundo de uma pátera (*Religiões*, II, 310), e um vaso (*Arch. Port.*, XV, 84). Entre os analogos thesouros estrangeiros de prata, da epoca romana, lembrarei o de *Boscoreale*, hoje no Museu do Louvre, e o de Berthouville, hoje na Bibliotheca Nacional de Paris, — aquelle doado generosamente á França pelo nobre Barão E. de Rothschild.

[1] *O Arch. Port.*, I, 336.

[2] Vid. o art. «funus» no *Dict. des antiq. gr. et rom.*, p. 1389. Sobre o assunto consulte-se tambem: o art. «Charon» no referido *Dictionnaire*, e outro com o mesmo titulo no *Lexikon* de Roscher. Dos Gregos lembrarei Luciano, *De luctu*, 10; a superstição persiste na Grecia moderna (Wachsmuth, *La Grèce moderne dans l'ancienne*, p. 118): apud Plessis, *Épitaphes*, p. 57. Dos Romanos lembrarei Vergilio, *Eneida*, VI, 315, 325 sqq. e 385. Em tumulos de Tusculo e Preneste, do tempo das guerras punicas, encontraram-se esqueletos que tinham nos dentes moedas para pagamento de Charonte: Bossier, *Relig. Rom.*, I, 307 (1.ª ed.). Em Kertch (Russia Europeia) «toute inhumation de l'époque romaine fournit presque invariablement l'obole, placée entre les dents du mort»: *Rev. Archéol.*, 4.ª série, III, 1904, p. 12. Vasos com muitas moedas junto da cabeça dos cadaveres: *Notizie degli scavi*, 1894, p. 310-312 (superstições continuadas até o sec. XVIII: *ibid.*). Cf. de mais a mais: *Rivista di stor. antica*, II, 73 sqq. (mytho); *Bullet. Numismatique*, 1903, p. 108; Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, I, 419; e principalmente R. Andree, *Ethnographische Parallelen*, II (1889), que cita costumes de numerosos povos, e *Mélusine*, X, 56, 60, 114 («L'obole du mort»). Aos costumes extra-europeus citados por Andree posso juntar outros: vid. «Inquerito sobre os usos e costumes juridicos de Timor» no Appendice ao *Boletim Official* do districto, X (1909), pp. 96, 110, 128, etc. — Parece que originariamente o chamado *dinheiro de Charonte* teve significação diversa da que depois veio a ter.

tros [1]. Em desaccôrdo com esta crença, que os achados do Algarve nos fazem presuppôr nos Lusitano-Romanos, deparam-se-nos a cada passo, como direi adiante, fórmulas que nos evocam outra diversa, e mais antiga, qual é a da persistencia da personalidade do morto no sepulcro: foi por isso que eu a p. 393 notei que no que toca ás concepções da morte se encontram muitos modos de pensar, e até contradicções.

Os sepulcros, muitas vezes providos de lapides (aras, cippos, estelas [2]) em que se lêem inscripções, consagradas frequentemente aos *Dii Manes* [3], e se especifica o nome, filiação, idade, e outras circumstancias do fallecido, serviam de mansão de paz. Para esta ficar bem assegurada, elles apresentavam construcção solida, sempre que isso podia acontecer. Não raro o tumulo constituia propriedade exclusiva do morto, sem dever passar a outrem; assim o consigna a fórmula epigraphica: *h(oc) m(onumentum) h(eredem) n(on) s(equetur)*. Numa inscripção ossonobense lê-se *hoc misolio* [4] *sub ascia est* [5]. Com isto combinaria eu uma

---

[1] *Lexikon* de Roscher, s. v. «Inferi», col. 261, onde se cita Propercio.

[2] A differença entre «ara» e «cippo» não é nitida: cf. *O Arch. Port.*, XI, 357 e 358. Em geral diz-se «ara», quando a inscripção ahi gravada é religiosa, isto é, consagrada ás divindades, e diz-se «cippo» quando é funeraria; mas a lapide em que ha uma consagração aos Manes póde tambem chamar-se «ara». As «estelas» são lapides destinadas a estarem enterradas ou fixas, mais estreitas que largas (secção rectangular). — Temos tambem as «tabulas» e as *tabellae*, que com frequencia se collocavam nos columbarios, ou por fóra dos monumentos tumulares.

[3] A fórmula que designa os Manes nem sempre apparece (no sec. I é mais rara que nos seguintes), e quando apparece, vem geralmente em abreviatura, e no começo da inscripção: *D* · *M* = *D(iis) M(anibus)*, ou *D* · *M* · *S(acrum)*.

[4] = *misolium* (por *mausoleum*, Μαυσώλειον).

[5] Vid.: *Corpus*, II, 5144; e Dessau, *Inscr. select.*, II–II, n.º 8100, que remette o leitor para o *Corpus*, XIII, 2494, onde se lê: *hoc opus sub ascia est.*

lapide sepulcral de *Pax Iulia* em que está esculpido um instrumento em fórma de machada (fig. 171.ª), se o nome do morto, *Marmorarius* (i. é, *marmorarius* «canteiro»), não fizesse crer que talvez esse instrumento, que está estilizado, seja aqui emblema do officio. Alguns AA. suppõem que a expressão *sub ascia* e a figura de uma *ascia* que ás vezes se vê nas pedras significam que o tumulo fôra feito expressamente para o respectivo cadaver; outros suppõem que a *ascia* é talismanica [1]. Ha fórmulas que declaram me-

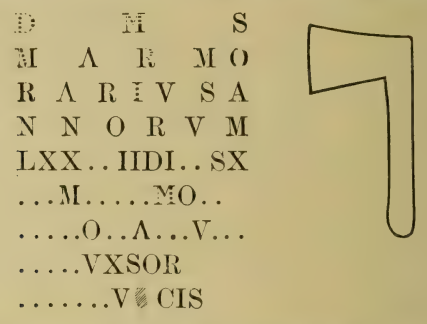


Fig. 171.ª — Do *Pax Iulia*: vid. *O Arch. Port.*, VIII, 161

ramente a jazida: *h(ic) s(itus)* vel *s(epultus) e(st)*, ou como que deitam uma benção ao morto: *s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*, — oxalá qûe a terra não pese sobre ti, nem te moleste! A ultima fórmula é ás vezes precedida de uma frase dirigida a quem passa por ao pé dos sepulcros: *d(ic), r(ogo), p(raeteriens)*, como numa inscripção da Insoa

[1] Acêrca das explicações que se tem dado da *ascia* vid.: *Dict. des Antiq.*, s. v.; Boissiev, *Inscriptions antiques de Lyon*, pp. 108 e 109; e Hœttner, *Catalogo* do Museu de Tréveros, n.º 190. Tanto a fórmula como a figura da *ascia* apparecem com freqüencia nas inscripções de França: vid. Boissiev, *ob. cit.*, p. 111. Em muitas das lapides de Lião a *ascia* occupa o mesmo lugar que nas de Trás-os-Montes o suastica flammejante: vid. Boissiev, pp. 400, 409, 472, 483, 493, 508, 526; e *Corpus*, XII, p. 965. A ideia de talisman attribuida á *ascia*, á qual se allude no citado lugar do *Dict. des Antiquités*, é tambem acceite pelo Sr. C. Jullian: vid. *Rev. des études anciennes*, XII, 294.

(Castendo) [1]. Ao caminhante se dirige melancolicamente o morto tambem nest'outra: *tu qui legis, ave! perlegisti, vale!* — gravada numa pedra igeditaniense [2].

Muitos cippos (cf. supra, p. 62) tem no Sul do reino fórmas especiaes: de «bahus», a qual tambem se encontra noutras regiões do *orbis Romanus* [3]; e de *cupae* ou «pipas». Como exemplo da primeira fórma citarei aqui duas pedras de Colaride (fig. 172.ª e 173.ª). As *cupae* encontraram-se por ora só no Algarve e Alemtejo, pois uma apparecida em Lisboa, de que fallei n*O Arch.*, VII, 241–243, ha razões para crer que veio de Mertola. Segundo se deduz da fórma da letra das inscripções, o uso das *cupae* vigorou, pelo menos, nos sec. I e II, e talvez até o III, o que leva a suppor que se relacionam com o rito da incineração; e de facto uma de *Pax Iulia* cobria uma sepultura em que havia ossos queimados [4]. Vid. na fig. 174.ª o desenho de uma *cupa*. Algumas são anepigraphas [5], como anepigrapho é um dos bahus de Colaride. Qual a origem das *cupae* sepulcraes? Provavelmente os restos mortuarios foram a principio encerrados em pipas de madeira [6]; depois, com o progresso da civilização, a pedra substituiu o pau: mas como nas cousas religiosas a tradição tem muito poder, deu-se á lapide a fórma symbolica de pipa. Para o espirito dos crentes symbolo e realidade tem quasi identico valor. Tal substituituição pertence á epoca romana. Já no vol. I

---

[1] *Corpus*, II, 415.

[2] Está no Museu Ethnologico. Foi o Dr. Felix Alves Pereira quem a trouxe da Beira. Por ora inedita.

[3] Por exemplo em Tarragona (*Boletín de la Acad. de la Historia*, 1907, vol. LI, p. 386), na Africa (J. Schmidt, no *Philologus*, 1886, vol. XLVI, p. 167); e vid. tambem *Lexique des antiq. rom.*, de Cagnat & Goyau, p. 188.

[4] *O Arch. Port.*, I, 265.

[5] *O Arch. Port.*, IX, 276 (Viana do Alemtejo). Alem da *cupa* ahi citada, conheço outra anepigrapha em uma quinta d'ao pé de Mertola.

[6] Cf. Hübner in *Zs. für allgemeine Erdkunde*, 1863, p. 342.

da presente obra, p. 416, fallei do costume de se recolherem em vasilhas grandes os cadaveres e os ossos, costume particularmente em voga na Africa [1], d'onde acaso elle viria para cá; esta explicação tem por si o não apparecerem *cupae* no Norte de Portugal. É possivel que no Sul de Hespanha haja igualmente pedras tumulares em fórma de pipa; nunca porém as vi mencionadas. Fóra da Peninsula só as conheço na Sardenha: vid. *Corpus,* x, p. 801, onde

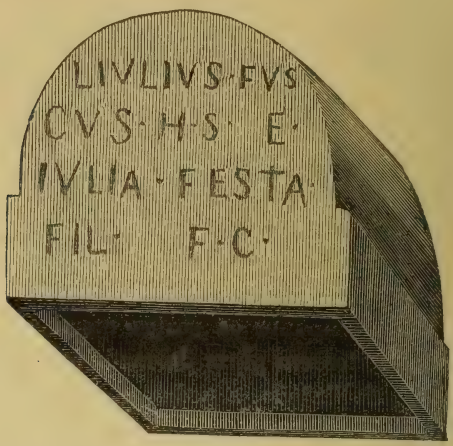


Fig. 172.ª — (Lapide de Caparide : *Arch. Port.*, I, 248. Vid. supra p. 401.)

se figura uma, com quatro inscripções gravadas em outras tantas tabulas que estão appostas lateralmente ao bojo da *cupa,* e formam corpo com ella; num dos tampos, isto é, no que fica á mostra, representa-se um instrumento analogo a uma *ascia.* Este desenho corresponde, no cit. vol. do *Corpus,* ao n.º 7703; cf. tambem o n.º 7700. Em Roma, na galeria epigraphica do Vaticano, e no Museu de Latrão, vi algumas inscripções christãs lavradas em

---

[1] Delattre, *Tombeaux puniques,* pp. 46, 83, 99 (cadaveres em amphoras). Cf.: *Rev. Archéol*, 1877, II, p. 28, 1889, t. XIII, pp. 164–166; Déchelette, *Chronolog. préhist. de la Pen. Ibérique,* p. 40; *Dict. des antiq.,* s. v. «sepulcrum», p. 1240, col. 1.

placas de marmore, onde se esculpiram pipas ou pipos; taes esculpturas tem provavelmente porém significação mui diversa da das *cupae* alemtejanas, ás quaes só o monumento sardo (vid. fig. 175.ª) é verdadeiramente comparavel. E a comparação parecer-nos ha bastante suggestiva, se nos lembrarmos que os AA. antigos estabeleceram relações ethnicas entre a *Iberia* e a *Sardinia* [1]. — A expressão *cupa* é corrente na epigraphia, no sentido de «sar-

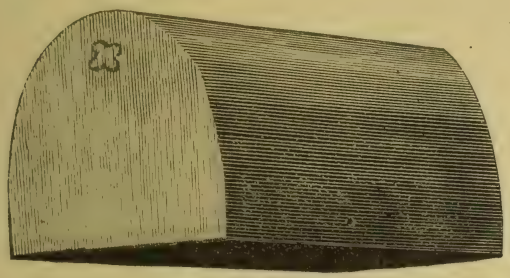


Fig. 173.ª — (Outra lapide sepulcral de Calaride. Vid. p. 401 e 402)

cophago» [2]; o deminutivo *cupula* usa-se principalmente no latim africano para significar aquella especie de lapides sepulcraes a que a cima chamei «bahus» [3].

---

[1] Vid. D'Arbois de Jubainville, *Les prem. habit. de l'Europe*, I, 65–66. E cf. P. Paris in *Rev. Archéol.*, 3.ª ser., t. XXX, p. 162.

[2] Forcellini, *Lexicon*, s. v. Em Orelli, *Inscript. Lat. select.*, II, n.º 4550, vem uma inscripção em que se lê: *in hac* CUPA *mater et filius positi sunt;* e cf. a mesma obra, I, n.º 2697. Na galeria lapidar pagã do Vaticano ha outra inscripção (*lex monumenti*) com *monumentum sive* CUPA(M) *facere:* vid. *Dissertazioni della Pontificia Accademia Romana,* serie II, t. VIII, 1903, p. 511. De uma do Museu de Barcelona com *fecit patri cupa(m)* falla-se no *Corpus,* II, 6178, onde se cita o artigo de Schmidt a que me referi na nota 3 de p. 401, e que eu consultei tambem.

[3] *Philologus*, XLVI, 165 ss. (Schmidt). Ahi se allude igualmente á *cupa* sarda; mas o A. não conheceu os monumentos portugueses que lhe correspondem. — A respeito das *cupulae* vid. mais: *Bullet. Archéologique*, Fevereiro de 1908, p. XIX; Dessau, *Inscript. selectae,* t. II, p. 873; e *Corpus,* VIII, p. 1122.

Afóra enterramentos propriamente ditos, sabemos de trasladações de ossadas, e, ao que parece, de cenotaphios: isso resulta do que se lê no *Corpus*, II, 6271 (Almourol), 382 (Condeixa), 371 (ibidem). Cf. tambem as inscripções que fallam de meras memorias, á semelhança d'aquellas em que se invocam as divindades, e que acima denominei semi-funerarias: por exemplo esta de Lisboa, *Corpus*, II, 204: *in memo(riam) Arriae Avitae matr(is) Q(uintus) Cassius Arrianus;* e vid. II, 1753, com *hic s(itus) e(st)*.

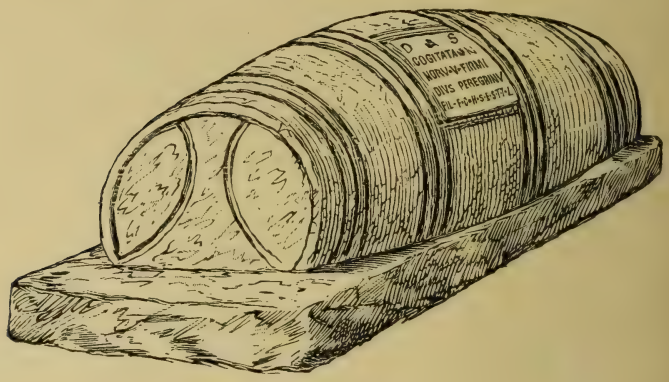


Fig. 174.ª — (Lapide sepulcral ou *cupa* de Mertola. Vid. p. 401 [1])

As inscripções funerarias lusitano-romanas são em geral simplicissimas. A ternura dos sobreviventes manifesta-se por fórmulas corriqueiras. Diz um pae, uma mãe, ou ambos: *filio piissimo* (C., II, 284), *fil(io) carissimo et pientissimo et opsequentissimo* (391), *filiae indulgentissimae bene merenti* (Eph. Ep., VIII, 48), *infanti dulcissimae* (C. II, 541), *filiae desiderantissimae* (ibid.). Um filho: *matri piissim(a)e* (36), *patri pientissimo* (317). Um esposo: *coniugi piissim(a)e* (4), *uxori pientissimae* (78), *coniugi rarissimae et sanctissimae* (487). Uma esposa: *coniugi benemerentissimo* (535), *marito incomparabili* (564). Um irmão:

[1] D-*O Arch. Port.*, VII, 242.

Monumento sepulcral da Sardenha comparavel aos de Portugal

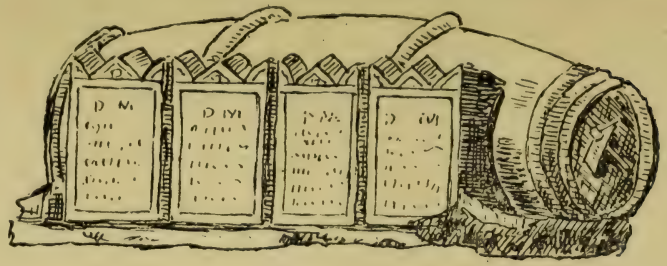


Fig. 175.ª — (Vid. pp. 402–403)

sorori optimae (28). Uma irmã: *fratri pientissimo* (246). Uma sogra: *genero obsequentissimo* (500). Um senhor (*dominus*) ou senhora (*domina*): *serv(ae) fidelissimae conservatrici et amatrici domini* (Eph. Ep., VIII, 43) [1], *liberto merenti* (*C.*, II, 39), *libertae obsequentissimae* (60). Um liberto: *patrono optimo* (509). Já se vê que, no adeus último, as lagrimas irrompiam vehementemente dos olhos dos que ficavam sós; mas a frouxa cultura litteraria não dava para mais! É por isso que poucos *carmina* epigraphicos existem no nosso territorio [2].

3. Insculpturas symbolicas

Lapides sepulcraes com figuras: meia-lua, estrellas, suástica flammejante, rosaceas, portas — Sua origem e significação provaveis — Figuras vegetaes e animaes — Heroização dos mortos — Simples imagens humanas — Insculpturas várias.

Tanto os cippos e aras como as estelas apresentam insculpturas symbolicas, de variados feitios, conforme já se disse a cima, pp. 62, 77 e 79.

Entre os mais importantes symbolos sobresaem os de caracter astral, como se vê nas figuras juntas: meia-lua sòzinha (fig. 176.ª); meia-lua sobre uma estrella de seis raios inscrita num circulo (fig. 177.ª); meia-lua com uma estrella inclusa (fig. 178.ª) ou com duas (fig. 179.ª); meia-lua com uma folha de hera (fig. 180.ª); uma estrella de seis raios sòzinha (figs. 181.ª a 183.ª), ou dentro de uma coroa (fig. 184.ª), ou entre duas pilastras (fig. 185.ª); duas estrellas a par uma da outra (fig. 186.ª).

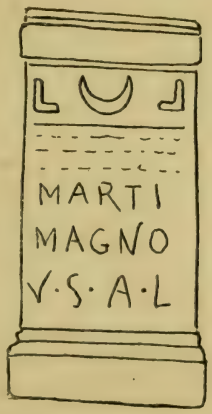
A estes symbolos astrolatricos aggregarei o suástica flammejante, que se mostra nas figuras 187.ª a 198.ª, onde tem differentes fórmas, e vário número de raios. As estelas em que elle está gravado apresentam ao mesmo tempo outros emblemas: na fig. 190.ª vêem-se ao lado do suástica dois discos, quiçá dois astros, e na parte inferior

---

[1] Esta é a que mais se afasta do usual.

[2] Enumerei-os a p. 188, n. 2.

duas meias-luas, certamente duas fases do planeta, — e vêem-se por baixo da inscripção duas figuras humanas, de ampla roupagem, que seguram uma vasilha (cerimonia religiosa comparavel á que se celebra numa estela do Minho, de que fallo adiante, p. 457, e nota); na fig. 191.ª, ás duas meias-luas da figura antecedente correspondem dois emblemas angulosos, que no meu entender são meias-luas estilizadas [1]; na fig. 192.ª temos, não dois, mas quatro emblemas da mesma especie, dispostos symetricamente em volta do suástica, com as aberturas para dentro, — provavelmente figuração estilizada das quatro fases lunares, se é que os dois de cima não são mera repetição dos dois de baixo, por causa da symetria; na fig. 193.ª a estilização foi mais longe, porque o gravador, perdida a noção d'aquillo que devia representar, incluiu na moldura da estela os dois emblemas angulares, — e além d'isso a parte da estela em que o suástica se figura tem aspecto de busto, igualmente estilizado (o que lembra certas estelas tumulares de Pompeios). Na fig. 194.ª, onde o suástica, ao que parece, está disposto como na fig. 193.ª (com o busto estilizado), observam-se por baixo do campo da inscripção como que duas portas, rasgadas uma ao lado da outra, as quaes apparecem tambem nas figs. 195.ª a 199.ª, com a differença porém que na 194.ª as portas, em número de tres, são encimadas cada uma de sua fresta ou oculo, e na 196.ª (duas portas), 197.ª (tres portas), 198.ª (duas portas) os oculos fazem corpo com as portas, á maneira de cabeças.



[1] Encontro entre os meus apontamentos um esbôço de um cippo estrangeiro (vid. a fig. junta) consagrado a Marte, em cuja parte superior ha, de cada lado da meia-lua, dois emblemas angulares como os de que fallo no texto: infelizmente esqueci-me de notar a procedencia d'este cippo, mas creio que o vi em um museu de Roma.

Passemos a outros symbolos, emblemas, ou como melhor se lhes queira chamar. A estela representada na fig. 199.ª, comquanto seja do Sul, ao passo que todas as ante-

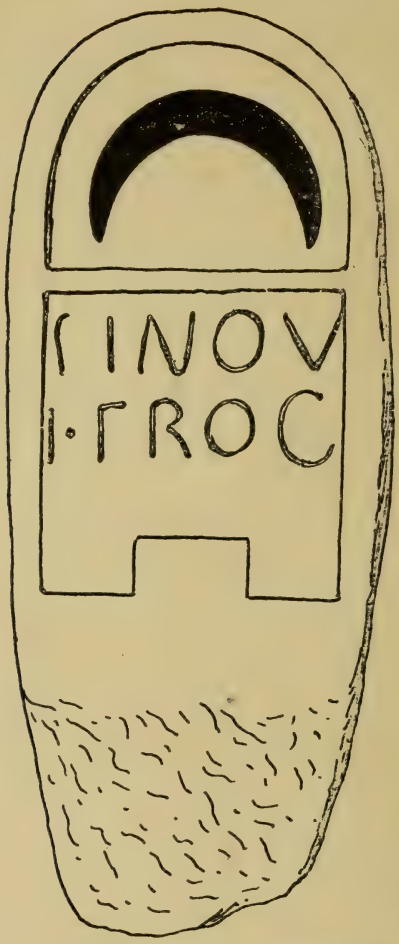


Fig. 176.ª — (De Bragança [1]. Vid. p. 406)

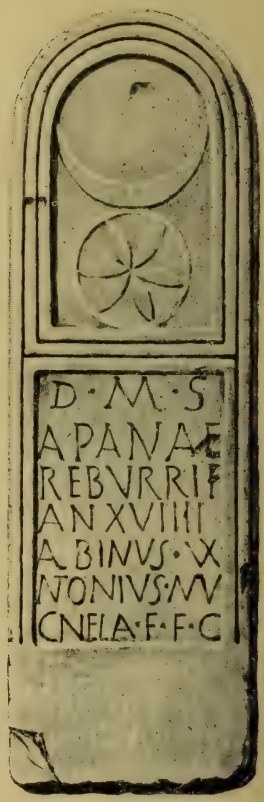


Fig. 177.ª— (Da Cogulla, Traneoso. No Museu Ethnologico. Vid. p. 406 [2]).

[1] D-*O Arch. Port.*, XIV, 52 (Pereira Lopo).

[2] O texto diz: *D(iis) M(anibus) s(acrum). Apanae, Reburri f(iliae), an(norum)* XIX. *Albinus ux(ori), Atonius Mucnela, f(ieri)*

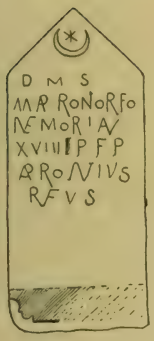


Fig. 178.ª — (De Rio Tinto [1]. Supra, p. 409).

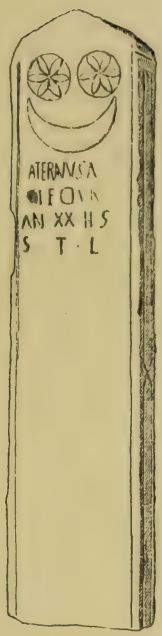


Fig. 179.ª — (De Idanha a Velha, no Museu Ethnologico [2]. Supra, p. 406).

f(aciendum) c(uraverunt). Leio *Atonius* e não *Ant-*, pois que ha outros nomes como *Ato(n)*, *Ata*, *Atucus*, *Atunus* no *Thesouro* de Holder. Leio *Mucnela*, e não *Nucn-*, por causa da fórma e ligação das letras; *Mucnela* (cf. *Muc-ra* em Holder, e o suffixo *-el-* e *-ela*) será, não um cognome, mas o nome da tribu, a que pertencia *Albino*, esposo de *Apana*, e *Atonius*, será acaso parente ou amigo. — A estela em que a inscripção está gravada é de granito, e mede de altura 1m,42, de largura 0m,45, de espessura 0m,16. Foi achada no sitio da Cogulla, lugar do Castello, concelho de Trancoso, e offerecida liberalmente ao Museu pelo Sr. Alberto Caseiro, por intermedio do Sr. Vergilio Herculano Cruz Pimentel, com quem me correspondi. — Talvez do sec. II.

[1] Vid. *Portugalia*, II, 126, d'onde extraio o desenho que serviu para a gravura.

[2] Foi obtida pelo Dr. Felix Alves Pereira. O texto não está facil de ler: *Ater Nusae* (*?*) *f(ilius?)* .. *an(norum)* XX, *h(ic) s(itus)*. A 2.ª palavra póde ser genetivo de *Nusa* = Νῦσα. A lapide tem ornatos de cada lado.

cedentemente citadas pertencem ao Norte, assemelha-se bastante a estas, por isso que ostenta na parte superior, entre duas portas (se o são), uma especie de custodia, que não passará porém de astro ou rosacea [1] (cf. o busto estilizado da fig. 195.ª). — Com os astros se relacionarão tambem os emblemas representados nas estelas 200.ª e 201.ª

Na fig. 202.ª ha um disco incompleto, que facilmente se completa pela imaginação. Na fig. 203.ª o emblema é constituido por circulos concentricos. Na 204.ª ha tambem um disco.

Nas figs. 168.ª a 170.ª, 173.ª e 205.ª temos rosaceas, ou avulsas, ou combinadas symetricamente com outras. No Museu Ethnologico ha tambem uma lapide do sec. I ou II, de Alcacer do Sal, com uma rosacea no frontão [2].

É a figs. semelhantes ás mencionadas (176.ª a 205.ª) que Hübner se refere no *Corpus*, vol. II e Suppl., quando, ao transcrever as inscripções funerarias, menciona *astrum, astrum* vel *rosa, luna, luna grandis:* vid. as indicações dadas a pp. 1203–1204 (anáglypha sepulcralia). Pena é que as descripções do *Corpus* não pudessem vir acompanhadas de desenhos representativos das respectivas lapides. Que manancial de documentos não teria ahi o archeologo! E quantas vezes a representação artistica não auxiliaria a interpretação epigraphica e (vice versa)!

---

[1] A inscripção diz *L(ucius) Iulius, L(ucii) f(ilius), Rebbilus, h(ic) s(itus)*. O cognome tem a particularidade de estar escrito com dois *bb*. A figura que se vê por baixo da inscripção representa, no meu entender, um vaso de bronze, provído de duas asas lateraes. Inferiormente a elle ha um ramo, e de cada lado uma lança. Na face esquerda da pedra (direita do observador) está esculpido um escudo, e na direita um *pugio* embainhado, semelhante a um do Alemtejo, de ferro, existente no Museu Ethnologico. De tudo isto resulta que Lucio Julio Rébbilo era militar. Dimensões da lapide: altura 1m,85; largura 0m,039 a 0m,041; espessura 0m,020. Foi achada na Extremadura, e está hoje no Museu do Carmo. — Acêrca do vaso vid. adiante, p. 457, e de outros emblemas militares, gravados em lapides funerarias da Lusitania, vid. *Corpus*, II, 679 e 793

[2] Lapide cuja inscripção vem no *Corpus*, II, 5183.

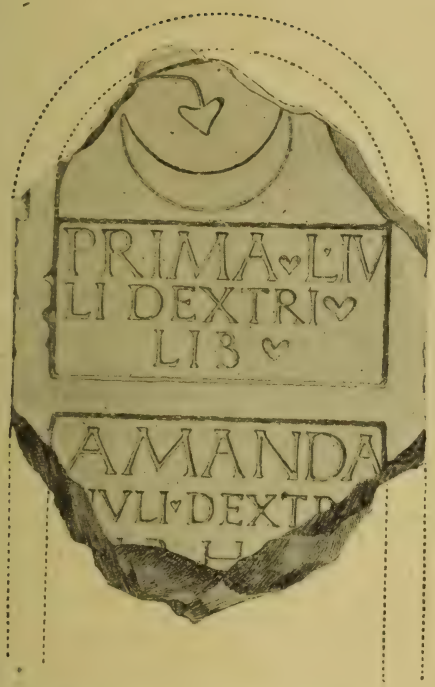


Fig. 180.ª — (De Villa Pouca d'Aguiar. No Museu Ethnologico [1]. Vid. pp. 406 e 428).

[1] Vid *O Arch. Port.*, XII, 28 (artigo do Dr. Henrique Botelho). A gravura é extrahida de lá.

Fig. 181-a — (De Felgar, Moncorvo [1]. Vid. p. 406).

[1] O texto diz: *Reburrus Ari Seurus>Narelia, an.* LXI, isto é «Reburro, filho de Ario, de nação Seúro, da centuria ou *gens* Narelia, de 61 annos de idade (está aqui sepultado)». Fica assim corrigido o que se lê n*O Arch. Port.*, II, 135; e cf. *Corpus*, II, 6290. *Ari* está por *Arri*, genetivo de *Arrius*, que com *Arria* figura no *Corpus*, II, Suppl., p. 1055. *Seurus* está para *Seurrus*, nome ethnico de que fallei nas *Religiões*, II, 75 e n. 6. Tanto em *Ari* como em *Seurus* temos pois *r* em vez de *rr*. Convém notar que numa inscripção de Chaves ha um *M. Arrius Reburrus*, de *Lancia Transcudana* (vid. *Corpus*, II, 5261), e que o concelho de Moncorvo, a que pertence Felgar, onde existe a lapide, fica vizinho do rio *Cuda* «Coa». Portanto não só os Seurros deviam demorar por estas paragens, mas *Reburrus*, filho de *Arrius*, e *M. Arrius Reburrus* (barbaro romanizado), deviam ser parentes, attenta a semelhança dos nomes. — Acêrca das centurias vid. supra, p. 206.

Fig. 182.ª — (De *Bracara Augusta* [1]).

Fig. 183.ª
(No Museu Ethnologico [2]).

Fig. 184.ª
(De *Bracara Augusta* [3])

Acêrca d'estas figuras vid. supra, p. 406.

---

[1] Vid. Albano Bellino, *Inscripções de Braga ineditas*, Braga 1895, pag II, d'onde é extrahida a gravura.

[2] O texto diz: *Ambatus, Malgeini f(ilius), h(ic) s(itus) e(st)*. A estela em que está a inscripção é de granito, e foi offerecida ao Museu Ethnologico pelo illustre advogado, e collaborador d*O Archeologo Português*, o Sr. Dr. Joaquim Manoel Correia.

[3] Vid. Albano Bellino, *Inscr. rom. de Braga ineditas*, Braga 1895, pag. XXXIII, d'onde extráio a gravura.

Fig. 185.ª
De *Bracara Augusta* [1].

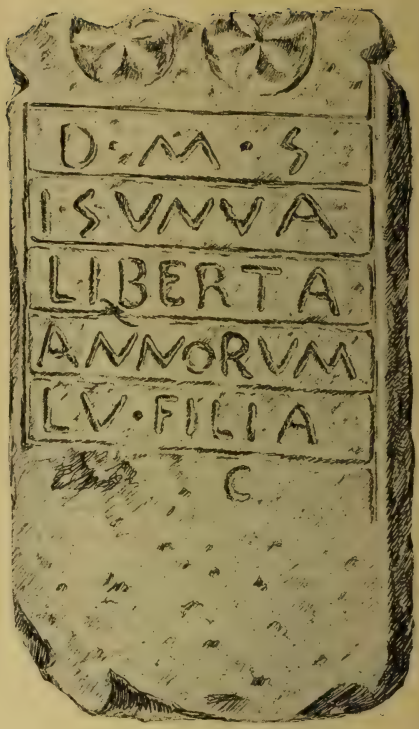


Fig. 186.ª — De Cárquere [2].

Acêrca d'estas figuras vid. supra, p. 406.

---

[1] Vid. *Corpus*, II, 2425, e *Noticias archeologicas de Portugal* (de Hübner), p. 77. A gravura foi feita segundo uma photographia que me mandou o saudoso Albano Bellino.

[2] O texto diz: *D(iis) M(anibus) s(acrum). I(ulia) Sunua, liberta, annorum* LV. *Filia p(onendum)* ou *f(aciendum) c(uravit)*. Estela, de granito, de 0m,59 de altura, 0m,32 de largura, e cêrca de 0m,16 de espessura, achada em Cárquere. Está no Museu Ethnologico por generosa dadiva do Rev. Manoel Soares da Silva.

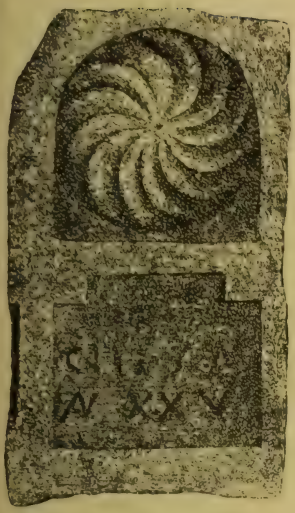


Fig. 187.ª — (De Castro d'Avellans [1].
Vid. p. 406).

giF. 189.ª
(Do Museu de Guimarães [2].
Vid. p. 406).

Fig. 188.ª
Do Museu de Guimarães [3]
Vid. p. 406.

Fig. 190.ª
(De Picote, Miranda do Douro.[4]
Vid. p. 406-407).

---

[1] *Corpus*, II, 5655; *Rev. de Guimarães*, XVIII, 66.

[2] Creio que é a mesma lapide a que se refere a *Revista de Guimarães*, XVIII, 65-66, n.º LIII. Na gravura as letras supponho não estarem fieis; mas para o meu caso o importante é o suástica.

[3] Estela incompleta. Falta a inscripção.

[4] *O Arch Port.*, V, 144 (Pereira Lopo).

Fig. 191.ª — (De Castro d'Avellans [1]. Vid. p. 407).

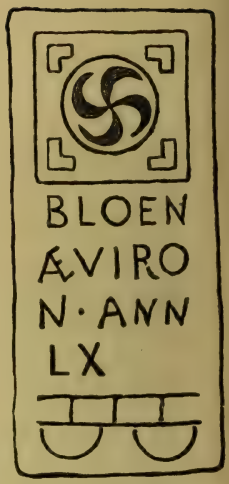


Fig. 192.ª — (De Castro d'Avellans [2]. Vid. p. 407).

Fig. 193.ª — (De Picote, Miranda do Douro [3]. Vid. p. 407).

---

1 *Corpus*, II, 5653; *Rev. de Guimarães*, XVIII, 65. Letra de cêrca do sec. II, diz Hübner.

2 *Corpus*, II, 5654; *Rev. de Guimarães*, XVIII, 66.

3 *O Arch. Port.*, V, 144 (Pereira Lopo).

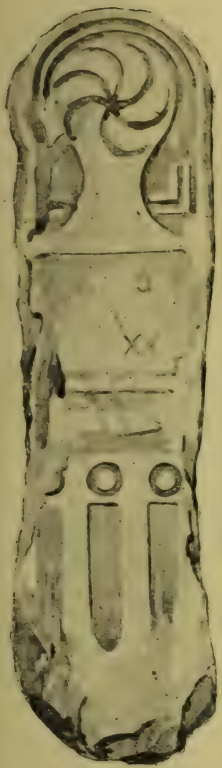


Fig. 194.ª
(De Duas-Igrejas, Miranda do Douro [1]. Vid. p. 407).

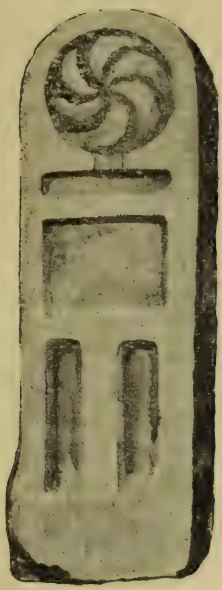


Fig. 195.ª

(De Aldeia-Nova, Miranda do Douro [2]. Vid. p. 407).

---

[1] Pertence ao Museu Ethnologico, mercê da generosidade do meu antigo condiscipulo Manoel Antonio Branco de Castro. Cf. *Rev. Lusitana*, I, 68, e *Corpus*, II, 5661. O que leio da inscripção é: VALERIO || .. ONIS || [*ann.*] XXV. A 2.ª linha será [*Tur*]*onis*.

[2] No Museu Ethnologico. Foi-lhe offerecido este monumento pelo Rev. José Bernardo de Moraes Callado, illustrado conego-prior da Sé de Miranda, a quem o Museu deve muitas outras preciosidades. Anepigrapho, ou porque nunca teve inscripção, ou porque esta se apagou. De granito grosseiro.

Fig. 196.ª — (De Picote, Miranda do Douro [1]).

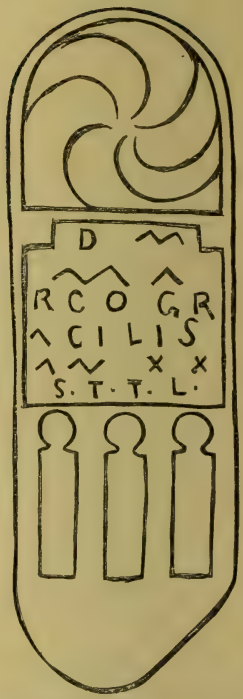


Fig. 197.ª — (De Bragança [2]).

Acêrca d'estas figuras vid. supra, p. 407.

1 *O Arch. Port*, v, 144 (Pereira Lopo).
2 *O Arch. Port.*, xi, 83 (Pereira Lopo).

Fig. 198.ª — (De Picote, Miranda do Douro [1]. Vid. p. 407).

[1] *O Arch. Port.*, v, 144 (Pereira Lopo). O texto diz: *Reburino Bouti(i filius), ann(orum)* xx.

Fig. 199.ª — (Estela do Museu do Carmo [1]. Vid. pp. 407 e 410)

[1] O desenho foi feito pelo Sr. Stuart Carvalhaes.

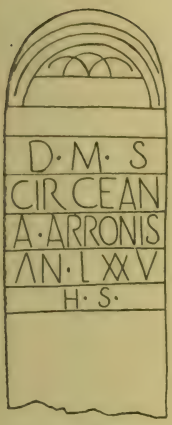


Fig. 200.[a]
(Lapide de Avelleda) [1].

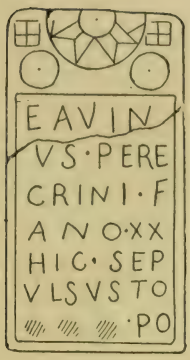


Fig. 201.[a]
(Lapide de Ancede) [2].

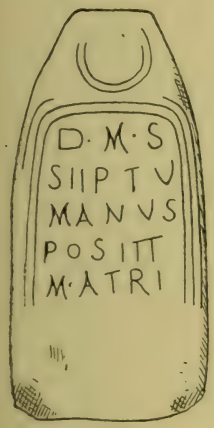


Fig. 202.[a]
(De Eirandra, Lousada) [3].

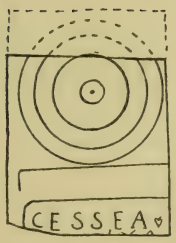


Fig. 203.[a]
(Lapide do Roncal, Moncorvo) [4].

Acêrca d'estas figuras vid. supra, p. 410.

1 *Portugalia*, II, 125.
2 *Ibid.*, II, 290.
3 *Ibid.*, II, 480.
4 *Ibid.*, II, 479.

Fig. 204.ª

(De Villa Pouca de Aguiar [1]. Vid. p. 410).

[1] *O Arch. Port.*, XII, 28 (Henrique Botelho).

Fig. 205.ª

(De Santa Luzia, Tavira [1]. Vid. p. 410).

[1] O texto diz: *D(iis) Manibus) s(acrum). Caturico* [*L*]*upato vixit annos .., menses* IIII, *dies* VIII. *Caturica Agateme*[*r*] *marito benemerenti po*[*s*]*uit.* Vid. *Corpus,* II, 14, e p. 691.

*

Qual a significação de taes emblemas ou symbolos? São elles exclusivos do nosso país, ou encontram-se noutros?

As rosaceas ou rosetas (figs. 168.ª, 169.ª, 205.ª e 173.ª), tiveram na origem certamente significação religiosa, por isso que estão postas de ordinario no remate do monumento, no mesmo lugar em que noutras lapides se vêem os astros; não obstante, perderam depois a significação, mais ou menos, e tornaram-se mero thema ornamental: ellas apparecem indifferentemente em todo o *orbis Romanus* [1], bem como na Etruria [2] e na Grecia [3]. Este emblema relaciona-se sem dúvida com as coroas que costumam ornar os monumentos funerarios, figuradas do mesmo modo no tympano, como póde verificar-se em qualquer museu [4]. Além de rosaceas e coroas, ou concomitantemente com ellas, encontram-se a cada passo festões esculpidos nos sarcophagos, nas aras, nos cippos [5]. Ora tal profusão de ornatos, em que as flores occupam logar preeminente, tem base real, pois os sepulcros enfeitavam-se effectivamente de

---

[1] *Beschreibung der antiken Sculpturen* do Museu de Berlim, 1891, p. 295 sqq., etc. Vi muitas em monumentos dos museus de Bolonha (ora simples, ora combinadas), de Bonna (sec. I), de Padua, de Milão. No Museu de Colonia vê-se a roseta nas lapides funerarias posta entre D e M; ás vezes ha na mesma lapide outros symbolos (vaso deitado e cão): *Bonner Jahrbücher,* 1895, p. 166. Acêrca das rosetas na Germania, vid. o mesmo periodico, p. 229. Em Toledo (talvez sec. I): *Boletín de la Academia,* XXXVI, 265. Vid. além d'isso *Notizie degli scavi,* 1898, p. 477.

[2] *Beschreibung* do Museu de Berlim, já cit., p. 490.

[3] Vi muitas no Museu de Athenas. Ás vezes com as rosaceas concorre um ornato floriforme, chamado ἀνθέμιον «florinha».

[4] Para citar alguns, lembrarei, por ex., os de Roma, onde vi isto com frequencia.

[5] Altmann, *Die römischen Grabaltäre,* p. 59 sqq. — No congresso archeologico do Cairo em 1909, a que assisti, leu o Sr. Breccia, director do Museu Archeologico de Alexandria, uma memoria em italiano sobre a *ghirlandomania* funebre nos Alexandrinos: cf. A. J. Reinach, *Le congrès archéolog. du Caire* (separata da *Rev. Arch.*, 1909), p. 10.

coroas verdadeiras, e de flores naturaes [1]. Fallando da morte de Nero, diz, por exemplo, Suetonio, que, apesar da alegria nacional a que ella deu motivo, não faltou quem fosse, durante muito tempo, adornar o tumulo do monstro com flores primaveraes e estivaes, *vernis aestivisque floribus* [2]. Nas inscripções sepulcraes lêem-se com frequencia frases d'este teor: *Sparge flores supra mea busta, viator* [3]; *Floribus re[qu]ie[s]cant membra iucundis* [4]; *Ut sint qui cineres nostros bene floribus sertis || saepe ornent* [5]. Ovidio, ao ver-se morrer no Ponto, pede á esposa: *Deque tuis lacrimis umida serta dato* [6]. Por outro lado pousavam-se coroas na cabeça dos mortos, como deuses que elles de facto eram, — costume não só dos Romanos, como de outros povos [7]. No cortejo funebre dos restos mortaes de Sulla iam duas mil coroas de ouro [8]. Em alguns sepulcros italicos tem-se mesmo encontrado coroas de metaes preciosos [9]. — As rosaceas das nossas estelas funerarias devem ter origem romana.

Com quanto os discos representados nas figuras 202.ª, 203.ª e e 204.ª façam lembrar as pateras que na mesma posição se vêem em verdade esculpidas em cippos funebres de varios museus [10], tenho-os, como disse, por astros, pois que as respectivas lapides coexistem com outras, do caracter astral de cujas figuras não póde duvidar-se.

As estrellas propriamente ditas, ordinariamente provídas de seis raios (figs. 181.ª a 186.ª), se apparecem nos tumulos romanos de varios paises extra-peninsulares [11], e já até em tumulos

---

[1] Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 375; e *Dict. des antiq.* s. v. «corona», p. 1526 sqq.

[2] *Nero*, cap. LVII. [3] *Corpus*, II, 4314.

[4] Bücheler, *Carmina Epigraphica*, n.º 492.

[5] Bücheler, *ibid.*, n.º 1036. [6] *Tristia*, III, III, 82.

[7] *Dict. des antiq.*, s. v. «corona», p. 1524 e 1526, e s. v. «funus», p. 1388.

[8] *Ibidem*, s. v. «corona», p. 1526.

[9] *Ibidem*, s. v. «funus», p. 1388.

[10] Allmer, *Inscriptions de Vienne*, atlas, n.ºs 64, 72, 95. Cf. *Marmi scritti* do Museu de Milão, pp. 105, 135. Vi muitos d'estes cippos no Museu de Athenas.

[11] *Marmi scritti* de Milão, p. 111 (e cf. p. 107, 204); *Bonner Jahrbücher*, n.º 108-109 p. 199 sqq. (sec. I, Germania), p. 228, n.º 1 (Dalmacia), e est. IV.

da 1.ª idade do ferro [1], talvez não se encontrem noutra parte com tanta frequencia, e por assim dizer, com tanta regularidade, como na Hespanha [2]. Alguns archeologos hespanhoes chamam *rosetón* á figura que, por causa da sua connexão com a lua, chamo aqui *estrella* [3]. De estrellas agrupadas entre si (fig. 186.ª), de estrellas conjuntas com a meia-lua (figs. 177.ª a 179.ª), da meia-lua sòzinha (fig. 176.ª), tambem não faltam parallelos em monumentos funerarios de fóra de Portugal, quer de Hespanha [4], quer de outros paises, — Gallia [5], Africa [6], Dalmacia [7], etc. É notavel que numa la-

[1] Hœrnes, *Bild. Kunst*, pp. 640, 642. — No Museu de Florença vi uma estela com um astro de seis raios, e inscripção etrusca em volta. O mesmo typo de astro (e do suastica) figura na arte oriental, da qual passou para a Europa na idade-média: A. Michel, *Hist. de l'Art*, I, 397–398.

[2] Ás indicações do *Corpus*, II, dadas a cima, p. 410, junte se: *Boletín de la Acad.* XX, 537 (estrellas, suasticas, e um cavalleiro diademado: de Monte-Cildad, — vid. adiante fig. 206.ª), XLII, 213–214 (de Astorga); XLV, 157-158 (Douro: vid. fig. 207.ª); XLVII, 403 (de Peñaranda de Duero); XLIX, 245 (de Armentín, — Victoria); L, 211 (Astorga), 258 (villa de Tricio, — Logroño), 469 (Carcastillo, — Navarra: fig. 208.ª), LII, 80 (Coria); Marcelo Macías, *Epigrafia de Astorga*, pp. 51, 54, 61, 91, 130; *Memorias de la Acad. de la Hist.*, VIII, est. 10 e 11; Hübner, *La Arqueología*, pp. 254–255; *Rev. des études anciennes*, XII, 89, 191. Tenho tambem sobre o assunto muitos apontamentos manuscritos, uns que me deu o Sr. Gómez Moreno, outros que tomei no Museu de Madrid.

[3] Ás vezes porém chamei-lhe menos propriamente *roseta:* vid. supra, pp. 75 e 77.

[4] Vid. as obras citadas na nota 2, e além d'isso: *Boletín de la Acad. de la Hist.*, XIX, 455 (monumento da provincia de Madrid), XXVIII, 520 (monumento de Pamplona: vid. adiante, fig. 209.ª, LVIII, 228 (Oca). Nos *Monum. ling. Iber.*, de Hübner, p. 143, figura-se uma estela de Barcelona com symbolos astraes e uma inscripção iberica: vid. adiante fig. 210.ª

[5] Allmer, *Inscr. de Vienne*, II, 338 (atlas n.os 269–102), e 530; Espérandieu, *Bas-Reliefs*, III, 114, n.º 1965 (e *Rev. des études anciennes*, XI, 362); *Corpus*, XII, 33, 44, 158, e vid. a lista de p. 966, col. 1.ª

[6] *Bull. Archéologique*, Junho de 1907, p. XIX; *ibid.*, Nov. de 1907, p. VIII; *Rev. Archéol.*, 1890, t. I, p. 17 sqq.; Schulten, *L'Afrique Romaine*, p. 64. No Museu do Louvre ha tambem várias estelas com os emblemas de que estou tratando: vid. fig. 211.ª e 212.ª

[7] *Dict. des antiq.*, s. v. «equites», p. 786: estela de um cavalleiro.

Monumentos sepulcraes de Hespanha

Fig. 206.ª

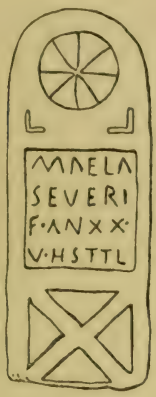


Fig. 207.ª

Fig. 208.ª

Fig 209.ª

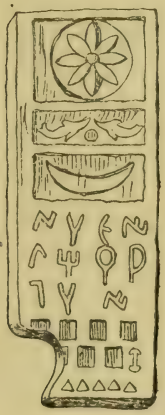


Fig. 210.ª

Acêrca d'estas figuras vid. supra, p. 428 notas 2 e 1.

pide consagrada na Gallia Narbonense a T. Pompeio Albino, *sub-procurator* da provincia da Lusitania, figure no tympano a imagem da meia-lua [1]: tanto ella se julgava, ao que parece, nacional-lusitanica, ou iberica! — O Sr. Camille Jullian suppõe que as duas estrellas que nas lapides se vêem conjuntas representam *Nocturnus* e *Lucifer* [2].

A figura parece-se com , symbolo de Tanit e Saturno na religião punica [3]. O mesmo symbolo apparece em várias estelas funerarias da necropole phenicia de Nora (Sardenha) [4]. Nos tumulos romanos de Bulla Regia (Numidia) elle apparece geralmente noutra fórma, isto é, , com o crescente por baixo, e o astro por cima [5], como no tumulo lusitano-romano de Rio-Tinto, a cima citado. — A folha de hera que se vê inclusa na meia-lua (fig. 180.ª) talvez alguem a considere simples ornato, por imitação das *hederae distinguentes* que costumam por vezes separar as siglas ou palavras das inscripções epigraphicas; eu, porém, como ella se mostra em lugar conspicuo, não estou longe de a considerar emblema dionysiaco, e por tanto relacionado com a felicidade ultra-tumular (cf. supra, p. 386), tanto mais que ha outros exemplos de heras em tumulos (de fóra de Portugal) [6]. — O que a cima digo acêrca das estrellas applica-se igualmente ás figuras 200.ª e 201.ª, visto que de algum modo as pus em connexão com os astros.

Pelo que toca ao suástica (figs. 187.ª a 198.ª), direi que o país

---

[1] *Corpus*, XII, 2327. E cf. Borghesi, *Œuvres complètes*, t. V, p. 274.

[2] *Rev. des études anciennes*, XII, 89.

[3] Ha muitas estelas com esse symbolo na Bibliotheca Nacional de Paris. — Vid. sobre o assunto: Delattre, *Carthage*, p. 14; Schulten, *L'Afrique Romaine*, p. 21 (assimilação a Selene e Helios); *Musées de l'Algérie*, serie 1.ª, p. 12 sqq.; Toutain, *Cultes payens*, I, 315 (o A. vê esse symbolo traduzido no Apollo-Diana ou Sol-Luna dos cultos romanos de Africa); Patroni nos *Mon. antichi dei Lincei*, XIV, 229-230; Dussaud na *Rev. Archéol.*, 1903, I, 125; *Lexikon* de Roscher, s. v. «Saturnus», col. 443.

[4] Vid. *Monum. antichi dei Lincei*, vol. XIV, est. XXI, XXII e XXIV: dou uma amostra na fig. 213.ª Varios templos romanicos do Norte de Africa tinham fórma semi-circular: *L'Anthropologie*, XIV, 29.

[5] *Revue Archéologique*, 1890, I, 20-21.

[6] Vid.: Schröder nos *Bonner Jahrbücher*, n.º 108-109, p. 58; Macchioro, *Simbolismo*, p. 77.

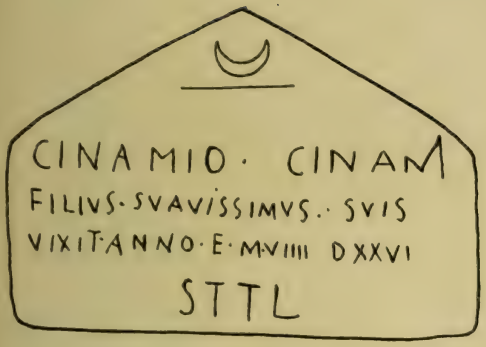


Fig. 211.ª — (Da Sala de Africa do Museu do Louvre. Vid. p. 426 e n. 6).

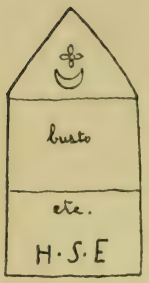


Fig. 212.ª — (Sala do Museu do Louvre. Vid. p. 426 e n. 6).

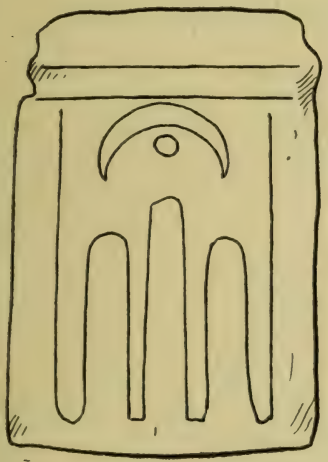


Fig. 213.ª — (Da Sardenha. Vid. p. 428 e n. 4).

em que elle apparece mais abundante e regularmente nas lapides sepulcraes é tambem a Hespanha, e estas encontram-se pouco mais ou menos nas regiões em que se encontram as estelas astrolatricas: Salamanca, Çamora, Lião, Cantabria, Galliza[1]. De fóra da Peninsula citarei estelas ou lapides sepulcraes, semelhantemente providas de suásticas, em algumas das suas fórmas, nos museus de Napoles[2] e Moguncia[3], em varios locaes da Africa romana[4], em Julesville (Belgica)[5]. O suástica figura, de mais a mais, em urnas cinerarias da Italia protohistorica[6].

---

[1] Vid.: Gómez Moreno no *Boletín de la Acad.*, XLV, 157 sqq. (adiante figs. 214.ª e 215.ª); eundem, *Excursión á través del arco de herradura*, Madrid 1906, p. 11; M. Macías, *Epigrafía de Astorga*, p. 71 e 133; *Museo Español de Antig.*, XI, est. 2; *Rev. d'études anciennes*, XII, 89, e est. II e III; Fernández Guerra, *Cantabria*, p. 290–295 (apud *Boletín de la Acad.*, XVIII, 466). O douto archeologo o Sr. Gómez Moreno, professor do Instituto de Granada, a quem já a cima me referi, mandou-me notas mss. de numerosas estelas d'este genero, de Salamanca, Çamora, e Lião. Pela minha parte observei bastantes estelas no Museu de Madrid, e uma no de Pontevedra, já quebrada, mas em que se distingue parte do suástica flammejante pousado sobre a meia-lua, e por baixo d'esta uma inscripção que li assim: *DM · S · Placidina* [*h(ic)*] *s(ita)* .. Num ms. do P.e João Rademaker, que comprei aos herdeiros de Borges de Figueiredo (o mesmo ms. a que este se refere na *Rev. Arch.*, III, 101–102), vem figuradas várias estelas funerarias de Lião de Hespanha, em que se vê gravado o suástica.

[2] Lê-se lá: *Satullus*, etc. Vid. fig. 216.ª

[3] Lê-se lá: *Q. Bisius Secund(inus)*, etc. Vid. fig. 217.ª Regulo-me por uma reproducção que está no Museu de St.-Germain.

[4] D'Alviella, *Migration des symboles*, p. 48; *Corpus*, VIII, n.º 1908. Na fig. 218.ª dou um desenho extrahido da primeira obra.

[5] D'Alviella, *Migration des symboles*, p. 47.

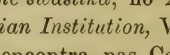
[6] Th. Wilson, *The swastika*, no *Annual Report of the board of regents of Smithsonian Institution*, Washington 1896, p. 856–857, e 951. — Tambem se encontra nas Catacumbas de Roma, mas ahi a sua origem é outra, pois está equiparado á cruz: no Museu Lateranense vi, por ex., uma lapide do cemiterio de S. Callisto em que o suástica alterna com a cruz (ou hostia):  . Cf. Rossi no *Bullettino di archeolog. cristiana*, 1868, p. 87 sqq. Analoga equiparação se nota em lapides tumulares da Escocia, da epoca christã: vid. D'Alviella, *Migr. des symboles*, p. 49.

Fig. 214.ª — (De Hespanha. Vid. p. 430).

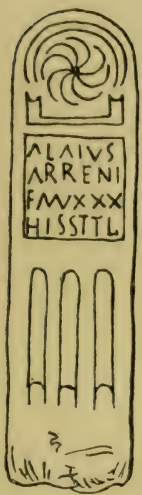


Fig. 215. — (De Hespanha. Vid. p. 430, n. 1).

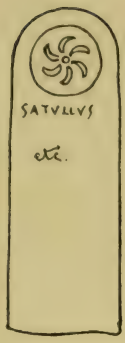


Fig. 216.ª — (Do Museu de Napoles. Vid. p. 430, n. 2).

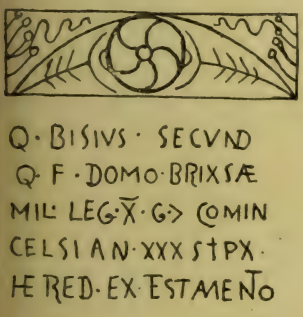


Fig. 217.ª — (De Mugunoia. Vid. p. 430, n. 3).

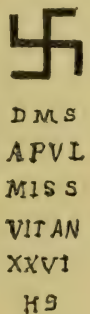


Fig. 218.ª (De Africa)

Fig. 219.ª — (Joia d'ouro do Museu Ethnologico. Vid. p. 43[illegible], n. 3).

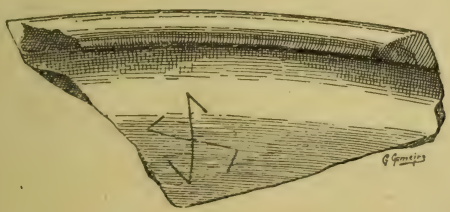


Fig. 220.ª — (Do Castro de Cendufe. Vid. p. 436, n. 3).

Quando na parte II d'esta obra (vid. supra p. 7) fallei de emblemas analogos aos sepulcraes, insculpidos em varias lapides apparecidas em castros, fallei já do caracter maravilhoso do suástica. Neste lugar accrescentarei que elle anda tão intimamente associado nas estelas a emblemas claramente astraes, que póde talvez com algum fundamento adoptar-se a opinião d'aquelles autores que o consideram imagem do sol [1]. Teriamos assim nas estelas ibericas a representação do ceu nocturno, e do ceu diurno, se é que a imagem do sol não está mais realisticamente traduzida em algumas das figuras que de modo simples denominei «astros». Em todo o caso vê-se que existiam grandes relações na Iberia entre a necrolatria e a astrolatria, o que está de accôrdo com a concepção greco-romana de irem as almas dos mortos para os astros, — enunciada a p. 394 sqq. —, e com o que sabemos da Ethnographia geral. A lua é especialmente tida entre muitos povos como mansão d'esta especie [2]; ella, na sua qualidade de divindade, protege tambem os tumulos [3]. Numa das ilhas de Tokelau os sacerdotes e suas familias vão depois da morte para a lua, onde gozam de toda a sorte de prazeres [4]. Em Manakiki os regulos vão para o ceu [5], e são elles quem manda de lá para a terra os relampagos, o raio, e a chuva [6]. Em Nanumea os indigenas cuidam que as almas dos bons vão para uma região luminosa que está situada no ceu [7]; crença analoga tem os povos da ilha da Rainha Carlota [8]. No Sul da Australia acredita-se que o Sol vae para o reino dos

---

[1] Vid. a exposição d'esta theoria em Wilsson, p. 770 sqq. Ultimamente o Sr. Déchelette, num substancioso trabalho intitulado *Le culte du soleil aux temps préhistoriques*, Paris 1909 (extr. da *Rev. Arch.*, 4.ª serie, t. XIV), suppõe do mesmo modo que o nosso symbolo deriva da roda solar: *ob. cit.*, p. 80, onde tambem se refere ás estelas funerarias da Iberia.

[2] *Lexikon d. gr. u. rom. Myth.*, de Roscher, s. v. «Katachthonioi theoi», col. 999.

[3] *Lexikon*, de Roscher, s. v. «Men», col. 2768.

[4] Marillier, *La survivance de l'âme*, Paris 1894, p. 7.

[5] Isto é, para a atmosphera. Mas os povos incultos não sabem fazer esta distincção.

[6] Marillier, *La survivance*, p. 8.

[7] Marillier, *ibid.*, p. 27.

[8] Marillier, *ibid.*, p. 29-30.

mortos [1]. No Peru, quando um Inca, filho do Sol, conhecia a aproximação da morte, reunia os vassallos, e annunciava-lhes que ia habitar com o pae [2]. Os Egypcios pensavam que os que falleciam tomavam parte na viagem do Sol, que os deixava no outro mundo [3]. — Querer comtudo averiguar em todos os pormenores qual o motivo que levava os povos ibericos a desenharem o suástica e os astros nas pedras dos tumulos, afigura-se-me empresa vã. Contentemo-nos com as vagas noções que a Archeologia e a Ethnographia nos ministram, em apoio das quaes vem um precioso e conhecido texto de Silio Italico, onde este poeta, ao enumerar os diversos povos que Hannibal no anno de 218 a. C. estava armando na Iberia para marchar com elles contra a Italia, diz que os Celtiberos (*Celtae sociati nomen Hiberis*) pensavam que os mortos iam para o ceu, para o pé dos deuses, pelo que expunham os cadaveres á voracidade dos abutres, que os levavam pelos ares, e facilitavam portanto a ascensão das almas:

> .... Caelo credunt superisque referri,
> Impastus carpat si membra iacentia uultur [4].

Tambem julgo da maxima importancia notar que ha uma inscripção da provincia Tarraconense, consagrada á LUA AUGUSTA *em honra e memoria* de Emilia Materna pelos paes d'esta [5]. A morta é como que identificada á Lua, aqui tida por divindade; isto é, Emilia morreu, e foi para a lua. Tanto este texto epigraphico como os versos de Silio Italico servem de optimo commentario ás estelas em que se insculpiram as imagens dos astros. Todas estas ideias vê-las-hemos melhor definidas quando tratarmos da heroização dos mortos. — É provavel porém que para os povos que usavam as estelas, já o suástica e outros emblemas astraes, do mesmo modo que as rosaceas, nem sempre tivessem a nitida significação que primeiro tiveram, e ás vezes só figurassem nellas por

---

[1] *Mélusine*, II, 555.

[2] Tylor, *Civilis. primitive*, II, 111.

[3] Wiedemann, *Die Toten u. ihre Reiche*, Leipzig, 1910, p. 14.

[4] *Punica* III, 342-344. Cf. XIII, 471-472. Ed. de Bauer, Leipzig 1890. — Vid. sobre o mesmo assunto: Adolfo Coelho, na *Revista Archeologica*, III, 140, e C. Jullian, *Religion Gauloise*, Bordeus 1903, p. 9.

[5] *Corpus*, II, 4458.

hábito e ritualismo, como enfeite, ou acaso com caracter apotrópio; naquelles mesmos monumentos onde o suástica toma o aspecto de busto humano, que poderiamos considerar o do morto tornado sol, esse busto está completamente estilizado, e por conseguinte com a significação perdida.

Embora se deva seguramente aos Romanos o impulso para a feitura das estelas ibericas de que me estou occupando (estelas de pedra), porque antes d'elles ou não se usavam na fórma em que hoje as temos (pelo menos não se conhecem), ou, por serem de madeira, ou por outras razões, não chegaram até nós[1], nem por isso ha de entender-se que as ideias astrolatricas expressas nellas sejam de origem romana. Taes ideias, viessem d'onde viessem, já existiam cá anteriormente á conquista, o que resulta do citado passo de Silio Italico, e de não se encontrarem as estelas á toa por todo o territorio da Peninsula, como acontece, por exemplo, com as que ostentam as rosaceas ou florões, mas só em regiões especiaes, e sobretudo naquellas onde os elementos nacionaes abundavam, por terem resistido mais á romanização; uma das estelas astrolatricas de Hespanha, apesar de datar, como creio, da epoca romana, contém mesmo uma inscripção iberica (vid. fig. 210.ª); noutras os nomes dos dedicantes ou dos fallecidos, não obstante estarem escritos em caracteres latinos, são pre-romanos: ambos os factos mostram o predominio de elementos ethnographicos locaes; e estes elementos eram muito antigos, ascendiam a eras muito remotas, pois de outro modo não os encontrariamos no estado, por assim dizer, de inconsciencia e immobilidade em que os encontramos. Sem embargo, o que havia identico ou semelhante entre as ideias dos Romanos e as dos Hispanos sobrepôs-se ás d'estes, — e existirão pois estelas que não poderá dizer-se se revelam crenças romanas, ou crenças pre-romanas.

Do caracter sagrado dos emblemas figurados nas estelas ninguem duvidará, porque analogos emblemas, e semelhantemente dispostos, se mostram numa ara de Juppiter (fig. 97), no pedestal de uma estátua de Diana citado no *Corpus Inscr. Lat.*, II, 2660 (*astrum-luna-astrum*), num cippo de *Mars Gradivus* de Astorga (suástica flammejante inscrito em cada uma das volu-

[1] Todavia gravaram-se em várias pedras não-funerarias emblemas parecidos com os das sepulturas: vid. supra, p. 71 sqq.

tas)[1], e em um altar votivo achado ao pé dos Pyreneus (suástica associado á roda do sol)[2], — para não citar senão quatro exemplos, pois ha muitos[3].

Em algumas das estelas figuradas a cima (figs. 194.ª a 199.ª) vimos que havia um elemento insculptural muito *sui generis*, a que chamei «porta».

No *Corpus*, II, 3672 e 3678, falla-se tambem de *ianuae* «portas» em monumentos epigraphicos de Santañy (Baleares), uma d'ellas acompanhada de «dois arcos», e de uma «rosa» ou «estrella». Estes monumentos não sei se são semelhantes aos nossos. Insculpturas semelhantes ás nossas são com certeza as que, provenientes de Hespanha, se descrevem na citada obra, como: *pontis imago*, 867 (Ciudad Rodrigo); *pilae pontis, ut videtur*, 2934 (Trespuentes, na Tarraconense); *quinque arcus pontis*, 5819

---

[1] *Boletín de Orense*, IV, 16 (Marcelo Macías). Além dos suásticas das volutas, figuram no frontão tres ramos, muito semelhantes, na fórma e na disposição, aos que se vêem em dois cippos trasmontanos, um dedicado ao deus *Aernus*, outro funerario: *Religiões*, II, 339 e 340. Cf. o que digo adiante, p. 440.

[2] D'Alviella, *Migration des symboles*, p. 48-49; o mesmo A. refere-se a outros, de Inglaterra.

[3] Vem a proposito dizer que uma rica joia de ouro, existente no Museu Ethnologico, e comprada por mim no Alto-Minho, representa a meia-lua, ornada de discos, que devem representar astros: vid. um esboço na fig. 219.ª (esta joia faz lembrar as arrecadas de ouro que usam nas orelhas as mulheres do Norte). Em poder de D. Antonio Vives, em Madrid, vi tambem um disco, de Iviza, em que se figura, com outros ornatos, este: . O mesmo emblema apparece nas moedas de Salacia: vid. supra, p. 288. Abstenho-me de citar mais exemplos (pois elles não faltam, desde as moedas gregas até o brasão d'armas da Turquia). Igualmente me abstenho de citar exemplos de amuletos portugueses modernos, e de brasões nossos (por exemplo, o de Linhares, na Beira). — O suástica, além de se mostrar nas lapides funerarias e noutras, mostra-se como marca de oleiro, ou como desenho accidental, num caco do castro minhoto de Cendufe, trazido para o Museu Ethnologico pelo Dr. Felix Alves Pereira: vid. fig. 220.ª (*graffito* coberto de fuligem, portanto gravado quando o vaso ainda servia, isto é, em tempos preromanos: observação do Dr. Felix). Um caco do Museu de Alcacer, mas da epoca romana, tem-no igualmente (suástica flammejante).

(Iruña, — no conv. Cluniense); *pilae aut pontis aut aquaeductus,* 869 (C. Rodrigo); *pilae aut pontis aut aquaeductus quinque,* 2746 (Segovia); *pilae aquaeductus,* 2751 (Segovia); *arcus tres soleae ferreae equinae similes,* 5817 (Iruña)[1]; *arcus quattuor,* 5773 (Segovia). Nas figs. 207.ª e 215.ª dou exemplos de estelas hespanholas correspondentes a estes dizeres. Da variedade da descripção das insculpturas, tidas já por pontes ou pilares de pontes, já por aqueductos, já por meros arcos, vê-se quanta incerteza havia para Hübner, ou para os seus informadores, na interpretação d'ellas. Evidentemente taes insculpturas, tanto de Hespanha como de Portugal, representam uma mesma cousa. Ora, se existem de facto algumas que fazem lembrar arcos de pontes e de aqueductos, embora desligados entre si, existe uma (fig. 194.ª) que não póde interpretar-se assim, por causa do appendice circular que a encima, e que melhor se explica, segundo disse, por oculo ou fresta de porta. Logo as outras devem tambem ser portas; e muitas d'ellas o parecem realmente [2].

Mas que portas temos nós então aqui?

Em toda a antiguidade grega, etrusca, e romana foi costume figurar portas em lapides e estelas funerarias, para se representar a passagem das almas por ellas para o outro mundo: tornaram-se pois symbolos do sepulcro e da vida futura, chamando-lhes os archeologos *portas funebres,* e *portas de Hades*[3]. Em algumas apparece o proprio Hermes (ou Mercurio) Psychompompo no acto de conduzir as almas[4]. Fallando das portas do Inferno, diz Vergilio: *atra ianua Ditis*[5]; *porta aduersa ingens*[6]; *sceleratum*

---

[1] Isto é: «tres arcos semelhantes a uma ferradura de cavallo».

[2] Se não fosse isso, a ideia de «arco de ponte», pelo menos, coadunava-se perfeitamente com a Ethnographia geral, pois, segundo certas crenças, as almas dos mortos tem de passar uma ponte: vid. Andree, *Ethnographische Parallelen,* II, 25 e 27, e as minhas *Trad. pop. de Portugal,* p. 240.

[3] Vid. sobre o assunto: Macchioro, *Simbolismo,* p. 65 sqq.; *Dict. des antiquités* (porta infernal em tumulos etruscos) e s. v. «sepulcrum», p. 1236; Montfaucon, *Antiquité expliquée,* V, 144; *Corpus,* V, 14521, 17001; VI, 14521, 16307, 17001, 17901 (genii duo alati portae semi-apertae hinc indo adstant); XI, 6120; Altmann, *Grabaltäre,* p. 13 sqq., e pp. 54, 103, 156, 163, 170, etc.

[4] Vid. adiante, p. 439, a fig. 221.ª

[5] *Eneida,* VI, 127. [6] *Eneida,* VI, 552.

limen[1]. No Inferno egypcio havia cameras com portas que o So atravessava, e resta-nos mesmo da antiguidade um Livro santo, chamado *das portas*[2]. Segundo os Hebreus, as sombras dos mortos desciam para o *Scheôl*, situado nas profundidades da terra, e passavam *através das suas portas*[3]. O *Arâlû* asyrio-babylonico, «the meeting-place of the ghosts», tinha *sete portas*[4]. Na religião christã são bem conhecidas as *portae Inferi*. Ha igualmente estelas sepulcraes arabicas, achadas na Hespanha, semelhantes a um arco de ferradura, «con el qual se aspira a representar la puerta de la otra vida ó la del paraiso»; uma inscripção ahi gravada diz mesmo: *la muerte es una puerta, todos han de pasar por ella*[5], ideia que, por curiosa coincidencia, se encontra semelhante em Fr. Amador Arráiz (sec. XVI): *a boa morte he porta pela qual entramos a viver para sempre*[6]. D'esse circulo de ideias vem a frase *estar ás portas da morte*, a qual originariamente não é metaphorica, mas corresponde a uma crença real.

Se os nossos maiores acreditavam que as almas dos mortos iam para as regiões aereas ou celestes, as portas representadas nos monumentos sepulcraes ibericos deverão pois chamar-se *portas do Ceu*. Para os poetas romanos o Ceu é como que um palacio onde habitam os deuses: por isso tem portas, *porta Caeli*[7], *limen Olympi*[8], que se abrem de manhã, *panditur . . domus Olympi*[9], e se fecham á noite, *clauso Olympo*[10]. Vão para lá, como já sabemos (pp. 394-395), os heroes: Augusto, por exemplo[11], e Daphnis[12].

---

[1] *Eneida*, VI, 563.

[2] Wiedemann, *Die Toten und ihre Reiche*, Leipzig 1910, p. 14.

[3] E. Montet, *On the conception of a future life among the Semitic races*, p. 13.

[4] Montet, *ob. cit.*, pp. 6-7.

[5] D. Rodrigo Amador de los Rios, na *Rev. de Archivos, etc.*, XIV, 103. O mesmo illustre arabista tambem me escreveu uma carta sobre o assunto em 15 de Abril de 1910, ampliando o que diz no artigo.

[6] *Dialogos*, 2.ª ed., fl. 50 *v.*

[7] *Georg.*, III, 261, ed. de Julio Moreira: e vid. as notas respectivas. [8] *Bucolic.*, egl. V, 56.

[9] *Eneida*, X, 1, ed. de J. Moreira. Cf. Ladewig, cit. pelo annotador, e o *Lexikon* de Roscher, III-1, 855. [10] *Eneida*, I, 374.

[11] «Viam adfectat Olympo», — diz Vergilio, *Georg.*, IV, 562.

[12] Egloga citada.

«L'idée de porte, dans un sens réel ou métaphorique, se retrouve partout, diz Tylor, où la cosmogonie barbare admet la doctrine d'un firmament formant une voûte au-dessus de la tête .. Telle est pour le nègre de la Côte d'Or la grande porte du ciel qui s'ouvre le matin afin de laisser entrer le soleil» [1]. Na propria religião christã, cujas ideias se filiam por vezes nas de outras religiões, ha *portas do Ceu,* como ha, segundo já recordei, *portas do Inferno*: na ladainha chama-se á Virgem *ianua Caeli;* na Biblia diz o psalmista que Jehovah *ianuas Caeli aperuit* [2]; S. Pedro é conhecidamente o *porteiro do Ceu*, e representa-se na iconographia com chaves na mão, como o Kronos mithriaco [3].

Já o Sr. Camille Jullian, a proposito das estelas ibericas, pronunciou a frase *portas do Ceu;* todavia o sabio professor do Collegio de França tinha em mente outros ornamentos que se observam em estelas de Hespanha, e que elle compara a *caissons,* e não as insculpturas de que me occupo aqui; estas compara-as elle a figuras humanas estilizadas [4], o que, salvo o devido respeito, me não parece acceitavel, tanto porque muitas são perfeitos arcos ou rectangulos, como, e principalmente, porque, ficaria sem explicação o haver-se insculpido no monumento mais de uma figura, quando ordinariamente o fallecido era um só. As portas, pelo contrário, podem ser multiplas, como se vê do altar cinerario de Q. Volusio Narciso, que está no Museu de Latrão, e onde se insculpiram quatro [5].

Attenta a complexidade da concepção mythico-religiosa, e a difficuldade que os canteiros teriam de a representar em uma estela, de mais a mais animados do sentimento da symetria, que os obrigava á estilização, não admira que os monumentos sepulcraes ibericos saissem das mãos d'elles como sairam: problemas cuja solução tortura a paciencia de quem os estuda.

A crença que ahi parece revelar-se-nos, de mortos que vão para o Ceu, equivale a est'outra, que se deduziu da existencia de orificios em tampas tumulares alemtejanas da idade do bronze, — pas-

---

[1] Tylor, *Civilisation primitive*, I, 398.

[2] Psalm., 77, v. 23.

[3] Cf. o art. «Mithras» no *Dict. des Antiq.*, p. 1951.

[4] *Revue des Études anciennes*, XII, 89.

[5] Altmann, *Die römische Grabaltäre,* p. 54. D'ahi extráio a fig. 222.ª

Fig. 221.ª—De *L'Antiquité expliquée*, de Montfaucon, t. v, pt. 1.ª, est. 120. Vid. supra, p. 436

Fig. 222.ª — Do Museu de Latrão. Vid. p. 438.

sagem das almas por elles [1]: o que em verdade nada tem estranho, visto que a essa idade se seguiu a do ferro, a que as estelas primordialmente pertencem. Os Egypcios, para que os mortos pudessem sair do tumulo para o outro mundo, figuravam dentro do sarcofago, e frequentemente tambem na correspondente parede do tumulo, a imagem de uma porta [2]. Quem sabe mesmo, se as insculpturas das estelas ibericas, em vez de symbolizarem as portas do Ceu, como a cima, apoiado em várias razões, suppus, não representavam antes as do proprio tumulo, tornando-se assim continuação directa da prática seguida na idade do bronze? Muito conviria organizar um *Corpus* de todas as estelas ibericas, dispostas geographicamente. Só depois d'isso poderá acaso ser definitivamente resolvido o problema.

Fechado este longo parenthesis, continuarei a mencionar outras insculpturas funerarias lusitano-romanas, visto que ellas ainda não terminaram.

Algumas das pedras de Cárquere (vid. supra, p. 392) estão insculpturadas nas faces lateraes, representando os desenhos uma especie de ramos ou arbustos estilizados, que terminam por vezes em fórma de tridente (vid. fig. 223.ª), os quaes, por causa da sua frequencia, e quasi uniformidade, serão certamente emblematicos [3]. Ramos, porém, mais claros do que elles temo-los numa lapide funeraria de Trás-os-Montes, copiada na presente obra, vol. II, p. 340, e numa estela do Museu do Carmo, copiada supra, p. 420 (fig. 199.ª). Não é de estranhar que nos tumulos se figurem plantas, porque ellas em todos os tempos andaram liga-

Fig. 223.ª [4] — (Cárquere

---

[1] Vid. *O Arch. Port.*, XIII, 311.

[2] Wiedemann, *Die Toten und ihre Reiche*, Leipzig 1910, p. 25.

[3] É sem razão que Hübner pergunta no *Corpus*, II, p. 1204, col. 1.ª, a proposito do tridente representado numa lapide em que se lê a inscripção n.º 5580, se elle alludiria a um *retiarius* (gladiador que pelejava com tridente e rede).

[4] Do *Arch. Port.*, V, 208-210.

das com o culto dos mortos [1]. Inutil seria aqui repetir o que tambem disse das coroas funebres a p. 424 sqq.

Aos astros e aos vegetaes segue-se o mencionar os animaes e o homem.

Depois do que escrevi a pp. 15–43, acêrca da importancia que os quadrupedes disfrutavam na religião funeraria dos povos protohistoricos de Trás-os-Montes, ninguem se admirará que numa estela sepulcral lusitano-romano de Argosello, que represento na fig. 225.ª [2], se veja a imagem de um porco (cf. fig. 224.ª), associada de mais a mais a outros symbolos, que ha pouco estudei. Se são justas as hypotheses aventadas no decurso do meu trabalho, teremos neste monumento o seguinte, de baixo para cima: as portas do sepulcro ou do reino dos mortos, o *toteme* do morto, e os astros para onde ia a alma d'elle ou em que ella se transmudava. Entre as duas ultimas classes de symbolos estava uma inscripção, que já não se percebe.

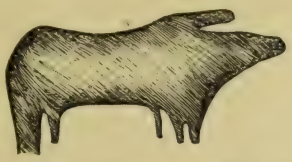


Fig. 224.ª — Pormenor da fig. 225.ª

De Trás-os-Montes é semelhantemente a lapide tumular reproduzida na fig. 226.ª [3]: nella ha restos de uma inscripção (idade da pessoa fallecida), e a representação de um quadrupede, que porém differe do da fig. 225.ª

Á classe das lapides providas de symbolos zoologicos pertence em parte uma *cupa* das Alcaçovas em que se

---

[1] Cf.: Boetticher, *Der Baumkultus der Hellenen*, Berlim 1856, p. 254 sqq.; e Altmann, *Grabaltäre*, p. 260 sqq. Numa lapide funeraria hespanhola vê-se um ramo de arvore entre dois bustos: *Boletín de la Acad. de la Hist.*, xxvi, 51. Em sepulturas christãs da Africa vê-se uma haste de roseira com duas pombas em cima, e além d'isso um cordeiro deitado á sombra de uma arvore que representa o jardim do Paraiso: *Bullet. Archéol.*, 1911, p. x. E cf. *Dict. des antiq.*, s. v. «sepulcrum», p. 1224 e 1239–1240.

[2] Extrahida do *Arch. Port.*, vi, 97 (artigo de A. Pereira Lopo).

[3] Extrahida do *Arch. Port.*, iii, 73 (artigo de A. Pereira Lopo).

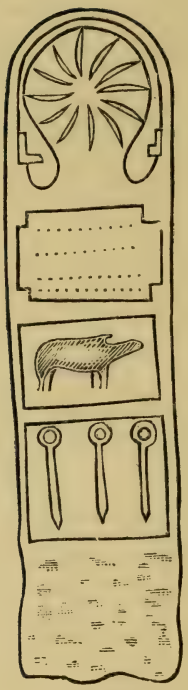


Fig. 225.ª

Fig. 226.ª

Lapides do Museu de Bragança (p. 441).

esculpiram dois peixes [1] (vid. fig. 227.ª). Os peixes representarão acaso o mar, como allusão ao país dos bemaventurados, situado perto do Oceano, ou a um dos caminhos pelos quaes a alma do morto fazia a sua viagem para a eternidade [2]. Esta ideia connexiona-se com a do dinheiro de Charonte: vid. supra, p. 398, e nota 2.

Fig. 227.ª — *Cupa* das Alcaçovas, no Museu Ethnologico. Vid. p. 442.

Dos tres monumentos citados, os dois primeiros traduzem em fórma romana crenças pre-romanas; o terceiro é pre-romano pela configuração, e romano pelos seus symbolos. Agora mencionarei mais dois, que sem duvida datam completamente de epoca posterior á da conquista. Um d'elles é uma lapide de *Emerita* em que se figura o busto de uma criança que com as mãos segura um laparinho e um cacho de uvas [3]. O outro é uma árula achada no campo de *Balsa,* e ora no Museu Ethnologico: tem na frente uma inscripção em grego, dedicada a um menino de tenra idade, e nos lados, á direita do observador, um cacho de uvas, e á esquerda uma pomba: vid. as figs.

---

[1] *O Arch. Port.*, IV, 119.

[2] Cf. o costume de figuras nereidas, hippocampos, tritões, golfinhos: Macchioro, *Il simbolismo nella figur. sepolcr. rom.*, pp. [61] e [65]. E vid. o que se disse a cima, pp. 393-394.

[3] *Corpus*, II, 525.

Fig. 228.ª — Árula de *Balsa*, no Museu Ethnologico. Vid. p. 443.

228.ª, 229.ª e 230.ª [1]. Já a p. 246, nota 3, me referi á lapide de *Emerita*, e relacionei o symbolo do laparo e das uvas com o culto de Dionyso. Com o mesmo culto se relacionam os symbolos da árula de *Balsa*. Da connexão que existe entre Baccho ou Dionyso e as crenças na outra vida fallei a p. 386. Por causa de tal connexão figuram nos monumentos funerarios muitas vezes symbolos bacchicos, e entre elles os de que estou tratando, cacho de uvas, laparo, pomba [2]. A pomba tambem nas religiões antigas sym-

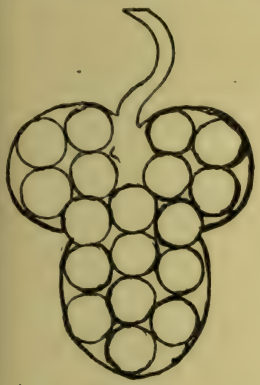


Fig. 229.ª

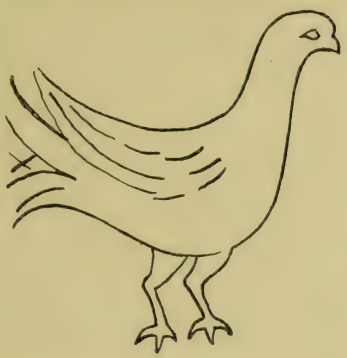


Fig. 230.ª

Lavores lateraes da árula da fig. 228.ª

[1] A inscripção saiu no *Corpus*, II, 5171. A frente da ara vem gravada nas *Noticias arch. de Portugal*, de Hübner, p. 33, e d'ahi passou para o *Corpus*. As figuras dos lados são agora publicadas pela primeira vez (segundo desenhos do Sr. Stuart Carvalhaes). O monumento pertenceu ao extincto Museu do Algarve, organizado por E. da Veiga. — A traducção da inscripção é: «Adeus! «Eveno e An»tiochis a seu dulcissimo filho Taciano, que viveu um anno e vinte »dias: em memoria. Adeus! *Tal é a condição da vida humana*».

[2] Cf. em especial Macchioro, *Simbolismo*, já cit., p. 97 («lepre che addenta un grappolo»), e p. 80 («ragazzo con una colomba e un grappolo»); o monumento a que se allude no segundo passo vem desenhado em Altmann, *Die römischen Grabaltäre*, Berlin 1905, p. 259. Em Montfaucon, *L'antiquité expliquée*, t. v, 1.ª pt., 2.ª ed., est. 40, representa-se uma urna cineraria em cuja face anterior se vê uma figura de mulher que tem na mão esquerda uma pomba, e que com a direita dá um cacho de uvas a um cão, que está pousado em terra a olhar para ella.

bolizava a alma como separada do corpo [1]; mas aqui, por vir associada ao cacho, julgo-a antes, como digo, symbolo bacchico.

Monumentos funerarios que contém ao mesmo tempo figuras de animaes, e imagens humanas, são os seguintes, respectivamente de Sá (Felgueiras), Ciudadela (Galliza), e Cárquere (Rèsende).

a) **Monumento de Sá.**

Existe no Museu de Guimarães, onde o examinei. É um cippo de granito, de $0^{m},93$ de altura, de 0^{m}, 46 de largura, e de $0^{m},35$ de espessura, com quatro páginas quadrangulares, todas quatro com esculpturas muito rudes. Vid. figs. 231.ª, 232.ª, 233.ª e 234.ª [2].

Na 1.ª página quis-se representar um individuo com raios na cabeça, e a cavallo, mas só se figurou o busto do individuo, e o pescoço e cabeça do cavallo; a cara d'aquelle está além d'isso muito esmurrada. Superiormente á esculptura gravou-se uma inscripção latina, que póde attribuir-se ao sec. I (Hübner), e que diz: *[I]ulia, Pintami f(ilia), Peicanae, Pintami f(iliae), aviae suae, post mortem* [3], ou em vernaculo: «Julia, filha de Pintamo, (de»dica este monumento) a sua avó Peicana, filha de Pin»tamo, depois da morte d'esta». Caso a avó seja paterna, o que de facto parece, por causa do nome *Pintamus*, temos esta serie genealogica: *Pintamus* 1.º → *Peicana* → *Pintamus* 2.º → *Iulia*. — Incidentemente notarei que a palavra *Pintămus* figura noutras inscripções de Portugal (em Idanha e Baltar) [4], e que, segundo diz D'Arbois de

---

[1] Cf.: Grimm, *Deutsche Mythologie*, 4.ª ed., p. 690 sqq. (t. II); Lorenz, *Die Taube im Altertume*, Wurzen 1886, p. 42.

[2] Feitas segundo desenhos do Sr. José Luis Ferreira, de Guimarães, que tambem fez uma optima reproducção de gesso, que está no Museu Ethnologico.

[3] Cf. Oliveira Guimarães na *Rev. de Guimarães*, XVII, 183-185.

[4] *Corpus*, II, 441 e 2378.

Jubainville, é celtica, formada de pempe «cinco», e do suffixo superlativo -*tamos;* cf. o nome latino *Quintus* [1].

Na 2.ª página vêem-se duas mulheres, uma atrás da outra, no acto de caminharem para a direita do observador, e vestidas de amplas roupagens: a de trás, que é de menor estatura que a da frente, leva á cabeça um vaso, hoje em parte esmurrado, e tem em flexão o braço direito; a de diante tem igualmente o braço direito em flexão, e ostenta na orelha do mesmo lado um brinco piriforme e grande, que toca no ombro. O cabello de ambas está penteado, e talvez coifado, e cae ao longo da nuca.

Na 3.ª página temos, á esquerda do observador, uma mulher sentada de frente, vestida de amplas roupagens, toucada, uma xorca no pescoço, brincos piriformes e grandes (o da direita hoje esmurrado), caidos sobre os ombros, um objecto mais ou menos redondo na mão direita (pão?), a mão esquerda pousada no joelho; á direita do observador, outra pessoa, homem ou mulher, tambem vestida de amplas roupagens, sentada de lado (hoje bastante desfigurada). Entre as duas pessoas está uma ara sobre a qual se apoia um cesto ou vaso, muito quebrado, que mostra ao de cima outro objecto mais ou menos espherico, analogo ao que a figura da esquerda segura na mão (o objecto sobresae, para indicar que o cesto ou vaso estava cheio). No campo, superiormente á ara, vêem-se uns golpes representativos de faúlas que saissem d'ella, e se espalhassem no ar. A figura da direita toca na extremidade do cesto ou vaso com a mão esquerda, e levanta a mão direita, como que lançando ou entornando na ara e no que esta tem em cima qualquer cousa ora indecifravel.

Na 4.ª página, finalmente, apparece uma mulher, vestida de amplas roupagens, como as das duas faces anteriores, o cabello atado ou coifado, caido ao longo da nuca, avolumando-se na extremidade d'elle, e um brinco piriforme

[1] Em Holder, *Thesouro,* s. v.

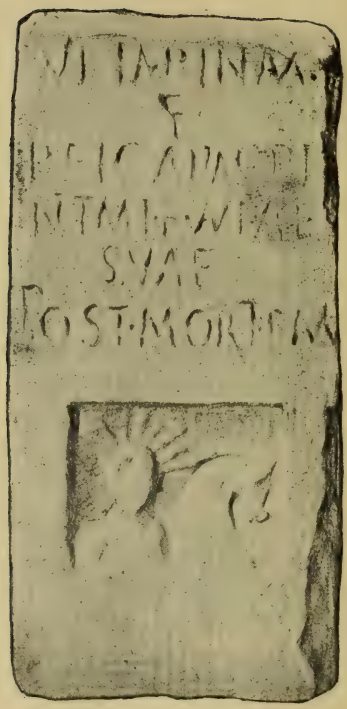


Fig. 231.ª

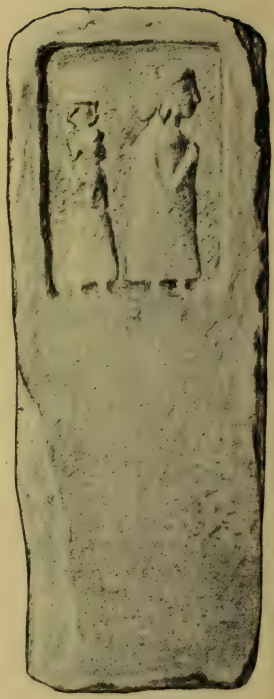


Fig. 232.ª

Monumento funerario de Sá, no Museu de Guimarães (p. 416).
Vista das páginas 1.ª e 2.ª

Fig. 233.ª

Fig. 234.ª

(Monumento funerario de Sá, no Museu de Guimarães, p. 446.
Vista das páginas 3.ª e 4.ª)

na orelha direita: segura adiante com as duas mãos um vaso, e caminha para a esquerda do observador.

O granito de que é feito o monumento difficultava o trabalho; apesar d'isso o artista procurou exactidão e minucia. As figuras representadas no acto de caminharem, como que tem movimento. Os pés das figuras esculpidas nas páginas 2.ª, 3.ª e 4.ª estão bem assignalados. Na segunda figura da página 3.ª distinguem-se regularmente as saliencias dos joelhos, por estar repuxado o vestido. Não faltam tambem particularidades anthropologicas e ethnographicas: rosto e nariz compridos, cabello penteado, vestuario completo, xorca, brincos. Algumas d'estas particularidades concordam com as noticias litterarias que a antiguidade nos legou, e com as que observamos noutros monumentos archeologicos [1]. A um exame perfunctorio, a pedra, por as esculpturas estarem bastante apagadas, não revela a importancia que realmente tem; mas examinada com cuidado, sobretudo á noite, e com boa luz, como fiz, instrue-nos muito acêrca do passado.

Irei agora á sua interpretação, pelo que preciso de começar pela página 3.ª do monumento.

Nesta pagina representa-se evidentemente uma scena de sacrificio (libação): ara de onde saem faúlas, e cesto ou vaso com a offerenda (pão? *libum*). Tal sacrificio fez-se, no meu entender, em honra de Peicana, que era d'esse modo havida como divindade, *dea animalis*, segundo a concepção que os Romanos formavam da morte [2]. O personagem que liba ao lado da velha será o pae da dedicadora do monumento, isto é, Píntamo 2.º, filho, como suppus, de Peicana, e encarregado da libação, na sua qualidade de *pater familias*.

---

[1] Cf. *Religiões*, II, 91. — O rosto comprido do cavalleiro observa-se, por exemplo, tambem nas figuras gravadas nos dois monumentos da Saia, existentes no Museu de Guimarães. — Brincos muito grandes, e mesmo piriformes, usam-se ainda hoje no Norte.

[2] Cf. *Dict. des Antiquit.*, s. v. «funus», p. 1400.

Na página 2.ª a figura dianteira será a neta da morta, e, conforme sabemos, dedicadora do monumento; a figura que a segue será uma escrava, pois transporta um pêso (vaso), e está representada de estatura menor que a outra. O vaso, que esta pessoa leva, ia servir no sacrificio. — A figura da página 4.ª deve ser outra escrava, que levava tambem preparativos para a mesma cerimonia, e caminhava, com as mulheres anteriores, para o local. É possivel que a scena da página 4.ª, comquanto justificavel, fosse meramente decorativa, para que esta página não ficasse sem esculptura.

Resta explicar a esculptura da página 1.ª Os antigos heroizavam em certas circumstancias os mortos, os quaes ficavam tidos por seres sobrehumanos, ás vezes mesmo identificados a divindades propriamente ditas, como *Diana, Spes, Liber* [1]. Emblemas importantes da heroização, gravados em estelas, em sarcophagos, etc., eram o banquete funebre, e o cavallo: o banquete, como annuncio dos prazeres disfrutados na outra vida pelo fallecido; o cavallo, entre varias razões, porque representava um dos modos da eterna viagem [2]. O banquete funebre póde estar substituido na página 3.ª pela libação; na página 1.ª porém apparece-nos de facto o cavallo. Numa estela do Louvre, com uma inscripção grega em que se lêem os nomes de Philochares e Timagoras, o heroe aperta a mão á heroina,

---

[1] Vid.: Altmann, *Die römischen Grabaltäre*, p. 282; Macchioro, *Il simbolismo*, p. 117; *Corpus*, VI, 15:594 (e os documentos lá citados); Orelli, *Inscr. Lat. select.*, 4455 *b*. E cf. o que a cima se disse, quando se tratou das inscripções consagradas a *Juppiter, Marte, Venus, Serapis, Minerva*, e á *Pietas Augusta*, em honra e em memoria de defuntos, — inscripções que chamei *semi-funerarias*, porque de algum modo significam heroizações.

[2] Vid. sobre o assunto: *Dict. des antiquitées*, s. v. «héros», pp. 153 e 155; Altmann, *Die röm. Grabaltäre*, pp. 188 e 192; Macchioro, *Il simbolismo*, p. 61, n. 346; Marquardt, *Le culte chez les Rom.*, I, 57, n. 7 (*lectisternia* offerecidos aos deuses Manes).

e atrás avulta a dianteira de um cavallo [1]. Num camafeu de Paris figura-se Augusto no acto de subir para o ceu, num cavallo alado [2]: era essa uma das fórmas da apotheose imperial; noutros casos o imperador vae numa quadriga, ou montado num grifo, — ou é uma aguia, que, sôlta da pyra funebre, lhe leva a alma para a região etherea [3]. Ha tambem uma estela no Louvre em que se vêem duas figuras, certamente esposo e esposa, voltadas para o antepassado, que está num throno: ao todo tres heroes [4]. Applicando estas ideias ao monumento de Sá, direi que o cavalleiro o julgo um dos antepassados de Julia, isto é, Pintamo 1.º, heroizado. Os raios que lhe circumdam a fronte fortificam a minha explicação, porque os Romanos nimbavam ás vezes os mortos: «il nimbo era segno di una natura superiore all'umana» [5]. Vê-se que Pintamo, não só caminhava a cavallo para o ceu, mas já como que estava identificado com os astros. Este nimbo ou resplandor é comparavel á estrella que figura na testa de J. Cesar nas moedas [6], onde symboliza a transformação que a alma d'elle teve *post mortem,* como se disse supra, p. 394, nota 4; lembremo-nos tambem dos raios que costumam, igualmente nas moedas, coroar os bustos dos imperadores [7]. — Não creio que a pessoa que vae a cavallo seja Peicana, porque o rosto differe do da figura da página 3.ª

b) **Monumento de Ciudadela**

O monumento de Ciudadela é mais simples que o de Sá, mas muito comparavel a elle: consiste numa estela em

---

1 *Dict. des antiquités*, s. v. «héros», p. 154, col. 1.

2 Marquardt, *Le culte chez les Romains,* II, (216-)217, nota.

3 Cf. *Rev. Archéolog.*, 1910, p. 422 (F. Cumont).

4 *Dict. des antiq.*, loc. cit., p. 154.

5 Macchioro, *Il simbolismo,* p. 118; e vid. as obras lá citadas, e tambem *Dict. des antiq.*, s. v. «nimbus».

6 Babelon, *Monnaies de la république romaine*, II, 56.

7 Marquardt, *Le culte,* II, 217; Smith, *A diction. of Rom. coins*, s. v. «nimbus» e «corona».

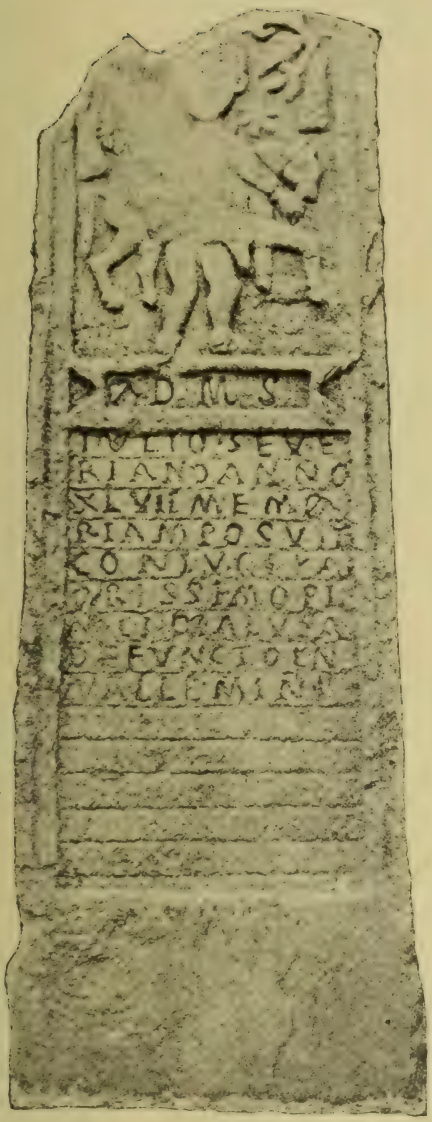


Fig. 235.ª — (Monumento funerario de Ciudadela. Vid. p. 452).

cuja parte superior se vê um personagem de pé, com a cabeça nimbada de raios e estrellas; atrás d'elle está um cavallo, e por baixo ha uma inscripção funeraria em que se diz que Placidia Lupa consagrára esta *memoria* a seu esposo Julio Severiano, de 47 annos, fallecido no valle do rio Minho (fig. 235.ª) [1]. O P.e Fidel Fita, que publicou o monumento no *Boletín da la Academia de la Historia* [2], conjectura que o personagem fosse soldado de cavallaria. Por mim supponho que, visto ter o cavalleiro um nimbo, elle é aqui heroizado, analogamente ao do cippo de que ha pouco fallei, o que porém não impede que ao mesmo tempo pertencesse á classe guerreira, embora isso não conste da inscripção.

Julio Severiano representa aqui de modo bastante notavel os heroes por excellencia, ou Dioscuros, numa das suas posturas classicas, — em companhia do cavallo, e com uma estrella pousada no alto da cabeça. — Na fig. 206.ª vimos um monumento de Monte-Cildad (Hespanha) analogo a este. Não me refiro aqui a elle em especial, por não pertencer á Lusitania.

c) Monumento de Cárquere.

O monumento de Cárquere está hoje no Museu Ethnologico [3]. É uma tosca, embora curiosissima, estela de granito (fig. 236.ª), de $0^{m},72 \times 0^{m},40 \times 0^{m},25$, dividida anteriormente em duas secções: na de cima, de fórma de nicho arqueado (abobada do ceu? [4]), vê-se um cavalleiro, voltado para a direita do observador; na de baixo lê-se esta inscripção ainda inedita: *D(iis) M(anibus)*

---

[1] Segundo uma photographia que me foi enviada pelo esclarecido paleographo o Sr. D. Andrés Martínez Salazar.

[2] Vol. LVI, pp. 361 e 363. — O que Fita diz de Lucano havia já sido refutado por S. Reinach, *Cultes, mythes et religions*, I, 191.

[3] Dádiva do Rev.do José Augusto Correia, Abbade da frèguesia.

[4] Cf. Allmer, *Inscriptions de Vienne*, II, 530.

s(acrum). *Pon(tius,* vel simile), *Iuni* (*filius*), *an(norum)* LIII. De cada lado da estela ha uma figura de tridente, como as que já sabemos serem peculiares de Cárquere (fig. 223.ª).

Fig. 236.ª — (Monumento funerario de Cárquere. Vid. p. 454).

Creio que o monumento pertence á mesma serie dos anteriores: o cavalleiro será o morto heroizado, na sua ascensão para o ceu. Não o considero meramente *eques,* em sentido militar, porque a inscripção nada diz.

A par com estas esculpturas temos por vezes estelas em que se representam pura e simplesmente imagens de seres humanos, ou inteiras, ou resumidas em bustos e caras. Vemos caras por exemplo nas figs. 237.ª [1] e 238.ª [2]: certamente *imagines* dos fallecidos. Na fig. 239.ª [3] ha tres pessoas de pé, — uma central, nua, ou de tunica, e duas

[1] D*O Arch. Port.*, v, 211.

[2] D*O Arch. Port.*, v, 140. Na sala de Africa do Museu do Louvre ha uma tosca estela funeraria muito comparavel a esta.

[3] Da *Rev. Archeologica*, II, 172.

Fig. 237.ª — (Monumento funerario de Cárquere. Vid. p. 455).

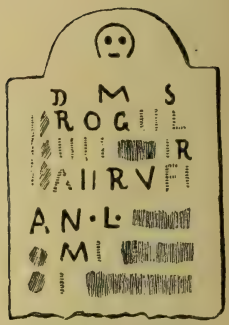


Fig. 238.ª — (Monumento funerario da Insoa. Vid. p. 455).

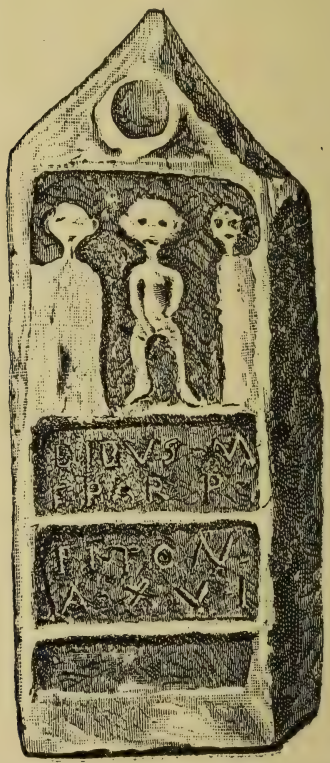


Fig. 239.ª — (Monumento funerario de Lamego. Vid. p. 455).

lateraes, de amplas roupagens: interpreto aquella como representação do defuncto, que contava 16 annos de idade, e estas como representação dos paes. Na fig. 240.ª [1] apparecem num nicho central as imagens de dois defunctos (marido e esposa?), e em cima, como remate da estela, um busto decapitado, que, ao que parece, segura um vaso com as duas mãos, e denotará ou o dedicador do monumento, ou um sacerdote que celebra uma cerimonia funebre. A este grupo de estelas, que não são porém as unicas existentes em Portugal [2], pertence uma da Galliza, que vi no Museu da Sociedade Economica de Santiago de Compostela, na qual, por cima da inscripção, se figura um busto pousado num astro, o que é mais uma confirmação das ideias ha pouco expendidas acêrca da ida dos mortos para os espaços estellares; infelizmente não tenho desenho d'ella.

---

[1] Do *Arch. Port.*, XII, 277. — Esta estela, pelo remate, é comparavel á de Cárquere (fig. 237.ª). Cf.: *Inscriptions de Lyon* de Boissieu, Lião de França 1846-1854, p. 503 (representação de uma urna funeraria com tampa terminada em cabeça); e *Revue Épigraphique*, t. V, est. XXI, p. 213. Nos *Mémoires de la Société Éduenne*, t. XXX (1902), p. 252, vem um artigo de H. Graillot, intitulado *Poculum et lagena*, onde se diz que é frequente na Gallia, e mais particularmente nas regiões do Este e do Centro, este typo: estelas com um nicho, e nelle um personagem, de tunica, com um *poculum* ou vaso de beber na mão direita, e um «flacon» (*ampulla, lagoena*) na mão esquerda; quando tem só um d'estes vasos, «il le presse des deux mains sur la poitrine». O A. vê nisto um symbolismo, quer possa ser vestigio de banquetes funebres, tão frequentemente representados nos tumulos gregos, quer possa ter outra origem, como o desejo de representar nas proprias mãos do morto o vasilhame real que se lhe collocava dentro do tumulo. Com a primeira d'estas interpretações combina o que se lê nos *Bonner Jahrbücher*, n.º 108-109, pp. 57-58, onde se cita o *Corpus*, III, 804, 812, 816 (figuras com copos), XIII, 867 (homem com taça). Cf. supra, figs. 190.ª e 199.ª, e *Musée d'Alger* de Doublet, est. V, n.º 3, onde se vê uma figura com um vaso seguro pelas duas mãos. No seu já por vezes citado *Simbolismo* lembra Macchioro, entre os symbolos do «refrigerio» da alma na outra vida, o da ave que bebe num vaso: pp. 70-71.

[2] No Museu Ethnologico, por exemplo, ha outras.

Para terminar, especializarei outras insculpturas que por vezes apparecem nas lapides sepulcraes.

Fig. 240.ª — (Monumento funerario de Paderne. No Museu Ethnologico. Vid. p. 457).

Numa lapide de *Bracara Augusta*, pertencente ao tumulo de *Agathopode, escravo de Tito Satrio*, e mandada fazer *por Zetho, seu companheiro de escravidão*, figura-se uma machada posta entre um feixe, ao parecer, de varas, e uma patera de cabo comprido: de certo allusão, embora não muito clara, á condição social do fallecido (fig. 241.ª) [1]. E ha outros emblemas, relativos a profissões, etc., em várias lapides: cf. *Corpus*, t. II, p. 1204, e supra, p. 400.

A *cupa* das Alcaçovas, que se representa na fig. 227.ª, — p. 443 —, além de ter dois peixes como emblemas, tem tambem uma *patera* e um *guttus*, que alludem directa ou indirectamente á felicidade do morto ou a sacrificios funebres e libações [2], — e isto nota-se com frequencia noutras pedras romanas da mesma especie, tanto de Portugal, como de fóra; cf. as do Museu do Carmo e a de

[1] *Corpus*, II, 2431, e p. 1204. — Por causa da semelhança da patera com uma palmatoria, chama o povo *Rua da Palmatoria* á que está contigua ao edificio em que se vê a lapide: cf. já Hübner, *Noticias arch. de Portugal*, p. 76. — O desenho por onde se fez a gravura devo-o a Albano Bellino.

[2] Cf. *Dict. des antiq.*, s. v. «phiăla», p. 434.

Paderne, acima citadas (pp. 420 e 448), nas quaes ha figurações de vasilhas.

No Museu Ethnologico guardam-se algumas lapides funerarias do Algarve em cujas faces lateraes se vêem esculpturas como as que se representam na fig. 242.ª, as quaes eu supponho serem tochas (estilizadas), por allusão ás que se usavam nas camaras ardentes, ou nos acompanhamentos funebres [1].

Fig. 241.ª
(Lapide de Braga. Vid. p. 458).

Com quanto eu não julgue esgotado o assunto, entendo porém que ficam assignalados nas paginas precedentes os principaes emblemas funerarios que apparecem nos monumentos lusitano-romanos.

4. — Outros cuidados com os mortos

Segurança da derradeira morada — Associações funerarias

Assim como os Christãos com todo o afan tratam dos bens d'alma (esmolas, missas, deixas), assim os Pagãos tratavam das sepulturas, porque se pensava que as almas dos que ficassem insepultos, sem receberem honras funebres, vagueavam pelo mundo inquietas, o que era mal para ellas, e o podia ser igualmente para os vivos [2], — crença não só dos Romanos, mas commum, com

---

[1] Cf.: *Dict. des antiq.*, de Daremberg & Saglio, s. v. «funus», pp. 1387-1390; *Dict.* de Rich., s. v. «fax».; Altmann, est. 1 e 2. — Nos sarcophagos christãos antigos de Africa tambem se figuram cirios: *Bullet. Archéolog.*, Março de 1911, p. xvii.

[2] Vid. esta obra, i, 101 e 202, e iii, 3, nota. Cf. Horacio, *Carm.*, i, xxviii, vv. 23-25, e *Lexikon* de Roscher, s. v. «Inferi» col. 248.

algumas variantes, a varios povos antigos: por isso cada individuo, mesmo em vida, *se vivo* [1], ou por disposição testamentaria, *ex testamento* [2], procurava cuidar da sua derradeira morada. Hoje tambem ás vezes se erigem tumulos sumptuosos, mas ou é por vaidade, ou por mera tradição; outr'ora era por fé. — Muitas vezes comminavam-se imprecações e multas contra quem violava os sepulcros, como diz Cicero (*Tuscul.*, I, 12), e como consta de numerosas inscripções epigraphicas [3]. Tanta era a santidade que a elles se attribuia!

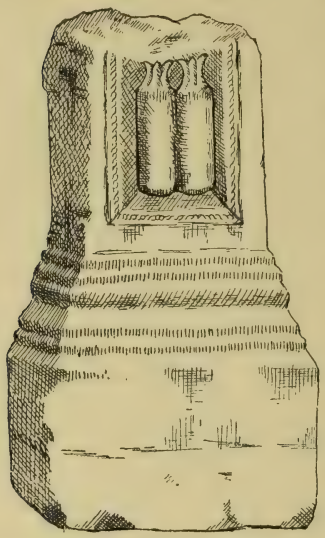


Fig. 242.ª — (Lapide funeraria do Algarve. No Museu Ethnologico. Vid. p. 459).

Ás modernas irmandades das almas correspondiam nos Romanos certas confrarias funebres ou *collegia*, que se incumbiam dos enterros e das sepulturas, como já se disse acima, p. 293 [4]. Além dos

---

[1] Por ex., *Flavius Quadratus .. se vivo munimentum fecit,* arredores de Lisboa: *Corpus*, II, 266.

[2] Por ex., *L. Licinius Avitus .. ex test(amento) patris p(onendum) c(uravit)*, Juromenha: *O Arch. Port.*, I, 217 (Padre Espanca).

[3] Dessau, *Inscr. selectae*, p. 885 sqq.; *Rivista di storia antica*, III, 147; *Boletín de la Acad de la Hist.*, XXX, 497–505; *Notizie degli scavi*, 1899, p. 271; Montfaucon, *Antiquité expliquée*, t. V, parte I, 2.ª ed., pp. 41 e 42, 78, 98. Nas proprias inscripções christãs se encontram taes fórmulas: vid. Le Blant, *L'epigr. chrét. en Gaule et dans l'Afrique romaine*, Paris 1890, p. 51 sqq.,— embora a este respeito o sentimento dos Christãos fosse diverso do dos Pagãos.

[4] Cf. Boissier, *La religion romaine*, II (1.ª ed.), 303 sqq., 313 sqq. — Em 1910 encontrou-se em Astorga uma lapide sepulcral com uma inscripção muito importante, em que se menciona um *collegium* funeraticio com os seus *magistri:* vid. Marcelo Macias, in *Boletín de Orense*, III, 409 sqq., onde dá várias indicações bibliographicas.

cultores de que ahi se fallou, temos numa inscripção de *Conimbriga* menção especial de um *collegium salutare* [1], assim chamado por causa do bom agouro que o adjectivo promettia [2]. Tratando dos *collegia* funerarios da casa imperial constituidos por escravos e libertos, nota Schiess que pertenceria aos mesmos o que numa inscripção bracaraugustana se denomina *sodalicium urbanorum* [3], denominação que pelo menos allude á cidade de Roma; a pedra que continha a inscripção talvez fizesse parte de um monumento sepulcral [4].

SECÇÃO IV

Varia quaedam sacra

1. Sanctuarios

a) Templo de Evora

É sabido que um templo romano, tomando para typo o de Apollo em Pompeios, se compõe de: *A*, recinto, adro, ou perîbolo, com columnas em volta, e murado; *B*, templo propriamente dito, sobre um envasamento, e com escadas; *C*, cella ou *naos*, para estar a estátua da divindade. O altar ou ara de sacrificios erguia-se no perîbolo, diante do templo propriamente dito.

Em *Ebora* houve na epoca lusitano-romana um templo magnifico (periptero rectangular, hexastylo), do qual ainda resta *B*, não no todo, mas em grande parte, pois consta do envasamento com columnas corinthias, umas ainda inteiras, subordinadas á architrave, outras reduzidas aos fustes ou ás bases: o que tudo se patenteia na fig. 243.ª [5].

---

[1] *Corpus*, II, 379. [2] Rossi, apud Schiess, *Die römischen «collegia funeraticia»*, Munich 1888, p. 18. [3] *Corpus*, II, 2428.

[4] *Die römischen «collegia funeraticia»*, p. 25.

[5] Extrahida da *Arte e Natureza em Portugal*, publicação de E. Biel (Porto). O templo lusitano-romano de Evora tem sido figurado e descrito muitas vezes. O Sr. Gabriel Pereira publicou uma monographia d'elle no n.º 2 dos seus *Estudos Eborenses*, Evora 1886 («O templo romano, inscripções»). A pp. 13 e 14 dá a bibliogra-

Falta pois a cella, as escadas, e o perîbolo (que porém nunca existiu). Quanto á ara, diz o Sr. Gabriel Pereira no n.º 2 dos *Estudos Eborenses*, p. 8, que o Museu de Evora possue um fragmento «de uma de marmore», de 9 decimetros de altura: «conserva restos dos relevos da »moldura; vê-se que a inscripção tinha sete linhas, apenas »na primeira se lêem as letras SAC». O mais provavel porém é que este fragmento não o seja da ara de sacrificios, e sim de uma ara votiva. Em tal caso, aquella tambem falta.

Talvez ao friso do templo pertencessem (como com razão o Sr. G. Pereira suspeita) tres pedras esculturadas que outr'ora estavam numa parede da cadeia, na Praça de Giraldo, e hoje se guardam no Museu eborense. Ellas ajustam-se entre si, e assim ajustadas as reproduzo na fig. 244.ª [1]: na pedra do meio, que mede $0^m,54$ de altura, e $0^m,47$ de largura, esculpiu-se um bucranio; em cada uma das dos lados ($0^m,535 \times 0^m,47$) esculpiu-se sua pátera. Esculturas de páteras e de bucranios são vulgares em frisos de templos e em aras, como emblemas sacrificiaes; apparecem tambem em sarcophagos e sepulcros (e não só bucranios, mas outras cabeças de animaes) [2].

---

phia. — O Sr. Adães Bermudes, que fez estudo especial d'este monumento, teve a bondade de me mandar as seguintes notas: «A cimalha e o sócco são de granito apparelhado, o dado do envasamento é de alvenaria (*opus incertum*), outr'ora revestido de estuque; as bases e capiteis das columnas são de marmore, e os fustes e entablamento de granito».

[1] Segundo uma photographia que me enviou o meu collega o Sr. Lopes da Silva, Conservador da Bibliotheca de Evora.

[2] Cf.: *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, I, 351; *Riv. di storia antica*, X, 348; J. Gailhabaud, *Monuments anciens et mod.*, I, Paris 1850, fig. 2. Nos monumentos (sepulcros, sarcophagos, etc.) as cabeças de animaes podem ás vezes ter caracter protector (magico): Jahn, *Ueber den Aberglaub. d. bösen Blicks*, nos *Berichte über die Verhandl.* da Acad. de Sciencias de Leipzig, classe phil.-hist., 1855, p. 58, nota 116. Cf. Altmann, *Die römischen Grabaltäre*, Berlim 1905, p. 70.

Fig. 243.ª — (Templo romano de Evora. Vid. p. 461

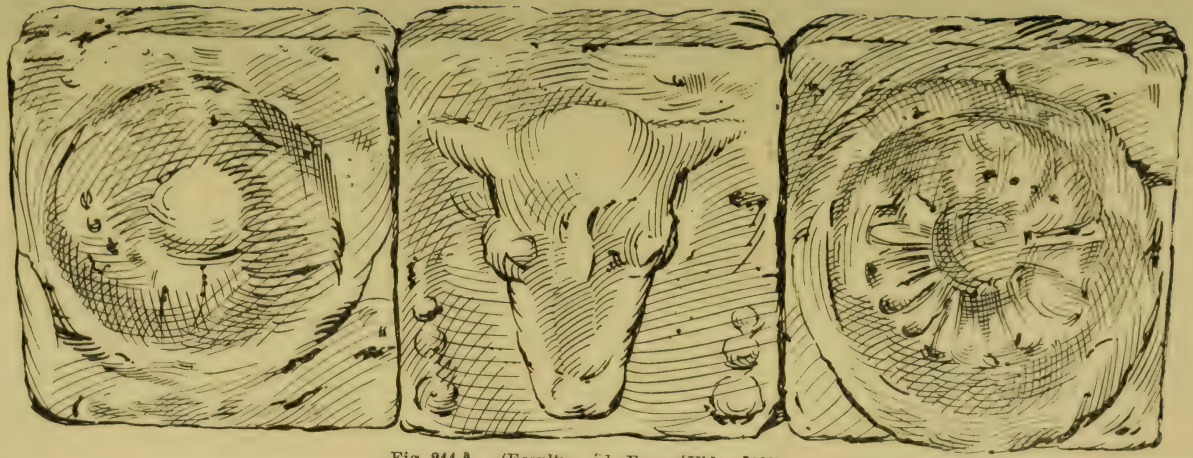


Fig. 244.ª — (Esculturas de Evora. Vid. p. 462).

O templo data, ao que parece, do seculo II [1]. Ignora-se a quem era consagrado [2]. Talvez o fosse a uma divindade imperial; de facto, em *Ebora* celebraram-se, como sabemos, cultos municipaes em honra d'estas divindades [3]. E a que outras mais veneraveis se poderia erigir, numa cidade da Lusitania, naquella epoca, um templo tão sumptuoso? Foi por isso que a p. 327, ao tratar dos cultos imperiaes, remetti para aqui o leitor. Todavia o que digo não passa de mera hypothese, embora acceitavel. Se no interior do templo e em volta se procedesse a excavações, deparar-se-nos-hia acaso algum elemento mais positivo em que nos pudessemos basear. Uma vez encontrou-se dentro um pedaço de marmore (hoje no Museu Eborense) que representa a mão direita de uma estátua maior que o natural ($0^m,28 \times 0^m,13$), mão que segura uma pátera (fig. 245.ª e 246.ª); temos aqui um acto de libação, mas, como falta o resto da estátua, e tanto podia a pátera estar na mão de uma divindade, como na de um sacerdote ou sacerdotisa, ou na de outro personagem, porque de tudo nos offerece exemplos a arte antiga, ficamos sem saber a que entidade pertence este fragmento [4].

b) **Templos de Mérida**

. . . . . .
De Mérida os romanos edificios,
Que de ser noutro tempo cousa nobre
Inda assi ruinados dão indicios...

D'este modo canta Diogo Bernardes n–*O Lima* [5], e com

---

[1] Hübner, *Jenaer Literaturzeitung*, 1879, p. 388. E vid. supra p. 190, nota 5.

[2] Vulgarmente chama-se-lhe *templo de Diana*, mas isto são fantasias, como G. Pereira mostrou na obra citada.

[3] Vid. *Corpus*, II, 114 e 339, e supra, p. 320.

[4] Tambem no templo se encontrou um dedo de uma estátua colossal; conserva-se igualmente no Museu de Evora.

[5] P. 258, da ed. de 1820.

razão, pois, segundo já lembrei a p. 173, restam dos monumentos architectonicos da antiga *Emerita Augusta* vestigios muito importantes.

Entre elles temos o «templete» de Marte [1], e uma columnata de outro sanctuario, cujo orago se ignora [2], mas que Hübner [3] suppõe seria consagrado a Antonino Pio, relacionando com elle a miniatura que reproduzi acima, p. 327.

A santuarios se referem tambem algumas moedas emeritenses, em que se vê, como typo, um templo tetrastylo com a legenda AETERNITATI AUGUSTAE. A existencia de outros podemos deduzi-la de inscripções e estátuas, como se disse a cima (*mithraeum*, etc.).

c) Recinto sagrado de Panoias [4]

Panoias, de que já aqui tenho fallado por vezes, conforme os capitulos especiaes da presente obra [5], e de que fallarei agora de modo geral, é um sitio ermo e bravio, que jaz na frèguesia de Val de Nogueiras, concelho de Villa-Real de Trás-os-Montes, onde a religião de nossos maiores deixou vestigios valiosissimos, porque todo o terreno abunda de rochedos de granito que a piedade antiga aproveitou para em alguns gravar inscripções, ou com intuito cultual abrir certas cavidades. Foi pois ahi um san-

---

[1] Cf. *Corpus*, II, 468, e supra, p. 267.

[2] Apesar d'isso, varios eruditos hespanhoes chamam-lhe de Diana ou de Juppiter.

[3] *Corpus*, II, 480.

[4] Para melhor entendimento do que vae ler-se, convém que se tenham presentes os capp. VII-VIII do t. I das *Memorias de Braga* (pp. 325-359) do Contador de Argote, e as numerosas gravuras ahi dadas. D'estes capitulos vem um resumo no *Panorama*, III (1839), 149 sqq., e 156 sqq. Veja-se tambem: *Corpus*, II, 2395; *Boletim* do Carmo, t. VII, 3.ª serie, p. 51 sqq.; *O Arch. Port.*, I, 38, 271; III, 58, 177; e XI, 63 (Alves Pereira).

[5] Vol. II, p. 187; supra, p. 81, 301 e 345 sqq.

Fig. 245.ª — (Mão que segura uma patera. Achada no templo romano de Evora. Vid. p. 464).

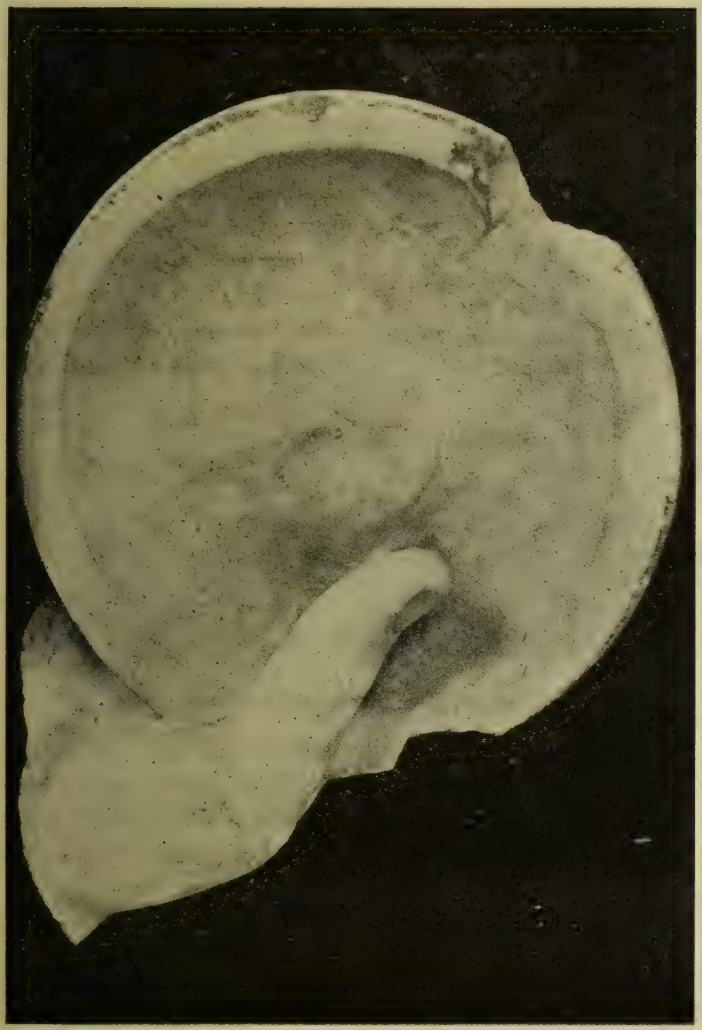


Fig. 246.ª — (Outro aspecto da fig. 245.ª)

tuario, isto é, um *templum*, como em uma das inscripções se diz.

Nesse templo recebia especialmente culto Serapis.

Além da inscripção serapica que foi transcrita a p. 345, ha em Panoias outra inteira, a que já alludi no vol. II, p. 187, e que transcrevo aqui ao lado, totalmente. Póde interpretar-se assim: «G. C. Calpurnio Rufino consagrou, com »este templo, aos deuses e ás »deusas, e a todos os numes »em geral, e tambem aos das »Lapiteas, um tanque perpe»tuo (ou indestructivel), onde »as victimas se queimam se»gundo o voto» [1]. Fragmentos

DIIS DEABVSQVE AE
TERNVM LACVM OMNI
BVSQVE NVMINIBVS
ET LAPITEARVM CVM
HOC · TEMPLO SACRAVIT
G · C · CALP · RVFINVS
IN QVO HOSTIAE VOTO
CREMANTVR

Fig. 247.ª — (Fragão sagrado de Panoias. Vid. p. 469).

de inscripções conhecemos tres. O mais importante é o que vae transcrito a p. 469 (cf. fig. 247.ª, tirada de Argote) [2]. Infelizmente, como falta o comêço, não sei dar traducção que satisfaça em absoluto. Se por um lado *huius* póde con-

---

[1] Nas *Religiões*, II, 187, considerei *Lapitearum*, isto é, *Lapiteae*, nome de nymphas; se *numinibus* estiver porém em sentido concreto, por «divindades», então *Lapiteae* é nome de povo (acabado em *-ae*, como *Zoelae, Celtae, Getae, Sarmatae, Persae*, e outros mais), i. é, *Lapitearum*, «dos Lapiteas»; cf. *Lapatia*, nome de um cabo nos Callaicos Lucenses em Ptolemeu, II, VI, 4 (e vid. Holder, *Thesouro*, s. v.).

[2] Vid. *O Arch. Port.*, III, 179.

DIIS .....
HVIVS HOSTIAE QVAE CA
DVNT HIC IMMOLANTVR
EXTA INTRA QVADRATA
CONTRA CREMANTVR
SANGVIS LACICVLIS IVXTA
SVPERFV*ndi*TVR

cordar com *hostiae*, e estes dois genetivos estarem regidos de *exta*, vindo então a ser o sentido «as visceras »d'esta victima, que caem »ao chão (ou se arrancam), »immolam-se aqui» (porque, depois de morta a victima, praticava-se a *immolatio* ou deposição da *mola salsa* «farinha e sal» sobre os *exta* «visce-

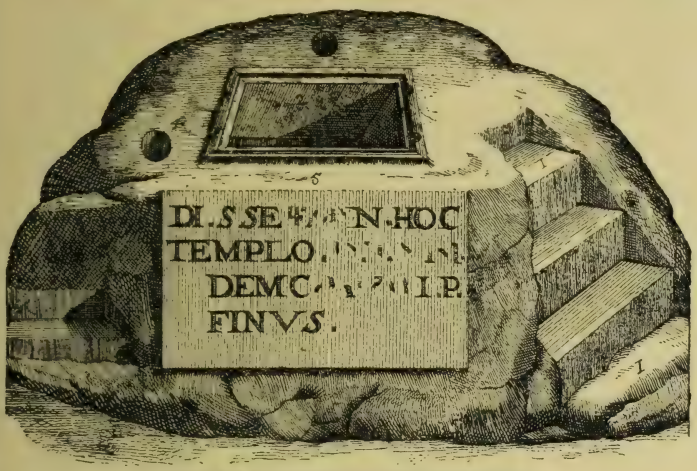


Fig. 248.ª — (Fragão sagrado de Panoias).

ras»), — por outro lado *hostiae* póde ser nominativo plural, tanto mais que *multa hostia cadet* é frase vergiliana muito conhecida; o resto da inscripção parece-me claro: «as vis- »ceras queimam-se em frente, dentro de tanques (cf. a »inscripção anterior), e o sangue derrama-se nas pias, ao »pé». Nos outros fragmentos apura-se apenas DIIS em ambos, HOC TEMPLO em um, e LACVM e VOTO noutro [1]. Todas as inscripções estão insculpidas na face vertical de um mesmo fragão, que é muito extenso, e para o qual se sobe por quatro degraus (fig. 248.ª, tirada de Argote).

[1] *Corpus*, II, 2395, a, d.

D'aqui resulta que com Serapis coexistiam no santuario mais divindades, como se disse a p. 350.

As cavidades de que fallei a cima formam varios grupos: umas estão junto das mencionadas inscripções, na parte mais horizontal do penedo; outras estão longe, em penedos diversos.

É ás cavidades do primeiro grupo que alludem, sem dúvida, as palavras *quadrata*, *laciculus* e *lacus* das inscripções. Á inscripção de Serapis corresponde uma pia circular de $0^m,55$ de diametro, e de mais de $0^m,40$ de profundidade [1], cavidade que dista da inscripção $0^m,61$. Á inscripção de *Lapitearum* corresponde uma pia rectangular (fig. 249.ª) [2], de $0^m,91 \times 0^m,60 \times 0^m,39$ (altura). Aos fragmentos tambem correspondem pias, uma d'ellas, porém, encoberta por uma casa que construiram sobre a rocha. Não ha cavidade que não tenha seu encaixe, o qual mostra que ahi pousava uma tampa. Consta das inscripções que no santuario se faziam, segundo vimos, sacrificios de animaes: as visceras queimavam-se em tanques e pias, isto é, nos *quadrata* e nos *lacus;* o sangue derramava-se nos *laciculi,* ou pias menores. Estas pias e tanques trazem-me á memoria as excavações rectangulares que observei em 1909 no pateo do templo duplo de Kom Ombos, no Alto-Egypto, as quaes serviam certamente para libações ou outras cerimonias religiosas; cada excavação está provida de um encaixe, como as nossas, e o lado maior do rectangulo não chega a medir 1 metro. Melhor faremos, porém, comparando directamente as cavidades de Panoias com as fossas em que se recebia o sangue e os ossos das victimas nos sacrificios mithriacos [3], — visto que o templo que estou estudando pertence

---

[1] Não pude medir esta ao certo, por haver lá muito lodo na occasião.

[2] Segundo uma photographia do Sr. Maximiano Apollinario.

[3] Cumont, *Textes et monuments de Mithra*, I, 63 e 325.

[Fig. 249.ª — (Fragão sagrado de Panoias. Vid. p. 470).

ao grupo dos santuarios romano-orientaes. Ao lado de algumas das cavidades panoienses notam-se certos orificios em que deviam, como creio, fixar-se espeques de pedra ou de madeira que fizessem parte do arranjo geral do santuario, por exemplo, para se suspenderem sinetas. — É curiosa a expressão *aeternum lacum* que se lê numa das inscripções transcritas ha pouco; o adjectivo *aeternus* apparece com frequencia como epitheto religioso nos cultos que o Oriente introduziu no imperio romano [1], e isto combina com a minha ideia de que em Panoias teremos um *serapeum*. O chamarem-se *lacus* algumas das cavidades, nada tem que surprehenda, segundo o uso da lingoa latina; em Roma, no *Forum*, lá está o *lacus Iuturnae*, ou da Nympha Juturna, que não passa de um tanque rectangular.

Aos outros grupos de cavidades já me referi a pp. 351–352: são as que, apesar de não haver inscripção que se lhes refira, considerei *lavacra*, ou tinas de ablucões sagradas. Acham-se igualmente em um extenso lagedo, a cuja superficie superior nos conduz uma escada de nove degraus, talhados nelle mesmo. Essas cavidades, em numero de cinco, e todas de fórma rectangular, apresentam a seguinte disposição: quatro são paralellas entre si; a quinta é obliqua ás primeiras. Distam pouco umas das outras. Dimensões: *a*) $2^{m},32 \times 0,086 \times 0^{m},62$, plus minus; *b*) as mesmas dimensões; *c*) $2^{m},58 \times 1^{m},07 \times 1^{m},08$, plus minus; *d*) $2^{m},98 \times 0^{m},78 \times 0^{m},55$, plus minus; *e*) a obliqua, $2^{m},21 \times 0^{m},66 \times 0^{m},55$, plus minus. Vid. a fig. 250.ª, extrahida do *Arch. Port.*, III, 58, de um relatorio do Sr. engenheiro J. H. von Hafe, onde se diz que as cinco cavidades têm rebordos destinados a receber tampas, e que na fraga ha um systema de sulcos que impedem a entrada das aguas pluviaes no interior das tinas.

---

[1] Vid. supra, pp. 364 e 365. E cf. Ruggiero, *Dizion. Epigrafico*, s. v.

Não são estas as unicas cavidades que existiram, ou ainda existem, em Panoias: vid. o que diz Argote, *loc. citato*. Mas é-me impossivel pormenorizar mais o assunto.

*

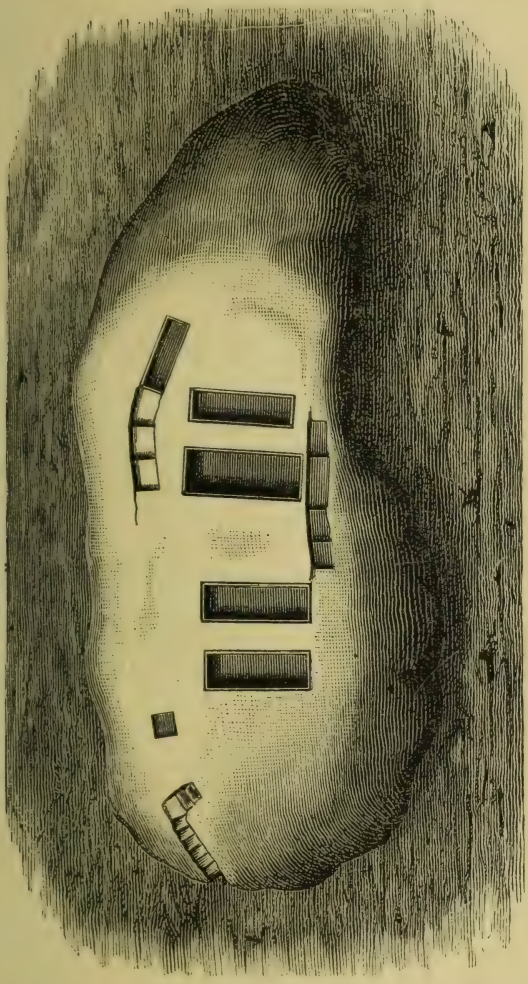


Fig. 250.ª — (Penedo de Panoias com cavidades e escadas. Vid. p. 472).

O mesmo Argote, que, mercê de informações que o Parocho de Val de Nogueiras e a Camara de Villa Real enviaram á Academia Real de Historia, foi quem primeiro

tentou na imprensa resolver os problemas que os fragões de Panoias offerecem aos estudiosos, vê já nelles, como era natural, monumentos sagrados, embora complicando ideias justas com outras que são hoje inacceitaveis, o que em parte dependia de não se haverem ainda interpretado com exactidão algumas das inscripções. O Sr. Gabriel Pereira, no *Boletim* do Carmo (vid. supra, p. 465, n. 4), falla tambem das pedras cultuaes, isto é, das que tinham inscripções, mas inclina-se a crer que as cavidades do segundo grupo que acima mencionei poderiam ter tido destinos industriaes, v. g., servirem para lavagem de minerios; esta hypothese não a posso acceitar, porque todos os grupos de cavidades deviam relacionar-se entre si, visto ellas estarem proximas umas das outras; se ninguem duvída do caracter religioso de umas, demonstrado nas suas inscripções, as restantes proclamam caracter analogo.

No meu entender, e, como já disse mais de uma vez, o *templum* de Panoias era um SERAPEUM, onde, ao lado da principal divindade, ou Serapis, se adoravam todas as mais, — *dii deaeque* e *omnia numina*. Ahi os crentes cumpriam os seus *vota*, construindo monumentos que suppunham «eternos», sacrificando victimas animaes ou *hostiae*, lavrando inscripções nos rochedos duros. Ahi se celebravam «mysterios», conforme aos ritos das religiões orientaes. Ahi os «mysticos», ou iniciados, praticariam em tinas de pedra abluções purificatorias. — Para a solemnidade dos cultos contribuia não pouco a solidão poetica e a natureza do lugar.

d) Friso esculturado de Frende

Ao pé de Frende, no concelho de Baião, ergue-se um outeiro, chamado *O Castello*, em cujas abas corre ao Sul o rio Douro, e ao Norte o rio Teixeira, e em cujo alto avulta uma capellinha de S. João. Dentro d'ella, embutidas na parede, como parte integrante, viam-se ha annos

duas lapides de granito, com esculturas de bastante relêvo, reproduzidas nas figs. 251.ª e 252.ª, as quaes pedras por esforços do meu nobre amigo o Dr. Alexandre Ferreira Cabral Paes do Amaral, enriquecem hoje o Museu Ethnologico. A estas esculpturas tambem me refiro adiante, p. 483. Passo á descripção.

Lapide 1.ª

Dimensões: $0^m,68 \times 0^m,50 \times 0^m,20$.

Ha ahi quatro figuras de pé. A primeira, á esquerda do observador, é uma mulher, voltada para a direita, de

Fig. 251.ª — (Escultura de Frende, hoje no Museu Ethnologico).

ampla roupagem ou vestido, que lhe chega até um pouco a cima do tornozelo, formando o cabello *chignon* ou «chucho» na nuca; em frente d'ella está um homem em cabello, e de tunica, que pára superiormente ao joelho; cada uma das figuras estende os braços para a outra, e aperta-lhe as mãos, direita com direita, e esquerda com esquerda, isto é, cruzando-se as mãos. Atrás do homem, outra mulher, vestida e toucada como a primeira, e na mesma direcção, apoia-se-lhe nos ombros com as mãos (propriamente só se vê o braço esquerdo d'ella estendido, e a respectiva mão, e o ombro esquerdo d'elle, porque o

outro ombro e o outro braço e mão entende-se que ficam encobertos). Por último, terceira mulher, tambem de ampla roupagem, mas cujo toucado não se percebe bem, toca no ombro da anterior, exactamente como esta faz á segunda figura. — Tanto os vestidos das mulheres como a tunica do homem estão seguros na cintura por faixas ou cordões, embora na primeira figura isto se conheça menos claramente do que nas restantes; a roupagem da segunda mulher apresenta pregas verticaes muito manifestas.

Lapide 2.ª

Dimensões: $0^m,78 \times 0^m,46 \times 0^m,20$.

Temos diante de nós dois homens nus, que parece lu-

Fig: 252.ª — (Escultura de Frende, hoje no Museu Ethnologico).

tarem entre si, correndo encurvado o da esquerda para o outro, que está sentado, como se houvesse sido derrubado, e que se firma no chão com a mão esquerda aberta. O ante-braço direito do personagem caído, agarra-o com as duas mãos o antagonista; a perna esquerda está estendida horizontalmente em todo o comprimento; a direita dobra-se em apparente movimento de defesa. — A pedra teve em epoca moderna, mas anteriormente á fundação da capella, applicação em porta, pois apresenta um buraco que devia servir de agulheiro de tranca.

A arte d'estas esculturas é tosca, e evidentemente local. Na primeira teremos um cortejo ou dança sagrada; quanto á segunda, eu não queria fazer offensa ao altar de Pérgamo, mas olhando para ella, occorre-me perguntar se ali não se desenrolará qualquer episodio da gigantomachia.

Julgo que as duas esculturas faziam parte de um friso, — de templo ou de ara, mais provavelmente de templo —, já pela fórma das pedras, já pela semelhança que se nota d'ellas com a escultura sacrificial representada na fig. 254.ª A que divindade pertencia o santuario? Se da hypothese de se desenhar na lapide 2.ª um episodio gigantomachico se pudessem tirar illações, eu lembraria o nome de Juppiter, tanto mais que com isso combina o figurar um touro na referida escultura sacrificial, e o haver apparecido na quinta de Mosteirô, não muito longe de Frende, uma árula consagrada ao pae dos deuses (*C.*, II, 5567); não convém todavia aventurarmo-nos a mais supposições.

e) Diversos santuarios.

Ainda que de poucos templos lusitano-romanos chegaram até nós restos architectonicos, mal poderá duvidar-se de que todas as divindades de certa importancia os possuissem. Esta importancia reconhece-se, ou no caracter d'ellas (Juppiter, divindades imperiaes, divindades orientaes), ou na variedade de monumentos apparecidos em um só sitio, e consagrados a um mesmo deus ou deusa (*nymphæum* de *Cápara*, templo ou templos de Idanha, santuarios de Endovellico e de Bormanico), ou, finalmente, na extensão da área dos respectivos cultos (Atégina, Aerno). Podemos, além d'isso, inferir de circumstancias especiaes a existencia de alguns santuarios ou recintos sagrados, por exemplo no *macellum* «mercado» de *Brácara*, de que fallei a cima, p. 294-295, na fonte-santa de Bencatel (p. 255), e nas thermas olisiponenses (p. 262-263).

Por inscripções publicadas no *Corpus*, II, 401-402, sabemos que C. Cancio Modestino consagrou em Midões

um *templum* ao Genio do municipio, e outro á deusa da Victoria. Só porém nos ficou d'elles esta simples noticia.

De vestigios, mais ou menos problematicos, de um templo em Rendide (Extremadura) falla-se n*O Arch. Port.*, VII, 180 [1]. Outros vestigios os teremos acaso tambem nos bellos capiteis (se o são) de *Pax Iulia* [2].

Na classe dos santuarios poderemos incluir o «bosque sagrado de Augusto» ou *Lucus Augusti*, a que alludi no vol. II, p. 109. Acêrca de santuarios d'esta especie vid. o *Dict. des antiq.*, de Daremberg & Saglio, s. v. «lucus», e o que diz Eckhel: *ad Augusti consecrationem pertinent etiam luci ei per provincias dicati* [3]. — Em caso analogo estão as *tres arae Sestianae*, de que rezam varios textos antigos, e que uns auctores collocam nas Asturias, outros na Gallecia, onde provavelmente ficavam [4]: as tres aras foram consagradas a Augusto por um Sestio, que nos é desconhecido; cf., quanto á morphologia, *Caepiana* e *Caeciliana*, supra, p. 171, adjectivos que de certo se referem a *castra*. Na antiguidade havia várias cidades e bairros com o nome de *Ara* e *Arae:* vid. o *Onomasticon* de De Vit, s. v.

f) Aedicula algarvia.

A palavra *aedicula* tinha, entre outras significações, a de nicho em que se collocava ou figurava uma estatueta de divindade, como se vê, por exemplo, no Museu Lateranense, onde ha uma, forrada de mosaico, que contém a imagem de Silvano. Na galeria lapidar do Museu do Va-

---

[1] Artigo de Pedro A. de Azevedo.

[2] *Archivo Pittoresco*, XI, 237 e 238, onde se reproduz um. Cf. *O Arch. Port.*, I, 343.

[2] *Doctrina numorum veterum*, VI, 125; cf. IV, 156. — Numa inscripção do *Corpus*, II, 5811, ha umas letras, que, diz Hübner, talvez se leiam *lucu*[*m*], mas essa interpretação é muito duvidosa.

[4] Cf. *Corpus*, II, p. 374.

ticano ha outra, em que se lê: *cum aedicula et marmoribus exornata.* Nesta obra, vol. II, p. 259, tratei de uma de Braga, e dei a proposito algumas indicações bibliographicas. Tambem *ibidem,* p. 158, disse que nas ruinas do

Fig. 253.ª — (*Aedicula* algarvia, no Museu Ethnologico)

templo de Endovellico se encontrára uma lapide, com uma inscripção em que figura a palavra AEDEOLU-, que na linguagem dos Lusitano-Romanos significava *aedicula.*

Agora fallarei de uma que existe no Museu Ethnologico, e que foi encontrada «nas ruinas (romanas) de um edificio »de banhos, explorado no sitio da Quinta de Marim deno»minado *os Botelhos* (concelho de Olhão, Algarve), em 1877,

»sob a direcção de S. P. M. Estacio da Veiga» [1]. Vae representada na fig. 253.ª Dimensões totaes: $0^m,74 \times 0^m,60 \times$ (espessura) $0^m,34$. É de calcareo, e tem a fórma dos oratorios ou nichos christãos.

A frente assemelha-se a uma fachada de templo. Ao centro depara-se-nos um arco de volta-redonda, pousado em columnas de capiteis jonicos; externamente a esta decoração notam-se outras pilastras mais altas, uma de cada lado, tambem de capiteis jonicos (rudimentares), e formadas de filas de SS, postos dois a dois, symetricamente, cada um ao contrário do outro, assentando nos capiteis uma especie de frontão, que mostra no tympano uma roseta, e está por cima ornamentado de heras.

No *Bulletin des Antiquaires de France,* 1884, pp. 144 a 146, ha um artigo do Sr. Cagnat em que se figura e descreve uma edicula de barro de Douai (França) comparavel á nossa em alguns dos seus pormenores (columnas e arquivolta, — esta ornamentada com SS, como as pilastras da nossa); é porém menor, pois mede apenas $0^m,17$ de altura, e contrariamente á do Algarve, que está vazia, abriga uma imagem de Venus [2]. Vem a proposito dizer que ha outros monumentos lusitano-romanos assim ornamentados com SS (ou anti-espiras), thema decorativo bastante commum na Gallia [3].

2. Sacerdotes e confrarias

Alem dos sacerdotes,

> Cura tibi divum effigies et templa tueri [4],

---

[1] Vid. o *Album* do mesmo, est. n.º 31 (no Museu Ethnologico).

[2] Agradeço ao meu illustre mestre, o Sr. Héron de Villefosse, o haver-me indicado o artigo do *Bulletin.* — Esta edicula vem tambem figurada em Flouest, *Deux stèles de laraire,* 1385, est. XVII.

[3] Cf. Déchelette, *Chronologie préhistorique de la Péninsule Ibérique,* 1909, p. 91.

[4] *Eneida,* VII, 443.

que mencionei a cima, a proposito de certos cultos [1] e cerimonias [2], e de outros cuja existencia só por hypothese poderá admittir se, temos menção especial de *pontifices* em uma inscripção mutilada da colonia de *Pax Iulia* [3], e certamente noutra, tambem mutilada, de Alcacer do Sal (*municipium Salaciense?*) [4], ambas ellas respectivas a individuos que eram ao mesmo tempo *flamines*. Assim como Roma possuia o seu *collegium pontificum* (cuja presidencia pertencia ao *póntifex maximus*) [5], assim tambem as provincias: aqui os *pontifices* «devaient figurer, dans les cérémonies officielles, processions, actions de grâces, jeux, etc., sans avoir de culte proprement dit à desservir. Les pontifes trouvaient dans les questions relatives aux sépultures, aux consécrations, etc., quelque aliment à leur activité» [6].

Se estiver bem lida uma inscripção de *Caesaróbriga* [7], mencionar-nos-ha ella um *(h)aruspex* lusitano-romano; Hübner põe-na porém em dúvida, pois no indice do *Corpus* marca o respectivo número com um asterisco [8]. Os haruspices tinham á sua conta várias funcções divinatorias [9], e praticavam, como veremos a p. 486, o enterramento do raio, na sua qualidade de *fulguratores*.

---

[1] Por exemplo, dos imperiaes e dos das divindades de origem oriental.

[2] Sacrificio na lapide de Frende (vid. p. 482).

[3] *Corpus*, II, 55.

[4] *O Arch. Port.*, I, 63.

[5] Vid., sobre este collegio, Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I, 281 sqq., 295 sqq.

[6] A. Bouché-Leclercq, *Manuel des institut. romaines*, Paris 1886, p. 555, n. 4. A *lex coloniae Genetivae Iuliae* (Betica), publicada no *Corpus*, II, 5439, dá minuciosas noticias, quer da corporação dos pontifices municipaes, quer da dos áugures, outro *collegium* muito importante: cf. Bouché-Leclercq, *loc. cit.*, pp. 554 e 555; e *Bulletin Hispanique*, X, 15.

[7] *Corpus*, II, 898.

[8] P. 1141.

[9] Marquardt, *Le culte*, II, 135–136.

Dos *cultores Larum* de *Olisipo,* e de um *sodalicium* bracarense fallei a pp. 292–293 e 461.

3. Actos e cerimonias

a) **Sacrificios e seus aprestos.**

Ha annos obtive na aldeia de Frende, concelho de Baião, uma placa de granito de $0^m,64 \times 0^m,46 \times 0^m,15$ de dimensões, em que se representa de modo rude o seguinte (com medio relêvo): um boi ou bezerro caminha para a direita do observador; ao lado esquerdo do animal um homem, vestido de roupagem curta, segura-lhe com a mão esquerda o galho direito, e toca-lhe na pansa com a outra mão; atrás segundo homem, vestido de roupagem mais comprida, e cortada de prégas, agarra na cauda do boi. — Junto do galho direito ha uma saliencia na pedra, que talvez denote falta de acabamento do trabalho. Vid. fig. 254.ª

Temos aqui manifestamente um *ex-voto* com a exposição do primeiro acto, ou preludio, de um sacrificio sangrento: conducção da víctima para o altar:

> .... ad .. templa feram sollemnia dona
> Et statuam ante aras.. iuvencum [1].

O personagem que segura o galho do boi é um dos *victimarii* ou acolitos dos sacrificios [2]; o que segura a cauda é o sacrificante, isto é, um sacerdote, um magistrado, ou um simples *pater-familias,* mas provavelmente sacerdote,

---

[1] *Eneida,* IX, 626 e 627.

[2] Nos monumentos romanos o *victimarius* apparece vestido de *limus*, especie de sáia curta, presa na cintura; da cinta para cima está nu. Vid. as respectivas figuras em Rich, *Dict. des antiq.*, s. v., e em Duruy, *Hist. des Romains,* II (1880), 283. No nosso monumento não se póde distinguir ao certo se o victimario está *succinctus*, ou não, — por causa da rudeza do trabalho. Se estivesse vestido da cinta para cima, como a espessura dos ombros o faz crer, isso seria devido ás condições barbaras da localidade.

porque creio que esta placa pertencia a um templo [1]. O rito de segurar o boi apparece tambem expresso em um vaso grego, descrito e figurado por Montfaucon [2]; além d'isso sabemos que elle existia no Egypto antigo [3], e na India [4].

Digo que esta placa pertencia a um templo pagão, porque a supponho relacionada com uns restos de friso de que fallei a p. 474 sqq., achados igualmente em Frende,

Fig. 254.ª — (Lapide de Frende. No museu Ethnologico. Vid. p. 482).

embora em um local um pouco afastado d'aquelle em que appareceu a placa. Esta estava numa casa, e os restos do friso numa capella que fica fóra da povoação, porém perto. É provavel que a placa fosse levada da capella para a povoação.

---

1 Cf. *Dict. des antiq.*, s. v. «sacrificium», p. 977, col. 1.ª

2 *Antiq. expliquée*, Suppl., III, 85.

3 *L'Anthropologie*, XV, 272.

4 J. Bédier, *Les fabliaux*, 2.ª ed., p. 216, nota 1.

*

Apresto importante para o acto do sacrificio era o altar ou *ara*. No decurso d'esta obra tenho muitas vezes fallado de aras, e apresentado desenhos de muitas; embora na totalidade ou na maior parte as considere emblematicas, ellas servem para nos darem ideia das verdadeiras aras sacrificiaes, que tinham geralmente maiores dimensões, como a que se vê, por exemplo, no templo de Apollo, em Pompeios. Do mesmo modo que em algumas moedas de *Emerita* se representa um templo (como vimos a p. 465), noutras representa-se uma *ara*, com a palavra PROVIDENT(*iae*) [1].

*

Se em honra das divindades se celebravam sacrificios sangrentos, como o de que ha pouco fallei, faziam-se tambem meras libações, isto é, cerimonias que consistiam em se derramarem sobre um altar liquidos não sangrentos, e outras substancias, mesmo solidas (frutos, sal, etc.), do que nos deu bello exemplo o monumento representado supra, nas figs. 231.ª a 234.ª — monumento de Sá, no Museu de Guimarães.

Para as libações servia a *pátera*, especie de prato ou taça, ás vezes com muita ornamentação, por exemplo a da Lameira, a que me referi supra, p. 397, nota 3; vid. a fig. 255.ª Páteras mais simples, tambem da Lameira: 256.ª e 257.ª [2]. Nas aras representam-se a cada passo páteras, quer em fórmas de disco, como as antecedentes, quer com cabo; vid. as figs. 245.ª e 246.ª

Outro instrumento de libações temo-lo no *simpulum*, colhér de cabo comprido, analoga ás nossas conchas da

---

[1] Cf. Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne* [*et du Portugal*], est. LXI e LXII.

[2] DO *Arch. Port.*, XIV, 45 e 47.

Fig. 255.ª — (Patera de prata da Lameira. Cf. p. 484).

sopa. Proveniente da mina da Càveira, concelho de Grandola, possue o Museu Ethnologico uma colhér de bronze d'este typo [1], a qual talvez se possa considerar apresto sacrificial: vae publicada, de tamanho natural, na fig. 258.ª [2]. O *simpulum* vê-se não raramente gravado nas moedas, com outros emblemas religiosos, por exemplo numa de *Liberalitas Iulia* ou *Ebora* [3].

Fig. 256. — (Pátera de prata da Lameira Cf. p. 484).

b) «Fulgur condere»

Quando o raio caía em um sitio [4], era necessario enterrar, ao som de rezas mysteriosas, todos os sinaes de lume por elle deixados, — ao que os Romanos chamavam *fulgur condere* «enterrar o raio». Isto nos primeiros tempos estava a cargo dos pontifices; depois ficou a cargo dos haruspices [5].

A sepultura do raio consistia em um *púteal,* monumento analogo a um poço com seu bocal, — tambem denominado *bidéntal,* por causa do sacrifi-

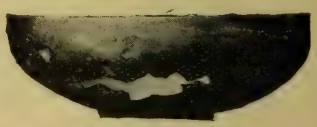


Fig. 257.ª — (Pátera da da prata da Lameira. Cf. p. 484).

---

[1] Offerecido pelo Sr. Harris, por intermedio do meu prestante amigo Dr. Manoel Matheus.

[2] Aguarella de Guilherme Gameiro.

[3] Vid. *O Arch. Port.*, VI, 82, e est. I.

[4] Suppunha-se que nunca se afundava mais de cinco pés: *nec umquam quinque altius pedibus descendit in terram,* — Plinio, *Nat. Hist.*, II, § 146.

[5] Marquardt, *Le culte,* I, 312-313.

cio, que então se fazia, de uma *bidens* (victima que tinha já completas as duas ordens dos dentes, i. é, adulta); no *pûteal* gravava-se uma inscripção attinente á cerimonia[1].

Fig. 258.ª — (*Simpulum* de Grandola, no Museu Ethnologico. Vid. p. 486).

Numa pedra do alpendre da sé de Braga encontra-se uma inscripção d'estas, a que já alludi supra, p. 227. Está incompleta, mas Hübner restitue-a assim, attribuindo-a ao anno 2, pouco mais ou menos, da era christã:

---

[1] Vid. sobre o assunto (alem do livro já citado de Marquardt): *Relig. u. Kultus der Röm.*, de Wissowa, p. 107; *Dict. des antiquités*, s. v. «fulgur», p. 1355.

CONDITVM · SVB.	*divo ex iussu*
IMP · CAESARIS .	*Augusti divi f.*
PATRIS · PATRI	*ae pontif. max.* [1].

Quer dizer em português: «Por ordem do imperador »Cesar Augusto, filho de um deus (i. é, do divino Cesar), »pae da patria, pontifice maximo, foi aqui enterrado um »raio, em campo descoberto». A pedra deve pois ter pertencido a um *púteal*.

Com quanto o costume do entêrro do raio proviesse dos Romanos, não ha dúvida que existiam na Lusitania excellentes disposições para a sua acceitação, por isso que com aquelle phenomeno electrico-atmospherico correlacionavam os nossos antepassados superstições várias, como vimos a p. 104 sqq. do vol. II da presente obra.

c) Juramento dos Aricienses

Segundo a prática dos Romanos, ao tomar Caligula as redeas do governo, na sua qualidade de «augusto», jurou-se lhe fidelidade em todo o imperio. Entre os documentos que attestam isso [2], occupa lugar de honra uma placa de bronze, quadrangular, do comprimento de 2,5 palmos, e da altura de mais de 1 palmo, achada em 1659 em Portugal, numa ribeira, «no districto de Alvega» (Abrantes) [3], e na qual se gravou em latim o juramento prestado ao imperador pelos habitantes de *Aritium Vetus*, cidade lusitano-romana que demorava por aquellas paragens [4].

---

[1] *Corpus*, II, 2421. Cf. *Exempla script. epigraph.*, pp. 70 e 72.

[2] Cf. Mommsen, *Le droit public rom.*, V, 56, n. 2.

[3] Jorge Cardoso, *Agiologio*, III (1666), 371.

[4] Cf. *Religiões*, II, 23. *Aritium* tinha o epitheto de *Vetus*, para se distinguir de outro *Aritium*, que figura no *Itinerario* de Antonino, p. 418, como estando na estrada de *Olisipo* para *Emerita*. O segundo *Aritium* tinha o epitheto de *Praetorium*, como quem dissesse em português «Aricio pretoriano» (ou «pretoriana», se se prefere dar á cidade o genero feminino,—materia em que os nossos classi-

Infelizmente, como acontece não raro aos nossos monumentos archeologicos mais selectos, a placa extraviou-se, e só ficaram cópias da inscripção, tomadas por Jorge Cardoso e por um viajante francês que a leu em casa d'aquelle: vid. *Corpus*, II, 172, onde Hübner reproduz criticamente o texto. Este tornou a ser reproduzido na *Ephem. Epigr.*, V, 155, numa dissertação de Mommsen, que lhe introduz algumas correcções, e o estuda, comparando-o com uma inscripção grega da cidade de Asso (Mysia) sobre o mesmo assunto.

Por causa da importancia religiosa (e magica) que os juramentos tinham para os antigos [1], como ainda, até certo ponto, tem para os modernos, entendo que o dos Aricienses, se é, como disse, documento historico de primeira ordem, é tambem documento hierologico de grande valor, embora haja fóra da Lusitania documentos semelhantes ou parecidos [2]; e por isso aqui o traduzo, conforme á lição adoptada por Mommsen. Já me referi a elle a p. 227. — Eis a traducção:

Sendo Caio Umidio Quadrato legado pro-pretor do imperador C. Cesar Germanico [3], proferiram os Aricienses o seguinte juramento [4]:

---

cos não são uniformes). Creio que este epitheto corresponde a *Iulia*, dado a *Pax* (vid. supra, p. 144), a *Augusta*, dado a *Bracara* (supra, p. 152), a *Imperatoria*, isto é, *Urbs imperatoria*, dado a *Salacia* (supra, p. 172), etc.; o que não sabemos é o nome do magistrado que concedeu o epitheto a *Aritium*. De no texto do juramento figurar, como veremos, um Caio Umidio, *legatus pro praetore* ou *praetorius*, não podemos concluir que fosse elle. — Quanto á supposição de que *Aritium Vetus* ficava propriamente em Alvega, ella não tem outro apoio senão o de Jorge Cardoso, quando diz que nesta aldeia se acharam muitos restos romanos: *ob. cit.*, p. 371.

[1] Cf. *Religiões*, II, 256 sqq.

[2] T. Livio, XXII, 53; Suetonio, *Caligula*, 15; e várias inscripções gregas, alem da da cidade de Asso. Vid. Mommsen, *Ephem. Epigr.*, V, 156-157.

[3] Na Lusitania (subentende-se).

[4] Entenda-se que falla agora cada Ariciense de per si.

Serei, — juro-o em minha consciencia [1], *— inimigo d'aquelles que eu souber que o são de Caio Cesar Germanico; e se porventura alguma pessoa causa ou causar damno á vida d'elle, não pararei de a perseguir, na terra e no mar, em guerra de morte, até que seja completamente castigada: nem me estimarei mais, a mim e a meus filhos, do que á vida d'elle; e considerarei inimigos meus os que o hostilizarem.*

Se de caso pensado eu falto ou faltar ao juramento, então Juppiter Optimo e Maximo, e o divino Augusto, e todos os outros deuses immortaes me privem da patria, da segurança pessoal, e de toda a boa sorte, a mim e a meus filhos.

Aos onze de Maio, na cidade velha de Aricio, no consulado de Gneo Acerronio Proculo, e Caio Petronio Nigrino... [2].

Vê-se que o texto consta de duas partes principaes: uma, o juramento propriamente dito; outra, uma *exsecratio* ou praga que os Aricienses rogam a si proprios e aos seus, para o caso de quebrarem a fé jurada, porque uma quebra d'estas era tida por gravemente offensiva da religião [3]. O número das divindades invocadas reforça a validade do juramento [4].

A placa, que apresentava quatro orificios, um em cada angulo, devia estar pregada em um edificio ou sitio público.

---

[1] O texto tem: *ex mei animi sententia, ut ego iis inimicus ero,* onde *ut* não ha-de entender-se como conjuncção integrante, mas como comparativa, por isso que o verbo está no indicativo (*ero*).

[2] Isto é, no anno de 37 da era christã, no proprio anno em que Caligula foi feito «augusto». — O texto latino tem a mais: *mag(istris) Vegeto Tallici, .. ibio .. arioni,* o que, por estar incompleto, não póde traduzir-se. Ha alli indicação de dois funccionarios locaes. — Menciona-se outro par de *magistri* no *Corpus*, II, 2636 (Asturias). Ibid., 2782, menciona-se um *magister flamen Romae et Augusti,* e em 3033 outro.

[3] Cf.: Wissowa, *Relig. u. Kult. der Röm.*, p. 325, e n. 4; Marquardt, *Le culte*, II, 156, n. 7.

[4] Cf. *Rev. Archéol.*, 4.ª serie, t. IX, p. 153, n. 2.

d) **Fundação de uma colonia.**

A fundação de uma colonia, como a de qualquer cidade, revestia caracter religioso (á maneira de tantos outros actos da vida antiga), pois se começava pela *inauguratio*, para se saber se os deuses permittiam ou não o que se desejava fazer. No caso affirmativo, ficavam asseguradas a santidade e inviolabilidade do lugar [1]. Depois o fundador ou presidente da colonia (*cónditor, curátor*), vestido conformemente ao modo gabino, no dizer de Servio [2], isto é, com a toga apanhada de maneira que lhe cobrisse a cabeça, jungia um boi e uma vacca, appunha-lhes um arado, e abria com elle um rego que marcasse o ambito e o fosso da nova povoação, devendo cair os torrões para o lado de dentro, a fim de designarem os muros; nos locaes onde haviam de ficar as portas, levantava por um momento o arado.

Esta scena acha-se explicita nas moedas de certas colonias [3], e entre ellas *Emerita:* vid. a fig. 256.ª, em que reproduzo uma moeda emeritense do Museu Ethnologico, que adquiri em Elvas.

Fig. 256.ª
(Moeda de *Emerita*, existente no Museu Ethnologico).

Factos analogos devem ter succedido por occasião da fundação ou estabelecimento das restantes colonias lusitanicas, *Pax Iulia*, e *Scallabis Praesidium Iulium*, em Portugal, *colonia Metellinensis*, e *Norba Caesarina*, na Hespanha; nada porém sabemos a tal respeito nem pelas moedas d'aquellas que as cunharam, nem por outros monumentos.

---

[1] *Dict. des antiq.*, s. vv. «colonia», pp. 1312 e 1314, e «inauguratio», p. 435. Sobre o assunto em geral, vid. Fustel de Coulanges, *La cité antique*, III, cap. IV.

[2] *Ad Aen.*, V, 755. Servio reproduz ahi um passo das *Origines* de Catão.

[3] Eckhel, *Doctrina num. veterum*, IV, 489.

4. Arte e religião.

Em todos os tempos a arte andou associada á religião, quer porque a primeira bebesse inspirações na segunda, quer porque esta procurasse apoiar-se naquella, para com maior firmeza actuar no espirito dos crentes, e deslumbrá-los ou aterrá-los, conforme as circumstancias.

Ha portanto dois casos: num d'elles a religião entra na obra d'arte como por incidente, é apenas um recurso ou um ornato; no outro a arte torna-se elemento essencial da religião, — pois como fazer sensivel ao povo o imperio de uma divindade, senão gravando-a, pintando-a, esculpindo-a, reproduzindo-lhe a voz por musica, imitando-lhe os gestos numa dança sagrada?

É evidente que eu na presente obra tinha de principalmente tratar do último caso; não ha porém dúvida que os artefactos de uso quotidiano que contém materia mythica ou religiosa podem invocar-se por vezes num trabalho como o meu: por isso aos que já a cima descrevi em varios lugares, aggregarei ainda alguns outros.

a) Mosaicos.

Em museus, ou ainda *in situ,* restam da epoca lusitano-romana muitos mosaicos, tanto em Portugal como na Hespanha.

Tinham os mosaicos diversas serventias: constituiam pavimentos e forravam paredes de casas particulares e de santuarios; revestiam piscinas; cobriam sepulturas. Nelles se representavam scenas de muitas especies, tiradas da Natureza, da vida ordinaria, e do mundo sobrenatural.

Além do mosaico de que publiquei supra, p. 177, a parte central, possue o Museu Ethnologico mais dois, que pelas razões invocadas estão no caso de se citarem aqui.

Um d'elles veio da mesma região que o anterior, pois appareceu perto de Leiria. Desenha-se ahi Orpheu a to-

car lyra, cercado de aves e quadrupedes, — thema conhecidissimo dos archeologos [1], e em grande voga não só

Fig. 257.ª — (Mosaico de Leiria).

[1] Cf. *O Arch. Port.*, v, 331. Ás indicações bibliographicas que ahi dei acêrca de mosaicos d'esta especie junte-se: *Recueil d'antiquités suisses*, do Barão de Bonstetten, Lausana 1867, est. XIV; *Bullet. dell' Istituto di corresp. archeologica*, 1840, p. 115; *Bulletin*

nos tres primeiros seculos do imperio, mas ainda depois da victoria do christianismo (Christo que attrae as almas) [1]. Este mosaico assemelha-se, pelo assunto, ao que se reproduziu n*O Arch. Port.*, VII, 316 (vid. fig. 257.ª), tambem achado perto de Leiria, e levado depois para fóra

Fig. 258.ª — (Mosaico existente no Museu Ethnologico).

de Portugal, onde hoje está. Orpheu, se não é propriamente um deus, e não passa de heroe e adivinho, recebeu, ao que parece, algumas honras divinas em lararios e em templos [2].

O segundo mosaico de que me cumpre fallar adquiri-o num antiquario lisbonense, que me informou que o julgava proveniente das ruinas de Aramenha (Portalegre). Mostra

---

Archéolog., Nov. de 1901, p. v; *Anzeiger f. schweiz. Altertum.*, nova serie, I, 11–13. — Em museus archeologicos estrangeiros tenho visto varios exemplares de mosaicos do typo que nos occupa, por ex. no de Estugarda (Stuttgart), Ruão, Lião de França, etc.

1 *Mem. des antiq. de France*, 1833, p. 320.

2 *Dict. des Antiquités*, s. v. «Orpheus», p. 242, col. 1.

a imagem de um hippocampo, animal fabuloso que já conhecemos d'esta obra, II, 294, de uma moeda de Salacia: fig. 258.ª Ao passo que o hippocampo se representa na moeda por causa do seu caracter marinho (symbolo das ondas do oceano comparaveis á fogosidade de um cavallo [1]) e da sua associação com as divindades salacienses de que fallei acima, p. 250 sqq., no nosso mosaico é puramente decorativo, o que igualmente acontece noutros de fóra de Portugal [2].

b) **Atlante canephoro.**

O bronze lusitano-romano cuja gravura constitue a fig. 259.ª appareceu no Fundão, e obtive-o ha annos [3]. Mede de altura 0m,148. Representa um homem nu, sem os pés; com as duas mãos segura á cabeça um cesto ou *calathus* cheio de cachos de uvas. Na parte superior do cesto ha um orificio, e nas costas da figura, ao nivel de uma das últimas vertebras lombares, uma protuberancia, que deve ser o resto de um appendice de suspensão.

Esta estatueta traz á lembrança as que os archeologos denominam *canephoras,* e que representam personagens, homens ou mulheres, embora geralmente mulheres, que figuravam nas festas religiosas levando á cabeça κάνεα «açafates», «gigas», com offerendas e instrumentos de sacrificio [4]. É propriamente um atlante, ou figura de apoio,

---

[1] Cf. *Lexikon* de Roscher, s. v. «Hippocamp», col. 2674.

[2] Hippocampo nos mosaicos de Pompeios e Constantina: *Lexikon* de Roscher, *loc. cit.*, p. 2676. — No Museu Ethnologico ha tambem mosaicos lusitano-romanos com figuras de peixes. Estes mosaicos pertencem a piscinas balneares algarvias (cf. *O Occidente,* v, 238 e 240). Os peixes nos mosaicos das piscinas servem para dar a illusão optica de que elles nadam quando a agua se move: cf. *Bullet. arch. du comité des trav. hist. et scient.*, Maio de 1904, p. IV.

[3] Consta-me que com elle appareceu um pedaço de louça aretina com inscripção; não o vi porém.

[4] *Dict. des Antiquités,* s. v. «canephorae».

Fig. 259.ª — (Atlante canephoro do Museu Ethnologico. Vid. p. 495).

e talvez pertencesse a um utensilio caseiro, como candelabro, ou outro [1], a julgar do orificio e appendice que apresenta; apesar de dimensões pequenas, e de ser de bronze, assemelha-se um pouco á estátua canephora da collecção de Farnese [2].

c) **Cabeças bifrontes.**

Vieram de Cacella (Algarve), e existem no Museu Ethnologico, os dois monumentos de que dou cópia nas figs. 260.ª e 261.ª [3]. Ambos são de marmore branco.

Fig. 260.ª
(Cabeça bifronte: no Museu Ethnologico

Na fig. 260.ª vemos duas cabeças unidas pelos occipicios, de homem barbado, e mulher, penteadas (rêgo ao meio da cabeça), diademadas, e coroadas de ramos e folhas de hera (*corymbus*). Altura 0^{m},18 a 0^{m},19.

Na fig. 261.ª vemos tambem duas cabeças, unidas entre si como as antecedentes, penteadas, de velho com bigode e barbas, e de mulher. A da mulher está muito esmurrada; a do velho apresenta-se cingida por uma coroa, ao parecer, de flores. Altura 0^{m},22 a 0^{m},23.

---

[1] Cf. *Dict. des Antiquités*, s. v. «atlantes», p. 525.

[2] *Répertoire de la statuaire*, de Salomon Reinach, I, 215; e *Dict. des Antiquités*, s. v. «calathus», p. 813.

[3] O primeiro foi descoberto por Teixeira de Aragão; o segundo por J. J. Judice dos Santos.

Estas cabeças bifrontes deviam encimar pilares ou esteios. Aos monumentos assim constituidos chamavam os

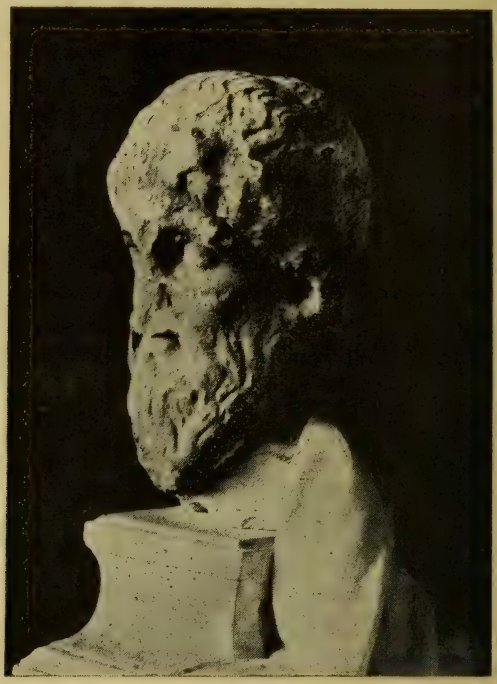


Fig 261.ª — (Cabeça bifronte do Museu Ethnologico).

Romanos *hermae*. Variam muito os personagens cujas cabeças ahi figuram: Baccho & Ariadna; um Satyro & uma Nympha; Fauno & Tutano; e mesmo philosophos [1].

---

[1] Cf. sobre o assunto: Montfaucon, *Antiquité expliquée*, II, est. 160-161; Duruy. *Hist. des Romains*, I, 620; *Museo Españ. de antig.*, VII, 578, e respectiva estampa; *Dict. des antiquités*, de Saglio & Daremberg, II, 894; e VII, 134, fig. 3820; Sogliano, *Monumenti Antichi* (da Academia *dei Lincei*), Milão 1908, vol. VIII, pp. 291-292 (Baccho & Ariadna da casa dos Vettios em Pompeios).—Nas salas do Museu de Napoles onde estão os frescos de Pompeios, e no 1.º andar, ha muitas de taes columnas bicipites; e ellas não faltam tambem noutros museus, por exemplo, no do Louvre, rés-do-chão, sala XXVI (igualmente Baccho & Ariadna).

De certo nos dá a fig. 260.ª uma representação de Baccho & Ariadna. Na fig. 261.ª temos provavelmente outro par divino; não posso porém dizer qual.

d) **Placa de marmore.**

A placa de marmore, de fórma rectangular, que represento na fig. 262.ª [1], segundo uma photographia deixada

Fig. 262.ª — (Placa de marmore do Algarve: face A).

por Estacio da Veiga, appareceu na Quinta da Torre d'Ares, antiga *Balsa* (Algarve). Pertence ao Sr. Sebastião Tello, de Tavira, mas existe d'ella no Museu Ethnologico uma reproducção de gesso, feita tambem por Estacio, a qual tem as seguintes dimensões: comprimento $0^{m},29$; altura $0^{m},21$; espessura maxima $0^{m},045$.

Esta placa está esculturada nas duas paginas: a uma cha-

[1] Já tambem publicada no *Occidente*, IV, 189, pelo Sr. Brito Rebello.

mo A, á outra B. Na pagina A vemos duas mascaras scenicas voltadas uma para a outra: de velho, com a barba dirigida para diante, e terminada em bico, e alem d'isso penteado, caindo para baixo duas tranças de cabello; de mulher, penteada de modo semelhante. Na pagina B vemos igualmente duas mascaras, dispostas como as antecedentes: uma de velho, igual em tudo á primeira; a outra de pessoa imberbe, e penteada.

Fig. 233.ª — (Placa de marmore do A'garve; face B).

Ha muitas placas analogas á nossa no Museu de Napoles, provindas de Pompeios: por exemplo n.os 6619, 6621, 6631, 6638 e 6639, junto do Corredor dos deuses; tem um furo, de alto a baixo, e giram num eixo. Maurice Albert consagrou aos monumentos d'esta especie um importante artigo na *Revue Archéologique*, Agosto–Novembro de 1881, e considera-os ornatos de porticos e de perystilios, especies de *oscilla* relacionados em certo modo com o culto de Baccho, que, se era deus do vinho, o era tambem do theatro, e tinha grande preponderancia nas crenças do Sul da Italia, d'onde o marmore balsense sem dúvida

veio [1]. Brito Rebello, artigo citado, diz que a placa se encontrou numa sepultura; sem negar isso, lembrarei (vid. supra, p. 180) que a cidade de Balsa possuiu um circo: não seria impossivel que a placa estivesse em connexão com elle.

e) **Ornatos corporaes.**

Encerrarei esta sub-secção mencionando dois artefactos de ornato corporal, — um bracelete e um anel.

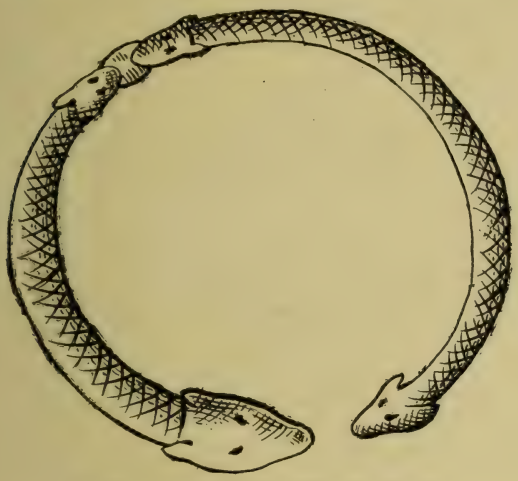


Fig. 261.ª — (Bracelete de S. Tiago do Cacem).

Do bracelete diz Cenaculo: «Em huma sepultura na er»dade do Raco (S. Tiago de Cacem) .. se achou o sym»bolo da eternidade, figurada na serpente circular de »bronze, ajustando não a cauda e cabeça, mas sim duas »cabeças, porque em vez de cauda repete segunda ca»beça, como sem fim. O ósculo nesta curva he nas cabe»ças, tendo principio sempre, e nunca remate, o que mais

[1] Acêrca dos *oscilla* vid. Bœtticher, *Der Baumkultus*, Berlim 1856, p. 80 sqq., e o *Dict. des Antiq.*, s. v. «oscillum», p. 257 sqq. Cf. Amelung, *Die Sculpturen des Vaticanischen Museums*, t. II, p. 710, e est. 79, n.º 440; e bem assim p. 108, est. 11, n.ºs 39g–39g.

»symboliza a eternidade, e d'este feitio vai a mostra na fi»gura» (264.ª Vid. *O Arch. Port.*, I, 338). A figura extráio-a do *Archivo Pittoresco*, XI, 168. — Como pondera o proprio Arcebispo, o typo desenhado no bracelete differe d'aquelle com que habitualmente se representava a eternidade ou perpetuidade: serpente que morde a cauda, como o sol, que depois de effectuar o seu curso, volta ao ponto d'onde partiu, — symbolo mithriaco [1].

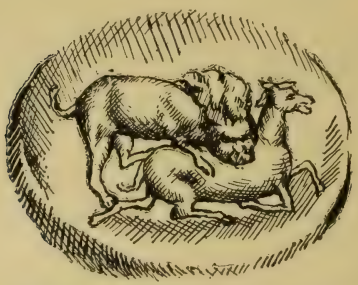


Fig. 265.ª — (Pedra de um anel de Beja

O anel creio que appareceu em Beja (*Pax Iulia*) ou arredores, e pertence á familia do fallecido Dr. Meneses. É de ouro, e tem como centro uma pedra em que se gravou um lião no acto de devorar um cavallo: fig. 265.ª (muito ampliada). Este typo iconographico veio do Oriente para o Occidente, variando porém muito o segundo animal, — ora cavallo, como aqui, ora touro [2], ora veado [3], etc.: parece que symboliza a morte, destruidora da vida, — pelo que serve muitas vezes de decoração funeraria [4].

5. Aras incertas, mutiladas, e anepigraphas

Infelizmente, nem todas as inscripções religiosas que nos restam da epoca lusitano-romana são de facil interpretação, e ha outras que só chegaram em fragmentos até nós. Alem d'isso possuimos várias aras anepigraphas,

---

[1] Cumont, *Textes et Monuments de Mithra*, I, 80, II, 208, e *Rev. Archéologique*, 1902, I, 5 e 3.

[2] Cumont, *Textes et Monuments de Mithra*, II, 439-440.

[3] Babelon, *Monn. de la République Rom.*, I, 468.

[4] Cf. H. Graillot, in *Mélanges Perrot*, 1903, 143-144; e *Westdeutsche Zeitschrift f. Geschichte u. Kunst*, XVI, 115.

que o são, ou porque, se tiveram inscripções, ellas eram pintadas, e apagaram-se com o tempo, ou porque representam dadivas de gente pobre, ou porque, finalmente, não passam de monumentos por acabar. D'aqui o ter eu de formar tres grupos.

a) **Aras incertas.**

Existe no Gabinete Numiamatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa uma árula de calcareo, de 0^{m},22 de altura, e de 0^{m},117 de largura na base, que vae reproduzida na fig. 266.ª Esta árula appareceu em Monte-Real (Leiria), ao pé de uma fonte mineral; a inscripção foi publicada no *Corpus,* II, 337, mas incompletamente. Na 2.ª e 3.ª linhas não deve ler-se *Frontonius,* porque falta espaço para O; o que póde admittir-se é que no fim da 2.ª linha houvesse um I, o que faz ler *Frontinius*, como leu Hübner, embora julgando que o I prolongava superiormente o T, o que não é verdade. No *Corpus* falta o S final da clausula. O sabio editor do *Corpus* interpretou a 1.ª letra da inscripção por *F(ortunae)* (vid. supra, p. 310); com igual direito se podia interpretar por *F(onti)* ou *F(ontanae),* ou ainda de outras maneiras. O que temos é: *F. s(acrum). Front(i)nius Avitus a(nimo) l(ibens) s(olvit).*

Fig. 266
(Árula de Leiria, na Bibliotheca Nacional de Lisboa).

Na fig. 267.ª reproduzo uma ara algarvia do Museu Ethnologico, cuja inscripção (letra do sec. II) vem no *Corpus,* II, 5138: S · S · D · VOTVM POSUIT ARAM PECVLIA(*ris*). Em cada um dos lados da ara ha uma escultura,

sem dúvida de caracter sacrificial: no da esquerda (com relação ao observador) uma cabra ou bode; no da direita um instrumento cortante, que, por ter dois gumes, se afasta do *culter* ordinario dos sacrificios, e se parece com a *secespita* [1]. A cabra póde dar a entender que a divindade a quem a inscripção se consagra tinha caracter sil-

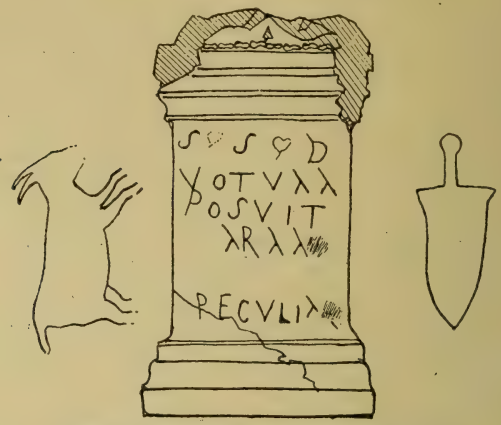


Fig. 267.ª — (Ara algarvia do Museu Ethnologico).

vestre ou campestre: em tal caso as tres primeiras siglas significarão *S(ilvano) s(ancto) d(omestico)* [2], ou *S(ilvano) s(ilvestri) D(ianae)* [3]; Hübner propusera *S(aluti) s(anctae)*

---

[1] Todavia, como se diz no *Dict. des antiquités*, s. v. «culter», p. 1584, nem sempre ha rigor artistico ao representarem-se nas aras os instrumentos de sacrificio: umas vezes figura-se ahi uma faca, outras um punhal, etc.

[2] Cf. *deo sancto Silvano domestico: Corpus*, III, 4433 (Pannonia). Acêrca do epitheto de *domesticus*, vid. Toutain, *Les cultes païens*, I, 261.

[3] Cf. *Corpus*, III, 1154: *Silvano silvestri et Dianae;* e o que diz Wissowa, *Relig. u. Kult. der Römer*, p. 202 (associação de Diana a Silvano). — Quanto a *sanctus* e *silvestris*, notarei que no Museu Ethnologico Português ha um pedaço de uma placa marmorea, que comprei em Roma, no qual se lê: D S SILV.. = *d(eo) s(ancto) Silv*[*ano*], vel *d(eo) s(ilvestri) Silv*[*ano*].

d(eae) [1]. Ainda que não conheço exemplos de sacrificios de cabras a Silvano ou a Diana [2], não haverá, me parece, grande reluctancia em o admittir. Em todo o caso, julguei mais prudente collocar a inscripção nas incertas.

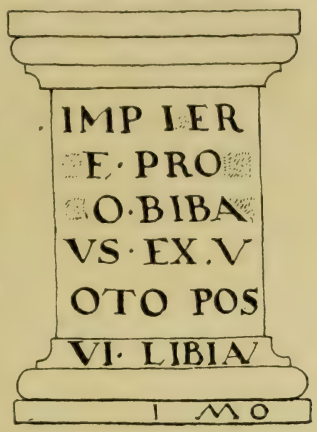


Fig. 268.ª
(De um ms. da Bibliotheca Nacional)

Do ms. A $\frac{6}{7}$ da Bibliotheca Nacional copio a fig. 268.ª A inscripção vem já no *Corpus*, II, 2475. Talvez as primeiras letras sejam *Nymphis*, como diz Hübner; mas a leitura é incerta.

Na capella da Senhora da Azinheira, em Outeiro Sêcco, concelho de Chaves, ha uma ara de granito, de $1^{m},14$ de altura, e de $0^{m},41$ de largura na cornija, a qual ara contém uma inscripção que transcrevo aqui ao lado, e que eu copiei lá em 1902 [3].

---

[1] Dúvida semelhante temos no *Corpus*, XII, 3131 (Gallia Narbonense): S · D · S · D = *S(ilvano) d(eo) s(ancto) d(omestico)*, ou *S(ilvano) d(e) s(uo) d(at)*.

[2] A cabra figura, por exemplo, nos cultos de Juno e de Véjovis (Preller, *Römische Myth.*, 4.ª ed., pp. 266 e 265), e sacrificaram-se 50 no *Forum* por occasião de prodigios (T. Livio, XLV, 16); o bode figura nos cultos de *Liber pater* e de Hermes (Marquardt, *Culte*, I, 208; Servio *ad Aen.*, VIII, 343; *Georg.*, II, 380–381: *Baccho caper omnibus aris || caeditur*). A Silvano sacrificavam os pastores e os aldeãos um carneiro (e um porco): Preller, *Römische Myth.*, I, 393.

[3] A ara nessa occasião formava pedestal a uma lamparina que a enchia de azeite e damnificava. Vendo eu tão pouco estimado um monumento de tal valor, obtive pelas vias competentes, e a trôco de um serviço que o Governo prestaria ao povo de Outeiro, que a ara fosse cedida ao Museu Ethnologico. Os maus fados intervieram porém no caso, e a ara, em vez de de vir tornar-se util aos estudiosos num estabelecimento scientifico central e nacional, por lá ficou a um canto da capella onde estava.

ERMAEEIÐ
VORIOOBEV
ENTVMBO
NVM CLADI
ATORIM N
ERIS ☿
CEXAEC
ṾSFVSCV
SXEX
VOTO

1. No D final está incluso um E. A 5.ª letra é sem duvida E.
5. Entre M e N ha uma depressão na pedra, que dá a illusão de um sulco obliquo, resto de V, mas não é nada; falta pois um V ali.
7. Ha espaço no princípio, que continúa da linha anterior.
8. Sobre V ha ⊥. No fim vê-se a primeira haste de um V.

As letras são elegantes, e nitidamente gravadas; altura 0^{m},04. Campo da inscripção: altura 0^{m},63.

Esta inscripção já vem no *Corpus,* II, 2473, com leves differenças; Hübner, suppondo errada a versão que teve presente, propôs a seguinte leitura: *Deo Marti victori ob eventum bonum gladiatori(i) muneris Ceraecius Fuscus ex voto.* As tres primeiras palavras não podem admittir-se de modo algum, embora eu não esteja no caso de as substituir pelas verdadeiras; quando muito, leria *Ermae* = *(H)ermae,* dativo de *Hermes,* a não querer ver-se nas quatorze letras duvidosas o dativo do nome de um deus barbaro da região. A primeira parte do nome do dedicante interpretou-a E. Hübner, como já vimos, por

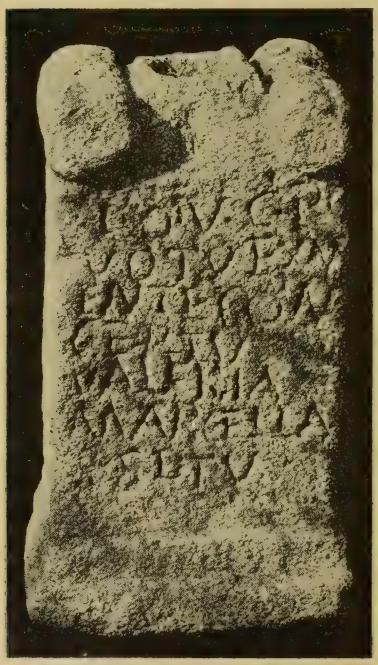


Fig. 269.ª — (Ara da Arrifana. Vid. p. 507).

Ceraecius, e habilmente, pois o mesmo personagem figura no *Corpus,* II, 4204, com todas as letras: *C(aio) Ceraecio Fusco, Aquif(aviensi), ex convent(u) Bracaraug(ustano), omnib(us) h(onoribus) in r(e) p(ublica) sua func(to).* Hübner dá a este personagem o titulo de «flamen da provincia da Hispania Citerior», mas não sei com que fundamento.

O meu illustre collega Dr. Aguiar Cardoso, da Villa da Feira, offereceu-me a photographia que reproduzo na fig. 269.ª, e que representa uma ara. Esta ara vi-a em sua casa em 1910: é de granito, e mede $0^{m},28$ de altura, $0^{m},15$ de largura no corpo, e $0^{m},09$ de espessura. Pertence a um seu amigo da Arrifana, onde creio que appareceu. A inscripção diz: *I. O. V. C. P. votum ex mente conceptu Valeria Marcella sltv.* As ultimas letras creio que significam *solutu(m)*, sem *-m*, como *conceptu* nas linhas 3–4, embora a syntaxe se não respeite, o que não admira em fórmulas d'estas, e em país barbaro; o que se esperava era, ou *solvit,* ou, com pleonasmo (nada estranho porém), *s(olvit) l(iben)t(er) v(otum).* Tambem, pelo que toca ao nome da divindade a quem a ara é dedicada, a inscripção apresenta embaraços; a não querer ver-se simplesmente IOV(*i*) nas tres primeiras letras, proponho a seguinte interpretação: *I(ovi) O(ptimo) V(ictori) C(onservatori) P(raestabili).* Em vez dos dois ultimos epithetos poderiamos tambem propôr outros com a mesma inicial, por exemplo: *C(ustodi), P(ropitio), P(raestiti),* etc., pois de todos se acham exemplos na epigraphia [1]. — Quem fazia um voto a uma divindade, exprimia-o por uma fórmula, ás vezes transcrita numa inscripção, ou concebia-o apenas mentalmente: do primeiro caso vimos amostras supra, pp. 210–212; do segundo temos agora aqui uma, e bem curiosa.

D'entre as antigualhas que se desenterraram do castro de Santa Luzia (Viana do Castello), avulta, ainda que

---

[1] Vid. *Corpus,* V, p. 1179; IX, p. 771; XIV, p. 565.

de dimensões pequenissimas, a árula de bronze que copio, em tamanho natural, na fig. 270.ª, extrahida d–*O Arch. Port.*, VIII, 21. Nesta árula ha tres letras, mas difficeis de interpretar. —D'ella possue uma reproducção metallica o Museu Ethnologico, por dádiva do Dr. Figueiredo da Guerra, conhecido archeologo vianense. O original está no lyceu de Viana [1].

*

Por memoria direi que, segundo o *Itinerario* de Antonino [2], p. 419, existiu uma cidade chamada *Ad septem aras,* entre *Matusaro* e *Budua,* no caminho de *Olisipo* para *Emerita,* isto é, na Lusitania meridional, a qual cidade os nossos antiquarios, guiados porém só por mera consonancia, collocaram em Assumar. É possivel que *aras* esteja aqui na sua significação propria (cf. *arae Sestianae,* supra, p. 478); mas, visto que a palavra tinha tambem significações metaphoricas, e o Alemtejo abundava outr'ora, como ainda hoje, de dolmens ou antas, julgo muito provavel que *Ad septem aras* não se refira a «aras» propriamente ditas, e sim àquelles monumentos prehistoricos, os quaes os Romanos podiam comparar a altares, como depois cá se fez, em lingoa portuguesa (por ex. *Mamaltar* = mama «mamôa» do altar), em França (por ex. *Les Autels*), na Allemanha (por ex. *Teufelsaltäre* «altares do Diabo») [3]. Em tal caso *Ad septem aras* significaria ao pé das sete antas. Notavel,

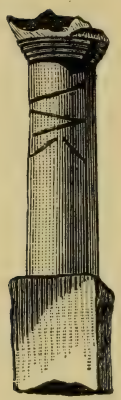


Fig. 270.ª (Arula de bronze de Viana do Castello).

---

[1] No cit. lugar d–*O Arch. Port.* mencionei algumas arulas de breves dimensões, e disse que a de Viana era a menor que eu conhecia; já depois de escrito isso, vi em Madrid, em 1905, em poder do Sr. D. Antonio Vives, uma de calcareo, anepigrapha, de uns 3 centimetros de altura, e 2 de largura na base: rarissimo ex-voto!

[2] Amsterdam 1735.

[3] *Religiões*, I, 251, e nota 3.

e ao mesmo tempo um tanto confirmativa do que digo, é a intervenção do número «sete», tão preponderante nas lendas e tradições populares.

b) Aras mutiladas (de pedra)

A ara que reproduzo na fig. 271.ª é do Algarve [1], e existe no Museu Ethnologico. Continha uma inscripção a uma divindade, mas a primeira parte foi picada, e substituida, em epoca já portuguesa, por outra latina que se fez ligar com o resto. O desenho deixa ver bem isso. É antigo: .. *sus ex voto animo libens posuit;* é moderno: *his Alfon-*. Hübner attribue o monumento ao fim do sec. II ou inicios do III.

Fig. 271.ª
(Ara mutilada do Algarve no Museu Ethnologico).

Outros monumentos de pedra existentes no Museu Ethnologico:

—Ara, tambem do Algarve, com inscripção que diz: .. N || .. AVG... || SPERATVS.. || BALS DIS || ANIMO LI || POS (algumas das letras estão incompletas). Hübner, *Corpus*, II, 5164, leu [*Apol*]*lin*[*i*] na 1.ª linha, mas, como já ponderei a p. 234, a palavra não cabia no respectivo espaço. A inscripção pertence, segundo o mesmo epigraphista, ao sec. II. —A 4.ª linha significa *Bals*(*ensis*) *dispensator* [2].

—Fragmento de ara, de Idanha-a-Velha, com restos de inscripção, já publicados n*O Arch. Port.*, XIV, 176,

---

[1] A salvação d'este monumento e do seguinte deve-se ao benemerito Estacio da Veiga.

[2] Os *dispensatores* «despenseiros» eram *servi ordinarii*, e ás vezes gozavam de grande importancia. Havia não só *dispensatores* de casas particulares e da casa imperial, mas de terras, como aqui. Vid. Daremberg & Saglio, *Dict. des antiq.*, s. v.

pelo Dr. Felix Alves Pereira, que foi quem obteve a pedra para o Museu. Nesta inscripção ha uma palavra importante: IGAED(*itanus*). O mais é incerto.

--Segundo fragmento de uma ara igeditaniense, obtido pelo mesmo investigador, e por elle publicado n*O Arch.*, XIV, 196. Diz: .. *Flaus*[1], *Surae lib(ertus), m(erito) l(ibens) v(otum) s(olvit).*

Varios fragmentos gallegos: no *Corpus,* II, 2531 e 2532; no *Boletín* de Orense, I, 25, 27, e 373 (bis).

c) **Aras anepigraphas.**

Fig. 272.ª
(Ara anepigrapha de Sinfães, no Museu Ethnologico).

Além das aras anepigraphas do santuario de Endovellico, de que fallei nesta obra, II, 136, tenho conhecimento de mais tres: uma, de Viana do Alemtejo, reproduzida n*O Arch.*, IX, 280, e hoje no Museu Ethnologico; outra, de S. Christovam de Nogueira, concelho de Sinfães, tambem no mesmo Museu, por dadiva do meu amigo Cochofel Montenegro; outra, de uma quinta ao pé de Mertola, pertencente ao Dr. Fabricio de Campos Pessanha, que já m'a prometteu.

Na fig. 272.ª reproduzo a de Sinfães. É de granito, e mede 0^{m},44 a 0^{m},46 de altura, 0^{m},22 de largura maxima, e 0^{m},175 de espessura.

6. Estelas do monte da Saia.

As estelas de que vou fallar são de granito, e pertencem ao Museu de Guimarães. Já as publiquei n-*O Arch.*, XII, 280, e de lá as reproduzo nas figs. 273.ª e 374.ª

[1] Cf. Carnoy, *Le latin d'Espagne* [et de Portugal], 2.ª ed., pp. 122-127.

Appareceram no sitio do Forno dos Mouros, numa encosta do Monte da Saia, concelho de Barcellos.

Em cada uma das estelas se representa um nicho, curvo em cima. No da fig. 273.ª abriga-se um personagem

Figs. 273.ª e 274.ª — (Estelas da Saia, no Museu Ethnologico).

de pé, vestido de tunica; tem o braço direito em flexão, e com a mão esquerda segura o galho de um touro, de que só porém se distingue a cabeça, vista de frente, e parece que as pernas (assim interpreto os lavores que se notam na pedra). No da fig. 274.ª abriga-se outro personagem de tunica, as pregas da qual são bem claras; o rosto do personagem é comprido, o cabello ou toucado cae para os lados; o braço direito está em flexão, e a mão segura um objecto indecifravel, que se confunde com o ombro es-

querdo. Altura das duas estelas pouco mais de 1 metro; largura uns 4 a 5 decimetros; espessura uns 2 decimetros Provavelmente estas duas estelas são ex-votos, tanto mais que Martins Sarmento diz que faziam parte de um monumento, que elle correlaciona com o culto das aguas [1].

7. Estatueta de Balsa.

Possue o Museu Ethnologico um marmore que se vê desenhado na fig. 275.ª, e mede de altura $0^{m},42$, — apparecido na Quinta das Antas, contigua á da Torre de Ares, na região de *Balsa* (Algarve). Foi offerecido a Estacio da Veiga, por cuja morte passou para o Museu Ethnologico. Representa uma mulher de pé numa base de $0^{m},14$ de maior diametro, inteiriça com o corpo d'aquella. A mulher veste roupagem commum, apanhada na cintura, e cheia de pregas longitudinaes, a qual cae pesadamente, e a cobre toda, excepto nos pés. Estes estão calçados, e o esquerdo pousa numa barquinha, o que faz que o respectivo joelho sobresáia. Falta a cabeça, e grande parte dos membros superiores. Os seios avultam por baixo da roupagem. Do ombro direito passa para o sobaco esquerdo, ao tiracollo, uma especie de faxa, de que talvez pendesse alguma cousa que já não existe agora.

Ha certas deusas romanas que se figuram muitas vezes ou junto de uma barca, ou com um pé pousado na proa, por exemplo, uma *Fortuna* de Londres [2], a *Victoria* em moedas de Augusto e Vespasiano [3], a *Venus de Euploea* do Museu do Louvre [4]; não ouso porém assimilar a ne-

---

[1] *Relatorio* da expedição da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella, Lisboa 1883, p. 14 e nota.

[2] Cumont, *Textes et mon. de Mithra*, II, 390.

[3] Babelon, *Monn. de la république*, II, 64; Cohen, *Monn. de l'empire*, I, 331, n.º 496. — E vid. exemplos semelhantes em Rasche, *Lexic. univ. rei numariae*, s. v. «prora».

[4] Sala XXVI.

nhuma d'ellas a nossa estatueta, apesar de me parecer que não se lhe póde negar caracter religioso, motivo pelo qual a inclui na presente sub-secção.

Fig. 275.ª — (Estatueta de Balsa, no Museu Ethnologico).

8. Figuras de animaes

a) Touros de Beja.

Ao fallar de Beja ou *Pax Iulia,* diz Fr. Amador Arraiz que a cidade «foi distincta com divisas de cabeças de »bois de marmores, lavradas per gentil arte»; e quanto á significação, accrescenta: «a causa póde ser, porque »o boi vive em perpetuos trabalhos, e com elle se cultiva »a terra felice, qual he a do seu termo» [1]. Creio que é esta a mais antiga noticia que dos célebres toiros de Beja se encontra em auctor português. André de Resende, quando se refere aos monumentos que no seu tempo havia na mesma cidade, menciona tambem *taurorum capita decem* [2] «dez cabeças de toiros». A Cenaculo, que tanto quis ás vèlharias do seu bispado, não podiam escapar os referidos monumentos, e por isso na obra manuscrita, que nos deixou, intitulada *Sisenando,* se lê o seguinte: «muitas cabe»ças de toiro, que ainda na cidade se conservão .. Mo»dernamente se descobriu uma cabeça de toiro, affeiçoada »para ter assento em ara, com parecença quasi humana, »e furada no alto, ou para grinalda, ou para suster a gal»linha fatidica»; o bispo correlaciona os toiros com os cultos orientaes (boi Apis, mãe dos deuses, taurobolio) [3]. Outros autores trataram do assunto, tanto nacionaes como estrangeiros. Não podendo, nem pretendendo, enumerá-los todos, encerrarei a presente noticia litteraria com um extracto do *Diario* de Bayer (sec. XVIII): «De estas cabezas »hai varias em algunos parages de la ciudad: en la torre »de Santa Maria; dos de tras de la yglecia (*sic*) de San »Juan, y una en la calle que llaman *del Toro* en que se »vee parte del cuello y de los brazos. Yo conté hasta

---

[1] *Dialogos,* 3.º, cap. 5 (1.ª ed., 1589).

[2] *De Antiquitatibus Lusitaniae,* lib. IV, fol. 208 da 1.ª ed. (1593, Evora).

[3] Vid. *O Arch. Port.,* I, 342-343.

»seis ó más, y hago memoria de que Ambrosio de Mo-»rales [1513–1591] trata de estos toros de Beja, y hace »algunas congeturas sobre su significado» [1].

O nome de *Rua do Touro,* de que falla Bayer, ainda perdura hoje, e tanta importancia se ligou ao animal, que até ennobrece as armas da cidade, e já ha muito [2].

Actualmente existem cinco cabeças: uma no Museu Municipal, provinda dos antigos paços do concelho; duas na traseira da igreja de S. João; uma na torre da igreja de Santa Maria; outra num baluarte da muralha, ao sudoeste da cidade. Além d'estas via-se mais uma ha annos (e eu a vi lá tambem) na cêrca do Paço episcopal; ignoro qual o destino que lhe deram. — A da rua do Touro informa-me o Sr. J. de Vargas, conservador do Museu bejense, que mais de uma vez ouvíra dizer que, ao modificarem a casa em cuja parede ella estava, a metteram no alicerce d'esta!

De todas as cabeças precedentes obtive desenhos, menos da do baluarte. Aqui os reproduzo nas seguintes figuras:

Fig. 276.ª, do Museu Municipal (mede de alto $0^{m},46$);

Fig. 277.ª, da torre de Santa Maria;

Figs. 278.ª e 279.ª, da igreja de S. João;

Fig. 280.ª, da cêrca do Paço Episcopal. O desenho que serviu para fazer esta gravura foi-me enviado pelo fallecido bispo D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, e creio que corresponde ao da est. n.º 123 do *Sisenando* de Cenaculo, de que fallei a cima, e que se guarda na Bibliotheca de Evora; em todo o caso um d'elles não está muito exacto.

As cabeças marmoreas de Beja parece que nunca fizeram parte integrante de corpos: devemos pois chamar-lhes

---

[1] Este extracto (ms.) acha-se na Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa, G–5, E. 14, n.º 126.

[2] Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa,* II (1708), 466.

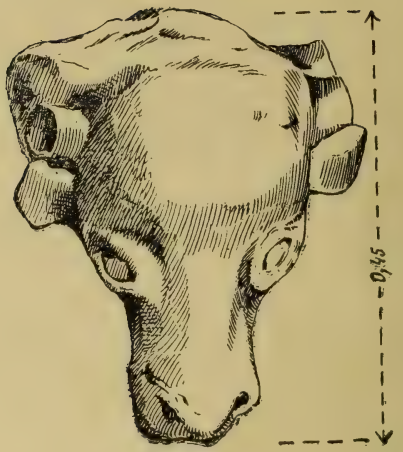


Fig. 276.ª

Fig. 277.ª

Cabeças de toiros de *Pax Iulia*. Vid. p. 514.

Fig. 278.ª

Fig. 279.ª

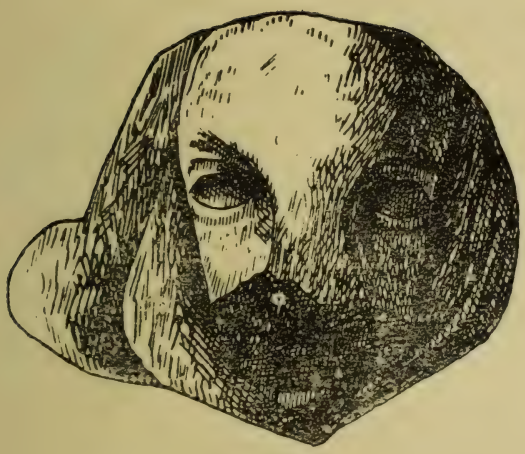


Fig. 280.ª

Cabeças de toiros de *Pax Julia*. Vid. p. 514.

propriamente bucranios. Tenho-as por ex-votos, em certo modo comparaveis ás de Costig (Malhorca), ainda que estas são pre-romanas e de bronze [1], ao passo que as bejenses são

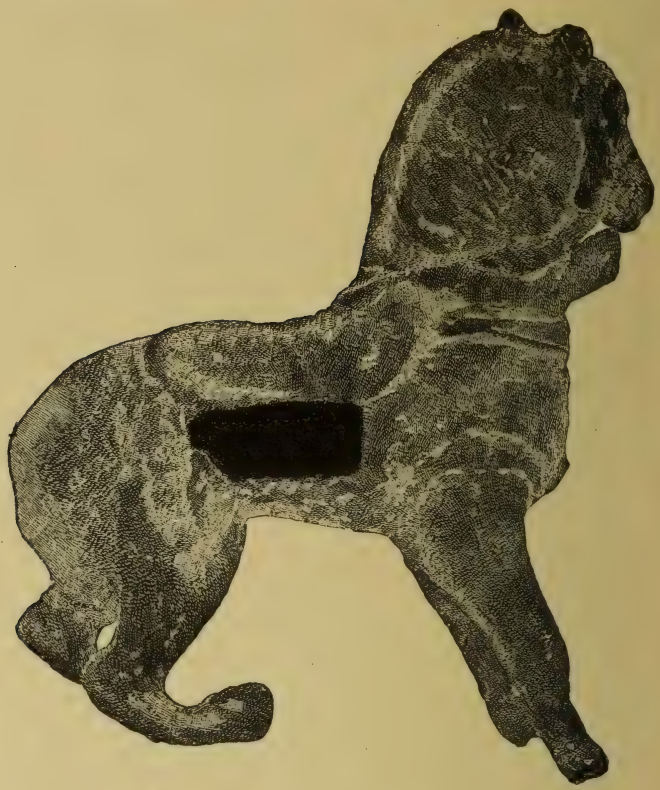


Fig. 281.ª — (Insignia militar de bronze. Vid. p. 519).

de pedra, e, como creio, da epoca romana. Talvez a Cenaculo assista razão, quando as suppõe relacionadas com os cultos orientaes. Em Portugal, sempre que apparece uma antiga figura bovina, todos costumam logo fallar em

---

1 Vid.: P. Paris na *Rev. Archéolog.*, 3.ª serie, t. xxx, pp. 149-150; e A. Vives, na *Revista de archivos*, 3.ª epoca, anno xiv (1910), p. 406 sqq.

«boi Apis», com motivo ou sem elle: no caso presente fallar-se-ha com motivo, porque em *Pax Iulia,* como vimos a p. 344, houve effectivamente um santuario de Serapis [1].

b) **Insignia militar.**

Por ter sido achado nos trabalhos antigos da mina de S. Domingos, concelho de Mertola, represento na fig. 281.ª (tamanho natural) um cavallinho de bronze da epoca romana, embora de fábrica iberica, o qual póde com muita probabilidade, como já fez Borges de Figueiredo, considerar-se insignia militar [2]. A mina de S. Domingos está em territorio que pertencia á Betica, e não á Lusitania; mas já me expliquei a este respeito no vol. I, p. XXIV.

O cavallinho, pela sua significação, relaciona-se com o touro que representei no vol. II da presente obra, fig. 58.ª (p. 288); e já a proposito d'este fallei do caracter religioso das insignias militares [3].

c) **Factos varios.**

1. No *Occidente,* IV, 191, col. 2, diz Brito Rebello que na Quinta da Torre d'Ares, antiga *Balsa,* apparecêra numa sepultura uma «serpente de chumbo». Esta serpente, a não se ter perdido, deve estar em poder do actual dono da Quinta, o Sr. Sebastião Tello, em cuja casa a vi ha annos. Teremos aqui a representação de um *Genius?*

---

[1] Acêrca da importancia cultual do *boi Apis* vid. o *Lexikon* de Roscher, s. v. «Sarapis», col. 378-379. Em Dessau, *Inscriptiones Latinae selectae,* n.º 4396, vem uma inscripção consagrada a *J(uppiter)-O(ptimus)-M(aximus)-Sol-Sarapis,* e lavrada numa pedra em cujo lado direito se esculpiu um touro preparado para o sacrificio: isto confirma o que digo no texto.

[2] *Rev. Archeologica,* III, 113 sqq., d'onde extráio o meu desenho.

[3] Vid. mais: A. J. Reinach in *Dict. des Antiquités,* s. v. «signa militaria»; e J. Toutain, *Études de Mythologie,* Paris 1909, p. 56 sqq., onde analysa um trabalho de Renel (*Cultes militaires: les Enseignes,* 1903).

Fig. 282.ª
(Serpente de bronze algarvia, existente no Museu Ethnologico).

É sabido que para os Romanos o *Genius loci* se symbolizava numa serpente [1].

Se não fosse o dizer Estacio da Veiga que a serpente de bronze que reproduzo de tamanho natural na fig. 282.ª, achada em Ferragudo (Portimão), apparecêra «sob um solo de formigão e num plano muito inferior ao do assentamento dos edificios romanos», motivo pelo qual elle a considera protohistorica, eu compara-la-hia afoitamente àquella de que acabo de fallar; em todo o caso não quis furtar-me ao desejo de aqui a reproduzir [2].

2. No Museu do rei D. Fernando II, no Paço das Necessidades, havia uma figurinha de bronze que representava um boi, mas não possuo desenho, nem sei onde pára, posto que Oliveira Martins, a meu pedido, fizesse que ella não entrasse no leilão que se fez do espolio real. Sería monumento religioso?

---

[1] Marquardt, *Le culte chez les Romains*, II, 393; Preller, *Römische Mythologie*, 3.ª ed., I, 87, e II, 196.

[2] Esta serpente, que foi salva pelo fallecido antiquario J. J. Judice dos Santos, está hoje no Museu Ethnologico.

3. Fallando de Troia de Setubal, diz André de Rèsende que ahi se via no seu tempo uma cabeça de carneiro, de gallhos retorcidos, feita de marmore, e elegantissimamente [1]; o pae da nossa Archeologia inclina-se a julgá-la de Juppiter Hammon, mas com que fundamento? — Já no capitulo consagrado á «Arte e religião» fallei de outras figuras de animaes. Acêrca da Esphinge vid. o capitulo seguinte.

9. Esphinge

Por interferencia do Sr. Augusto Ernesto Teixeira de Aragão, obtive para o Museu Ethnologico dois fragmentos de uma Esphinge de pedra, encontrados na herdade do Saragaçal, frèguesia de Santa Cruz, concelho de S. Tiago de Cacem, conjuntamente com meia mó manuaria, d'estas que costumam apparecer nas estações lusitano-romanas. Os dois fragmentos vão representados na fig. 283.ª (photographia); na fig. 284.ª tenta-se uma restauração do monumento [2], onde os pontos indicam as principaes falhas d'este. Vê-se que do animal resta a parte anterior do corpo, com as asas e os seios, mas sem as pernas e sem a cabeça; da parte posterior restam as ancas com a cauda, faltando as pernas. O comprimento do fragmento anterior é $0^m,44$; o do outro é $0^m,37$.

A Esphinge gozava de grande importancia nas crenças sobrenaturaes e na arte dos antigos. Muitos exemplares d'ella nos restam do Egypto, da Asia, da Iberia, da Grecia, e de Roma [3]; e ainda agora, pelo que toca á arte, não perdeu de todo o seu prestígio, pois de vez em quando se nos depara, como producto de inspiração moderna, adornando palacios, jardins e galerias.

---

[1] *De antiquitatibus Lusitaniae,* Evora 1593, p. 197.

[2] Desenho do Sr. Eduardo Romero.

[3] Vid. G. Nicole no *Dict. des Antiquités,* s. v. «Sphinx», p. 1431 sqq. Sobre a Esphinge iberica e outros monstros, vid. P. Paris, *Essai sur l'art,* I, 117 sqq.

Nos Romanos, que são o povo que mais de perto me importa considerar, tinha ella caracter apotrópio, isto é, servia para livrar de maleficio, combatendo-o, os locaes em que estava: por isso a achamos esculpida nos sarco-

Fig. 283.ª — (Fragmento de uma Esphinge de S. Tiago do Cacem no Museu Ethnologico).

phagos, e figurada noutras circumstancias, a par com o *gorgóneum,* ou cabeça de Medusa [1].

Todavia, como as concepções magico-religiosas se tornam por vezes themas artisticos, nem sempre, quando a Esphinge surge entre os monumentos archaicos, é possivel dizer ao certo qual o intuito de quem a esculpiu ou

---

[1] Altmann, *Die römischen Grabaltäre,* p. 230–231; Macchioro, *Simbolismo,* p. 102; *Dict. des antiquités,* s. v. «amuletum». p. 256, col. 2.ª, e s. v. «sepulcrum», p. 1235; e cf. o art. «Sphinx», p. 1438.

gravou [1]. Nessas circumstancias está de certo o fragmentado monumento de S. Tiago de Cacem, que é provavel

Fig. 284.ª — (Restauração theorica da Esphinge da fig. 283.ª).

que, com outro que existiria, mas que não chegou até nós, pousasse á entrada de uma *villa* ou de uma casa.

*

Consta-me que nas excavações a que actualmente se procede no theatro romano de Mérida se encontrou parte

[1] Cf. Altmann, *loc. citato.*

de uma cadeira de marmore em que se esculpira tambem uma Esphinge. — Tem cabimento aqui as considerações antecedentes.

10. Amuletos

D'entre os diversos typos de amuletos que os Romanos usavam [1], posso citar cinco como conhecidos da nossa Archeologia, e d'elles vou fallar.

1) «*Bulla*».

As bullas não eram propriamente amuletos, mas receptaculos de metal ou de coiro em que elles andavam (*praebia*): ahi se continham, por exemplo, folhas de prata com fórmulas magicas. Faziam ás vezes parte dos *crepundia,* ou, como hoje se diz na Extremadura, entre o povo, «arreliques»: as crianças, por causa do quebranto, etc., traziam-nas ao pescoço, no punho, ou ao peito, desde o 9.º dia do nascimento até aquelle em que recebiam a *toga virilis* [2]. Neste dia as *bullas* consagravam-se aos Lares [3]. Havia tambem circumstancias em que os proprios adultos as punham [4].

---

[1] Vid. sobre o assunto: «amuletum» no *Dict. des antiquités,* e na *Real Encycl. der class. Altertumsk.*; um artigo de Wünsch com o mesmo titulo na *Glotta,* II, 219 sqq.; Marquardt, *Le culte,* I, 129 e 132; Seligmann, *Der böse Blick,* Berlim, 1910, 2 vols., capp. VIII e IX. Trabalho já antigo, mas fundamental, é o de Jahn: *Ueber den Aberglauben des bösen Blicks bei den Alten,* publicado nos *Berichte über Verhand. der könig. sächs. Gesellschaft der Wiss. zu Leipzig,* Philolog.-hist. Classe, 1855, p. 28 sqq. — Eis aqui um exemplo da accepção em que os Romanos do tempo de Plinio tomavam a palavra *amuletum* «preservativo magico»: aquelle auctor, *Nat. Hist.,* XXIX, 83 (ed. de Mayhoff), ao fallar do morcego, diz que *si ter circumlatus domui vivus [su]per fenestram inverso capite adfigatur, amuletum esse.*

[2] Preller, *Römische Mythologie,* 3.ª ed., II, 210; Marquardt, *La vie privée des Rom.,* I, 100; Duruy, *Hist. des Rom.,* I, 83.

[3] Marquardt, *Le culte,* I, 154, n. 3.

[4] Marquardt, *Vie privée,* loc. citato.

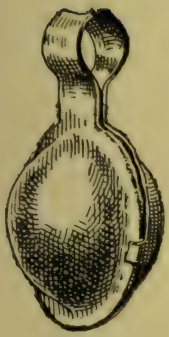


Fig. 285.ª

Fig. 286.ª

Fig. 287.ª

Fig. 288.ª

Fig. 289.ª

Fig. 290.ª

Amuletos usitano-romanos (Vide p. 524 e 526 sqq.).

Na fig. 285.[a] represento uma bulla de bronze do Museu Ethnologico, encontrada por Estacio da Veiga na Quinta da Torre d'Ares, séde da antiga *Balsa,* e manancial inexgotavel de antigualhas lusitano-romanas. É uma especie de medalhinha constituida por uma lamina estreita que se dobrou ao meio, formando a dobra uma especie de anel de suspensão, mais estreito que o resto, e expandindo-se as extremidades hemispherícamente de cada lado, o que produziu um bojo. Entre o bojo e o anel ha um collo da mesma largura d'este. A bulla abre-se pois lateralmente, em todo o comprimento, como se fosse uma pinça; para se manter fechada, existe num dos bordos do bojo uma unha que segura o outro [1].

Analoga a esta, embora menor, mas mais artistica no anel e nos bordos, possue o referido Museu uma de ouro, proveniente de uma sepultura do Pombalinho (Santarem): obtive-a do espolio do fallecido Major Figueiredo, e é a mesma a que me referi supra, p. 396, nota 7. Devemos entender que ella, por ser de ouro, pertenceria originariamente a uma criança nobre e rica [2].

Tenho noticia de outras bullas lusitano-romanas, mas não é necessario dar aqui mais indicações [3].

2) «*Fascinum*».

Fascinum em latim significa não só «quebranto», mas tambem concretamente *veretrum* ou *phallus,* visto que este era tido pelos antigos como um dos mais poderosos meios de combater aquelle: por isso ha muitos amuletos com

---

1 Vid. figuras analogas em Montfaucon, *L'antiquité expliquée,* t. III, est. 37 (texto a p. 68 sqq.), e no *Dict. des antiquités,* s. v. «bulla», p. 755.

2 Marquardt, *La vie privée,* I, 102.

3 Cf. comtudo *Real-Encyclopädie,* de Pauly & Wissowa, s. v. «bulla», col. 1050 (ahi se falla de uma *bulla* que appareceu em Portugal numa urna cineraria, e tinha como adôrno uma pedra gravada).

fórma phallica [1]. Umas vezes os amuletos são simples, outras complexos, como se vê do que vou dizer:

a) *Phallus cum testiculis*, fig. 286.ª, achado nos Arrifes, frèguesia de Cacella (Algarve), hoje no Museu Ethnologico [2].

Fig. 291.ª — Amuleto lusitano-romano

b) Outro do mesmo typo, fig. 287.ª, achado numa quinta ao pé de Beja, e hoje no Museu d'esta cidade [3];

c) Amuleto em que se representa, de um lado um *phallus*, e do outro uma figa grosseiramente esboçada, ou uma mão aberta (quatro dedos), fig. 288.ª, — achado, segundo creio, na Torre d'Ares, e ora no Museu Ethnologico [4];

d) Outro, semelhante ao antecedente, fig. 289.ª, achado num campo ao pé de Elvas [5];

---

[1] Vid.: o *Lexicon* de Forcellini, e o *Dict. des antiquités*, um e outro s. v. «fascinum»; e Jahn, art. cit., pp. 73 e 79.

[2] Este amuleto foi-me offerecido pelo Sr. Antonio Madeira.

[3] Informação do Sr. José de Vargas, conservador do Museu.

[4] Obtido por Estacio da Veiga.

[5] Em Junho de 1902. Foi um trabalhador que o achou, e o vendeu a um ourives. D'este o obteve o Dr. Tierno, que hoje o possue. — Informação do meu amigo Antonio Thomás Pires, que ao mesmo tempo me enviou um desenho.

e) Amuleto, que tem de um lado um braço cuja mão fórma figa, do outro um *phallus,* e adiante outra vez uma imagem d'este *cum scroto pubeque,* fig 290.ª, — achado numa mina de antimonio e cobre no sitio de Sobral, frèguesia de Alvarenga (Arouca), e agora depositado no Museu Ethnologico [1];

f) Finalmente outro bastante semelhante a *e,* fig. 291.ª, achado na mina de S. Domingos (Mertola) [2].

Fig. 292.ª — (Amuleto lusitano-romano. Vid. p. 529).

Todos os seis amuletos tem argola de suspensão, maiores ou menores, como se vê das figuras (tamanho natural). O amuleto *d* é de ouro; os amuletos *a, b, c, e* são de bronze; o amuleto *f* creio que tambem é de bronze. Borges de Figueiredo, ao descrever o último no artigo citado, diz na nota 6 que talvez a grandeza da argola não seja casual, mas propositada (com intuito magico), e que a disposição total do amuleto dá a idéa de meia-lua. Os amuletos *c* a *f* tem caracter pantheo, conformemente ao que escrevi a p. 355, pois a virtude de cada um dos

[1] Foi offerecido em 1889 por José Maria Pereira, de Dornes (Ferreira do Zezere), hoje fallecido, a Estacio da Veiga, cuja familia m'o offereceu a mim.

[2] Vid. Borges de Figueiredo na *Rev. Archeologica,* I, 70 e 72, com uma estampa, que reproduzo.

elementos d'elles é reforçada com a do outro. A figa que se vê em *e* e *f* é muito conhecida dos antigos, e symboliza ao mesmo tempo o orgão masculino e o feminino [1]. Se em c e *d*, ha uma mão, e não uma figa, nada temos ahi que nos surprehenda, visto que a mão serviu igualmente de amuleto entre os antigos [2]. — Não faltam, fóra de Portugal, em museus de antiguidades, amuletos semelhantes ou iguaes aos precedentes [3]. — Os antigos figuravam ás vezes o *phallus* em edificios publicos [4]; vem a proposito dizer que no «castro» da Senhora do Castello, em Mangualde, ha uma pedra com um esculpido: datará de epocas antigas?

Fig. 293.ª
(Amuleto lusitano-romano. Vid. p. 530).

3) «*Lunula*»

No Museu Ethnologico existe o fragmento de um pingente de ferro semi-lunar apparecido

---

[1] Vid.: Jahn, *loc. cit.*, pp. 80-81; *Dict. des antiquités*, s. v. «fascinum», p. 988. Em italiano *fica* significa «orgão sexual feminino».

[2] Gregos e Romanos: Jahn, *loc. cit*, pp. 53 e 56. Cf. Ph. Berger, *Gazète Archéologique*, II, 118 e 120 (mão nas estelas punicas consagradas a Tanit). Ella ainda hoje é amuleto nos povos islamicos: Seligmann, *Der böse Blick*, II, 168 sqq.

[3] Jahn, *loc. cit.*, p. 81, dá uma gravura. Vid. tambem *Anzeiger f. schweizerische Altertumsk.*, t. XII (1910), p. 123. No Museu de Napoles vi muitos, e sei da existencia de alguns em collecções particulares de Hespanha.

[4] Jahn, *loc. cit.*, p. 74, e *Dict. des antiquités*, s. v. «fascinum», p. 986.

na Fonte-Velha, frèguesia de Bensafrim, concelho de Lagos, em uma sepultura «semelhante áquellas que continham »contas de vidro esmaltadas» (Estacio da Veiga) [1]. Será exclusivamente romano ou de origem anterior? Em todo o caso, como os Romanos usaram amuletos d'este typo, a que chamavam *lunulae* [2], e como as indicações de Estacio não são bem definidas, por isso que, se as sepulturas que elle tem em mente são pre-romanas, tambem no local as havia romanas [3], represento-o na fig. 292.ª, de tamanho natural [4].

Fig. 294.ª
(Amuleto lusitano-romano).

4) *Dente de javali.*

Diz Santos Rocha que encontrou em uns entulhos romanos em Búdens (Algarve) «um grande dente de javali, engastado em cobre »ou bronze, com anel de suspensão» [5]. Vid. na fig. 293.ª um desenho que me foi enviado pelo mallogrado archeologo ha pouco citado; o original está no Museu Archeologico da Figueira da Foz. Temos aqui, sem duvida, um amuleto pertencente á classe que estudei nesta obra, vol. I, p. 120; e para lá remetto o leitor.

5) *Moedas-amuletos.*

Segundo mostrei numa memoria que li em 1905 ao Congresso Archeologico de Athenas, ha motivos para crer que certas moedas da epoca romana, que por vezes appa-

---

[1] Nota manuscrita.

[2] *Dict. des antiquités*, s. v. «lunula«, e tambem s. v. «amuletum», p. 255, col. 2. — No Museu de Tréveros, n.º 808 da sala XVI, ha uma figura de *herma* com uma meia-lua ao pescoço.

[3] *Antig. mon. do Algarve*, IV, p. 251.

[4] Completou-se com pontos a parte que falta.

[5] *O Arch. Port.*, II, 78.

recem no nosso país, e em cujo reverso se gravou um boi ou vacca, serviam de amuletos ou de medalhas religiosas: em verdade essas moedas apresentam um orificio feito de tal modo, que, pendurando-as por um fio que ahi passe, fica de pé o animal desenhado nellas. Já se entende que fallo de moedas correntes ao tempo, e que o orificio é posterior ao fabrico. (Hoje acontecem factos analogos). Dou um exemplo na fig 294.ª: moeda do imperador Juliano II, o Philosopho, encontrada em Mertola, e ora no Museu Ethnologico.

Pois que a referida memoria foi publicada n*O Arch. Port.*, x, 169–176, escuso de repetir aqui o que lá disse.

*

Talvez, alem dos mencionados objectos, haja outros de caracter amuletico, taes como conchas e aneis; porém não tenho elementos para ser mais affirmativo. De uma pedra de anel com imagens de divindades fallei supra pp. 367–368 (Juppiter & Marte).

REFLEXÕES FINAES
ACÊRCA DAS RELIGIÕES DA EPOCA LUSITANO-ROMANA

SUMMARIO

Divindades pre-romanas e divindades romanas. — Assimilação d'aquellas a estas. — Caracter popular de umas e de outras. — Peculiaridades cultuaes. — Necrolatria lusitano-romana. — Propagação do christianismo na Lusitania; priscillianismo.

O exame do paganismo lusitano-romano, principalmente no que toca a Portugal, dá azo a poucas considerações geraes, porque, exceptuando os cultos indigenos, e exceptuando algo da necrolatria e certas particularidades ritualisticas locaes, nada se encontra nelle que não viesse de Roma, e que portanto não seja já muito conhecido; por outro lado, como á intensidade geral com que a acção romana se manifesta na Lusitania corresponde naturalmente a influencia religiosa, vêem-se cá representadas as mais importantes divindades romanas.

A principio as divindades pre-romanas, embora com nomes alatinados, coexistiram com as dos conquistadores. Uma inscripção de *Bormanicus,* deus que devia ter tido um santuario nas thermas de Vizella, será da epoca de Nero [1]. A do deus beirão *Revelganidaeigus* será do sec. II [2]. O culto de *Endovellicus* (Alemtejo) durou pelo menos até o sec. III, e talvez chegasse ao IV.

Depois a assimilação dos cultos lusitanos aos romanos foi-se fazendo pouco a pouco: e não raro nos textos epigraphicos apparecem individuos de nomes barbaros a pres-

---

[1] Hübner, *Exempla epigraphica*, pp. 76 e 71.

[2] Vid. supra, p. 213.

tarem tributo a divindades latinas. No fundo-de-pátera de prata que publiquei no vol. II d'esta obra, p. 310, representa-se um deus local com as feições e postura do Marte classico [1].

Na mór parte dos casos, tanto as divindades pre-romanas como as de procedencia romana eram invocadas mais por causa dos attributos que tinham de protectoras da saude e da vida domestica e rural, do que por outras razões. Muito para trás ficavam já os tempos protohistoricos, em que o sangue humano borbulhava nos altares dos deuses da guerra! Se ás vezes um individuo, soldado ou não, ao regressar de uma viagem ou expedição remota, cumpria uma promessa que antes de abalar fizera a um deus do seu agrado [2]; se um funccionario público, para celebrar as delicias de se ver no cargo, levantava com festas um padrão á Fortuna; se no theatro olisiponense havia uma reminis-

---

[1] Este fundo-de-pátera pertence hoje ao Museu Ethnologico: cf. *O Arch. Port.*, x, 400.

[2] Eis aqui varios exemplos de Lusitanos que andaram por longe da Lusitania, uns que voltariam, outros que falleceram por lá.

Das cinco cohortes dos Bracaraugustanos sabemos, por exemplo, que:

a 1.ª estivera na Mésia (em 105: *Corpus*, III, p. 1149);

a 3.ª estivera na Récia, na Britannia, na Syria (1.ª metade do sec. II; *Corpus*, III, pp. 1149 e 2658; cf. VI, n.º 1822);

a 4.ª estivera *in Syria* (em 139: *Corpus*, III, p. 2658) e *in Iudaea* (*Corpus*, VIII, n.º 7079);

a 5.ª estivera na Récia (em 108: *Corpus*, III, p. 1149) e na Germania (*Corpus*, VI, 3539).

Das sete cohortes dos Lusitanos sabemos, tambem, por exemplo, que algumas estiveram *in Illyrico*, *in Pannonia*, *in Iudaea*, *in Aegypto*, *in Moesia*, *in Raetia*, nos seculos I, II e III (*Corpus*, III, p. 1152). Na Numidia (*Corpus*, VIII, 3101 e 3147).

Com quanto estas tropas, que eram consideradas como auxiliares das legiões, nem sempre se compusessem exclusivamente de gentes dos paises cujas denominações tomavam (assim ha um *Lusitanus* numa ala de Panonios: *Corpus*, VIII, 6309; e vid. exemplos analoem Emilio Hübner, *La Arqueología en España [y Portugal]*, p. 152), devemos porém entender que se compunham na maior parte: e

cencia bacchica: isto, ao que se infere do conjunto dos monumentos, póde crer-se que eram casos avulsos. Pelo geral, na boa paz em que viviam, calmos e aquietados do animo outr'ora turbulento (não obstante algumas commoções politicas de que foi victima a Hispania durante o imperio), entregues com afinco a explorações agrarias, commerciaes e industriaes, a que mais deuses precisavam de apegar-se os Lusitano-Romanos, principalmente os que viviam em terras pequenas, senão àquelles que os amparavam nas doenças, no labutar da officina e do campo, nos misteres caseiros? Só nos centros populosos encontramos com alguma frequencia o culto das divindades imperiaes, por ser o mais imponente da epoca, e sobrepujar todos os restantes, culto de que nos dá magnificamente testemunho o templo de Evora, dedicado (se bem o interpreto) á majes-

---

portanto creio que tem valor para o meu intuito a estatistica que faço.

Exemplos avulsos, com indicação da patria:

Um soldado pretoriano de *Scallabis* e outro de *Salacia* morreram em Roma (*Corpus*, VI, 2614 e 2685).

Um legionario de *Scallabis*, cidadão da tribu Sergia, foi sepultado em Lambaesis, na Numidia (*Corpus*, VIII, 3182).

Numa vinha em Roma encontrou-se uma lapide com uma inscripção funeraria consagrada a uma mulher de *Ebora* por seu marido (*Corpus*, VI, 14234).

No claustro de um convento da mesma cidade ha uma inscripção sepulcral de um individuo de *Salacia* (*Corpus*, VI, 16310).

No Museu Capitolino ha uma pedra com uma inscripção sepulcral de um individuo da Lusitania (*Corpus*, VI, 18190).

Numa curiosissima inscripção de Roma, respectiva aos Jogos Circenses (*Corpus*, VI, 10048), figura um *agitator factionis russatae* [*nati*]*one Hispanus Lusitanus*, isto é, um cocheiro do «partido dos vermelhos» nas corridas do Circo (no tempo do Imperio os que promoviam as corridas formavam quatro partidos, segundo a côr do vestuario dos cocheiros: *factio russata, prasina, rosata, veneta*, dos «vermelhos», dos «verdes», dos «côr de rosa», dos «azues»).

Ha muitos annos, desde 1888, que comecei a formar uma collecção de materiaes intitulada *A Lusitania nos textos classicos*. É de tal collecção, ainda inedita, que extráio o que fica transcrito.

tade dos Cesares, e provavelmente construido a expensas do municipio de *Liberalitas Iulia*. Á modestia do commum dos pedidos correspondia a modestia dos *donaria* ou «offerendas». Excluindo o grandioso santuario ora citado, — que já como obra de arte especializei a p. 192 —, e excluindo os de Mérida, assim como uma ou outra escultura ou peça metallica, um ou outro mosaico, uma ou outra *terra sigillata,* a liberalidade dos crentes presenteou os idolos apenas com cousas vulgares, ou meramente tradicionaes. — Muitos dos artefactos, v. g., lucernas, aneis, gargulas, moedas, etc., de que neste volume, á falta de melhores documentos, publiquei desenhos, ou que trouxe a campo, não só não são propriamente religiosos em si, como nem mesmo sahiram de fabricas de cá; isso todavia não me impediu de proceder como procedi, porque, salvo casos especiaes, quem se servia d'elles deixava implicitamente transparecer mais ou menos os seus sentimentos de devoção para com as respectivas divindades, como hoje o faz, por exemplo, para com Christo quem usa suspensa da corrente do relogio uma cruz artistica.

Nas peculiaridades cultuaes a que me referi acima, convem especializar as que pelos fragões serapicos de Panoias estamos auctorizados a suppor, e as que se revelam nos monumentos mortuarios. Nenhuma d'ellas nos deve surprehender, porque, se as divindades orientaes, pelo seu caracter universalistico, pelo aspecto deslumbrante, mysterioso e estranho das cerimonias, pelas promessas de felicidade que apresentavam á alma dos ficis, grande impressão causaram nestes, — a Morte, com seus problemas, foi sempre thema de cogitações, e portanto causa de criação ou adopção de ideias novas e raras.

Na necrolatria lusitano-romana chamam sobremaneira a nossa attenção, como consequencia das ideias ante-romanas, os emblemas astrolatricos das lapides de Trás-os-Montes e Beira, iguaes aos das de Lião: de certo se encontram noutros povos ideias analogas, mas no NO. da Iberia tiveram tenacidade, e permaneceram muito tempo. Como

consta das esculturas contemporaneas d'ellas, apparecidas nos castros, houve um velho symbolismo religioso na Lusitania. Nos tympanos das estelas funerarias do Norte e Centro de Portugal figuram symbolos lusitanicos em vez dos florões usados pelos Romanos. No Sul, onde parece que o symbolismo quasi não existiu, ou porque lá mal chegou a civilização do Norte e Centro, ou porque a romana, como teve ahi maior brilho, apagou os vestigios antigos, acham-se estelas com puros florões, por exemplo, no Algarve, em Alcacer, e no «bahu» de Cascaes. As estrellas que no Centro e Norte se assemelham aos florões não se confundam com elles, e pelo contrário considerem-se locaes, pois que coincidem com inscripções em que ha nomes indigenos, como *Ambatus, Narelia*. Que as estrellas correspondem na significação ao suástica vê-se bem das pedras funerarias onde ora está um symbolo, ora outro. — Especialidades locaes são finalmente as tampas tumulares de fórma de pipa, no Algarve e Alemtejo, e as estelas de Carquere (Beira-Alta), estas terminadas á maneira de cabeça humana, ou com bustos dentro de nichos, e pela maior parte com ramos esculpidos lateralmente [1].

Ás crenças pre-romanas e romanas dos Lusitanos vamos ver agora sobrepôr-se um elemento novo, com o qual porém não posso aqui deter-me, porque havemos de tornar a encontrá-lo mais adiante: é o christianismo, — que se propagou na Peninsula quando o paganismo ibero-romano estava ainda em plena pujança. Como de ordinario acontece com todos os grandes phenomenos sociaes, a origem d'esta propagação está envolta em sombras, e não apenas

---

[1] Estas estelas de Carquere trazem á lembrança as que se vêem em Pompeios, na Via dos Sepulcros, ao fim, á direita, de fronte da *Villa de Diomédes*.

em sombras, mas em lendas, que se tem avolumado pela nimia credulidade de uns, e não pouco pela conveniencia de outros, pois que o espirito do homem, por mais alto que busque remontar-se e manter-se, quasi nunca, na sua propria esphera de acção, deixa de empanar-se com o egoismo que emana das cousas mundanaes.

Como testemunhos primevos da historia do christianismo peninsular costumam citar-se: a epistola de S. Paulo *ad Romanos*, onde, cap. xv, v. 24, diz o apostolo *cum in Hispaniam proficisci coepero;* e a prègação de S. Tiago. A epistola todavia, além de inexplicita, pertence a uma classe de textos acêrca da pureza dos quaes a critica ainda não acabou de se decidir; e a prègação não passa de fabulosa [1]. As noticias certas mais antigas da existencia de sociedades christãs na Hispania romana datam apenas dos fins do sec. II, e mais abundantemente do III em diante: S. Ireneu († 200 ou 202), Tertulliano (sec. II–III), S. Cypriano (sec. III), Arnobio (sec. III) [2].

Do christianismo em particular na Lusitania sabemos igualmente já alguma cousa no sec. III pelo precitado

---

[1] «No dejaremos de recordar que el primitivo altar del sepulcro »del Apóstol Santiago estaba formado por una lapida consagrada »a los Dioses Manes, sustentada por una coluna», — diz Castillo López, *La arquitectura cristiana*, Lugo 1906, p. 8, nota. Isto confirma a observação que fiz em Santiago de Compostela em 1902, de que os objectos que se guardam na crypta da cathedral, como achados no sepulcro do santo, são um espolio funerario da epoca romana. Nunca o individuo a quem elles pertenceram poderia suppor que, embora com um nome emprestado, viria a receber culto tão extraordinario como o que tem recebido desde remotos tempos até hoje!

[2] Vid. os textos na *España Sagrada*, III, 180 sqq.; e cf.: Cardeal Saraiva, *Obras*, I, 5 sqq.; Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, I, 1–5; A. Harnack, *Die Mission und Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrunderten*, Leipzig 1902, p. 529. — Do original grego de S. Ireneu só restam fragmentos; ha porém d'elle uma traducção latina muito antiga.

S. Cypriano, com relação a *Emerita* [1], e pela acta do concilio iliberritano, ao qual assistiram os bispos de *Ossonoba* e de *Elbora* [2], concilio que, por ter sido celebrado num dos primeiros annos do seculo IV, talvez mesmo pouco antes de 303 [3], faz presuppôr que os bispados ascendiam ao sec. III, ou que pelo menos nos Lusitano-Romanos dos respectivos territorios havia nesse tempo christandades de certa importancia. No sec. IV temos outras informações de *Emerita*, tanto pela litteratura [4], como pela epigraphia [5]; quanto ao nosso país sabemos isto: nos meados d'esse seculo occupava Potamio o solio olisiponense [6], e Ithacio o ossonobense [7]; na acta do 1.º concilio de Toledo, em 400, falla-se de bispos lusitanos [8]; na sentença que vem em appendice a ella figura Paterno como bispo de *Bracara* [9]. Ao mesmo seculo pertence o bispo Priscilliano, da Gallecia, ao qual em breve voltarei. No primeiro quartel do sec. V era Balconio outro bispo bracarense [10], e em 431 enviaram os Galleco-Romanos como legado á Gallia, ao

---

[1] Vid.: *España Sagrada*, XIII (2.ª ed.), 133–141, e *Historia de los heterodoxos*, I, 57, onde Menéndez y Pelayo se occupa dos hereges libellaticos Basilides, bispo de Astorga, e Marcial, bispo de Mérida.

[2] Vid. a acta do concilio em Aguirre, *Concilia*, II (1753), 31, e em Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, I, 641. Vem uma traducção na *España Sagrada*, XII, 196.

[3] Harnack, *Ausbreitung des Christentums*, p. 530, n. 4.

[4] *España Sagrada*, XIII (2.ª ed.), 141 sqq. e 259–261.

[5] *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, n.º 331.

[6] Pelayo, *Hist. de los heterodoxos*, I, 73–76; e Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, I, 35. Cf. Teuffel, *Hist. de la littérature rom.*, III, 156: «Potamius, évêque de Lisbonne, nous a »laissé une *Epistola ad Athanasium episc. Alexand. de consubstan»tialitate filii Dei*, écrite vers 355, publiée pour la première fois en »1657, v. Galland, *Bibl, patr.*, V; Migne, *Patrol.*, VIII; Gams, *Spa»nische Kirch ngeschichte*, II».

[7] Cf. adiante, p. 540.

[8] Aguirre, *Concilia*, III (1753), 21.

[9] Aguirre, *Concilia*, III (1753), 28.

[10] Cf. *España Sagrada*, IV, 103.

general romano Aecio, o bispo Hydacio, que por 460 nos apparece pastoreando a igreja de *Aquae Flaviae* «Chaves» [1]. — Então estavam já cá os Suevos, e o que eu poderia aqui accrescentar pertence á secção seguinte.

*

A nova crença desenvolvia-se a olhos vistos, depois que Constantino, com o edicto de Milão, em 313, estabelecêra a tolerancia dos cultos, e dera por consequencia paz á Igreja. Comtudo, se os christãos deixam de ser perseguidos ou molestados pelos pagãos (salva a passageira tentativa de restauração do paganismo por Juliano o Philosopho: 361–363), nem por isso entre elles mesmos decorreu serena a vida religiosa. Tenho em mente as heresias, essas aberrações de aberrações, sempre motivadoras de perturbação publica. Entre as muitas que no seio da Igreja christã desde cedo se manifestaram, importa aqui unicamente mencionar a de Priscilliano, por porvir da Gallecia, ainda que não unica, pois da Gallecia eram tambem os dois Avitos (sec. v), que defenderam os erros de Origenes; o último facto tem alcance menor, e por conseguinte deixa-lo-hei de parte [2].

Fallando dos acontecimentos do anno de 379, diz Prospero de Aquitania na *Chronica*, § 1171: *ea tempestate Priscillianus episcopus de Gallaecia ex Manichaeorum et Gnosticorum dogmate haeresim nominis sui condidit* [3]. O

---

[1] Vid. a sua Chronica, § 201.

[2] Acêrca dos dois Avitos vid. Pelayo, *Heterodoxos*, I, 149; e cf. Pereira da Silva Leal na *Collecção das Memorias da Academia de Historia*, III (1723), p. LIX da dissertação que vem depois da p. 214. — Dos Avitos tratou tambem Argote, *Memorias de Braga*, tit. II, tomo I, pp. 279, 645, etc. (vid. o indice, s. v.), onde cita outros autores portugueses.

[3] Ed. de Mommsen, nos *Mon. Germ. Hist., Chronica minora*, I, 460. — Os Manicheus, discipulos de Manes, Persa, fundador da heresia (sec. III), defendiam o dualismo do bem e do mal. Os Gnosti-

priscillianismo, ou doutrina de Priscilliano, affirmava, por exemplo: que o Padre, o Filho, e o Espirito-Santo eram uma só pessoa, e não tres; que as almas dos homens e dos anjos se originaram da substancia de Deus, ao passo que os corpos humanos foram gerados por obra do Diabo; que o Diabo nasceu do cahos, e é o causador de todo o mal que existe; que tanto as almas como os corpos dos homens estão subordinados aos astros [1]. A elle andavam annexos alguns hymnos de que nos restam fragmentos, e parece que tambem amuletos [2]. Não tardou que a heresia passasse da Gallecia á Lusitania e ao resto da Peninsula, a ponto de attrahir vários bispos, o que tudo fez que da parte dos orthodoxos se levantasse grande resistencia. Na luta contra o priscillianismo distinguem-se dois prelados lusitanos: Ydacio, de Emerita [3], e o já citado Ithacio, de Ossonoba [4], ambos do sec. IV. O segundo foi quem principalmente instigou o imperador Maximo a mandar degollar Priscilliano em Tréveros em 385 [5]. Pouca honra cabe a Portugal em ter na historia da sua igreja um bispo d'estes, tão pouco

---

cos (primeiros seculos da era christã) seguiam a γνῶσις «conhecimento perfeito das cousas divinas»: doutrina complexa, que não póde aqui expor-se em duas linhas. Cf. Santo Agostinho, *De haeresibus*, 6; Santo Isidoro, *Etymologiae*, VIII, §§ 31 e 6.

[1] Vid. a acta do 1.º concilio de Braga, que cito adiante. Menéndez y Pelayo tratou desenvolvidamente do priscillianismo na *Hist. de los heterodoxos españoles*, I, 100–148 (e cf. *Rev. de Archivos, Bibl. y Mus.*, 1899, p. 1). Já entre nós se tinha occupado d'elle C. do Amaral, *Vida e opusc. de S. Martinho*, p. 109 sqq., num capitulo intitulado: «Sobre a heresia priscilliana na provincia de Galliza». — Texto antigo importante é o de Sulpicio Severo, *Chonica*, §§ 46–51; sirvo-me da ed. de Epiphanio Dias, Porto 1881.

[2] Cf. Pelayo, *Heterodoxos*, I, 133–136.

[3] Sulpicio Severo, *Chronica*, § 46.

[4] Sulpicio Severo, *Chronica*, § 47. O texto tem *Ithacio Sossubensi*, mas os criticos com razão entendem que a segunda palavra deve ler-se *Ossonobensi*.

[5] Sulpicio Severo, *Chronica*, § 51.

evangelico![1]. O priscillianismo não acabou porém com a morte do seu fundador: não só o veremos ainda tão vivaz, que foi preciso condemná-lo num concilio, mas já Sulpicio Severo nos disse que os pricillianistas haviam santificado a memoria do martyr, e posto grande devoção em jurar por elle[2].

[1] Não exaggéro, porque o Dr. Abundio da Silva, *O rito bracarense*, 1907, p. 97, chama-lhe «bispo carrasco». O proprio Sulpicio Severo fizera d'elle retrato antipathico: *certe Ithacium nihil pensi nihil sancti habuisse definio: fuit enim audax, loquax, impudens*, etc., — na *Chronica*, § 50.

[2] *Chronica*, § 51.

II

EPOCA POST-ROMANA

« . . das regiões do Norte sahem enxames de homens, a quem a falta de industria e do commércio faz a cada passo mudar de habitação: cahem sobre a terra do dominio romano; vão cobrindo e assolando as diversas provincias; chegão finalmente a esta, investem com os Lusitanos, noutro tempo bravos, e indomaveis, agora já affeitos ao serviço mais que á guerra».

CAETANO DO AMARAL, in *Mem. de Litteratura Portug.*, VI (1796), 127–128.

RELIGIÕES DA EPOCA DOS BARBAROS

A grande extensão que já tem tomado o presente volume não permitte que o autor dê ao estudo da epoca post-romana amplitude correspondente á que deu ao das epocas anteriores; por isso será agora menos extenso, embora procure dizer o indispensavel.

As principaes fontes historicas antigas que ha para o estudo da epoca dos Barbaros, no campo que propriamente me importa considerar, são as seguintes:

Paulo Orosio, Hispano (talvez Bracarense), sec. v, autor das *Historiae adversum Paganos,* onde alludе, livro vii, aos primeiros tempos da dominação dos Barbaros [1].

Hydacio ou Idacio, bispo, ao que parece, de *Aquae Flaviae,* sec. v, autor de uma Chronica, que, começando em 380, chega até 469, e é preciosa para o conhecimento da epoca a que se refere, por Idacio ter sido, por assim dizer, testemunha ocular dos acontecimentos que relata, e ter mesmo tomado parte em alguns [2].

---

[1] Sirvo-me da ed. de Zangemeister, Leipzig 1889. — Sobre a patria de Orosio vid. Florez, *España Sagrada,* xv, 325 sqq., e Amador de los Rios, *Hist. crit. de la lit. española,* i, 254 nota.

[2] Além da Chronica, que conhecemos por um codice berlinês do sec. ix, e que tem sido publicado muitas vezes, provém tambem de Hydacio o seguinte: *Epitome Hispana*, conhecida por codices do sec. xiii e xvi, e publicada por Florez na *España Sagrada,* iv, 420 (resume a Chronica, mas cita factos que esta não cita); *Epitome*

Chronicorum Caesaraugustanorum reliquiae. Vão do anno de 450 ao de 568 [1].

João, abbade Biclarense, natural de *Scallabis* «Santarem», Godo de origem, sec. VI–VII, autor de uma Chronica, de que nos restam fragmentos que abrangem os annos de 567 a 590 [2].

S. Isidoro Hispalense, sec. VII, autor de uma *Historia Gothorum Vandalorum Sueborum*, de que ha duas redacções, uma que alcança o anno de 619 (mais breve), outra o de 624 (mais ampla). A S. Isidoro se deve tambem um Chronicão, de que igualmente se possuem duas redacções (*Chronica maiora*, e *Chronicorum epitome*) [3].

Fredegariana, feita na Gallia no sec. VII, codice parisiense do sec. VII ou VIII; *Excerpta Montespessulana*, contidos em um codice de Montpellier do sec. XI ou XII. Todos estes quatro trabalhos foram aproveitados por Mommsen na edição que em 1893 fez nos *M(onumenta) G(ermaniae) H(istorica)*, «Cronica minora saec. IV, V, VI, VII», vol. II, fasc. 1, com o titulo de *Continuatio Chronicorum Hieronymianorum:* edição total. É d'ella que me sirvo. — Da Chronica ha uma traducção hespanhola: *Cronicón de Idacio*, pelo Dr. Marcelo Macías, 2.ª ed., Orense 1906.

[1] Vid. *MGH.*, «Chronica minora», vol. II, pp. 163 e 221.

[2] Sirvo-me da ed. de Mommsen, *MGH.*, «Chronica minora», vol. II, pp. 163 e 207. — Da vida do Abbade Biclarense conta-nos algumas particularidades o seu continuador S. Isidoro de Sevilha, *De viris illustribus*, cap. 44. E vid. tambem Florez, *Esp. Sagr.*, VI, 361.

[3] Ambas estas obras foram ultimamente (1894) publicadas por Mommsen nos *MGH.*, «Chronica minora», vol. II, fasc. 2. A *Historia* vem a p. 267 sqq., intercalando o editor, conforme os casos, a redacção menor na maior, ou juxtapondo aquella a esta, como explica a p. 252; á *Historia* faz Mommsen seguir, com o n.º II, os *Additamenta Pelagiana*, a p. 305. O Chronicão vem a p. 394 sqq.; á redacção mais ampla sotopõe-se a menos ampla, como se declara a p. 393. É d'estas edições que me sirvo aqui. Quem as não puder consultar, consulte a *España Sagrada* de Florez, VI, 441 sqq. — A *Historia* foi traduzida em allemão por Coste, com o titulo de Isidors *Geschichte der Goten, Vandalen, Sueven*, Leipzig s. d., com introducção e notas. Acêrca de Santo Isidoro vid. tambem Hertzberg, *Die Historien u. die Chroniken des Isidorus von Sevilla* (investigação das fontes: parte 1.ª, as Historias).

Isidoro Pacense[1], sec. VIII, autor de uma Chronica, que começa em 610 ou 611, e acaba em 754, portanto já na epoca arabica. É como que uma continuação da *Historia* de S. Isidoro Hispalense[2].

Todas estas fontes historicas são coetaneas dos Barbaros, e tem, como se viu, origem peninsular. Ha mais obras tambem coetaneas, umas, ainda que historicas, não propriamente peninsulares, outras de natureza variada (litterarias, religiosas, etc.), peninsulares ou não. Lembrarei: Jordanes (sec. VI), que no seu livro *De .. Gothorum origine et rebus gestis* trata, no que toca á Hispania, dos tempos que decorrem de Athaulfo (412–415) a Alarico II (484–507); Apringio de Beja (sec. VI)[3]; S. Martinho de Braga ou de Dume (sec. VI)[4]; Paschasio

---

[1] Isto é: «de Beja».

[2] Ha várias edições, por exemplo: de Florez, *España Sagrada*, VIII, 269 sqq.; de Tailhan, Anonyme de Cordoue, *Chronique rimée*, Paris 1885, precedida de longa introducção historica; de Mommsen, em appendice á *Historia* de S. Isidoro, com o titulo de *Continuatio Hispana a.* DCCL, nos *MGH.*, «Chronica minora», p. 334 sqq., — onde publica a par a *Continuatio Isidoriana Byzantia Arabica a.* DCCLI (cf. *España Sagrada*, VI, 428 sqq.), a qual vae de 601 a 720, tendo sido escrito na Syria, segundo diz Nöldeke no *epimetrum* (p. 368 dos *MGH.*), o que ahi se lê com referencia ao Oriente. Tailhan quer que a Chronica fosse escrita em Cordova, o que tambem já Dozy havia dito na *Hist. des Musulmans en Espagne* (apud Amador de los Rios, *Hist. crit. de la lit. española*, II, 51, n., que reproduz as razões dadas em contrário por Florez). Na sua edição diz Mommsen que melhor se poderia dizer que o auctor era de Toledo: pp. 327–328. Mas, se ha um ms. antigo que attribue a Chronica a Isidoro Pacense (*Esp. Sagr.*, VIII, 269), porque é que não ha-de dar-se-lhe fé? — Consta-me que existe uma traducção hespanhola do Pacense por Teófilo Martínez de Escobar, Sevilha 1870; não a vi porém.

[3] Vid.: Apringius de Beja, *son commentaire de l'Apocalypse*, por Dom Marius Férotin, Paris 1900; e Fidel Fita no *Boletín de la Academia de la Historia*, XLI, 353 sqq.

[4] Vid.: A. Caetano do Amaral, *Vida e Obras de S. Martinho Bracarense*, Lisboa 1803, e *Collecção de canones ordenada por S. Martinho Bracarense*, Lisboa 1803; Fr. Fortunato de S. Boaventura,

(sec. VI)[1]; S. Frutuoso de Braga (sec. VII)[2]; e (alguns d'elles apenas com allusões ao assunto): Prospero Tiro (ou Tirão) de Aquitania (sec. V), Sidonio Apollinar (sec. V), Cassiodoro (sec. V-VI), S. Gregorio Turonense (sec. VI), Procopio (sec. VI), Venancio Fortunato (sec. VI-VII)[3].

S. Martini Bracarensis .. *Formula honestae vitae*, Módena 1836 (e cf. Innocencio, *Dicc. Bibl.*, II, 312); Dr. C. P. Caspari, Martin von Bracara's Schrift «*De correctione rusticorum*», Christiania 1883, com uma introducção, que é muito importante para o conhecimento da historia da Igreja em Portugal no tempo dos Suevos. (D'esta obra possuo um exemplar, que o proprio auctor me offereceu, com dedicatoria autographa. Carl Paul Caspari nasceu em 1814, em Déssau, e falleceu em 1892, em Christiania, em cuja Universidade foi professor longos annos. Embora se dedicasse especialmente a estudos historicos, concernentes á Igreja, tambem cultivou a Philologia oriental. Gozou de grande fama como erudito. — Dou aqui esta noticia, porque na citada edição do livro de S. Martinho elle tratou o assunto com grande desvelo e conhecimentos; pena foi que lhe escapassem os trabalhos de Caetano do Amaral, igualmente muito substanciosos, e que não pouco lhe aproveitariam).

[1] Monge dumiense (contemporaneo de S. Martinho), sabedor de grego, e traductor dos *Verba seniorum*. Cf. Caspari, *ob. cit.*, pp. I, XII-XIII, XXII, etc.

[2] Vid.: Antonio Caetano do Amaral, *Vida e regras de S. Fructuoso Bracarense* .. de mandado de D. Fr. Caetano Brandão, Lisboa, 1805; Ildefons Herwegen, *Das Pactum des Hl. Fructuosus von Braga*, ein Beitrag zur Geschichte des suevisch-westgothischen Mönchtums und seines Rechts (Fasciculo 40.º das «Kirchenrechtliche Abhandlungen» publicadas por Ulrich Stutz, Estugarda 1907), obra tambem bastante importante para a nossa historia, postoque o A. desconhecesse o citado livro de Caetano do Amaral.

[3] Venancio Fortunato, poeta italico, e bispo de Poitiers, manteve correspondencia epistolar com S. Martinho de Dume, a quem dirigiu uma poesia latina, que tem sido transcrita várias vezes em obras peninsulares: vid., por exemplo, Florez, *Esp. Sagr.*, XV, 378 sqq.; e Caetano do Amaral, *Vida e opusculos de S. Martinho*, p 133 sqq. Cf. Aguirre, *Collectio magna conciliorum Hispaniae*, III (2.ª ed.), 221-222, onde ella tambem vem, com algumas notas.

São igualmente fontes contemporaneas as actas dos concilios [1], e as leis [2].

Omitto a menção dos Chronicões latinos medievaes de Hespanha e Portugal, porque, comquanto tenham referencias aos Barbaros, nada accrescentam essencial ás obras citadas, redigidos, como foram, depois do sec. VIII.

Lista bibliographica mais desenvolvida dá-no-la Felix Dahn, *Die Könige der Germanen*, t. VI, 2.ª ed. (Leipzig 1885), p. IX–XXXVIII, onde o illustre historiador considera separadamente: *a*) as fontes propriamente ditas (e ahi se encontra a maior parte das que enumerei a cima), *b*) a litteratura medieval e moderna.

Para o meu trabalho compulsei, além das fontes coetaneas e da obra fundamental de Dahn, ha pouco citada [3], estes trabalhos modernos, entre outros: a muito instructiva *Memoria* sobre o estado civil da Lusitania, desde a entrada dos povos do Norte até á dos Arabes, publicada por A. Caetano do Amaral nas *Memor. de Litterat. Portug.*, t. VI, pp. 127–437; *Entrada dos Godos, Suevos, Alanos, e Vandalos em Espanha*, por A. Pereira de Figueiredo [4]; *Historia .. de los pueblos germánicos* de F. Guerra & E. de Hinojosa [5]; *Los Visigodos en España*, de Ortega Rubio, Madrid 1903; *Hist. de las instituciones de la España goda*, de Pérez Pujol, Valencia 1896, 4 tomos; *Dominación goda en la Península Ibérica*, de Romaní y Puidengolas, Barcelona 1896; um artigo de P. Boissonade na *Revue de synthèse historique*, t. XXII (1911), p. 198 sqq., sobre «L'histoire

---

[1] Aguirre, *Collectio maxima conciliorum Hispaniae*. Sirvo-me da 2.ª ed., 6 vols., Roma 1757–1755.

[2] Das leis visigoticas tratou amplamente Caetano do Amaral nas cit. *Memor. de Litterat.*, VI, 146 sqq. Vid. tambem Gama Barros, *Hist. da administração publica em Portugal*, I, 26–29.

[3] Tem 6 volumes: o 1.º foi publicado em 1861 em Munich (nova ed., 1883, Leipzig). — Na *Hist. Univ.* de Oncken, trad. hespanhola, vol. IV, Barcelona 1880, inclue-se uma Historia primitiva de los pueblos Germánicos (y Romanos) de Felix Dahn, mas sem o apparato critico da primitiva obra allemã.

[4] Na *Hist. e Memorias da Acad. das Sc. de Lisboa*, t. IX (1.ª serie), 1825, p. 217 sqq.

[5] Faz parte da *Hist. general de España* de Cánovas del Castillo.

économique de l'Espagne à l'époque visigothique (et musulmane)», onde cita tambem fontes antigas, e muitas obras recentes.

Depois das fontes litterarias, devo mencionar a Archeologia e a tradição. No que toca á Archeologia temos: lapides epigraphicas, moedas, monumentos architectonicos e esculturaes, sepulturas avulsas, cemiterios, e objectos miudos [1]. Quanto á tradição, diz o Sr. Dr. Gama Barros: «.. os conquistadores germanicos tinham usos e costumes proprios, e seria inverosimil a supposição de que alguns d'estes não houvessem resistido ao embate de uma civilização mais adeantada. E de feito vamos encontrar .. costumes d'essa origem no modo de ser da sociedade christã, que, seculos depois da ruina do imperio gothico, imperava na Peninsula» [2].

Para maior clareza da exposição, convem recordar aqui alguns factos em que, por serem muito sabidos, e estarem estudados com desenvolvimento em obras que já citei, não é necessario porém insistir.

O primeiro estabelecimento dos Barbaros na Peninsula (Vandalos, Suevos, Alanos) aconteceu no anno de 409 [3], distribuindo elles em 411 as terras, de modo que aos Vandalos e Suevos coube a Gallecia [4], aos Alanos a Lusitania e a Provincia Carthaginense, aos Silingos (ramo dos

---

[1] Adiante citarei livros e factos.

[2] *Hist. da administração publica em Portugal*, I, 30.

[3] Hydacio, § 42.

[4] Esta denominação geographica está aqui em sentido romano, bem como as seguintes. Acêrca da divisão geographica da Peninsula nos seculos IV–V vid. supra, p. 166, e Pereira de Figueiredo in *Historia e Memorias da Acad. das Sc.*, 1.ª serie, t. IX, p. 208 sqq. e 230. — A Gallecia ia do Douro para o Norte, e comprehendia em Portugal as provincias de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes, e na Hespanha não só a Galliza, mas, como diz Orosio, VI, 21, tambem os territorios dos Cantabros e dos Astures.

Vandalos [1]) a Betica [2]; os Romanos continuaram de posse da Tarraconense, e tambem de parte dos proprios territorios que os Barbaros haviam repartido entre si [3]. O segundo estabelecimento (Visigodos) começou em 415–416 com Athaulfo [4]. Quer num caso, quer no outro, os Barbaros vieram para cá directamente da Gallia.

Excepto os Alanos, todos os demais povos eram germanicos [5].

Pois que os Silingos, a cujo territorio (Betica) só, de mais a mais, pertencia deminuta parte do nosso, foram destroçados em 418 por Wallia, rei visigotico [6]; pois que dos Alanos, vencidos no mesmo anno pelos Visigodos, que lhe mataram o seu rei Addac, Attaces ou Atax, os poucos sobreviventes se acolheram ao patrocinio de Gunderico, rei vandalico da Gallecia [7]; e pois que finalmente os Vandalos, após deixarem a Gallecia, e irem para a Betica [8], passaram em 429, com o seu ultimo rei Gaiserico, á Mau-

---

[1] O outro ramo, o que foi para a Galliza, era o dos *Asdingos* (Dahn, I, 144; e cf. 183 sqq.) ou *Hasdingos* (Wrede, *Ueber die Sprache der Wandalen*, Estrasburgo 1886, p. 40).

[2] Hydacio, § 49; Santo Isidoro, *Hist. Goth., Vandal., Sueb.*, § 73.

[3] Isto deduz-se da seqüencia da narrativa de Hydacio, com quanto elle, § 49, diga: *Hispani per civitates et castella residui a plagis barbarorum per provincias dominantium se subiciunt servituti.*

[4] Hydacio, § 60; Jordanes, cap. XXXI; Pereira de Figueiredo, *loc. cit.*, p. 228. — Acêrca de Athaulfo ou Ataulfo vid. a *Real-Encyclopädie* de Pauly & Wissowa, s. v. «Ataulfus».

[5] Josepho escreve que os Alanos eram Scythas. Os nomes proprios alanicos explicam-se dentro do grupo lingüistico iraniano. Vid. sobre isto Tomaschek na *Real-Encyclopädie* de Pauly & Wissowa, s. v. «Alani», col. 1282 e 1284, e Dahn, *Die Könige der German.*, I, 261 sqq. (e cf. Oncken, *Hist. Univ.*, IV, 56 e 84).

[6] Hydacio, § 67.

[7] Hydacio, § 68. A data que adopto é a da edição de que me sirvo. Caetano do Amaral, porém, p. 132, n. 14, adopta 419, seguindo a Florez.

[8] Hydacio, § 74.

ritania [1]: póde considerar-se nulla na nossa historia e ethnologia a acção d'esses tres povos, e por isso deixa-los-hei de parte no presente estudo, para apenas me occupar dos Suevos e dos Visigodos [2]. Basta notar, visto que o conhecimento historico das religiões é aqui o meu principal intuito, que os Vandalos, ao tempo da sua estada na Peninsula, seguiam o arianismo [3], pelo que perseguiram os catholicos [4]; dos Alanos diz Caetano do Ama-

---

[1] Hydacio, § 90. Apesar da retirada dos Vandalos, a Gallecia não ficou totalmente livre de que elles a tornassem a incommodar, porquanto ás vezes lhe piratearam pelas costas (445), no que foram imitados pelos Herulos, outro povo germanico (456 e 459): vid. Hydacio, §§ 131, 171 e 194.

[2] Sem embargo, houve quem attribuisse aos Alanos a origem do nome Alemquer (ant. *Alanquer*): vid. Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «Alemquer», e J. Cardoso, *Dicc. Chorogr.*, tambem s. v. «Alemquer», onde cita ao historiador Damião de Goes (sec. XVI). Modernamente a mesma ideia foi adoptada por Tomaschek na *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa, s. v. «Alani», col. 1283. — Esta explicação é inacceitavel, porque a palavra *Alanus*, se passasse para o lexico português, devia perder o *-l-* na pronúncia.

Outra attribuição feita aos Alanos é a origem do moderno brasão de Coimbra, segundo a opinião de Fr. Bernardo de Brito. Cito isto apenas por memoria, pois não só os documentos produzidos pelo frade são falsos, mas o brasão da cidade do Mondego tinha no sec. XIII fórma diversa da de hoje. Vid. sobre o assunto os dois noticiosos opusculos que o Dr. Simões de Castro publicou com o titulo de *O Brasão de Coimbra*, extrahidos do *Instituto*, vols. XV e XLII.

[3] O arianismo, ou heresia de Arío, padre africano (sec. III-IV), consistia fundamentalmente no seguinte: Christo, comquanto filho de Deus, e muito mais perfeito que as outras criaturas, não era da mesma substancia que o Pae. Destruia-se pois assim a essencia de Trindade. — Vid. L. Maimbourg, *Hist. de l'arianisme*, t. I, Paris 1682, p. 18. — Várias fórmas do nome de Arío: *Arĭus*, Ἄρειος, *Arrĭus*, *Arĭus*, Ἄρειος, *Areus*; vid. De Vit., *Onomasticon*, s. v.

[4] Vid.: Wrede, *Die Sprache der Wandalen*, p. 44; Dahn, I, 244 e n. 3. Nesta nota discute Dahn o que Hydacio, baseado em relatos de outros, conta da apostasia ou passagem do rei vandalico Genserico (Geserico, Gaiserico) do catholicismo para o arianismo.

ral, mas sem citar fontes, que eram gentios [1]; os Silingos, como formavam um ramo dos Vandalos, supponho seriam arianos.

I

Periodo suevico [2]

Os historiadores Hydacio e Isidoro Hispalense, que acima citei, dão-nos uma lista dos primeiros reis suevicos: Hermerico & Hermigario [3], Rechila, Rechiario, Maldra & Franta, Frumario & Recchimundo [4], Remismundo (464) [5]. Segue-se uma lacuna de algumas dezenas de annos, preenchida por Isidoro apenas com a expressão *multis deinde Suevorum regibus in Arriana haeresi permanentibus* [6]. Depois d'esse espaço de tempo [7] apparece-nos um rei Chararico ou Chariarico em uma obra de S. Gre-

---

[1] *Memoria cit.*, p. 135, n. 20. — Cf. Beugnot, *Destruction du Paganismo*, II, 151.

[2] Devo prevenir o leitor de que, quer na chronologia, quer nos nomes dos reis, ha algumas incertezas.

[3] Cf. Dahn, VI, 547 e 561.

[4] Acêrca de Rechimundo vid. a nota de Mommsen a p. 31.

[5] É a data de Hydacio (com interrogação de Mommsen).

[6] § 90 (p. 302).

[7] No mosteiro de Vairão ha uma inscripção em que se lê ER(*a*) 2XXIII SERENISSIMO VEREMVNDV REX (vid. João Pedro Ribeiro, *Dissert. Chron.*, I, 350, e III–II, 207). Houve porém quem lesse ER(*a*) DXXIII = era de 523, que corresponde ao anno de 485; e assim traz Hübner nas *Inscript. Hispan. Lat.*, n.º 135. Baseado nessa data, Görres in *Forschungen zur deutschen Geschichte*, XIV (1874), 405–407, num artigo intitulado «Ein Suevenkönig Veremund», suppõe que o Veremundo de que falla a inscripção seria um dos reis suevicos cujos nomes a historia calou, — ideia reproduzida por Hübner no Supplemento da citada collecção, p. 65. Esta ideia dos sabios allemães já não era original, porque o nosso Contador de Argote, *Mem. de Braga*, V, 316, suppusera o mesmo. Todavia, como na inscripção se lê 2XXIII, isto é, 73 (porque 2 vale por L = 50), e não DXXIII, isto é, 523 (cf. tambem Monsenhor Ferreira in *O Arch. Port.*, XII, 281–289, onde

gorio Turonense (sec. VI)[1], o qual rei alguns auctores confundem com Theodemiro, mas que será distincto d'elle, e anterior[2]. Além d'isso a acta do concilio de Braga de 561 diz *Ariamiro* em vez de *Theodemiro*[3]; outra fórma da palavra *Ariamiro* é *Argemiro* = *Arjemiro*[4]. De Theodemiro (559–569) em diante conhecemos todos os reis suevicos pela Chronica do Biclarense, pp. 216–217, seguida por S. Isidoro, §§ 91–92: Miro, Eborico, Audeca (usurpador).

Na primeira fase do reinado dos Suevos na Gallecia (411–438) vemos estes em briga tanto com os Alanos e Vandalos, povos cujos destinos já acima indiquei, como com os Gallegos que haviam ficado sujeitos ao Imperio, ou Imperiaes, isto é, com os Galleco-Romanos. Na fase seguinte os Suevos, sem deixarem de estar em freqüentes desavenças, ou comsigo mesmos (rivalidades de Maldra e Franta, de Maldra e Rechimundo, de Rechimundo e Frumario, de Audeca e Eborico), ou com os Gallegos, estendem-se em correrias pela Lusitania (Sul do Douro) e por outras regiões da Peninsula, onde atacam os Romanos e os

---

se publica uma gravura que reproduz uma photographia da inscripção), vê-se que quem tem razão é João Pedro Ribeiro, que, *loc. cit.*, assenta que 2xxiii (= 73 = anno de 35) é abreviatura de 1073, isto é, «era de 1073» = «anno de 1035» (cf. outros exemplos de abreviaturas de «mil» nas mesmas *Dissertações*, II, 114), e que o Veremundo de que ahi se falla é Bermudo III, rei de Lião e Galliza, que reinou de 1027 a 1037.

[1] *De miraculis S. Martini*, I, XI, ed. de Ruinart, Paris 1699: Sancti Gregorii *Opera*.

[2] Vid. a discussão que do asssunto faz Caspari, *De correctione rusticorum*, já cit., p. VII sqq. (nota).

[3] Cf. Mariana in *Hispania Illustrata*, II, 340: «Ariamiri regis nomen legitur lectione nimirum vitiata». E vid. Florez, *Esp. Sagr.*, XV, 232.

[4] Cf.: Caspari, *loc cit.*, p. VII, nota, in fine; Dahn, *Die Könige der German.*, VI, 564; Florez, *Esp. Sagr.*, XV, 232. E vid. a acta do concilio: em Aguirre, III (1753), 177; em Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, I, 663; etc.

Visigodos, com muitas vicissitudes, ora senhores, ora batidos e afugentados. No intervallo que vai de Remismundo a Chararico, acêrca do qual, como sabemos, a historia é muda, parece que houve algum sossego, quer na Gallecia, principal séde do reino suevico, quer ao Sul do Douro, porque cêrca do anno de 556 já S. Martinho pôde ser ordenado bispo de Dume [1], e porque ao 2.º concilio de Braga, em 572, no tempo do rei Miro, assistiram bispos da Beira [2]. Comtudo, como paz de Barbaros é cousa instavel, logo no proprio anno de 572, ou num anno vizinho, o rei Miro faz uma expedição contra os *Runcones* [3], e onze annos depois vae em auxilio de Leovigildo atacar *Hispalis*, cidade que era pela rebeldia do filho d'este [4]. Por fim o mesmo Leovigildo, aprisionando Audeca, e obrigando-o a entrar em um convento de *Pax Iulia*, reduziu os Suevos, em 585, á sujeição dos Visigodos, apesar da tentativa que Malarico fez de restaurar o reino galleco-suevico, para logo suffocada [5].

O dominio dos Suevos na Gallecia e Lusitania estende-se pois de 411, anno da divisão das terras, a 585 [6], em que, como disse, Leovigildo os encorporou no reino visigotico.

Da civilização d'este rude povo, que frequentemente irrompia das suas montanhas para assaltar as cidades hispano-romanas e roubá-las, *magna depraedatione, grandi ad Gallaeciam captivitate deducta,* no dizer angustioso de Hydacio, pouco realmente sabemos, além do que concerne ás crenças religiosas, objecto principal do presente capi-

---

[1] Caetano do Amaral, *Vida e opusc.*, p. 20.

[2] Cf. Florez, *Esp. Sagr.*, IV, 308.

[3] Biclarense, p. 213. — Acêrca dos *Runcones* (*Rucones*) vid. Cortés y López, *Dicc. geogr.-hist. de la España antigua*, III (1836), 311.

[4] Biclarense, p. 216.

[5] Biclarense, p. 217.

[6] É a data que traz Dahn, VI, 559. Cf. Mommsen, na edição da *Hist. Sueborum*, de Isidoro, § 92.

tulo, e á existencia de reis ou chefes, cuja côrte se crê fosse algum tempo em *Bracara* [1]. Apesar de haver moedas de ouro suevicas cunhadas á imitação das imperiaes [2]; de ser o *sermo rusticus* já, ao que parece, lingoa geral entre os Suevos no tempo de S. Martinho [3]; e de

---

[1] Cf.: *España Sagrada*, IV (2.ª ed.), 103; Cardeal Saraiva, *Obras*, I, 198; Dahn, VI, 568; Caspari, p. XI e nota; Heiss, in *Rev. Numismatique*, 1891, p. 149. Documentos antigos em que se cite *Bracara* como capital dos Suevos não os conheço, mas a favor d'essa opinião depõe o ser Braga, ao tempo do 1.º concilio (561), séde da igreja metropolitana de toda a Gallecia: *Quum Gallaeciae provinciae episcopi .. in metropolitana ejusdem provinciae Bracarensis ecclesia convenissent*, segundo se lê na acta respectiva. Todavia Lugo parece que tambem foi metropole no sec. V (cf. Florez, *Esp. Sagr.*, IV, 103), e formava um synodo metropolitano a par com Braga ao tempo do 2.º concilio bracarense, em 572 (cf. infra, p. 559). — Não sería Bracara côrte unica dos Suevos. Rechila conquistou Emerita em 440 (Hyd., § 119), e ahi morreu em 448 (Hyd., § 137); visto que esta cidade era a capital da Lusitania romana, ficaria sendo tambem côrte do rei suevico. Em dias de Rechiario (448–456 ou 457) parece que esteve a côrte em Astorga, porque Hydacio diz, § 173, que, entrando nas Hipanias o rei godo Theodorico II em 456, sae ao seu encontro o rei suevico, trava batalha com aquelle a 12 milhas de Astorga, *de Asturicensi urbe*, e é vencido, pelo que Theodorico prosegue na sua marcha victoriosa até Bracara, *extremam civitatem Gallaeciae* (§ 174), — a última, porque Portucale, como diz nos §§ 175 e 195, era então apenas um *locus* ou um *castrum*: se Bracara fosse capital, Hydacio empregaria palavras diversas; alem d'isso o chronista, ao passo que chama *civitas* a Bracara, chama *urbs* a Astorga, e vê-se que Rechiario saiu d'aqui. (Outros empregos de *urbs* e *civitas*: *Scallabis é civitas*, § 206; *in Lucensi urbe*, § 219; *Tolosae civitatis*, § 244).

[2] Vid.: A. Allen & Nunes Teixeira, in *Revue Numismatique*, 1865, p. 235–249; A. Heiss, *ibidem*, 1891, pp. 146–164; Campaner y Fuertes, *Indicador de la Numismática española*, p. 175 (resumo do citado artigo de Heiss).

[3] Cf. Caspari, p. XCI (nota 1)–CXIV. — Da lingoa materna (germanica) dos Suevos não nos restam senão vocabulos avulsos, por exemplo, nomes proprios de bispos (*Vitimir* ou *Witimer* = *Withimir*; *Ildericus*; *Remisol*; *Adoricus*; *Anila*; *Mahiloc*) e de monarchas.

tal ou qual fulgor que as obras dos escritores ecclesiasticos galleco lusitanos citadas supra, p. 545–548, projectam na barbarie dos sec. V–VI [1], não ha dúvida que esta era grande. No 1.º concilio de Braga, em 561, os proprios bispos, fallando das populações ignorantes da Gallecia, confessam: «ás quaes, acantonadas »nesta extremidade do mundo, e »nos ultimos confins d'esta provin»cia, pouco ou quasi nada tem »chegado da boa instrucção» [2]. —

Fig. 295.ª
Moeda suevo-lusitanica de ouro, com emblemas christãos [3]

Acêrca do estado da civilização no periodo suevico cf. tambem: Caetano do Amaral, *Mem. de Litteratura,* VI, 129–131; Dahn, *Die Kön. der German.,* VI, 559–569 [4]; Caspari, *Martin von Bracara's Schrift De correctione rustic.,* pp. XC sqq.; A. Sampaio, *As «villas» do N. de Portugal,* pp. 85–86.

*

Fallemos agora das crenças religiosas.

Os Suevos, pelo menos em grande parte, entraram na Peninsula no estado de pagãos, pois Rechila, seu rei, assim morre em Mérida em 448: *Rechila, rex Suevorum, Emerita gentilis moritur mense Augusto,* diz Hydacio, § 137. Rechiario, filho de Rechila, succede-lhe já conver-

---

[1] Hydacio até procura ás vezes effeitos rhetoricos: *captivitas captivorum,* § 174; *caret imperio .. caret et vita,* § 183.

[2] Apud Caetano do Amaral, *Vida e opusc. de S. Martinho,* p. 25.

[3] Pertence ao Museu Ethnologico Português, e consta que veio da Lixa (Felgueiras). É um *triente* ou *tremissis* (= 1/3 de um *solidus* «soldo d'ouro», ou *aureus*). A esta especie de moedas se refere o canon 4.º do 2.º concilio bracarense, quando diz que nas igrejas se costumam exigir pelo chrisma ou balsamo bento para o bàtismo *singuli tremisses.*

[4] O que este diz da palavra *serosos* ou *sebosos,* applicada aos Portugueses, a qual elle suppõe vir de *Suevo,* foi já refutado pelo traductor hespanhol da *Historia* de Oncken, IV, 213, nota.

tido ao catholicismo: *cui mox filius suus catholicus Rechiarius succedit in regnum,* accrescenta o mesmo chronista, *ibidem.* O catholicismo durou assim algum tempo nos Suevos, até que no reinado de Remismundo não só, por 464, surge entre elles, vindo da Gallia, o bispo Ajax, que propaga o arianismo, mas vemos o proprio monarcha ajudá-lo [1]: d'onde se infere que este era tambem ariano, talvez por instigações do rei dos Visigodos Theodemiro II, com quem estava alliado, e de quem recebêra uma esposa visigotica [2]. Vem em seguida o intervallo cujos reis não se conhecem, e durante o qual dominou na Gallecia o arianismo, como sabemos de um texto de S. Isidoro, que antes transcrevi. Por volta de 550 [3] chegou por mar á Gallecia, das partes do Oriente, S. Martinho, Pannonio, o qual ao depois foi successivamente, por seus meritos e actividade, bispo de Dume e de Braga; com esta chegada coincide pouco mais ou menos a conversão do rei Chararico e do seu povo ao catholicismo [4]: e o catholicismo, por influencia de S. Martinho, pertinaz adversario dos arianos, cada vez se radica mais na Gallecia [5], a ponto de se celebrarem em Braga

---

[1] Hydacio, § 232. Cf. Dahn, VI, 554.

[2] Hydacio, §§ 232 e 226. Cf.: Maimbourg, *Hist. de l'arianisme,* III (1682), 48; Caspari, Martin von Bracara's Schrift *De correctione,* etc., pp. IV (-V), nota; Dahn, *Die König. der German.,* VI, 554–555.

[3] Caspari, pp. II–III.

[4] S. Gregorio Turonense, *De miraculis S. Martini,* lib. I, cap. XI, lugar que já citei supra. A narração do santo está porém envolta em fábulas, como era natural no seu tempo. O Cardeal Saraiva, *Obras,* I, 197 sqq., tem uma «Nota sobre o logar em que se effectuou a conversão dos Suevos na Galliza», a qual porém cito apenas por memoria, e não porque valha muito.

[5] Acêrca d'esta influencia do prelado minhoto na conversão dos Suevos, vid.: Caetano do Amaral, *Vida e opusc. de S. Martinho,* pp. 6–93, e pp. 130–138; Caspari, *ob. cit.,* introducção. E cf. S. Isidoro Hispalense, *Historia Sueborum,* ed. cit., p. 302.

dois concilios no periodo suevico, em 561 e 572 [1], e de aquella região, que ao tempo do 1.º concilio bracarense formava uma só provincia ecclesiastica [2], formar dois synodos ao tempo do 2.º, — um com a séde em Braga, e seis bispados suffraganeos (Dume, Viseu, Coimbra, Egitania, Lamego, e Meinedo ou Porto), e outro com a séde em Lugo, e cinco bispados suffraganeos (Iria, Orense, Asturica, Tuy, e Britonia) [3]: ao todo, contando as sédes, treze bispados [4].

Temos pois quatro momentos na vida religiosa dos Suevos: até Rechila (paganismo); de Rechiario a Remismundo (catholicismo); de Remismundo a Chararico (arianismo); de Chararico em diante (outra vez o catholicismo) [5]. Deve entender-se que não fallo apenas da Gallecia,

---

[1] Aguirre, *Collect. concil. Hispan.*, III (2.ª ed.), 177, e 203. — A respeito da data do 1.º concilio de Braga vid. Caetano do Amaral, *Vida e opusc. de S. Martinho*, p. 22, nota *a*; e cf. Caspari, p. XIV, nota 3. Sobre os suppostos concilios de Lugo em 569 e 572 vid. o que diz Florez, *España Sagrada*, IV, 150–151, e XV, 238–239. — É falso que em 411 se celebrasse em Braga um concilio: vid. Pereira da Silva Leal, *Dissertação exegetica-critica*, Lisboa 1723 (na *Coll. de doc. e mem. da Acad. de Hist.*, t III). A questão foi muito debatida antes e depois d'esta data.

[2] Vid. a acta em Aguirre, *ob. cit.*, III, 182; Florez, *España Sagr.*, XV, 188 sqq.; Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, I, (1910), 663 sqq. — Acêrca do número dos bispados d'esta provincia, vid. Florez, *España Sagrada*, IV, 171–172.

[3] Vid. a subscripção da acta do 2.º concilio de Braga: Aguirre, III, 206; Florez, *Esp. Sagr.*, XV, 240-243; Fortunato de Almeida, *Hist. da Igr. em Portugal*, I, 689.

[4] O de Dume devia abranger apenas o mosteiro e dependencias: Caetano do Amaral, *Vida e opusc. de S. Martinho*, p. 117. Acêrca d'este bispado vid., alêm do auctor citado agora: Florez, *España Sagr.*, XVIII, trat. 59; Argote, *Mem. de Braga*, III, 408; Mensenhor Ferreira, in *O Arch. Port.*, XIII, 76.

[5] Cf.: Menéndez y Pelayo, *Hist. de los heterodoxos españoles*, I (1880), 172–175; Caspari, p. IV; Herwegen, *Das pactum des hl. Fruktuosus*, p. 51, o qual, além dos quatro periodos, cita mais dois, um ariano e outro catholico, já sob o dominio visigotico.

mas de todo o territorio por onde, como vimos, o reino suevico se estendeu; e tanto assim que a cidade de Emerita, em que Hydacio diz que Rechila morreu pagão, ficava na Lusitania.

Nos Galleco-Romanos e Lusitano-Romanos o catholocismo, conforme sabemos [1], era já, havia muito, religião florescente, sem embargo das heresias dos priscillianistas e manicheus, do arianismo suevico, e de algumas particularidades ritualisticas locaes. Os bispos catholicos orthodoxos não param de combater aquellas heresias: em 445 Hydacio, de *Aquae Flaviae,* e Toribio, de Astorga, enviam a Antonino, bispo emeritense, o processo instaurado aos manicheus que na segunda das mencionadas cidades se descobriram [2]; em 561, no 1.º concilio de Braga, a que concorreram prelados do Norte e do Sul do Douro, resolve-se que, não obstante a condemnação antes feita do priscillianismo (em dias do papa S. Leão, sec. v), ella se renove, — e de facto se fulminam dezasete anathemas contra o priscillianismo, nos quaes ao mesmo tempo se encontram referencias ao manicheismo e a outras seitas [3]. Da acção de S. Martinho contra o arianismo fallei supra; anteriormente a elle o teria tambem impugnado o bispo Hydacio, que com aversão natural o menciona na sua *Chronica,* § 232. Ás particularidades ritualisticas allude o 1.º concilio bracaren-

---

[1] Vid. supra, p. 536 sqq.

[2] Hydacio, § 130.—Cf. M. y Pelayo, *Heterodoxos,* I, 170.

[3] Aguirre, *Concil.,* III (1753), 178-179 (texto latino). O mesmo texto tem sido várias vezes reproduzido em Portugal e traduzido. Vid., por ultimo, F. de Almeida, *Hist. da Igr. em Port.,* I, 663 sqq.—Cf. tambem Pelayo, *Heterodoxos,* I, 123 e 125, o qual suppõe que o priscillianismo morreu no sec. VI, embora perdurem resquicios na Gallecia até o sec. VIII. Caetano do Amaral, *Vida e op. de S. Mart.,* pp. 114 e 115, já igualmente dera o priscillianismo como moribundo ao tempo do 1.º concilio de Braga. A acta do 2.º concilio (572) é bem peremptoria a tal respeito: *de unitate et rectitudine fidei in hac provincia nihil est dubium* (Aguirre, III, 204).

se: *sunt aliqua ecclesiasticae institutionis obsequia, quae in huius praesertim extremitate Provinciae, non per contentionem .. sed magis .. per incuriam aut per ignorantiam variantur* [1]; e todos os bispos procuram reduzir á unidade catholica os costumes da Igreja gallega, o que consta de varios capitulos da acta do concilio [2]. Entre esses costumes especializarei, por se relacionar com o meu assunto, o de usarem guedelhas *gentili ritu* certos ministros chamados *lectores* [3].

Assim como no seio da propria Igreja, intransigente por natureza, havia resaibos gentilicos, facilmente se comprehende que residuos do paganismo germanico e latino e das religiões pre-romanas dos povos da Lusitania e da Gallecia se conservassem infiltrados nas crenças da plebe christã d'aquellas provincias na epoca de que estou fallando, — plebe que se compunha de desvairados elementos: autochtonicos, romanos e suevicos. Taes residuos não chegaram ao nosso conhecimento em grande número, mas alguns podemos apreciar na Chronica de Hydacio, nas actas dos concilios de Braga, num livro de S. Martinho de Dume, e na collecção dos Canones organizada pelo mesmo bispo. Aqui os vou indicar por sua ordem.

Antes porém de o fazer, deter-me-hei um instante com o rito sepulcral dos christãos do sec. VI, visto que nas differentes secções d'esta obra tenho incluido, como elemento religioso, o destino dado aos cadaveres.

No 1.º concilio de Braga, canon 18, estabeleceu-se o

---

[1] Aguirre, *Concil.*, III, 180. Estas palavras combinam com as que a p. 657 citei da falta de instrucção dos Gallecos devida ao isolamento da região. — Acêrca das particularidades da Igreja gallega cf. tambem D. Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, 842-844.

[2] Aguirre, III, 180-181.

[3] Cf. Argote, *Mem. de Braga*, tit. II, tomo 1.º, p. 603 sqq, e Caetano do Amaral, *Vida e op. de S. Mart.*, pp. 43-44.

seguinte: *aprouve que os corpos dos defuntos por nenhum modo se enterrem dentro da basilica dos santos, mas quando seja necessario, da parte de fóra junto á parede da igreja, onde não fica tão indecoroso; porque se as cidades até agora conservam inviolavel o privilegio de se não enterrar corpo de defunto dentro do recinto de seus muros, quanto mais se deve guardar em reverencia aos martyres veneraveis?* Caetano do Amaral, que assim traduz, commenta: «To»ca-se neste canon a prohibição que as leis civis havião »feito, de se enterrar corpo algum dentro da cidade, o que »naturalmente se refere á disposição das Doze Taboas, »renovada depois pelos imperadores. D'este decoro que se »quis guardar ás cidades se faz aqui argumento para de»ver ser maiormente guardado aos corpos veneraveis dos »martyres, de não serem sepultados outros corpos onde »jazem as suas reliquias. O que dá a entender, 1.º) que »nesta provincia havia as basilicas em que descançavão os »corpos dos martyres, a que por isso chamavão *marty»rios;* 2.º) que tambem aqui se havia começado a intro»duzir a pretensão de se enterrarem dentro das igrejas, »a qual n'huns era nascida de devoção, em outros de vai»dade. Finalmente, temos neste canon a mais antiga or»denação que se conhece, das Hespanhas, para que os »corpos se enterrassem junto á igreja, mas da parte de »fóra. Do que tiverão origem as capellas que se costu»márão depois fazer arrimadas ás igrejas; de que ainda »ha vestigios em muitas igrejas antigas» [1].

Parallela, em parte, ao que fica dito, temos esta disposição na collecção dos Canones ordenada por S. Martinho (segundo a traducção do mesmo Caetano do Amaral): «Não convém que os clerigos ignorantes e ousados vão »exercitar os ministerios no campo sobre os moi»mentos; mas ou na igreja, ou em basilica onde estão »depositadas reliquias de martyres, ahi offereção a oblação

---

[1] *Vida e op. de S. Martinho*, p. 54.

»pelos defuntos». Ás palavras que espacei corresponde no texto *super monumenta in campo*.

É curioso que haja hoje na frèguesia de S. Christovão de Nogueira, concelho de Sinfães, um campo chamado *Os Mementos*, por «Os Moimentos», onde se vêem muitas sepulturas abertas em rocha, que de certo datam da idade-media [1]. De outras semelhantes denominações locativas que abundam pelo país, *Moimenta*, *Momenta*, *Moimento*, e deminutivamente *Moimentinha*, *Momentinha*, estará tambem a origem em antigos monumentos (monumentum, monumenta) de caracter sepulcral.

a) *Chronica* de Hydacio.

Hydacio, como tinha instrucção classica, lembrava-se, ao escrever à sua obra, de que os auctores romanos intercalaram nas narrações historicas por vezes noticias de prodigios, isto é, de phenomenos sobrenaturaes ou extraordinarios que se suppunha annunciavam geralmente aos homens intenções dos deuses, — no que a todos os historiadores leva a palma Tito Livio [2]: por isso fez o mesmo.

No § 126 regista o apparecimento de um cometa, e nos §§ 136 e 225 regista eclipses [3]. Nos §§ 149 e 159 menciona terremotos, accrescentando no primeiro caso que se mostraram no ceu muitos sinaes, linhas de fogo a modo de lanças rutilantes, e no segundo que se viram no Occidente como que dois soes que lutavam entre si. No § 217 conta que na Gallecia, por effeito de raio, houve in-

---

[1] Cf. *O Arch. Port.*, VIII, 61.

[2] Resta-nos mesmo boa parte de uma obra compilada no sec. IV por Julio Obsequente com o titulo de *De prodigiis*. Sirvo-me da ed. de Oudendorp (1719). — Vid. sobre o assunto F. Luterbacher, *Der Prodigienglaube und Prodigienstil der Römer*, Burgdorf 1904, trabalho que adiante tornarei a citar.

[3] Acêrca da data dos eclipses de que falla Hydacio vid. as indicações dadas por Florez, *España Sagrada*, IV, 533 (indice).

cendios em quintas, e se queimaram rebanhos de ovelhas, e que cahiram da atmosphera *pluviae mixtae* [1], e morreram dois adolescentes com os corpos pegados um ao outro. No § 214 falla-nos de novos phenomenos celestes: em 2 de Março de 462 a lua transformou-se em mancha de sangue. No § 214–a memora um parto de duas crianças de um ventre no *conventus* bracaraugustano, e de quatro crianças em Lião. No § 253 refere que no rio Minho se pescaram quatro peixes marcados com letras hebraicas e gregas e com uma data em latim, — o que foi observado por gente christã e devota; e que não longe do municipio de Lais choveu uma especie de grãos muito verdes, em fórma de lentilhas.

Postoque alguns dos citados phenomenos sejam vulgares na Natureza, e outros se interpretem tambem pelas leis naturaes, mal se poderá duvidar que para Hydacio, e por conseguinte para o povo que o cercava, todos elles tivessem caracter maravilhoso, isto é, supersticioso, tanto mais que o bispo emprega com frequencia as significativas expressões de *signum, portentum, ostentum, prodigium:* ora foi este estado mental que eu quis aqui considerar. Identicas ou analogas superstições apparecem noutros textos medievaes, e em textos antigos; e sem grande difficuldade as encontraremos ainda em vigor nos tempos modernos [2].

---

[1] Com esta expressão pretenderá Hydacio significar chuvas grossas, i. é, misturadas de terra, de neve, ou de granizo: cf. Seneca *Natur. quaest.*, IV, 4, 3: «cum pluvia rara et minuta nivem quoque *admixtam* . . ». Para os antigos havia muitos prodigios tirados da chuva, como se vê em Julio Obsequente: *Anagniae terra pluit,* cap. 70; *sanguine pluit,* cap. 86; *Praeneste lacte pluit,* cap. 96; *in Thuscis lapidibus pluit,* cap. 104, etc. Cf. tambem Luterbacher, *Der Prodigienglaube* (já cit.), p. 23.

[2] Eclipses e cometas foram em todas as epocas motivo de terror: com relação á antiguidade vid. T. Livio, XXVI, 5 (eclipse da lua), Juvenal, VI, 440–443 (id.), Tacito, *Annal.*, I, 28 (id.), Julio Obsequente, cap. 103 (*solis defectus*) e 128 (*stella crinita*); de

b) Actas dos concilios bracarenses.

Já vimos que no 1.º concilio de Braga, em 561, se atiraram os ultimos tiros ao priscillianismo gallego. Um dos anathemas proferidos contra elle, o 9.º, assim soa: «Seja maldito quem acreditar que as almas e corpos dos

---

cometas na idade-media trata C. Meyer, *Der Aberglaube des Mittelalters*, Basileia 1884, p. 12; «les comètes, les éclipses (diz A. Maury, *La magie et l'astrologie*, 4.ª ed., pp. 181-182), étaient encore au moyen-âge, comme dans l'antiquité, tenues presque par tout le monde pour des présages de calamités ou de grandes révolutions, opinion qui fut aussi celle de plusieurs Pères de Église»; e cf. Tylor, *La civilis. primit.*, I, 382 (primeiros tempos do christianismo: eclipses) e I, 376 sqq. (crenças dos selvagens: eclipses); de superstições portuguesas respectivas a cometas e eclipses fallo na *Trad. pop. de Portugal*, §§ 59 e 37, e na *Rev. Lusit.*, VI, 291.—O que se diz dos cometas e eclipses póde dizer-se dos terremotos: Preller, *Griechische Mythologie*, t. I, 3.ª ed., p. 525 e n. 4.; Tylor, *ob. cit.*, I, 418 sqq.; ha tambem orações ecclesiasticas contra elles (vid., por exemplo, uma que vem appensa ao *Manual de orações para assistir ao sacrificio da missa*, anonymo, 1773, pp. 159-160). —De sinaes luminosos no ar e do apparecimento de dois soes falla Julio Obsequente, capp. 105 e 73; não de dois soes que batalham um com o outro, mas do sol que contende com a lua, temos um eco em algumas superstições portuguesas (vid. *Trad. pop. de Portugal*, pp. 4-6); e cf. Obsequente, cap. 103 (*arma caelestia .. ab ortu et occasu visa pugnare*).—Chuvas maravilhosas mencionei-as supra, p. 564, nota 1.—O raio era objecto de várias crendices na Lusitania, e em geral na Peninsula: vid. esta obra, I 403-404, II 104, e supra. pp. 486-488. Como prodigio nos Romanos: Luterbacher, *Der Prodigienglaube*, pp. 22-23.—Lua mudada em sangue: vid. *Velho Testamento*, Joel, II, 31 (sol convertetur in tenebras, et *luna in sanguinem*).—Acêrca de nascimentos multiplos vid. J. Obsequente, cap. 100 (*gemini*), e 73 (*trigemini*), e cf. *Rev. Lusit.*, XII, 140-142.—Comparavel aos peixes que se pescaram no rio Minho, e em que se liam letras e numeros, é que de pronto não me occorre nada; poderei porém lembrar um peixe (*Zeus faber* ou *peixe de S. Pedro*), que conserva a impressão dos dedos de S. Pedro, de quando este os apanhou: vid. E. Rolland, *Faune populaire de la France*, III, 161.

»homens estão de modo fatal sujeitos ao influxo das estrel-»las, *como disseram os pagãos* e Priscilliano». — Estas ideias astrologicas eram muito dos habitantes do Norte da Peninsula, que as possuiam de tempos immemoriaes, como fica demonstrado supra, p. 206 sqq., e noutros lugares da presente obra.

No 2.º concilio, em 572, ha apenas isto com relação ao assunto que me occupa: determina-se que os prelados, visitando as igrejas das suas dioceses, preguem aos homens do povo *que fujam dos erros da idolatria* (canon 1.º), — disposição de tal modo vaga e geral, que nos elucida pouco.

Em seguida ás actas dos dois concilios de Braga, transcreve Aguirre [1] uns fragmentos de concilios bracarenses que não constam das actas d'elles, mas de Burch(ard?), em um dos quaes se manda que não se venerem arvores, fontes e penedos, nem se accendam archotes. — Adiante veremos condemnações semelhantes.

c) *De correctione rusticorum* de S. Martinho:

D'esta obra disse eu acima que havia uma optima edição feita por Caspari em 1883. O sabio professor de Christiania pensa que o tratado *De correctione rusticorum* é um sermão que Polemio, bispo de Astorga, pedira a S. Martinho Dumiense como ao mais instruído dos bispos da Gallecia no seculo VI, para, em virtude do canon 1.º do 2.º concilio bracarense, que, como vimos, manda os prelados visitarem as igrejas das suas dioceses, e admoestarem a plebe a fugir da idolatria, elle proprio prègar [2]: terá assim a mesma origem que a collecção dos Canones a que adiante me refiro. Fossem quaes fossem os

[1] III, 206.

[2] Pag. LXXXVII–LXXXVIII.

motivos que determinaram S. Martinho a escrevê-lo, o que é certo é que, para combater as superstições dos rusticos da Gallecia, o santo as enumera, e faculta assim aos estudiosos um peculio litterario cuja importancia ethnographica um asceta medieval, embora culto, estava muito longe de prever, porque o que elle anathematizava é o que a nós nos aproveita [1].

Eis, para o nosso caso, o resumo do que ahi se lê:

§ 6. Depois do diluvio, os homens começaram a adorar as cousas materiaes: o sol, a lua, as estrellas, o fogo, as agoas.

§ 7. O Diabo, vendo isso, manifestou-se-lhes com os seus ministros em fórma de deuses, com os nomes de pessoas sceleradas que tinham existido: Juppiter, Marte, Mercurio (em honra de quem os gananciosos, ao passarem nas encruzilhadas, fazem montões de pedras em guisa de sacrificios [2]), Saturno, Venus.

§ 8. E levou os rusticos [3] a erigirem-lhes templos com estatuas e aras onde se derrama sangue não só de animaes,

---

[1] No *Cancioneiro da Ajuda*, II, 843–844, allude tambem a Sr.ª D. Carolina Michaëlis a essa importancia, quando falla da guerra feita por S. Martinho Bracarense á idolatria e ás superstições do vulgo.

[2] Caspari cita a proposito Preller, *Griechische Mythologie*, I (3.ª ed.), 384, que falla de monticulos de pedras postos nos caminhos e nas encruzilhadas em honra de Hermes, aos quaes cada viandante lançava uma pedra, appunha uma coroa, etc., e cita alem d'isso um glossario antigo latino-allemão onde se lê: *In acervo Mercurii. Consuetudinem habebant ambulantes in via, ubi sepultus est Mercurius, lapidem iactare in acervum ipsius unusquisque in honorem.* Costumes analogos ha em nosso país com o nome de «fieis de Deus»: vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 208; cf. tambem *Religiões*, II, 205–206.

[3] O texto diz: *Ecce tales fuerunt illo tempore isti perditi homines, quos ignorantes rustici* (noutro ms.: *ignorantes et rustici*) .. *honorabant.* S. Martinho estabelece certa confusão entre os pagãos da antiguidade e os rusticos do seu tempo que conservavam vestigios de cultos gentilicos. Cf. tambem o que diz Caspari, p. XCVI.

mas de seres humanos [1]. Alem d'isso muitos dos Demonios que foram expulsos do Ceu presidem ao mar, aos rios, ás fontes, aos bosques; e de modo semelhante os homens que desconhecem Deus os adoram como divindades e lhes sacrificam, chamando-lhes Neptuno no mar, Lamias [2] nos rios, Nymphas nas fontes, Diana nos bosques [3], — todos os quaes são espiritos maus que perseguem os homens infieis que não sabem munir-se do sinal da cruz, e que são tão dubios na fé, que até deram aos dias da semana denominações diabolicas: de Marte, Mercurio, Jove, Venus, Saturno [4].

§ 9. Que loucura que um christão deixe de guardar o Domingo, e guarde o dia de Jove, de Mercurio, de Venus, de Saturno [5]!

---

[1] Aqui é que S. Martinho se refere manifestamente ao passado.

[2] Caspari estranha o uso d'esta palavra, e propõe que em lugar d'ella se leia *Amnes*. Ou o êrro proceda de copistas, ou do proprio auctor. P. 10, nota 19.

[3] Do antigo culto do mar, dos rios, e das fontes não faltam restos entre nós: vid. *Trad. pop. de Portugal*, pp. 68 sqq.

[4] Isto é: *lundi, mardi, vendredi*, etc., em francês; *lunes, martes, miércoles*, etc., em hespanhol; *diluns, divendres*, etc., em provençal; *giovedi, mercoledi*, etc., em italiano: *luni, miercuri*, etc., em rumeno. Em Portugal, como país muito christianizado, foram substituidas as denominações pagãs por *feria*, d'onde *segunda-feira, terça-feira*, etc. Cf. sobre o assunto: F. A. Coelho, *Questões da ling. port.*, I, 140-141; Lang, *Das Liederbuch des Königs Denis*, Halle 1894, p. XXIV; D. Carolina Michaëlis in *Zs. f. rom. Philol.*, XIX, 614. — Acêrca de textos antigos com *feria prima, secunda*, etc., vid. Le Blant, *L'Épigraphie chrétienne*, 1890, p. 28 e nota. Em gallego os dias da semana são em parte analogos aos portugueses, em parte analogos aos hespanhoes: vid. Monaci & D'Ovidio, *Manueletti*, II, 56. — Sei tambem dos seguintes trabalhos, que ainda não pude porém consultar: *Les noms gallo-romains des jours de la semaine*, de Gilliéron; *Die Tagesgötter*, de Maas. — O uso de designar com os nomes dos planetas a semana de sete dias era já geral no Imperio romano no fim do sec. II: Salomon Reinach, *Orpheus*, 4.ª ed., p. 187.

[5] Vid. o § anterior. E cf. Toutain, *Cultes payens*, II, 204.

§ 11. Que se ha-de dizer do estultissimo êrro de tambem consagrar dias ás traças e aos ratos, e de um christão ter esses animaes em conta de deuses? [1] Outra loucura consiste em se julgar que quem está farto e contente a todos os respeitos na entrada do anno, o continnará a estar durante elle [2]. Vãs superstições!

---

[1] Tal superstição vem mencionada tambem em um sermão de S. Eligio ou Eloi (sec. VI-VII), segundo dizem Caetano do Amaral, *Vida e op. de S. Martinho*, p. 248, nota, e Caspari, p. 14, n. 4, que remette para Grimm, *Deutsche Myth.* (4.ª ed.), III, 402, onde parte do sermão foi transcrita. Caspari lembra a proposito as festas romanas de Janeiro, chamadas *Paganalia*, nas quaes se invocava *Tellus* e *Ceres* para protegerem os frutos campestres contra formigas e ratos. Em Portugal ha varias superstições a respeito de insectos, myriópodes, etc.: das baratas se cuida que casa onde as ha, é feliz (Santarem, etc.); a centopeia dá sinal de chuva e de sol, e ha uma fórmula magica para a fazer parar (*Trad. pop. de Portugal*, p. 133); a aranha não se deve matar, porque indica fortuna (Minho); o mesmo dizem dos grillos (Beira); S. Bento é advogado contra as formigas (*Trad. pop. de Port.*, p. 138); uma espiga ou «maçaroca» de milho encarnado chama a si a traça (Obidos). Contra os ratos traz Rolland, *Faune pop.* (mammif.), p. 23, uma fórmula; mas em Portugal não conheço nada semelhante. — Caspari, parecendo-lhe, como creio, um pouco singular o adorarem os rusticos as «traças» e os «ratos», aventa que talvez essa opinião de S. Martinho provenha de má interpretação de orações ou fórmulas como a de Ovidio, *Fastos*, I, 685 sqq., para a ceifa ser copiosa: *Vos, quoque, formicae, subiectis parcite granis.* Não ha, porém, dúvida que o povo tem em tal ou qual veneração os animaes d'esta qualidade, como vimos supra.

[2] Observa Caspari, p. 16, n. 2, que esta superstição foi muitas vezes combatida pelos PP. da Igreja, e cita a proposito um trecho de um sermão attribuido a S. Cesario, bispo de Arles (sec V-VI). Ainda hoje em Portugal se diz que o que se fizer em dia de anno-bom se faz todo o anno: e assim come-se um bom jantar, estreia-se um fato, dá-se um passeio, — para que o mesmo continue a acontecer pelo anno adiante (Obidos, etc.); cf. *Ensaios Ethnographicos*, III, 254 e 259.

§ 12. Não percebeis claramente que os Demonios vos mentem nestas práticas, e que ainda com mais freqüencia vos enganam nos agouros a que daes credito? Com as vozes das aves elles fazem que os homens percam a fé em Christo [1].

§ 16. Como é que os que renunciam ao Diabo [no momento do bàtismo, § 15] voltaram ao culto diabolico? Que é senão isso o accender velas junto de penedos, arvores e fontes, e nas encruzilhadas? [2] o acreditar em adivinhações e agouros [3], e guardar os dias dos idolos [4],

---

[1] Comquanto o que S. Martinho diz dos agouros nada tenha especial, porque esta superstição é de todos os povos e tempos, lembrarei no emtanto que já acima, p. 63 sqq., citei um texto antigo que no-la menciona nos Gallecos; achamo-la assim continuada na mesma região desde eras remotas até o sec. VI. Com relação a tempos posteriores vid. tambem loc. cit., e alem d'isso: *Ethnographia Portuguesa*, de F. A. Coelho, p. 16; *O povo português*, de Th. Braga, II, 76 sqq.; *Cancioneiro da Ajuda* de D. Carolina Michaëlis, II, 842-843; e as minhas *Trad. pop. de Port.*, p. 158, 159, etc.

[2] Tanto Caetano do Amaral, p. 254, como Caspari, p. 29, nn. 11 e 13, citam a este proposito muitos textos ecclesiasticos em que apparecem as mesmas ideias. Nas *Constituições* episcopaes de Lamego, anno de 1563, p. 135, prohibe-se que com procissões vão a outeiros e penedos. No Minho ainda hoje os padres, com vela accesa e rezas, desencantam thesouros em penedos (F. Alves Pereira, in *O Arch. Port.*, IV, 299, n. 2). Vestigios do culto das fontes temos muitos tambem na actualidade: *Ensaios Ethnogr.*, I, 49, II, 41; *Trad. pop. de Port.*, p. 71 sqq.; e das arvores: *Trad. pop. de Port.*, p. 105 sqq. As encruzilhadas constituem pontos de reunião de Bruxas e de outros seres fantasticos, e o povo tem medo de lá passar de noite; em algumas provincias é freqüente encontrar nellas cruzeiros e *alminhas* (vid. adiante, pp. 595 e 602).

[3] Cf. supra, nota 1, sobre agouros.

[4] Isto é, dos deuses pagãos. O texto diz: *dies idolorum observare.* Temos aqui uma confusão entre deuses e idolos, analoga á de que fallei supra, pp. 69-71. Ideia corrente nos PP. da Igreja. Cf. S. Cypriano, — *Quod idola dii non sint.*

festejar os *vulcanalia* [1] e as calendas [2], enfeitar mesas [3], *lauros ponere* [4], *pedem observare* [5], deitar frutos e vinho

---

[1] Acerca dos *vulcanalia* (*volcanalia*) ou festas romanas em honra de Vulcano, que se celebravam em 23 de Agosto, vid. Preller, *Röm. Myth.* (3.ª ed.), II, 151–152, e Marquardt, *Le culte chez les Rom.*, II, 9, n. 8. Por essa occasião deitavam-se ao lume peixes vivos, pescados no Tibre.

[2] A respeito da «festa das calendas» diz Du Cange, *Glossarium*, s. v. «kalendae»: «ita appellant Scriptores publicas illas ac super»stitiosas laetitias, quas Kalendis Januarii, quibus annus aperitur, »exhibuere primum Gentiles, usurpavere etiam postmodum Chris»tiani, et quas utrique indecoris choreis .. foedabant .. Ea porro »superstitio vigente Christianismo adeo invaluit, ut vix ab Ecclesia »proscribi potuerit». Temos aqui as modernas *janeiras*, festejadas ainda ao presente com bastante vigor pelos rapazes no Minho e noutras provincias. — Vid. sobre o assunto: *Ensaios Ethnographicos*, III, 254 sqq.; Ad. Coelho, na *Rev. de Ethnologia*, p. 50 sqq. e 92 sqq.; Th. Braga, *O povo português*, II, 253 sqq. — Já da prohibição das festas das calendas tratára com desenvolvimento Caetano do Amaral, *Canones de S. Martinho*, pp. 355–358. — Com a proclamação da Republica em Portugal deu-se uma transformação curiosa nos nossos costumes: os versos que d'antes tinham caracter religioso e familiar passaram no Porto a tê-lo politico, pois ahi ouvi os rapazes, em 31 de Dezembro de 1911, cantar satiras aos monarchicos e aos jesuitas, e com ellas pedirem pelas portas as janeiras.

[3] Vid. o que diz Caspari, citando o trecho já acima mencionado, p. 569, nota 2: *aliqui etiam rustici mensulas in ista nocte* (31 de Dez.) *plenas multis rebus*, etc.; e cf. tambem os costumes portugueses que na mesma nota referi.

[4] Caspari cita exemplos latinos e gregos, antigos e medievaes, do uso de loureiro e de outras arvores ás portas e nas casas para se afastar magicamente o mal: p. 31, nota 5. Cf. Caetano do Amaral, *Canones de S. Martinho*, pp. 358–359. O loureiro ainda hoje entre nós tem adstrictas muitas superstições: figura nos ensalmos; loureiro bento, isto é, guardado da festa de Ramos, livra de trovoadas; em loureiro não cae raio.

[5] Supponho que Caspari não interpreta devidamente esta frase quando a compara com a seguinte superstição: .. *quaedam mulieres .. quae observant vestigia et indagines Christianorum, et*

(no lume)[1], pão na fonte[2], implorarem Minerva as tecedeiras[3], escolher para dia de casamento a 6.ª feira[4], observar em que dia se ha-de sair de casa[5], fazer male-

---

tollunt de eorum vestigio cespitem et illum observant, et inde sperant sanitatem aut vitam eorum auferre (p. 31, n. 6). No meu entender, *pedem observare* significa: ver com que pé se entra em casa ou se sae d'ella, para d'ahi se tirar agouro, — superstição já vinda da antiguidade (*Lexicon Lat.*, de Forcellini, s. v. «pes»), e á qual alludem as *Constituições* episcopaes de Lamego, do sec. XVII (apud Ad. Coelho, *Ethnogr. Portug.*, p. 30, § 163). Effectivamente hoje crê-se que é mau entrar em casa com o pé esquerdo; e pelo contrário diz-se de alguem que é feliz numa casa ou num negocio — *entrou com o pé direito:* cf. *Mélusine*, II, 233, e Fryklund, *Les changements de signif. des expressions de droite et de gauche*, Upsala 1907.

[1] Este costume tambem veio do passado: *ter liquido ardentem perfudit nectare Vestam* (Vergilio, *Georg.*, IV, 383); no intervallo da comida os Romanos iam deitar algum alimento no lume em honra dos deuses (cf. Marquardt, *Vie privée des Romains*, I, 382[-383], n. 9).

[2] Acerca de offerendas feitas ás fontes santas vid. Maury, *La magie et l'astrologie*, 4.ª ed., pp. 158-159; e cf. *Ensaios Ethnogr.*, II, 44, e *Trad. pop. de Port.*, p. 73.

[3] Acima, p. 272, vimos ser Minerva entre os Romanos protectora das industrias femininas. No Alto-Minho as tecedeiras invocam como sua advogada a *Senhora da Enderença* (de *enderençar:* substantivo verbal anthropomorphizado: *nomen numen*), e em Trás-os-Montes a *Senhora das Dores.*

[4] Hoje é o contrario: *Em terça e sexta-feira || Não cases a filha, nem urdas a teia.* Evita-se a 6.ª feira por causa de nesse dia ter morrido Christo. Cf. Caspari, p. 33, nota. Já num sermão antigo se diz tambem: *ut quinta feria nec viri opera faciant, nec mulieres lanificium* (apud Caetano do Amaral, *Canones de S. Martinho*, p. 359), onde, como no nosso adagio, se falla do trabalho caseiro das mulheres; ali a quinta-feira entra provavelmente por causa de quinta-feira santa ou maior.

[5] Prohibição analoga se encontra nas *Constituições* episcopaes, por exemplo nas de Braga e Porto, do sec. XVII: apud *Ethnogr. Port.*, de Ad. Coelho, pp. 28 e 31. E já nos Padres da Igreja e noutros auctores christãos da idade média: cf. Toutain, *Cultes païens*, II, 196 e 204.

ficios com hervas ao som de ensalmos e invocar o nome do Diabo?[1] dar attenção a aves e a espirros?[2] proferir palavras magicas e versos?[3]

Não havemos de cingir-nos de modo absoluto á letra d'estes textos, considerando-os puro transunto de superstições locaes, porque o bispo de Braga, que, como outros padres da Igreja, por exemplo S. Agostinho, explicava evhemeristicamente a origem dos deuses gentilicos, e attribuia ao paganismo greco-romano tudo o que não era christão, mesmo que fosse de origem germanica, iberica ou outra[4], não fazia mais do que presuppor nos rusticos da sua provincia ecclesiastica ideias que ou já então estavam obsoletas, ou eram mais ou menos universaes[5]; todavia, algumas cousas ahi temos realmente gallecas, visto que, conforme se patenteia das notas, ellas andam hoje na tradição popular, e não podem pois deixar de provir directamente da idade-média.

d) *Canones* de S. Martinho.

Depois de celebrado o 2.º concilio de Braga, organizou S. Martinho uma collecção de canones, acêrca dos quaes

---

[1] Vid. não só as notas de Caspari, mas vários §§ da *Ethnographia Portuguesa* de F. A. Coelho.

[2] Acêrca das aves vid. supra, p. 570, nota 1, e do espirro vid. *Ensaios Ethnographicos*, II, 115–117. Acêrca de um e outro assunto cf. Menéndez Pidal, *Infantes de Lara*, p. 8, nota 1. O espirro era sinal de agouro nos antigos (Gregos e Romanos): cf. Catullo, c. 45:

> Hoc ut dixit, Amor, sinistram ut ante,
> Dextram sternuit approbationem,

e as notas comparativas de Naudet e Benoist nas respectivas edições.

[3] Os ensalmos são vulgarissimos ainda hoje. Cf. supra, p. 569, nota 1, e *Ensaios Ethnogr.*, IV, 507, s. v. «ensalmos».

[4] Cf. Caspari, pp. XC–XCV.

[5] Cf. Santo Agostinho, *De civitate Dei*, V.

elle proprio diz na introducção ou carta com que os remette a Nitigis, Nitigisio ou Nitigesio, bispo de Lugo [1]: *in partibus Orientis ab antiquis patribus constituti sunt, Graeco prius sermone conscripti sunt; postea autem .. in Latina lingua translati sunt,* — corrigindo-os elle, retocando-os, e ordenando-os a seu modo. Caetano do Amaral, no substanciosissimo livro que consagrou ao assunto [2], mostra que, se nessa collecção ha effectivamente muitos canones dos concilios orientaes, de Nicêa, Ancyra, Gangra, Neocesarêa, Antiochia, Laodicêa, tambem ha outros que certamente não provém d'aquellas cidades, e ha alguns de que não se sabe a fonte [3]. Nos canones condemnam-se usos supersticiosos, analogamente ao que já vimos no outro escrito de S. Martinho, e nos concilios bracarenses; como, apesar do seu caracter geral, taes condemnações se applicam á Gallecia, onde se subentende existirem as superstições censuradas, convém aqui citá-las como documentos da vida popular (canones 59, 69, 71–75) [4].

Prohibe-se que os clerigos usem de encantamentos e amuletos (*ligaturae*); que os christãos levem comidas aos sepulcros; recebam em sua casa adivinhos e sortílegos que vão expulsar d'ella «cousas ruins», e descobrir maleficios; façam lustrações ou purificações; prestem reverencia aos elementos da Natureza, e creiam na astrologia; festejem as calendas, e guarneçam de loureiro e de outros ramos verdes as casas; na colheita de hervas medicinaes

---

[1] Segundo explica Florez, foi o dizer-se ahi *concilium Lucense*, onde *concilium* tem a significação de «conjunto de bispos», que fez indevidamente acreditar na existencia de um concilio de Lugo em que estes canones ou capitulos se lessem: *Esp. Sagr.*, IV, 143 e 155.

[2] *Collecção de canones ordenada por S. Martinho Bracarense*, Lisboa 1803. Cf. supra p. 547, nota 4

[3] Vid. igualmente Caspari, *Martin von Bracara's Schrift* (já cit.), pp. XXXVII sqq., e especialmente p. XL, n. 2.

[4] Cf. Ad. Coelho, *Ethnographia Portuguesa*, pp. 5–6, onde transcreve os respectivos capitulos ou canones (em latim).

pratiquem actos magicos ou usem de ensalmos; que as mulheres nos seus trabalhos de lã observem superstições [1].

S. Martinho, coordenando os seus Canones, tem freqüentemente o cuidado de notar que o que condemna é de origem pagã: *si quis paganorum consuetudinem sequens; lustrationes paganorum; traditiones gentilium,* etc. Effectivamente já a cima, quando mencionei superstições semelhantes, mostrei que ellas provinham do paganismo; por outro lado Caetano do Amaral cita muitos factos em confirmação do mesmo asserto: vid. *Canones de S. Martinho* nos lugares respectivos. Não se torna pois necessario insistir nisto.

II

Período visigotico [2]

De longe vinha aos Visigodos o desejo de conquistarem o Occidente da Hispania. Já por 456 Theodorico II assolára *Bracara* com terrivel sanha (*maesta et lacrimabilis*

---

[1] Aqui, diz C. do Amaral, «parece tratar-se de palavras ou invocações, que as mulheres usavam no acto dos seus trabalhos do tear», o que elle confirma com o texto, já citado acima, de *De correctione rusticorum,* e com outros (*Canones de S. Martinho,* p. 359).

[2] Lista chronologica dos reis visigoticos (na Hispania, sómente de Athaulfo em diante):

Athanarico	366 (?)-381
Alarico I	395–410
Athaulfo	410–415
Sigerico	415
Walia	415–419
Theoderico (Theodorico) I	419–451
Thorismundo	451–453
Theoderico II	453–466
Eurico	466–485
Alarico II	485–507
Gesalico	507–511
Amalarico	507–531

(Segue)

.. *direptio*) e aprisionára em *Portucale* o rei Rechiario: o que fez dizer hyperbolicamente a Hydacio que o dominio suevico attingíra o declive [1]. Por 460 o conde godo Suniérico tomou *Scallabis* [2]. Depois da conquista de *Ulixippona* pelos Suevos, effectuada por 468, sobrevem os Godos, que

---

Theudis	531–548
Theudigisel	548–549
Agila	549–554
Athanagildo	554–567
Leova (Liuva) I	567–572
Leovigildo	567–586
Hermenigildo	579–585
Recarédo I	586–601
Leova II	601–603
Witterico (Wittirico)	603–610
Gunthimaro (Gondemaro)	610–612
Sisebuto (Sisibuto)	612–620
Recarédo II	620–621
Svínthila	620–631
Rikimer	? –631
Sisenando (Sisinando)	631–636
Chintila (Cintila, Kintila)	636–640
Tulga	640–641
Chindasvinto (Cindasvinto, Kindasvintho)	641–652
Reccesvinto (Reccesvintho)	649–672
Wamba	672–680
Ervigio	680–687
Egica	687–701
Wittiza	697–710
Rodrigo (Ruderico)	710–711

Vid. sobre este assunto: Dahn, v, 233–234; Heiss, *Monnaies des rois wisigoths*, p. 7. — As moedas fazem admittir mais um rei, *Achila*, que alguns collocam entre Wittiza e Rodrigo: vid. Campaner y Fuertes, *Indicador de Numismática*, Madrid-Barcelona 1891, p. 220 sqq., e Heiss, *ob. cit.*, p. 7, n. 7. — O primeiro rei foi propriamente Leovigildo. Os seus antecessores poderiam melhor chamar-se capitães do que monarchas. — Quanto á chronologia, nem todos os AA. concordam nella; sigo a de Dahn.

[1] §§ 174–175.

[2] Hydacio, § 206.

desbaratam não só aquelles, mas os Romanos que na Lusitania estavam sujeitos aos mesmos [1]. Proezas analogas commettem logo em seguida, quer na referida provincia, quer cêrca do convento Asturicense [2]. Foi todavia só em 585 que, segundo vimos, o reino dos Suevos caiu em poder

Fig. 296.ª — (Espada de ferro, de 0m,96 de comprimento, encontrada em *Pax Iulia* em uma sepultura em que havia joias de ouro visigoticas [3])

dos Visigodos, ao tempo governados pelo grande Leovigildo. — D'este monarcha em diante poucos factos historicos se poderão citar com relação especial ao nosso país, a não ser a cunhagem de moedas de ouro (*trientes*), imitadas das imperiaes, como as suevicas [4].

---

[1] Hydacio, § 246.

[2] Hydacio, § 250.

[3] A espada (incompleta nos copos) está no Museu de Beja, as joias no Ethnologico. A sepultura era de tijolo (ou tegulas?); a sua secção póde ser representada assim: △, — segundo me informa o Sr. J. Vargas, conservador do Museu bejense.

[4] Os reis visigodos que entre nós cunharam moeda foram, que se saiba, os seguintes: Leovigildo em *Elvora* «Evora» e *Portocale* «Porto» (ha uma de *Bracara*, duvidosa); Recarédo I em *Egitania* «Idanha», *Elvora*, *Iminio* «Coimbra», *Portocale*; Liuva II em *Elvora*, *Iminio*, *Portocale*; Witterico em *Bracara* e *Elvora*; Sisebuto em *Egitania*, *Elvora*, *Iminio*, Lamego, *Portocale*, *Veseo* «Viseu»; Svínthila em *Bracara*; Sisenando em *Egitania*; Chintila em *Eminio*; Tulga em *Egitania*; Chindasvintho em *Bracara*; Reccesvintho em *Bracara* e *Egitania*; Ervigio em *Elvora*; Egica em *Bracara* (Severim de Faria menciona tambem uma de *Elvora*, que Heiss julga duvidosa); o mesmo rei e Wittiza (associados) em *Bracara* e *Elvora*; Rodrigo em *Egitania*.—Vid. sobre isto: Heiss, *Monnaies des rois wisigoths*, nos respectivos lugares; e Campaner y Fuertes, *Indicador de la Numismática*, pp. 205 sqq., e 561 sqq. — Acêrca das moedas dos Visigodos cf. tambem Caetano do Amaral, in *Mem. de Litt.*, VI, p. 241, nota 176; ahi promette dar um catalogo das moedas visigoticas, porém não chegou a publicá-lo.

Com o crescente predominio visigotico, perderam os Romanos successivamente o senhorio das suas terras no centro e Occidente da Hispania, como antes, no tempo dos Suevos, lhes acontecêra na Lusitania e na Gallecia.

Fig. 297.ª
(Triente de ouro de Recarédo [1])

Fig. 298.ª — (Disco de bronze da epoca visigotica [2])

Os proprios Byzantinos que Justiniano I, imperador do Oriente (527–565), enviára para a Peninsula a pedido de Athanagildo, que queria acudir com elles ás dissensões intestinas do reino [3], tiveram de sair de cá, expulsos

---

1 Vid. *Noticia e descripção de uma moeda inedita cunhada pelos Visigodos na cidade do Porto em fins do sec.* VI — pelo Director do Museu do Porto (E. A. Allen), Porto 1862, p. 4.

2 Adquiri-o ha muitos annos em Leiria, e tenho-o no Museu Ethnologico. Serviria de ornato de cinturão (diametro transversal: 0m,075). Em Lindenschmidt, *Handbuch des deutsch. Altertumsk.*, est. XXVII, n.º 1, vê-se desenhado um objecto semelhante. Cf. tambem *Reallexikon* de Forrer, p. 875, n.º 5 e 6.

3 Vid.: S. Isidoro, *Hist. Gothorum,* § 47; e Carvalho Portugal in *Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa,* nova serie, t. I, parte II, trabalho intitulado «Memoria sobre os ultimos tempos da dominação romana em .. Portugal». Aqui *Romanos* é synonymo de *Byzantinos,* «em razão de em Constantinopla se ter sustentado o Imperio Romano, e ter acabado em Roma» (Contador de Argote, *Memorias de Braga,* I, 426, o qual diz *Gregos* na accepção de

por Suínthila, cujo govêrno chegou a abranger toda a Hispania [1].

Sem embargo, os Visigodos, se politicamente eram os senhores, iam, no que toca á civilização (crenças, lingoa, instituições, costumes) sendo romanizados pouco a pouco, e a sua raça ia-se fundindo com a hispano-romana [2]: por fim, após alguns reinados brilhantes, a linha dos monarchas visigoticos, representada em Rodrigo, extinguiu-se em 711 na batalha de Guadalete, ganha pelos Arabes, — d'ora em diante estabelecidos na Peninsula [3].

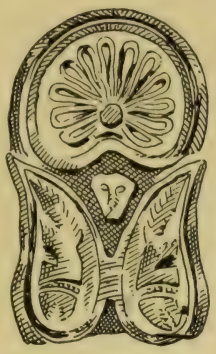


Fig. 299.ª — (Placa de cinturão visigotica $^1/_4$ do tamanho natural [4])

Byzantinos). — Dos Byzantinos em Portugal darão testemunho as inscripções christiano-hellenicas de Mertola, achadas por Estacio da Veiga e por mim. Cf. Hübner em carta a Estacio nas *Antiguidades de Mertola*, 1880, p. 119.

[1] .. *totius Spaniae intra oceani fretum monarchiam regni primus idem potitus*: S. Isidoro, § 62.

[2] D'estes factos, e da civilização dos Visigodos em geral (na Hispania), tratou Caetano do Amaral in *Mem. de Litt.*, VI, 147 sqq.; cf. do mesmo autor *Vida e regras de S. Fructuoso*, p. 1 sqq. Pelo que toca á arte e archeologia em Portugal vid. Filippe Simões, *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal*, Lisboa 1870, p. 8 (cf. *Revista Archeologica*, IV, 33 e 128, e *Boletim* do Carmo, VIII [1898], 57–58), e o que escrevi n*O Archeologo Português*, XI, 325(–326), nota 2; e cf. Korrodi, no *Boletim* do Carmo, 1898, p. 18 sqq., e Lampérez y Romea na *Arte* (Porto), 1911, pp. 94–96. Da lingoa dos Visigodos ficaram muitos vestigios no nosso onomastico, ou em parte datem logo dos primeiros tempos, ou datem principalmente da epoca da reconquista aos Arabes (sec. VIII), e d'então em diante: vid. *Rev. Lusit.*, IX, 393 sqq., onde cito a bibliographia philologica; e A. Sampaio «*As villas*» *do N. de Portugal*, p. 42.

[3] O seu dominio terminou em Portugal em 1249–1250, e na Hespanha em 1492.

[4] Adquiri-a em Baião, e tenho-a no Museu Ethnologico.

*

Quando os Visigodos chegaram á Peninsula, professavam o arianismo; se pois, quanto á posse do solo, tiveram de cruzar armas com os indigenas, tambem, no que toca á fé, precisaram de lutar [1], porque nestes, como sabemos, florescia o catholicismo havia seculos. E desde os meados do seculo v que, com interrupções, os Suevos eram igualmente catholicos. Já porém no reinado de Leovigildo (sec. vi) o catholicismo obtivera subrepticiamente ingresso na propria côrte visigotica, — do que dá testemunho bastante a morte de Hermenegildo, a ella condemnado por seu pae [2].

A exaltação de Recarédo I ao throno (586) trouxe novos triumphos á Igreja de Roma, e d'esta vez definitivos, porque o monarcha, por influxo do clero hispano, e por interesse pessoal e politico, logo no 10.º mês do seu govêrno se converteu ao catholicismo, e fez converter os sacerdotes arianos, «revocando assim á paz e á unidade »christans a totalidade dos Godos e Suevos», como relata o chronista [3], — paz e unidade a que depois nem mesmo obstaram os ritos locaes, como o de Braga, ainda hoje existente, postoque em grande decadencia [4].

Como conseqüencia do novo estado de cousas, muitos concilios se celebraram na Peninsula no periodo visigotico, só porém dois na Lusitania, os de *Emerita*, no reinado de Reccesvintho, e um na Gallecia, o de *Bracara*, em 675, reinando Wamba. Do primeiro de *Emerita*, ce-

---

[1] Hydacio, §§ 174–175; S. Isidoro, *Hist. Gothorum*, § 50.

[2] S. Gregorio Turonense, *Hist. Francor.*, viii, 28; Biclarense, p. 217. — Dahn, *Die Kön. der Germ.*, v, 147.

[3] Biclarense, p. 218. A abjuração solemne do rei foi no concilio toletano de 589. — A respeito das causas e resultados da conversão de Recarédo vid. Gama Barros, *Historia da administração publica em Portugal*, i, 206–209.

[4] A igreja de Braga possue breviario e missal proprios, além de outros livros liturgicos: vid. Abundio da Silva, *O rito bracarense*, 1907, pp. 139–140; e cf. Caetano do Amaral, *Vida e opusc. de S. Martinho*, p. 20(–21), nota.

lebrado pouco depois de 650, não resta a acta, mas a sua existencia infere-se de uma noticia contida na acta do seguinte, reunido em 666 [1].

Os bispados catholicos que da antiga provincia romana da Lusitania, cuja capital era *Emerita*, pertenciam a *Bracara* como suffraganeos no tempo dos Suevos ficaram em dias de Reccesvintho pertencendo a *Emerita:* fez-se assim corresponder mais uma vez a circumscripção ecclesiastica á politica [2]. Por este facto, e porque o antigo synodo de Lugo desapparecêra, temos os seguintes bispados na Lusitania e na Gallecia no sec. VII: *a*) provincia emeritense: *Merita, Pace, Olixibona, Exonoba* (= Ossonoba), *Egitania, Conimbria, Viseo* [3], *Lamego, Caliabria* [4], *Cauria, Elbora, Abela, Salmantica* [5]; *b*) provincia bracarense: *Bracara, Dumio* (= Dume), *Portucale* [6], *Tude, Auria* («Orense»), *Iria, Lugo, Britonia, Astorica* [7].

---

[1] Vid. sobre isto a *España Sagrada,* XIII, 261. — A acta do concilio emeritense de 666 vem em Aguirre, IV(1754), 198 sqq., e resumida por Florez na *España Sagrada,* XIII, 261 sqq.; a do de Braga vem em Aguirre, vol. cit., p. 255 sqq., e em Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja,* I, 690 sqq. Cf. tambem Caetano do Amaral, *Vida e regras de S. Fructuoso,* p. 7, nota *b,* e 331 sqq.

[2] Vid. sobre este assunto Florez, *Esp. Sagr.,* IV (3.ª ed.), 176–181. — Tambem em França os territorios das *civitates* gallo-romanas foram acceites e mantidos quasi por toda a parte pelo christianismo como circumscripções ecclesiasticas: vid. *Revue Arch.,* XIII, 679 e nota, e a bibliographia lá citada.

[3] *Viseo* ou *Veseo* teve um bispo ariano no tempo de Leovigildo, após a conquista do reino suevico: Sunila, que depois renegou o arianismo no 3.º concilio toletano (589): vid. *España Sagrada,* XIV (2.ª ed.), 323.

[4] *Caliabria* sería no territorio em que está Ciudad-Rodrigo, junto da raia portuguesa, como suppõe Florez, *Esp. Sagr.,* XIV (2.ª ed.), 38–40.

[5] Esta lista data do tempo de Reccesvintho: Florez, *Esp. Sagr.,* IV (3.ª ed.), 180.

[6] *Portucale* tambem teve um bispo ariano, Argiovito, no sec. XI: vid. Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja,* I, 136.

[7] Esta lista é de data posterior á antecedente, mas por ella «se vé la alteración que causó en Galicia la acción de Recesvinto».

A estas indicações geraes colhidas na Litteratura, podemos juntar outras, colhidas na Archeologia e na Epigraphia, acêrca de várias sociedades christãs da Lusitania e da Gallecia.

Percorrendo os volumes das *Inscriptiones Hispaniae Christianae,* de E. Hübner, e os do *Archeologo Português,* ahi acharemos menção de sepulturas cujas datas vão do sec. V ao VIII, e abrangem pois toda a epoca dos Barbaros. Temos assim, em Portugal do Sul para a Norte: monumentos de *Ossonoba* (talvez do sec. VI), *Myrtilis* (sec. V a VIII), *Pax Iulia* e seu territorio (sec. VI–VII), *Ebora* (sec. VI), Marvão e Vide (sec. VI), Alcacer-do-Sal (sec. VII), *Olisipo* e seu territorio (sec. VI–VII), *Conimbriga* e Arouca (sec. VI), Lamego e seu territorio (sec. VI), Celorico-da-Beira (sec. VII), *Bracara* (sec. VII); na Hespanha: *Emerita* (sec. VI–VII), Medellin (sec. V–VI), Talavera-de-la Reina (sec. VI); *Lucus* (sec. V), Pontevedra (sec. VI). As mais importantes inscripções tumulares são as de *Myrtilis,* no *conventus* e bispado pacense, que vão do anno de 465 ao de 706, e que devem referir-se a catholicos, e não a arianos; em *Myrtilis* houve uma igreja notavel, com seu chantre: *princeps cantorum sacrosancte aeclesiae Mertilliane* (sec. VI) [1].

Ás inscripções de *Myrtilis* correspondia um vasto cemiterio situado no local que hoje se chama Rocio do Carmo, na villa de Mertola, em parte explorado por Estacio da Veiga [2], em parte por mim [3], cemiterio que constava de

---

España Sagr., IV (3.ª ed.), 179. — A mesma lista se encontra tambem na *Cronica Albeldense* ou *Emilianense,* redigida no sec. IX: vid.: *Esp. Sagr.,* XIII (2.ª ed.), 434, e IV, (3.ª ed.), 254: lista referida ao tempo dos Visigodos: cf. *Rev. de Archivos,* XV, 232.

[1] Vid. *O Arch. Portug.,* III, 292, e *Inscr. Hisp. Christ.*, n.º 304.

[2] Vid. as suas *Memorias das antiguidades de Mertola,* Lisboa 1880, p. 85 sqq.

[3] Os resultados da minha exploração estão ainda ineditos. Os objectos que colhi acham-se porém no Museu Ethnologico.

sepulturas de diversos typos, umas d'ellas feitas de pedra, outras abertas em fragas, outras na terra simples: os cadaveres eram postos em decubito dorsal, geralmente sem objectos ao pé; as campas estavam muito fechadas, por causa da crença de que os corpos deviam ficar bem conservados para poderem resuscitar no dia do juizo final [1]. Vem a proposito notar que em Portugal abundam as sepulturas abertas em fragas, as quaes se encontram ora em grupos, ora avulsas, mas sempre já esvaziadas e destapadas, o que difficulta conhecer a epoca; as suas fórmas variam muito [2]. Cemiterios da epoca dos Barbaros, como o de Mertola, ha outros: lembrarei o dos arredores de Cascaes, explorado por Paula e Oliveira, que o suppôs romano, embora seja visigotico [3], e o de S. Giraldo em Montemór-o-Novo [4]. De uma sepultura de *Pax Iulia* fallei supra, p. 577, na nota que appus á fig. 296.ª

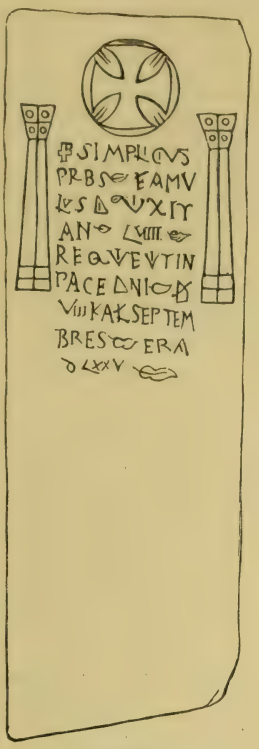


Fig. 300.ª
(Tampa sepulcral de *Myrtilis*)

As tampas das sepulturas da epoca visigoda acham-se ornamentadas por vezes com emblemas christãos, o que semelhantemente acontece com

---

[1] No relatorio, que tenciono publicar, da exploração serei mais minucioso.

[2] Vid., por exemplo, *O Arch. Port.*, I, 9, 16, 132; VI, 80; VIII, 56, 68; IX, 36; X, 206; XI, 370. Cf. supra, p. 563, e tambem Dr. Felix Alves Pereira, in *O Arch. Port.*, X, 16 sqq.

[3] Cf. *O Arch. Port.*, XI, 325, n. 2.

[4] Explorado por pessoal do Museu Ethnologico, onde o modesto espolio está exposto no pavimento II, armario n.º 50.

objectos de uso, por exemplo, loiças: isto em verdade comprehende-se bem, pois que a religião tudo costuma invadir.

Na fig. 300.ª dou o desenho de uma tampa sepulcral de *Myrtilis,* já publicada no *Arch. Port.,* VII, 144: a inscripção começa pela *cruz monogrammatica,* e está entre duas pilastras, e debaixo de uma cruz de braços equilateraes inscrita num circulo, á maneira de hostia, cruz semelhante á dos Templarios, e ás de consagração das igrejas [1].

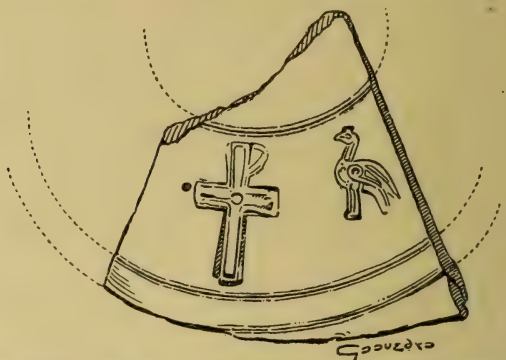


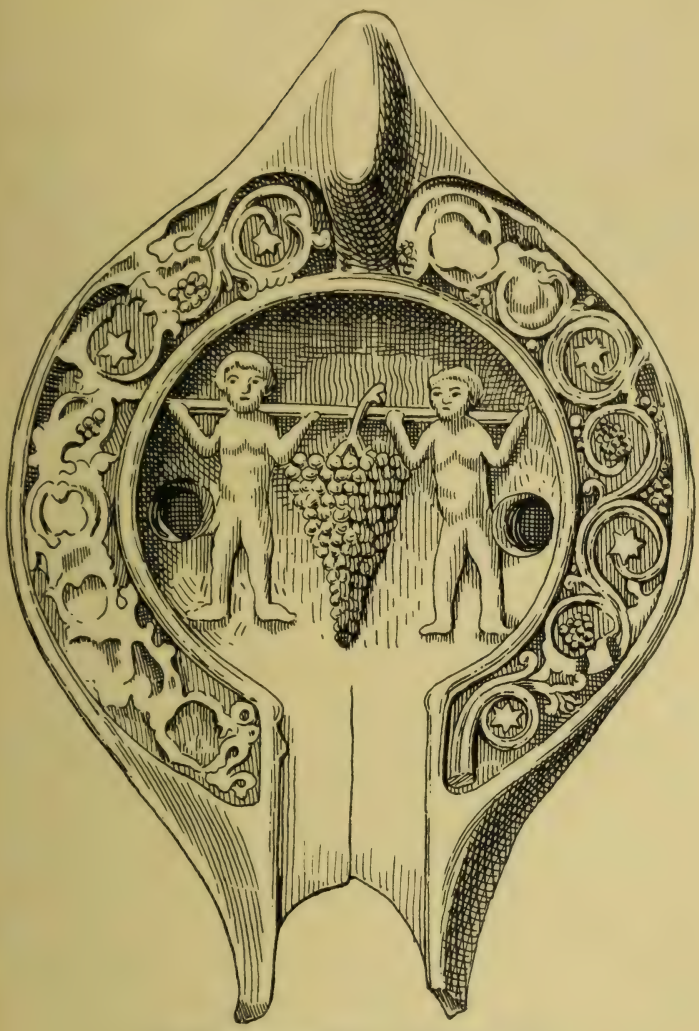
Fig. 301.ª — (Fragmento ceramico achado em Marim, Algarve)

Na fig. 301.ª temos (metade do tamanho natural) o fragmento de um vaso de barro vermelho, descoberto por Estacio da Veiga na Quinta de Marim, concelho de Olhão, e actualmente no Museu Ethnologico: nella se vê outra *cruz monogrammatica,* e ao lado uma ave que, pela crista e pela disposição, deve ser gallo [2].

---

[1] A respeito do monogramma de Christo em monumentos funerarios vid. Martigny, *Dict. des antiq. chrétiennes,* s. v. «monogramma», Paris 1865, p. 417.

[2] O gallo não é raro em monumentos christãos da idade-media, em tumulos, em lucernas, em cataventos de igrejas, etc., tanto porque, *diei nuntius,* symboliza Christo, que, segundo a crença, tirou o homem da noite do peccado para a luz da gloria, como porque nas trevas do tumulo faz presentir a manhã da resurreição dos corpos, e porque, relacionado com a lenda de S. Pedro,



(Fig. 302.ª — Lucerna christã de Troia de Setubal)

representa o peccador arrependido: vid. Wolfgang Menzen, *Christliche Symbolik*, t. I, Regensburg 1856, pp. 366–367. — Em vez de um gallo, tambem junto da cruz costuma apparecer uma pomba, outro symbolo christão medieval: cf. Delattre, *Carthage*, p. 6; eundem, *Musée Lavigerie*, Paris 1899, est. VIII, fig. 9.ª; e *Boletín de la Academ. de la Hist.*, L, 144.

A fig. 302.ª mostra-nos uma lucerna de typo christão, proveniente de Troia de Setubal, na qual se delineou um cacho de uvas suspenso de uma vara posta aos ombros de dois meninos nus, que estão a par um do outro [1]; com quanto o cacho de uvas seja na origem conhecidamente attributo bacchico [2], o Padre Delattre, ao fallar de uma candeia de Carthago, onde se pantenteia o mesmo emblema, considera-o ahi eucharistico [3], — e talvez com razão, porque os christãos adoptaram muitos emblemas pagãos. Da comparação da lucerna africana com a de Troia resulta que esta veio de fóra: incluí-a porém no meu estudo, porque ficou adaptada aos costumes locaes.

Fig. 303.ª
Anel visigotico de Cascaes

Na presente obra me tenho referido por vezes ao suastica, na sua qualidade de emblema pagão [4]. Do paganismo elle passou para o christianismo: e Rossi o descreve como tal em monumentos que ascendem aos primeiros seculos — epitaphios, lucernas, sellos, aneis [5]. Tambem se nos depara em um anel de Portugal (vid. fig. 303.ª), de bronze, extrahido do precitado cemiterio visigotico de Cascaes: está cantonado por pontos, como num que Schliemann menciona [6]. Por isso que os Visigodos se fundiram

Fig. 301.ª
Anel visigotico de Cascaes

---

[1] Philippe Simões, in *Archivo Pittoresco*, XI, 77. Esta lucerna pertenceu ao Museu de Cenaculo, e talvez exista hoje no Museu eborense.

[2] Vid. supra pp. 246, 386, e 445. Exemplos de cachos de uvas esculpidos em lapides com inscrições consagradas a Baccho temolos no *Corpus*, III, 7498 e 10904. Cf. Toutain, *Cultes*, I, 367.

[3] *Musée Lavigerie*, Paris 1899, est. VIII, n.º 3, e p. 33.

[4] Vid. supra pp. 75 sqq. e 406 sqq.

[5] In *Bullettino di archeologia cristiana*, 1868, p. 87 sqq. Cf.: Gozzadini, *Intorno agli scavi Arnoaldi*, Bolonha 1877, p. 24; e o Catalogo do Museu de Latrão, p. 147.

[6] *Antiquités troyennes*, Leipzig-Paris 1874, p. 49.

com os Hispano-Romanos, e d'elles haviam de receber, como os Suevos, crenças e costumes, não seria impossivel que o suastica chegasse aqui, transmittido de epocas antigas, — lusitano-romanas ou protohistoricas; é todavia igualmente certo que podia entre nós ter origem mais recente, relacionado com os costumes geraes da epoca (vid. os exemplos christãos que produzi supra), ou trazido pelos proprios Barbaros [1].

Fig. 305.ª — (Anel visigotico de Cascaes

Com o anel de que estou tratando appareceram mais dois no mesmo cemiterio de Cascaes: vid. figs. 304.ª e 305.ª Creio que os deveremos pôr ao lado do primeiro, quanto aos emblemas, attribuindo a estes identica significação religiosa ou magica, porque em um tijolo medieval de Hespanha com o monogramma de Christo, temos, associado ao suastica flamejante (vid. fig. 309.ª) [2], um emblema (estrella de varios raios) parecido com o da fig. 305.ª (estrella de seis raios) [3], e porque o emblema da fig. 304.ª apresenta caracter gnostico [4]. Ao anel da fig. 305.ª é quasi igual

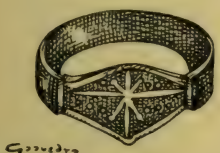


Fig. 306.ª
Anel da Quinta de Marim, Olhão)

---

[1] Acêrca de objectos de luxo com o suastica usados pelos Barbaros, cf. *Reallexicon* de Forrer, s. v. «Swastika», p. 792.

[2] *Museo Españ. de antigüedades,* VII (1876), entre pp. 582 e 583.

[3] Em M. Besson, *L'art barbare dans l'ancien diocèse de Lausanne,* Lausana 1909, est. XXVI, n.º 7, vem um anel com emblema analogo.

[4] Cf. Heim, *Incantamenta magica Graeca et Lat.,* Leipzig 1892, p. 480, nota 3. O sinal com fórma de S, embora possa ser meramente ornamental (cf. supra, pp. 479-480, e Bonnard, *Gaule thermale,* p. 263, nota 3), não parece duvidoso que tambem possuisse significação mystica em certos casos, por exemplo, em moedas celticas, onde alterna com o suastica, com o pentalpha e com outros symbolos (cf. Flouest, *Deux stèles de laraire,* est. XVII, e Blanchet, *Traité des monn. gauloises,* tom. I, 1905, p. 169), e em uma estatueta do Juppiter gaulês (Blanchet, *ibid.;* e Sal. Reinach, *Bronzes figurés de la Gaule,* p. 36). Esta fórma de S apparece na arte entre nós desde a epoca pre-romana.

o da fig. 306.ª, achado por Estacio da Veiga numa sepultura christã da Quinta de Marim, concelho de Olhão (Algarve), e guardado ao presente no Museu Ethnologico [1].

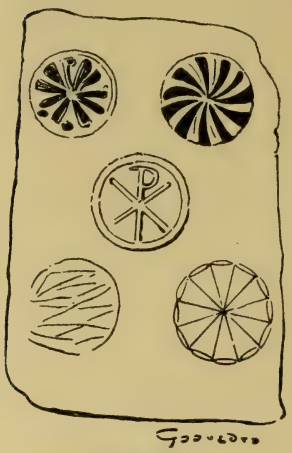


Fig. 307.ª
(Tijolo medieval de Hespanha)

Acêrca de um anel com Juppiter & Marte, achado numa sepultura algarvia do sec. v ou posterior, vid. supra p. 268.

Da cruz como emblema numismatico-religioso, por exemplo no triente de *Portucale* que publiquei a p. 578, fig. 297.ª, não se torna necessario fallar em especial, attento o seu caracter universalistico.

Para terminar, notarei que algumas das lapides de Mertola que citei a cima se assemelham, no mysticismo da sua ornamentação, a certos fragmentos esculturaes dos primeiros tempos da idade-media apparecidos no bispado *elborense,* no local em que esteve o santuario do deus Endovellico, santuario que, segundo se disse nas *Religiões,* II, 145–146, foi transformado em templo christão.

Lançando um olhar geral para o que fica dito da epoca dos Barbaros, que vemos? Paganismo lusitano, paganismo romano, christianismo com variedades e heterodoxias. Accrescentemos que da rica mythologia e religião germanicas muito devia ainda frutificar na alma dos Suevos e

---

[1] No livro de William Jones, *Finger-ring Lore*, Londres 1898, ha muitos exemplos de aneis supersticiosos: vid. sobretudo o cap. II, p. 91 sqq.

dos Visigodos. Extraordinario mixto de crenças! Confusão inextricavel de sentimentos! Lutas porfiadas e contínuas! Em meio de tudo o clero catholico, primeiramente só, depois auxiliado pelos poderes centraes, fazia mil esforços para com substituições, anathemas, prédicas, leis, exemplos, suasões, supplantar aquillo que elle julgava diabolico, e pôr unidade onde apenas havia multiplicidade, — tentativas que, se quanto ao intuito official tiveram exito compléto, sempre comtudo deixaram que do passado ficassem uns restos no povo e no proprio catholicismo.

APPENDICE

VESTIGIOS DO PAGANISMO

VESTIGIOS DO PAGANISMO

Além dos vestigios pagãos que colligi na secção da presente obra consagrada á epoca dos Barbaros (sec. v–viii), e dos que esparsamente citei no decurso do meu trabalho, temos conhecimento de muitissimos outros pela litteratura posterior áquella epoca [1], e pela tradição oral moderna [2]. Bastantes conserva tambem a Igreja.

De taes vestigios, ha uns cuja historia podemos mais ou menos seguir, de modo geral, desde eras remotas até hoje; ha outros que não podemos relacionar directamente com documentos antigos que conheçamos na Lusitania, mas que, pelo seu caracter, e pela sua estranheza em meio das crenças catholicas, manifestam que provém de

---

[1] Vid.: D. Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, 836 sqq.; Adolfo Coelho, *Ethnographia Portuguesa*, fasc. 1.º e 2.º; Pedro de Azevedo, in *Revista Lusitana*, IV, 114, 197 e 315; V, 1, 198 e 261; VI, 211; XIII, 66; XV, 112; Th. Braga, *O povo portuguêz*, passim; Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma Mythologia*, passim; Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, no começo de cada capitulo, e in *Rev. Lusitana*, VI, 273.

[2] Até 1910 está citado nos meus *Ensaios Ethnographicos* tudo o que ha mais importante, referido a Portugal; de então para cá outras obras tem apparecido, mas não posso aqui deter-me a enumerá-las. Com relação á Hespanha lusitana vid.: *Supersticiones de Galicia*, de Rodríguez López, Madrid 1910; *Supersticiones Extremeñas*, de Publio Hurtado, Cáceres 1902.

estirpe não christã, com quanto seja difficil, e ás vezes impossivel, destrinçar quaes os que tem filiação lusitana, quaes os que a tem romana, quaes os que a tem germanica, ou outra.

Se com a propagação do christianismo as entidades mythicas da gentilidade ao fim de certo tempo desappareceram na maxima parte quanto aos nomes, não desappareceram de todo quanto ás funcções, porque é sabido que continuam vivendo ainda agora sob a égide de outras entidades. O Diabo, os santos, a Virgem Maria, o proprio Christo desempenham muitos papeis que os antigos attribuiam aos seus deuses [1]. Por outro lado apparecem nomes novos, já de origem clara, já de origem obscura: *Bruxa, Feiticeira, Moira, Olharapo, Papão, Provinco, Trasgo, Velha;* na Galliza: *Meiga, Nubeiro, Tangaraño, Tronante;* na Extremadura hespanhola *el Coco.* E ha mesmo raras entidades que conservam designações romanas, como *Fada, Jã, Sereia*, respectivamente de Fata [2], Diana [3], Sirena [4], para não incluir nesta serie a *Estría* de Sá

---

[1] Obedecendo ás ideias dos primeiros Padres christãos, de que o Diabo substitue as divindades do paganismo, até com relação aos idolos do Malabar diz Camões, *Lus.*, VII, 47:

> Ali estão das deidades as figuras
> Esculpidas em pao e em pedra fria,
> Varios de gestos, varios de pinturas,
> A segundo o Demonio lhe fingia.

[2] Vid. supra p. 312; cf. uma monographia de A. Maury, *Les Fées du moyen-âge,* Paris 1843.

[3] Cf. Menéndez Pidal, in *Romania,* XXVIII, 376. Não desconheço as dúvidas que apresentou L. Sainéan in *Zs. f. roman. Philol.*, XXXI, 274 sqq., mas nem por isso me parece menos provavel o etymo proposto. — O culto de Diana manteve-se até muito tarde: cf. Beugnot, *Destruction du paganisme,* II, 316; *Annali, dell' Istituto di corresp. arch.*, 1846, p. 217; *Revue d'études anciennes,* VIII, 71.

[4] Acêrca das Sereias vid. um importante artigo do Sr. Dr. F. Adolfo Coelho in *Archivio per le trad. pop.*, IV, 325 sqq.

de Miranda, do latim Striga [1], nem a *Sibylla,* cujos versos, ou *iudicium signi,* os sacerdotes que observam o rito bracarense recitam ou cantam ainda hoje, como reminiscencia medieval, em 25 de Dezembro, no officio *in nativitate Domini* [2]. Os Romanos faziam com freqüencia votos aos deuses, e levavam-lhes *donaria:* não só a palavra latina votum se conserva popularmente na portuguesa *bôdo* (vôdo) na accepção de «promessa» a um santo [3], mas perpetuou-se até hoje a prática de pôr nas igrejas «retabulos» ou paineis com milagres [4], e pendurar junto dos altares offerendas symbolicas (cabeças de cera, animaes de madeira, etc.): nas figs. 308.ª e 309.ª reproduzo dois d'estes *retabulos,* existententes no Museu Ethnologico (a *Fonte Santa* a que elles se referem, fica no termo de Terena, concelho do Alandroal, e tem annexa uma capella) [5].

As lendas, as crenças, os costumes vão-se modificando ao contacto das civilizações com que se encontram. Nas encruzilhadas levantavam os Romanos uma *aedicula* ou uma ara em honra dos *Lares compitales,* divindades que em algumas inscripções se chamam *Bivii, Trivii, Quadrivii,* conforme o número de caminhos convergentes num sitio; o nosso povo alça ahi uma cruz, ou erige umas «alminhas» (fig. 310.ª). Os negociantes de Roma honravam

---

[1] *Obras,* ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 478.

[2] Vid. o *Breviarium Bracarense,* ed. do arcebispo Moura Telles (sec. XVIII), vol. II, p. 204. — O que affirmo no texto baseia-se em informações que colhi no arcebispado de Braga.

[3] Vid. Moraes, *Dicc.,* s. v. «vodo».

[4] Eis aqui um texto popular que documenta a palavra «retabulo». Na igreja do Espinheiro, arredores de Evora, ha um dos taes paineis, em que se lê o seguinte (copiei lá): *Milagre que fez N. S.ª do Espinheiro a Manoel Joaquim Louredo, .. estando muito doente .. rogou a mãi santissima .. mais sua mulher .. prometendo este* RETABULO, etc. Sem data, mas é moderno (sec. XIX ou XX).

[5] Vid. outros muitos na *Portugalia,* II, 187 sqq.

particularmente Mercurio com festas e santuarios, e no mercado de *Bracara,* vid. supra, p. 297, recebia culto um *genius macelli;* hoje, sobretudo no Norte e na Beira, as lojas de negocio ostentam um nicho com a imagem de Santo Antonio, ladeada de jarrinhas com flores. De Priapo, diz Tibullo, *Elegias,* I, 1, 18, que se collocava nos pomares uma figura (tosca) para afastar as aves; nos nossos campos arma-se um «espantalho». Os amuletos lusitano-romanos que descrevi a p. 524 sqq. perduram intactos: a *bulla* é a «medalhinha», a «nómina» ou o «saquinho» que encerra substancias de virtude; o *fascinum* tornou-se um amuleto duplo que se usa na Extremadura, composto de uma «figa» e de um «cornicho»; a *lunula* é a «meia-lua» trazida pelos meninos, ou suspensa na testa ou ao pescoço dos animaes de tracção e carga; dentes maravilhosos, e moedas furadas que se applicam como veronicas, não faltam em nenhuma das provincias portuguesas. Vid. as figs. 311.ª a 317.ª [1]. Uns monólithos, chamados «frades», que se encontram a cada passo nas ruas das terras grandes, ás esquinas das casas, são, por seu intuito utilitario, pois protegem os muros, herdeiros de outros que a antiguidade classica usava: o nome de «frades» provém da semelhança que a extremidade d'elles tem com uma cabeça rapada (coroa), e do aspecto que se lhes notou de figuras hirtas e hieraticas, quaes costumam ser os frades, pelo menos em estátuas e pinturas. Aos *genii* das cidades romanas correspondem entre nós os oragos ou padroeiros christãos; e de mais a mais ha a par, em certas povoações, figuras de pedra que como que os anthropomorphizam, por exemplo o *Basto* (vid. a cima, p. 55), o *Lamego,* o *Guimarães.* É curiosa esta dualidade de concepção, uma pagã, ou popular, outra christã, ou ecclesiastica. Já observámos um facto analogo, quanto aos ensalmos e exorcismos, no vol. I

[1] Desenhos de João Saavedra (excepto o último). Os originaes estão no Museu Ethnologico, secção de Ethnographia Portuguesa.

da presente obra, p. 174, n. 2, e existem mais: ao passo que na parede das cozinhas (no Alemtejo) se vê a «boneca», «sempre-noiva» (e «sobre-noiva») ou «frade», de tijolo, o que, quanto a mim, se correlaciona com o *Lar familiaris* (vid. figs. 318.ª a 326.ª) [1], vê-se concomitantemente um oratorio com santos num quarto ou numa sala; com os amuletos, de significação magica e antiga, coincidem os «bentinhos», o agnus-Dei e as cruzes dos collares.

No onomastico mantem-se muitos nomes de terras e de sitios que nos revelam cultos e devoções que ascendem a eras remotas: *Fonte Santa, Rio Santo, Agoas Santas, Monsanto, Penedo, (Cova,* e *Fonte) da Moura.* Lembremo-nos que no decorrer d'esta obra se nos deparou um *Mons Sacer,* no vol. II, p. 104, uma *Cautes Sacra,* ibidem, p. 213, um *flumen* inviolavel, ibidem, p. 225, varios *Nymphaea,* no vol. III, p. 255 sqq.: e teremos assim fios que ligam o presente com o passado. Em caso semelhante creio estar *Fão,* palavra que no sec. X tinha a fórma *Fano,* e que póde vir de f a n u m; cf. na Italia *Fano,* antigamente *Fanum,* ou *Fanum Fortunae.*

Volvendo-nos das entidades mythicas, dos objectos materiaes, e do onomastico para as festas, para as superstições, para os usos, não teria fim a enumeração do que na tradição hodierna proclama prístina ascendencia: romarias, cirios, «clamores», ladainhas, preces (.. *votisque vocaveris imbrem,* Verg., *Georg.,* I, 157), fogueiras do S. João, cepo do Natal, Maias, dia da «espiga», serração da Velha, celebração de anniversarios natalicios, primicias, orações á hora da comida, dias aziagos, estimação de reliquias, superstições com o lume, com as plantas, com as pedras, com os animaes, sacrificio de um gato em Junho e de um toiro em Maio, banhos milagrosos, crença de que

[1] Alguns d'estes desenhos foram-me enviados pelo meu amigo, e illustrado folklorista elvense, A. Thomás Pires; outros copiei-os eu de chaminés alemtejanas (possuo dezenas d'elles).

o raio se afunda sete varas (cf. supra, p. 486, n. 4), feitiços, maldições, pragas (cf. supra, p. 490), esconjuros, ritos e fórmulas mágicas contra os phenomenos atmosphericos e contra as doenças, agouros (cf. supra, p. 62, e o vol. II, p. 142: *ex visu:* oneiromancía), denominação de certos santuarios (N. Sr.ª da Victoria, da Piedade, da Paz: cf. supra, pp. 268, 302, 304: *Victoria, Pietas, Pax*), inauguração religiosa de pontes (vol. II, p. 227) e de estradas, saudação aos astros, imagens de santos em barcos e navios.

Nos ritos funerarios muito acharemos igualmente de origem pagã: deposição de coroas sobre o féretro ou na campa (cf. supra, p. 425), de moedas dentro do caixão (dinheiro de Charonte: supra, p. 398), e de alfinetes; carpideiras (*praeficae*), emblemas nas lapides sepulcraes [1], cobrimento dos olhos e da face do cadaver, plantação de ciprestes em cemiterios, gatos-pingados (*vespillones*). Os «magustos» que se fazem em dia de Todos-os-Santos á tardinha, quando os sinos começam a dobrar pelos finados, são outro resto, embora desfigurado, do culto dos mortos.

*

Por falta de espaço, e porque o assunto se presta a extraordinario desenvolvimento, que ultrapassaria os limites

---

[1] No *Arch. Port.*, I, 280, figurei uma cabeceira de sepultura christã de Beja que, pelo suastica flamejante que a adorna, tem surprehendente semelhança com as lusitano-romanas: cf. supra pp. 415-416. No cemiterio das Lamas (Cadaval) vi ha annos, e não sei se ainda lá existe, uma analoga (fig. 327.ª) com uma estrella de seis raios: cf. supra, pp. 412-413. No Alto-Minho, em Rubiães, e no cemiterio de Coura, observei ao mesmo tempo suasticas e estrellas (figs. 328.ª e 329.ª). Certamente nenhum d'estes emblemas foi já gravado com intenção religiosa; se porém o tempo a obliterou, a Archeologia comparativa descobre-a.

de um APPENDICE, não posso especificar tudo quanto data do paganismo, nem mesmo systematicamente dispor a enorme quantidade de materiaes que sobre isto possuo [1].

Seguem-se nas páginas immediatas as gravuras que correspondem ao presente APPENDICE:

[1] Muitos factos d'esta natureza se particularizam e estudam em grande número de livros, folhetos e periodicos, quer nacionaes, quer estrangeiros. E não poucos trabalhos ha especiaes, ou pelo menos com titulo especial («Restos do gentilismo», etc.).

Fig. 308.ª — (*Retabulo* ou *ex-voto:* vid. p. 595)

Fig. 309.ª — (*Retabulo* ou *ex-voto:* vid. p. 595)

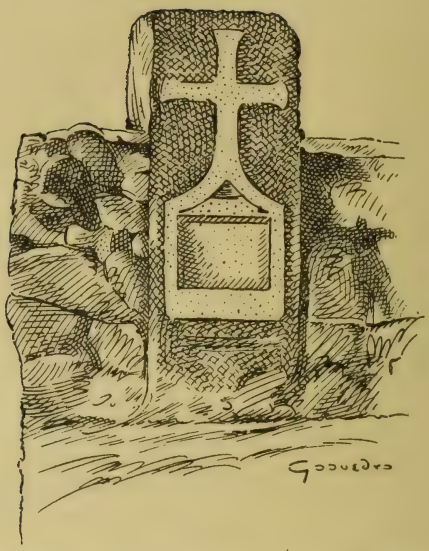


Fig. 310.ª — («Alminhas» da Beira-Alta [1] : vid. p. 595)

[1] Desenho feito por uma photographia de Fulgencio Rodrigues Pereira, preparador do Museu Ethnologico Português. — *Alminhas* ha-as de muitas especies: a maior parte tem figurado o purgatorio, onde a ironia popular não deixa de pôr bustos de bispos e de reis entre chamas com os condenados (é das almas d'estes, assim anthropomorphizadas, que resulta o nome); outras tem imagens religiosas, e tambem o sol e a lua. Pelo geral contém inscripções com súpplicas de Padre-nossos dirigidos aos viandantes: *ó vós que ides passando,* || *lembrae-vos de nós que estamos penando,* como nas lapides sepulcraes romanas: *te rogo, praeteriens, dicas — sit tibi terra levis.*

Amostras de amuletos portugueses [1]

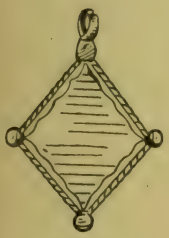


Fig. 311.ª
Medalhinha

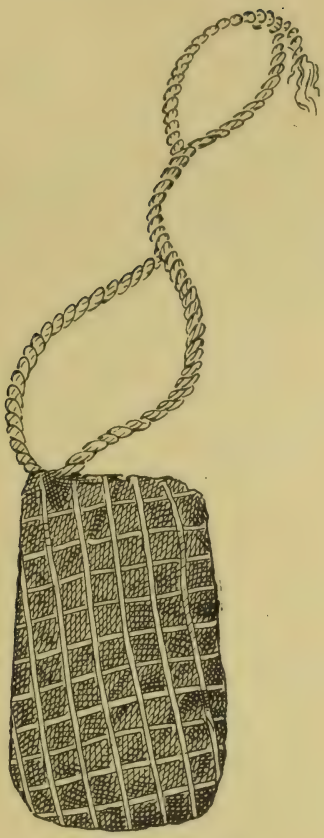


Fig. 312.ª — Saquinho

Fig. 313.ª — Cornicho & figa

[1] Vid. p. 596.

Amostras de amuletos portugueses [1]

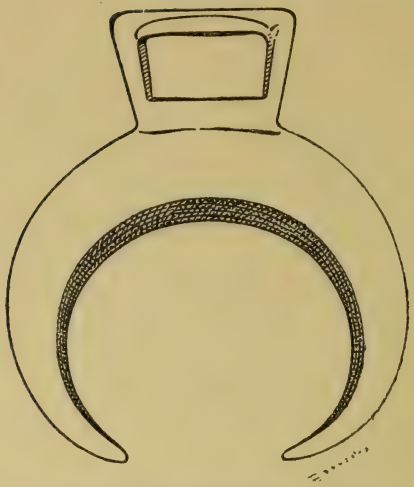


Fig. 314.ª — Meia-lua (para os cavallos)

Fig. 315.ª
Meia-lua infantil

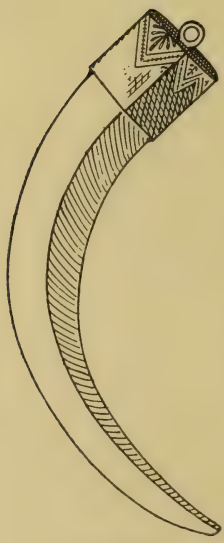


Fig. 316.ª
Dente de javardo

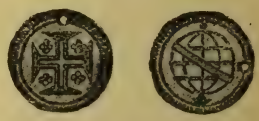


Fig. 317.ª — Moeda-amuleto

[1] Vid. p. 596.

«Bonecas» das chaminés [1]

(Alemtejo)

Fig. 318.ª

Fig. 319.ª

Fig. 320.ª

Fig. 321.ª

Fig. 322.ª

[1] Vid. p. 597.

«Bonecas» das chaminés [1]

(Alemtejo)

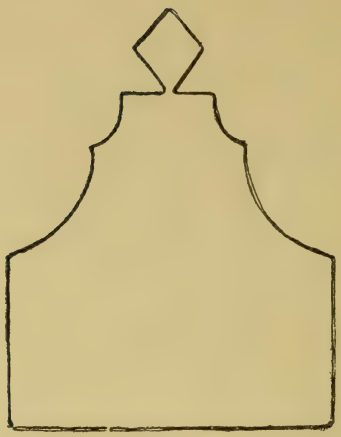


Fig. 323.ª

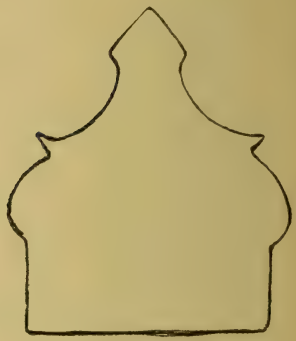


Fig. 324.ª

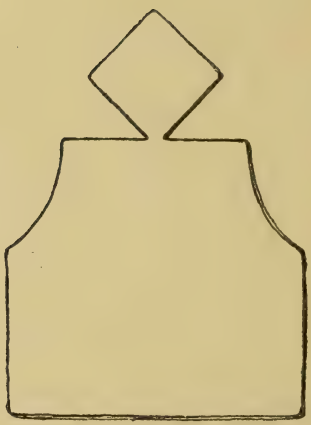


Fig. 325.ª

Fig. 326.ª

[1] Vid. p. 597.

Estelas sepulcraes modernas (vid. p. 598, nota)

Fig 327.ª — Do cemiterio das Lamas (Cadaval)

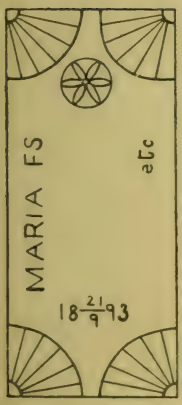


Fig. 328.ª

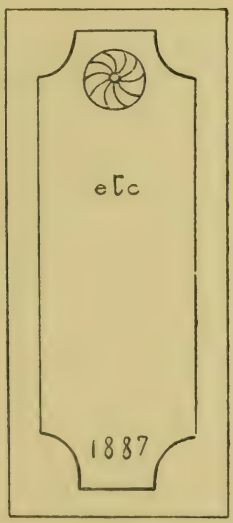


Fig 329.ª

Do cemiterio de Rubiães (Coura)

ADDITAMENTO

Ao vol. I:

Pag. XXX (e cf. vol. II, p. 348). — Por mera curiosidade, e não porque isso tenha valor phonetico local, lembrarei que na *Historia Pseudo-Isidoriana,* publicada por Mommsen nos *Monumenta Germaniae Historica,* «Chronica minora», vol. II (conforme a um ms. do sec. XIII), se lê *Lasdaniam* e *Lazdenie,* por *Lusitaniam* e *Lusitaniae:* vid pp. 384, l. 12, e 382, l. 8.

Pag. 2 sqq. — Notaveis foram os progressos da Archeologia prehistorica em Portugal, depois da publicação do vol. I das *Religiões:* appareceram novas revistas (*Portugalia, Boletim da Sociedade Archeologica de «Santos Rocha»* da Figueira da Foz, *Materiaes para o estudo das antiguidades portuguesas*) e novos livros e folhetos, fizeram-se excavações, descobriram-se monumentos, fundaram-se museus, e deu-se bastante desenvolvimento ao estudo do periodo paleolithico. — Não posso alongar-me na particularização de tudo isto, mas no *Archeologo Português* encontrará o leitor variadas noticias sobre o assunto.

Capit. III (pag. 103 sqq.). — O Sr. L. Siret publicou em 1908 um trabalho intitulado *Réligions néolithiques de l'Ibérie* (extr. da *Rév. Préhistorique,* 3.º anno, n.os 7–8),

onde trata de alguns assuntos que eu já tratára no meu 1.º volume. — No *Arch. Port.*, XV, 31 sqq., publiquei uma serie de esculturas que no meu entender representam idolos prehistoricos. Á mesma serie pertencem os objectos que dei a lume ibidem, VIII, 171, e XII, 245, e uns cylindros calcareos provídos de caras, apparecidos numa sepultura chalcolitica da serra das Mutelas (Torres Vedras), e hoje guardados no Museu Ethnologico.

Pag. 311. — A sepultura do Torrão (Idanha-a-Velha) não fica no alto do *Cabeço dos Mouros,* mas num outeiro do mesmo nome. No alto do *Cabeço dos Mouros* fica um castro. — Informação do Sr. Tavares Proença Junior.

Pag. 341-343. — Suspendo por ora o juizo que formei do valor das figuras de que ahi fallo.

Pag. 387-388. — Os sulcos a que me refiro não tem importancia. Foram produzidos por ferros de arado.

Pag. 420. — As sepulturas de cremação (Mertola) não pertencem á epoca dos metaes, mas á romana, como verifiquei melhor em 1908, em que voltei á localidade e ahi procedi a nova exploração.

*

Ao vol. II:

Pag. 5. — Em 1909 publicou o Sr. E. Philipon, em Paris, *Les Ibères,* étude d'histoire, d'archéologie et de linguistique. Este livro póde considerar-se composto de duas partes: uma glottologica, que, exceptuando algumas observações (pp. 162, 184, 234, 247 n., etc.), me parece pouco solida; a outra ethnographica, muito util, por ser transcrição methodizada do que disseram da Peninsula os AA. antigos, mas incompleta, visto que Philipon só raramente, apesar do que se lê no titulo, aproveita as in-

formações da Archeologia, e essas mesmas, de fontes restrictas. A pp. 176–181 faz bom retrato litterario de Viriato (Philipon escreve *Viriatthos!*). A p. 302 podia ter-se referido ás *Religiões*, II, 202, pois ahi se tratou do assunto.

Pag. 35. — O rio «Ave» tem em Pomponio Mela a fórma *Avo* (nominativo).

Pag. 55. — Acêrca dos Gregos da Iberia cf. *Rev. des Études Anciennes*, VII, 335 sqq.

Pag. 74 [1]. — Acêrca dos *Grovios* vid. *O Arch. Port.*, X, 287; XI, 202; XIV, 131. — Aos nomes modernos que citei ibid., X, 288–289, juntarei: *A Grova*, monte da provincia de Pontevedra (*Grova* tambem é appellido gallego); *A Grova*, outro monte, na frèguesia de Serpa (Boticas); *S. João da Grova*, valle na serra da Labruja (Ponte de Lima). — Devo porém notar que a palavra *Grobe* tem como fórma medieval (sec. IX) Ocobre: vid. Martínez Salazar, *Antigüallas de Galicia*, Coruña 1907, p. 7. Fica assim contradicto o parallelismo que estabeleci entre *Grobe* (*Grove, Groves*) e Grovii. — O etymo de *Grovius* = *Crovius* põe-no Carnoy, *Le latin d'Espagne* [*et de Portugal*], 2.ª ed., p. 106, no celtico krovo- «corvo».

Pag. 108. — De ramos de oliveira, symbolos de paz nos Lusitanos, tambem usados por outros povos, falla Appiano, *Iberica*, cap. 61 (σὺν ἱκετηρίαις). Cf. Philipon, *Les Ibères*, p. 222–223.

Pag. 205. — Quem vae a primeira vez a Teixido (Galliza) leva uma pedra para a addicionar aos montões que

---

[1] Onde (na penultima linha do texto) se lê *territorio menos extenso*, leia-se *territorio mais extenso*.

já lá ha d'ellas, chamados *amilladoiros:* vid. Maciñeira, *S. Andrés de Teixido*, p. 8.

Pag. 277 sqq. (e cf. III, 202). — Acêrca da inscripção gallega que cito do *Corpus*, II, 5622 (NAVIA), vid. o que se diz no *Boletín de la Acad. de la Historia*, LVIII (1911), 403.

Pag. 12. — Novas divindades:

a) Deusa gallega REVA, segundo a interpretação do P.e Fidel Fita no *Boletín de la Acad. de la Historia*, LVIII, 513.

b) No *Boletín* de Orense, III, 389 sqq., publica o Sr. Martínez Salazar esta inscripção gravada numa ara apparecida em Sinoga (Lugo): LVCOVBV || AROVIEN || SILONIVS || SILO || EX VOTO. Se a primeira palavra é comparavel, como o autor do artigo suggere, a *Lugobibus*, que se lê no *Corpus*, II, 2818, tem de entender-se a segunda como *Arovien(sibus)*; e *Lucoubu* estaria então por *Lugo(u)ubu(s)*, dativo plural de *Lugoves:* cf. supra, p. 89.

c) O Sr. Dr. Aguiar Cardoso, a quem já me referi supra, p. 507, teve a sorte de encontrar mais uma ara romana com uma inscripção inedita, de que me mandou um decalque, que transcrevo aqui ao lado. Diz: *Deo* TUERAEO *volenti Arcius Epeici Bracarus s(acrum) f(ecit)*, «Ao benevolo deus *Tueraeus* consagrou este monumento Arcio, filho de Epeico, Bracaro de nação». — As siglas «S · F» creio serem novas; pelo menos não as encontro notadas em alguns manuaes epigraphicos que tenho á mão. O nome do deus, bem como *Epeicus*, nome do pae do dedicante, são desconhecidos; mas o sufixo *-aeus* é variante de *-aius* ou *-aios*, que se tem por celtico, e se encontra, por exemplo, em *Art-aios, Cant-aius, Clout-aius, Tur-aius*, etc.: cf. Holder, *Thesouro*, s. vv. O nome barbaro *Arcius* lê-se noutra inscripção peninsular: *Corpus*, II, 5556 (Villa Real). Acêrca dos Bracaros vid. *Religiões*, II, 56 (com a errata de p. 373) e 75; a palavra

DEO
TVERAEO
VOLENTI
ARCIVS
EPEICI · B
RACARVS
S · F

Bracarus figura tambem numa inscripção do Museu de Guimarães, mas como nome proprio: vid *O Arch. Port.*, XV, 324. O adjectivo participial *volens* é mais provavel ser epitheto da divindade (cf. *deus Endovellicus sanctus, Jupiter optimus maximus, Mars ultor, Venus victrix, Minerva memor, Fortuna obsequens, Fortuna respiciens*, etc.), como na traducção o considerei, do que meramente circumstancial; quem sabe se essa palavra conterá a significação de *Tueraeus?* — A ara, a que falta já a base, mede $0^{m},43$ de altura e $0^{m},33$ de largura (na cornija).

d) Nas *Memorias archeologico-historicas de Bragança*, t. I (1910), p. 351, publica o seu erudito auctor, o Sr. P.e F. Manuel Alves, uma inscripção que está gravada em uma lapide existente na igreja de Curral de Vaccas, concelho de Chaves: LAROCV || AMAPITIL || I FILIA EIBI || ANBAOVΘ || LVASRIIIVLI || PRO-MARITIA || , — de interpretação bastante difficil.

Pag. 347. — Á lista de trabalhos que ahi enumerei, tenho de accrescentar: *Chorographia da Lusitania* (sem nome de A.), Lisboa 1874; *Carta .. acerca de um ponto de Hist. e Geog. antiga da Lusitania*, por A. F. Barata (1869); *Geographia protohist. da Lusitania* «Talabriga» pelo Dr. Felix Alves Pereira (no *Arch. Port.* XII, 129). Dos tres, só porém o último tem verdadeira importancia.

*

Ao vol. III:

Pag. 4. — *No Arch. Port.*, XIII, 311 sqq., publiquei desenhos de outras tampas sepulcraes da idade do bronze providas de insculturas.

Pag. 15 sqq. — No sitio do Cabeço do Escouradal, frèguesia de Fornos, concelho de Freixo de Espada-á-Cinta, descobriu o Rev.do Tavares Teixeira, Abbade de Carviçaes (Moncorvo), um quadrupede de granito, cha-

mado pelo povo *a mulher de pedra,* o qual pertence á classe dos da *porca de Murça,* etc., e representa realmente uma porca (é pena estar incompleto); pelo corpo tem covinhas, como alguns dos seus congeneres: vid. supra, pp. 23 e 34. Por generosa iniciativa do mesmo illustrado Abbade, o monumento está hoje no Museu Ethnologico, e vae copiado na fig. 330.ª; comprimento

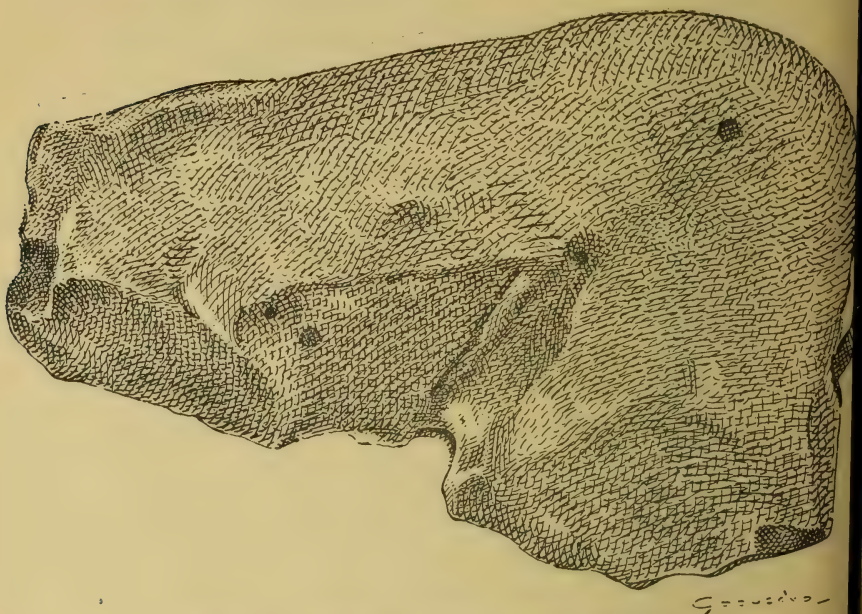


Fig. 330.ª — (A «mulher de pedra». No Museu Ethnologico)

1^{m},20; altura 0^{m},77.—N*O Arch. Port.* refere-se a outro transmontano o Sr. Pereira Lopo: vol. xv, p. 333.—Um amigo fallou-me de mais dois de Trás-os-Montes; não tenho porém ainda a respeito d'elles informações seguras. —No *Boletín de la Acad. de la Hist.,* 1909, p. 506 (cf. *Bullet. Hispan.,* xiii, 132), vem menção de «un nuevo becerro» apparecido na Hespanha, entre Trujillo e Cáceres.—Quando saiu a lume o fasc. 1.º do presente volume (p. 1–192), enviei um exemplar ao Sr. Professor Gómez Moreno, de Granada, o qual me respondeu com uma

carta em que me dá desenhos de muitos *becerros* de Hespanha. — Por curiosidade litteraria citarei aqui uns versos de J. Pinto Ribeiro Junior tirados das *Coroas Fluctuantes*, 2.ª ed. (Porto 1863), p. 94, de uma poesia intitulada «O duende»:

D'um mal que póde matar-me
Libertar-me
Vinde, senhor aguazil;
Só os *toiros de Guisando*
Avistando,
Tremi tanto, por São Gil!

versos que me foram indicados pelo Dr. Sousa Viterbo.

Pag. 43. — Ás dez estátuas de guerreiros que ahi mencionei devem addicionar-se outras, tambem de granito, como vae ver-se.

NO *Arch. Port.*, XIII, 203, dá o Dr. Felix Alves Pereira noticia de tres, representadas por importantes fragmentos esculturaes que elle descobriu em Cendufe, castro do Alto Minho, e que trouxe para o Museu Ethnologico. O illustre professor francês, archeologo e critico de arte, o Sr. Pierre Paris, refere-se a este descobrimento com o maior elogio no *Bulletin Hispanique*, XIII, 130–131.

No castro de Lesenho, d'onde vieram no sec. XVIII as duas estátuas da Ajuda, appareceram ha pouco tempo mais duas, que o Dr. Figueiredo da Guerra adquiriu, e que descreveu e figurou no seu opusculo *Noticia do concelho de Boticas*, Vianna do Castello 1911, pp. 7–8 (o castro de Lesenho, que hoje pertence ao concelho de Boticas, pertenceu outr'ora ao de Montalegre, do qual aquelle se desmembrou em 1836). Julgo a proposito dizer que as duas primeiras estátuas, que ultimamente estavam no jardim do Palacio da Ajuda, passaram em 1911 para o Museu Ethnologico Português, por louvavel determinação do Sr. José Relvas, ao tempo Ministro das Finanças.

O principal valor das novas estatuas e dos fragmentos consiste na ornamentação dos trajos dos guerreiros que ellas representam. — Quanto ao armamento, cfr. as de Osuna (Hespanha): *Bullet. Hispan.,* x, 120.

Ao todo, conhecem-se por tanto agora quinze estatuas funerarias de guerreiros lusitanos.

Pag. 62. — Quando fallei dos sacrificios, podia ter especializado o que se representa no bronze de Celorico de Basto, descrito e figurado no vol. II, p. 290[1]. Vem a pêlo dizer que entre os objectos do thesouro de Palestrina (Italia) vi um bronze da idade do ferro que lembra o de que fallo aqui, pois tem uma serie de figuras, de homens e de animaes, e termina tambem em cabeça de animal; mas é alvado, para se encabar.

Pag. 72. — A proposito dos emblemas que ahi publico esqueci-me de dizer que Martins Sarmento havia já publicado alguns na *Portugalia,* I, 1 sqq.

Pag. 78(–80), nota. — Á bibliographia do suastica junte-se: Bertrand, *Religion des Gaulois,* 156; Reinach, in *L'Anthropologie,* IV (1893), 564–566. Cf. supra, p. 432.

Pag. 81. — Depois que publiquei o 1.º fasciculo d'este volume, onde fallo da *Pedra Formosa,* estive no Egypto, e ahi vi, nos Museus de Alexandria e do Cairo, muitas *tables d'offrandes* que me deixaram a convicção de que a *Pedra Formosa* é effectivamente uma analoga, como eu já aventára a p. 83. Estas tabulas, dedicadas a divindades ou a mortos, tem sulcos para escoamento de liquidos, e tam-

[1] A respectiva figura foi feita por uma photographia, e não extrahida da *Portugalia,* como inexactamente se diz algures neste periodico.

bem esculturas symbolicas de comidas, e ás vezes hiero-

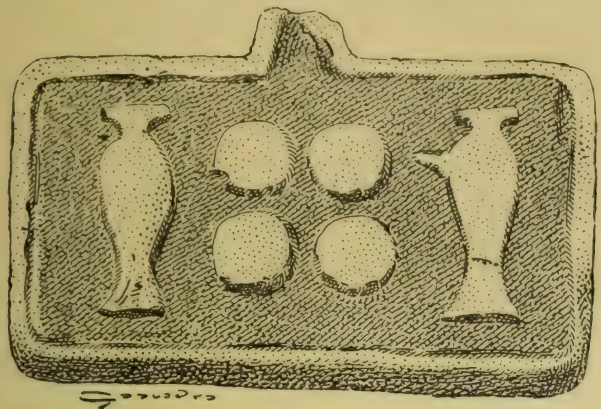


Fig. 331.ª — («Table d'offrandes» do Egypto. No Museu Ethnologico)

glyphos. Na fig. 331.ª reproduzo, com $^1/_{12}$ do seu tamanho, uma, vinda do Egypto, que existe no Museu Ethnologico na qual estão figurados dois vasos e quatro pratos ou pães. Vid. um desenho de outras semelhantes in *Guide to the Cairo Museum* (translated by J. E. & A. A. Quibell), Cairo 1908, p. 154, e in *Wörter und Sachen*, I, 183–186. Em posição mais modesta assemelha-se ás tabulas egypcias uma prehistorica, de Trás-os-Montes, que o fallecido Dr. Henrique Botelho[1] offereceu ao Museu Ethnologico, onde está: vid. fig. 332.ª ($^1/_8$ do tamanho natural), bem parecida a uma bulgara (embora esta de maiores

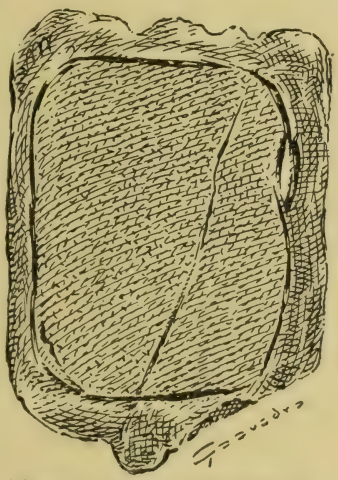


Fig. 332.ª — (Tabula prehistorica, de Trás-os-Montes. No Museu Ethnologico)

[1] Cf. *O Arch. Port.*, IV, 189, e o n.º 4 da estampa ahi adjunta.

proporções), que vem figurada na citada revista, *Wörter und Sachen,* I, 211. — D'accordo com o que fica exposto, a *Pedra Formosa* é uma especie de *sacra mensa,* ou segundo altar, comparavel em certo modo ás mesas de fórma de ferradura: nestas a abertura é para os escansões e outros ministros andarem com facilidade servindo os convivas postados á volta; na *Pedra Formosa* o escansão ou ministro era só um, o sacerdote, como só um seria o conviva, a divindade, — e aquelle cabia pois sufficientemente.

Pag. 165. — Em 1909 publicou Franz Braun em Berlim *Die Entwicklung der spanischen Provinzialgrenzen in römischer Zeit* [1], onde trata das divisões da Peninsula Iberica ao tempo da Republica Romana, e em epocas posteriores. Estuda com grande amplitude o mappa de Agrippa, servindo-se da *Divisio orbis terrarum,* da *Dimensuratio provinciarum* (cfr. supra, p. 165, n. 2), e dos textos de Orosio, Estrabão, Pomponio Mela e Plinio. Segundo elle, a divisão de Agrippa (em tres partes) data do anno de 27 a. C., e a de Augusto data de 7 a 2 a. C.

Pag. 240. — Novos monumentos:

a) Estátua de CERES, do sec. II, achada em Mérida: *Boletín de la Academia de la Hist.*, LVIII (1911), 297 sqq.

b) — O deus CAEPUS. — Em Julho de 1912 o Sr. Engenh.ro Antonio Torres teve a distincta amabilidade de me offerecer, e enviar para o Museu Ethnologico, uma arula de granito que appareceu na quinta de S. Domingos, frèguesia de Benespera, concelho do Sabugal, e vae reproduzida com $^1/_{16}$ do tamanho natural na fig. 333.ª Tem uma inscripção que diz: *Caepo Firmu(s), Sabinae l(ibertus), v(otum) l(ibens) s(olvit),* isto é: «Firmo,

---

[1] Fórma o fascic. 17.º das *Quellen u. Forschungen zur alten Geschichte u. Geographie*, de W. Sieglin.

[2] Marquardt, *Le culte chez les Romains,* I, 197.

liberto de Sabina, cumpriu de boa mente o voto que havia feito a *Caepus* ou Cepo». Temos pois aqui um novo deus do pantheon lusitano. A palavra *Caepus* póde ser latina, ou provenha da lingua commum (popular), mera masculinização de caepa (*cepa*) «cebola», analoga á que temos em português em *cebolo* a par de *cebola*, ou seja originariamente divina, formada como *Fontus* (deus), de fons, e *Flora* (deusa), de flos; cf. *barbus* «barbo» (peixe), de barba [1]. Em qualquer dos casos *Caepus* apresentar-se-nos-ha como «deus das cebolas, protector das hortas», especie de Priápo lusitano, — concepção naturalistica semelhante a outras que no decorrer da presente obra já observámos na Lusitania, não porém, ainda assim, tão elementar como a do Egypcio, que *alium caepasque inter deos in iure iurando habet,* no dizer de Plinio, *Nat. Hist.,* XIX, § 101, com o que combina Juvenal, *Satir,* XV, 10–11: *o sanctas gentes quibus haec nascuntur in hortis || numina!* — Da natureza da divindade, se a minha interpretação é verdadeira, da simplicidade social das pessoas, traduzida nos nomes, e da palavra *Firmus* «firme», «constante», que revela talvez a condição da alforria do

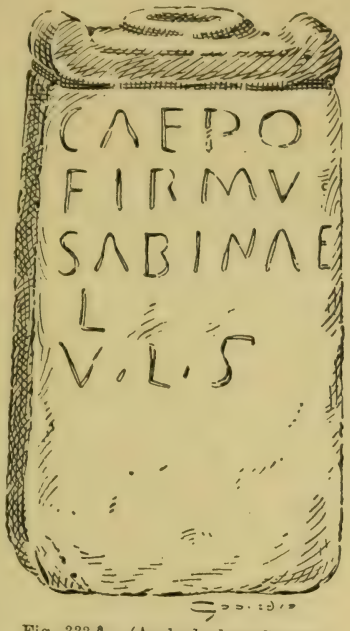


Fig. 333.ª — (Arula do deus *Caepus*. No Museu Ethnologico)

[1] *Caepulus,* citado por Schulze, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen,* Berlim 1904, p. 418, poderá pertencer á mesma familia lexicologica de *caepa* (*cepa*).

escravo, resulta um quadro ethnographico em cuja contemplação nos deleitaremos um instante, pois ahi se nos desenha uma familia que na singeleza do seu viver rural venera em paz um deus a quem julga dever o bom exito das sementeiras.

Pag. 255. — O deus FONTANUS. — Por indicação do Sr. Antonio Paes, de Avis, pessoa muito illustrada, tive a boa sorte de encontrar em Agosto de 1912, no Ervedal do Alemtejo, uma ara de marmore cujo desenho vae aqui ao lado (fig. 334.ª). Tem uma inscripção que diz: *Fontan(o) sacrum: Threptus, C. Appulei Silonis serv(u)s, l(ibens) a(nimo), ob aquas inventas.* Isto é: «Consagra»ção ao deus Fontano. »Threpto, escravo de »Caio Appuleio Silão, a »fez de boa mente, por »aqui ter apparecido uma »fonte». A ara encontrou-se em 1870 num campo chamado Tapada da Alameda, dentro do Ervedal, concelho de Avis, pertencente ao Sr. Theodoro Simões de Faria, que, a pedido do Sr. Antonio Paes e do Sr. Dr. José Paes Telles, generosamente me offereceu a lapide para o Museu Ethnologico. Ao pé havia uma nascente grande de agoa, hoje explorada por meio de uma nora. Á superficie do terreno descobrem-se muitos cacos antigos, dos quaes lá vi bastantes. Não padece duvida que a lapide se relacionava com a nascente. O verbo *invenire* tem aqui a significação de «en-

Fig. 334.ª — (Ara do deus *Fontanus*. No Museu Ethnologico)

contrar por acaso»; *aquae,* no plural, significa ordinariamente «fonte mineral», mas tambem significa de modo geral «fonte». Por conseguinte deve entender-se que o escravo Threpto (Θρέπτος), maravilhado com o descobrimento de uma fonte na propriedade em que trabalhava, consagrou uma ara, talvez dentro de um nicho, ao deus das fontes, por cuja intercessão elle julgára que esta lhe apparecêra. Infelizmente a ara está mutilada no angulo direito, onde falta o final do nome da divindade; como ahi não cabia AE nem Æ, nem ha vestigio de simples E, não póde pensar-se em FONTANAE, FONTANÆ, ou FONTANE, e tem pois de admittir-se FONTANO. — Dimensões superficiaes da pedra: $0^m,50 \times 0^m,37$; altura das letras: $0^m,02$ e $0^m,045$; estas são elegantes, talvez do sec. I.

Pag. 259. — Da inscripção de Orense, *ex visu*, dá Fidel Fita o texto completo no citado *Boletín,* LVIII, 512: NYMPHIS *Calpurnia Abana Aeboso(cum) ex visu votum s(olvit) l(ibens)*. Em vez de *Aebosocum* propõe tambem *Aebosoca.* — E já se lhe havia referido no vol. XLII, 394.

Pag. 262. — Em Almendralejo, perto de Mérida, appareceu uma lucerna com uma inscripção que C. Jullian interpreta assim: *oraclum pridie nonas sep(tembres)*, suppondo-a commemorativa de oraculos esculapianos. Vid. *Rev. des Études Anciennes,* XII, 388 (com duas estampas).

Pag. 272. — Mais uma inscripção de MERCURIO, em uma ara, apparecida em Medelim: *O Arch. Port.,* XV, 42 (Tavares Proença).

Pag. 280–286. — Nas ruinas do theatro de *Emerita* descobriu-se ultimamente «el pie de uma VENUS con el delfin, en que cabalga un Cupidillo, al lado»: *Boletín de la Acad. de la Hist.,* LVIII (1911), 301.

Pag. 328. — Escrevi *Péssino,* por querer ir com Bento Pereira, que na *Prosodia* adopta essa fórma; seria melhor escrever *Pessinunte*, porque, se o nominativo é *Pessinus,* o genetivo é em *-untis.*

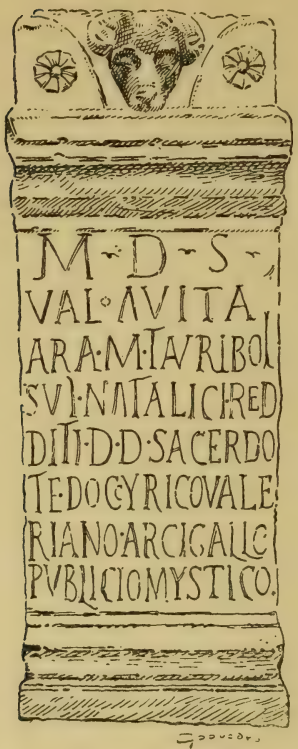


Fig. 335.ª — (Lapide da Mãe dos deuses. No Museu de Madrid)

Pag. 332. — Mercê da muita amabilidade do Sr. Alvarez-Ossorio, do Museu de Madrid, que me enviou uma photographia do monumento da *Mater deum,* posso aqui publicar a fig. 335.ª

Pag. 402. — Costume de enterrar os mortos em jarrões: vid. Gsell, *Monuments antiques de l'Algérie,* p. 43.

Pag. 437–438. — A proposito das *portas do Ceu,* cf. esta cantiga popular beirã:

> Em sete portas do Ceu
> Hei-de mandar escrever;
> Só ás estrellas confio
> Amizade e bem-querer[1].

— Sobre o mesmo assunto notarei que no Museu da Villa Julia, em Roma, vi cippos funerarios etruscos com umas esculturas analogas ás que nas estelas transmontanas chamei «portas»; os archeologos italianos as tem tambem como taes. Dou aqui um esbôço de um na fig. 336.ª,

[1] *Revista Lusitana,* xv, 162 (artigo de D. Maria Angelica Furtado de Mendonça).

por me parecer muito instructiva a comparação (altura 0m,92; largura 0m,41).

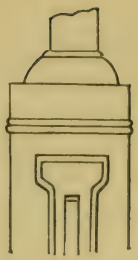


Fig. 336.ª—(Cippo funerario etrusco. Em Roma)

Pag. 459.ª — Escultura curiosa emeritense (paes immersos em dor pela morte de um filho) é a que vem no *Boletín de la Acad. de la Hist.*, LVIII, 192 (artigo de Mélida & Fidel Fita).

Pag. 478. — Na fig. 337.ª vae desenhada (1/5 do tamanho natural) uma lapide de granito que representa uma ara em cuja face anterior

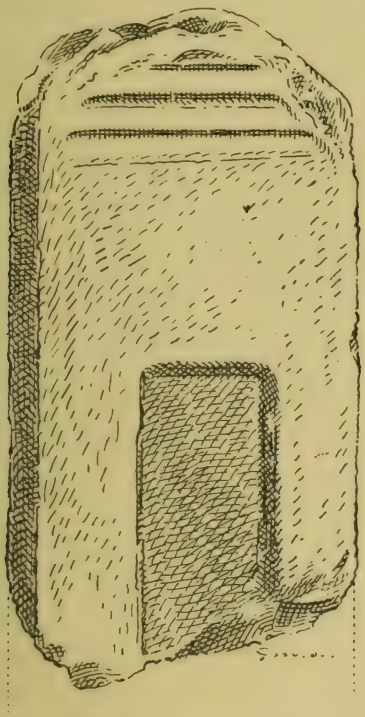


Fig. 337.ª — (Ara com edicula. No Museu Ethnologico)

ha uma edicula. Foi-me offerecida em 1911 pelo Sr. Bernardo Paes de Figueiredo, de Senhorim (Nellas). Appareceu nas margens do rio Videira em um sitio

em que se tem encontrado varios restos romanos, taes como pesos, mós, moedas do sec. III, etc. Infelizmente é anepigrapha; mas como o rio, pouco abaixo do local em que a ara estava (a uns 300 metros), se chama *Poço* ou *Rio Santo,* e lhe andam ligadas superstições (banho santo), talvez não fantasiemos attribuindo a ara a uma divindade fluvial que tivesse na edicula a sua imagem.

Pag. 499–501. — Aos exemplos que citei de *oscilla* juntem-se os que vem em Espérandieu, *Bas-reliefs de la Gaule romaine,* I, 322 e 323, de Nîmes.

Pag. 502. — Acêrca da serpente que morde a cauda vid. Réville, *Prolégomènes de l'histoire des religions,* 1886, p. 166.

Pag. 519. — No Museu Ethnologico ha duas peças de bronze, uma vinda de Obidos (resto de uma quadriga), a outra vinda de Alemquer (figura humana), que devem representar insignias militares. Fica para outro lugar descrevê-las e desenhá-las.

Mosaico com cruz e suastica:

No Amendoal, ao pé de Faro, appareceram ha muitos annos os restos de um edificio com sete pavimentos de mosaico polychromico em cuja ornamentação alterna uma cruz com um suastica. Vid. fig. 338.ª, extrahida das *Antig. mon. do Algarve* de Estacio da Veiga, III, 34–35. — Teremos aqui um monumento christão da epoca visigotica, ou é a cruz mero e casual ornato? — O suastica apparece noutros mosaicos antigos de fóra de Portugal, por exemplo em Valencia[1] e na Africa[2]. Cf. supra, pp. 586–587.

---

[1] *Memorias de la Academia de la Historia,* VIII, est. 31. Cf. tambem est. 40 e 41.

[2] Bertrand, *Religion des Gaulois,* 156, nota.

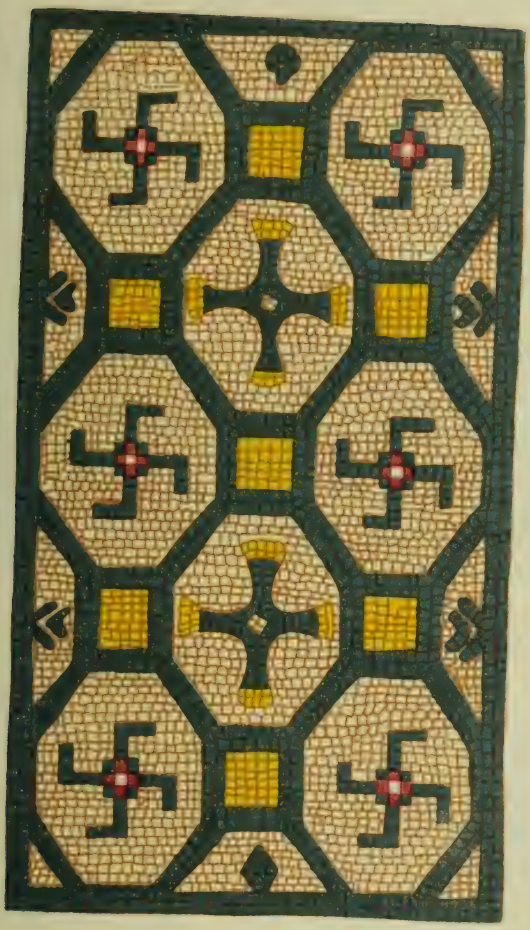


Fig 338.ª Mosaico do Amendoal (vid. p. 623).

Sarcophago com estrigiles:

Por compra que fiz em Evora, possue o Museu Ethnologico um sarcophago de marmore que appareceu numa herdade, creio que dos arredores, e que vae representado na fig. 339.ª É de uma só pedra, excavada em fórma de tina. Externamente tem estas dimensões: comprimento $2^{m},45$; largura num topo $0^{m},90$, e no outro $0^{m},85$; altura $0^{m},56$. Internamente: comprimento $2^{m},30$; largura num topo $0^{m},61$, e no outro $0^{m},60$; profundidade $0^{m},48$. A frente representa uma serie de estrigiles [3], excepto nas duas extremidades, em cada uma das quaes se vê uma cabeça

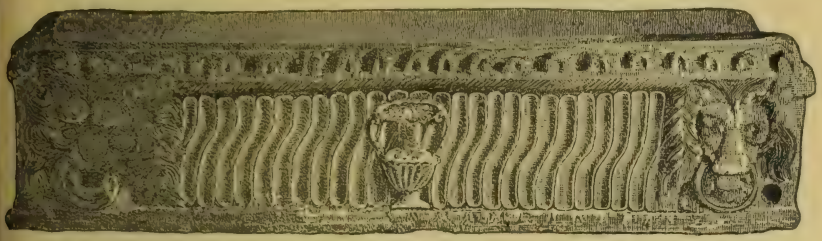


Fig. 339.ª — (Sarcophago com estrigiles. No Museu Ethnologico)

de lião com argolas pendentes das ventas, argolas que dão ao sarcophago o aspecto de caixão transportavel; sobre as estrigiles, ao meio, avulta um vaso de duas asas. Nos dois topos ha tambem estrigiles. As costas do sarcophago não tem ornatos, estão simplesmente apparelhadas. — Os sarcophagos d'esta especie são muito conhecidos. Em Roma abundam elles: ha-os no Museu de Latrão, no Capitolino,

[3] A *strigilis* propriamente é um instrumento metallico com que os Romanos rapavam, para o limparem, o corpo suado, depois de um banho de vapor ou de exercicios gymnasticos. Corresponde em parte ao que entre nós se denomina «almofaça», embora esta se applique aos cavallos. Por metaphora chamam-se «estrigiles» os ornatos semelhantes á fórma d'aquelle instrumento. — No Museu Ethnologico póde examinar-se uma estrigile de bronze que adquiri em Roma.

no das Thermas, na villa Borghese, na via Latina, nas Catacumbas, e até na rua, onde servem de tanques (por exemplo na *Piazza del Popolo,* e junto de S. Pedro do Vaticano); no terraço da Bibliotheca Vallicelliana vi um que servia de canteiro de flores. No Campo Santo de Pisa vi muitos, e pelo menos alguns tem aspecto pagão. No Museu Archeologico de Barcelona, e no de Madrid, vi tambem varios, alguns com o monogramma de Christo (sec. IV ou V): com relação aos de Barcelona, cfr. Botet y Sisó, *Sarcófagos romano-cristianos*, Barcelona 1895, p. 39 sqq. Na exposição de Paris, de 1900, havia o modêlo de um de Tiposa (Argelia). No *Bullet. Archéolog.,* Abril de 1900, p. V, descreve mais um o Sr. H. de Villefosse, que o suppõe posterior ao sec. III. No *Répertoire de la statuaire,* do Sr. Salomon Reinach, tomo I (2.ª ed.), pp. 124, 125, 126, acham-se figurados uns poucos que o auctor, como me disse em carta, suppõe christãos. De outro, tambem christão, se falla nas *Notizie degli scavi,* 1904, pag. 47–48. Acêrca dos das Catacumbas de S. Callisto, vid. Weber, *Die römischen Katakumben,* p. 130–131. — Se alguns dos sarcophagos tem inscripções ou figuras romanas (cf., por ex., Espérandieu, *Bas-reliefs de la Gaule romaine,* t. I, 1907, pp. 8, 67, etc.), outros tem symbolos christãos, ou pertencem pela mór parte á epoca christã; por isso o nosso, ainda que não contenha nenhum symbolo do christianismo, não é de facil classificação chronologica, motivo pelo qual deixei para este logar a menção d'elle. — O lião nas tumbas e sarcophagos é um emblema da morte. O vaso tem, como já sabemos, significação sacrificial. São ainda ideias pagãs.

INDICE ALPHABETICO GERAL

DO

VOLUME III

Abelterion (cidade), 636.
Aedicula algarvia, 478. E vid. «Edicula».
Aernus (deus), 217.
Africanas (divindades), 327.
Agoas (divindades das), 248 sqq.
Agouros dos Lusitanos, 62
Alanos, 551 e 552.
Alasca: estátua sepulcral, 40.
Alcacer do Sal: necropole da idade do ferro, 13.
Alcarial, 175, n. 9.
Almas: seu destino *post mortem,* 392 sqq.
Amuletos: 524, 596.
Andero (Juppiter), 218.
Aneis com figuras e symbolos romanos e visigoticos: 268, 502, 374 e 586-587.
Animaes: de pedra (quadrupedes), 15; em lapides funerarias, 441; touros de Beja, 514.
Antistio Vetus, 142.
Antonio (S.): sua imagem nas lojas de negocio, 596.
Apollo, 234.
Apuleio (ou Appuleio), 351.
Arabes: conquistam o reino visigotico, 579.
Arados: ceramica, 129 e 131.
Aramenha (arco de): 179.
Aras incertas, mutiladas e anepigraphas: 502.
Archiyallus, 332.
Arentia e Arentius (divindades): 207,
Arianismo: 552. n. 3; 558.
Aricienses (povo): seu juramento, 488.
Aritium Praetorium (cidade): 175 e 488, n. 4.
Aritium Vetus (cidade), 488.
Armas de ferro torcidas, 13.
Ascia, 400.
Asclepius (deus), 264.
Asdingos (povo germanico), 551, n. 1.
Associações funerarias, 460.
Astros como symbolos sepulcraes: 406, 425, 432.
Atheismo nos Gallegos, 69.
Atinio (C.), 108.
Atilio Serrano (M.), 114.
Atlante canephoro, 495.
Atucaucenses (*vicani*), 171, n. 1.

Augusto: suas campanhas no Occidente da Iberia, 151; cidades que tomaram o seu nome, 152.
Augustaes (confraria), 323.
Avo (rio), 611.
Bacchico (cyclo): 242.
Bahu: fórma de cippos funerarios, 401.
Balsa (cidade): 374 e 512.
Banhos e thermas, 180.
Baniensium civitas personificada, 200.
Barbaros do Norte na Peninsula, 550.
Barca em uma estatueta, 512.
Bastulophenicios, 113, n. 2.
*Belleia (monte), 136, n. 3.
Berroas e berrões trasmontanos: 15 sqq.; 614.
Biclarense, 546.
Bifrontes (cabeças), 497.
Bisomum, 389.
Bispados galleco-lusitanicos da epoca suevica, 559; da epoca visigotica, 581.
Bispos lusitano-gallecos dos sec. IV e V, 538.
Boi de bronze, 520.
Braceletes: de ouro, 118, nota; de bronze, 121 e 501.
Braga: vid. «Concilios».
Bruto (Decimo Junio): 127–131.
Brutóbriga (cidade), 171, n. 1.
Bulla, 524.
Byzantinos na Peninsula: 578.

Cabra cultual: 504–505, n. 2.
Caelus (deus), 361.
Caepus (deus), 618.
Calantanos (povo), 377.
Cales (cidade), 140.
Calpurnio (Caio), 109.
Canephoro (atlante), 495.
Carquere: monumento funerario notavel de lá, 454.
Carranca fontanaria, 247.
Caspari: 548, nota.
Castros: 171, n. 2.
Catão, 104.
Catholicismo: suevico, 558; visigotico, 580. E vid. «Cristianismo».
Caucêno (capitão lusitano), 114.
caudic(arius), 321.
Ceceaeci (lares), 199.
Ceceaigi (deuses), 199.
Cecilio Metello, 120.
Celeste (deusa), 356.
Cemiterio persiano, 41; cemiterios lusitano-romanos, 370 sqq. e 391; de *Myrtilis*, 582; de Cascaes, 587. Vid. «Sepulcros».
Cepião: 124 e 132.
Ceres: 362 e 618.
cernophora, 330.
Cesar (C. Julio): suas campanha na Lusitania, 142–150; cidades que tomaram o seu nome, 144.
Césaro (capitão lusitano), 113.
Ceu: sua representação nas estelas funerarias, 437–440.
Christianismo: sua introducção na Peninsula, 536; na Lusitania, 537; sociedades christãs da Lusitania nos sec. V–VIII: 582. E vid. «Catholicismo».
Chronica Caesaraugustana, 546.
Cidades lusitanicas: 140, 151, 171 n. 1, 175–176, 488 n. 4, e 633.
Cinginnia (cidade), 130 e 171 n. 1.
Cippos: suas fórmas, 401.
Citerior (Hispania), 164.

Ciudadela: monumento funerario de lá, 452.
Civilização lusitano-romana, 164 sqq.
Civitas (splendidissima): 299.
Collejia, 460.
Colonia: fundação, 491.
Concilios de Braga: 557, 559 e 560; superstições mencionadas nas actas d'elles, 565.
Concordia (deusa), 303.
Confrarias: 460 e 480.
Conistorgis (cidade), 115.
Conquista da Lusitania pelos Romanos: 100 sqq.; seus periodos, 154 sqq. Pelos Barbaros: 550 e 575.
Considerações geraes: sobre as religiões protohistoricas, 84; sobre as religiões da epoca lusitano-romana, 532; sobre as da epoca dos Barbaros, 588.
Contas vitreas da epoca do ferro (Algarve): 115.
Conventus ou circumscripções juridicas, 168.
Coroas funebres: 424–425.
Cosconio (C.), 142.
Cupa, cupula, 402 sqq.
Cuneos (povo), 121, n. 2.
Cupido, 283, 386.
Cybele, 328.

Declinação iberica: 201 e 213 *deliganda*, 210.
Dente de javali (amuleto), 530.
Deusas-mães, 196.
Diana, 235.
Divindades conjuntas: 300; pagãs, representadas na tradição actual, 594.
Divisões geographicas da Peninsula na epoca romana, 105, 164, 550 (n. 4) e 618.
Dolabella (L. Cornelio), 133.
Dume: seu bispado, 559 e n. 4.

Edicula: algarvia, 478; de Senhorim, 623.
Emblemas gravados em pedras de casas e noutras, 71; sepulcraes, 406 e 583.
Emerita: sua fundação, 151.
Emilio Paulo (Lucio), 108.
Encruzilhadas, 595.
Endovellico (deus), 195.
Entidades mythicas modernas, 594–595.
Esculapio, 262.
Espantalhos, 596.
Esphinge, 521.
Espolios sepulcraes, 396.
Estatuas de guerreiros lusitanos do Minho e Galliza, 43.
Estatueta de Balsa: 512; estatuetas metallicas, 66.
Estradas militares, 181.
Estrellas: vid. «Astros».
Estrigiles, 625.
Evento (deus), 310.
Evora: seu templo romano, 461.
Exército, 183.

Fabio Maximo Emiliano (Q.), 119.
Fabio Maximo Serviliano (Q.), 120.
Fadas, 312.
Fascinum (amuleto), 526,
Figuras de pedra que anthropomorphizam symbolicamente povoações, 596.
Fibulas lusitanicas: 107, 127, 128, 135.
Flamines e flaminicas, 315 sqq.
Flores: symbolos sepulcraes, 410 e 424.
Fontana (deusa), 256.
Fontanus (deus), 256 e 620.

Fontes: suas divindades, 255.
Fontes historicas para o estudo da epoca romana: 100; para o estudo da dos Barbaros: 545.
Fortuna (deusa), 305.
Frades: de pedra, 596; nas chaminés, 597.
Frende: frisos romanos, 475; lapide com a figura de um sacrificio, 482.
Fufidio (L.), 137.
fulgur condere, 486.
Fulguratores, 481.
Funerarios (monumentos): 15, 43, 371 e 583.

Galba (Servio), 115.
Gallaecia, provincia romana: 165; na epoca dos Barbaros, 550, n. 4.
Galli (sacerdotes de Cybele), 330.
Geminadas (inscripções), 389-390.
Génesis (no culto mithriaco), 336.
Genios: 294 e 299.
Glans de chumbo, 183.
Governo: provincial na epoca romana, 166; na epoca dos Suevos, 553; na dos Visigodos, 575.
Grega (loiça) em Alcacer do Sal, 14.
Grego e latim numa mesma inscripção, 347.
Gregos na Iberia: 611.
Grovios: uma divindade d'este povo, 201; testemunhos do mesmo povo, 611.
Guerra (divindades da), 266.
Guerreiros lusitanos (estátuas de), 43 e 615.
Guimarães: dois monumentos lapidares do seu museu, 214.
Guisando: seus *toros*, 31, 615.

Hannibal, 101.
Haruspices: 63 e 481.
Hercules, 287.
Heresias na Lusitania: 539 e 560.
Heroização dos mortos: 451.
Historia da conquista romana da Lusitania: 100 sqq.; seus periodos, 154. Da conquista pelos Barbaros, 550 sqq.
hostia: 210 e 469.
Hydacio, 545: superstições em uma obra sua, 563.
Hygía (divindade), 264.

Idacio. Vid. «Hydacio».
Idolos: divindades sem elles, 69.
Imagines dos mortos, 455.
Imperiaes ou Galleco-Romanos: 554; divindades imperiaes, 313.
Incineração dos cadaveres: na epoca pre-romana, 14; na epoca lusitano-romana, 369.
Inferno: concepção mythica, 436.
Inhumação na epoca romana, 369; na dos Barbaros, 561 e 582.
Inscripções indigenas: em lapides do Sul, 5; em moedas de *Salacia*, 288.
Insculturas: em sepulturas da epoca proto-historica, 4; várias, 71; em sepulturas lusitano-romanas, 406; em sepulturas dos Visigodos, 583.
Insignia militar, 519.

Invictus (*deus; sol*) : 365.
Isidoro Hispalense (S.), 546.
Isidoro Pacence, 547.
Isis, 341.
Ivventvs (divindade), 301.

Jarrões em que se enterram cadaveres, 622.
Juno, 233.
Juppiter, 221.

Laccóbriga (cidade) : 128 e 131, n. 1.
laciculus, 469.
Langóbriga (cidade), 139, n. 1.
Langobritas (povo) : 138 e 139, n. 1.
Lares, 291.
Latim : adoptado pelos Suevos, 556; pelos Visigodos, 579. E vid. «Grego e latim».
Lennium (cidade) : 171, n. 1.
Leontocephalo (personagem), 339.
Lião no culto de Mithras, 340; lião que devora um cavallo, 502.
Libações : 450 e 484.
Libyphenicios, 113, n. 2.
Licinio Lucullo (L.), 115.
Lingoagem indigena : vid. «Declinação».
Litteratura : lusitano-romana, 188; christiano-medieval, 545.
Longino (C. Cassio), 149.
Lua : vid. «Astros».
Lucernas e suas especies, 278, n. 1; com figuras, 245, 277, 309, 349.
Lugo : concilios suppostos, 559, n. 1.
Lugoves (divindades), 612.
Luna : vid. «Sol».
Lunula (amuleto), 529.
Lusitania : em Appiano, 122, n. 1; em Ptolemeu, 127, n. 6; Lusitania romana, 165 (e cf. 133 n. 6); na epoca dos Barbaros, 550, n. 4.
Lusitanos que estiveram longe da Lusitania : 533.
Lux (divindade), 239, 361.

Macarius (deus), 196.
macellum, 294.
Manilio, 113.
Manlio (Publio), 110.
Marco de Canaveses : seus cemiterios romanos, 370.
Mario (C.), 132.
Marte, 266.
Martinho (S.) : 547; superstições mencionadas em obras suas : 566 e 573.
Mater deum, 330, 622.
mausoleum, 387.
Maximus (*deus*), 366.
Medicina lusitana, 186.
Medóbrega (cidade), 171, nota.
Medullio (monte) : 151 e 171, n. 1.
Mercurio : 272 e 621.
Merida : seus templos, 464.
Metello Pio, 137.
Minerva, 272.
misolium, 387 e 388.
Mithras, 334.
Moedas : lusitanicas, 174; romanas allusivas á Hispania, 105, 111, 123, 139, 141, 146, 149, 152 e 153; com figuras de divindades aquaticas, 250, 254 e 259; com a figura de Hercules, 288; com a de um *macellum*, 296, n. 1; com a de *Pax Iulia*, 305; com uma cerimonia de fundação de colonia, 491; moedas-amuletos,

530; moedas suevo-lusitanicas, 556; visigotico-lusitanicas, 577, n. 4.
moimento, 563.
Monumentos das cidades lusitanicas, 179.
Mortos (culto dos): vid. «Necrolatria».
Mosaico polychromico da Póvoa de Cós, 177; outros mosaicos, 492 (Leiria) e 624 (Amendoal).
«Mulher de pedra», 613-614.
Mummio (L.), 113.
Murça: sua porca, 16.
Musas, 234.
Mysticus, 332.

Nabia (deusa), 202 e 612.
Necrolatria: proto-historica, 3; da epoca romana, 369; da suevica, 561; da visigotica, 582.
Neptuno, 248.
Nercóbrica (cidade), 114.
Nereida, 252.
Nero (Gaio Claudio), 103.
Nomes de pessoas na epoca romana, 189; deuses com dois nomes, 219.
Nymphas, 256 e 621.

Onomastico de origem religiosa, 597.
Orientaes (divindades), 327.
Orosio, 545.
Oscillum, 499 e 624.

Paganismo: vestigios nos sec. v-vi, 563-575; nos sec. vi-viii, 585-588; de epoca posterior, 593-607.
Palmatoria (Braga), 458.
Pandemonismo, 289.
Panoias: seu santuario, 465.
Pantheum (*Signum*), 352.
Páteras, 484.
Pax (deusa), 304.
Pedra Formosa: 81 e 616.
Periocha de T. Livio: 111, n. 2.
Perperna, 140-141.
Philipon (E.): o seu livro sobre *Les Ibères*, 610.
Pharsalia e Pharsalo: 149, n. 4.
Pietas (deusa), 302.
Pipa: fórma de cippos funerarios, 401.
Pisão, 113.
Placa marmorea do Algarve, 499; de um cinturão visigotico, 579.
Pombalinho: sepultura romana de lá, 187.
Pompeio: 137, n. 3; 145.
Pontes romanas, 180 e 636.
pontifex, 481.
Porcos de pedra trasmontanos, 15 e 613 sqq.; de Sabroso, 29.
Portas figuradas em lapides sepulcraes: 436-440; portas do inferno, 436-437; do ceu, 436-438 e 622; da morte, 437.
Postumio Albino (L.), 110.
Povoações lusitanicas (varios typos), 170.
Priscilliano e priscillianismo: 539.
Prodigios e superstições medievaes (sec. v-vi): 563 sqq.
Provincias ecclesiasticas: 559 e 581.
Punico (capitão lusitano), 113.

Quadrisomum, 389.
Quadrupedes de pedra: 15 e 613 sqq.

Raio: 486 e 598.

Ramos nas estelas sepulcraes, 440; symbolos de paz, 611.
Reflexões finaes acêrca das religiões das differentes epocas: vid. «Considerações».
Reis: suevicos, 553 sqq.; visigoticos, 575 e n. 2.
Reva (divindade), 612.
Revelanganitaecus (deus), 209.
Rios divinizados, 254; rio santo, 624.
Ritos funebres modernos de origem antiga, 598.
Roma (deusa), 313.
Romanos: comquistam a Lusitania, 100 sqq.; perdem o seu dominio, 550 e 578; fundem-se com os Visigodos, 579.
Romanização da Lusitania: 100 sqq.; seus periodos, 154 sqq.
Rouca (Alandroal): seu cemiterio romano, 371.

Sá: monumento funerario de lá, 446.
Sacerdotes: lusitanos, 62; lusitano-romanos, 480; christãos, vid. «Christianismo».
Sacrificios dos Lusitanos, 62 e 616; dos Lusitano-romanos, 482; sacrificio funebre figurado numa lapide, 450; vestigios modernos de sacrificios antigos, 597.
Sagunto: sua conquista, 100-102.
Saia (monte da): suas estelas, 510.
Salacia (deusa), 248.
Salus (divindade), 264.
Saude (divindades da), 262.
Santuarios: lusitanicos, 81; lusitano-romanos, 461.
Sarcophagos: 380 e 622.
Scipiões: 102–103, 107.
Segurança dos sepulcros, 459.
Semana (nomes dos dias da): 568, n. 4.
Sempronio Longo (Publio), 110.
Sepulcros: condições dos sepulcros lusitano-romanos, 400; ritos christãos do sec. vi, 561 e 583. E vid. «Segurança», e «Sepulturas».
Sepulturas: tampas insculturadas: 4 e 613; abertas em rocha, 583. E vid. «Sepulcros».
Serapis, 341.
Serpente no culto de Mithras, 339-340; serpentes de bronze que constituem um bracelete, 501; serpente de chumbo, 519; serpente que morde a cauda, 502 e 624.
Sertorio: 135–142.
Servilio Cepião (Q.): 124, 132.
Silingos (povo germanico), 550.
Simpulo, 484.
Sol: vid. «Astros».
Sol et Luna (divindades), 239 e 364.
Somnus (deus), 361.
Sonhos, 62.
Suastica: gravado em pedra, 73; sua geographia, 78 e n. 1, e 616; symbolo sepulcral, 406 e 428; em um anel, 586; em um mosaico, 624.
Suevos: seus reis, 553; fases da sua historia, 554; tempo do seu dominio, 555; sua civilização, 555; suas crenças, 557.
Superstições: da epoca suevica, 563–575; da epoca visigotica, 586–588; comparadas com outras, antigas, medievaes e modernas, 564-575; contemporaneas, vid. «Paganismo».

Symbolos sepulcraes: vid. «Emblemas».
Synodos ecclesiasticos: 559.

«Tables d'offrandes», 616.
Tabú, 85.
taurobolium, 332.
Tellus (divindade), 241.
Templos romanos, 461. E vid. «Santuarios».
Terra: divindades d'ella, 240.
Tessera plumbea de Ossonoba: 251.
Theatros romanos: 180, 186.
Thermas: vid. «Banhos».
Thyrso duplo: 246.
Tiauranceaicus (*genius*), 199.
Torre d'Ares, séde de *Balsa*: 374.
Totemismo, 40 e 88.
Touros de Beja: 514.
triens, 557, n. 3.
Trisomum, 389.
Tritão, 252.
Troia de Setubal: sepulturas de lá, 370.
Tueraeus (deus): 612.
Tutela (deusa), 299.

ὕψιστος, 346.

Ulterior (*Hispania*), 164.
Usos e superstições de origem antiga, 597.

Vairão: inscripção notavel do seu mosteiro, 553, n. 7.
Vandalos, 551.
Varrão (M. Terencio): 146 e 149, n. 3.
Vegetação (divindades da): 240.
Vegetaes nas entelas sepulcraes: 440.
Venus, 280 e 621.
Victoria (deusa), 268.
Villas lusitano-romanas, 178.
Viriato: seus funeraes, 14; sua historia, 116–125; seu retrato litterario, 611.
Visigodos: sua chegada á Hispania, 551; seus reis, 575–(576), nota; suas conquistas no occidente da Peninsula, 576; suas moedas, 578; adoptam a civilização romana, e fundem-se com os Romanos, 579 e 587; extensão do seu reino, 579; sua religião, 580.
Vizella: sua inscripção polythea, 358.
Vulcano, 287.

CORRIGENDA & ADDENDA

I

Pag. 15, linha 16, emende-se: «F)» em «E)».

Pag. 43, linha 9, emende-se: «G)» em «F)».

Pag. 62, linha 8, emende-se: «H)» em «G)».

Pag. 67, linha 8, emende-se: «n.º 28» em «n.º 29».

Pag. 76, linha 5, emende-se: «tetráscelo» em «tetrasceles»; linha 18, emende-se: «provída» em «provinda».

Pag. 97, linha 7, acrscente-se «I,» depois de *Historia de Portugal*.

Pag. 112, linha 2, emende-se: «113» em «111».

Pag. 123, leia-se por debaixo da moeda: «53.ª 2», em vez do que lá se lê.

Pag. 129, a marcação da folha, em baixo, deve ser «9» e não «10».

Pag. 149, linha 20, emende-se: «148» em «48».

Pag. 171, linha 2 da nota, emende-se: «96» em «130».

Pag. 274, linha penultima da nota, emende-se: «na» em «no».

Pag. 288, linha 1, 5 e 8, emende-se: «legenda» em «inscripção».

Pag. 297, linha última da nota, emende-se: «duas» em «tres».

Pag. 539, linha 16, emende-se: «porvir» em «provir».

Pag. 595, linha 13, emende-se: «existententes» em «existentes».

II

A lista de p. 171, n. 1, podia ter junto *Abelterion* (*Abelterium*), de que se falla no *Itinerario* de Antonino, p. 419, 1, e no Ravennate, p. 316, 6. Da palavra Abelterii (locativo) veio *Alter:* cf. as minhas *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa 1911, p. 336.

Ponte notavel da epoca romana, cuja menção omitti a pp. 180-181, é a de Villa Formosa, no Alemtejo: cf. *O Archeologo Português*, xv, 248.

Acabou de se imprimir

Aos 30 dias do mês de Janeiro do anno

M DCCCC XIII

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

BINDING SECT. MAY 10 1979

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BL
980
P8L35
L35
v.3

Leite de Vasconcellos Pereira de Mello, Jose
Religioes da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal

51